ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES

INVENTÁRIO ARTÍSTICO DE PORTUGAL

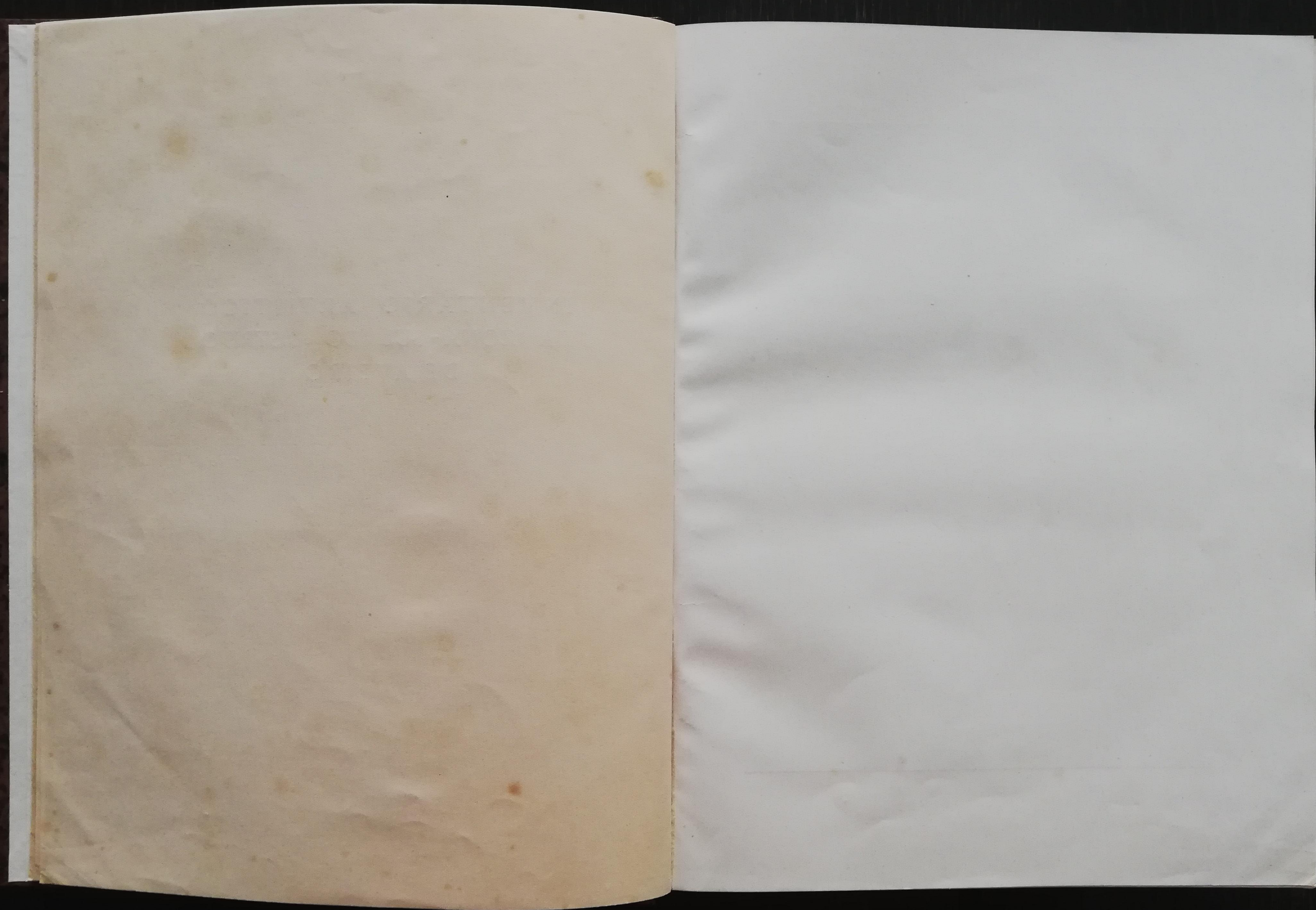
DISTRITO DE

AVEIRO

ZONA-SUL

VI

LISBOA
1959

INVENTÁRIO ARTÍSTICO DA ZONA-SUL DO DISTRITO DE AVEIRO

TROFA. ESTÁTUA TUMULAR DE DUARTE DE LEMOS. SÉC. XVI.

A. H.

ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES

INVENTÁRIO ARTÍSTICO DE PORTUGAL

DISTRITO DE

AVEIRO
ZONA-SUL

POR

A. NOGUEIRA GONÇALVES

VI

LISBOA
MCMLIX

PREÂMBULO

O presente volume é o sexto do Inventário Artístico de Portugal e abrange a zona-sul do distrito de Aveiro compreendendo a própria cidade.

É um volume que faz honra à Academia Nacional de Belas Artes e muito legìtimamente ao seu autor padre Nogueira Gonçalves. Já ordenara e em grande parte redigira com notável competência os dois volumes dedicados à cidade e ao distrito de Coimbra e o seu nome ficou por isso associado ao de Vergílio Correia, que os estava preparando quando a morte o surpreendeu.

Este volume é pois o terceiro que a Academia fica devendo ao padre Nogueira Gonçalves sendo de sua exclusiva autoria e responsabilidade. O seu texto reflecte a notável disciplina, sobriedade descritiva e escrupulosa informação do autor, constituindo um modelo em que se poderão inspirar os volumes seguintes. Além disso, marca um importante progresso na documentação gráfica, pela selecção e qualidade das fotografias, que são em grande parte do próprio autor do volume e por isso feitas de forma a melhor revelar e pôr em valor a obra descrita.

O padre Nogueira Gonçalves com a altiva modéstia dos grandes trabalhadores, deseja que se atribua só à Academia os elogios que este novo volume acaso mereça. Certamente a Academia tem plena consciência da obra que está realizando e o seu mérito principal está na escolha dos seus colaboradores. Mas o mérito das sucessivas realizações fica-o devendo a Academia, como a própria Nação, aos académicos que com tanta dedicação as têm realizado. O novo volume sobre o Inventário de Aveiro é uma notável achega para uma futura «História da arte nacional» da qual os volumes do Inventário serão uma das bases essenciais.

REINALDO DOS SANTOS
PRESIDENTE DA ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES

A ARTE NA ZONA-SUL DO DISTRITO DE AVEIRO

DISTRIBUIRAM-SE por dois volumes as matérias que compõem o inventário artístico do distrito de Aveiro, por simples conveniência de apresentação.

Todavia, as duas zonas em que o distrito assim fica dividido são distintas etnográfica e històricamente, interligadas todavia por uma daquelas faixas de transição em que cada cultura se esbate até se perder na contígua, faixa que nítido traço não pode definir, como o espírito desejaria.

A zona-sul, de que se ocupa o presente tomo, alcança a linha do Vouga, não acompanhando o seu traçado, o qual, entre Cacia e a foz do Caima, forma grande laço descendente e contorna o concelho de Albergaria-a-Velha, mas segundo linha prática que ainda inclui esta mesma divisão administrativa.

Esta zona depende etnogràficamente do Centro do País, como do Norte a outra.

Se é comum dizer-se que o Minho começa no Vouga, temos de acrescentar que é dum modo genérico. Seguindo de sul o trajecto da estrada principal, o primeiro e claro contacto com essa nova região dá-se na ribeira transversal das Aguadas. Aí se encontra pela primeira vez uma das culturas nortenhas (como chamaremos em ligação com a terminologia da ante-história), a dos canastros (espigueiros), cultura que, contudo, a nascente, desce mais, por atracção das montanhas, ao longo da serra do Boialvo, manifestando-se ainda bem em Aljariz, para se perder nas proximidades da freguesia de Luso.

A outra cultura desce menos e aproxima-se do mar, a das cangas ornamentadas. Os seus domínios ficam a norte do Vouga, nos concelhos de Murtosa e Estarreja, sentindo-se a sua diluição no de Albergaria, conforme se caminha para nascente. Ao sul do rio, para o lado de Aveiro, a canga do tipo murtoseiro é esporádica; de

lavradores de cima que momentâneamente se deslocam ou aqui se vieram a fixar. O concelho de Aveiro é totalmente do tipo do Centro.

Duas antigas circunscrições territoriais se aproximam da nossa divisão de zonas, justificando-a, pois que passam os seus limites por aquela larga faixa de transição a que acabamos de aludir: as da antiga diocese de Coimbra e da provedoria de Esgueira.

Se a diocese de Coimbra, ao principiar o séc. XII, chegava ao Douro, obtendo ainda o respectivo bispo, D. Maurício, em 1102, confirmação papal desses limites, já o portuense D. Hugo conseguia, em 1115, de Pascoal 2.°, a revisão dos da sua, trazendo-os à linha oblíqua, que descai de NE. a SW. e que segue a veia do rio Antuã *(inde trans Dorium ad Piscariam per montem Magnum ad Antoanam flumen et per ipsum fluuium sicut descendit ad mare Oceanum)*. Disputados longamente, só pròpriamente em 1253 ficaram reconhecidos de direito e de facto, perdurando até ao séc. XVIII e criação do bispado de Aveiro. Dividiam-se pois as dioceses de modo que ficava a Coimbra, por sudoeste, a freguesia de Salreu e, na parte mais alta, Vila Cova de Perrinho. Esta região abaixo Antuã até à linha do Mondego constituiu o arcediagado do Vouga, ao qual ainda se anexava, na parte sul e para nascente, Mortágua e parte de Santa Comba.

A provedoria de Esgueira é tardia (do séc. XVI, que passou a comarca de Aveiro no meado do séc. XVIII) e sem influência para o nosso caso artístico; bem ao contrário da divisão eclesiástica.

Não descia à linha sul do actual distrito; abrangia para nascente os pequenos concelhos de Sever e de Couto de Esteves; ficavam-lhe incluídos outros que, por causa dos senhorios, pertenciam a comarcas diversas (Eixo com Ois da Ribeira, Paus e Vilarinho do Bairro, da casa de Bragança, comarca de Barcelos; Castanheira do Vouga da casa do Infantado e comarca da Feira); acima da nossa zona-sul, Bemposta e Cambra e, além da linha eclesiástica do Antuã, abrangia os de Estarreja, chamado de Antuã, e Fermedo, sendo pois quase toda a nossa zona-norte da terra da Feira; isto no séc. XVIII.

Diz-se na bula papal de criação do bispado de Aveiro que era separada de Coimbra a comarca de Esgueira e com ela se erigia o mesmo. Melhor fora dizer que eram desmembradas de Coimbra as freguesias que estavam dentro da comarca que no momento já era designada de Aveiro, além de outras.

Ter notícia dos concelhos da antiga monarquia nesta zona interessa quase o mesmo para o nosso caso como a lista das freguesias, tanto mais que os seus terri-

tórios raras vezes concordavam com os limites das mesmas; produzindo estas e aqueles duas emaranhadas redes.

Visitámos, por isso, todas essas velhas sedes municipais que, em muitos casos, nem de freguesia o eram.

Deixaremos aqui a lista dos mesmos, limitando-nos, como é natural, à zona-sul do distrito e distribuindo-os pelos actuais concelhos.

Pertenciam à *comarca de Coimbra* os da Mealhada e parte dos de Anadia.

No da *Mealhada:* Mealhada, Casal Comba, a vintena de Arinhos, Pampilhosa e Vacariça.

Em *Anadia*, a parte sul: Aguim, Mogofores, Vila Nova de Monsarros, a vintena de Boialvo.

Eram da *comarca de Aveiro*, ou estavam intercalados nela, os seguintes.

Em *Anadia* norte: Anadia, Avelãs de Caminho, Avelãs de Cima, Ferreiros, Ois do Bairro, Paredes do Bairro, Pereiro, Sangalhos, S. Lourenço do Bairro, Vilarinho do Bairro.

No de *Águeda:* Assequins, Aguada de Cima, Aguieira, Barrô com Aguada de Baixo, Brunhido, Casal de Álvaro com Bolfiar, Castanheira do Vouga, Ois da Ribeira, Préstimo, Recardães, Segadães, Serém, Trofa, Vouga.

Em *Albergaria-a-Velha:* a vintena de Albergaria, Angeja, Frossos, Paus, Pinheiro (o de Loure).

Aveiro continha: Aveiro, Aradas, Eixo, Esgueira, Vilarinho de Esgueira.

No de *Ílhavo:* Ílhavo, Ermida.

Oliveira do Bairro abrangia a mesma Oliveira do Bairro e a vintena de Perrães.

No de *Vagos:* Vagos, Sôza, a vintena de Ouca, a vintena de Covão do Lobo, a vintena de S. Romão.

O quadro geológico da zona-norte, e sob o aspecto próprio deste trabalho, o do emprego das rochas duras na construção, é igualmente diverso da sul. Começa ainda ali, na verdade, por Espinho, aquele trecho da bordadura lusitana em que os terrenos vão essencialmente do cretácico ao moderno, e que se estende para a do sul, onde tem a maior representação, sem pedra aproveitável nas obras de arquitectura; mas, em contrapartida, a grande mancha daquela zona compõe-se de rochas duras, plutónicas e do paleozoico, que são o recurso construtivo daquele triângulo e dão às obras respectivas a característica própria. Ao passo que na zona-sul, que abrange a con-

tinuação desses terrenos brandos sem rochas convenientes, à excepção do jurássico da base, o grande recurso foi sempre a pedra da região de Ançã, como diremos mais abaixo, pedra esta que acima do Vouga se nos depara como importação só nas esculturas ou ainda nalgumas espécies pétreas das igrejas da linha inferior.

A zona-sul desenvolve-se em terrenos de cotas baixas. Isso se pode verificar, seguindo a linha de nível de 200 metros. Se os limites inferiores ainda a atingem num ou noutro ponto, ela abandona toda a região a poente do rio Cértoma, para avançar para além da margem direita e seguir as povoações das freguesias de nascente nos concelhos de Mealhada, Anadia, Águeda e mesmo de Albergaria, isto é, daquelas que já assentam nas faldas do Buçaco, Boialvo, Talhadas e da Gralheira.

Naturalmente o relevo é brando e de pequeno volume os cursos de água. Se no alto da zona a cortam transversalmente os do Vouga, do seu afluente o Águeda e ainda os dos principais que lhe subafluem, Alfusqueiro e Agadão, a parte principal é definida pelos cursos ascendentes do Cértoma e do seu principal anexo, o Levira.

O Cértoma desce do Buçaco por St.ª Catarina. Junto de Pampilhosa perde o carácter torrencial e toma a direcção norte. A importância da respectiva bacia apercebe-se convenientemente quando se vai de caminho de ferro, no ponto em que este transpõe um colo e deixa a região calcária antes de Pampilhosa, ou, pela estrada (E. N. 1), e, em Santa Luzia se corta a linha de partilha de águas e se entra em novos terrenos. O Levira sai das alturas transversais, levemente inferiores a 100 metros, entre Vilarinho e Covões, reunindo dois braços principais, que os documentos da alta Idade-Média já citam, recolhe mais abaixo o riacho que parte de Ancas, indo morrer no Cértoma, um pouco antes deste entrar na Pateira. Mais para o poente são pequenas depressões que se vão fundir no curso ascendente do Boco, que descai na Ria.

Estas alturas e estes sulcos, se não se opunham a que as vias de trânsito tomassem qualquer orientação, condicionavam contudo as grandes linhas antigas. A grande via tradicional, a que deve assentar ou representar as pistas aborígenes, acompanhava o Cértoma pela margem direita, deixando-o nas Aguadas, onde ele inflete para a esquerda, para aquela cortar a direito, a Águeda e à confluência do Marnel e Vouga e daí ao planalto; correndo a seguir e a par com o cordão de alturas que a falha do Caima atirou para poente, até encontrar o Antuã.

Os outros cursos, Levira e Boco, pela atracção de Aveiro e terras satélites, como Esgueira, condicionaram caminhos, isto é, carreiras, que hoje são definidas em certo modo pelas estradas oblíquas que passam em Oliveira do Bairro e Mamarrosa. Esta última descia outrora desta povoação, sempre em linha oblíqua, a Samel, Venda Nova, Murtede, vindo a entroncar na do Porto, no sítio de Santa

Luzia, chamada ainda estrada de Aveiro pela gente de baixo que a continua a percorrer.

Dali, de Mamarrosa, corria outra, perpendicularmente para sul, a Camarneira, Cantanhede, Vila Nova de Outil, Tentúgal, prosseguindo, à qual parece que ainda dão em certos sectores o nome de estrada real.

Estas estradas tiveram a maior importância para a exportação da pedra de Ançã, destinada tanto a simples cantarias como à parte decorativa.

A preponderância que esta pedra, e concomitantemente a arte coimbrã, havia de ter na zona ressalta do aspecto geológico.

A mancha do calcário, isto é, o liásico e jurássico médio *(carta geol. de Port. de 1952)*, toca a zona-sul de Aveiro não dando porém os afloramentos dentro dela mais que singelas alvenarias (Mealhada e Anadia) e pedra para os fornos de cal, que se situam à margem, aonde a abundância de lenhas sempre favoreceu a indústria. Encontram-se os últimos fornos em Avelãs, na estrada principal, e, para o outro lado, na região de Mamarrosa, especialmente nos Penedos que assentam em afloramento explorado desde séculos.

O jurássico forma a grande mancha da região de Ançã, região em que incluímos as freguesias de Outil e Portunhos (que daquela foram desanexadas) e povoações limítrofes, a da pedra que designamos neste volume por ançanense ou de Ançã. Essa pedra, a do fácies mais brando e branco, serviu para a escultura de todos os tempos, exportando-se mesmo para longínquas regiões, como de Santiago de Compostela, onde se exigiu no contrato do *hospital real* que no pórtico se empregasse a pedra de Coimbra (1520).

Aproveitamos esta referência para dizer e acentuar que, em todas as épocas, a pedra destinada não só às cantarias, em molduras e ornatos, sairia, numa grande percentagem, acabada das pedreiras para os destinos, como também teriam assentado residência na região ançanense não só imaginários isolados, como se teriam estabelecido oficinas, pelo menos quando se tratava de executar grandes encomendas, como a de certas capelas e retábulos. Quando se diz escultura de Coimbra, tanto poderá ser a feita na cidade como em toda a mancha do calcário utilizável. Confirma-o a lápide trecentista de Oliveira do Hospital, que diz que as pedras do conjunto foram de Portunhos, como as indicações de residência, fora da cidade, de certos imaginários, e ainda a prática do momento. Só por excepção se exportaria para afastadas distâncias (como no caso apontado), para ali ser trabalhada. Estas considerações têm importância para certos problemas artísticos que se levantam.

A pedra desta região geológica, que apresenta variedades de dureza e de aspecto, foi o material de construção de toda a zona-sul.

Só nos fins do séc. XVII e princípios do XVIII começaram as importações do granito da serra das Talhadas (entre o Alfusqueiro e o Vouga), que uma estrada antiga, por A-dos-Ferreiros e Valongo, favorecia. Essa exploração devia-se ter originado, como agora se continua a fazer, no desmonte dos cenográficos blocos de erosão que deram o nome e davam carácter à terra, carácter que dentro duma dezena de anos estará de todo perdido. O caminho de ferro e a viação moderna têm trazido o granito de maiores distâncias.

Na região de Albergaria sente-se a proximidade dos xistos cristalinos.

Corre pelo lado nascente do Cértoma, mesmo rebordando-lhe a linha, e indo terminar por um lado a Angeja, por outro a Serém, a faixa dos afloramentos do grês branco e vermelho-arroxeado, a qual desce muito para sul, e vai acabar perto de Tomar. Colocam-nos hoje provisòriamente, no liásico inferior. Se nos locais do afloramento os empregam nas construções domiciliárias e rurais, menos vezes os destinam à de categoria, na qual continuam a predominar os calcários ançanenses. Dão, todavia, carácter a certas construções, como no paço dos condes de Carvalhais (Moita), convento de Serém, etc., e foram empregados em obras que tinham de suportar grandes cargas, como nas pontes do Marnel e Vouga e, mais recentemente, na da Rata.

A larga extensão a poente da linha do Cértoma é, acentuadamente para o alto, a região do cretácico inferior e principalmente superior, no qual se encontram alguns grês tenros, sem importância construtiva, e a da vasta cobertura do pliocénico. Em toda a larga faixa que acompanha a costa marítima se estendem areias modernas, que um lento e grande esforço humano tem colonizado e conquistado para a agricultura. Por toda essa vasta extensão dominou e continua o adobe. Agora, neste surto industrial, de aumento de fábricas de cerâmica e de facilidades de transporte, parecia que devesse declinar o seu emprego. Dá-se o contrário; da linha de delimitação sul até Aveiro intensificou-se e tomou carácter industrial. Melhorou de qualidade pela mistura de cal (1:10) e, mesmo na construção domiciliária, uniu-se aos esqueletos de cimento armado. Alinham-se hoje nas barreiras, em curso de secagem ou em armazenamento, centenas dos mesmos. Dá-se ainda a sua exportação para a região murtoseira, aonde se fabricava de lamas locais um outro bastante pobre.

*

O período histórico mais sugestivo para a região entre Vouga e Mondego é aquele que vai do séc. IX aos fins do XI, o que abrange a primeira reconquista, a nova ocupação muçulmana e a reconquista definitiva até ao conde D. Henrique.

No ano de 868, sob o governo de Afonso 3.º, o Magno, estava ocupado Portucale, tendo sido tomada Coimbra em 878 por mãos do conde Hermenegildo. Todavia o domínio da região foi sempre difícil; de 967 a 968 dominavam-na os sarracenos, tendo aquela cidade voltado a ser liberta por S. Rosendo, neste ano de 968, para tempo depois regressar ao poder daqueles até 981, ano em que D. Vermundo a retomou. Já a essa altura começara Almansor as incursões no território cristão, vindo a reconquistar Coimbra em 987, que conservou despovoada sete anos, entrando na capital do reino, em Leon, no ano seguinte e, em 990, em Montemor.

A vida da região foi complexa sob o novo governo muçulmano. Não houve as assolações que usualmente se tem julgado, nem também ficou em simples mudança de administração. Alguns magnates pactuaram com o invasor. Em 997, na correria do caudilho andaluz a Santiago de Compostela, foram juntar-se-lhe a Viseu alguns condes galegos e portugalenses, entre eles Froila Gonçalves que recebeu a tenência de Montemor.

Os documentos de dois mosteiros lançam alguma luz sobre o período: os de Lorvão e os da Vacariça. As propriedades sofreram as naturais e mais diversas contingências que este domínio complexo produziu; muitas das doações e vendas cujos documentos se conservam são de refugiados e relativas a direitos a aduzir quando regressasse o domínio cristão.

Vacariça serve de índice do que na generalidade se verificou. O abade Tudeíldo cedo entabulara relações acima Douro, para ali instalar os monges, vindo a receber em 1013 o mosteiro de Leça, aonde se instalou com os mesmos, valorizando-se o mosteiro sob esse novo governo. No ano de 1045, Tudeíldo julgou a região da Vacariça em condições de poder regressar, renunciando o de Leça. Progrediu novamente o mosteiro e no ano da reconquista de Coimbra (1064) pôde organizar o inventário dos seus bens, uns na posse, outros a reivindicar, como de sucessos particulares dalguns casos se vê.

A vida de Lorvão foi mais obscura mas parece que os monges, àquela data, estavam reinstalados.

Uma série de documentos, que seria muito útil para a vida da primeira reconquista, desapareceu sem rasto, os da sé conimbricense. Enquanto os dois mosteiros salvaram os seus, os daqui ficariam destruídos sem remédio, como desaparecido o próprio cabido. Nomeado o primeiro bispo, não passou dum mero pontífice titular, residindo no Norte, só para restaurar uma tradição e reinvidicar moralmente um território, sem ligação a quaisquer traços de homens ou de bens. Não admira que, depois da conquista definitiva (1064), para a dotação catedralícia se lhe anexassem aqueles mosteiros.

Lamentàvelmente nenhuns traços materiais se nos depararam deste tempo. A modéstia das construções, o precário material, que tal era o de adobe e taipa, não permitiam restos como se encontram na região do calcário e do granito.

Mais uma vez se confirma que a região de Coimbra, ou antes, a de entre Douro e Mondego não foi nem na primeira nem na segunda reconquista um foco de arte moçárabe.

Se a alta Idade-Média não deixou traços arquitectónicos, quase o mesmo acontece com os séculos posteriores, até aos fins do XV.

O quadro das divisões paroquiais, a referência a igrejas que não eram mais que capelas, as lápides de algumas sagrações, que no corpo do inventário reproduzimos, mostram que desde o começo da nacionalidade o movimento construtivo religioso fora largo. Todavia, se o material era fraco, já a pequenez inicial dos templos obrigou por si a reformas sucessivas. Todas as vezes que se encontram referências documentais a substituições de edifícios, se lê que os anteriores eram de paredes pouco espessas, sem solidez, estando fendidas e a ameaçar iminente ruína, e ainda que o âmbito era reduzido, não comportando as assembleias religiosas do tempo.

Os elementos decorados, nas vizinhanças do calcário ou nas zonas do grês, seriam parcos e não se conservaram. A pequena rosácea de Brunhido, de calcário e do período de transição dos sécs. XIII-XIV, é caso raro (est. LXVIII).

O gótico final levantou algumas obras, sendo a de categoria e a que verdadeiramente permanece a do convento de Jesus em Aveiro. Três dos seus portais marcam a fase de transição dos sécs. XV-XVI: o do capítulo, dentro da tradição flamejante batalhina, o da capela de St.° Agostinho, o melhor de todos, e o do refeitório, que se completa da respectiva tribuna da leitora (est. I, CXIV, CXV).

Junta-se-lhe o pequeno arco da capela-mor da Senhora da Alegria, já do séc. XVI (est. CXXXVIII).

Estes portais pertencem a um mesmo conjunto ornamental coimbrão. Se têm de ser integrados na evolução da arte daquele centro para se compreenderem, igualmente o estudo da mesma necessita de os tomar muito em conta, tanto mais que a sua melhor página é a graciosa porta de St.° Agostinho.

Ainda do fim do séc. XV é o túmulo dos Borges, da Moita (est. XCIV), de mera decoração floral e heráldica.

Manuelinas e de nível inferior, díspares entre si, encontrámos as pias baptismais de Águeda, Moita de Oliveirinha, Sangalhos e Valongo do Vouga (est. XXXVII, CLVIII, XCVI, LXV).

A capela-mor da igreja da Trofa, de abóbada em forma estrelada, pertence

à última fase manuelina coimbrã e, pelas características estereotómicas das nervuras, deve ser obra de Diogo de Castilho (est. LXIII).

Do manuelino renascencista é já o portal da antiga capela de S. Simão no claustro do mosteiro de Jesus (est. CXIV).

O séc. XVI renascente, na parte construtiva, destaca-se pelo mesmo claustro do mosteiro de Jesus, em Aveiro (est. II), formado de larga colunata jónica e de forte entablamento direito, a que se sobrepõe a fiada dos colunelos da varanda.

A parte ornamental do renascimento aparece em bons exemplares, alguns capitais para a arte coimbrã: túmulos da Trofa, retábulo de Aguim, túmulo de D. Catarina de Ataíde (est. XII, LXII, XIII).

Todavia a boa época de construção desta zona-sul não foi o séc. XVI mas o XVII e principalmente na transição para o XVIII, a do barroco inicial.

Sobreleva a todos os edifícios a igreja da Misericórdia da cidade capital do distrito. No respectivo lugar demorámo-nos na sua descrição e interpretação, pelo interesse que tinha, tanto pela composição geral, como pela abóbada da capela-mor e pelo portal (est. III, CVIII a CX). Projecto de Francisco Fernandes, reflecte o tipo simplificado das igrejas monástico-colegiais coimbrãs. A abóbada da capela-mor, de Manuel da Azanha, do meado seiscentista, é variante dos tipos do mesmo centro; como o portal, que segue os novos esquemas da renascença final.

Levemente posterior como início, e obedecendo a outro tipo, a austera igreja do convento do Carmo foi estudada sob o condicionamento da cúpula do cruzeiro, simplesmente hemisférica, tendo à mesma altura os arcos limites do quadrado e as abóbadas dos quatro ramos (est. CXXVI, CXXVII). Mais modesta de concepção e realização, a do convento do Buçaco foi inspirada naquela (est. CLXX e segts).

Na segunda metade do século, dentro do último clássico e irradiação coimbrã, há três capelas na região bairradina abobadadas nas naves e respectivos santuários. A capela da Senhora das Lezírias (est. C) severa exteriormente, de abóbada lisa e de tijolo no corpo, coberta a capela-mor de outra de cantaria, às quartelas, introduzida por arco decorado. Na da Senhora das Neves de Avelãs de Cima (est. XC), grande, as abóbadas são lisas. Mais rica no conjunto e de elementos arquitectónicos regularmente concatenados é a do mesmo título, da Senhora das Neves, em Vila Nova de Monsarros (est. CIV), sendo igualmente lisas as abóbadas, semicilíndrica a do corpo, em aresta a do santuário.

O barroco inicial, do fim desse séc. XVII, deu exemplares de diferentes categorias, alguns volumosos.

A igreja do mosteiro de Serém, forte e simples, é dotada de abóbadas lisas.

Destaca-se a Vista Alegre com a capela da fundação episcopal, em que já a ornamentada frontaria manifesta um construtor de maior nível (est. CLXIV).

Nessa época fazem-se notar, acima do Vouga, três igrejas de tipo rural: a de Angeja, de três naves, separadas por fortes colunas; e as de uma só, contemporâneas, as de Albergaria e da Branca (est. LXXV, LXIX).

Já nos começos do séc. XVIII e na própria cidade, S. Domingos (est. IV) ostenta um portal datado de 1719, de figuras e de colunas salomónicas, paralelo ao do colégio coimbrão de S. Pedro. Coluna do mesmo tipo mas de outras mãos forma o pelourinho de Esgueira (est. V).

Coloca-se em categoria à parte o muro do adro do Carmo, datado de 1711 (est. CXXVII) e, em nítido destaque artístico, a capela do Senhor das Barrocas (est. CXLI), construída entre 1722-1732.

Ainda nesta fase, que avança pelo meado do século, citaremos as igrejas paroquiais de Eixo (est. CLIV), nesta zona aveirense, e, na bairradina, as de Avelãs de Cima, a vasta de Sangalhos e a de Mamarrosa (est. LXXXVII, XCVII, CLXXXV), que possui a mais bem lançada torre de toda a região de que se ocupa este volume.

Por todo o séc. XVII e pelo XVIII deram às capelas devocionais isoladas a forma poligonal, geralmente sextavadas nas menores, de oito lados nas espaçosas, acrescidas ou não de capela-mor, e geralmente com abóbadas.

O plano circular foi mais raro e limitado às de pequeno âmbito: S. Bartolomeu em Aveiro, datada de 1568 (est. CXXXVIII) e às duas de Vagos, uma delas desprovida de abóbada.

Quase todas aquelas se aproximam ou se encontram nos limites da cidade.

O que mais se tem de atender no exame da sua estrutura é à abóbada e esta em ligação com as aberturas que lhe dão luz.

Cobre a modesta, de plano hexagonal, dos Santos Mártires uma cúpula em sectores, não separados por faixas, como igualmente não são separados por pilastras os ângulos internos do corpo, iluminando-a escassamente breve lanternim.

De maior volume é a Senhora das Areias, na lingueta de S. Jacinto; plano de seis lados e capela-mor, segmentos da cúpula separados de cintas, pilastras nos ângulos com entablamento a enquadrarem os arcos das faces; posto que em argamassas, estes elementos vincam uma composição.

Sextavada a da Madre de Deus (est. CXXXIX). Não há cintas nos sectores da cúpula, nem pilastras nos ângulos internos do prisma, só as faces cortadas de arcos; dá luz pequeno lanternim; uma balaustrada corre no exterior.

Já a de S. Gonçalo (est. CXL) ocupa melhor nível, posto que ainda dentro do âmbito artístico de construtor civil. A estrutura é concebida com novo critério, sobre plano hexagonal, sem capela-mor mas com sacristia no lugar habitual desta e convenientemente estudada no conjunto. Pilastras dóricas, postas nos ângulos, entablamento envolvente, arcos nos panos, formando o sabido conjunto de pórticos; os sectores da cúpula separados por faixas, cortados de lunetas, tendo sido estudadas as frontais para darem luz mas hoje tapadas; exteriormente, além das cantarias das pilastras, também em cantaria é a cimalha geral e revestimento da fachada, apresentando-se a cúpula envolvida na base por corpo prismático, a robustecê-la.

A capela octógona das Barrocas (1722-32) é exemplar à parte, saído de arquitecto muito acima dos construtores regionais. Chamamos a atenção para a ementa própria, no corpo do Inventário.

Tardia, já no terceiro quartel do séc. XVIII, a capela das Almas da Areosa, em Aguada de Cima (est. XLII), segue o tipo corrente das que são cobertas de madeira; com plano oitavado, rica de cantarias nos ângulos internos e nos de fora, bem como nas cimalhas correspondentes.

Pormenor arquitectónico digno de nota nestes dois séculos, bastante reproduzido, o da escada de acesso às torres sineiras. Porque era de hábito ocupar o plano térreo das mesmas com o baptistério, construíram um corpo cilíndrico para encerrar a mesma escada, colocado no ângulo posterior da torre, a dar servidão ao plano acima do referido baptistério e conjuntamente ao coro alto.

Outro para que chamaremos a atenção é o de certos púlpitos.

Se no séc. XVI e parte do XVII, predominou o tipo de cálice (corpo cilíndrico sobre pé), nos fins do séc. XVII e primeira metade do seguinte as bacias dos mesmos seguiram um esquema de pirâmide invertida, revestidas as faces de folhas de acanto, dispostas em zonas, assentando numa delas a águia simbólica. O melhor desta época, já seguindo critério diferente de ornamentação, é o de Aguada de Cima (est. XLI).

Em poucos casos, a composição desenvolve-se, a tocar no chão formando pé.

O tipo de cruzeiro sob templete, vulgar no baixo Mondego, acompanhou a expansão da pedra ançanense; plano quadrado, quatro colunas, com entablamento e cúpula hemisférica. O maior número encontra-se alterado. Entre os datados, o mais velho é o de Sá, em Aveiro, de 1554, o de Mogofores o dos mais recentes, de 1733, posto que apareçam mais tardios, sendo um deles, já em evolução, o de Brunhido, 1753.

Deixou o setecentismo típico algumas obras cuidadas, entre muitas de

pequeno valor construtivo e de menor categoria, destacando-se certas fachadas de tipo domiciliário.

A Bairrada já, no meado do século, erguera o paço de Carvalhais, na Moita (est XCIII), de bem ordenada frontaria. No último terço a ampla, cuidada e convenientemente conservada do paço da Graciosa (est. LXXXV) ostenta as linhas curvas do tempo e uma escadaria aparatosa. Escadaria mais modesta, na mesma região bairradina, se lançou em 1778 na casa da Amoreira da Gândara (est. LXXXVI).

Ílhavo, de 1774 a 85 ergueu a vasta igreja, de três naves, obra capaz, de construtor de certas possibilidades, no último decénio a fachada da casa dos Maias (est. CLXI a CLXIII).

A cidade capital viu estender a ampla frontaria do mosteiro de Jesus (est. VII), tratada como se fora de palácio, e ainda os paços do concelho (est. CVII), depois que foi elevada à categoria actual.

O movimento romântico oitocentista orientou no neo-manuelino, na passagem dos sécs. XIX ao presente, o palácio nacional do Buçaco (est. CLXXVII). Reflectiu-se ainda a mesma orientação no acrescento do referido paço da Graciosa.

*

A escultura pétrea é a da expansão do centro artístico conimbricense, como naturalmente deveria acontecer.

Apesar das inconsideradas delapidações da primeira metade do presente século, encontrámos razoável número de figuras independentes.

A representação do séc. XIV é restrita, mantendo-se dentro do nível corrente. Ao lado da *Senhora* da capela da povoação do Paço, Esgueira (est. IX), do *S. Pedro* de Tamengos e de obras mais modestas, aparece o pequeno *retábulo do Salvador*, que a família Teixeira Lopes, de Pampilhosa, conserva, provindo da cidade de Coimbra. Este é um baixo-relevo com a figura do titular, em maior tamanho e ocupando o centro, acompanhada a cada lado de duas cenas sobrepostas, encontrando-se a figura do doador para um dos ângulos da cena da Deposição (est. VIII).

Grupo numeroso é o do séc. XV. Pertencem às oficinas de melhor nível da primeira metade do século, cuja representação no distrito imediatamente inferior já não era grande, as *Senhoras* de Recardães, Aguada de Cima, Sôza (est. XI e LVII, X e XLIII, CXCI). As que provêm das oficinas do segundo terço do século, melhor definidas pelo avultado número de obras anteriormente encontradas, documentam-se aqui pelas *Senhoras* de Cerca (Avelãs de Cima), Vilarinho, S. Lourenço do Bairro, San-

galhos, pelo *S. Mateus* da capela do mesmo nome (est. LXXXIX, CVI, XCVI, CI), além de bastantes de execução mais corrente.

Ainda mais numerosas são as do fim do século e princípios do imediato. Destaca-se o túmulo de João de Albuquerque, hoje no museu (est. CXX). Essas obras distribuem-se por dois níveis, um ainda de realização de artífices e outro nìtidamente de curiosos populares.

A produção deveria ter sido intensa, como se deduz do número de exemplares que não só aqui e no distrito anterior, como ainda pelo centro do País temos encontrado. Parece provável que nem todas as oficinas, principalmente certas de categoria inferior, tivessem assento na cidade de Coimbra mas se tivessem fixado na mancha do calcário ançanense.

Agrupam-se em famílias pouco diversificadas, que se distinguem não pròpriamente por caracteres originais mas por aspectos secundários. Os artífices seus autores limitavam-se a reproduzir deficientemente — mais rígidas as figuras, mais sumárias e falsas as roupagens, mais falhas de estilo — as obras dos mestres de cujas oficinas tinham saído, abastardando-se de mãos para mãos; escusado é procurar espontaneidade; só o desconhecimento das melhores obras e dos modelos é que pode sugestionar qualidades e valores.

Se estas não são espontâneas, pior acontece com as populares, que não revelam mais que nítida incapacidade, como temos visto directamente no tempo presente, em que alguns curiosos, inteiramente desconhecedores da técnica escultórica, imitam as de tipo antigo, por esperta encomenda de negociantes.

Encontrámos da escultura estranha um alabastro inglês, da época dos séculos XIV-XV, uma *Virgem e o Menino*, hoje na colecção da igreja da Apresentação; mais outra da mesma origem já se nos deparou na zona norte. Estas esculturas são sempre de tipo industrial e, como todas as espécies medievais de diversa origem e executadas para a exportação, conservaram por largo tempo certos caracteres arcaicos relativamente à época de factura.

Ao lado da escultura tratada em pedra, existiu a de madeira, o que aqui temos que vincar, pela atenção que é necessário que se lhe dê.

Já o inventário do distrito de Coimbra mostrara que essa actividade não fora ocasional, posto que sempre longe de emparelhar com a pétrea. Se a quantidade é diminuta, deve-se a várias causas de desagregação, muito principalmente ao caruncho, que acaba por transformar a madeira numa espécie de esponja, sem consistência.

Os seus tipos, apesar de paralelos aos de pedra, não os descalcam, gozam de independência artística.

Do séc. XV típico encontrámos os melhores exemplares em Vagos, *S. Marcos*, e em Pereiro de Avelãs, *S. João Baptista* (est. CXC, LXXXIX). Destacamos do tipo de pregas requebradas, já do séc. XVI, neste caso, o *S. Tiago* daquela igreja de Vagos (est. CXC). Os *Cristos crucificados*, acima de certas dimensões, eram tratados só em madeira, como o do coro do mosteiro de Jesus (est. CXIX). Algumas vezes as esculturas pétreas completavam-se de elementos de madeira, como asas em anjos, pois que a pintura geral ia encobrir as diferenças de material.

A confirmar essa actividade escultórica na madeira, aparece uma outra inteiramente popular, exercida pelo menos na região de Aveiro, como demonstram os exemplares que damos em gravura (est. CXXXVII, CXLIII, CXLVIII). Certos índices fora desta região indicam que essa actividade escultórica popular (que é necessário saber distinguir da artificianal e da verdadeiramente artística) teria bastante incremento nas regiões em que a expansão da pétrea não chegou. Geralmente estas esculturas sugestionam épocas anteriores e iludem os desatentos.

A escultura pétrea da Renascença continua a corresponder à irradiação conimbricense.

Datam as obras de primeira categoria do decénio de 30 do séc. XVI. O grande conjunto é o da Trofa: a estátua fúnebre e a decoração arquitectónica dos arcos tumulares. A estátua de Duarte de Lemos ajoelhado pode ser dada hoje com segurança ao escultor Hodart, como dissemos no lugar próprio (ante-rosto e est. LXI); a decoração pertence a uma grande oficina, complexa pela variedade e personalidade dos elementos que, desde o início, a compuseram e se foram renovando (est. XII, LXII).

O *retábulo dos Santos Físicos* da capela particular de Aguim (est. XIII) tem a característica de estarem integradas as duas esculturas na pedra dos nichos, garantia de que elas e a decoração saíram duma mesma oficina, o que serve de ponto de apoio para estudos gerais. Pôs as mãos nas figuras, como em outras obras, um escultor dotado de sentido mais decorativo que realista.

Os outros trabalhos desta zona são de fácies artificianal. O retábulo do *Sacramento* da igreja de Águeda, já da segunda metade do séc. XVI, posto que ainda agradável, é obra corrente. Como de segundo nível é o da *Visitação* da igreja do mosteiro de S. Domingos de Aveiro, do último quartel do século. O da capela do Beco (A. 1602) já entra na plena decadência, que mais se agrava no da *Visitação* de Esgueira, do primeiro terço do seguinte (est. III, CXII, LII, CLVII).

Deixamos mencionados no corpo do Inventário pequenos retábulos e esculturas avulsas dos sécs. XVI e XVII, de mestres secundários. Decalcam as obras dos primeiros mestres, cada vez com menos compreensão artística, em contínuo descair de possibilidades técnicas. Uma ou outra obra aparenta melhor categoria, não tanto por altas possibilidades do artífice mas porque este seguiu mais de perto os modelos, o que ilude a quem, desde longos anos, não esteja habituado à escultura coimbrã. Aquilo que faz o artista e o distingue do artífice é o *estilo;* se o bem acabado é do domínio deste, só aquele possui as qualidades superiores que dão carácter à obra de arte.

Esculturas pétreas de elevado nível só se voltam a encontrar na época do barroco, na última década do séc. XVII, na Vista Alegre, com Laprade (est. XVI, XVII, CLXV), no túmulo do bispo D. Manuel de Moura Manuel.

Se temos de acentuar que Laprade não era um escultor feito — o que se pode concluir do confronto dos seus trabalhos com similares e afins do norte de Itália —, que não passava muito além dum prático de oficina, mas dotado de qualidades, temos, por outro lado, de vincar que estava muito acima do nível dum mero artífice, o que, nas identificações que se possam vir a fazer, se tem de tomar na devida conta. Destacou-se no nosso País e produziu obra que estava acima do que era comum aqui, ao tempo. O trabalho da Vista Alegre deveria ter sido executado em Coimbra, porque só nesta cidade encontrava os imprescindíveis auxiliares, dotados de suficiente capacidade. Estas considerações têm importância para os trabalhos da universidade, desse estabelecimento de ensino onde o bispo fora reitor.

*

Predomina na segunda metade do séc. XVII e por todo o séc. XVIII a escultura de madeira, integrada nos retábulos de talha dourada, geralmente de segundo nível, obra de artífice, com uma ou outra de melhor categoria, tal o *S. Vicente* da Branca e a *Senhora do Rosário* de S. Domingos de Aveiro (est. XIV e XV).

Os retábulos entram na categoria de escultura decorativa e necessitam de referências de certo desenvolvimento.

Esta zona não foi centro de criação ou orientadora de evolução, reflecte as directrizes gerais. Encerra, todavia, numerosos exemplares, alguns de relativo volume, e ainda conjuntos dignos de nota, como são os da cidade.

Encontrámos poucos exemplares da fase do clássico final, que vai do séc. XVI até tocar no último quarto do séc. XVII. Sobrepõem-se nele as ordens de colunas, naquele número que a altura dos locais requeria, com entablamentos horizontais, mas quebrados, a formarem recuos, para se produzirem composições variadas. O ornato sofreu certa evolução, até se fixar em sóbrias volutas de acantos, a que se juntam pequenas aves; partindo as suas combinações, principalmente nos frisos, de carte-

las, vasos, querubins, etc. As colunas mostram o terço inferior decorado, geralmente dos mesmos enrolamentos, ficando a parte superior do fuste, como era natural, sulcada de caneluras direitas, que, em certos casos, seguem linha espiralada; esta parte, por vezes, enche-se dos mesmos enrolamentos, aos quais se juntam temas secundários, prenúncio da exuberância seguinte. Os pedestais encerram frequentemente pequenos relevos; e é de notar que aparentam maior finura que as grandes figuras dos mesmos conjuntos.

Datam do penúltimo quartel seiscentista os de maior apresentação na zona, o da Misericórdia da cidade e o da capela da Senhora das Lezírias (est. III, C). Anteriores a estes são os colaterais do convento do Carmo. O da capela de S. Sebastião de Albergaria-a-Velha, de menor tamanho (est. LXX), dá um exemplo daquele aspecto que se reproduzirá no período barroco seguinte: o pano do fundo, posterior à escultura, aqui a de S. Sebastião, simula em baixo-relevo uma cena que completa a escultura independente, neste caso, a do asseteamento do mártir.

Verificou-se nos retábulos a mesma renovação que na parte construtiva do final do séc. XVII e do começo do seguinte, nesta mesma zona, num período em que a talha de madeira estava no apogeu decorativo.

Pelo espaço de cinquenta e poucos anos, a começar ainda dentro do decénio de 70 do séc. XVII, espalhou-se essa talha que o prof. António Augusto Gonçalves, há bastante tempo, já definia: «Os elementos são enfaixados em aglomerações congestionadas de originalidade superabundantes e magníficas. Grandes retábulos, de colunas salomónicas, cobertas de pâmpanos planturosos, de áspero naturalismo, e de génios que escalam as alturas em perseguição de aves fantásticas. Toda a ebridade de extravagâncias pitorescas. Frisos, arquivoltas e pilastras túmidas, em excessos luxuriantes de ornamentação descomposta. Era um arrebatamento de lubricidade decorativa, que dava aos templos pompas de pagode indiano, e às solenidades religiosas um cenário deslumbrante e esplêndido.

Essa talha de empolada decoração distribui-se por duas fases ou tipos, o de D. Pedro 2.°, ou pedrino, como lhe chamamos, e o de D. João 5.°, ou joanino. Não coincidem com os reinados epónimos, como correntemente acontece nas designações similares: o pedrino iniciou-se dentro do governo pessoal do mesmo e entrou pelo século XVIII; ainda no reinado do Magnânimo começou nova fase, a do setecentismo típico.

Como nasceu esse barroco?

Deixaremos aqui breve síntese (o que se faz pela primeira vez), relacionando os naturais trabalhos desta zona, tanto pela sua maior categoria como pela maior facilidade de visita.

O altar-mor da igreja da Ordem Terceira da cidade (est. CXXXIV), logo do começo do decénio de 80, serve de regular exemplo do período inicial. A composição é decalcada no clássico final; as colunas são porém as salomónicas e o ornato costumado das espirais de acanto é mais cheio, mais pujante, sem perder inteiramente as características anteriores. Aquelas colunas torcidas não são divididas nos terços mas enramam-se de alto a baixo de pâmpanos, que usualmente são dotados de maior naturalidade que posteriormente se lhes deu. Os pedestais, continuando paralelepipédicos, em lugar das consolas seguintes, mostram frequentemente baixo-relevo, fórmula que nesta região seguirá bastante adiante. Exemplar mais modesto é o da Piedade da igreja de Mogofores (est. XCII).

Nesta zona-sul de Aveiro perduraram as formas iniciais, concorrendo mesmo com as mais evolucionadas, parecendo tratar-se de oficinas muito afins que se deslocavam na região e mantinham certos aspectos.

Mas a fórmula pedrina é a reentrante, plenamente desenvolvida ainda nesse decénio de 80, isto é, aquela em que as colunas se sucedem em linha oblíqua, para o interior, e são completadas de arcos do mesmo tipo daquelas, dispostos em forma concêntrica e retraída.

Passou-se da forma inicial a esta típica pela necessidade de produzir um grande vão central; para isso cortou-se o entablamento e sobrepôs-se um arco às colunas médias, isto é, o arco, em lugar de ser enquadrado pelas colunas e pelo entablamento, tornou-as seus pés direitos. Não há na zona exemplo perfeito. Um dos retábulos do flanco, o de Cristo, da igreja de Oliveira do Bairro dá suficiente demonstração (est. CLXXXIV). A curva das abóbadas sugestionou a repetição de outro arco, tratado simplesmente como cordão, a acompanhá-las e posto sobre as colunas laterais. A coroa circular produzida foi repartida em segmentos, por travessas ornadas. Os cordões eram frequentemente cilíndricos e de ornamentação vazada.

O exemplo mais característico e, ao mesmo tempo, de grande volume e de qualidade de trabalho é o retábulo de Oiã, originário do mosteiro de St.ª Ana de Coimbra, para o qual se adaptou, propositada e felizmente, a capela-mor, conservando-se desta forma o documento sem alterações (est. CLXXXVII). Segue o tipo plano, um dos tipos que permaneceu com variantes.

A substituição dos cordões por arcos torcidos, decorados de parras ou de acantos, foi uma consequência lógica, esquecidos que foram os preceitos clássicos. Procedeu-se por fases.

O vão central do camarim, vasto e rico, pedia naturalmente a concordância do conjunto e a forma geral de aprofundamento. As quebras em ângulo recto, se-

gundo o plano da composição, acentuaram-se, acompanhando-as forçosamente as molduras e cordões da região alta. O primeiro arco torcido, posto segundo esse sentido, aparece colocado no rebordo do vão; seguiram-se outros e ficou criada a forma reentrante. Retábulo bem característico encontra-se na capela da Senhora das Neves de Vila Nova de Monsarros (est. CIV). Mais modesto se pode ver um na própria cidade, na capela da Madre de Deus (est. CXXXIX), aonde os colaterais mostram persistência dos esquemas anteriores.

O retábulo principal de Albergaria-a-Velha (est. LXIX), que deve datar do último decénio, exemplifica o pedrino típico: sucessão harmónica de colunas e arcos torcidos, decoração de pâmpanos num e noutro lado, divisão da zona destes por meio de travessas radiais, apoio das colunas em mísulas, camarim profundo, degraus do trono eucarístico variado no traçado, revestimento de todas as superfícies por meio de empolados acantos, total cobertura de folha de ouro.

Esta fase típica prolongou-se no séc. XVIII; assim o demonstra o revestimento da sacristia do convento de St.° António da cidade, entrado já o segundo decénio (est. CXXXI); havendo casos em que certos aspectos secundários esclarecem a época, como o dos acantos assentarem em tarjas curvas.

O melhor exemplar desta forma de transição do pedrino ao joanino, tanto pela estrutura como pela decoração, é o principal de Recardães (est. LVIII).

Ao lado da forma reentrante aparecem composições, baseadas em anteriores, naqueles sítios em que não havia profundidade, como nos dos colaterais aos arcos-cruzeiros, etc.

A evolução do barroco joanino deu-se com certa prontidão e menos harmoniosamente que no anterior.

Pode-se difinir tipològicamente e em breve resumo.

O acanto túrgido passou a uma execução mais seca e menos empolada, assentando em tarjas, as quais foram tomando independência. Nessa zona o acanto pormenorizado que lhe sucedeu já aparece no decénio de 30, atingindo maior importância no de 40 e prosseguindo.

As colunas mantiveram o movimento espiralado mas desapareceram delas as parras, para se enrolarem no cavado grinaldas de flores; o terço inferior foi ordinàriamente preenchido de decoração própria. Nas mísulas de suporte das mesmas acentuou-se a presença de atlantes.

Cessaram os arcos espiralados, sendo substituídos por composição de elementos de tipo arquitectónico da época e por combinações de sanefas.

O agrupamento das colunas seguiu nova fórmula, e as transições de um a outro plano deixaram de se fazer por linhas quebradas em esquadria para se adoptarem as curvas, tanto simples como complicadas.

Os elementos de composição dos nichos, vãos e remates foram procurados na imitação do ornato ocasional das festas, a dos tecidos empregados nas sanefas e colgaduras.

O decénio de 20 viu obras de certo mérito. O conjunto do altar-mor e tecto (exceptuando o arco cruzeiro) da capela-mor do mosteiro de Jesus (est. CXVI e CXVII) marca brilhantemente a primeira parte da fase, sendo uma inclusão nortenha nos aspectos do Centro.

Já para o decénio seguinte um outro nobre conjunto, o da capela-mor das Barrocas (est. CXLII e CXLIII), se insere mais no carácter da zona.

O decénio de 40, ainda de colunas salomónicas engrinaldadas e de capitéis compósitos, já de acanto pormenorizado e no declínio de certos elementos, pode-se estudar no que serve de modelo, o altar-mor do convento de St.° António da cidade (est. CXXXII).

As colunas torcidas e a superabundância de ornatos foi muito do agrado dos artífices secundários e da respectiva clientela: atingiram o meio do século e, em casos de rotina, poderiam tê-lo ultrapassado.

A fase sóbria do meado do século, a que, em Coimbra, chamámos setecentismo típico, inspirada nos retábulos de mármore e seguindo as composições que vinham da urbe católica (como o de St.° Inácio, no Gesu), feitas *à romana*, não aparece aqui independente, vê-se como inserida na anterior (retábulos laterais das Barrocas) ou já fusionada no seguinte, a da segunda metade, com a decoração em concheado.

Como dissémos de início, o barroco pedrino e joanino tem numerosos exemplares nesta zona (sem que ela tivesse sido centro de evolução e irradiação) porque coincidiu com a época de renovação dos seus templos.

Certos conjuntos de revestimento total, que a olhos desatentos parecem uniformes, não passam, como pormenorizamos em cada um, de complementos sucessivos, por diversos decénios, que se somaram e produziram o revestimento.

A segunda metade do século pertence à fase do concheado.

Revestem-se os retábulos de agradável policromia, a imitar os marmoreados dos monumentais, e ouro aplicado mais sòbriamente. As colunas dispoem-se com os capitéis ora de ângulo ora de frente, em planos avançados e variados; os frontões seguem linhas ondulantes ou quebram, e do meio levantam-se altas cabeceiras onde esplendem aquelas glórias solares que vinham de época anterior e a que o altar

da cadeira de S. Pedro, no fundo da basílica vaticana, por Bernini, dera exemplo típico; anjos adultos e gesticulantes sentam-se nos ramos do frontão, as mesas dos altares seguem perfis curvos, em forma pançada.

O ornato é o *Concheado* (que já aparece no decénio de 40, mas não documentado aqui), esse delicado e formoso concheado de que nos ocupámos em síntese, há pouco tempo (no *Bol. Cult. da Cam. M. do Porto*, vol. XX, fac. 3-4, 1958). Dá exemplo da primeira fase, forte, como que querendo equilibrar os volumes anteriores, a caixa do órgão do mosteiro de Jesus da cidade; para o típico, fino e elegante, poderá procurar-se no mesmo edifício a capela alta da Senhora do Rosário.

*

A escultura em barro não se nos deparou em número excepcional nem de melhor categoria que em regiões anteriores.

Para conveniente juízo seu é necessário saber distinguir as obras que provêm de verdadeiros artistas, dos meros artífices ou da simples curiosidade indouta de populares, e não reunir tudo e apresentá-lo maciçamente, que foi o processo antigo.

Há obras mencionadas em publicações anteriores que não encontrámos, pela natural dispersão que as divisões por herança causam.

O conjunto de bom nível é formado pelo *Presépio* da colecção do sr. dr. José Vieira Gamelas, pelo do convento do Buçaco e pelos grupos dos *falecimentos* deste, obras de oficinas de Lisboa de categoria (est CXLV, CLXXI a CLXXVI).

A mesma origem terá a grande *Sagrada Família* do Museu (est. CXXI), valorizada de esplendorosa policromia.

Poderão ainda dali provir os três barros do mesmo museu (est. XVIII e CXXI), da *Virgem*, *S. José* e figura contemplativa.

A cidade de Aveiro teve um artista de mérito, José Dias dos Santos, que assinou a *Senhora da Conceição* (est. CXLVI), datada de 1729, da colecção do sr. dr. António Cristo, executando ainda, sem sombra de dúvida, o *Menino Adormecido* (est. XIX) do mesmo coleccionador. Este mesmo conserva outra obra assinada, de menor nível, um *S. Damião* dum Lemos, que em 1725 subscreveu outra obra.

Mais tardia é a *Senhora da Conceição* que pertence ao sr. dr. Vieira Gamelas, dum Gaspar e de 1761, igualmente de menor mérito (est. CXLV).

Um outro Gaspar tinha modelado em 1739 o *St.° António* de Pedações.

Regulares são ainda os barros da igreja da Apresentação: *Trindade* e as *santas mulheres* duma Deposição.

A uma categoria artificianal pertence o conjunto da capela da casa da Senhora das Dores, em Verdemilho.

O grande número é de modelação nìtidamente popular. O índice de assuntos dá a relação dos que anotámos, o que fizemos mais por simples apontamento que pelo merecimento das obras.

A fechar a época em que toca este inquérito, destacam-se os grupos da Via-Sacra das capelas da Mata do Buçaco (est. CLXXVIII), obras superiores, tanto como composição como execução, do ilustre mestre que a morte levou durante a organização deste volume, Costa Mota-sobrinho.

*

A pintura antiga que se conserva no Museu provém do mosteiro de Jesus. Ao lado do *retrato da princesa D. Joana*, da segunda metade do séc. XV, já suficientemente conhecido e discutido, há do final do mesmo século duas obras que é necessário vincar: o pequeno *tríptico do Salvador* e a tábua de *S. Tiago* (est. XX, CXXII). Os brasões que aquele ostenta levaram-nos, no respectivo lugar, a determinar a época e as pessoas que o encomendaram. A sua ligação com o retábulo-tríptico coimbrão de Santa Clara é manifesta: os mesmos aspectos fisionómicos e tratamento das figuras, dificuldades no desenho destas; composição incerta, sem difinição de planos, sobrepondo-se as figuras num só, como estampas recortadas e coladas; má ligação com a arquitectura enquadrante ou dos fundos, e esta mal estudada perspectivamente. Representam um grupo coimbrão a que talvez se possam a vir ligar certos nomes.

A outra pintura primitiva quinhentista ou é lisbonense ou de importação setentrional.

A fase de transição dos sécs. XVI para o XVII está representada pelo grande conjunto de Oiã, ido do mosteiro de Santa Ana de Coimbra, executado já no primeiro quartel seiscentista (est. XXIII, CLXXXVIII). Esta pintura liga-se a grupos conimbricenses, que ainda hoje não é possível atribuir com segurança aos nomes do tempo, tanto mais que, de segunda categoria, vive de fórmulas feitas, o que igualmente se dava com a dos melhores mestres nacionais do tempo, e o que mesmo neles leva a equívocos de identificação.

A pintura da primeira metade do séc. XVIII tem as melhores representações no cadeiral do mosteiro de S. Domingos (est. XXIV, XXV, CXIII), originárias de oficinas lisbonenses, de artistas bem dotados mas que trabalhavam sobre modelos romanos, dos quais possuiam grandes colecções de gravuras e até cópias.

De idêntica proveniência são as duas telas dos altares colaterais das Barrocas, do meado do século, talvez da oficina de André Gonçalves, que ali decalcou aqueles mesmos modelos romanos.

*

Aveiro só no corrente século se tornou centro produtor de azulejos.

Por toda esta zona-sul encontrámos dispersos azulejos do séc. XVI, de relevo, de importação sevilhana. Em nenhum lugar ocupam já os sítios primitivos, como se pode ver, seguindo as indicações respectivas no índice deste volume. Pelo pequeno número de ladrilhos em cada ponto (à excepção da capela da Senhora da Alegria) se deduz que deveriam ter sido destinados a simples revestimento de frontais de altar. São dos tipos correntes de Coimbra. Aqui, sede do bispado, que era muito extenso ao tempo, deveria ter-se constituído entreposto deles, e raro seria que cada comprador levasse mais que as seis ou sete dezenas necessárias a cada frente.

O azulejo de padrão do séc. XVII veio principalmente de Lisboa, como de Coimbra alguns de xadrezado branco e azul, além de poucos dum padrão simples.

Anotámos na referida capela da Senhora da Alegria pequeno grupo de azulejos sem ornato, só a plumbífero, que deixa ver marcado no esmalte os sinais das trempes usadas na cozedura das louças domésticas; deverá tratar-se de tentativa de olarias locais, que não prosseguiu.

O grande conjunto de azulejos lisbonenses, seiscentistas, desenhando frontais de altar, que é o do Buçaco, ficou ali tratado em parágrafo próprio.

O figurado do séc. XVIII proveio de Coimbra. Infelizmente as espécies são raras e reduzem-se quase às da cidade.

Por feliz acaso, as encomendas deram-se quando o nível artístico se tinha destacado, no segundo quartel do século, e António Vital Rifarto ali se tinha estabelecido e elevara a técnica do fabrico, e as suas próprias composições de enquadramentos equilibravam as da talha exuberante dos retábulos. Pertencem-lhe os do convento de S. João Baptista (Carmelitas), de Santo António e Ordem Terceira,

bem como os deslocados de S. Bernardino, hoje no museu (est. CXXVIII, CXXXV e CXXV).

Os da igreja do mosteiro de Jesus são lisbonenses.

O período seguinte, mais débil, está representado pelos da capela-mor de Arcos, do ano de 1747 (est. LXXXII).

Datam da segunda metade do século, da intensa época de produção coimbrã, de enquadramento de concheado, os da nave da igreja do convento de S. Domingos (est. CXI a CXIII).

*

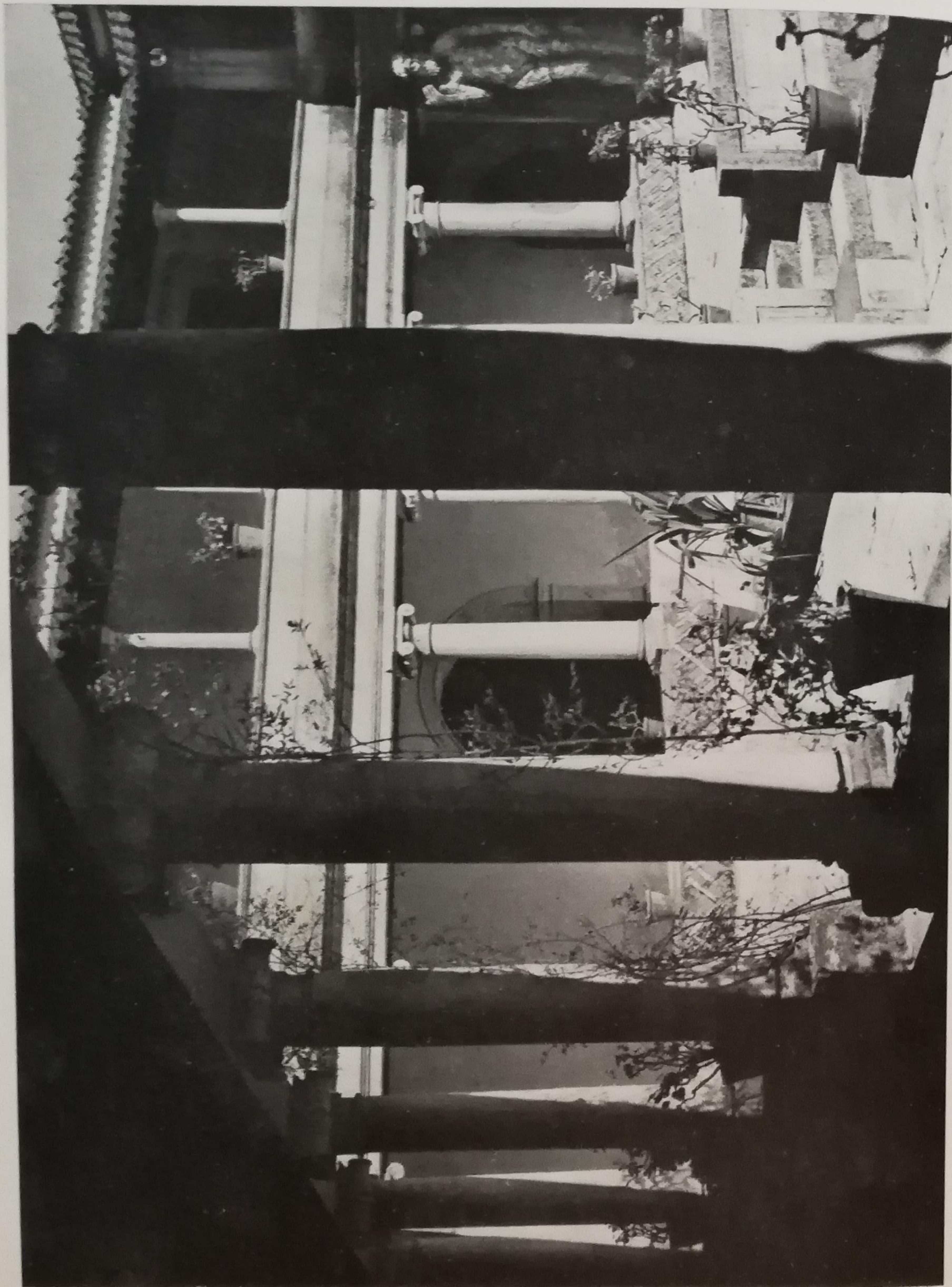
A ourivesaria encontra-se bem representada do séc. XVI até ao presente.

Há um aspecto a acentuar. Uma série de peças do séc. XVII forma uma família com fácies à parte. Algumas delas tem o punção do contraste da cidade formado por um *A* cercado de pontos, que encontrámos em dois tamanhos. Foi na exposição de ourivesaria nacional de 1940 que nos chamou a atenção uma das espécies, havendo outro exemplar na antiga colecção chamada Tesouro da Sé, o que indicámos no catálogo da secção de ourivesaria do mesmo local (*Museu Machado de Castro, Secção de Ourivesaria*, Coimbra, 1940, pág. 24, n.º 79).

Um dos bons exemplares dessa produção aveirense é a custódia de Vagos (est. CLXXXIX).

N. G.

AVEIRO. Mosteiro de Jesus. Tribuna da leitora. Séc. XV-fin.

N. G.

AVEIRO. Mosteiro de Jesus. Claustro. Séc. XVI.

N. G.

AVEIRO. Igreja da Misericórdia. Séc. XVII.

AVEIRO. Convento de S. Domingos. Portal da Igreja. 1719.

N. G.

ESGUEIRA. Pelourinho. Séc. XVIII-in.

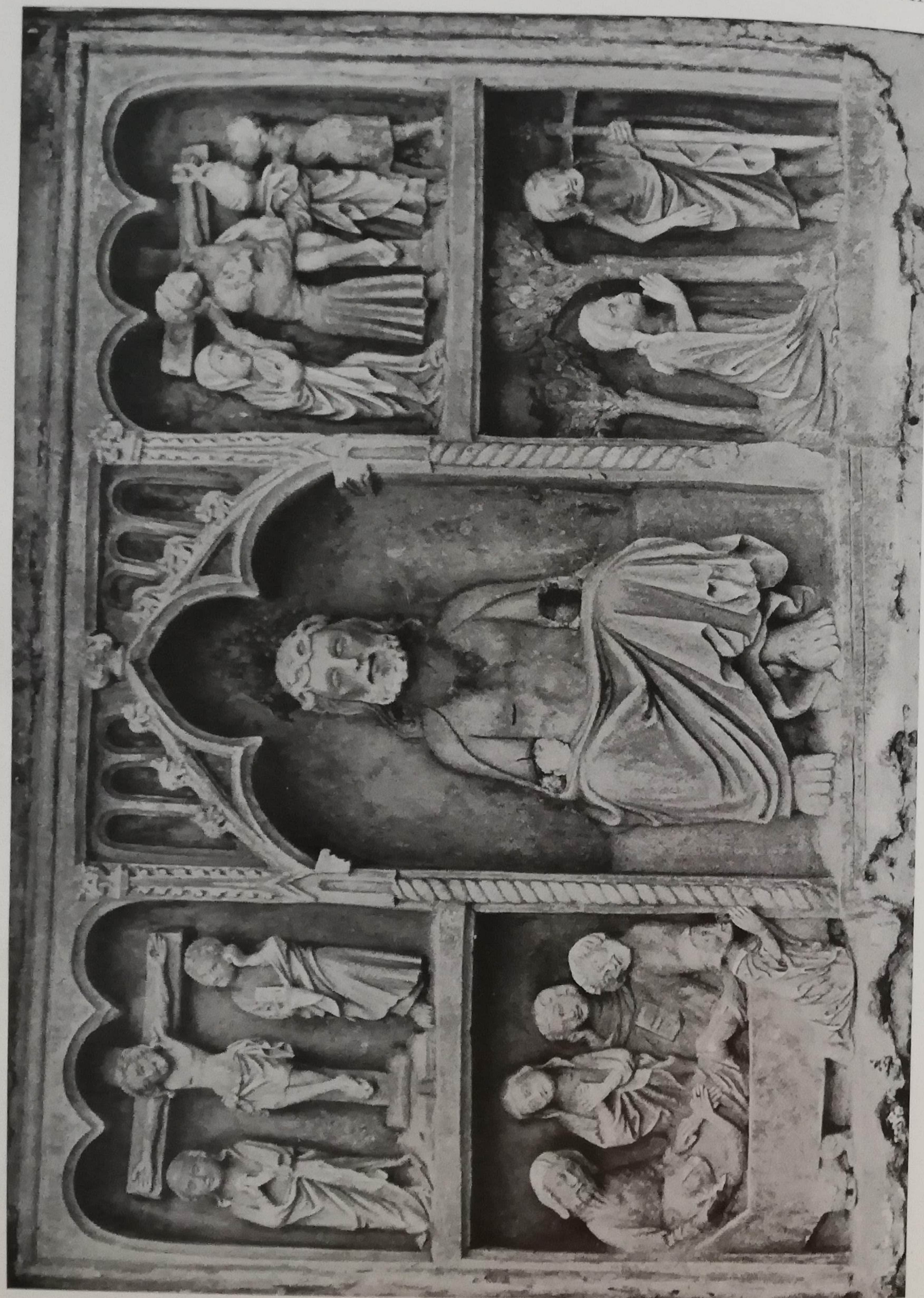
N. G.

AVEIRO. Capela do Senhor das Barrocas. Séc. XVIII.

N. G.

AVEIRO. Mosteiro de Jesus. Frontaria. Séc. XVIII.

N. G.

A. H.

PAMPILHOSA. *Retábulo do Salvador.* Séc. XIV. Propriedade do Ex.mo Senhor Francisco Teixeira Lopes.

PAÇO. *Virgem e o Menino.* Séc. XIV.

N. G.

AGUADA DE CIMA. Igreja. *Virgem e o Menino.* Séc. XV.

N. G.

RECARDÃES. Igreja. *Virgem e o Menino.* Séc. XV.

N. G.

A. H.

TROFA. Arcos tumulares. Séc. XVI.

A. H.

AGUIM. Retábulo dos *Santos Físicos*. Séc. XVI.

BRANCA. Igreja. *S. Vicente*. Séc. XVII.

N. G.

AVEIRO. Convento de S. Domingos. *Virgem e o Menino*. Séc. XVII.

A. H.

A. H.

VISTA ALEGRE. Túmulo de Senhora da Família Castro. Séc. XVII-fin.

A. H.

VISTA ALEGRE. Pormenor do túmulo de D. Manuel de Moura Manuel. Séc. XVII-fin.

N. G.

AVEIRO. Museu. *Virgem do Presépio*. Barro. Séc. XVIII.

N. G.

AVEIRO. *O Menino Adormecido*. Séc. XVIII Colecção do Ex.[mo] Snr. Dr. António Cristo.

AVEIRO. Museu. *O Salvador e monjas.* Séc. XV-fin.

A. H.

AVEIRO. Museu. *A Senhora da madre-silva.* Séc. XVI-in.

A. H.

A. H.

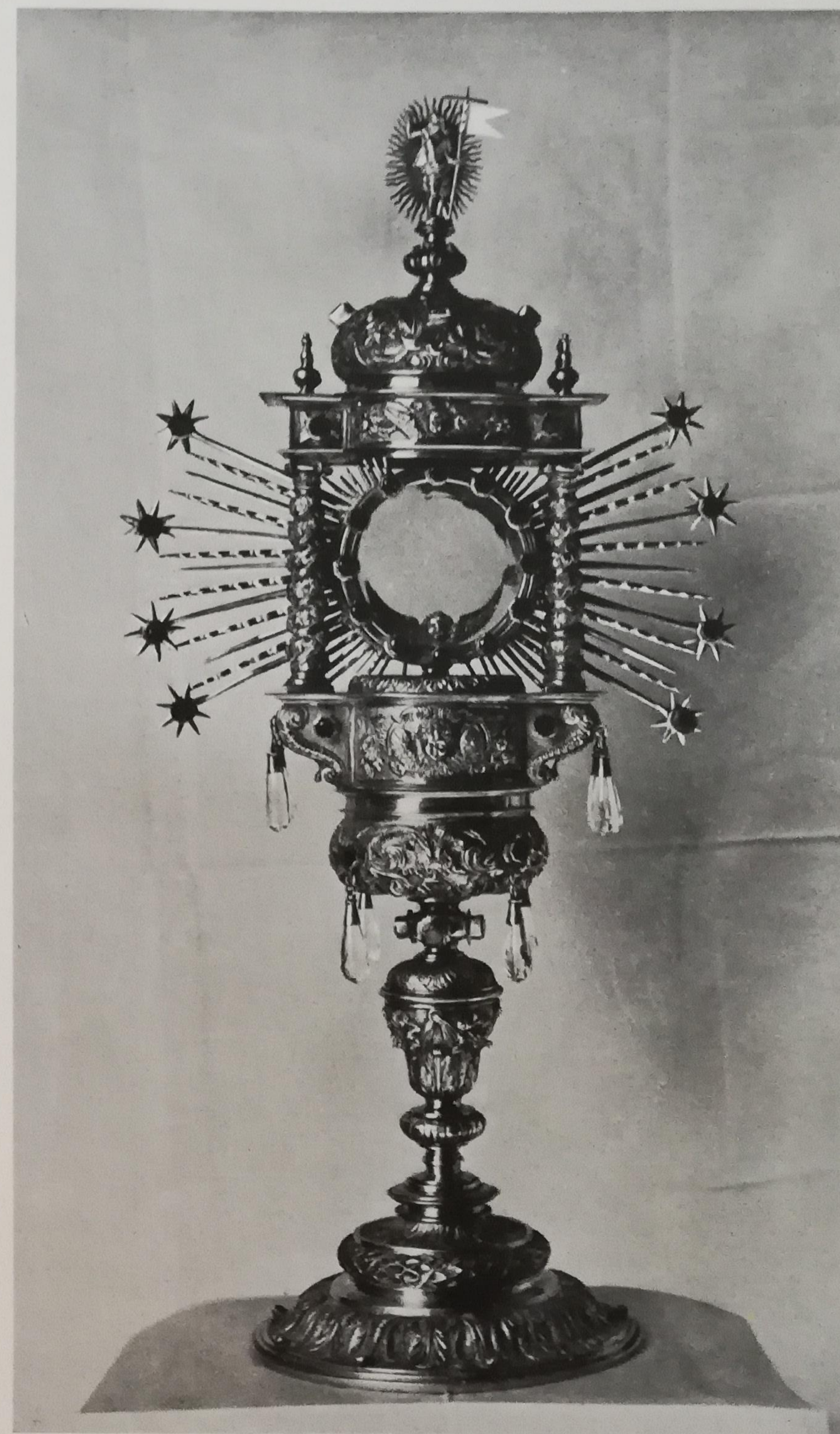
AVEIRO. Museu. *S. João Evangelista*. Séc. XVI-in.

OIÃ. Igreja. Cadeiral de St.ª Ana de Coimbra. Séc. XVII-in.

A. H.

N. G.

AVEIRO. Museu. Cálice da Senhora da Alegria. Séc. XVI-man.

N. G.

VALE MAIOR. Igreja Paroquial. Custódia. Séc. XVII.

N. G.

AVEIRO. Museu. Custódia do mosteiro de Sá. Séc. XVIII.

N. G.

REQUEIXO. Igreja Paroquial. Custódia. Séc. XVIII.

A. H.

AVEIRO. Mosteiro de Jesus. Túmulo da Princesa St.ª Joana. Séc. XVIII-in.

AVEIRO. Misericórdia. Espelho (Séc. XVIII) e azulejos (Séc. XVII).

N. G.

VISTA ALEGRE, *Fábrica. Urna de porcelana. Séc. XX.*

N. G.

DISTRITO DE AVEIRO
ZONA-SUL

CONCELHOS E FREGUESIAS

CONCELHO DE ÁGUEDA

Águeda
Agadão
Aguada de Baixo
Aguada de Cima
Barrô
Belazaima do Chão
Castanheira do Vouga
Espinhel
Fermentelos
Lamas do Vouga
Macieira de Alcoba
Macinhata do Vouga
Ois da Ribeira
Préstimo
Recardães
Segadães
Travassô
Trofa
Valongo do Vouga

CONCELHO DE ALBERGARIA-A-VELHA

Albergaria-a-Velha
Alquerubim
Angeja
Branca
Frossos
Ribeira de Fráguas
São João de Loure
Vale Maior

CONCELHO DE ANADIA

Anadia-Arcos
Amoreira da Gândara
Ancas
Avelãs de Caminho
Avelãs de Cima
Mogofores
Moita
Ois do Bairro
Sangalhos
São Lourenço do Bairro
Tamengos
Vila Nova de Monsarros
Vilarinho do Bairro

CONCELHO DE AVEIRO

Aveiro: Nossa Senhora da Glória e Vera-Cruz
Aradas
Cacia
Eirol
Eixo
Esgueira
Nariz
Oliveirinha
Requeixo
São Jacinto

CONCELHO DE ÍLHAVO

Ílhavo
Gafanha da Encarnação
Gafanha da Nazaré

CONCELHO DA MEALHADA

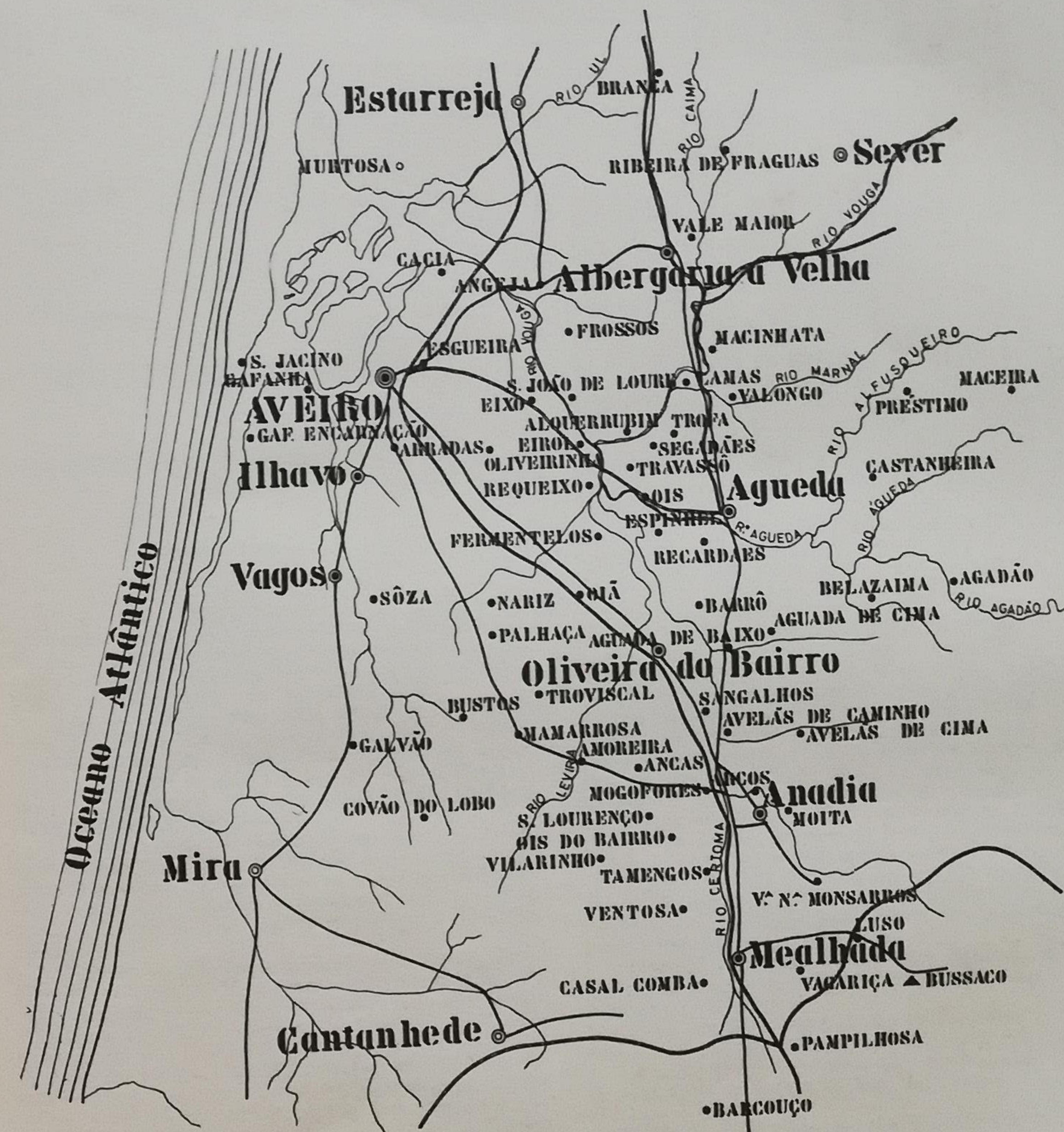
Mealhada
Barcouço
Casal Comba
Luso
Pampilhosa
Vacariça
Ventosa do Bairro

CONCELHO DE OLIVEIRA DO BAIRRO

Oliveira do Bairro
Bustos
Mamarrosa
Oiã
Palhaça
Troviscal

CONCELHO DE VAGOS

Vagos
Calvão
Covão do Lobo
Sôza

DISTRITO DE AVEIRO
ZONA-SUL

CONCELHOS DE:

ÁGUEDA
ALBERGARIA-A-VELHA
ANADIA
AVEIRO

ÍLHAVO
MEALHADA
OLIVEIRA DO BAIRRO
VAGOS

INVENTÁRIO ARTÍSTICO DO DISTRITO DE AVEIRO ZONA-SUL

CONCELHOS E FREGUESIAS

CONCELHO DE ÁGUEDA

FREGUESIAS:

ÁGUEDA

A situação topográfica da vila de Águeda leva à convicção de que nasceu dum forçoso atravessamento fluvial, neste ponto, das antigas vias de trânsito, como correlativamente, logo mais a norte, acontece com o Vouga, junto à povoação do mesmo nome.

Errada interpretação dum passo de Plínio fez crer, por largo tempo, que tivesse sido a *Emínio* clássica e da alta Idade Média (Coimbra actual, porém). Requere-se que, na leitura dos escritores a seguir ao século XVI, se tenha presente este equívoco, sistemático em certas obras.

A importância de Águeda vem-lhe todavia das várzeas que lhe ficam fronteiras e alastram na espraiada bacia que começa um pouco acima da Borralha. Foram elas a causa de se encontrarem os nomes locais nos documentos que se reportam à primeira reconquista.

O rio do mesmo nome aparece em mapas e livros diversamente indicado e, como nos teremos de lhe referir várias vezes, deixaremos registado o que consideramos a melhor interpretação. Começa nas alturas dominantes do Caramulo e desce por Varzielas e S. João do Monte. Nos documentos do princípio da nacionalidade já era assim dominada esta secção *(discurrente riuulo Agada)*, posto que hoje ali o nomeiem habitualmente como rio de S. João do Monte. Junta-se-lhe, pela esquerda, acima da Redonda, o *Agadão* e, abaixo de Bolfiar, pela direita, o *Alfusqueiro*. Recebe em Requeixo um outro que vem do sul, o *Cértoma*, e desagua logo a seguir, atravessada a ponte da Rata (outrora de Almeara), no *Vouga*.

O repovoamento da região é remoto, intenso já na primeira reconquista, como se poderá deduzir das breves referências documentais que faremos em cada freguesia.

O mais importante documento, nesse sentido, para a baixa riba Vouga, Águeda e alto Marnel, por indicar largo conjunto de terras, é a relação das propriedades rústicas que o prócere Gonçalo Viegas e D. Châmoa fizeram em 1050, destinada a aduzir direitos. Aí se referem Bolfiar e Assequins desta freguesia. Outras terras têm menções tardias, como Borralha, onde o mosteiro de Pedroso recebeu bens em 1114.

Águeda aparece em certos documentos designada só pela titular da igreja, *Santa Eulália* (Olaia), como na carta de couto de Barrô (A. D. 1132), o que traz confusão com terras vizinhas do mesmo orago, como Aguada de Cima *(ista agualata cum agualata de susana per sanctam eolaliam et inde quomodo diuiditur agualatam et barriolum cum borralia)*. A povoação corresponderá, segundo o conde de Borralha, ao Casal de Lousado, do documento de 1077.

Apesar da sua importância geográfica, não foi cabeça de concelho antigo; a vila pertencia pròpriamente ao de Aveiro, ao passo que parte do arrabalde, para nascente, ao de Assequins.

Este de Assequins (onde resta parte do pelourinho) abrangia povoações delimitadas pelos rios Águeda e Alfusqueiro.

Para além da confluência destes mesmos rios estava o termo de Bolfiar, que formava, por causa do senhorio, um só concelho com a povoação de Casal de Álvaro, na freguesia de Espinhel, ao qual foi dado foral novo em 1519.

O senhorio de Assequins andou na antiga casa de Angeja, o que dá a razão de aparecer inserido no foral manuelino daquela antiga vila. Foi dado no século XVII a Luís de Saldanha da Gama e, por sucessão, veio a passar aos condes da Ponte. Teve anteriormente outros donatários, em períodos de curta duração.

Ver a **NOTA FINAL**, de observações gerais, que antecede os Índices.

O padroado de Santa Eulália de Águeda era da casa de Aveiro, tendo ido no século XVIII para a Coroa.

Há longo tempo que anda escrito que outrora chamavam Águeda de Cima à vila (e neste ponto alguns exemplos encontrámos) e Águeda de Baixo a Sardão. Poderá ser, mas é mais provável que não passe dum equívoco com as Aguadas, originado em más grafias de quem não era da região, como frequentemente se encontra nos documentos antigos e se deslinda pelos contextos, e como semelhantemente se nos deparou serem as Aguadas designadas pelo nome da vila.

A passagem da estrada romana de Olisipo a Cale, por esta região, levou à apressada atribuição da qualidade de castros a certos pontos altos; como se a topografia impusesse forçosamente a existência de povoados ou de fortificações. Verificámos nesta e nas regiões limítrofes a maior parte daqueles em que a indicação de cotas de nivelamento (cartas do *Inst. Geog. e Cad.*) tornava a localização mais rigorosa; não pròpriamente pela estação arqueológica genérica (que não é função deste Inquérito, o que não obstou a que algumas examinássemos) mas só para o estudo dos elementos de fortificação que existissem. Em grande parte não há mesmo possibilidades de determinar simples local pré ou proto-histórico; se, nalgum ponto dos concelhos da zona sul do Vouga, nos depararam nítidos restos de muros de fortaleza castreja irão indicados. Deve-se lembrar o que já um grande mestre ensinava do apelativo *crasto* e de outros, dados pelo povo. Requere-se em futura carta arqueológica o exame directo, além da maior cautela com as indicações literárias antigas e modernas.

IGREJA PAROQUIAL — dedicada a Santa Eulália.

Corresponde o edifício a duas épocas principais de obras.

A nave e suas capelas laterais datam dos primeiros decénios do século XVII. Refizeram no segundo quartel do século XVIII a frontaria e a capela-mor. Nos últimos anos do século XIX, os condes de Sucena custearam largas obras de modernização.

As cantarias da fase seiscentista são de calcário, seguindo-se na obra os tipos da renascença coimbrã tardia; as do século XVIII já de granito.

A nave é larga e relativamente ampla na sua categoria. Pela altura da reforma, mas não conjuntamente, rasgaram a um e outro lado capelas de fim devocional e fúnebre. A série dos portais das mesmas forma dois conjuntos de tipos, sem que haja em cada um inteira unidade; divergem levemente nas dimensões individuais, não guardam o mesmo espaçamento e até se vêem no exterior difefenças de alinhamento.

Ao lado do evangelho houve porém a feliz ideia de reunir três capelas com largos arcos, de modo a darem pequena nave, em cujo topo colocaram o retábulo do Sacramento.

Em cada flanco há quatro capelas seiscentistas e, sob o coro, mais uma a cada parte, mas estas da reconstrução do século XVIII. Todas aquelas são cobertas de abóbada de tijolo, assente em dois arcos cruzados, segundo um sistema coimbrão arcaizante; arrancam estes de mísulas salientes, que se integram deficientemente no conjunto construtivo, produzindo todavia melhor aspecto nas três capelas da esquerda, as que formam nave.

Têm os vãos da direita, a meio do rasgamento, colunas de capitéis coríntios ou compósitos, sobre pedestais, e a volta dupla e moldurada. Os do evangelho, porém, de colunas dóricas e jónicas, sendo do mesmo tipo as dos arcos que separam as três quadras da falsa nave.

A capela-mor, já dissemos, foi reconstruída e ampliada no século XVIII, podendo ter sido recuado o arco-cruzeiro. São desse tempo as frestas rectangulares ao lado dos retábulos colaterais.

A fachada avançou. Pertence a essa fase o arco do coro alto e a capela da esquerda, a baptismal, com o espaço fronteiro que forma a entrada baixa da torre.

A frontaria é definida pelas pilastras toscanas de cunhais, cimalha arquitravada a ligá-las, linha da empena recortada e vincada de duas aletas contrapostas. O vão rectangular da porta é ladeado igualmente de pilastras toscanas, dominado de entablamento e de frontão interrompido, cujos ramos enrolam de modo a deixar espaço a um nicho mais alto. Acima do portal rasga-se um óculo quadrilobado e, à altura do coro, duas janelas rectangulares, dotadas de frontão curvo. A torre, posta à direita, integra-se no conjunto arquitetónico; inclui-se no seu corpo a escada, que é uma variante dum sistema empregado na região: o desenvolvimento geral faz-se dentro da torre, mas à altura do coro sofre interrupção, recomeçando acima; para se aceder a este novo nível há uma escada suplementar, mais estreita, acantonada no ângulo reentrante.

Descreveremos primeiramente as capelas da esquerda, ao lado do evangelho, começando

do arco cruzeiro. As três primeiras, como acabámos de dizer, formam uma espécie de nave e prolongam o espaço pròpriamente da primeira, a do Sacramento, e isto propositadamente, para dar realce ao retábulo que se encosta ao topo.

Este *retábulo* de calcário procede de oficina coimbrã, da última fase da renascença local, repetindo motivos da primeira época. Datará da segunda metade do século XVI, devendo ter estado em capela anterior, dedicada ao Santíssimo Sacramento. Compõe-se de dois corpos. O de baixo repartido em três folhas, por meio de colunas nos extremos e de pilastras com pendurados nas divisões médias; na central fica o sacrário, de corpos sobrepostos, em cada uma das laterais dois anjos músicos. O corpo superior é preenchido pela *Ceia* (Cristo e os Apóstolos em volta da mesa rectangular), em relevo. Falta o entablamento dessa parte e o remate geral. Obra bastante agradável, posto que artificianal. Foi coberto de tintas que um dos últimos párocos mandou retirar.

A parede do lado e as partes livres junto do retábulo são revestidas de azulejos policromos, lisbonenses, do século XVII, em combinação de dois padrões.

A segunda capela, a antiga de Jesus, conserva retábulo de madeira, da segunda metade do século XVIII, de nicho e duas colunas.

A terceira, a dos pés da falsa nave, continua dedicada a S. Francisco de Assis. O retábulo data do terceiro quartel do século XVII mas o remate e os elementos decorativos laterais pertencem já ao século XVIII; divide-se em três nichos separados por colunas, um par sulcado de caneluras estriadas, outro envolvido de enrolamentos de acanto, havendo nos pedestais e espaços intermédios rótulos e novos enrolamentos. Esculturas comuns, do século XVIII, incluindo a de *St.ª Isabel de Portugal*, que só interessa iconogràficamente.

A capela a seguir, a quarta, é independente, separada da anterior por grossa parede. O conjunto retabular é formado de talhas velhas, da primeira metade do século XVIII, e de novas, desenhando três nichos, aonde há imagens de roca.

Sob a mesa do altar colocaram uma *Deposição no túmulo*, de calcário, de oficina da renascença coimbrã decadente, já do século XVII. São esculturas grossas e duras; representam Cristo deitado e cercado dos dois velhos, Virgem e S. João e três mulheres; todas estas figuras em meio corpo. A Madalena segura um boião do tipo dos barros coimbrões do tempo, cujos restos se tem encontrado em entulhos.

A capela imediata, setecentista, faz parte do conjunto do sub-coro e é destinada a baptistério.

As capelas do lado oposto, o da epístola, são todas independentes. Seguiremos, partindo igualmente do cruzeiro.

A primeira tem na parede da direita, lápide do século XVII, encerrando escudo de armas e letreiro; aquele partido em pala, de cinco crescentes por Pintos, e de cinco árvores por Pinhos, elmo posto de frente e dominado dum tufo de acantos em vez de paquife. Diz o letreiro, em capitais com abreviaturas e letras geminadas:

ESTA CAPELA HE DE AIRES / DE PINHO E DE SVA MOLHER VI/OLANTE P(IN)TA E SEVS F(ILH)OS A QVAL / TE(M) DOTADA CO(M) MISA COTIDIANO / 1624.

O algarismo 4 final segue um traçado vulgar neste século mas de fácil confusão.

O retábulo de madeira pertence no conjunto ao meado do século XVII, mas no XIX fizeram modificações ao remate e ao basamento geral. Divide-se em três panos por meio de colunas. As esculturas de madeira, de *S. Luís rei* e de *St.ª Águeda*, do século XVIII, são obras correntes.

A segunda capela serve de trânsito, isto é, de ingresso, e não tem adornos.

O retábulo da terceira capela, de madeira entalhada, é do terceiro quartel do século XVII, e mostra no remate modificações do século XIX. Quatro colunas coríntias, caneladas e com o terço ornado, dividem-no em três partes, a central lisa e as laterais cavadas em nichos. Ao meio a escultura pequena do *Menino-Jesus*, reformada; aos lados a de *S. João Baptista* e a de *S. Domingos*, ambas agradáveis; todas do século XVII.

O arco da quarta capela fica mais afastado dos congéneres. O retábulo de madeira pertence à primeira metade do século XVIII, de sistema plano, quatro colunas torcidas e enros-

cadas de grinaldas de flores, cabeceira alta com sanefas. No pano central um relevo das *Almas do Purgatório e da Senhora do Carmo,* de factura comum. Colocaram numa das mísulas laterais pequena escultura de madeira, da *Virgem com o Menino,* graciosa, já do século XVIII.

Todos estes retábulos de madeira sofreram nova douragem e pintura, sem se guardar nesse trabalho o género antigo. As mesas de altar não correspondem aos retábulos, são do século XIX.

O retábulo principal, os colaterais e a guarnição da parede acima do arco pertencem ao mesmo tipo geral e aos meados do século XVIII, ao final da fase de D. João V. As colunas de todos eles são espiraladas, com a divisão de terço, e este de caneluras com fiadas de louros, no cavado da parte alta grinaldas de rosas. No altar-mor, o grande vão do trono é ladeado de duas colunas e mísula média, destinada a escultura; o remate plano, recortado, com os temas do tempo e dois anjos. Forma-lhe base geral um maciço de calcário adornado de consolas. O frontal é moderno.

Os colaterais, de tipo plano e seguindo traçado mais geométrico, compõem-se de duas colunas, entablamento direito, frontão curvo, sobrepondo-se a este grandes glórias solares e anjos gesticulantes.

A decoração superior ao arco teria sido realizada em último lugar, como certas tendências manifestam: desenha uma cabeceira de cimalha ondulada e interrompida a meio, grande cartela com as armas nacionais, amparada por dois anjos, aos quais correspondem mais dois a segurar grinaldas.

As esculturas de madeira destes retábulos datam da segunda metade do século XVIII e são correntes: *St.ª Eulália* e *S. Pedro* naquela, *Virgem com o Menino* e *St.ª Luzia* nestes.

Colocaram na capela-mor espécies artísticas trazidas nos últimos tempos: dois *anjos-ceroferários,* de madeira dourada, do século XVIII, e quatro telas a óleo, provenientes de oficinas lisbonenses do século XVIII, de *S. Lucas, S. João,* Santa meditando (estes três só em busto), *S. Bento* em glória com dois abades. Uma outra do martírio da titular, secundária.

Abriga-se no nicho da fachada a espécie mais antiga que se vê na igreja, uma escultura de *St.ª Eulália,* graciosa, do século XV, de calcário e oficina coimbrã.

A pia baptismal, mas só a taça, provém do princípio do século XVI, gótica ainda. Decora-se de caneluras verticais que vão diminuindo de largura na parte inferior; na zona em que termina a parte vertical fixa-se em cada canelura uma cabecita de criança, tratada com dureza.

Na parede do flanco, junto ao altar colateral do evangelho (do Rosário), crava-se lápide seiscentista, de letras sobrepostas, inclusas e geminadas. A segunda e a terceira palavra tem cada uma sua letra sobreposta, indicando abreviatura, e que são de duvidosa interpretação; a leitura certa dá-la-ia o exame do registo paroquial do tempo. Separaremos essas letras por travessões.

ANT(ONI)O VAS-O PE-T-NOZA IA
DEFVNTO
M(ORAD)OR Q(VE) FOI NO BARIL
EN SEV
PASAME(N)TO DEIXOV VMAS
CAZAS NO MESMO BARIL
5 Q TRAS AMARO MANO
EL CO(M) OBRIGACAO DE DVAS
MISAS CADA ANNO PE
RA SEMPRE DITAS NESTE
ALTAR DE NOSA S(ENHO)RA ANO
10 D(E) 1623

Uma outra, numa das paredes da sacristia, foi gravada por imperito canteiro, com suspensões, letras sobrepostas, geminadas e inclusas, de alfabeto maiúsculo e minúsculo.

HA NESTA CO(N)FR(ARI)A MISSA
CADA SEXTA FEIRA PELLOS
CO(N)FRADES VIVOS E DEFVNTOS
DELLA
TEM OBRIGACAÕ DE MANDAR DIZER
E(M) CADA SOMANA P(AR)A
SE(M)PRE HV(M)A MISSA AS
CHAGAS, D(IT)AS NAS 3RAS
FEIRAS, E HV(M)A MISSA E(M) CADA
FESTA DE N(OSSA) S(ENHO)RA,
PELLA ALMA DE BRITES DE PINHO.
TEM OBRIGAÇAÕ DE MA
NDAR DIZER HV(M)A MISSA NO
OITAVARIO DOS DEFVNTOS PELA
ALMA DE M(ARI)A P(IN)TA. TEM
MAIS OBRIGAÇAÕ DE MAN
5 DAR DIZER HV(M)A MISSA TODAS AS
COARTAS F(EI)RAS, PELLA ALMA
DE MADALEGNA DA CRVX E DE
SEVS DEFV
NTOS. TEM MAIS OBRIGAÇAO DE

MANDAR DIZER PELLA ALMA DA
MESMA MADALLEGNA DA CRVX. 3.
MISSAS, HV(M)A NA OITAVA DO
NATAL OVTRA NA OITAVA D ASVM-
PÇAO DA S(ENHO)RA, OVTRA NA
OITAVA DOS
SANTOS. ITEM 5 MISSAS PELLAS
ALMAS DE IOAM DO VALLE PONTES
É DE SEV PAY, E DE SEVS F(ILH)OS
E DE SEV IRMÃO
DIGO. E DE SVA M(VLH)ER E DO
P(ADR)E SARAPHIM DO VALLE
DIT(A)S A I A NAS 8(*oitav*)AS
DO NATAL, A 2A DA DE .S. SE-
B(ASTI)AM A 3A A .17. DE MAYO
10 A 4A A 4. DE JVLHO, A 5A DIA DE
S(AN)TA ANNA
Reformado, anno 1694
2.º Reformado.A.1720.A

Um dos sinos, datado de 1871, tem a estampilha de JOZE / AMARO / DIAS C/AMPOS; outro, dedicado a St.ª Eulália, o milésimo de 1742, um terceiro diz: SORRILHA D CAMPOS ME FES CANTANHEDE.

Encostam-se ao flanco da esquerda várias dependências utilitárias, além dum nicho dos Passos, do século passado, com esculturas antigas, de pequeno mérito.

No adro levantaram ao modo popular um cruzeiro que inclui fragmentos antigos e sem interesse: resto de inscrição religiosa com a data de 1630, capitel do século XVI, a parte inferior duma cruz tendo em relevo pequena Piedade.

CAPELAS — na vila.

A *capela de S. Pedro* destaca-se num alto próximo.

Letreiro, gravado em vasta pedra e colocada no interior, historia a actual reedificação.

ESTA CAPELLA DE S. PEDRO DESTA
FR(E)G(UESI)A DE S(ANC)TA
EULALIA
DE AGUEDA FOI REEDIFICADA COM
MILHOR GRANDEZA
NO MESMO CITIO DA ANTIQUISSIMA
ARUINADA PIQUENA E SEM
ARQUITETURA PELO B(ACHAR)EL LUIS
BARETO TORES DE FIG(UEIRE)DO
SOLT(EI)RO DA RUA
5 DA CANCELA DO DITO LUGAR DE IDADE
DE 80 ANNOS QUE A MANDOU
FAZER ASSUA CUSTA NO ANNO DE
1819 POR DEUOCAÕ E ASSIM
FICA SENDO DA M(ESM)A FRE-
G(UESI)A COMO A ANTIGA EM
7BRO DO D(IT)O ANNO

Simples; de corpo e capela-mor, cunhais vincados de pilastras, porta rectangular, ladeada de postigos e dominada de óculo quadrilobado.

Diversas reformas tem mantido o seu estado de conservação e limpeza.

Do final do século XVII o pequeno retábulo, de tipo plano, formado de três nichos, com colunas, arcos torcidos e parras; a mesa data porém do século seguinte.

A *capela de S. Sebastião,* que está dentro da vila, inteiramente nova, foi deslocada de sítio próximo, não tendo interesse para o caso deste inquérito.

Há uma pequena *St.ª Apolónia,* de pedra, século XVII, graciosa, posto que corrente.

CRUZEIRO — nos limites da vila com Paredes.

Tipo de templete, sob plano quadrado. Data do século XVII e foi mandado erguer por Amaro Gomes (?) e Pedro Francisco, com as respectivas consortes, como elucida o letreiro da frente.

AM(a)RO. GS'. E SVA MO(LHE)R.
MANDOV.FAZER.ESTE.CRVZEIRO.E.
P(EDR)O.FR(ANCIS)CO.E CVA
2 MO(LHE)R.O M(AN)DO.COBR(i)R DE
SVA.DEVASAÕ.

As quatro colunas assentam em pedestais e suportam entablamento simples. A cobertura já não é a antiga. A meio está o costumado pilar e a cruz com *Cristo* crucificado.

CASAS ANTIGAS — e outros motivos artísticos.

A casa da rua da Venda Nova foi levantada na segunda metade do século XVIII. A curvatura da artéria levou o construtor a dividi-la em dois sectores. Compõe-se o principal de cinco vãos no andar nobre, sendo os dois dos extremos tratados em janelas e os centrais em sacadas. As vergas e as respectivas cimalhas seguem linha curva. Há nas janelas pequenos aventais recortados, segundo tipo regional. As bacias das sacadas laterais são em linha direita, ondulada porém a central, cujas mísulas se cravam na padieira da porta, que lhe fica inferior. As grades de ferro, desenhadas nas linhas curvilínias do tempo, merecem que se lhe deem cuidados. Era casa

a ser protegida, numa vila e região que tão poucas possui.

As moradias das famílias tradicionais da freguesia foram quase todas modificadas. Além daquelas que em parágrafo trataremos, as que ficaram com certa grandeza já não são para este inquérito. Na dos viscondes e depois condes da Borralha vimos dois brasões: um que corresponde aos vínculos da Borralha, esquartelado de Pintos, Castelos-Brancos, Macedos e Carvalhos; outro que foi o do primeiro visconde, tendo a varonia de Leitão, pela aliança vinda de Sernache do Bonjardim, esquartelado de Leitões, Pintos, Caldeiras e Carvalhos.

Uma fonte deslocada e encostada aos paços do concelho, do século XIX, é do tipo de espaldar, sendo este recortado na tradição setecentista.

Levantaram diversos monumentos comemorativos. No jardim junto à ponte, em simples pedestal, ergue-se o busto em bronze do conselheiro Albano de Melo. Colocaram na parte nova da vila, em 1956, o do primeiro conde de Sucena, que se compõe de alta estela, a cuja frente se antepõe o busto do mesmo e, na porterior, se inclui grande relevo com um doente amparado por um enfermeiro, alusivo à fundação hospitalar, obra do escultor portuense Américo Gomes.

Em frente à câmara municipal ergueram, em 1957, outro ao conde de Águeda, Manuel Homem de Melo da Câmara: um muro em que cravaram a sua figura, de mármore, assinada por Júlio Vaz Júnior.

A cerâmica artística tem na vila um centro de produção, tanto em azulejos como em louça, segundo os tipos correntes da faiança, a Fábrica do Outeiro.

BIBL. — Adolpho Portela, *Águeda*, 1904.
Soares da Graça, *A Igreja de Águeda; Memórias de Águeda, capelas públicas e particulares da freguesia;* em *Arq. de Av.*, 1951, 1952.
Conde da Borralha, *Águeda, subsídios para a sua história*, em *Arq. Av.*, 1934, 1938.

CAPELA em *ASSEQUINS*, dedicada a Nossa Senhora da Graça.

Reconstruída modernamente, conserva o antigo arco cruzeiro, da segunda metade do século XVI e de calcário. Na parte interna de cada um dos pés direitos do mesmo incrusta-se coluna dórica sobre pedestal. A volta é moldurada.

A pia de água benta remonta sensivelmente ao mesmo tempo; adorna-se o receptáculo de folhas de acanto e desenha o pé um balaústre.

O singelo altar de madeira, de pilastras, provém do século XVII.

Há regular escultura de pedra, da titular, a *Virgem e o Menino*, alta de cerca de 1,25 m. Graciosa, filia-se nas esculturas de João de Ruão, podendo ainda ser obra corrente de oficina mas não pròpriamente de sua mão, do século XVI.

Ao lado esquerdo da capela levanta-se uma casa do século XIX, com brasão que poderá ser de Saldanhas, Melos, Afonsos, Limas, tendo brica com uma arruela.

PELOURINHO — em *ASSEQUINS*.

Resta o fuste da coluna, que é de calcário, cravado junto a um chafariz. Chamam-lhe *marco*, desconhecendo o termo de pelourinho.

Desenha um cilindro galbado, a rematar em colarete, nascendo dum troço paralelipipédico, que lhe faz de base. Mede cerca de dois metros de alto. Pertence ao século XVI. Vimos perto um bloco fragmentado que era o plinto e que mostrava ainda o encaixe.

Levantava-se o pelourinho até aos últimos tempos sensivelmente a meio do mesmo cruzamento de ruas em que ainda se conserva. Mulher idosa, de cerca de 102 anos, segundo diziam, recordava-se dos degraus que teve e da pequena bandeira de ferro em que rematava.

CAPELA — em *BOLFIAR*, do título de S. Geraldo.

Mostra pelo exterior que é a singela e costumada capela do século XVII: porta principal e lateral direita, rectangulares, pirâmides nos cunhais. No entanto o interior revela, em certo modo, a antiga categoria local.

A capela-mor tem abóbada que suportam dois arcos cruzados, de secção rectangular, firmados em mísulas, de calcário de Ançã. Não há porém cimalhas que façam a separação das paredes e da abóbada.

O arco cruzeiro, do mesmo calcário, não é comum nesta zona. Suporta-o a cada lado uma

coluna dórica e canelada. Adorna-se a volta, na frente, de querubins e, na face inferior, de rectangulados com saliências. Envolve os pés direitos e a mesma volta um tarjão com folhas de acanto.

Esta capela-mor é exemplar interessante da renascença final, do seiscentismo coimbrão.

Ao púlpito, igualmente de calcário, cilíndrico, de escada lateral, falta já o balaústre de suporte.

O altar-mor é feito de talhas clássicas do século XVII mas adaptadas aqui.

CAPELAS — na *BORRALHA*.

A *capela de S. Tiago* fica na parte baixa da povoação e foi reconstruída no presente século por subscrição pública. Vimos duas esculturas de pedra, toscas, de santos, um com palma e livro, do século XVII, outra do século XVI inicial; ainda outra de madeira, de *S. Tiago*, representado com bordão, bornal, chapéu com a vieira, de pequeno tamanho, muito cheia de massas e pintada ao gosto popular do princípio do século XVI, gótica mas de pequeno valor.

A *capela de Nossa Senhora de la Sallete*, na parte alta, foi mandada construir pelo primeiro conde de Sucena, em substituição de outra, que se levantava a pequena distância e que não era antiga.

Ficou edifício grande e agradável, regularmente decorado e ostentando, em pintura, sobre o arco cruzeiro, as suas armas de mercê nova.

CAPELA — em *PAREDES*, de Nossa Senhora da Ajuda.

Renovaram-na por forma corrente. Ampliaram ainda o retábulo, conservando-lhe a parte antiga, do barroco do começo do século XVIII, de colunitas com pâmpanos.

As esculturas de calcário são muito correntes, da segunda metade do século XVI: *Virgem e o Menino, St.º Amaro, S. Tomé.*

CAPELA — no *SARDÃO*, de Nossa Senhora da Guia.

Capela singela e limpa, dentro da povoação. Porta rectangular com a data de 1682 e a legenda SENHORA DA GUIA.

O arco da capela-mor está decorado por divisões de rectangulados e motivos geométricos. No fecho, o letreiro mal gravado e pior repintado:

1710 ANOS/ESTA CAPE/LA MANDOV/FAZE(R) O CAPITA/M IOAO SIMOIS / ALVIM (?)

A sinerita fica à esquerda. Imagens modernas e antigas; entre estas, duas de pedra, *Senhora e o Menino* (da Guia) e *S. Brás*, obras sem interesse, do século XVII e de diverso carácter.

CASAS ANTIGAS — no *SARDÃO*.

Junto à estrada foi reconstruída uma casa tradicional, no gosto oitocencista, a casa do Redolho. Pertence ao representante dos extintos vínculos, o Sr. arquitecto Joaquim da Câmara Carvalho da Silva. Ostenta na frontaria o brasão esquartelado de Homens, Macedos, Motas, Câmaras, com o timbre dos primeiros.

Encosta-se-lhe à direita a capela renovada. Acima da porta, rótulo ornamental encerra o letreiro:

SANTA ANNA / MATER / MATRI GRATIAE / / SUCURRE / MISERIS / 1759

O agradável interior da mesma capela conserva o retábulo do século XVIII, de pilastras misuladas, e a escultura de madeira policromada, do mesmo tempo, de *St.ª Ana*, representada sentada e acompanhada da Virgem adolescente, que está de pé.

Guardam-se espécies antigas, de categoria, que tem vindo na sucessão da casa.

A povoação fica hoje ao lado do grande trânsito, posto que outrora se integrasse nele. Encontrava-se, vindo do norte, depois de se atravessar a vila, o rio e os terrenos encharcados do agueda1. Há restos de casas modestas, seiscentistas umas, de janelas de avental, e ainda uma de tipo setecentista. Em duas vimos, no piso térreo, janelas de peitoril saliente, que poderiam ter pertencido a antigas tabernas, para que os cavaleiros fossem servidos sem terem de desmontar.

A antiga cadeia, que servia o couto de Recardães, está reduzida aos alicerces.

CASA ANTIGA — em *RANDAM*.

Foi bom edifício dos começos do século XVIII, que a família a que pertence esque-

IGREJA PAROQUIAL — tendo por padroeiro St.º André apóstolo.

O conjunto construtivo é corrente, só se destacando pela capela-mor. A grande reforma deve datar do final do século XVII, havendo outras menores e posteriores.

O grês regional constitui a parte principal das cantarias antigas.

A singela frontaria, de porta rectangular, tem à direita a torre, ficando no plano desta o reduto do baptistério.

Acompanham o arco cruzeiro dois menores, cavados na parede e destinados a altares colaterais.

O retábulo de madeira dourada da capela-mor e o respectivo tecto datam da mesma época. Poderão ser de encargo do padroeiro episcopal, pois que era aos padroeiros que incumbia a construção e reparação da capela-mor, e talvez por isso ficando a contrastar com a singeleza do corpo.

O retábulo segue o tipo reentrante dos fins do século XVII: a cada lado duas colunas salomónicas revestidas de parras, aves e crianças, completadas dos respectivos arcos, do mesmo tipo. O conjunto dos arcos está dividido em sectores, como é de hábito, por meio de travessas que se coordenam com as divisórias dos caixotões do tecto. O vasto camarim, de tecto e paredes divididas em painéis, encerra trono de degraus altos e decorados.

Reparte-se o tecto em três séries de seis caixotões, por cordões entalhados e dourados. Nos dezoito claros foram pintadas cenas da vida de St.º André, que letreiros elucidativos acompanham. São de nível meramente artificianal e num estilo do seiscentismo corrente.

Este conjunto de retábulo e tecto, posto que obra artificianal, dá agradável impressão de riqueza decorativa, em meio rural como este.

Estão colocadas na tribuna duas esculturas de madeira, de tamanho médio: *Cristo preso à coluna*, do século XVII, *St.º André* com a cruz em aspa, colocada pela parte posterior, já do século XVIII, obras correntes.

Os dois retábulos colaterais são da mesma época daquele, tendo só duas colunas torcidas e um arco, aquelas e este com o mesmo ornato de parras. As respectivas mesas, tratadas em concheado, pertencem já ao século seguinte.

O resguardo do púlpito é de balaústres de castanho, torneados e espiralados, do tipo dos séculos XVII-XVIII.

Forma o piso do púlpito uma antiga campa de letras gastas.

No degrau do altar-mor colocaram uma fiada de azulejos duns três tipos, de relevo, sevilhanos, do século XVI, provenientes provàvelmente de antigo frontal.

Perto da igreja, um cruzeiro conserva de antigo só a coluna toscana, do século XVII.

CAPELA DE SANTO ANTÓNIO — no centro da povoação.

A reconstrução remonta ao século XVII, como se vê da porta principal e do pequeno arco-cruzeiro, havendo outras obras, como a da recente torrezita.

O retábulo de madeira entalhada e dourada pertence ao tipo dos da igreja: duas colunas salomónicas a cada banda e arcos torcidos.

O tecto de apainelado conserva cordões simples mas dourados.

St.º António, com livro e cruz, é de calcário coimbrão, do século XV, mas bastante tosco.

O púlpito provém do século XVII e é de calcário, sendo de forma cilíndrica e pé em balaústre, com querubins neste e na base da bacia.

BELAZAIMA DO CHÃO

Faz parte das freguesias do nascente do concelho. Metida num vale que vem do Caramulo, ocupa a parte baixa e alargada, ao passo que Belazaima Velha, quilómetros a montante, está encerrada na região dura. O pequeno curso de água é afluente do Águeda, pela margem esquerda, a seguir à confluência do Agadão.

A casa de Bragança teve o padroado eclesiástico.

IGREJA PAROQUIAL — com o título de S. Pedro, o príncipe dos apóstolos.

Letreiro gravado no friso da porta principal esclarece a reconstrução do século XVIII:

ESTA.OBRA.FOI.FEITA.NA.ERA
DE 1748.A.
SERVINDO.DE.IVIS.DA.IGREIA.
(espaço raspado)
2 (espaço raspado) .DE ALVARIM.
COM OS SEVS.EMLEITO

Vimos reempregadas e ainda dispersas jambas e dintéis do século XVII.

As cantarias são de calcário, com um outro elemento de granito.

Templo de medianas dimensões. O arco do cruzeiro é ladeado de outros dois incluídos na espessura das paredes e destinados a altares; junto destes, nas paredes dos flancos, há outros dois mas desenhando só um quarto de círculo; para o mesmo fim, mais dois se recortam nas mesmas paredes, ligeiramente afastados dos anteriores.

A torre encosta-se à direita da fachada, cavando-se-lhe o baptistério na parte inferior. Só uma porta travessa, à esquerda, e em frente o púlpito.

A singela frontaria mostra cunhais apilastrados e cornija a cortar a base da empena. A porta de verga direita tem frontão curvo. Rasgam-se à altura deste duas janelas simples e rectangulares. A empena é limitada por cimalhas em forma curva. A meio alberga-se pequena imagem de *S. Pedro*, sentado, de calcário, insignificante, do final do gótico. A torre mostra nos ângulos gárgulas ornamentais, cilíndricas e caneladas; o remate é moderno. Todos os pináculos dos cunhais da igreja foram refeitos. Os vãos são simples.

Repartem-se os tectos em caixotões singelos, formando oito séries de cinco no corpo e quatro de cinco na capela-mor. Aqueles têm pintura lisa de 1844; estes, rótulos concheados, lendo-se num: IVNHO DE 1772. O arco cruzeiro mostra ainda restos agradáveis de pinturas em concheado.

São cinco os retábulos, da segunda metade do século XVIII e de madeira dourada e policromada. O principal é o mais simples: quatro colunas compósitas e largo camarim.

O par formado pelos colaterais segue traçado comum, como semelhantemente os dois dos flancos, mas diversificados daqueles. Cada um possui duas colunas compósitas, cimalhas onduladas, anjos acroteriais, motivos esculpidos em concheado.

Adorna o espaço envolvente da curva do arco-cruzeiro, ligando-se aos retábulos, larga composição de madeira entalhada, dourada e policromada, de temas curvos, completados de motivos concheados, de igual tempo das outras talhas.

Os meios-arcos dos flancos, junto aos colaterais, encerram pinturas artificianais em madeira, da mesma segunda metade do século XVIII: ao evangelho *S. José* e ao oposto *S. Cristóvão*.

Encontram-se no altar-mor as esculturas de madeira de *S. Pedro* e *S. Paulo* e no colateral da esquerda a *Virgem e o Menino* (Rosário) da época dos retábulos, obras vigorosamente cortadas mas de nível artificianal.

Uma *Virgem e o Menino* do meado do século XV, estando porém mutilada a cabeça do menino.

S. Brás, pequeno, em pé, com a criança ajoelhada, pertence aos séculos XV-XVI e é secundária. Outras de pedra, posteriores, são populares.

A bacia de pedra do púlpito, anterior à reforma, assenta em mísula clássica, com o anteparo de madeira, de balaústres torneados e torcidos. Este é do princípio do século XVIII, mas o quebra-voz da segunda metade. Pia baptismal, oitavada, singela.

Um dos sinos tem a assinatura de JOZE DE ARGOS ME FES ANNO DE 1805. Ao mesmo fundidor pertence um outro, a que não vimos o ano.

CASTANHEIRA DO VOUGA

Castanheira formou pequeno concelho da monarquia antiga, colocado entre o Alfusqueiro e o Vouga, dependendo da terra da Feira, cujos senhores, os condes e depois a casa do Infantado, tinham o padroado eclesiástico.

A povoação que dá o nome à freguesia afasta-se para norte, no começo de pequeno vale secundário do Alfusqueiro. Levanta-se porém a igreja em sítio isolado, do outro lado já da linha média do dorso que define a freguesia e faz a partilha das águas, a alguns quilómetros a sul daquela localidade, a dominar o vale austero e ravinoso do Águeda.

Perto da igreja e para o lado da capela-mor vê-se, à direita, a antiga casa de residência paroquial, pequena, baixa, em começo de ruína. Anda-lhe ligada a tradição dos Castilhos, por aqui ter sido pároco o Augusto, ter vivido com ele o poeta António Feliciano. Plantou o cedro que ainda se conserva, decrépito hoje, passado um século e três decénios! A casa, mesmo em bom estado, era muito modesta, um verdadeiro presbitério da montanha.

IGREJA PAROQUIAL — do titular de S. Mamede.

O milésimo de 1758 gravado na porta indica a época da reconstrução. Empregaram

o granito nas cantarias, apesar da região ser do xisto dos contrafortes do Caramulo.

O mobiliário e a decoração, sendo da segunda metade do século XVIII, dão grande unidade à igreja e aspecto muito agradável, posto que o nível geral se não eleve da artificiania.

O conjunto, de dimensões correntes, compõe-se de corpo e capela-mor, torre à esquerda da frontaria, sacristia e arrecadações postas ao lado esquerdo da igreja e unificadas por cornija seguida e pilastras nas esquinas dos extremos.

Todos os cunhais são tratados em forma de pilastras toscanas, em cuja perpendicular se levantam pirâmides; cantarias vincam os sub-beirais e empenas.

A porta principal de vão curvo é ladeada de pilastras toscanas e mostra frontão interrompidos, cujos ramos enrolam nas terminações. Logo acima, e na linha da base da empena, recorta-se óculo quadrilobado.

A torre divide-se em dois corpos, concatenando-se os respectivos pilastras baixas com as da frontaria. Nos ângulos da cimalha projectam-se quatro gárgulas cilíndricas; sobre a mesma assenta balaustrada; a cobertura é em pirâmide octógona.

Abre-se porta travessa no flanco direito; de vão rectangular, friso e cornija. As janelas, igualmente rectangulares, são simples.

Os tectos, apainelados e pintados a cola, mostram nos da capela-mor rótulos de tipo concheado, encerrando singelos emblemas. Letreiro data a pintura: 5 DE AGOSTO / DE 1778 ANNOS.

Os do corpo pertencem a duas épocas. A primeira série de cinco, encostada ao arco-cruzeiro, contém outras tantas cenas da *Paixão de Cristo*, a óleo, de tipo artificianal, a imitar o grande conjunto da freguesia vizinha e antiga anexa, a de Agadão. Não tendo prosseguido a pintura figurativa, foi continuada no género da capela-mor, mas de rótulos concheados mais simples. Esta segunda fase está comemorada em letreiro que a humidade danificou, principalmente no milésimo, que aparenta ser: ANNO DE M.DCC.LXLII(?). 16.DE ABR., o que daria a leitura de 1792.

O coro-alto sofreu renovação e pintura em 1893, segundo outro letreiro esclarece.

São cinco os retábulos: o principal, dois colaterais ao arco e mais dois nos flancos fronteiros; todos de madeira entalhada, dourada e policromada de marmoreados.

Os dos flancos são os mais antigos. Provàvelmente reempregaram os da igreja anterior para os outros pontos e só os substituíram mais tarde, tanto mais que se vêem empregadas como material de enchimento pedras de calcário coimbrão que poderiam ter feito parte dos mesmos.

Esses dois dos flancos deverão pertencer ao terceiro quartel do século XVIII; são da transição do barroco joanino para o concheado da segunda metade do século. Faz a respectiva envolvência um arco lavrado, rematado de rótulo com anjos-famas. Na parte interna insere-se a cada lado coluna torcida, de grinalda de flores no cavado. A meio vê-se no da epístola a escultura de *St.º António* sobre mísula; no da esquerda um relevo com as *Almas do Purgatório, S. Miguel e a Trindade*.

O retábulo principal e os colaterais interpretam os modelos correntes na segunda metade do século XVIII; quatro colunas naquele, duas neste, grande camarim no primeiro, frontão ondulante, anjos acroteriais e glórias solares na parte alta, ornato concheado. Completa em certo modo os colaterais a armação envolvente do arco-cruzeiro, do mesmo tipo deles e em forma dos remates derivados de frontões ondulantes e interrompidos, com anjos acroteriais.

O púlpito de pedra data da época geral, bem como as colunas que suportam o coro-alto, que têm pias envolventes, seguindo um desenho que fosse o agrupamento de quatro.

A escultura do titular, *S. Mamede*, no altar principal, é do mesmo tempo, de madeira; representado como criança, de bornal a tiracolo.

Pendem das paredes duas grandes telas, em mau estado, do século XVIII, obras comuns: *Virgem da Soledade, Cristo flagelado*.

Um dos sinos, de 1806, está assinado, JOZE DE ARGOS ME FES, o outro, de 1860, por JOAQUIM DIAS DE CAMPOS, fundidores de Cantanhede.

A *capelita de S. Jorge*, construção moderna e insignificante, encontra-se perto da igreja. Alberga pequeno relevo de *S. Jorge* a cavalo,

vestido de guerreiro, a dominar o dragão, trabalho secundário do século XVII.

CAPELA DO ESPIRITO SANTO, em *CASTANHEIRA DO VOUGA:*

Edifício de tipo corrente, renovado há poucos anos. Retábulo sem interesse, vendo-se nele pequenos painéis de santos, secundários.

As esculturas de pedra são três: *Trindade*, na forma tradicional, secundária, do século XVII; *St.º Amaro* do século XVII e *St.ª Luzia*, talvez dos séculos XV-XVI, ambas nìtidamente populares.

ESPINHEL

Espinhel, entre o Águeda e o Cértoma, dependia do concelho antigo de Ois da Ribeira, terra que ocupa o espaço final da confluência desses rios.

A sede e algumas das suas povoações já aparecem mencionadas na época da primeira reconquista cristã. Espinhel, Paradela e Oronhe vêm nas confrontações duma relação de terras de Recardães, do ano de 982, bem como aquela é referida em 1018. Semelhantemente se encontra na relação de Gonçalo Viegas e D. Châmoa de 1050; todavia Paradela como sendo sua propriedade por herança.

A mitra de Coimbra no século XII tinha aqui bens.

Espinhel entrou no dote que D. Afonso 4.º deu à infanta D. Maria, para o casamento com D. Fernando de Aragão.

A igreja de Santa Maria do Espinhel foi uma das transferidas a comenda da Ordem de Cristo, por concessão de Leão X a D. Manuel I.

A povoação de Casal de Álvaro, já na outra margem do Águeda, a direita, formava, como deixámos dito atrás, pequeno concelho da época absolutista com a povoação de Bolfiar (freguesia de Águeda). Obteve foral manuelino em 1514. Foram por certo tempo senhores da terra os Cunhas de Pombeiro da Beira. Franklin fala duma sentença a favor dos moradores contra João Álvares da Cunha, de 9 de Maio de 1504, de que o conde da Borralha publicou extractos. Aqui faleceu e foi sepultado Mateus da Cunha, trasladado bastantes anos depois para o túmulo manuelino de Pombeiro *(Inv. do Dist. de C.ª, est. XLI)*. Foi uma das terras que entraram na doação a D. Jorge por D. João II e na confirmação de D. Manuel, ficando na casa de Aveiro.

IGREJA PAROQUIAL — consagrada a Nossa Senhora da Conceição.

Concatena-se dos elementos costumados, tendo além disso duas capelas abertas nos flancos, junto aos ombros, e uma outra à direita, aberta recentemente, abaixo da porta lateral; torre à direita da frontaria, em cujos baixos está o baptistério.

A reforma geral deve datar dos fins do século XVII. Usaram o calcário nos arcos das capelas e no arco-cruzeiro, o grês vermelho na porta lateral. A data de 1657 na singela entrada da sacristia indicará um aproveitamento do antigo. A frontaria com a torre, cujas cantarias são já de granito, datará da primeira metade do século XVIII, feita talvez com avançamento de posição, para dar maior amplitude à igreja.

A frontaria tem porta rectangular, rematada esta dum conjunto formado de pequeno nicho sobreposto de fresta, conjunto ladeado de volutas. Em igual altura rasgam-se duas janelas do coro, de linteis direitos. O nicho, bem como a escultura da *Senhora da Conceição*, são de calcário, do século XVII, restos prováveis de retábulo pétreo. A torre concatena-se com a fachada e compõe-se de dois corpos; dos ângulos da cimalha saem gárgulas cilíndrica, rematando-a balaustrada de pirâmides angulares e cobrindo-a uma obra posterior.

O arco cruzeiro é muito decorado, posto que o ornato seja de execução artificianal. Remata-o cimalha direita que lateralmente quebra em pendentes. As faces internas dos pés direitos e do arco e ainda a externa deste recortam-se em quadriculados com rosáceas de acanto. Assentam na cimalha três pequenas e modestas esculturas da *Fé*, *Esperança* e *Caridade*.

A capela do flanco do evangelho, dedicada a S. João Baptista e sede da irmandade do Santíssimo, mostra o arco de entrada decorado de simples rectangulados. No fecho está brasão grosseiramente esculpido e com os símbolos mal e incompletamente representados: partido de Figueiredo e Barbosas, com timbre dos primeiros. Lê-se na face do arco, em capitais, algumas vezes geminadas, com abreviaturas que desdobramos:

ESTA.CAPELLA.MANDOV FAZER.A SVA
CVSTA.IOAM DE FIG(VEIRE)DO
BARBOZA VIGAIRO.DESTA IGREIA.
P(AR)A.SVA.SEPVLTVRA E DE
SEVS.PARENTES ANNO.DE.1674

Dentro, na parede da direita, há outro letreiro:

ESTA CAPELA MAND
OV FAZER A SVA CUST
A IO(AM) DE FIG(VEI)R(E)DO

BARBOZA V
IG(AI)RO DESTA IGR(EI)A PERA
SEV EN
5 TERRO E DE SEVS PARENTES
TEM MISA PERPETVA CÕ
R(EN)DA CERTA D(OMING)OS E DIAS
S(AN)TOS ADME
NISTRA A CONFR(ARI)A DO S(ANTI-
S(SI)MO SACRAM(EN)TO
9 ANNO 1678

A campa do instituidor conserva o letreiro gravado por canteiro imperito e ignorante, com abreviaturas, letras geminadas e inclusas:

S(EPVLTVR)A
DE IOAO DE FIG(VEIRE)DO
BARBOZA ABB(A)DE QVE
FOI DE PINHIEI(RO)
5 CONIGO CVRA
NAS COLLEGIA(D)A(S)
DE GVIMARAES E
BARCELLOS HE VI
GAIRO DESTA
10 IGREIIA
CVIA CAPELLA MA
NDOV FAZER A SVA
CVSTA P(AR)A NELLA SE
ENTERRAR HE SE
15 VS HERD(EI)ROS ANN(O)
1674

A cobertura da mesma capela imita abóbada às quartelas; talvez só tijolo recoberto de argamassa. No singelo retábulo a escultura de *S. João Baptista*, do século XVII e popular.

A capela fronteira, a das Almas, é sede da irmandade do mesmo título. O arco segue o modelo da anterior, mais simples; do mesmo género é a abóbada.

O retábulo principal, de madeira dourada, tipo final do século XVII, compõe-se de duas colunas torcidas a cada lado, e arcos respectivos, aquelas e estes envolvidos de pâmpanos, tribuna ampla mas modificada. Sacrário de colunitas de igual teor e relevo na porta, *Cristo ressuscitado*.

Os dois retábulos colaterais ao arco, posto que de colunas salomónicas e parras, do fim do século XVII, sofreram alterações no XVIII, na parte do remate e nas mesas que têm ornato concheado. Igual mesa se vê na capela da esquerda.

O retábulo de madeira da capela das Almas pertence ao terceiro quartel do século XVII mas sofreu igualmente modificações na segunda

metade do seguinte. Avultam nos pedestais das duas colunas pequenos relevos, *S. Cristóvão* e *S. Pedro*.

Singelas as esculturas: *Virgem e o Menino* (Rosário) de calcário, do século XVI final; *Nossa Senhora da Assunção*, do barroco do século XVII; *S. Cristóvão*, de barro, século XVIII.

Há dois quadros pintados em madeira *S. Pedro* e *S. Paulo*, de tamanho perto do natural, século XVII, imitando pinturas anteriores, obras inferiores. Provindos da capela de S. Frutuoso, acabada de desaparecer recentemente, existem outras quatro tábuas do século XVII, menores que aquelas, obra artificianal, igualmente no seguimento quinhentista, *Virgem* e *Anjo da Anunciação*, *S. Frutuoso* e *S. Bento* ao parecer.

Digna de nota pela raridade é uma pequena *cruz processional*, de cobre que foi dourado (A. 0,33; L. 0,205), de braços de flordelizado só esboçado, com quatro engastes para cabuxão, Cristo crucificado, de coroa aberta e pés cruzados. Se guarda fórmulas arcaicas, outras mais novas (como era comum em certos centros de fabrico) devem-na datar dos séculos XIII-XIV. Falta o nó.

A pia de água benta da porta axial mostra ornatos decadentes do tipo dos do arco-cruzeiro.

CAPELA — em *CASAL DE ÁLVARO*, de Nossa Senhora da Conceição.

Edifício vulgar. A escultura da *Virgem e o Menino*, de tamanho médio, calcário, é obra agradável dos meados do século XVI e do tipo corrente nas oficinas coimbrãs.

Vimos arrumadas duas obras populares, de calcário, do princípio do século XVI, *Trindade* e *S. Sebastião*.

Pequena lâmpada de prata, graciosa mas mutilada, dos fins do século XVIII.

Ao cimo da povoação levanta-se alto cruzeiro, de braços compridos e de secção losangular, sobre pedestal e degraus, do século XVIII.

CAPELA — em *PARADELA*, de S. Pedro, príncipe dos apóstolos.

Hoje, como no século XVIII, afirma-se que a antiga igreja da freguesia esteve no sítio desta capela. O que essa tradição possa significar não sabemos.

A capela, modernizada, tem sofrido as frequentes alterações que a pouca consistência do grês regional exige. Encosta-se à frontaria a torre.

Os retábulos são novos. Anotamos as esculturas de pedra, obras artificianais e secundárias. *S. Pedro*, em pé, com as chaves e a férula ou cruz de braços floridos, pregas arredondadas, da segunda metade do século XV, tendo como originalidade um sarmento que sai da peanha e invade a parte inferior do vestuário, com aves e uvas debicando; poderá representar uma tradição local. *S. Salvador*, isto é, Cristo ressuscitado, de manto de pregas requebradas, mutilado, dos séculos XV-XVI. *Virgem sentada* e o menino ao seu lado esquerdo, dos séculos XV-XVI, nìtidamente popular.

CAPELA — em *PIEDADE*, de Nossa Senhora da Piedade.

A cantaria, que é o grês, reveste só os vãos. A porta principal e a travessa são rectangulares e de friso e cornija; uma sineirita levanta-se no ponto angular da empena da frontaria.

Há duas esculturas de *Nossa Senhora da Piedade*, ambas de calcário, do século XVII e factura papular.

CAPELA — em *ORONHE*.

Edifício modesto e renovado. Conserva do século XVII, época da principal reconstrução, o arco-cruzeiro e, na porta, a verga direita, em grês vermelho regional. Pelos postigos, na impossibilidade de encontrar a chave à hora a que passámos, vimos que a escultura de pedra do padroeiro, um apóstolo, deveria ser do fim do século XV e popular. Um *S. Sebastião* é um pouco posterior.

QUINTA DO MORANGAL. A antiga casa dos Pintos de Almeida caiu em grande abandono.

Pertence ao século XVII. Desenha em plano um ângulo recto voltado ao pátio. O corpo mais extenso era destinado à habitação geral; mostra janelas rectangulares. O menor formava varanda e nela ainda se abre a porta de honra, encimada pelo escudo dos cincos crescentes dos Pintos e dos seis besantes, cruz doble e bordadura dos Almeidas, por timbre a águia dos segundos. Os interiores não têm interesse, mesmo a casa era simples.

A capela, ao lado deste corpo mas recuada e em plano mais elevado, encontra-se degradada a curral. Venderam-lhe não só o mobiliário mas até os tectos, tendo mesmo desaparecido a lápide da fundação.

FERMENTELOS

Tem desde 1927 o título de vila.

Assenta a sul da laguna fluvial denominada Pateira, que não é mais que o termo do rio Cértoma, a que se junta como afluente a ribeira do Pano.

Fermentelos pertencia ao concelho medievo de Ois da Ribeira. Aparece designada na alta Idade Média por *Faramontenellos* (o que é fácil de confundir com *Faramontanos* que é Fermentões).

Refere-se a relação dos bens rústicos de Gonçalo Viegas e D. Châmoa, como sua propriedade por inteiro, no ano de 1050, já na proximidade da reconquista definitiva.

IGREJA PAROQUIAL — de St.º André, apóstolo.

O actual edifício provém da reconstrução do presente século estando datado de 1911; amplo, torre a meio da frontaria, duas capelas nos flancos, postas à altura dos ombros e fronteiras.

Renovaram o recheio, vindo retábulos de igrejas desafectas.

O retábulo principal dizem que é originário da região lisbonense e, na verdade, não se se liga aos tipos daqui. Deveria ter pertencido a igreja carmelita; assim o indicam certos emblemas, o motivo da grande tela e o escudo do alto que é partido das armas do Carmo e de Portugal. Boa composição da segunda metade do século XVIII, de dois pares de colunas e capitéis compósitos, alto camarim fechado duma tela, entablamento curvo, acima do qual se levanta glória solar, ladeada de grandes figuras sentadas, *Fé* e *Esperança*. A escultura do titular, *St.º André*, quase em tamanho natural, é regular obra moderna.

A tela, proveniente de oficina lisbonense e de boa execução, representa *St.ª Teresa*, à qual aparece Cristo acompanhado do Padre-Eterno e da pomba simbólica, com anjos e querubins. Estas telas são raras no centro do País.

Datam porém de tempos recente os retábulos colaterais.

Bastantes regulares são os das duas capelas: ambos do mesmo tipo e cerca do decénio de 70 do século XVII; dois pares de colunas erguidas em pedestais enquadram nicho, sendo os fustes inteiramente envolvidos de enrolamentos de acanto, mas nos terços e nos pedestais os temas derivam de rótulos, o que se repete noutros lugares. Foi alterada a douragem antiga. Há ainda adaptação de pequenas obras de talha.

As esculturas, mesmo antigas, não têm grande interesse. Colocaram no breve nicho da frontaria *St.º André*, escultura de pedra, do século XVII e secundária.

A custódia de prata dourada, com o contraste portuense do meado do seculo XIX e o do fabricante ASN, inspira-se nos temas setecentistas.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS FEBRES — na povoação sede.

Além de ser designada pelo titular antigo, também é conhecida pelo de St.º António.

Singela, de sineirita à direita da frontaria, tipo e execução corrente.

A principal reforma data da segunda metade do século XVIII, como se vê tanto pela porta e pelos pés direitos do arco cruzeiro, como por letreiro gravado neste:

FOI FVNDA/DA NO ANN/O D(E) 1793 A

Todavia a fundação era mais antiga; a volta do mesmo arco-cruzeiro, de arestas simplesmente chanfradas, deve datar do século XVI.

O retábulo de madeira dourada, do princípio do século XVIII, mostra por lado duas colunas torcidas e com parras, a enquadrarem nicho, completando-se de arcos do mesmo tipo.

Dizem-nos que o edifício foi já substituído por outro, ao gosto moderno. O que descrevemos estava em mau estado.

CRUZEIRO — a meio de pequeno largo da povoação.

Templete de quatro colunas toscanas firmadas em pedestais, entablamento simples. A cobertura é nova, como a cruz central, além de diversos arranjos e da consolidação recente.

BIBL. — A. Nunes Vidal, *Fermentelos*, 1938

LAMAS DO VOUGA

Reúne a freguesia quatro povoações na confluência do Marnel com o Vouga; duas delas nos terrenos intermédios — Lamas junto àquele rio, a de Vouga ao do mesmo nome — ficando no morro a nascente os restos romanas, tradicionalmente apontados pelos escritores.

Vouga foi cabeça de antigo concelho que, no fim da Idade Média, abrangia algumas freguesias envolventes, no todo ou só em parte. O principal aglomerado deveria ter sido o de Arrancada, que ainda hoje conserva regular conjunto de velhas casas.

A última concessão do julgado do Vouga fê-la D. João 1.º, em 1398, com todos os bens que eram de Egas Coelho, passado a Castela, a Diogo Lopes de Sousa, 18.º senhor da grande casa de Sousa. Veio, por herança, aos condes de Miranda do Corvo e depois marqueses de Arronches, e aos duques de Lafões.

A época constitucional ainda aqui organizou um concelho do novo tipo que acabou em 1853.

A freguesia, à excepção das pontes que vamos descrever, pequeno interesse tem para este inquérito artístico; por isso resumiremos ao essencial esta nota.

De grande interesse é porém para a história, na primeira reconquista, dos séculos IX e X, na recuperação muçulmana seguinte, até ao definitivo domínio cristão no século XI. Nenhuns restos materiais encontrámos dessas épocas; o que igualmente nos tem acontecido em outros pontos em que uma boa documentação revela o antigo povoamento local.

Essa importância na alta Idade Média teve como base os nateiros dos mencionados rios, que aqui alargam, região esta que podemos chamar a confluência fértil.

Esta razão foi completada pela linha de trânsito sul-norte. O estudo topográfico geral convence que esse atravessamento fluvial deve remontar às pistas aborígenes e que sempre foi decalcado pelas estradas até à actualidade.

As ruínas romanas do cabeço dominante, que tanta impressão fizeram nos nossos antigos escritores, deviam ter-se mantido destacadas por largo tempo. Há anos atrás foram as suas subestruturas postas a descoberto. Este ponto, pois, tem de merecer sempre cuidadosa atenção aos estudiosos tanto da época clássica como da alta Idade Média, e ser tido em conta quer em identificações quer em conceitos históricos gerais.

A igreja, na primeira reconquista, deveria ter assentado no sítio em que se manteve até ao século passado, na margem sul do Marnel.

Formou pequeno mosteiro que aparece designado «mosteiro do Marnel a que chamam Santa Maria de Lamas». Doado em 957 por Indérquina Pala a S. Salvador de Viseu, foi todavia, no ano de 961, na grande

doação que a mesma fez ao mosteiro de Lorvão, incluído com aquele e as vilas rústicas que tinha naquela região. A vila de Lamas volta-nos a aparecer noutra doação ao laurbanense, em 981, por Gonçalo Mendes. Essa categoria de mosteiro desapareceu com o novo domínio muçulmano.

Em documento de 1050, já próximo à reconquista definitiva, a vila rústica de St.ª Maria de Lamas encontra-se relacionada entre os bens, recebidos em herança e a recuperar, de Gonçalo Viegas e de D. Châmoa, além de Pedaçães com outros em riba Vouga.

O padroado da igreja esteve na casa de Aveiro, passando à coroa.

IGREJA PAROQUIAL — do título de Nossa Senhora da Conceição.

Assenta em socalco natural, da parte do poente do cabeço entre Vouga e Marnel, a dominar a povoação de Lamas.

Até ao século XIX o sítio da igreja foi em ponto baixo e fronteiro, na margem esquerda do Marnel, a montante da antiga ponte. Visitámos o local, transformado em campo de cultura. Vêem-se ainda restos da capela-mor, que são incarecterísticos. Nos trabalhos de arroteamento têm aparecido ossos, encontrando-se alguns arrumados num recanto da mesma capela-mor. Vimos ali restos soltos de azulejos servilhanos de aresta, do século XVI, de diversos padrões, tendo sido recolhidos outros pelo proprietário da terra.

Lápide, que transcrevemos abaixo, e que provàvelmente já não corresponda à construção desaparecida no século passado, esclarece uma reedificação do século XII, comemorando a sagração da igreja de Santa Maria de Lamas, pelo bispo de Coimbra D. Miguel, sendo pároco o presbítero Vermundo, na era hispânica de 1208 (A. 1170), a 10 de Maio (VI Id.), dia consagrado aos santos Gordiano e Epímaco, à honra da Virgem Santa Maria, ano da encarnação do senhor de 1170, reinando em Portugal Afonso filho do conde D. Henrique e da rainha D. Teresa, tendo sido inseridas, na respectiva cavidade do altar da igreja, relíquias do sepulcro da bem-aventurada Virgem Maria, dos Santos Felicíssimo e Agapito, de S. Sebastião, de Santa Maria, do sepulcro do Senhor.

A data está indicada pela era hispânica e pela era da Encarnação. Esta era começava frequentemente na península no primeiro de Janeiro, todavia era-lhe próprio o começo em 25 de Março, dia que seria aqui o primeiro do ano de 1170 segundo o método florentino. Utilizasse o minutador um ou outro começo, já nesta altura de Maio ambas concordavam.

A construção é obra vulgar da segunda metade do século XIX. Torre à esquerda da frontaria, porta de lintel e cornija, óculo quadrilobado; porta travessa e janelas comuns.

A bacia de pedra do púlpito é mais antiga, assentando em mísula do século XVIII inicial.

Retábulos oitocentistas, seguindo esquemas do período anterior.

Muito secundária a antiga imagem da padroeira, *Virgem e o Menino*, do século XVII.

Dispostas em frente ao arco-cruzeiro estão quatro campas da família Melo, da povoação do Vouga, três de pessoas falecidas na segunda metade do último século. A do meio:

AQUI JAS
O DO(UTO)R AN
TONIO RO
IZ DE MEL-
5 LO PRIOR
Q(UE) FOI DES
TA FREG(UESIA) FA
LLESCEU
NO DIA 28
10 D(E) (NOVEM)BRO DE
1848 DE ID(AD)E
84 A(NO)S PA
ROCHIOU
48 A(NO)S

A inscrição da igreja velha foi cravada na sacristia; é de letras do século XII, capitais e unciais, inclusas, sobrepostas, geminadas e com abreviaturas, medindo a pedra de comprimento 0,63 m. e de altura 0,24 m. e sendo a interpontuação feita por três pontos que substituímos por dois, pelas exigências tipográficas:

+ DEDICATA:FVIT:ECCL(ES)IA DE
S(AN)C(T)A MARIA DE LAMAS
AB EP(ISCOP)O COLIMBRIE: DO(M)NO
MICHAELE:P(ER) MAN(VS) VER-
MV(N)DI ECCL(ESI)E:
P(RES)B(ITE)RI:SVB ER(A)
Mª.CCª.VIII:VIº:ID(VS) MAGII:
I(N) FESTIVITATE S(AN)C(TO) =
R(VM) CORDIANI:
(ET) EPIMACHI:I(N)HONORE
S(ANC)TE MARIE VIRGINIS: ANO
AB I(N)CARNACIO(N)NE D(OMI)NI
5 Mº C.LXXº:REGNA(N)TE AP(U)D
PORTVGALE REGE ALFO(N)SO:
COMITIS HE(N)RICI:(ET) REGI

NE TARASIE FILIO:HOR(VM) V(ER)O
S(AN)C(T)OR(VM) I(N) P(RE)FATE
ECCL(ES)IE ALTARI (CON)DITE
HABE(N)T(VR):
DE SEPVLC(R)O B(EAT)E M(A)RIE
VIRGINIS:RELIQ(V)IE S(AN)-
C(T)OR(VM) FELICISSIMI (ET)
AGAPITI:(ET)
S(AN)C(T)I SEBASTIANI:(ET)
S(AN)C(T)E MARIE:DE SEPVLCRO
D(OMI)NI:Q(V)I SCRIPSIT VIVAT
I(N)
9 ETERNV(M):AM(EN):

PONTES DO VOUGA E DO MARNEL.

A estrada antiga, vindo do Norte, atravessava, como ficou dito, o rio Vouga, seguia depois a linha natural de trânsito que contornava a lingueta do morro da confluência (em lugar de a cortar, como hoje faz a actual), vencendo a sul o rio afluente, o Marnel. Originaram-se deste percurso as duas pontes deste trajecto. São obras topogràficamente correlativas, como correlativas aos mesmos pontos de passagem são as aldeias, a de Vouga ao norte, a sul a de Lamas.

Letreiro na grande *ponte do Vouga* esclarece:

ESTA OBRA MAN
DOV FAZER O SENH
OR DOM IOAM REI
DE PORTUGAL O Q(V)INTO
5 QEV *(sic)* DEOS G(VAR)DE
1713 A(NOS)

Todavia, apesar destes dizeres, a obra de D. João V foi só de reforma e de acrescentamento de alguns vãos.

Há outra anterior, que forma a parte principal, ordenada por D. João III.

Em carta ou alvará de 26 de Fevereiro de 1529 nomeava este rei a Jerónimo Gonçalves, fidalgo escudeiro, residente em S. Pedro do Sul, *vedor e recebedor da obra da pomte que ora mamdo fazer no rio de Vouga e sull*. Foi seu construtor Mestre Ryanho *(mestre que foy da obra da ponte da dita villa)*. Residia este nesta mesma vila de Vouga ainda em 1552. O mestre fora ferido numa mão em época indeterminada, por Fernão Guayano «pedreiro biscainho»; facto que se deveria ter verificado fora desta região, pois que Guaiano fora preso em Monforte de Rio Livre, no alto Tâmega, o que nos impede de ligar mais um nome de biscainho a esta ponte.

Foi a ponte adaptada ao novo sistema de viação no século XIX e alargada em 1930 pela Junta Autónoma das Estradas, como outro letreiro esclarece. Este alargamento realizou-se por meio de grandes cachorros de cimento, que suportam não só os passeios como também parte da faixa de rodagem.

Nada notámos que fosse mais velho que a obra quinhentista. Todavia houve outras anteriores; assim indicam certas doações medievas às pontes do Vouga, pois que eram consideradas obras pias tais ofertas e legados por morte, havendo no País caixas e administrações para a recolha dos donativos e para as reparações.

Em 1791 ordenava-se uma vistoria minuciosa da ponte, por peritos.

Consta a ponte de quinze arcos, de volta contínua, quer semicircular quer ligeiramente descida ou em asa de cesto. Os arranques respectivos estão, na maior parte, sensìvelmente ao nível das águas baixas. Não são iguais mas variam tanto nas respectivas cordas como nas flechas correspondentes.

O traçado longitudinal da ponte não segue linha direita, encurva porém na parte média, voltando-se para montante a concavidade. Deve provir tal disposição da necessidade de buscar fundações sólidas no grês pouco firme.

A linha da faixa de rodagem, em alçado, não fica a nível. Já a obra do século XVI tinha os extremos em declive; o acrescentamento do século XVIII atenuou-o em parte; as obras públicas voltaram a diminuí-lo sem o obliterar.

A destrinça da parte que corresponde ao século XVIII e da anterior, a do século XVI, é fácil; o aparelho e o traçado são guias seguras. Pertencem ao século XVIII, seguindo de sul para norte, os três primeiros arcos; os doze restantes são quinhentistas.

A obra setecentista teve por fim libertar dos lodaçais e inundações o trajecto inferior, elevando o pavimento por meio de arcos e não por terraplenos, para que as águas das enchentes se escoassem fàcilmente. Esses três arcos são perfeitos de traçado e execução. A jusante, do mesmo lado sul, acrescentou um embarcadouro bem lançado. A reforma da parte antiga a que se procedeu nesta altura limitou-se à renovação, em profundidade variável, das aduelas altas dos arcos e à consolidação dos

pilares e esporões, renovamento do pavimento e guardas. Frequentemente nas pontes antigas se nota que as calçadas das faixas de rodagem são destruídas parcialmente pelo trânsito, ficando as partes altas dos arcos sujeitas não só às infiltrações mas ao próprio atrito dos veículos.

A parte quinhentista abrange os restantes doze arcos. Os dois primeiros, isto é, o quarto e o quinto da série geral, são baixos, de desigual altura, para permitirem a rampa. O sétimo e o oitavo constituem o centro, não geométrico mas funcional, e são dotados de pegões robustos, alçando-se os talha-mares até ao alto, onde se completam lateral e diagonalmente de alargamentos em sacada, a formarem na plataforma os velhos desvios. Os arcos seguintes são ainda de grande vão, diminuindo na parte norte.

Encontra-se muito siglada esta parte antiga, principalmente nos arcos menores, que não sofreram reforma. Grande número desses sinais pertence ao alfabeto gótico final, havendo-os geométricos e de outros tipos, como béstas com que o canteiro medieval indicou a sua categoria, além das marcações de ordem de fiadas e de disposições de alvenarias.

Esta parte é obra rara no centro do País, tanto como dimensões como execução e época.

Empregou-se o grês vermelho local, que tem suportado convenientemente as pressões, o que nem sempre se nota na região.

*

A *ponte do Marnel* não foi aproveitada pela nova estrada; serve campos de cultura.

A presente construção data da idade-moderna. No entanto o exame dos silhares e sua colocação nos viadutos que a continuam, certas siglas nos arcos, manifestam que na reconstrução se aproveitou o material antigo. As siglas mais características são de certo tipo de letra dos fins medievais. Estes sinais e certa expressão do documento referido atrás levam a crer que tivesse havido uma reconstrução na altura da do Vouga, a do norte. A ponte era mandada fazer no «rio de Vouga e sull». Esta expressão «sull» (se o documento foi lido convenientemente) deverá referir-se à segunda ponte, à do Marnel. Nem a parte transcrita nem igualmente o contexto do documento admitem que se ordenasse obra noutro ponto que não fosse nesta zona de atravessamento da estrada.

Não notámos restos que se pudessem atribuir à época anterior.

O seu traçado segue linha quebrada, em Z; ficando um olhal no primeiro troço, os três principais no segundo, um outro no último. Este traçado deveria ter-se originado na necessidade de fixar os pegões nos pontos mais firmes do afloramento da rocha, que é grês tenro.

Os vãos são em curva seguida, rebaixada nos maiores, perfeita nos menores. Cada pegão completa-se do competente esporão voltado para montante, sendo liso na parte oposta.

Levantaram na entrada norte da ponte nova do Marnel um nicho-oratório, para o qual transportaram elementos daquele outro que se erguia na ponte velha, sobre o pegão medial ao primeiro e segundo arco, da parte de montante. Encerra uma pequena, desataviada e singela edícula de calcário, da renascença coimbrã, do século XVI, do tipo dos sacrários simples, e uma pequena e corrente escultura de barro, setecentista, da *Senhora do Rosário*. A singela grade de ferro tem entalhado um letreiro, com a data de 8 de Julho de 1717.

CASAS — em *VOUGA*. Esta modesta povoação encontra-se logo à saída da ponte do Vouga, vindo do norte, à parte da direita. Teve, como ficou dito, a categoria de vila e foi sede de largo concelho medieval.

As variações de fortuna, a situação em caminho forçado nas invasões de inimigos, deveriam ter concorrido para a decadência e até desaparecimento das velhas moradias.

Logo na entrada se vê uma casa pequena e pobre, seiscentista, de duas janelas de avental rectangular, acompanhadas de mísulas rectangulares.

Mais adiante, à direita, no melhor ponto, permanece casa brasonada, dos fins do século XVIII. Mostra seis vãos no andar nobre, de verga curva, sendo os dois centrais rasgados e com sacada. Devendo ter estado ao abandono, só reaproveitaram os quatro vãos da esquerda. Conserva-se um resto de brasão, de calcário coimbrão, a que falta a parte superior; era esquartelado: no 1.º e 4.º seis

crescentes dispostos em duas palas, no 2.º vê-se hoje só uma folha (talvez de figueira) devendo ter sido cinco, 3.º com três faixas enxaquetadas.

Para o lado da esquerda, destacada, entre uma e outra estrada, há nova casa da segunda metade de setecentos, grande mas de menor categoria.

CAPELA — em *PEDAÇAES*, dedicada a S. Lourenço.

Também a denominam de St.º António. Edifício singelo, comum, porta rectangular, postigos, sinerita à esquerda da frontaria, do século XVIII.

O *S. Lourenço*, de pedra e seiscentista, é nìtidamente popular. O *St.º António*, também trabalho popular, está assinado: «a d(e) 1739 Guaspar».

Pequena *Virgem e o Menino* é obra graciosa, de madeira policromada, da segunda metade do século XVIII. Veio duma capela particular de Vouga.

CAPELA DO ESPÍRITO SANTO — no alto do cabeço entre Vouga e Marnel. Rectangular e sem interesse. A porta da direita, em grês, é mais antiga, a da frontaria, de granito, mais moderna. Deram-lhe maior altura, ficando visível o acrescento.

O nicho do retábulo, de grês vermelho, poderá ser seiscentista, a mesa é moderna e de granito.

Não entrámos, mas pelos postigos pareceu-nos ser a *Trindade* de pedra, gótica, do século XVI inicial e comum. As outras duas esculturas não merecem referência.

O interesse da capela está em perpetuar o culto religioso num alto romanizado.

BIBL. — Manuel da Rocha, *Portugal Renascido*. Lisboa, 1730.

A. S. de Sousa Baptista: *Santa Maria de Lamas*; *Senhores do Marnel*; *Considerações sobre a cidade luso-romana de Vacca, o julgado e o burgo de Vouga*; em *Arq. Av.*, 1947, 1950 e 1953.

Sousa Viterbo, *Diccionario dos Architectos*, II, Lisboa, 1904.

MACIEIRA DE ALCOBA

Assenta Macieira na região alta do Caramulo, como já o definitivo de Alcoba (antigo nome desta serra) indica, a nordeste, na ramificação entre o Águeda (aqui, rio de S. João do Monte) e a ribeira de Alcofra, afluente do Alfusqueiro. Ocupa a zona de contacto do xisto ante-câmbrico com o granito, encontrando-se a povoação nesta rocha, que é o material das construções domiciliárias.

Só há poucos anos a povoação melhorou; isolada e sem possibilidade de trocas de produtos, posto que as condições de pluviosidade intensa fossem favoráveis à cultura do milho, como diz o rifão: quer Deus queira quer não queira, haverá sempre milho em Macieira.

Teve carta de foro em 1298 e fez parte do velho concelho de Préstimo. As rendas eclesiásticas estiveram unidas à albergaria de Doninhas, freguesia das Talhadas (zona-norte do distrito).

IGREJA PAROQUIAL — consagrada a S. Martinho bispo.

A igreja, pequena e arranjada, não apresenta carácter acentuado.

Cerca de 1880 (data gravada na baptistério) remodelaram-na grandemente, sendo pároco José Luís Monteiro. A reconstrução não foi todavia tão funda como ali se diz e apesar do equívoco que pode causar o sistemático reemprego do velho material. Conservaram-se duas paredes do corpo, posto que sofressem alterações.

Todo o material é de granito.

A frontaria é nova, bem como a torre, que lhe fica à direita e metida em parte para o interior da nave. Data a capela-mor igualmente da reforma.

A obra mais antiga deve provir dos fins do século XVII ou dos princípios do seguinte.

O púlpito, todo de granito, de execução rural, assenta num pilarete, sendo o resguardo lavrado de zonas de caneluras.

Datam do século XIX os três retábulos, imitando modestamente os setecentistas.

Acima do fecho do arco-cruzeiro colocaram uma placa de calcário, de oficina coimbrã, do século XVI inicial, gótica, do *Calvário* (Cristo, Virgem e S. João), de execução artificial.

Da mesma pedra e origem há a *Virgem e o Menino*, popular, dos princípios do século XVI.

A sola lavrada e com símbolos papais da cadeira paroquial é antiga, a madeira da renovação.

Vê-se na parte trazeira da igreja, grande pedra de granito, tosca, datada de 1898, na qual se coloca o pão que se distribui a seguir aos funerais.

Para além da igreja, no caminho do principal grupo de casas, encontra-se cruzeiro de granito, de cruz firmada em pequena base, cujos braços são de arestas chanfradas; tipo regional do século XVIII e do seguinte.

A capela de Nossa Senhora foi levantada nos fins do século XIX, pelo pároco referido, no cimo do Outeiro da Vila. A torre, como ponto trigonométrico do morro, dá agradável efeito cenográfico.

BIBL. — J. Domingos Arede: *Estudos Regionais*, Couto de Cucujães, 1925; *Mais um subsídio para a história de Macieira de Alcoba do concelho de Águeda*, Coimbra, 1942.

MACINHATA DO VOUGA

Ocupando a zona em que o Vouga deixa de ser o mero canal de transporte de águas e começa com os depósitos de ricos nateiros, dotada de encostas brandas aonde se estende a linha principal de povoados, a região de Macinhata aparece-nos documentada logo na primeira reconquista.

A já citada relação de bens de Gonçalo Viegas e D. Châmoa, alguns de herança e outros obtidos por os mesmos, mas todos dos períodos cristãos anteriores à data do documento, 1050, menciona a vila de Serém e metade de Jafafe.

Ao passo que Macinhata pertencia ao concelho de Vouga e, consequentemente, sofreu as vicissitudes do mesmo, que resumidamente apontámos atrás, Serém formou um outro independente, pequeno, mas com o termo por uma e outra margem do Vouga, tendo-lhe sido dado foral manuelino em 1514. Um documento de 1170 refere-se à *ciuitas que dicitur Serem*. Teve diversos donatários, sem persistência duma família; merecendo anotar, para o nosso caso artístico, a de Soares de Melo. Diogo Soares comprou em 1633 a António da Silva Saldanha os lugares e vilas de Préstimo e Serém, com autorização da coroa, de três de Agosto. Tendo ficado, pela Restauração, em Castela, foram-lhe sequestradas as vilas. Doadas a Fernando de Mascarenhas (Montalvão e Castelo Novo), passaram ao filho Jorge de Mascarenhas, que usou o título de conde de Serém. Em virtude dos capítulos de pazes e decretos reais, os herdeiros de Soares intentaram processo aos procuradores da Fazenda e Coroa, sendo dada sentença a 17 de Novembro de 1679, na qual se reconhecia por válida a nomeação testamentária em favor de António Soares de Melo (filho de Diogo e de sua terceira mulher e já falecido) mandando restituir as vilas ao autor do processo, que era o irmão Miguel Soares de Vasconcelos.

O convento de Serém, destinado só a doze religiosos, teve por fundador o referido Diogo Soares, que o dotou em escritura de 21 de Março de 1635, tendo havido licença régia e episcopal no ano anterior. A primeira pedra foi lançada a 16 de Abril desse ano de 1635, sendo acabado o templo em 1639 (que não é o actual). Posto que, sequestradas as vilas e bens ao fundador, as obras, por autorização régia, prosseguiram pelas rendas que lhe tinham sido adstritas, encontrando-se em curso certas delas no ano de 1657. Os *Subsídios*, anotados na bibliografia, reproduzem bastantes documentos que esclarecem a fundação e os primeiros tempos.

Segundo um *Memorial* do convento, o procurador do fundador laical veio escolher o sítio acompanhado do arquitecto Mateus do Couto, que seria o sénior, tendo as obras principiado sob a direcção dos autores do projecto, o mesmo arquitecto e fr. Francisco de St.ª Águeda, que se ocupava de pintura e de escultura. A igreja já não é essa e, pelo estilo, se vê que nada deverá aos arquitectos daquele nome, tanto ao sénior como ao júnior. Mateus do Couto aparece como simples testemunha, em Lisboa, na referida escritura de 1635, de demarcação e entrega do terreno.

IGREJA PAROQUIAL — dedicada a S. Cristóvão.

Foi reconstruído o actual edifício no meado do século XIX. Obra de artífices locais, posto que amplo, ficou sem carácter definido. A torre, que se levanta à direita da fachada, sofreu uma sobreelevação de um andar de sineiras, no princípio do século que corre. As obras de melhoramentos têm continuado.

O retábulo principal e os dois colaterais ao arco seguem tipo setecentista final. Aquele mostra decoração em concheado; não porém estes. Estes mesmos vieram do convento de Serém, mas foram modificados e repintados a branco e ouro.

Rasgaram duas capelas no corpo, à altura dos ombros, e deram à da esquerda retábulo de duas colunas e camarim com mesa respectiva, de motivos concheados.

Conserva-se no nicho da frontaria pequena escultura de calcário, do titular, *S. Cristóvão*, que vista de baixo, parece gótica, do princípio do século XVI.

Entre as esculturas de madeira, de tipos e factura comuns, mencionaremos: *S. Cristóvão*, repintado, e *S. Gonçalo de Amarante*, da segunda metade do século XVIII; *Senhora da Conceição*, de mãos postas e cabelo caído a envolver o busto, sobre globo, dos fins do século XVII, com a antiga douragem mas renovada a pintura.

Peça de merecimento é a *custódia* de prata dourada, da primeira metade do século XVII. Pertence ao tipo de templete, havendo duas colunas jónicas por lado, cúpula, hostiário ligeiramente ovalado e ornado só de quatro

motivos curvilíneos e salientes, nó cilíndrico e com ligeiras aletas, pé maciço e sóbria decoração geral.

Levanta-se no adro um *cruzeiro* de pedestal oitavado, bem como são os três degraus. Se aquele tem a data de 1679, a parte superior é moderna.

No alto da povoação existe a *capela de Nossa Senhora da Piedade*, inteiramente renovada. No altar-mor e nos nichos laterais ao arco reempregaram colunas e pilastras de calcário, elementos desagregados de retábulo seiscentista. Parece que S. Tiago foi o titular antigo.

CASA ANTIGA — na povoação sede, a meio da rua principal.

Ainda seiscentista, e sendo raras na região as velhas moradias, é digna de reparo.

São de granito as cantarias. A fachada principal, vincada de cunhais e cimalha, apresenta seis vãos, sendo o segundo, a contar da esquerda, o da porta principal e os outros de janelas. Estas apresentam vãos rectangulares e avental decorado de dois rectângulos rebaixados, nos quais se inscrevem losangos. A janela a seguir à porta, para o lado direito, corresponde ao oratório doméstico. Na pequena fachada da travessa da rua, à esquerda vêem-se outras duas janelas. Escada de dois lanços opostos dá acesso à entrada.

CASA ANTIGA — no *CARVALHAL*.

Segue o tipo das casas regionais do século XVII-XVIII. Pertenceu nos últimos tempos à família Baptista. São as aberturas rectangulares e as janelas da fachada principal dotadas de avental. O portão divide-a em dois sectores, o da esquerda composto de porta e duas janelas, e o da direita, que é a parte principal, com corpo saliente, incluindo-se-lhe no ângulo pequena escada e patamar coberto. Seria este modelo a da boa casa rural do tempo.

Na mesma povoação, quase unida à sede da freguesia, reedificaram uma modesta capela, em substituição da que a abertura do caminho de ferro obrigou a demolir em Carvalhal de Além. Só a porta deverá ser elemento antigo.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PAZ — em *BECO*.

Outrora isolada em largo terreiro, que agora se começa a cercar de casas, fica afastada do núcleo antigo da povoação.

A imagem da padroeira, do princípio do século XVI, deve indicar uma fundação pelo menos desse tempo. A grande peste de 1598 trouxe-lhe numerosos romeiros. Seguiu-se a reconstrução do edifício sob a tutela do pároco da freguesia Gonçalo Carneiro sendo inaugurada a 9 de Novembro de 1600. Datado de 1602 está o retábulo principal. No século XVIII, no ano de 1778, foi refeita desde as fundações, segundo diz o letreiro, sendo pároco Manuel Gomes Martins. Todavia já tinha havido no princípio do século uma obra, mais ou menos ampla, benzida em 1716.

Construção corrente, aparentando obra do século XVIII mas conservando elementos antigos; dotada de corpo e capela-mor, porta principal e de travessa à esquerda, vãos rectangulares, abóbada semicilíndrica de tijolo na capela-mor, três retábulos.

O arco-cruzeiro é ainda o da reconstrução de 1600, com molduras do tempo e querubins na volta e nas impostas.

A sobreporta mantém a tabela da inscrição de seiscentos e elementos decorativos deslocados. A abóbada da capela-mor poderá ser do mesmo tempo.

Exteriormente dotaram-na de robustos contrafortes, para ocorrer à ruína.

Diz o letreiro de 1600:

SACELLVM DEIPARAE VIRGINI PACIS
CONSECRATVM
GONSALVS CARNEIRO MACIN.ECCL.
AC HVIVS ALMAE DO
MVS PRIOR INDIGNVS POST SACRVM
CELEBRATVM
P. P. L.
5 IN DIE DEDICATIONIS BASILICAE
SALVATORIS
QVI EST.V.ID.NOVEMB.ANN
D.16000 *(sic)*
FAVENTE VIRGINE,AD PERFECTVM FIM
VSQVE PERDVXIT

O do século XVIII:

A
1778
IMI
EMANUEL GOMES MARTINS
5 (prior) ECLEZIE MACINATE HOC SA
CELUM IPSIUS SUMPTU(M) A FUN
DAMENTIS REF(e)CIT ET AUXIT

O gracioso retábulo de calcário provém das oficinas de Coimbra, da renascença decadente. Divide-se em três folhas por meio de pilastras de diverso volume. Tímpano, semicircular, com o busto do *Padre-Eterno* abençoando, remata a central; em cada folha lateral avulta um anjo músico; decoram-se as pilastras de pendurados, os frisos dos motivos espiralados do tempo.

A *Virgem e o Menino* (Senhora da Paz) ocupa o centro e todo o retábulo foi condicionado por ela. Esculpida no calcário, saiu de oficina coimbrã do princípio do século XVI, gótica, mas de mero nível artificianal; sustenta à sua esquerda o menino e oferece-lhe uma romã; o qual brinca com a clássica pomba.

Tanto a Senhora como o Menino ostentam coroas de prata dourada, do século XVII, de regular categoria, com temas de rótulos, em que se engastam cristais coloridos, acompanhados de querubins.

Os dois pequenos retábulos colaterais são de calcário, do século XVII e obras secundárias, bem como as esculturas. O do evangelho, de duas colunas toscanas caneladas e nicho, encerra outra escultura da *Virgem e o Menino* (Rosário); o da direita, que é de pilastras com pendurados, mostra em relevo a *Fuga para o Egito*. Há ainda um *S. Sebastião*, igualmente seiscentista e secundário.

Caixa de madeira, alta e decorada, do século XVIII, encerra o círio votivo de Mogofores; letreiro pintado comemora o voto feito por aquela povoação na peste grande de 1598. Estas peregrinações por pestes, fomes, guerras e diversos motivos religiosos eram comuns no passado; há algumas que se continuam, como aqui acontece.

O púlpito do século XVIII conserva ainda os balaústres torcidos do tipo anterior.

CAPELAS. A povoação de *MESA* assenta a um lado de antiga plataforma fluvial, abandonada pelo cavamento de lacete mais fundo e afastado, o que lhe dá carácter e teria sugerido o nome. A capela é modesta e comum, reconstruída em 1901. Vimos pelos postigos um *S. Sebastião*, colocado no altar, de pedra, do século XVII, popular; além dum outro, num andor de festa, da mesma matéria, que nos pareceu (visto assim) gótico, já do século XVI, corrente.

Na mesma localidade crava-se, em casa simples e moderna, um brasão dos séculos XVII-XVIII. Descrevemo-lo como se vê, não devendo ser correcta a sua representação heráldica; a ignorância dos canteiros e os péssimos desenhos que lhe forneciam eram causa destas deturpações. Escudo esquartelado; 1.º de cinco quadrúpedes passantes; 2.º com uma espada de guardas de taça, apontada acima e acompanhada de dois leões batalhantes; 3.º de cinco folhas de figueira (?); 4.º com três bordões; elmo, leão por timbre, paquife.

A capela do *CARVOEIRO*, dedicada a S. Silvestre, domina a pequena povoação, na margem esquerda no Vouga, próxima à corrente. Reconstruída, ostenta em breve nicho da frontaria pequenina escultura de calcário, do fim do século XV e muito popular, de *S. Silvestre*, sentado, abençoando, com vestes pontificais, de tiara e de cruz triunfal.

CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO — em *SERÉM*.

Era seu titular St.º António. Pertencia ao tipo dos observantes franciscanos e à subdivisão dos recoletos ou da observância mais perfeita, que no meado do século XVI se constituíra em província de St.º António. Nos primeiros anos do século XVIII esta província subdividiu-se, ficando os conventos da Beira e do Minho a formar a província da Conceição, incluindo este de Serém.

Resta só a igreja e o pequeno corpo que avança do cunhal esquerdo da frontaria. A parte conventual, que deveria ser pobre, foi demolida.

A actual igreja não é a do início; deverá datar dos fins do século XVII ou da primeira metade do seguinte.

Consta de uma só nave e de capela-mor. Aos lados do arco-cruzeiro e abaixo da linha das impostas daquele cavam-se dois arcos, destinados a retábulos; havendo outro, ao lado direito, na parede do flanco.

Precede a nave um átrio, metido dentro da construção, sobre que assenta o coro alto.

As paredes são espessas porque sustentam, tanto na capela-mor como no corpo, abóbadas certamente de tijolo, singelas; sendo as desta última parte robustecidas por tirantes de ferro.

A fachada segue o tipo divulgado pelos franciscanos observantes; compondo-se de largo arco em asa de cesto, que faz o átrio aberto; janela rectangular do coro-alto; óculo oval e deitado, aberto já na zona da empena.

Empregaram nas cantarias o grês vermelho, grês já da zona terminal norte do afloramento, no contacto com rochas primárias, encaixando não só quartzitos mas também fragmentos de xisto; o seu efeito decorativo é bom.

O recheio desapareceu pràticamente. A gente da povoação vizinha de Serém de Baixo é que, dedicadamente, tem ali mantido o culto e feito reparações.

O retábulo principal segue tipo setecentista final, já sem ornato concheado, mas de magras grinaldas, podendo ser já do século XIX. Conservam-se ainda aí um santo e santa franciscanos.

Os colaterais da igreja de Macinhata, como ficou dito, foram levados daqui e são do mesmo tipo do principal; posto que tivessem sido alteados, já no convento não poderiam ficar incluídos nos arcos mas só sobrepostos.

Dizem que o principal da Trofa também daqui foi. Poderia ser o do Sacramento e estar no arco do flanco direito. Todavia é necessário verificar medidas; temo-nos deparado com muitas falsas atribuições.

Sobre a cimalha que define a luneta acima do arco-cruzeiro levantam-se as figuras em tamanho natural do *Calvário* (Cristo crucificado e a Madalena abraçada à cruz, a Virgem e S. João); são esculturas de pequeno nível.

O coro-alto conserva os cadeirais, de uma só e singela ordem de cadeiras, sem espaldar.

O púlpito é de calcário de Ançã e ainda do século XVII. Assenta a pedra da bacia em grande suporte hemi-esférico e canelado. A sua grade, como a alta teia do corpo, é de madeira torneada do século XVIII.

Tanto a capela-mor como o corpo revestem-se de lambril de azulejos, mas completamente brancos e só com cercadura de folhas ligadas. No átrio havia outro, dividido em panos, com santos, muito mutilado hoje; era de fabrico de Coimbra e do fim do século XVIII. Dos meados do mesmo, mas já lisbonense, uma pequena composição envolvia o nicho que domina a porta da igreja.

Levanta-se o campanário na parede lateral, próximo da frontaria, para o lado do convento; obra modesta de duas ventanas unidas e de outra, pequena e sobreposta.

Em frente da igreja destaca-se o costumado cruzeiro, de grandes braços, sobre pedestal e degraus.

Foram conservadas na cerca pequena coisas, como dois nichos no tipo de capela-abrigo com esculturas de pedra, seiscentistas, da *Senhora da Conceição* e *S. António*, além de fragmentos vários.

MOTIVOS ARTISTICOS — em *SERÉM DE BAIXO* e *DE CIMA*.

A povoação de *SERÉM DE BAIXO*, apesar da sua antiga categoria de vila, é modesta. Perdeu certas características, como o pelourinho, do qual se conserva recordação de se levantar junto à fonte, em recanto ocupado hoje por uma habitação.

A casa da câmara ou da cadeia, que seria simples, foi reformada, mostrando uma janela gradeada que talvez não seja mais que adaptação.

Abaixo da fonte e antes desta casa, há uma modesta moradia da segunda metade do século XVIII, de duas janelas de verga curva e aventais recortados.

A fonte, construção simples de granito, da primeira metade do século XVIII, consta de espaldar liso com a carranca da bica, remate de duas aletas ladeando pequeno pedestal.

A pequenina capela, de categoria popular, encerra uma escultura da padroeira, *Santa Cristina*, dos séculos XV-XVI, de calcário e obra muito rude.

Em *SERÉM DE CIMA*, a atestar o passado da terra, trajecto da velha estrada do Porto, permanece uma casa desnaturada, com os vãos de grês, e argamassas a completarem o conjunto, da segunda metade do século XVIII.

Pouco distante desta vê-se um portal de pátio, de verga direita e cornija, dominado de cruz medial e de dois pináculos, sem outro complemento domiciliário.

BIBL. — J. J. Ferreira Baptista, *Subsídios para a história de Macinhata do Vouga*, em *Arq. de Av.*, 1953, 1954.

A. Lucena e Vale, *O Convento de Serém*, Arq. de Av., 1941.

OIS DA RIBEIRA

Poder-se-ão identificar com Ois certos locativos de confrontações em documentos da primeira reconquista.

A história posterior, medieval, anda confusa, por falta de suficientes elementos. Metade de Ois, em 1079, pertencia a D. Teresa Fernandes, filha de Fernando Gonçalo do Marnel, casada com Mendo Viegas de Sousa, o oitavo senhor da casa de Sousa, ficando sob esse mesmo domínio. Doada à ordem de Malta por D. Leonor Afonso, viúva de Gonçalo Garcia de Sousa, senhor daquela mesma casa, a ordem trocou essa metade, por outros bens, com o infante D. Pedro (filho de D. Dinis, o do Livro das Linhagens) e sua esposa D. Branca de Sousa. O infante, por morte, legou-a ao mosteiro de St.º Tirso.

Ois por inteiro, no fim da Idade Média, estava na posse da coroa, tendo sofrido concessões efémeras.

A Diogo de Sousa, 20.º senhor da casa de Sousa, deu D. João 2.º as vilas de Eixo, Requeixo, Ois e Paus, por carta de Julho de 1494, confirmada por D. Manuel em 1500. Dos sucessos destes domínios falaremos a tratar de Eixo, para não nos repetirmos.

IGREJA PAROQUIAL — do orago de Santo Adrião *(Sanctus Hadrianus)*.

O século passado renovou-a fundamente mas, como foram reempregadas as cantarias antigas, manteve certo carácter da reconstrução seiscentista.

Simples o conjunto, que guarda o âmbito comum aos templos desta zona.

As cantarias antigas são do grês regional.

Levanta-se a torre à esquerda da frontaria. A porta principal, de friso e cornija horizontal, é completada de composição arquitectónica com o tema dominante de um nicho; sendo este ladeado de duas altas pirâmides sobre pedestais, rematado de cimalha direita na qual pousa a cruz e dois novos pináculos.

Colocaram neste nicho a escultura do titular, *St.º Adrião*, da primeira metade do século XV, de calcário e oficina coimbrã, obra regular, que o representa vestido de túnica e loba curta, de espada na direita, apontada ao solo, e livro na esquerda.

O arco é singelo.

O retábulo principal e os dois colaterais ao arco são ainda do século XVII e correntes, de madeira inteiramente dourada.

O principal segue um tipo médio entre as formas planas e a reentrante, com camarim médio. Na parte plana de cada lado há duas colunas salomónicas enroscadas de parras, com mísula no intercolúnio, destinada a escultura, juntando-se-lhes outra coluna mais retraída, já no vão do camarim; no arco, além duma circular plana, há dois arcos torcidos e de pâmpanos, sem completa correspondência às colunas internas.

Os colaterais são inteiramente de tipo plano, mostrando um par de colunas salomónicas por lado, mas as de dentro levemente recolhidas, dominadas de entablamento direito, completando o conjunto o remate feito de mísulas.

Vê-se no altar-mor a escultura do titular, *St.º Adrião*, de madeira e da época, com espada levantada na direita e livro na outra mão, e *S. Miguel*, guerreiro, pouco posterior àquele; obras comuns, como outras da igreja.

O benedictério da entrada é de calcário e do século XVII, tendo pé em forma de balaústre; a pia baptismal, sob a torre, octógona, não tem interesse.

A igreja possui cruz processional de certo mérito, de prata branca e Cristo de bronze, do princípio do século XVII. As hastes são de secção rectangular e de terminações trevadas, o nó em urna antiga, e todas as superfícies decoradas de tarjas curvas e entrecruzadas.

Foi levada para o cemitério anexo à igreja uma campa sepulcral fragmentada, do século XVII e muito gasta, vendo-se-lhe escudo com elmo e paquife, sem se poderem distinguir os móveis daquele nem o timbre, nem já nada do letreiro inferior.

CAPELA DE SANTO ANTÓNIO — Está situada fora da povoação sede, para sudoeste, voltada à Pateira, cujas águas a atingem na época das enchentes.

Construção agradável, pelo grês regional, pelas formas próprias e ainda pelo isolamento.

Além do corpo e da capela-mor, há a salientar, para a direita, pequena sacristia. Os cunhais de todas estas partes são rematados de esbeltas pirâmides, levantadas em pedestais, e os ângulos das empenas marcados de cruzes.

São rectangulares as portas, tanto a axial como a travessa, colocada à esquerda. Sobre aquela alarga-se pequeno óculo. A sineirita corta parte da zona esquerda da empena da frontaria; a qual é acompanhada de duas breves aletas e coroada de cimalha. O arco

cruzeiro é moldurado nas esquinas, segundo perfil sinuoso, de tipo anterior.

Compõe-se o retábulo, de calcário, de três nichos divididos por pilastras decoradas, com pequeno remate, aonde se lê, OH LINGOA BENEDITA, alusiva ao titular. O ornato é já de transição para o barroco inicial, devendo datar do decénio de 70 do século XVII. A escultura de *St.ᵉ António* é porém de madeira, do século XVIII e sem interesse.

CASAS ANTIGAS. A antiga importância de Ois ainda se manifesta no que resta das construções antigas, numa região em que o grês tenro e o adobe são os materiais usados.

Vê-se no largo tradicional uma habitação, grande, com os telhados já a desabarem, de seis janelas simples e outra rasgada em sacada, de vergas curvas e aventais rectangulares, da segunda metade do século XVIII; do mesmo século, ao lado fronteiro, uma outra grande, de aberturas com vergas encurvadas e mais singelas. Do século XVII vimos duas, de rés-do-chão, com porta e uma só janela.

PRÉSTIMO

Préstimo, ligado geogràficamente a Macieira de Alcoba e tendo formado com ela um só concelho medieval, encontra-se, como ali dissemos, na região caramulana, mas em zona mais baixa, abrangendo a NW. as escarpadas margens do Alfusqueiro e atingindo a SE. as do Águeda (ou rio de S. João do Monte, como neste sector é mais conhecido). O nome de Préstimo era o medieval do concelho (que abarcava além de Macieira alguns lugares das freguesias de Talhadas, Valongo e Castanheira), nome que só com o século XVI substituiu o de Soutelo do Monte no designativo da povoação cabeça do mesmo.

O foral manuelino data de 1514. Terra reguenga, teve diversos donatários. Em 1502 era de Fernão de Miranda. No século XVII andou na mão dos mesmos de Serém (da freguesia de Macinhata), tendo os que ali indicámos e sofrendo as mesmas vicissitudes. Com o século XVIII viu outros, que outra coisa não teriam feito que receber as rendas. Acabou, no século XIX, por ser dada ao primeiro barão de Quintela, Joaquim Pedro Quintela, rico negociante de Lisboa, a 13 de Novembro de 1802. O regimen enfitêutico, provindo directamente do senhorio, só ali terminou pelo resgate geral em 1880.

IGREJA PAROQUIAL — com S. Tiago por titular.

A actual igreja deve corresponder aos fins do século XVII.

As cantarias são de granito, provindas da região próxima, pois que a rocha local é o xisto. Apresenta porta axial e duas travessas, todas de verga direita, friso e cornija, janelas rectangulares e de esbarro, cunhais dominados de pirâmides, cimalhas igualmente de granito.

Cavaram quatro arcos para retábulos, dois aos lados do cruzeiro e os outros dois nos flancos, fronteiros.

A torre, à direita da frontaria, é muito posterior. Ainda se vê a base do antigo campanário, corroída da corda do sino. Tiveram de fazer um maciço no interior da igreja para servir de base da nova obra.

O púlpito e a pia baptismal pertencem à época da reforma.

O tamanho é mediano. Apresenta-se limpa, depois das obras do segundo quartel deste século.

Ao retábulo e ao tecto, que é de duas séries de cinco caixotões, foram renovadas as pinturas, guardando-se o desenho da fase do cheado setecentista.

O mesmo retábulo pertence à segunda metade do século XVIII. Ladeiam a tribuna, a cada banda, duas colunas lisas e de capitéis compósitos, tendo as centrais maior avançamento, e ficando nichos nas partes externas.

Os quatro retábulos da nave foram pintados de novo mas sem a categoria antiga. Entalhados na mesma altura, o fim do século XVII, possuem o mesmo esquema: um par de colunas salomónicas ligadas por arco do mesmo tipo e igualmente com parras; entablamento a atravessar horizontalmente de lado a lado e formando um painel inferior; pilastras lavradas, completadas de arco plano, envolvem o conjunto. As mesas dos altares são posteriores. O painel do retábulo do flanco da direita é preenchido por um relevo muito artificianal, representando as *Almas* com *S. Miguel* e a *Trindade*. As esculturas desta época não merecem referência.

Cravaram acima do arco cruzeiro o tradicional *Calvário*, com as três figuras sob arco conopial; placa de pedra e de oficina coimbrã, gótica, dos princípios do século XVI.

Conservam-se outras esculturas de calcário e do mesmo centro: *S. Tiago*, vestido de apóstolo mas com o chapeirão de vieiras, bordão, livro e ramal de contas, pregas requebradas, obra regular do fim do século XV; *S. Martinho*, bispo abençoando, criança ajoelhada aos pés, pregueados arredondados, do século XV, corrente; *Trindade*, pequena, gótica, do século XVI inicial, bastante secundária, como também é uma *Virgem sentada*, da mesma época, a que falta a cabeça; *St.ª Luzia*, pequenina, de pregas arredondadas, trabalho popular.

Peça de mérito é a *custódia-cálice*, de prata dourada, do século XVII, paralela a outras deste concelho. Dois pares de colunas ladeiam o hostiário; os ornatos da época cobrem as superfícies, tintinábulos de tipo quadrado e *Cristo* ressuscitado completam o conjunto.

CRUZEIRO — numa das entradas da povoação. Segue um tipo regional que permaneceu largo tempo, sendo maior a sua representação no século XVIII; pequena base e alta haste, com braços menos bem proporcionados, de secção rectangular mas de arestas chanfradas, ficando reservadas as esquinas na parte dos topos.

CAPELA — em *A-DOS-FERREIROS*, de Nossa Senhora da Esperança, mas actualmente mais conhecida pelo título das Neves.

Dá razão da obra da capela o letreiro gravado no cálice que à mesma pertence. Esta peça é de folha de prata branca, com a haste em cone invertido e decorado só a punção, dum leve tema de panos caídos em forma de grinalda. O letreiro circunda o pé e desenvolve-se em quatro linhas:

+ ESTE CALES E DA CASA D(E)
NOSA S(ENHORA) D(A) ESPE-
RAMCA A DOS F(ERREI)ROS
HO QVAL MANDOV FAZER GOMSALO
DO SOVTO CVRA D(E) S(ÃO)
TIAGVO DO SOVTELO DESMOLAS
Q(V)E PIDIO O QVAL ADE ESTAR
NO LVGAR DA DOS FER(REI-
R)OS PERA SEMPRE PERA COM
ELE SE DIZEREM AS
4 MISAS NA DITA CASA DE NOSA
S(ENHORA) FEITO NA ERA DE
1564 E A CASA NA ERA 1562
MARIA XPO IOANE

Era (como seria escusado dizer) significa ano corrente; sendo pois a capela de 1562 e o cálice posterior dois anos.

A frontaria é graciosa; porta de friso e cornija, postigos aos lados, pequeno óculo em cima, sineirita a meio da empena, sendo direita a linha superior da mesma, com cruzita e pinàculozinhos; cunhais e cornija de granito.

Simples o interior. Está arrumada uma pequena esculturinha de calcário e oficina de Coimbra, da *Virgem e o Menino*, do século XV, mas absolutamente popular.

Em frente da capela, *cruzeiro* de grandes braços, sobre pequeno soco. Disseram-nos que no sítio do Cabeço havia outro, e restos de outros vimos a fazer parede.

CASAS ANTIGAS — em *A-DOS-FERREIROS*.

Encontram-se duas para nascente da capela e não longe da mesma.

São modestas mas despertam interesse neste concelho em que são raras as moradias antigas. A proximidade do granito permitiu a sua construção nesta zona alta, batida dos ventos. Datam do século XVII.

A primeira tem incluída no ângulo a escada e a varanda, seguindo-se-lhe duas janelas de aventais rectangulares, ficando-lhe no piso inferior, que é baixo, um largo arco, a formar abrigo à porta da loja.

A outra, térrea, modificada, tem cunhais e cimalha, três vãos de cornija direita.

PONTE — no rio Alfusqueiro, na estrada entre A-dos-Ferreiros e Préstimo, em terreno de xisto.

O vale é fundo e apertado, quase uma ravina, longe de povoado, sítio outrora sem árvores e temeroso. Pertencia à velha carreteira que atravessava o Caramulo (antiga Alcoba e Alcofa).

Forma-a um só, largo e alto arco, bem construído, de granito, datando da idade-moderna, do século XVIII.

Informou-nos antigo pároco, natural da região, que a montante se vêem na rocha das vertentes e do leito fluvial os sinais dos rodados dos carros, como passagem a vau; e ainda que a jusante se notam os sinais de outra ponte com os traçados dos rodados dos carros suspensos naquele nível que teria sido o seu.

Esta ponte deveria ter desaparecido numa enchente do século XVIII.

BIBL. — J. Domingues Arede, *Estudos Regionais*, Cucujães, 1925.

RECARDÃES

Ainda hoje, como na alta Idade Média, não existe um povoado com o nome de Recardães, o qual designa uma região.

Recardães aparece em pleno desenvolvimento na primeira reconquista como se vê de documentos *(Dipl. et Chart.)* de 981 e 982 (A. D.), de doação a Lorvão e da relação de bens (R. de Az.) legados por Soeiro Sandines e seus herdeiros. Esta é um raro inventário de prédios rústicos, longo, pormenorizado, mostrando o extenso aproveitamento agrícola. Além de muitos *locus dictus* mencionam-se as sedes de freguesia limítrofes e ainda o lugar de Crasto.

Nos anos de 1016 e 1018 obteve o mosteiro de Vacariça certos bens. Um dos documentos de 1018 tem particular interesse: o presbítero Zalama declara nele que edificara a igreja de S. Miguel *(edificaui baselicam sancti michaelis in uilla recardanes in mea propria ratione de ipsa uilla)*. O desenvolvimento destes documentos só em monografia se pode fazer.

Próximo já da reconquista definitiva encontra-se Recardães noutra relação de bens a recuperar, a de Gonçalo Viegas e D. Châmoa, de 1050, com metade da vila e da igreja; bem como na de Recemondo (sem data) e doação ao mosteiro de Vacariça, na qual de novo se refere a igreja de S. Miguel.

Na baixa Idade Média foi dada, no todo ou só em parte dos direitos, a bastardos reais.

Tinha-a, com Segadães, no princípio do século XVI, Nuno Martins da Silveira, senhor de Gois, como a teve o filho, que foi o primeiro conde de Sortelha.

Não obstante, encontram-se as terras e o celeiro de Recardães na relação dos domínios com que D. João 2.° dotou no testamento o filho D. Jorge, o que foi confirmado por doação de D. Manuel, ficando consequentemente à casa de Aveiro, cessados os direitos daqueles, mais tarde.

Formou pequeno concelho antigo. A povoação de Crasto era meeira com a freguesia do Espinhel, do concelho de Ois.

IGREJA PAROQUIAL — consagrada a S. Miguel Arcanjo.

A actual reconstrução data do princípio do século XVIII, tendo-lhe sido lançada a primeira pedra, segundo a bibliografia que citamos, a 16 de Julho de 1709, sendo pároco Diogo Gomes.

Integra-se na boa construção da zona, do tipo do seiscentismo final, que se prolongou bastante no século XVIII. O material da construção é o grês do afloramento local, sendo o branco empregado nas cantarias principais e o vermelho nas secundárias.

Dotada de corpo e capela-mor, rectangulares, junta-se-lhe ao topo da cabeceira torre triangular. Além da porta principal, corta-se uma travessa à epístola; rasgam-se três altas janelas à direita do corpo e duas à esquerda, havendo mais duas a cada lado da capela-mor. Esta é abobadada de tijolo, em berço singelo. O púlpito e o baptistério ficam à esquerda.

Por ser construção de uma só época, apresenta uniformidade de elementos. Todos os cunhais são tratados como pilastras toscanas, os sub-beirais vincados de cimalha de cantaria e assenta na perpendicular daqueles o mesmo modelo de pináculos, à excepção da torre em que datam de época posterior.

Os dois ramos da cimalha da empena da frontaria tomam a forma de curva côncava, bem como o ângulo cortado da mesma.

A peça de aparato é o portal: vão rectangular, acompanhado de duas pilastras lisas com entablamento da ordem toscana; frontão curvo e interrompido. Do meio dos ramos do frontão levanta-se reduzido nicho, que por sua vez tem pilastrazinhas e breve entablamento de inspiração do dórico de triglifos.

Abriga-se no nicho pequena escultura de calcário, *S. Miguel*, de oficina coimbrã do meado do século XV, obra comum, que o representa de túnica e capa, balanças e lança, dominando o dragão.

Singela a porta lateral; as frestas, rectangulares, de grande esbarro, todas antigas, à excepção das da frontaria, recentes.

Acompanham o arco cruzeiro dois de menor altura, cavados nas paredes e destinados a altares; havendo mais dois nos flancos, para o mesmo fim.

O corpo da igreja é coberto de madeira, mas semelhando forte abóbada semicircular, formada de cinco espaços lisos entre largos arcos; aspecto que não é vulgar.

A referida abóbada da capela-mor foi pintada no século XVIII de cinco cenas, que hoje se encontram bastantemente danificadas. Na parte central vê-se a ressurreição dos mortos, com *S. Miguel* e, a julgá-los, *Cristo*, acompanhado dos *Apóstolos*, sentados a uma mesa como assessores; à parte da epístola duas outras cenas, a do inferno e a do purgatório;

ao evangelho mais duas, juízo final e vinda de *Cristo* para o mesmo juízo. Letreiros bastante apagados comentavam os quadros.

Tem forma original a torre: um triângulo por plano, cuja base repousa na parede de topo da igreja. Visto o conjunto do lado da cabeceira, produz certo efeito.

O retábulo principal é pouco comum, sendo de talha de madeira inteiramente dourada. Pertence ao primeiro terço do século XVIII mas nas formas de transição do pedrino ao joanino.

Consta dum grupo de três colunas a cada lado e do trono de plano curvo e cobertura em quarto de esfera, arrancando esta do plano do entablamento daquelas. Não há arcos, mas sobre as colunas levantam-se pilastras misuladas, unidas a elementos curvos que formam o remate.

As colunas são espiraladas, sem divisão de terços, enleadas de pâmpanos e só com aves, formando dois grupos de três, em que a média avança em plano. Os acantos empolados das pilastras e frisos assentam em largas tarjas sinuosas e quebradas. As faces do amplo camarim são inteiramente ornadas. Seguem diversos perfis os degraus do trono, igualmente cheios de rica decoração.

Este mesmo trono só começa a um terço da altura das colunas, servindo-lhe de basamento uma composição de dois nichos laterais e do espaço do sacrário.

O frontal é recente, feito à imitação do retábulo.

O sacrário pertence à mesma fase artística mas não foi projectado conjuntamente com o retábulo. Formam-no três corpos sobrepostos, de três faces cada; os ângulos do inferior tem colunitas torcidas, cordões de louro os dois outros. Assenta em leões alastrados, do tipo dos suportes do mobiliário do tempo. Individualizam-no pequenas pinturas em cobre, que se não encontram em todas as faces, como deveria ter acontecido inicialmente. O corpo inferior mostra a *Oração do Horto*, ladeada da *Ceia* e da *Prisão;* na face seguinte a *Flagelação* e na do superior *Cristo crucificado.* São pinturas do tipo dos séculos XVII-XVIII, obras de alguma categoria mas correntes. Domina o sacrário o grupo escultórico da *Ressurreição*, cujo restauro teve de ser fundo, porque andava muito fragmentado, tendo ficado agradável.

Os quatro outros retábulos pertencem já ao período seguinte, o do meado do século. Têm os dos flancos maior desenvolvimento que os colaterais. Em lugar de colunas há dois grupos de pilastras misuladas, nas quais se incluem anjitos atlantes, fechando-se o espaço por uma imitação de sanefa e cortinas.

A escultura principal é a da *Virgem e o Menino* (que hoje denominam do Rosário), no colateral esquerdo, de calcário e oficina coimbrã, obra de categoria e fazendo artisticamente parte dum grupo geral raro, da primeira metade do século XV; tem fino pregueado e bem lançado, o menino à esquerda, que sustenta um livro, enquanto a mãe lhe ampara o pèzinho com a direita.

Comuns as esculturas de madeira. Mencionaremos no altar-mor a de *S. Miguel*, de tamanho médio, vestido de guerreiro romano, agitado, gracioso, do século XVIII; as do altar do flanco da esquerda, *Cristo crucificado*, com a *Virgem* e *S. João*, grandes, do mesmo século XVIII. Há-as ainda de pedra, populares.

O púlpito, de bacia de pedra, mostra grades de madeira torneada e espiralada, dos princípios do século XVIII. Do mesmo estilo é a teia que resguarda o espaço dos quatro altares do corpo, certamente bastante reformada.

Um dos sinos, de 1871, é de fundição de Joaquim Dias de Campos, de Cantanhede.

Azulejos sevilhanos, de relevo e de diversos tipos, do século XVI, revestem os ângulos da pirâmide da torre e formam-lhe faixas; poderiam ter provindo de frontal de altar da igreja antiga.

Crava-se no pavimento da capela-mor uma campa, colocada em 1865, encimada por escudo, partido das seis arruelas dos Castros e de Portugal moderno, sem listel, por Lencastre. Parece ter sido meramente comemorativa duma grande benfeitora, D. Maria Quitéria de Castro Henriques (1807-1864), que foi casada com José Bruno de Cabedo de Lencastre.

Fixaram em parede interna da sacristia pedra de calcário com inscrição, proveniente da igreja antiga. Mede A. 0,52 x L. 0,43. São as letras do gótico maiúsculo, com sobreposições, abreviaturas, geminações, a interpon-

tuação de três pontos que transcrevemos com dois, por imposições tipográficas. Trata-se da instituição duma capela só de encargos pios, no ano de 1312 (era 1350) por D. Estevainha, viúva de Ermígio Mendes.

:DONA:STEVAI(N)HA:HE *(fragmentada)*... MIIMTO:D(E):SE(VS):
PECADOS:I*(uma)*:CAPELA
:NA:EG(RE)IA:D(E):SA(N):MIG-
(VE)L:REC(AR)DAE(N)S:P(OR)
:SA:ALMA:E D(E):SEV:M(AR)I-
DO:IRMIGIO:MEE(N)D(I)Z:E:
DE:SE(VS):FILHOS:A Q(VA)L:CA-
PELA:LEIXA:P(ER)A:TODO:
SE(M)P(RE):E DEV:II-AS:
LEYRAS:D ERDADE:A:
D(I)C(T)A:EIG(RE)IA:A I.ª:DAS
D(I)C(T)AS:LEIRAS:IAZ:NA:
COREDOIRA:E OVT(RA):IAZ:NO
CASAHI(NH)O:A P(AR):
5 DO:ERDAM(EN)TO:Q(VE):FOI:D(E)
D(OMING)OS:M(AR)TIIZ:P(R)I-
OL:Q(VE):FOI:DA:D(I)C(T)A:
EG(RE)IA:E DA:AA:D(I)C(T)A
:CAPELA:P(ER)A
:MANTEERE(M):HI:HVV:CAPELA(N)
:P(ER)A:TODO:SE(M)P(RE):
Q(VE):CA(N)TE:HI:CADA:DIA:
MISSA:POLA:SA:ALMA:
E POLA:DOS:OVT(R)OS:D(E):SVSO
:D(I)TOS:CA(N)TO:A:NA:
Q(V)INTAA:DO:CASAHI(NH)O:
A Q(VA)L:Q(V)INTAA
LEIXO:A MEV:FILHO:IRMIGO:ME-
ENDIZ:Q(VE):MANTE(NH)A:HI:
HVV(M):CAPELAM P(ER):LOS:
FRVITOS:Q(VE):D(EV)S:HI:
DER:
E DE:POS:MHA:MO(R)TE:E DO:
D(I)C(T)O:MEV:FILHO:IRMIGO
MEENDIZ:LEYXE:A:D(I)C(T)A:
Q(V)INTAA:A HVV(M):SEV:
10 FILHO:FILHA:Q(VA)L:P(OR):BE(M)
:TEV(ER):Q(VE):MA(N)TE-
(N)HA:P(ER):ELA:O CAPELA(M)
:ASI:COMO:D(E):SVSO:D(I)C-
(T)O:E:E O:
FILHO:OV:FILHA:A Q(VE):A:O
D(I)C(T)O:IRMIGO:MEENDIZ:
LEYX(AR):OVT(R)O:SI:A POSA
:LEYX(AR):A OVT(R)O:SEV:
FILHO:OV:FILHA:Q(VA)L:
AL:POR:BE(M):TEV(ER):E ASI:
P(ER):LA:IERARACO(N):P(ER)A:
TODO:SENP(RE):E SE:OS:
ME(VS):SVCESORES:NO(N):
Q(V)IS(E)RE(M):MANTEER:A
D(I)C(T)A:CAPELA:COMO:
D(I)C(T)O:E:Q(VE):O P(R)I-
OL:DA:D(I)C(T)A:EIG(REIA):
OV:OS
D(I)C(T)OS:P(R)IORES:Q(VE):
D(E):POS:EL:VEERE(M):POS-
SA(M):FILHAR:TODOS:OS:
D(I)C(T)OS:FRVITOS:DA
15 D(I)C(T)A:Q(V)ITAA:P(ER)A:
MANTEER:O CAPELA(M):P(ER)A
:TODO:SENP(RE):NA:D(I)C-
(T)A:CAPELA
ESTA CAPELA Foy fejta da Era
de mil e t(re)ze(n)tos &
L.ª annos

A última linha foi gravada por canteiro imperito.

A preceder o terreiro da igreja levanta-se alto e robusto cruzeiro. Assentam num soco dois degraus, com pedestal e uma coluna toscana a sustentar pequena cruz de braços trevados. Data da primeira metade do século XVIII.

BIBL. — S. G. Soares da Graça, *A igreja de Recardães*, 1938.

CASA ANTIGA — no sítio da Póvoa de Recardães, da família Tavares Ferrão.

Reconstruíram-na no século XIX, guardando um vago tipo setecentista. Liga-se-lhe à direita a capela, reformada no mesmo tempo. Todavia a sineirita está datada de 1688 e o arco cruzeiro mostra na volta, em largas letras: ANNO DE 1747.

O retábulo de madeira, de duas colunas, pertence à segunda metade do século XVIII. A escultura da *Virgem e o Menino*, de calcário, é do meado do século XVI, da renascença coimbrã, graciosa mas de mãos correntes. A de *S. Marcos*, do mesmo tipo e origem, é mais comum.

No chão, campa do tipo dos princípios do século XVIII, dizem que trazida de Amoreira da Gândara, (aonde a família tinha casa e sepulturas na antiga capela da povoação) foi reaproveitada para D. Maria José d'Avelar Ferrão (1809-1867), como ali se lê. O escudo que é esquartelado pode representar, conforme as linhas familiares: seis arruelas entre cruz doble e bordadura, por Almeidas; cinco crescentes em aspa, por Pintos; cinco cotos de asa; cinco estrelas, por Tavares; timbre a águia do primeiro. Na parede crava-se brasão moderno.

CASA ANTIGA — em *S. ROMÃO*. Na pequena fachada rasgam-se duas janelas de avental rectangular que assentam sobre as do

andar térreo. Encima o antigo portão, agora tapado, um remate de aletas, em argamassa, enquadrando pedra de armas rectangular, do século XVII, que à simples vista apresenta os seguintes móveis: esquartelado; no 1.º duas garras cruzadas, tendo em chefe uma flor de lis, numa brica um ramo por diferença; no 2.º castelo de cuja porta saem chamas (?); 3.º esquartelado, como em Azevedos, contra-esquartelado de águia e de cinco estrelas, bordadura de aspas; no 4.º cinco estrelas de seis pontas em aspa; timbre as duas garras do primeiro, elmo e paquife.

CAPELA — em *S. ROMÃO*, dedicada a S. Romão.

A data de 1696 na sineirita indicará a reconstrução actual, a que pertence a porta principal, de esquinas boleadas. As suas dimensões são pequenas, tendo-se empregado o grês vermelho nas cantarias. Uma das reformas data de 1869, segundo letreiro.

Três esculturas de pedra e obras populares: *S. Romão*, de bordão e livro, do século XV; *Virgem e o Menino*, talvez do século XVII, feita por artista tendo em frente modelo quatrocentista; *S. Brás*, bispo, o menino em pé, do século XVII; aquela de pequeno tamanho, esta da média corrente.

CAPELA — no *CRASTO*, da invocação de S. Jorge.

Reconstruída em 1908, conserva um alto relevo, sensìvelmente quadrado, de cerca de 60 cm. por lado, do século XVII, representando *S. Jorge*, com armadura, a cavalo, dominando o dragão; obra muito corrente.

Em frente da capela, *casa* de quatro vãos, de tipo setecentista, de vergas curvas e aventais recortados.

SEGADÃES

Segadães é nome de região e não corresponde a uma aldeia, estendendo-se na margem esquerda do Vouga, entre as freguesias de Travassô e da Trofa.

Vem mencionada naquele documento de 1050 já diversas vezes citado, como pertencendo a sua quarta parte a Gonçalo Viegas e D. Châmoa.

Ao mosteiro de Pedroso foram dados aqui alguns bens no ano de 1114.

Segadães e Recardães, como ali dissemos, esteve na casa de Gois nos princípios do século XVI. Veio definitivamente à de Aveiro, em virtude do legado a D. Jorge por D. João 2.º

O pequeno concelho teve foral manuelino em 1516. No século passado ainda havia restos do pelourinho.

IGREJA PAROQUIAL — com S. Pedro por orago.

Edifício de tipo corrente, levantando-se-lhe a torre à esquerda da fachada.

Deve datar (reforma geral ou reconstrução) do século XVIII.

A frontaria, que ameaçava ruína, foi robustecida em 1894 por parede encostada, vindo a sofrer posteriormente novas reformas.

Correspondem as cantarias a diversas épocas, sendo de grês, calcário e ainda granito, o material mais recente. A região é de grês.

A torre foi subida de um corpo, notando-se ainda as ventanas antigas.

Singelo o interior. O púlpito está datado, na porta, de 1752. Mostra anteparo de balaústres torneados, do tipo da primeira metade. A modesta pia baptismal, oitavada, fica sob a torre.

O retábulo principal de madeira é já do século XIX, posto que conserve certo gosto da época anterior.

Os dois retábulos colaterais ao arco pertencem ao fim do século XVII. Divididos em dois corpos, o de baixo de largo espaço central ladeado de dois pares de colunas salomónicas com pâmpanos; o de cima de dois pares de pilastras misuladas, a enquadrarem pintura artificianal; remate já do século XIX.

No nicho da frontaria colocaram uma escultura de pedra de *S. Pedro*, sentado, com chaves, tiara e capa, pequena e corrente, dos séculos XV-XVI.

Há mais esculturas de pedra, de oficinas coimbrãs. *Virgem e o Menino*, dos meados do século XVI, renascença dos mestres locais, bastante graciosa, *S. Sebastião* do século XVI, com cabelo encaracolado, pequeno gorro, toalha nos rins, obra corrente. *Trindade*, desaparecido o Cristo, da segunda metade do século XV, inferior.

CAPELA — em *FONTINHA*, dedicada a Nossa Senhora.

Edifício simples, de grês e vãos rectangulares. Anda ligada à capela certo aspecto re-

ligioso de águas-santas. Existiu, à sua parte direita mas separada dela, casa com tinas para banhos, de simples carácter religioso. Vinha a água, por meio de canos, de mina relativamente afastada, água que sai hoje numa fonte para uso vulgar, e que ao paladar nada apresenta fora do tipo comum da região. Há ex--votos, em pintura, o mais velho de 1760.

O retábulo de madeira dourada é da primeira metade do século XVIII, parecendo simples adaptação; de colunas salomónicas e pilastras misuladas.

A *Virgem e o Menino*, dos meados do século XVI, segue o tipo corrente das oficinas coimbrãs. *Santa Apolónia*, de palma e toucado em forma de rodilha, obra popular, é gótica, do princípio do século XVI.

Encontrámos mais uma vez castiçais setecentistas de estanho, com a assinatura: ANTONIO Sª / COIMBRA.

TRAVASSÔ

Colocada a freguesia na zona da confluência do Águeda e do Vouga, goza da fertilidade dos terrenos de nateiro, principalmente dos que bordejam aquele rio. Estende-se a linha principal da povoação no alto, como que demarcando uma curva de nível, donde se desgarram arruados em direcção aos campos baixos.

Aqui, como em tantas outras partes, o interesse histórico, que é grande (e que resumiremos) não está em relação com o artístico, que é pequeno.

No ano de 883 (A. D.), a 25 de Setembro, o rei Afonso 3.°, o Grande, doou a Santiago de Compostela a terça de *uilla de Trauazolo inter Agata et Vauga*, confirmando na carta o bispo de Coimbra, Nausto, que não era residencial, eleito uns dois anos antes. O eminente João Pedro Ribeiro faz ligeiras reservas à data.

Sagrou-se a nova igreja de Santiago (que Almansor haveria de destruir) a 6 de Maio de 899; confirmou o mesmo rei as dotações antigas e voltou a referir as do rio de Ilhastro, do Cértoma e a terça de Travassô. Tem-se considerado apócrifa a respectiva acta de dotação, posto que refira coisas autênticas.

Com a data de 30 de Dezembro (III Kal. Jan.) de 899 (ou 895, menos provàvelmente) repete-se a doação daquelas vilas do território de Coimbra, na qual vem a expressão, *uillas in suburuio conimbricensi quas nuper Dominus de manu gentilium abstulit, etc*, que extratamos de Florez.

No ano anterior à reconquista definitiva de Coimbra, D. Fernando com a rainha D. Sancha confirmou à mesma sé iriense as terras do século 9.°, por carta de 10 de Março de 1063 (VI Id. Mart. E. 1101) e repetiu-se nela a expressão da carta anterior, acima transcrita, o que já provocou equívocos.

Parece que Compostela não deveria ter readquirido os direitos.

Em 1093 a igreja de S. Miguel de Travassô foi doado ao mosteiro de Grijó por D. Elvira Nunes, viúva de Soeiro Fromárigues.

Pertencendo ao concelho de Segadães, seguiu nos senhorios que ali indicámos.

A moderna ponte da Rata sobre o Águeda substituiu a ponte de Almeara ou ponte pedrinha a que há velhas referências, por causa dos direitos de portagem. Em Trofa far-lhe-emos ligeira alusão.

IGREJA PAROQUIAL — de S. Miguel arcanjo.

O arco-cruzeiro é a parte mais antiga, dos meados do século XVI, mas alteado pelo menos duas vezes. A obra geral deverá datar da segunda metade do século XVIII. Nos fins do século passado e nesta primeira metade do corrente teve diversas reformas, como o rasgamento das capelas nos flancos, renovamento de pavimentos e tectos, construção de retábulos de madeira, que se aproximam dos estilos tradicionais. Apresenta aspecto limpo e agradável, mas de limitado interesse para este inquérito. A torre encosta-se à direita da fachada e alberga na parte inferior o recinto baptismal, tendo por isso o primeiro acesso por escada metida em corpo cilíndrico, colocado no ângulo interno, como há mais exemplos regionais.

O antigo retábulo principal foi deslocado para a capela da direita. Tratado em madeira, renovado de pintura, data do fim do século XVII, do tipo reentrante, tendo por lado duas colunas torcidas e com parras e ainda arcos do mesmo tipo. No camarim colocaram o grupo de esculturas independentes representando os cinco *Mártires de Marrocos* acompanhados de dois carrascos, havendo mais um busto-relicário dos mesmos, igualmente de madeira; seguem o tipo da segunda metade do século XVIII.

Os altares colaterais, de madeira entalhada e de pintura renovada, de duas colunas e nicho, com decoração a concheado, pertencem à segunda metade do século XVIII. O sobre-arco, do mesmo tempo, foi renovado e ampliado.

O antigo altar das Almas, numa capela à direita, completado de elementos novos para se adaptar ao sítio, mostra ainda pequenas colunas salomónicas e arcos, do fim do século XVII.

Além de muitas esculturas modernas, há diversas da segunda metade de setecentos, obras muito comuns, como *S. Miguel, St.° António* vestido de cónego regrante, *S. Domingos, Virgem e o Menino* (Rosário).

Os dois sinos são da fundição de Cantanhede, um de 1791 e outro de 1792, com a indicação ANDRE DE ARGOS ME FES.

CAPELAS E CRUZEIROS — em *TRAVASSÔ*. A capela de Nossa Senhora do Amparo já se encontra na parte baixa, junto aos terrenos inundáveis. Renovaram-na inteiramente, substituindo mesmo a imagem da padroeira, vendendo a antiga.

No retábulo conservam-se ainda quatro pequenas colunas do meado do século XVII.

Colocaram num dos cunhais, a servir de acrotério, pequeno anjo a tocar harpa, resto de retábulo pétreo do século XVII.

Na capela do lugar de Cabanões procederam identicamente à renovação total.

Há na povoação-sede cruzeiros de tipo de via-sacra. Vimos dois antigos mas renovados, além de outro novo: um perto da igreja, de pedestal sem molduras e coluna toscana; outro a caminho daquela primeira capela, sendo o pedestal dotado de molduras; ambos datando na parte antiga do século XVIII, com restos de letreiros, desgastados pela pouca consistência do grês.

CASAS ANTIGAS — na povoação sede. Ao lado da igreja, na casa nova que agora ali se vê, há colunas de varanda, reaproveitadas, do género toscano, duas porém jónicas, um friso de porta seiscentista e ainda a data de 1629.

Em ligação de caminhos da periferia, uma casa meia abandonada mostra na fachada duas janelas setecentistas de verga curva e avental recortado.

CAPELAS — em *ALMIAR*. A de S. Caetano encontra-se à entrada da povoação do lado do poente. Construção do século XVII, modificada. Pequeno óculo com esbarro, acima da porta, e sineirita à esquerda. O retábulo de madeira dourada, dos fins do século XVII, compõem-se de dois pares de colunas salomónicas com parras, que suportam entablamento direito.

A de St.ª Luzia fica na extremidade oposta. Deve já pertencer à primeira metade do século XVIII, com reformas. A porta de verga direita tem cornija; a sineirita ergue-se no vértice da empena; o interior é da simplicidade corrente.

TROFA

Faltam referências directas à povoação de Trofa nos documentos mais antigos. Era abrangida pela designação geral de «Casais de Castrovães» que se encontra nas doações medievas. A igreja paroquial até ao século XVI estava no vale de Covelas e aparece com o nome de «S. Salvador de Covelas».

Um e outro lugar são indicados nos documentos da primeira reconquista e período intermédio até à definitiva, com outros da região (A. D. 981, 1050).

Interessam-nos especialmente os donatários dos séculos XV e XVI.

D. Fernando deu (6-Fev.-1377) as rendas dos casais do julgado de Castrovães e as rendas da ponte de Almeara a Rui de Andrade, comendador da Redinha, mas só em préstimo, cujo senhorio era da infanta D. Beatriz.

D. João 1.° concedeu as terras e direitos, de juro e herdade (15-Ab.-1385) a Lopo Vasques da Cunha (dos senhores de Tábua), ao qual as retomou, por se passar a Castela.

Aparece a seguir o donatário Afonso Martins de Ulmeira. Vendeu-as a Álvaro Gonçalves da Maia, com licença real de 1421 e confirmação de D. Duarte de 1433. Álvaro foi escrivão da câmara real de João 1.°, nomeado vedor da fazenda entre Douro e Minho e da Beira em 1431. Ainda escrito equìvocadamente que já o pai, Martim da Maia, partidário do mestre de Avis desde a primeira hora, tivera o senhorio. Fernão Álvares da Maia, filho daquele, seguiu o partido do infante D. Pedro e, por isso, teve confiscados os bens em 1449.

D. Afonso 5.° doou (13-Nov.-1449) bens e direitos a Gomes Martins de Lemos, de juro e herdade, com toda a jurisdição cível e crime, mero e misto império, como os tinham os Maias, no que se incluía o padroado da igreja, como os factos subsequentes demonstram. A sucessão de Gomes vê-se pelas referências que fazemos a propósito dos túmulos.

Em virtude da doação de D. João 2.° ao filho D. Jorge, que incluía a terra de Castrovães e os direitos da ponte de Almeara, o primeiro duque de Aveiro intentou processo aos senhores da Trofa, sendo dada sentença a favor destes últimos.

Aquela ponte de Almeara, no Águeda, ligeiramente acima da confluência com o Vouga, está substituída pela moderna da Rata. Uma representação dos procuradores de Aveiro às cortes de D. João 2.°, conta ingénua história da sua origem.

Perto dela, no termo do concelho de Segadães, eram, em 1616, arrematados dois pontões na estrada «que vae ter a Ponte pedrinha, aonde chamam a pontinha de Segadães e a pontinha de Almeara». Um dos licitantes foi Jorge Afonso, construtor civil, a quem fazemos diversas referências neste volume.

*

Trofa está situada no aplanamento que se encontra na estrada nacional, seguindo de Águeda para o norte, e que abrange cotas entre 70 e 80 metros, do qual descem vales secundários para o rio Águeda e para o Vouga e o Marnel. Trofa afasta-se para o poente, dominando as vertentes do Vouga. Para se compreender o que vamos dizer da igreja nova, paços senhoriais e igreja velha, temos de acrescentar que Trofa e Castrovães ocupam a linha alta que envolve um saliente, a qual partindo do sítio do pelourinho, em direcção a norte, passa pelo bairro da Figueira, já considerado Castrovães, e segue por esta povoação. No vale imediato, a meio do declive, ficava a igreja velha, levantada num pequeno morro, chamando-se ainda Passal ao sítio que ocupava e vendo-se na vertente seguinte os casais que conservam o nome antigo da freguesia, Covelas.

A tradição local diz que os paços senhoriais dos Lemos ficavam a norte da igreja e próximos dela. Os restos dispersos que achámos parecem indicar que, situados nessa direcção, se afastavam mais e se erguiam, a dominar os vales e o Vouga, no sítio da Figueira, de Castrovães. Vimos aí grandes blocos de cantaria de grês, a formar casebres, que têm aparência de provir de boa construção antiga. Encontrámos avulsamente uma mísula e dois fortes capitéis de pilares octógonos, formados de simples molduras, do tipo manuelino, e mais um capitel toscano, ainda sem as proporções clássicas, que pertenceria a uma varanda. Junto à escada de casa pequena e simples, datada de 1676, que aí se ergue, vimos colado à argamassa um azulejo sevilhano, de aresta e do século XVI. O limitado tempo não nos deixou proceder a mais indagações.

PELOURINHO.

Em largo arborizado, a meio da povoação, no entroncamento da rua para Crastovães.

Foi executado em granito, cerca do segundo quartel do século XVI.

O pilar é de secção octógona, ligeiramente galbado, que na parte inferior forma pequeno paralelepípedo, e que por capitel tem ligeiras molduras.

A pinha é outro corpo igualmente em paralelepípedo, sendo as esquinas tratadas em balaústres e as faces rematadas em linha que deveria ser conopial, mutilada porém. Numa das faces assenta escudo nacional incompleto, na posterior uma espécie de rosácea discoide, nas outras duas está indecifrável o que ali existisse.

Assenta a coluna em soco de plano rectangular, sem molduração. Os degraus datam das reformas.

IGREJA PAROQUIAL — do título de S. Salvador.

A construção que se levanta presentemente provém de três épocas principais. A capela-mor foi feita no decénio de 30 do século XVI, à custa dos padroeiros, como era de sua obrigação, e destinada à sua sepultura, como de direito lhes pertencia. Reformaram o corpo cerca do princípio do século XVIII, como se vê pela frontaria. No fim do século XVIII ou já no XIX alargaram esse mesmo corpo, trazendo levemente para fora as paredes dos flancos, o que foi causa de ficar o ângulo posterior da torre dentro do templo e que se produzisse certa desarmonia na fachada principal, à direita; nos fins do século XIX cavaram internamente dois rudes arcos nas paredes laterais, destinados a retábulos.

O renome desta igreja provém do conjunto arquitectónico, escultórico e decorativo da capela-mor.

A planta desta é rectangular. A abóbada que a cobre, por isso, simples; desenha uma estrela, por meio de dois arcos cruzados, das cadernas que não passam além da sua intercepção com os terceletes. O arranque angular das nervuras e a sucessiva individualização destas fazem-se por bom traçado. As mísulas, ou represas, como se dizia ao tempo, seguem o tipo renascencista; cada uma das quatro chaves laterais é ornada de florões, mas a quinta, a do centro, ostenta o escudo dos Lemos: cinco cadernas de crescentes dispostas em aspa. Este traçado da abóbada é aquele que foi introduzido em Coimbra por Diogo de Castilho; devendo ser dele esta mesma.

Destacam-se na capela os dois grupos de arcos tumulares, da primeira renascença, postos a um e outro lado, completados da entrada da sacristia e de duas frestas; conjunto este executado sob a direcção de grande mestre decorador. Um desses arcos emmoldura a única estátua, a do cavaleiro orante Duarte de Lemos, obra que hoje se pode atribuir seguramente a Hodart, como diremos.

Os arcos foram destinados por aquele fidalgo à sua sepultura e à dos seus antecessores por linhagem no senhorio da Trofa: seus avós Gomes Martins de Lemos (filho de Gomes Martins de Lemos-o-Velho, senhor de Gois), aquele a quem D. Afonso 5.º deu o senhorio, e sua mulher D. Maria de Azevedo; seus pais

João Gomes de Lemos e D. Violante de Sequeira; e a ele Duarte de Lemos e esposa D. Joana de Melo. Esta genealogia e sucessão de senhores da terra encontra-se bem especificada nos respectivos letreiros sepulcrais.

O conjunto arquitectónico organiza-se do seguinte modo.

Cada grupo tumular é formado de dois arcos, divididos por pilastras, levantadas em alto basamento, e dominadas de entablamento direito.

Este é o aspecto e o esquema arquitectónico geral, mas dum para outro grupo há diferenças, o que se procurou para efeitos diversificados.

O da direita, à epístola, da estátua orante, segue mais rigorosamente os princípios clássicos: três pilastras coríntias separam os dois arcos, estes apoiam-se em pés direitos, tratados em forma de pilastra.

No da esquerda, omitiu-se a pilastra do centro, juntaram-se os arranques dos arcos, na parte da linha média, e apoiaram-se num par de colunelos (ficando vazio o espaço posrior aos mesmos, que correspondia ao pé direito); um outro colunelo substitui igualmente a cada lado a pilastra do respectivo pé direito; apoiando-se desta forma os dois arcos em quatro colunas. Esta disposição, originada na supressão da pilastra central, foi causa de que a este lado só haja três medalhões nas cantoneiras dos arcos, em contraste dos quatro dos fronteiros.

Os basamentos arquitectónicos dos arcos não são mais que as arcas tumulares.

Cavam-se os arcos a semelharem troço de abóbada de duas séries de pequenas quartelas; os fundos decoram-se singelamente de arcadas simuladas, dominadas de escudos na parte das lunetas.

O grupo da esquerda não possui, como remate, mais que vasos sobre as pilastras laterais; o outro é dotado de dois frontões triangulares, correspondendo cada um a seu arco, recortados de medalhão posto a meio.

Encerra cada arco uma osteoteca, em forma de pequena caixa, à excepção daquele em que se encontra a estátua do fidalgo. Deixaremos para o fim a referência a esta.

A decoração é feita dos ornatos da primeira renascença coimbrã, em baixo-relevo, à flor da pedra, dado com tal leveza que parece modelado ali mesmo, como se tratasse do próprio barro. Nas pilastras e outros elementos verticais ordena-se segundo linha perpendicular e média à qual se sobrepõem tufos, folhas e hastes, dragões e aves, fantasiados e compostos de elementos díspares, em posições opostas e contrapostas, figuras humanas e muitos outros temas, vendo-se ainda medalhas com bustos e uma graciosa criança tocando guitarra.

Correm nos frisos enrolamentos de folhagens, que partem de linhas médias, formadas de cartelas e urnas, e cujas volutas de início, bem como as finais, rematam em figura animal ou humana de fantasia, ou ainda em cornucópias. Nos espaços quadrados, incluem-se florões e, nos rectângulos verticais, delicadas cabeças ou faunos em carros de triunfo.

Os medalhões das cantoneiras e dos frontões somam o número de nove, vazados, e com busto masculino ou feminino a sair desse espaço, tendo-se já perdido um deles. Servem, com outros espalhados na decoração, para marcarem as possibilidades figurativas deste mestre.

A mesma decoração envolve o aro da porta da sacristia (havendo aqui o predomínio de temas militares) e ainda as frestas superiores aos arcos sepulcrais.

A estátua jacente de Duarte de Lemos coloca-se à parte e em nível nìtidamente superior. Atribuída indecisamente a Hodart, poder-se agora fazê-lo sem hesitação, neste decénio em que um mais amplo conhecimento da escultura da Renascença em Coimbra permitiu avaliar da existência numérica das obras, do seu valor artístico e distribuí-las em grupos. O realismo intenso dos barros da Ceia encontra-se aqui; não é pròpriamente interpretação dos valores esculturais dum modelo, é como que a moldagem sobre o vivo. Desde o todo geral duma pessoa já entrada em anos mas vigorosa, com adiposidade, já de certa flacidez de músculos, até ao rosto, dado com exactidão tal que não são poupados mesmo pormenores que indicam o princípio da descida do vigor físico, até à reprodução de traços individuais, como os fortes maxilares, que provocaram a alusão de Afonso de Albuquerque aos dentes («mostraria que os tinha muito grandes e mui compridos»), até às mãos lavradas de veias e com dedos espatulados. A armadura que

veste é do mesmo tipo da estátua de Gois, com ligeiras diferenças individuais, e mais evolucionada que as dos reis em St.ª Cruz; pela minuciosidade e ajustamento das peças parece tratar-se de reprodução bastante exacta dum exemplar de armeiro do tempo. Está gravada no peito da couraça uma cruz da ordem de Cristo, pois que ele gozava duma das suas comendas.

Em cada arca encontra-se inscrição de letras de bom traçado, equivalentes ao elzevir quinhentista, mostrando a originalidade de certas (MM) se encontrarem invertidas e de os NN terem o traço oblíquo posto ao contrário.

Seguiremos a ordem genealógica dos donatários.

Ao lado esquerdo, o do evangelho, foram colocados os avós e pais do fundador, dispostos de modo que no arco próximo do altar ficaram os homens e no outro as respectivas esposas.

O frontal da primeira arca, a que faz o basamento, tem, a meio, escudo com as cinco cadernas dos crescentes dos Lemos, o qual parte as linhas da inscrição. Pertence a Gomes Martins de Lemos, o primeiro senhor da Trofa na linhagem dos Lemos.

AQVI IAZ GVOMEZ — MARTIZ DE LEMOS
QVE FOI FILHO DE — GVOMEZ MARTIZ
DE LEMOS O VELHO — SENHOR DE GVOIZ
O QVAL FOI O PRIM — EIRO SENHOR DES
5 TE LVGAR FALECEO — NA ERA DE MIL E Q
VATRO CEMTOS HE — NOVEMTA ANOS

Deve-se notar (posto que não fosse necessário) que Era, aqui e nos letreiros seguintes, é a vulgar, a do nascimento de Cristo.

A arca do outro arco é de D. Maria de Azevedo, esposa do anterior. O escudo, em lisonja, igualmente divide o letreiro, e é partido em pala, ficando à direita heráldica as cadernas dos Lemos, mas vendo-se lisa a pala da esquerda, em que deveriam estar as armas da família da mesma senhora; o espaço não foi rebaixado, o que indica que o ornamentista não tendo, na oficina e no momento, as indicações das armas, deixou o espaço pronto para serem gravadas e assim ficou.

AQVI IAZ DONA MARIA — DAZEVEDO FILHA QVE
FOI DALVARO DE MEI — RA E MOLHER QVE
FOI DE GVOMEZ MAR- — TIZ DE LEMOS E FALE
4 CEO NA ERA.DE — .1.4.5.3.

A osteoteca do primeiro arco referido contém as cinzas de João Gomes de Lemos, o segundo senhor. As armas respectivas foram esculpidas no tímpano do arco, que são as cinco cadernas dos crescentes. O letreiro está na frente da arca.

AQVI IAZ IOAM GVOMEZ DE LE
MOS FILHO DE GVOMEZ MARTI
Z DE LEMOS QVE FOI HO SEGVM
DO SNOR DESTE LVGAR FALECEO
5 NA ERA DE 15 *(incompleto)*

Os ossos de D. Violante de Sequeira foram colocados no osteoteca do outro arco, ao lado. O escudo em lisonja ocupa lugar paralelo ao do marido; é partido das referidas cadernas dos Lemos e das cinco vieiras em aspa dos Sequeiras. Igualmente se lê na arca:

AQVI IAZ DONA VIOLANTE DE
SEQVEIRA MOLHER QVE FOI
DE IOAM GVOMEZ DE LEMOS
4 FALECEO NA ERA DE 15 *(incompleto)*

Ao lado da epístola, à direita, o primeiro arco junto ao altar é de Duarte de Lemos, terceiro senhor da Trofa, o fundador da capela. No tímpano interno do arco destacam-se as armas dos Gois, com elmo, paquife e o timbre da águia. O letreiro da arca encontra-se muito salitrado e de dificultosa leitura.

AQVI IAZ DVARTE DE LEMOS FI-
LHO QVE FOI DE IOIAM *(sic)*
GOMES DE LEMOS E NETO DE GO-
MEZ MIZ O QVAL POR
SERVICO DE DS POR ONRA DE
SVA LINHAGEM MÃDOV
FAZER ESTA CAPELA PERA SEV
PAI E AVOOS E PERA SI E PERA
5 SVA MOLHER E FOI FEITA ESTA
CAPELA NA ERA DE MIL
E 5(3)4 ANOS O QVAL FALECEV
AOS VINTE SETE DIAS DE
IVNHO ANO DE 15(58)

Posto que, tempos atrás, se tenha verificado que estas duas datas de 1534 e 1558 foram viciadas, só ùltimamente o Sr. Dr. A. de Sousa Baptista as interpretou convenientemente pelas indagações sobre a vida de Duarte de Lemos.

Repousa no outro arco, junto ao cruzeiro, D. Joana de Melo, esposa do fundador. O escudo, em lisonja, é partido das cadernas dos Lemos e dos seis besantes, cruz doble e bordadura dos Melos. Há uma caixa correspondente às do outro lado; nada deve conter. O letreiro gravaram-no na arca.

AQVI IAZ DONA IOANA DE MELO
MOLHER
QVE FOI DE DVARTE DE LEMOS
A QVAL FALE
CEO AOS DOZE DIAS DO MES
DOTVBRO
4 ANO DE MIL.5.2.9

Encontra-se à esquerda da capela-mor a sacristia, quadra a que dá entrada pequena porta. Orna-se do mesmo tipo de pendurados dos arcos sepulcrais, como ficou dito.

*

A frontaria da igreja provém de reforma dos princípios do século XVIII. A porta dominada de nicho e as duas janelas do coro, rectangulares, são dotadas de friso e cornija. A torre à esquerda, de dois corpos, mostra nos ângulos da cimalha gárgulas cilíndricas e só decorativas.

As paredes dos flancos são simples. O púlpito data da reedificação do corpo. A singela pia baptismal é do século XVI. Conserva-se uma porta para dependências utilitárias, de arestas boleadas, do século XVII.

*

Os retábulos antigos desapareceram.

Andava em arrecadações e desmontado um pequeno retábulo de calcário, que foi aproveitado na capela moderna e insignificante da Senhora de Lourdes, colocada na zona baixa, a das ínsuas aluviais. Pertence à renascença coimbrã decadente, já do século XVII, como diremos na ementa própria. Seria o colateral, dedicado à Senhora do Rosário; mas muito posterior e de muito baixo nível.

O retábulo actual da capela-mor veio do convento franciscano de Serém, onde deveria ter estado em arco do flanco. Data do terceiro quartel do século XVII e é de madeira entalhada e dourada. Formam-no dois corpos; o de baixo com trono central e dois intercolúnios coríntios a ladeá-los; o de cima tratado como remate. Vê-se aqui e ao meio pintura em madeira, da mesma época, representando *S. Francisco* ao qual aparece a Virgem e Cristo, além de duas laterais e menores, mostrando os bustos dum santo cardeal e dum bispo; há no basamento outras pinturas do mesmo género, todas secundárias.

Formam os retábulos colaterais colunas e fragmentos vários, mal distribuídos, de bom retábulo de madeira entalhada e dourada, do fim do século XVII, além de pequenos elementos de época posterior. A sua origem é incerta. As colunas são torcidas e com parras. O sacrário, que ficou ao lado esquerdo, é boa obra, dotado de colunelos e panos da mesma decoração.

As outras espécies retabulares são desprovidas de interesse.

Há diversas esculturas de calcário. Colocaram no nicho da frontaria uma pequena, do titular, *S. Salvador;* obra delicada do tempo dos túmulos, mas dos decoradores e não do estatuário. *Virgem e o Menino,* dos meados do século XVI, graciosa; *St.º Antão* com o cajado, campainha e o porco, do século XV, comum; *St.º António* do meado do século XVI, igualmente obra corrente.

CRUZEIRO — colocado à parte posterior da igreja.

Tipo de templete, de plano quadrado, quatro colunas, tendo a cobertura modificada, além de descaracterizado por outros elementos.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE — em *TROFA*, à entrada poente da povoação.

Mostra as dimensões usuais dos edifícios similares da época, porta rectangular e postigos largos. O pequeno retábulo de madeira, de pilastras misuladas e sanefas, da primeira metade de setecentos, alberga a *Senhora da Piedade* do mesmo século e obra comum.

CAPELA DE S. SEBASTIÃO — em *TROFA*, a nascente do lugar. Alta, como era comum no século XIX, e retábulo da mesma época. A escultura de pedra, do século XVI, renascença, de *S. Sebastião*, apresenta-o em atitude movida, mas dentro de nível corrente.

Junto ao cemitério existiu até ao século passado a capela de St.° António.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DE LOURDES — levantada em pequeno morro, junto aos terrenos aluviais do Vouga, construída há poucas dezenas de anos.

Modesta, guarda todavia pequeno retábulo de calcário, que foi da igreja, onde estava desmontado. Pertence à renascença coimbrã decadente, já do século XVII, de rude execução. Compõe-se de duas colunas, coríntias e caneladas, entablamento e frontão curvo, formando este uma concha donde se destaca o busto do Padre-eterno. No intercolúnio cava-se o nicho, ladeado de dois anjos músicos e de mais outros dois que emergem de frestas, sustentando turíbulos e levantando acima do nicho uma coroa aberta.

Nunca poderia ter sido o principal da igreja, dadas as suas dimensões e a época. Aquele, como em Ega e Gois, deveria ter sido formado de pinturas.

CAPELA — nas *MOURISCAS*. A meio da grande povoação que hoje se alinha e define pela estrada nacional, levanta-se no entroncamento para a Trofa esta capela dedicada a St.° Inácio bispo. Data duma reforma de 1899, como se lê no alto da frontaria. Vasta e alta mas sem carácter definido, está condenada a ser deslocada para ponto mais desafogado.

Foram aproveitadas na sacristia duas frestas rectangulares e a porta da capela antiga, lendo-se na verga desta a data de 1674. Existe ainda a velha escultura do padroeiro, *St.° Inácio de Antioquia*, bispo, com leões aos pés, de calcário, do século XVII e muito secundária.

BIBL. — A. de Lacerda, *O Panteom dos Lemos*, Porto, 1928.

Reinaldo dos Santos, *A Escultura em Portugal*, vol. 2.°, Lisboa, 1950.

A. S. Sousa Baptista, *A capela dos Lemos na Trofa; Duarte de Lemos*; em *Arq. de Av.*, 1946, 1948.

VALONGO DO VOUGA

A freguesia, ocupando a parte baixa do Marnel e estendendo-se pelas ribeiras afluentes, dependeu do concelho medievo de Vouga, de que falámos a tratar de Lamas, seguindo-o nas vicissitudes apontadas.

Documentos já referidos atestam a existência de Valongo e Fermentões na primeira reconquista.

Encerrava contudo dois resumidos concelhos, o de Brunhido e o de Aguieira, dotados de forais novos em 1516 e 1514 respectivamente; pertencendo aquele à coroa e este à ordem de Cristo, que andou em comenda ou em regimen eufitêutico.

O infante D. Pedro, conde de Barcelos, o do Nobiliário, foi senhor de Brunhido, por compra a Martim de Espiunca, tendo tomado posse em 1309 por Vasco Martins da Cunha, seu mordomo-mor. Aí teve a faustosa D. Teresa Anes (com quem parece não ter casado) e aí residiu por vezes.

IGREJA PAROQUIAL — com o titular de S. Pedro.

A grande reconstrução que produziu o edifício actual data da transição dos séculos XVII-XVIII. As cantarias são já de granito. A anterior poderia ter sido da época manuelina, tempo a que pertence a pia baptismal e os dois pequenos benedictérios embutidos nas paredes, aos lados das portas travessas.

Ficou a igreja com corpo e capela, dois arcos nos flancos, junto ao cruzeiro, destinados a altares, porta principal e duas travessas, frestas altas e rectangulares.

O arco da direita foi rompido na segunda metade do século XVIII, a formar capela; o fronteiro, ao evangelho, só o foi recentemente.

O aspecto geral ficou austero.

Teve a igreja grande reforma entre 1930-35, subvencionada pela família Sousa Baptista.

A porta axial e as laterais possuem fortes lintéis e espessas cornijas, tendo sofrido alterações a primeira. Acima desta conserva-se a moldura do óculo com forte esbarro.

Procurou-se dar certa graça ao arco-cruzeiro, decorando a volta com almofadados rectangulares com diamantes, e aos pés direitos com fortes almofadas corridas. São simples os das capelas.

Os retábulos das capelas laterais e os dois colaterais ao cruzeiro, exceptuando os remates destes, pertencem ao mesmo tipo e época, o primeiro terço do século XVIII. Pelo ornato parecem anteriores mas pela composição mos-

tram que são duma forma transitiva entre o barroco pedrino e joanino.

Os das capelas têm maior interesse, pelo maior desenvolvimento que o espaço permitiu. São de colunas torcidas e com parras, que se completam de arcos do mesmo tipo. Agrupam-se três a cada lado, segundo plano triangular, ocupando o ponto externo a do meio; há mais um par com o respectivo arco, destacado, a envolver o conjunto. Trata-se do tipo reentrante modificado. Ocupa o pano central um baixo-relevo de execução corrente: no do evangelho a descida do *Espírito Santo*, no oposto as *Almas do Purgatório com S. Miguel*. As mesas foram-lhes renovadas no concheado da segunda metade do século XVIII.

Os colaterais ao arco-cruzeiro possuem só duas colunas por lado, sendo mais salientes as de dentro, tendo só um arco. Posteriormente, mas no mesmo século, alteraram os remates, dotando-os de grande anjo adulto, bastante decorativo. Esteve no do evangelho o sacrário; refizeram-lhe nas obras recentes a parte média e a esculturita. Talhas que sofreram modificações envolvem o arco.

O retábulo principal, bastante posterior a estes, da fase seguinte e de trabalho inferior aos mesmos, mostra colunas torcidas e grinaldas no cavado.

O tecto da capela da direita, da segunda metade do século XVIII, está dividido às quartelas, sendo os claros decorados de rótulos policromos e dourados, em estilo concheado, encerrando emblemas da Paixão, à excepção de um em que se vê um cálice, anjos adoradores e letreiro eucarístico.

As esculturas antigas não saem do nível corrente. Entre as de madeira anotamos: na capela-mor, *S. Pedro*, de tiara e capa, e *St.ª Maria Madalena;* no retábulo da direita, a *Virgem e o Menino* (Rosário), pintada de novo; todas do século XVIII.

Nas de pedra: *St.ª Luzia*, obra popular, mostrando de frente o prato com os olhos simbólicos, imitando certas esculturas antigas, *S. Lázaro* com o cão e um anjo, do século XVII, de pequeno interesse.

Há dois anjos ceroferários independentes, setecentistas, graciosos mas correntes.

O púlpito, da época da reforma, tem singela bacia de pedra, e guardas de madeira em forma de balaústres espiralados.

Apoia-se o coro em duas colunas, englobando pias de água benta que as circundam.

De categoria é a *pia baptismal*. Trabalho feito em calcário, do princípio do século XVI, época manuelina; posto que não venha das principais oficinas mas da simples artificiania, é obra pouco comum. Dotada de pé curto e de secção quadrada, segue traçado octogonal na taça, produzindo um corpo de rectângulos e um de trapézios em ligação com o pé; quatro desses rectângulos são decorados dum busto de criança desnudada, cercada de haste vegetal, dois deles com um par de crianças igualmente entre a folhagem, os dois restantes só de folhagens; os trapézios do segundo sector são cheios de temas florais diversamente compostos; em cada ângulo do pé há um rosto humano e nas faces folhagens cruzadas.

Como foi dito, junto das portas travessas cravaram um benedictério de calcário, decorado só de molduras.

A *custódia* de prata dourada é espécie de certa categoria. Pertence ao século XVII e ao tipo de templete. Este é formado de um par de colunas jónicas, postas a cada lado, suportando o cupulim, que Cristo ressuscitado remata; em lugar de pináculos há quatro anjitos com os símbolos da Paixão; o receptáculo não tem radiação solar mas ornatos curvilínios; a sub-copa, o pé e a base seguem os tipos correntes, havendo tintinábulos quadrados.

Em volta da igreja, na relva do adro, conservam-se algumas campas sepulcrais com letreiros, pertencendo ao século XIX, de tempo anterior à construção do actual cemitério; dão, todavia, a sugestão do que seriam os campos cemiteriais antigos, a rodearem os templos.

Uma antiga *via-sacra*, dos princípios do século XVIII, partia da igreja e ia terminar num cabeço. Restauraram-na em parte. Conserva-se a cruz ao lado da porta axial da igreja e uma alta, igualmente de grandes braços, junto da zona terminal, além de certas bases.

CAPELA — em *AGUIEIRA*, de S. Miguel. Pequena e de modesta arquitectura; porta de verga direita, postigos, no alto pequeno óculo circular; o tipo regional.

Retábulo igualmente singelo, de madeira, formado de quatro pilastras a enquadrarem três nichos, remate mutilado, com esculturas.

S. Miguel, de calcário coimbrão, gótico, do século XVI inicial, representado de túnica e asas, cabelo flutuante mas cingido de larga fita, de balança e a dominar o demónio; obra comum.

Pequena *Virgem sentada*, aleitando o Menino, da segunda metade do século XV, de pregas arredondadas, secundária.

Além dum *Cristo crucificado* de pedra, do século XVII, corrente, há outras esculturas sem mérito e três pinturas daquele século, de pequena importância.

CRUZEIRO — em *AGUIEIRA*. Vindo da sede da freguesia, depara-se-nos antes da ponte. Datado de 1753, forma pequeno templete, com colunas pançadas, postas em pedestais. Teve reformas várias, incluindo benfeitorias recentes.

CASAS ANTIGAS — em *AGUIEIRA*.

Seguindo do cruzeiro para a povoação encontra-se à parte esquerda da rua, para sul, uma seiscentista, térrea, de quatro vãos rectangulares com cornijas.

Um pouco adiante outra, de andar de sobrado, varanda e a escada num recúo da fachada. São de avental as janelas, com decoração geométrica naquelas que estão em frente da escada. Uma janela baixa mostra a data de 1698 e há na parte inferior da verga letreiro que os líquenes não deixam ler, pelo menos no momento.

Do outro lado da rua, a seguir à capela, levanta-se uma (ou duas casas, conforme o que as divisões interiores disserem), do mesmo modo mal conservada; de lintéis e cornijas tanto no andar de cima como no inferior, lendo-se no sector voltado à capela — 1678.

Na rua que se continua a seguir à travessa, e, posta à direita, está outra ao abandono; pequena, do mesmo tipo daquelas. Mais adiante, na esquina de outro beco, levanta-se ainda outra, mais tardia, setecentista, de três vãos, tanto no alto como nos baixos, rectangulares, sendo naquele piso uma janela a um lado seguida de duas sacadas, cujas bacias se ligam às vergas das aberturas inferiores. Pequeno nicho crava-se entre as mesmas.

A casa dos viscondes de Aguieira (título criado em 1872), vasta e com capela, é de tipo corrente no século XIX.

A capela, posto que a frontaria seja moderna, conserva o interior antigo. O milésimo de 1735 na porta da sacristia deve ser o da sua data média. Dessa primeira metade do século XVIII é o tecto e a pintura; dividido em nove caixotões e estes ocupados com cenas da Paixão, de tipo corrente. O sub-coro tem pinturas de rótulos encerrando emblemas igualmente da Paixão.

O retábulo, ainda da primeira metade setecentista, fase D. João 5.º final, de madeira entalhada, é de certa categoria e conserva a douradura em bom estado. Formam-no dois pares de colunas salomónicas com grinaldas no cavado e sem divisão de terços, enquadrando composição de altas aletas, que abriga pequena escultura da titular, *Nossa Senhora do Bom Despacho* (Virgem e o Menino), do mesmo tempo. Duas outras esculturas datam do mesmo século, *S. João Baptista* e *St.º António*, que tem saca de esmolas.

Crava-se no chão a campa de D. Maria Eufrásia Pacheco Teles (1690-1758), mandada renovar pelo bisneto, o primeiro visconde; foi esta senhora a instituidora da capela.

O brasão da mesma capela é do século passado; esquartelado de Figueiredos, Pachecos, Teles e Morais.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO — em *ARRÂNCADA*.

A construção actual, moderna e de bom gosto (1938-39) assenta a meio do lugar, tendo sido muito auxiliada pela família local Sousa Baptista.

A antiga estava na mesma rua, da qual se formou um recanto em ponto superior, marcado hoje por um dos cruzeiros da antiga via-sacra. Um azulejo dá a imagem da desaparecida, que era do tipo comum na região.

O retábulo principal, de duas colunas salomónicas, dos séculos XVII-XVIII, foi readaptado e pintado.

Conservam diversas esculturas antigas das quais mencionaremos: *Virgem e o Menino*, segurando este uma pombinha, obra de pedra e comum, gótica, do século XVI inicial; *S. Mateus*, vestido de apóstolo, segurando a espada que se recurva na ponta, de panejamentos

arredondados, de calcário, dos meados do século XV e de nível comum; *Trindade*, de madeira, em que a figura do Padre-eterno, que foi renovada na parte inferior, mostra máscara vincada, do século XVI inicial, época manuelina; *S. Cosme*, vestido como burguês, da mesma época da imagem anterior, com barrete redondo, funda com livro e um rolo de papel que é modificação do símbolo inicial, de madeira e de pequeno tamanho. *S. Silvestre*, de tiara, pluvial, e aos pés pequenino boi, de madeira igualmente, do século XVI inicial e comum; *S. Tiago*, apóstolo, vestido de romeiro, chapeirão atirado para as costas, bornal, obra popular de pedra e do século XVII.

No cimo da povoação destaca-se em ponto dominante a *capela de Santo António*. Foi inteiramente reconstruída pela família acima citada, no mesmo sítio mas em plano mais elevado.

CRUZEIRO — em *ARRANCADA*, no entroncamento da rua principal com estradas de saída da mesma povoação.

Tipo de templete, de quatro colunas toscanas sobre pedestais, em plano quadrado, entablamento corrido, de estrutura seiscentista. Sofreu diversas reformas e alterações incluindo a dos tempos modernos, sendo de calcário a parte mais antiga e de granito a posterior.

Sobre a cúpula da reforma há uma pedra paralelepipédica, que numa face mostra um rótulo com a data de 1626, noutra uma esfera, e nas outras sinais de emblemas raspados. Talvez não fosse originária do cruzeiro.

CRUZES DA VIA SACRA — na mesma povoação.

A via-sacra dos princípios do século XVIII, esteve ao abandono; foi renovada recentemente. Era de cruzes de grandes braços e de bases baixas; resta uma cruz inteira no sítio da antiga capela da Senhora da Conceição, além de bases reaproveitadas.

CASAS ANTIGAS — em *ARRANCADA*.

Constitui surpresa encontrar tal número e conjunto de casas, dos fins do século XVII aos meados do XVIII, de tipo homogéneo, em região em que tanto escasseiam as velhas moradias. Começa aqui a zona do xisto da grande meseta peninsular e já se encontra relativamente próxima a de granito da serra das Talhadas; os dois materiais empregados respectivamente nas alvenarias e nas cantarias.

Estas casas, a que se poderiam juntar outras desaparecidas já neste século, demonstram a prosperidade da povoação naquelas épocas e como se congregou, nesta terra de arrancada da estrada para a serra e além Caramulo, a pequena nobreza e a burguesia regional, posto que não fosse sede de concelho e o fossem povoações envolventes, as de Vouga, Brunhido e Aguieira.

O estado de conservação é variado e algumas encontram-se divididas em fracções.

Daremos a sua relação partindo da zona baixa, do ponto do cruzeiro.

Ao lado esquerdo:

Grande casa de seis vãos no andar nobre, tendo verga direita e cimalha, o antepenúltimo formando janela rasgada e com sacada e grade de ferro de varões anelados; os outros são de janelas de avental rectangular, este pousado nas cornijas das aberturas inferiores; aos lados das janelas mísulas rectangulares.

Casa simples e modificada, de seis janelas de avental e aos lados cachorros destinados a suporte de gelosias.

Casa de duas janelas de avental e sacada média, assentando a bacia em cachorros que se ligam à porta de entrada. Igualmente cachorros aos lados dos vãos laterais.

Conjunto modesto e gracioso: em cima três sacadas, com friso e cornija e bacias sobre mísulas, ligando-se estas aos vãos inferiores, que são porta e duas janelas; cimalha geral, tendo a cada extremo gárgula ornamental e de forma cilíndrica.

Em casa simples há grade de sacada, feita de varões quadrados e torcidos em dois sentidos e de anéis ao centro e nos extremos.

Casa de duas sacadas sobre cachorros, em ligação com os vãos inferiores, e de janelas intermédias.

Na rua transversal do mesmo lado vimos uma casa popular, de janela e porta rectangulares, e escada exterior; e uma outra, que teria sido de maior categoria, setecentista, de vergas curvas, modificada.

Ao lado direito:

Casa simples e modificada, de vãos e aventais rectangulares. Tem dois letreiros. O da janela da frente diz que em 1623 mandou fazer Tomé João aquela janela. O da outra janela na face lateral, à esquerda, esclarece que a casa foi mandada fazer por António de Almeida Vidal, cavaleiro professo da ordem de Cristo, filho do capitão Gabriel (?) Luís, no ano de 1693. Decoram-na motivos simples em que entram quadri e sexifólios.

Casa de três janelas rasgadas em sacada e com as respectivas bacias assentes em cachorros.

Depois da rua travessa outra casa de cinco vãos de verga direita, friso e cornija, correspondendo três a janelas e os dois intermédios a sacadas sobre cachorros, estes em ligação com as aberturas inferiores. Há cachorros aos lados dos vãos superiores, que são rectangulares e destinados a vasos florais.

Em rua transversa do mesmo lado, encontra-se outra casa modificada, de aventais igualmente rectangulares. Atenuam os ângulos dos vãos inferiores pequenas mísulas, a darem a sugestão de suportar o lintel.

Vêem-se ainda restos domiciliários que não anotámos por já não terem suficiente carácter.

Conservam-se do vasto celeiro senhorial do século XVIII as fortes paredes envolventes. Em cada topo rasgam-se dois portões que correspondiam às duas naves internas, separadas por arcadas desaparecidas. Cada nave tinha telhado independente, as águas corriam por caleira que assentava na linha das arcadas. Conservam-se os largos postigos gradeados. A separar os postigos existiam robustos contrafortes, todos demolidos.

CAPELA — em *BRUNHIDO*, de St.º Estêvão.

A singela construção actual, provàvelmente dos fins do século XVII, mas com diversas reformas, de vãos rectangulares e cantarias em granito, foi precedida de outras. Resta da medieval um óculo a que abaixo nos referiremos.

O retábulo de madeira dourada, cerca do decénio de 70 do século XVII, não é muito comum na região. Divide-se em dois corpos, um principal e outro pequeno, de remate. Quatro colunas caneladas e de terços decorados separam os três nichos. A parte alta, repartida por pilastras misuladas, encerra três pinturas em tábua, de pequeno nível, com os bustos de *S. Gonçalo de Amarante*, *S. Francisco* e *St.º António*.

Justapuseram ao nicho central uma maquineta setecentista que encerra escultura do mesmo tempo, da *Virgem e o Menino*, obra corrente.

O titular antigo, *St.º Estêvão*, é pequena escultura de pedra, do século XVII e de pouco interesse.

Numa das paredes da sacristia, a dar luz à mesma, cravaram o preenchimento dum óculo dos séculos XIII-XIV. A rosácea é formada por semicírculos secantes, na ordem externa, tangentes na interna e radiação central; os semicírculos externos procuram sugerir entrecruzamento. Feita em calcário, é exemplar único na região. A seguir à nossa visita, ficando-se ali a conhecer o que ela representava, nas obras de reparação a que procederam, colocaram-na acertadamente no óculo da frontaria, com o que se valorizou.

CASAS ANTIGAS — em *BRUNHIDO*.

Distingue-se esta antiga vila por uma casa nada comum nesta região, em que o grês tenro é a pedra natural. São os seus vãos de granito. Deve pertencer à primeira metade do século XVIII. A fachada principal volta-se para a rua que leva à capela e a outra para um cruzamento. Tem esta duas janelas rasgadas, de linteis e cornijas, sacada sobre mísulas, ligando-se-lhes as janelas inferiores, que são de avental. As grades de ferro datam do século XIX, posto que tenham certo aspecto de mais antigas, encerrando monograma formado por dois JJ.

Os cunhais são apilastrados, havendo no angular um corte como nicho devoto.

Ocupa a fachada principal varanda coberta e escada de acesso à mesma. A varanda reparte-se em quatro vãos; assenta em pés direitos isolados; tendo parapeito pleno mas ressaltado na altura dos pés direitos e das colunas, a simular pedestais; e sendo formada de colunas toscanas, a primeira das quais destacada e levantada em pilarete alto, no arranque da escada, para que o telhado tudo cubra. Desta fachada fica livre uma janela

que precede a linha da escada. Todos os vãos são rectangulares. Não tem infelizmente brasão.

Reempregaram em casa de tipo corrente, lintel em grês vermelho datado de 1707 ANNOS, com o letreiro: EV ANT / ROIZ // A FIS POR CONTA DE // MEI DA FONSEQVA.

Em rua transversal há uma casa de tipo setecentista final, de vergas curvas nos vãos.

A antiga *casa da audiência* está substituída por outra sem carácter.

Desapareceu o pelourinho que se levantava em cruzamento de ruas, sítio ocupado por cruzeiro novo.

CAPELA — em *CARVALHAL DA PORTELA*, dedicada a S. Marcos.

Posto que o velho edifício seja deste século, a fundação da capela remonta a velhos tempos.

O titular, o evangelista *S. Marcos*, de calcário e do século XVII, não passa de obra comum.

CAPELA — em *PÓVOA DA ARRANCADA*, do titular do Espírito Santo.

O seu assento antigo era num largo, tendo sido deslocada neste século. Aproveitaram as antigas cantarias, que são de granito, não obstante a região ser de grês, refizeram algumas ou imitaram-nas a massas.

Conserva o plano simples, rectangular, e o aspecto seiscentista. Porta de lintel e cimalha, dominada de pequeno óculo com esbarro e ladeada de postigos. Sineirita no vértice da empena.

Trindade de calcário, obra decadente do século XVII.

CAPELA — em *VEIGA*, com o título de Nossa Senhora das Preces.

Duas inscrições datam a obra. A do postigo da esquerda, FOI.FEITA.EM.1702, indica a grande construção; a do lintel da porta, ANTONIO RODRIGUES CORREIA MAN/DOU ASENTAR COM AIUDA DO POVO DA VEIGA / / ANO /1846, referir-se-á não só ao assentamento da mesma mas outras obras.

A graciosidade da capela provém do conjunto formado pelo alpendre, a sineirita no vértice da empena e os pináculos angulares.

Os ângulos do alpendre são maciços de alvenaria, enquadrando a cada lado dois pilaretes octógonos, postos em parapeito cortado para formar as entradas.

O retábulo de calcário data do século XVII, da renascença coimbrã decadente. Pilastras com pendurados separam os três nichos, havendo em cada um dos laterais um anjo a tocar trombeta. O remate, dividido igualmente em três sectores por balaústres, encerra *Cristo crucificado*, a *Virgem* e *S. João*.

Sobrepuzeram no século XVIII uma maquineta ao nicho central, a abrigar a *Virgem e o Menino* (Senhora das Preces), de madeira e do mesmo tempo.

A pequena escultura de *St.ª Catarina*, com a roda de navalhas, a espada e a cabeça do rei, do fim do século XV, de calcário, é obra comum.

Houve aqui uma via-sacra de cruzes de pedra, de grandes braços, de que restam algumas bases e outros fragmentos.

CASA E CAPELA — em *SOBREIRO*.

Na pequena povoação, já da zona de xisto, destaca-se esta casa, com aspecto de abandono. Construção da primeira metade do século XVIII, ainda de vãos rectangulares, as janelas de avental e todas as cantarias de granito. O maciço corpo principal dispõe-se perpendicularmente à rua, tendo um outro na extremidade oposta, pequeno, cortando para a esquerda.

A este lado anexa-se a capela de mais antiga época, dedicada a *Nossa Senhora das Necessidades*, do século XVII. Plano rectangular e aspecto das ermidas regionais, com emprego de grês nas cantarias.

A entrada, de dintel e cornija, está acompanhada de postigos e óculo singelo; pirâmides dominam os cunhais e uma sineirita graciosa sobrepõe-se ao ângulo da empena. A servir de degrau, uma campa de granito mostra ainda algumas letras.

Retábulozinho do terceiro quartel do século XVII, de madeira dourada; quatro colunas a enquadrarem três panos, sendo elas caneladas e com os terços envolvidos de enrolamentos de acanto. Pequeno remate, com baixo-relevo de *Jesus*, *José*, *Maria*.

As esculturas não têm interesse, à excepção da padroeira. Letreiro na sua base esclarece: NOSA SRA DAS NECESSIDADES 1627. Obra de calcário coimbrão que, sem ser de

grande nível, é muito graciosa e rara. A Virgem dá o seio ao menino e sustem-no de modo a apresentá-lo graciosamente aos fiéis.

Uma campa elucida acerca dos antigos proprietários; a de D. Maria Mascarenhas Bandeira Teles de Mancelos Pacheco (31-VIII-1838; 7-XI-1855), mandada colocar pelo viúvo Joaquim Álvaro Teles Figueiredo Pacheco. Uma quadra singela completa o epitáfio da pobre senhora, falecida novinha.

O povo consagra grande devoção à imagem, pendendo das paredes ex-votos de cera, em grande número.

CONCELHO DE ALBERGARIA-A-VELHA

FREGUESIAS:

ALBERGARIA-A-VELHA

O concelho é definido geogràficamente da parte do sul pela grande curva, em forma de U, do Vouga; a leste, pelo vale do seu afluente, o Caima, e pelos sub-afluentes do mesmo; a oeste a linha recua da zona da Ria, para seguir alturas médias e deixar ao concelho de Estarreja as freguesias ribeirinhas; a norte atravessa pontos altos; ao centro alarga-se a zona de planalto.

Lançando um simples olhar para a carta corográfica, nota-se que a população se fixou primàriamente ao longo do curso fluvial do Vouga, atraída pelas férteis terras aluviais, e nos pontos mais abertos da região do Caima; tendo-se ali organizado os pequenos concelhos medievos de Serém, Paus, Pinheiro, Frossos e Angeja.

A zona do planalto, delimitada sensìvelmente pela curva de nível de 75 metros, era no tempo da rainha D. Teresa formada de matas e gândaras, despovoada; mesmo hoje o adensamento populacional só se encontra próximo da vila. A esta zona, talvez mais na sua parte sul, chamava-se *Meigonfrio*, e não a qualquer cimo.

O tracto de estrada de Lisboa à Galiza que a atravessava a esse tempo, entre Serém e a região da Branca, seguia por deserto e não admira que em recessos se dessem habitualmente assaltos e assassínios, como no trajecto transversal, o do Vale Pequeno *(ubi spoliant homines et occident)*, na estrada para Vale Maior e região caramulana.

O casal de Assilhó (Osseloa) ficava ligeiramente ao lado dessa estrada principal e, se foi a razão, não foi o fulcro do repovoamento. Esse encontra-se na instituição benemérita da rainha.

A carta de couto de D. Teresa dá origem certa e nobre à vila, certa pela data, nobre tanto pela alta Senhora *(Regina Dona Tarasia Regina*, como diz a robora) que a fundou como pelo fim benemerentíssimo por que foi feita.

A carta está datada do mês de Novembro do ano de 1117 (era hispânica de 1155) e foi lavrada na Vila da Feira. Seguimos a sua publicação que vem na erudita monografia *Albergaria-a-Velha e o seu Concelho*, de Dr. António de Pinho, donde igualmente tomámos as indicações cronológicas que inserimos.

D. Teresa para instituir, manter e firmar a albergaria coutou e doou a Gonçalo Ériz a vila rústica de Osseloa *(Hec est karta bene facti et firmitudinis cauti que iussi facere ego Infant. domna Tarasia regina de Portugal tibi Gunzaluo Eriz in uillam tuam de Osseloa)*, delimitando-a pormenorizadamente, demarcando dentro do mesmo couto a herdade privativa do albergueiro e privilegiando-o pessoalmente, declarando honra a mesma vila *(et desuper honorifo ad te Gunsaluo Eriz tuam uillam)* com os direitos, regalias e isenções inerentes.

Osseloa (Assilhó) não ficava na estrada geral, como se vê da leitura atenta da carta; a albergaria fundou-se em ponto levemente afastado, num entroncamento, a cerca de duas ou três centenas de metros dali *(unam albergariam ... in loco isto de super strada)*. A carta de D. Teresa é pois o registo de nascimento da actual vila.

A história posterior é ainda incerta.

Exerceu direitos no couto, desde o séc. XIII ao XV, o mosteiro de Pedroso, não se sabendo a que título. Todavia no ano de 1133, Paio Mendes (cujo parentesco com o primeiro donatário ignoramos) doara ao mesmo mosteiro uma herdade que ali possuía *(hereditate mea propria quam habeo in uila Osseloa)*.

Os próprios moradores de Albergaria administraram por certo tempo os rendimentos das terras e geriram o hospital. Parece que em 1553 o couto foi considerado vago para a coroa e, como terra reguenga, por ela entregue a sucessivos administradores.

O hospital foi encerrado no advento das instituições liberais.

O eclesiástico ficou a pertencer desde o fim do séc. XV ao mosteiro de Jesus de Aveiro.

A carta de couto designa diversos sítios pelo nome de *mâmoa*. Noutros documentos dos concelhos de Anadia, Águeda, Aveiro, etc. da zona sul do distrito, e ainda no uso corrente, encontrámos o mesmo termo de mâmoa e de mama. Visitámos alguns e inquirimos das razões dessas denominações. São essencialmente locativos de largas formações mamelonares, originadas na erosão de rochas brandas. Nada impede, e é mesmo de presumir, que a algumas dessas formas se tivesse juntado um dolmen. Alguns desses outeiros-mâmoas são nìtidamente mero e largo acidente de terreno; noutros há, no ponto alto, pequena forma mamilar, que tanto pode ser a última fase de erosão regressiva, análoga a outras, como representará o resto da cobertura do monumento pré-histórico a que tivessem tirado os esteios. Nalgumas há restos de obras modernas (marcos trigonométricos, etc.). Requere-se que se lhes faça, por competentes, o mesmo exame cuidadoso e honesto como se fora estação intacta e publicados os resultados.

A mesma sistemática identificação de pontos altos

como crastos, que anotámos em Águeda, aqui a viemos encontrar e, do seu exame, concluímos o mesmo.

O coleccionador de Arte sr. Dr. Jacinto Pires de Almeida reuniu obras várias de escultura e faianças. Amàvelmente nos permitiu fotografias; entre elas as de dois bustos (figura feminina e outra masculina) do escultor Francisco Franco, provas de curso, provàvelmente do seu tempo de Paris.

PADRÕES— da fundação da vila.

Em execução do acórdão da Relação de Lisboa, de 27 de Maio de 1629 («o mais notável e interessante documento para a história do Hospital, depois da Carta de Couto que o fundou», como escreveu o ilustre monografista, infelizmente falecido depois que visitámos o concelho) levantaram-se certos padrões, conservando-se a lápide da própria casa da albergaria e um cruzeiro que esteve na entrada sul da vila.

A lápide seiscentista está hoje cravada em sítio honroso e destacado, no edifício da câmara municipal, em frente do primeiro lanço da escada. Consta de um grande rectângulo de calcário coimbrão, de cerca de metro de comprimento, dominado duma cruz.

O letreiro diz em capitais romanas:

ALBERG(A)R(I)A DE POBRES.E
PASAGEIROS.DA.
RAINHA.D.THAREIA.COM.4.CAMAS
E.2.ENXARGOIS.E ESTEIRAS.LVME.
AGOA
SAL.FOGO.E CAVALGADVRAS.E
ESMOLA
5 E OVOS.OV FRANGOS AOS DOENTES

Levantava-se o cruzeiro sensìvelmente no sítio ocupado hoje pela capela de S. Sebastião. Transportado, no meado do século passado, para o morro da capela da Senhora do Socorro, encontrámo-lo desmontado, para ser restaurado e voltar ao sítio antigo.

Compõe-se de soco paralelepipédico, sem molduras, de granito. Cravava-se nele a haste duma cruz do tipo de grandes braços.

Numa das faces do soco lê-se mal, pelo carcomido da pedra.

AQVI COMES
A ALBERG(ARI)A
DE POBRES E
PASAG(EIR)OS DA
5 (Rainha) D TAREZA

Existiu na entrada norte da vila pequena capela, igualmente com letreiro a anunciar a albergaria, que foi demolida em 1865.

IGREJA PAROQUIAL — dedicada à Santa Cruz.

O território em que foi fundada Albergaria era eclesiàsticamente da freguesia de Vale Maior.

Instituiu-se, não sabemos em que época, em frente à albergaria, uma capela que seria dedicada a Santa Maria e que, como foi próprio do tempo, se veio a individualizar no título de Nossa Senhora da Conceição. Ocupava o terreiro agora denominado *largo de D. Teresa*, havendo entre a mesma e a casa da albergaria a estrada que descia ao Vale Pequeno, como é denominado na carta, e continuava para Vale Maior.

Segundo a citada e erudita monografia, a criação da freguesia dever-se-ia ter dado em 1496, sendo a capela elevada à categoria de igreja paroquial. Ficou anexa a Vale Maior, cujos reitores apresentaram os párocos desta vila até aos últimos tempos, e como o padroado eclesiástico daquela freguesia era do convento de Jesus de Aveiro, naturalmente continuou nele a nova freguesia.

Nada sabemos dessa capela sob o aspecto construtivo. A escultura da Virgem, da segunda metade do séc. XVI, foi levada para a capela de Assilhó.

Sendo pequena e estando em ruinas no meado do séc. XVII, escolheu-se para nova igreja o sítio do Outeiro dos Casais.

Tratava-se já da nova construção em 1668, como indica o aviso de D. Pedro II, regente, ao almoxarife de Aveiro, para aplicação na mesma de certas rendas. Todavia só no dia 28 de Agosto de 1692 se começaram a abrir os alicerces, lançando-se a primeira pedra a 9 de Setembro. Foi inaugurada a 23 de Junho de 1695, fazendo-se a transladação solene do Sacramento da antiga capela.

Sofreu um incêndio a 4 de Agosto de 1759, do qual só se salvou a capela-mor e algumas imagens, mas já no ano imediato se ocupavam da reparação.

Edifício vasto, dispondo da orgânica costumada e seguindo o estilo regional, que retardava. Rasgam-se-lhe, além da porta principal, duas travessas e opostas, duas altas janelas, rectangulares e simples, tanto a cada lado do corpo como da capela-mor, arcos nos flancos que se destinaram a retábulos e mais tarde foram ligeiramente aprofundados em capelas.

A torre levanta-se à direita da frontaria, cortada de duas ventanas em cada face principal e uma só nas outras, coberta de cúpula hemisférica, simples. Mostra a mesma particularidade, já anotada em diversas outras, de se fazer o primeiro acesso por escada helicoidal metida num corpo cilíndrico e independente, que se cola ao ângulo reentrante e pos-

terior; ficando a parte de baixo reservada a baptistério.

O conjunto do portal e janela do coro, formando composição una, isola-se a meio da larga fontaria; o vão é rectangular, ladeado de pilastras, dominado de entablamento direito, pináculos na perpendicular daquelas a equilibrar o corpo da janela; esta igualmente rectangular e dotada de frontão. Na verga gravaram a data de 1692, a do início da construção.

Há anexos posteriores e ainda azulejos a revestir a fachada.

Individualiza-se o interior pela talha de madeira, a do altar-mor e a dos colaterais, completada esta da envolvente do arco, e ainda a dos altares da nave. O incêndio de 1759, poupando o altar principal, obrigou à reforma da obra do corpo e foi motivo desta agradável variedade.

Ergue-se o altar-mor num plano mais elevado, a que se acede por três degraus encaixados no mesmo. O retábulo é um imponente trabalho de talha dourada da época de D. Pedro II, tipo dos sécs. XVII-XVIII. Deixa um grande vão para o trono, ladeando-o colunas salomónicas, duas por lado, completadas dos respectivos arcos, em disposição reentrante. São as colunas ornadas de vinha, crianças e aves, mas só pâmpanos envolvem os arcos, que se encontram divididos em oito sectores, por intermédio das ligações costumadas. O camarim segue o plano rectangular, sendo curva a cobertura, como em abóbada; o fundo não é todo de talha mas forma um arco vazio, havendo nesse espaço pintura ornamental do século seguinte. Um corpo corrido e alto estabelece a base do mesmo camarim; era destinado ao sacrário. Divide-se em três panos, vendo-se nos laterais as esculturas dos *Santos Pedro e Paulo*, que são posteriores e correntes. O trono é bem lançado, de degraus variados, que uma radiação solar domina, destinada a fazer fundo à custódia das exposições. O frontal é novo.

Os quatro outros retábulos datam da segunda metade do séc. XVIII, já na fase do concheado, dourados e policromados. São semelhantes entre si e iguais dois a dois, mais amplos os das capelas; duas colunas compósitas nos colaterais, quatro nos outros, dispostas segundo plano diagonal; fazem o remate volutas que partem da perpendicular daquelas mesmas e se juntam à cimalha mistilínea da elevada cabeceira, anjos adultos e gesticulantes assentam-se naquelas, irradiações solares decoram o pano frontal.

Da linha cimeira dos colaterais, correspondente à imposta do arco, parte a decoração que enche o espaço superior ao mesmo; grandes elementos curvilínios estabelecem a ligação com a ampla e recortada sanefa, que é o elemento principal. A frente da volta do arco e a dos pés direitos reveste-se igualmente de talha, mas a face interna ficou pintada singelamente de motivos decorativos, correntes ao tempo da pintura dos retábulos.

As esculturas antigas não possuem interesse de maior.

A pia baptismal, singela, é ainda do séc. XVII, e do mesmo tempo um benedictério da porta lateral, mas já os da porta axial são posteriores e assentes em pedestais. A base dos púlpitos, que são dois e opostos, bem como os balaústres de madeira, pertencem ao séc. XVIII.

Vimos dispersos e aproveitados na construção que não está revestida de argamassas fragmentos sem interesse, de retábulos de calcário, do séc. XVII.

Um dos sinos remonta a 1780.

A custódia de prata dourada, de radiação solar e querubins a envolverem o hostiário, data da segunda metade do séc. XVIII, tendo o punção do Porto e o do ourives DM.

CAPELAS — dependentes da vila.

Tal como se verifica em qualquer outra povoação de importância, várias capelas marcam entradas, pontos de irradiação, núcleos antigos anexados, como também pontos altos.

A *capela de S. Sebastião* encontra-se na entrada do sul, no velho sítio da cruz-padrão referida, chamado Salgueirinho. Foi deslocada dum ponto mais baixo, dentro da povoação, pouco afastado do actual. Parece não ter havido grandes modificações nesta mudança. A porta mostra a data de 1676. O vão é rectangular, com friso e cornija. Recorta-se à esquerda a sineirita antiga, englobada num maciço moderno.

O retábulo de talha dourada pertence à segunda metade do séc. XVII, cerca do decénio de 70, e é de boa categoria. A data de 1681 que lhe foi pintada deve referir-se ao douramento. Segue o tipo clássico seiscentista. Di-

vide-se em três panos, tendo aos lados colunas sobre pedestais e ao meio pilastras formadas de mísulas sobrepostas. As colunas mostram a divisão de terços, havendo nestes rótulos com figurinhas alegóricas, e nos fustes os enrolamentos do costume, acompanhados de outros motivos; avultam só nos pedestais correspondentes às colunas as figuras de *S. João Baptista* e do *Evangelista*. O quadrado central do remate encerra novo baixo-relevo, a *Sagrada Família* (J. M. J.). O pano central, fazendo fundo à escultura do titular, simula os soldados do martírio. A escultura de *S. Sebastião* é grande, mas menores as laterais, de *Santo António* e de *S. Francisco*, todas de madeira.

A *capela de Santa Cruz* ocupa a saída da povoação para poente. Edifício novo, sem carácter especial. Encerra um *Crucifixo* de madeira, de tamanho maior que o de homem normal, mas obra nitidamente popular.

A *capela do Espírito Santo* não é mais que um nicho-oratório, sem interesse. Guarda todavia um *cruzeiro* que é o habitual do centro dos templetes: uma coluna dórica a sustentar pequena cruz com *Crucifixo*, do séc. XVII. Deveria ter sido cruzeiro de praça. Conserva-se ainda aí uma *Trindade* de madeira policromada, do séc. XVIII, comum.

Outra construção do mesmo nível, chamada *da Senhora da Conceição*, anexada a uma casa próxima, não merece referência.

A *capela de S. José* faz parte do velho bairro a sudoeste, hoje integrado na vila, que é denominado Assilhó e que foi a Osseloa da carta fundamental do couto.

Contém diversas esculturas de calcário do séc. XVII, mutiladas, obras populares, como *S. José* e *S. Pedro*. Uma outra, de grande tamanho, a *Virgem com o Menino*, da mesma matéria e da segunda metade do séc. XVI, pertenceu à referida capela da Conceição que se levantava junto à albergaria.

A *capela de Nossa Senhora do Socorro*, a norte da vila, no alto da colina chamado Bico do Monte até à construção da mesma *(Petra de Aquila*, na carta do couto), ocupa a cota 215, que lhe permite dominar a região e ser ponto turístico.

Provém dum voto feito em 1855, na invasão deste ano do cholera-morbus. A capela inicial foi construída em 1856, sendo ampliada em 1880-83, havendo remodelações posteriores até ao tempo presente, em que se urbaniza o local, mas sendo desprovida de interesse para este inquérito. Nenhuns restos de fortificação castreja aqui encontrámos, apesar de termos percorrido o monte e pedido informações aos trabalhadores.

Levaram para lá algumas velhas esculturas, como uma grande *Virgem com o Menino*, da segunda metade do séc. XVIII, obra comum.

CRUZEIROS — dentro da vila.

A rua chamada das Cruzes guarda uma parte importante da antiga Via-Sacra.

Estas cruzes são do tipo de grandes braços, de secção rectangular, assentando em pedestal paralelepipédico, devendo remontar aos princípios do séc. XVIII.

Crava-se a primeira, já rua avançada, numa casa da segunda metade do séc. XVIII, a qual é de um só piso e quatro vãos de verga curva, sendo um rasgado em porta.

No extremo da rua, em espaço que outrora deveria ser desafogado, levantam-se ainda cinco, só duas completas, outra com a travessa e as restantes tendo só as hastes; entre as duas últimas parece que estão tombados entre as silvas restos de outra, como outros restos a gente do sítio afirmava ainda haver.

Perto da capela de S. José há um cruzeiro do tipo daquelas mesmas cruzes; todavia são mais modernos os braços superiores, terminando em recorte trevado.

CASAS ANTIGAS — na vila.

Colocada a vila numa zona de xisto da época primária (saindo o mais resistente das pedreiras do monte da Senhora do Socorro) e na proximidade de regiões de granito, principalmente as da serra da Gralheira, foi fácil construir com solidez, pelo emprego daquele nas alvenarias, e ainda com gosto, por intermédio deste, que revestiu os vãos e consolidou os cunhais.

Conserva casas do séc. XVII ao XIX, desde modestos exemplares a outros amplos, ficando alguns destes fora dos limites deste inquérito.

Destacamos os três seguintes.

A *casa de Santo António* alinha-se ao lado nascente da entrada sul, e faz-se notar a quem venha de baixo, em contraste com a ausência, nos trajectos inferiores mais imediatos, de construções análogas.

Mandada construir pelo capitão João Ferreira da Cruz, pertence à família Castro e

Lemos, que usa actualmente o brasão seguinte: esquartelado, 1.° de Cortes-Reais, 2.° de Tavares, 3.° de Pereiras, 4.° de Castros, e por timbre cruz aberta e florida.

A grande fachada, do primeiro terço do séc. XVIII, divide-se em três sectores, partindo do norte: parte domiciliária, portão nobre, e o da capela, esta datada de 1750. Cada sector é decorado por pilastras toscanas, que são unidas pela cimalha geral do sub-beirado. O sector que corresponde à habitação é dotado no andar nobre de cinco vãos rectangulares, de friso e cornija direita, três destes com sacada assente em cachorros, os dois outros que alternam com estes formam janelas de avental rectangular; os vãos inferiores concatenam-se com os de cima, igualmente com friso e cornija os que ficam inferiores às janelas.

O portão, que dá para um pátio, tem uma composição que agrada; ladeiam o vão duas pilastras dóricas a sustentarem o entablamento direito, havendo pináculos na perpendicular daquelas e ao meio duas aletas unidas a um escudo liso.

Na capela destaca-se acima da linha geral da cornija a empena e a sineirita. A porta tem friso e cornija direita, apoiando-se-lhe um nicho acompanhado de aletas do tipo do portão referido. São da mesma época os postigos baixos, mas já não as janelas do coro. Posto que pequena, tem corpo e capela-mor, coro alto apoiado em colunas, de que fazem parte benedictérios envolventes. O retábulo principal, da primeira metade do séc. XVIII, mostra colunas salomónicas com grinaldas; os colaterais são posteriores e singelos. Há uma pequena osteoteca de João Henriques Ferreira (1730-1802), cujos restos para ali foram trasladados em 1843.

A casa do ângulo da rua transversal e estrada de Aveiro data dos fins do séc. XVIII. São quatro os vãos da fachada principal, aos quais se segue o grande portão de entrada; mas na outra só três. Nem todas as aberturas conservam o antigo carácter. As vergas são curvas tanto num como noutro piso; os aventais das janelas, pouco desenvolvidos, recortam-se a simular duas singelas aletas opostas; a bacia das sacadas é feita de simples molduras que se ligam às padieiras das aberturas baixas.

Seguindo na mesma direcção transversal, encontra-se a *casa da fonte*, da segunda metade do séc. XVIII. Alinham-se na fachada principal quatro janelas e uma sacada medial; as vergas são curvas, os aventais rectangulares e ornados de dois florões cada um. A fachada da direita segue o mesmo tipo. Dá-lhe acesso um pequeno portal destacado, com pilastras, entablamento, remate de volutas e sustentar cruz terminal.

Na saída para o Norte, uma casa oitocentista, da família Teles de Araújo e Albuquerque, mostra brasão do mesmo tempo.

CAPELA — em *SÃO MARCOS.*

São Marcos é o seu titular. Colocada dentro da pequena povoação, apresenta o aspecto incaracterístico e comum em santuários das aldeias regionais.

Encontrámos duas esculturas medievais, de calcário e coimbrãs. *Santo Antão*, com capa, escapulário, direita apoiada no bordão em T, livro na esquerda e pendendo do mesmo braço a campainha, do séc. XV, popular; *S. Mamede*, rapaz, tendo aos pés um grupo que figura rudemente ovelhas, cabras, o cão, dos sécs. XV-XVI, obra igualmente popular.

CAPELAS — no *SOBREIRO.*

Esta extensa povoação desenvolve-se ao longo da estrada que segue de Albergaria para poente, e depois se ramifica para Angeja e Fermelã.

À entrada do nascente encontrámos a capela de *Nossa Senhora de Nazaré*, incaracterística, com azulejos modernos na frontaria.

Levanta-se ao centro da povoação a capela de *S. Gonçalo de Amarante*, a tradicional, devendo datar a parte mais antiga dos fins do séc. XVII. São rectangulares as portas. O púlpito é já do séc. XVIII. Teve complementos e reformas na época contemporânea. São simples e do século passado os retábulos. Vimos duas esculturas coimbrãs de pedra: *Virgem com o Menino*, gótica, do princípio do séc. XVI, pequena e de factura popular, *S. João Baptista*, igualmente secundária e da segunda metade do séc. XVI.

Na saída da povoação e dependente duma casa particular está a *capela de Nossa Senhora do Amparo*. Tem aparência de ter sido ampliada no comprimento. Data do séc. XVII. Frontaria baixa mas equilibrada, porta de verga direita e de cornija, postigos ao lado, sineirita no vértice. O *frontal de azulejos* nos tabiliza a capela; são do séc. XVII e de fabrico de Lisboa, policromos, do tipo de tecidos; a frontaleira e os sebastos reproduzem os volumosos bordados a ouro, desenhando enrolamentos de acanto; o pano central contém a *Virgem com o Menino* dentro dum rótulo recortado; os dois laterais, os bordados indianos de hastes florais e grandes aves; cercam o conjunto azulejos de ângulo, com o tema de rendas.

Não há na povoação casas que interessem pròpriamente a este trabalho; todavia, certas do séc. XIX seguem um tipo da época anterior.

BIBL. — António de Pinho, *Albergaria-a-Velha e o seu concelho*, Albergaria-a-Velha, 1944-1957.

ALQUERUBIM

Alquerubim é nome de região e não de povoado. A igreja está nas Fontes.

Situada na margem direita do Vouga, na fértil região aluvial do rio, na zona fronteira às confluências do Marnel e do Águeda, deveria ter sido ocupada logo que se deu a primeira reconquista.

Aparece-nos na larga doação e dotação de 26 de Janeiro do ano de 959, feita por D. Mumadona Dias ao mosteiro dúplice de Guimarães, que fundara e cuja igreja fôra sagrada nesse dia.

D. Mumadona teve por pais aos condes Diogo Fernandes e D. Ónega, parecendo ter sido irmã colaça de Ramiro II das Astúrias. Casou com Hermenegildo Gonçalves. A preponderância de Guimarães, como a vemos no princípio da nacionalidade, provém desta fundação.

A condessa esclarece o nome dos anteriores possessores, Godesindo Soares e Froia Gondesindes.

Perdido o território pela conquista de Almansor, vamos encontrar, nas vésperas da tomada de Coimbra, Alquerubim incluída nos bens que, já por posse ou por simpes direitos a deduzir, pertenciam ao mosteiro vimarenense, segundo diz o inventário de 1059.

Firmando-se neste documento tem-se dito haver salinas em Alquerubim nesta época, tirando-se daí conclusões geográficas. Não passa dum equívoco. Deu-se erro equivalente aos que já apontámos, a propósito de confirmações, tanto em Travassô, como em S. Lourenço do Bairro. Basta confrontar os dois trechos, para se ver que no segundo documento, resumindo-se o primeiro e por quem não conhecia a topografia, omitiu Aveiro (incluindo-o no conjunto *et cum sua prestancia)*, parecendo dar a Alquerubim as salinas que só àquele pertenciam.

O documento do ano de 959: *In territorio Colinbrie villa de alcaroubim quomodo illa obtinuit froya guntesindiz per incartationem de Gondisindo suariz cum omnibus prestationibus suis.terras in alauario et salinas que ibidem comparauimus.*

Diz o do ano de 1059: *Et inter durio et colimbrie prope flumen vauga villa alcaroubim integra et cum sua prestancia et con suas salinas sicut in testamento resonat.*

Na reconquista definitiva, uma parte da região e do eclesiástico foi dada em 1090 ao mosteiro de Pedroso por D. Châmoa Honorigues, e mais tarde, em 1139, três quartas partes ao mosteiro de Santa Cruz. Em diversas bulas papais, de confirmação de bens deste, se inclui Alquerubim: na de Lúcio II, de 1144, como na de Eugénio III, de 1148, e noutras a seguir.

No séc. XVI era a igreja apresentada alternadamente pelo mosteiro de Pedroso e pelo de Santa Cruz; depois da anexação dos bens do priorado-mor à universidade, ficou a esta o direito crúzio. Todavia parece que nos últimos tempos a apresentação tinha passado para o sumo-pontífice e para o bispo.

A sede do concelho medieval era Paus (Palos, arcaico).

Na primeira reconquista foi dado Paus a Lorvão, por carta de 22 de Dezembro do ano de 981, pelo conde Gonçalo Mendes. Este era filho da condessa D. Mumadona, tendo sido conde entre Douro e Minho, exercício grande preponderância política e tomado parte nas lutas do tempo.

Paus ficou a Lorvão. Na restauração do mosteiro em 1116 (depois de ter estado uns sete anos anexado à sé), foi-lhe confirmada a posse pelo bispo D. Gonçalo: *uillam de Palos*.

Na baixa idade-média encontramos Paus como terra reguenga, tendo sido concedido a diversos. D. Dinís, a 7 de Abril de 1301, deu este reguengo de Paus, com os de Ameal, Paredes e Casainho e ainda outros, incluindo o padroado das igrejas, a Aldonsa Rodrigues Telha, devendo ficar na descendência de D. Afonso Sanches, filho de ambos. O rei D. Fernando concedeu Paus a João Afonso Telo, conde de Barcelos. Os julgados de Paus, Eixo, Requeixo, etc. passaram à casa de Bragança, tendo-os o duque Fernando I dado ao conde de Faro. Todavia (como aclararemos na ementa de Eixo) vieram à grande casa de Sousa, na pessoa do 20.° senhor, Diogo Lopes de Sousa-o-moço, encontrando-se, no meado do séc. XVI, num seu filho segundo, Álvaro de Sousa, transitando para o neto e homónimo daquele, Diogo Lopes de Sousa. Foram reivindicados pelo 4.° conde de Odemira, sendo já só obtidos pela viúva, para o filho, o 5.° conde.

Paus teve foral manuelino a 2 de Junho de 1516. Do pelourinho nem sequer recordações encontrámos.

IGREJA PAROQUIAL — do título de Santa Marinha.

O presente edifício é modificação e ampliação dum outro construído no período do final do séc. XVII aos princípios do XVIII. Procedeu-se às obras em volta de 1915, cujo milésimo se lê na frontaria.

Guardaram as paredes da nave, dando-lhes maior altura e rasgando para cima as antigas frestas, conservando-lhes o antigo formato rectangular e o esbarro; dotaram-na de novo arco cruzeiro e capela-mor, nova frontaria e torre, talvez com avanço frontal.

grande *Cristo crucificado* sobrepõe-se a um relevo de factura comum, com as *Almas*.

No nicho da frontaria colocaram a *Virgem com o Menino*, pequena, de calcário, e de oficina coimbrã, do séc. XV.

As mesas dos altares são já do concheado do séc. XVIII.

Os púlpitos firmam-se nas colunas indicadas atrás. Constituem-nos mísulas simples que suportam a larga bacia. As guardas são de madeira torneada e espiralada. Dão-lhes acesso escadas de pedra, envolventes dos pilares, com guardas de ferro, feitas de balaústres galbados.

Entre as pratas destaca-se a *custódia* (A. 0,88), dourada, peça de categoria. Contém o letreiro: AGOSTINHO / JOAQUIM / NUNES 1785. O punção do contraste é o do Porto e as letras do fabricante parecem ser AG entrelaçadas. Os corpos variados, segundo as linhas onduladas do tempo, adornam-se de temas acantiformes e de festões de rosas mas sem concheado; na base há emblemas eucarísticos dentro de rótulos; a glória solar irradia do corpo envolvente que é decorado de temas arquitectónicos e querubins.

Um cálice de prata dourada e cinzelada, tendo na sub-copa emblemas da Paixão, da segunda metade do séc. XVIII, é marcado pelo constraste portuense e pelo ourives MG que grande número de pratas deixou em Coimbra.

CAPELAS — na povoação sede.

A *capela de S. Sebastião* está à entrada norte.

Obra singela do séc. XVII adiantado, volta a frontaria para breve terreiro, que uma fonte completa. A porta de lintel, friso e cornija é sobrepujada de nicho vasio; no vértice da empena recorta-se a sineira simples; dominam os cunhais pináculos em forma de vaso de tipo tradicional quinhentista; interior desnudado.

Ao lado do terreirito, uma *fonte* seiscentista, enterrada mas de bica, com espaldar singelo a acabar em frontão curvo, dá graça ao recanto, posto que já esteja modernizada e com azulejos comuns.

A *capela de S. Gregório* na mesma rua e próxima da anterior. Reconstruída em 1908, sem interesse; seguindo a porta já modificada o tipo seiscentista.

A *capela do Espírito Santo* na zona nascente.

A anterior reconstrução talvez se tivesse verificado no séc. XVII, como o denuncia a porta de verga direita e de cornija e o confirma um letreiro colocado acima da entrada que diz que a capela fôra feita em 1616, se arruinara em 1806, sendo reedificada de 1864 a 1867.

Encontram-se restos de um retábulo de calcário, do séc. XVII, a servirem de degrau na porta lateral e no nicho que se crava no alto da frontaria. Abriga-se neste uma escultura da *Trindade*, de calcário, do gótico final e popular.

Serve de patim à porta principal uma campa circundada dum resto de letreiro em gótico minúsculo que diz: *28 douto d 1521*, sinal este de que a capela tem mais velho passado, se a campa não veio de outro edifício.

MOTIVOS CIVIS — em Angeja.

Desapareceram as casas antigas, bem como o pelourinho, tendo-se feito um de novo, para lembrar a antiga dignidade.

No sítio da moradia dos marqueses levanta-se hoje a casa do Sr. Dr. Eduardo de Almeida Souto, o qual numa das dependências mandou colocar o brasão que ali se encontrava. Trata-se dum rectângulo ladeado de duas aletas, do séc. XVII, encerrando o escudo, no qual se vê: barra estreita ou contra-cótica dividindo o campo; no franco-cantão da direita do chefe, cinco estrelas de igual número de pontas, em aspa; no franco-cantão da esquerda da ponta, cinco flores de lis, igualmente em aspa; elmo e por timbre uma águia. Esta anómala disposição deve provir do mau desenho fornecido ao canteiro e da sua deficiente interpretação. Quereria talvez representar o seguinte: esquartelado; no 1.º cinco estrelas, no 2.º e no 3.º uma barra, no 4.º cinco flores de lis. Para mais, a barra talvez devesse ser substituída por uma banda.

CAPELA — em *FONTÃO*, de Nossa Senhora do Carmo.

Não há dúvida que o Fontão ficava dentro do couto de Albergaria, segundo a carta de D. Teresa. Ao lado direito do arranque do ramal privativo, que sai da estrada de Albergaria-Angeja, em campo de semeadura, existe um marco tal como é descrito num auto de demarcação do mesmo couto: «mandámos cravar... e com letras para o mesmo vento -HOSP- ficando a letra -P- por cima das mais e na altura fora da terra

dois palmos». Era aí a *mâmoa negra*, ou árida ou da areia, da carta da rainha, hoje o Arieiro *(ad mamoa nigra que uocatur arida)*. Larga questão do princípio do séc. XVII terminou por sentença que isentou a quinta do Fontão, hoje lugar, do pagamento dos direito senhoriais à albergaria, como esclarece a monografia daquela vila.

A capela está dentro dos muros da quinta que pertence a Dr. Augusto de Castro. Tem corpo e capela-mor, nas dimensões destes pequenos santuários de aldeia, graciosa na sua categoria, dotada de grossos pináculos nos cunhais, mas de alvenaria, como o permitia o material do sítio.

A escultura de madeira da titular, *Virgem com o Menino* (do Carmo), é pequena, graciosa mas corrente, do fim do séc. XVIII, representando-a vestida de carmelita.

BIBL. — R. Nogueira Souto, *Angeja e a região do baixo Vouga*, Aveiro, 1937.

J. Pinto Loureiro, *Evolução do Senhorio de Angeja*, em *Arq. Av.*, 1937.

BRANCA

Branca é o nome da região, mais ou menos delimitada pela paróquia. A igreja está no lugar de Souto da Branca. Nos documentos antigos, em que o seu nome primeiro aparece, tem a forma de Avranca.

Na encosta do monte, imediatamente acima da mesma povoação de Souto da Branca, em direcção da igreja, foram encontradas tijolarias romanas, que examinámos.

Todavia nada se nos deparou no monte entre a cota 294, dominando o Curval, e a 298 que se possa considerar «vestígios de uma antiga fortaleza». Os muros, cujas fotografias foram publicadas como sendo de restos seus, não passam de pequenas paredes mal construídas, de diminutos suportes de terras e divisórios de propriedades. Os muros de fortificação proto-histórica, tanto em região de granito como de xisto, são-nos suficientemente conhecidos para que nos possamos equivocar. Tudo o resto que se possa assinalar não é mais que a linha alta dos esbarros naturais da erosão. O que não impede a existência, em qualquer ponto, de estação pré-histórica, mas sem muros.

O incoercível desejo de fazer identificações e de apresentar soluções de problemas, tão frequente em modernos como em antigos escritores, levou já frei Bernardo de Brito, no séc. XVI, a querer ver ali igualmente restos de crasto e, para mais, a inventar uma inscrição. Basta examinar na crónica o encadeamento de suposições, para se sentir que a força dessa ligação foi a causa da invenção, que era como a prova final do que anteriormente ousara. Justamente o acaso teria poupado na pedra o que convinha ao benedictino, a designação do lugar de Vouga e a distância necessária para confirmar a sua descoberta, e ainda tinha apagado o que lhe poderia trazer complicações! Para o mal se agravar, os escritores que a seguir se referem ao alto reproduzem o que o cronista diz, mas dando o aspecto de cada um deles ter verificado por seus próprios olhos o mesmo.

A estação arqueológica da povoação de *Crestelo* (como lá se diz, e não Cristelo, como anda escrito) assenta num morro delimitado pela confluência de dois apertados vales que lançam as águas no rio Antuã. A rocha local é xisto da época primária. As vertentes são escarpadas, dando aos vales o aspecto de ravinas; a ligação com os montes vizinhos é larga e não ístmica. A povoação fica para NE. da linha média.

A estação ocupa terrenos planos, para o lado do promontório, aonde encontrámos fragmentos soltos de tijolaria romana. No arroteamento do terreno tem-se deparado com muros.

Nos trajectos percorridos não encontrámos absolutamente nada que deixasse adivinhar a existência de muros de fortaleza envolvente, nem a gente local deu alguma razão deles. O que há são as linhas limites, as cornijas de erosão do terreno.

Branca pertenceu ao concelho medieval de Figueiredo, cuja sede era em Bemposta. Bemposta andou desde a Idade-Média sob o mesmo senhorio de Angeja, que aqui era cumulativamente o padroeiro eclesiástico.

IGREJA PAROQUIAL — dedicada a S. Vicente.

Segundo uma notícia fornecida para certa publicação pelo actual pároco, Manuel Valente dos Santos Conde, o presente edifício deve-se aos cuidados do padre Bernardo Torres da Silva, natural de Torres Vedras, pároco desde 1690 até 1749, ano em que faleceu. A igreja anterior era pequena, velha e feita de barro e pedra, encontrando-se arruinada. Lançou-se a primeira pedra em 1694, sendo inaugurada no ano seguinte.

A data de 1797, gravada na porta principal, corresponde a grandes reparações, tendo o rei concedido certa renda para esse fim, no ano de 1790. Obras de menor vulto devem estar indicadas pelo milésimo de 1845, igualmente aí aposto. O actual pároco tem procedido a outros de consolidação, reparo e valorização.

O edifício, que é vasto, segue o tipo comum em que há uma só nave. Destaca-o a particularidade de se lhe levantar a torre no topo da capela-mor; não sabemos se para lhe dar mais seguras fundações, se por simples originalidade.

Empregou-se o granito como pedra de cantaria. Os cunhais são vincados pelo mesmo granito, levantando-se pináculos nas suas prumadas, e cruzes de braços desiguais nos vértices.

A fachada principal mostra na linha média o seguinte escalonamento de peças: porta de

dintel, friso e cornija; janela do coro, rectangular, com cornija; nicho em concha, rematado de pequeno frontão triangular. Em cada uma das laterais rasga-se porta travessa do mesmo tipo da principal, bem como quatro janelas, largas e de esbarro, mas uma só nas da capela-mor.

Nos flancos internos do corpo deixaram arcos para retábulos, tendo sido aprofundado em capela o da esquerda.

A torre, maciça, de cunhais em pilastra toscana, cornija arquitravada, gárgulas decorativas a sair dos ângulos, pináculos, mostra cobertura semi-esférica e um par de ventanas em cada face.

O altar-mor levanta-se numa plataforma, na qual se encaixam os degraus de acesso. Tanto o retábulo deste como os dos colaterais ao arco cruzeiro pertencem à mesma época, a de D. Pedro II, sécs. XVII-XVIII. As colunas são salomónicas, decoradas de crianças, aves e parras; os arcos igualmente torcidos e enramados da mesma vinha. O principal contém dois pares de colunas e dois arcos. Rasga-se-lhe a meio amplo trono, que não desce à base daquelas, porque um alto corpo, destinado a conter o sacrário, preenche esta parte. Vincam os ângulos deste colunitas igualmente salomónicas, e orna-lhe a porta pequeno baixo-relevo com *Cristo ressuscitado*. O espaço do trono segue plano poligonal e forma concha no alto, o desenho dos degraus é variado e uma glória irradiante termina-os, para formar fundo nas exposições. O dourado é o antigo. Todo o retábulo assenta em base de granito.

Os retábulos colaterais encontram-se dourados de novo. A sua arquitectónica segue um tipo que permite obter profundidade para o nicho e harmonizar o exterior com o plano da parede; havendo duas colunas por lado, as centrais avançadas e suportando um arco, as laterais recuadas e encostadas à parede sem suportarem arco, mas sim aletas que ajudam a compor o remate; o nicho cava-se abaixo do entablamento. O fundo respectivo dos nichos é novo, a imitar a talha antiga.

Os retábulos dos arcos dos flancos apresentam uma anomalia; pelas colunas salomónicas com parras e arcos torcidos, parecem do barroco inicial do séc. XVIII, mas por certos ornatos, dos meados do século. A explicação parece fácil; no meado do século impuseram ao entalhador a imitação do tipo antigo, o das colunas salomónicas, e ele tirou-se da dificuldade, empregando essas colunas e arcos e fazendo o resto conforme a fase do momento.

Acima do arco cruzeiro, dos retábulos e janelas colocaram sanefas de madeira, pintadas de branco e douradas, do neo-clássico do séc. XIX, mostrando as urnas, os enrolamentos de acanto e festões habituais.

As esculturas antigas são de nível comum. Destaca-se a imagem do padroeiro, *S. Vicente*, já barroca mas anterior aos altares, do séc. XVII, encomendada em Lisboa, pelo referido pároco reconstrutor. Em bom tamanho, um pouco menos que o natural, representa-o em atitude elegante, movida, com a dalmática a cair bem e decorada a imitar brocado.

O *Cristo crucificado* do altar do flanco direito, grande, do meado do séc. XVIII, é ainda de notar.

A *custódia* de prata cinzelada destaca-se nìtidamente pela execução. Deve provir de oficina do Porto. Data dos princípios do séc. XIX e é em estilo neo-clássico com sugestões da época anterior, como é comum na nossa ourivesaria. Conserva a tradicional irradiação solar mas a envolvência do hostiário é cheia e simples, contendo quatro medalhões com cabecinhas de querubins, muito bem tratadas, sendo cercado de ramais de contas e finas grinaldas de rosas.

Levanta-se no adro um cruzeiro de braços grandes e desiguais, com pedestal, sendo as superfícies riscadas de almofadas corridas, pertencendo à fase dos sécs. XVII-XVIII.

CAPELAS — em SOUTO DA BRANCA.

A *capela de Nossa Senhora das Dores*, particular, encontra-se na parte baixa, próximo já da estrada nacional. Está datada de 1872 e segue o tipo simplificado que vem do século anterior.

Junto à mesma estrada e no cruzamento do ramal que sobe, foi levantada outra capela de pequeno interesse, a de *Nossa Senhora dos Aflitos Viajantes*, em 1871, em cumprimento dum voto feito anos atrás.

A tradicional capela de S. Julião, na zona alta, a caminho do monte, pequena, baixa, de porta rectangular, data do séc. XIX. Interior desadornado. O retábulo é feito de talhas reaproveitadas, do terceiro quartel do séc. XVII, do clássico prolongado. A pequena escultura de *S. Julião*, de madeira e do séc. XVII, representa-o vestido de fidalgo, segurando uma ave na mão direita.

CAPELA — em *ALBERGARIA-A-NOVA*.

A capela principal desta povoação (dedicada a Nossa Senhora da Piedade) foi substituída por uma nova que se anda a terminar.

Esta povoação demarcava, vindo do norte, o começo duma zona de matagais e gândaras que ultrapassava a vila.

Conserva-se ao lado o *oratório das Almas*, do séc. XVIII mudado já do sítio antigo, na abertura da estrada nacional. Levantam-se-lhe nos quatro ângulos pináculos rematados duma esfera em que uma serpe se enrosca. Sobre a empena ergueram-lhe um alto nicho que encerra *Cristo crucificado*, de pedra, setecentista; não sendo bom o efeito é etnogràficamente muito sugestivo. No interior está uma *Virgem com o Menino* (Senhora da Alegria), tipo setecentista. Lê-se na padieira da porta:

TODA A ESMOLA QUE AQVE
2 AIVNTAR HE PERA Mis(sa)s
DAS ALM(AS)

Depois da nossa visita foi desmontado, com promessa de reconstrução; todavia as titulares lhe sejam propícias.

CAPELA — em *CRESTELO*, de Santa Luzia.

Edifício vulgar na região, pequeno, de aberturas rectangulares. O retábulo de madeira pintada segundo o gosto popular remonta ao séc. XVII. A escultura de *Santa Luzia*, de calcário, renascença coimbrã, do séc. XVII, é obra corrente.

CAPELA — em *FRADELOS*, dedicada a Nossa Senhora dos Milagres.

Construção octógona e de cobertura piramidal, feita ou reconstruída no século passado. Retábulo sem interesse, no qual aproveitaram dois anjitos ajoelhados, tratados como baixo-relevo, seiscentistas. *Virgem com o Menino* (Carmo) de aspecto setecentista e vulgar.

A principal capela (dedicada a S. Mateus) desta povoação estava a ser reconstruída mas dum modo corrente.

PONTE — no *PALHAL*.

Atravessa o Caima e corresponde à principal exploração das minas no séc. XVIII. Datada, nas guardas, de 1776. A construção é bem executada, como era próprio das obras oficiais do tempo; toda de granito, provindo da região próxima, pois que o sítio é de duro xisto ante-silúrico. Forma-a pròpriamente um só e alto olhal que domina o rio. Completam-no dois pequenos, em nível superior ao das águas, destinados à passagem de levadas.

FROSSOS

Colocada esta povoação à parte do norte do sector final do curso do Vouga, antes de entrar na Ria, na bordadura da parte lagunar conhecida por pateira de Frossos, que pouco a pouco se vai enchendo de lodos e transformando em vasto nateiro, goza de boa situação agrícola.

Sede dum concelho medieval, veio a ter foral manuelino a 22 de Março de 1514, conservando-se o exemplar camarário na posse da junta. Constituiu uma comenda da ordem de S. João do Hospital, de Rodes ou Malta.

Eclesiàsticamente foi desanexada de S. João de Loure, tendo ficado o respectivo pároco a apresentar-lhe o cura.

PELOURINHO — dentro da antiga vila.

Pertence ao séc. XVI e ao estilo renascença. Foi executado em calcário. O basamento é moderno e sem carácter. A haste forma pilar quadrado, com capitel dórico e base ática. Assenta no capitel um paralelepípedo simples, vendo-se-lhe numa das faces um escudo com os emblemas incompletos da Nação, a outro lado um novo escudo mas liso, estando as restantes faces desadornadas. Completa-o alto ferro, do qual sai na parte inferior uma cruzeta com as extremidades aguçadas e levantadas. Diz o povo, ou por tradição ou mais possìvelmente por interpretação, que os ferros serviam para serem expostas as cabeças dos justiçados.

A antiga casa da câmara com a cadeia foi modificada. Uma porta mostra ainda a data de 1714, alterada numa reforma em que lhe sobrepuzeram novos algarismos. Chama-se ainda a um sítio Cabeça da Forca.

IGREJA PAROQUIAL — do orago de S. Pelágio ou vulgarmente S. Paio.

O edifício acusa diversas reformas. As duas portas travessas, que são de calcário, pequenas, e de verga direita, mostram as arestas biseladas e datam do séc. XVI. Igualmente do séc. XVI, da renascença, e do mesmo material

é o arco cruzeiro; a sua volta, na face interna, reparte-se em rectângulos, alternadamente lisos e com florões; na frente há molduras e no fecho um escudo das Chagas. Uma inscrição acompanha a volta: VERE NON EST HIC ALIVD NISI / DOMVS DEI ET PORTA CAELI.IS (data a que faltam os dois últimos algarismos). O resto da construção foi não só remechida como ampliada.

A frontaria é deste século, como também a torre, que passou da esquerda para o lado oposto.

O púlpito, da primeira metade do séc. XVIII, assenta numa mísula, e as suas guardas são em balaustres de madeira, torneados e com parte torcida.

A pia baptismal, de calcário, pertence ainda ao séc. XVI.

As colunas do coro conservam das antigas a parte inferior com benedictério envolvente, de calcário; a parte de granito é porém moderna.

Os três retábulos, de colunas torcidas e com parras, pertencem ao barroco inicial, no tipo plano. O principal foi modificado no vão, no trono e no remate. Compõe-se dum par de colunas por lado mas um só arco torcido. Nos colaterais ao cruzeiro duas colunas suportam entablamento direito; havendo remate de pilastras misuladas a enquadrarem baixos-relevos de pequeno mérito. Foram dourados de novo. No da esquerda deveria ter estado uma *Virgem com o Menino* que se encontra noutro ponto. Datam do fim do séc. XVII.

A maior parte das esculturas são modernas. Há uma de madeira estofada, do tipo final setecentista, a representar uma donzela com braçada de rosas, a que chamam Santa Isabel, apropriação de tipo iconográfico originàriamente diverso.

Vimos um jogo de paramentos vermelhos, do séc. XVII, de fundos de damasco e sebastos de brocatel.

Um *cruzeiro* da rua principal conserva de antigo o pedestal, datado de 1664.

CASAS ANTIGAS — em *FROSSOS*.

Ao lado da igreja conserva-se pequena parte do que foi o *celeiro* do senhorio, da primeira metade do séc. XVI. Resta na parte baixa um largo arco de portão, simples, sem impostas, e de arestas cortadas, rasgando-se-lhe à parte da esquerda um janelão rectangular, gradeado. No piso superior, à direita, ainda se vê a porta de entrada, de lintel e arestas chanfradas, tendo desaparecido a escada que lhe dava acesso.

Conservaram numa casa da rua principal grande placa rectangular, do séc. XVIII, com escudo de armas: esquartelado; no 1.º chaveirão acompanhado de três flores de lis e carregado com escudete aonde há dois símbolos indistintos (Aranhas?); 2.º cinco brandões em aspa, por Brandão; 3.º, campo mantelado com castelo e dois leões (Henriques?); 4.º, torre de castelo (Mourão?); brica no 1.º, por timbre uma flor de lis, elmo e paquife.

RIBEIRA DE FRÁGUAS

O nome de Ribeira de Fráguas é pròpriamente o da bacia do riacho que é afluente do Caima. O templo paroquial assenta no lugar da Igreja, ficando em frente e unido com ele o de Fráguas.

A região tem sido ponto de larga e diversa mineração, o que deve ter dado lugar a fornalhas ou forjas que a qualificaram.

Nos fins do séc. XI aparece-nos tanto Fráguas *(Frauegas)*, como Telhadela em documentos.

A freguesia deveria ter sido desanexada de Palmaz, cujo prior ficou a apresentar o cura daqui, sendo padroeiro eclesiástico o bispo de Coimbra.

IGREJA PAROQUIAL — do título de S. Tiago.

Ardeu na noite de 3 para 4 de Maio de 1953.

Restam as paredes, tendo as cantarias escassilhadas pelo fogo.

Vai ser reconstruída mas em ponto próximo; será pois esta nota como breve necrológio.

Conjunto modesto; a parte mais antiga era a nave, tipo seiscentista, com porta transversa, posta à esquerda, rectangular e de friso e cornija, frestas altas e igualmente rectangulares. A capela-mor e a frontaria tinham sido reconstruídas no séc. XIX, mas a torre, à direita da frente já o foi no corrente século.

Cravava-se na parede ao lado direito um singelo arco, de faces em forma de almofada corrida, destinado a retábulo.

Ao lado da porta travessa um letreiro, datado de 1666, menciona legados de missas.

Nicho, no alto da fachada encerra um *S. Tiago*, de calcário, com o clássico chapéu, bordão e manto, obra comum, do séc. XV coimbrão.

CAPELA — em *TELHADELA*, de Santa Ana como titular.

Assentando a povoação num vale secundário da bacia do Caima, mas não o mesmo vale da sede de freguesia, ainda em terreno de xisto, a proximidade do granito da Gralheira permite empregar este material nas partes vivas das construções.

A porta data de 1720 como ali se diz mas o edifício foi reconstruído e completado em épocas modernas, bem como o recheio, que é contemporâneo.

A porta tem verga direita, friso e cornija; acompanham-na dois postigos antigos; domina-a pequeno óculo envolvido num ornato conchoidal.

SÃO JOÃO DE LOURE

A freguesia é de origem alto-medieval. Pertence-lhe a povoação de Pinheiro que foi sede de pequeno concelho medievo, e que se compunha no princípio do séc. XVI de duas povoações mais. Andou o mesmo na casa dos Monizes, senhores de Angeja, como ali dissemos. O padroado eclesiástico da freguesia pertenceu nos últimos séculos ao convento de Jesus de Aveiro.

Mantém-se a tradição de que a igreja paroquial estava, anteriormente à reconstrução de 1688, num sítio recentemente marcado por uma capelita, entre a povoação de S. João e a de Loure.

O edifício anterior, quer fosse ali quer no mesmo sítio do actual, foi sagrado no ano de 1186. Atesta-o um letreiro cravado junto do púlpito. Data dos sécs. XVII ou XVIII e diz em capitais:

ECLESIA ISTA DE
DICATA EST SANCTO
IOANI BAPTISTAE A DO
MNO MARTINO EPISCO
5 PO CONIMBRISENCI IU
SSU SANCHI: II REGIS L
US(I)TANIAE DIE XX MARTII A
NNO 1224 A MCCXXIIII A

Deveria ter sido meio copiado meio adaptado de outro mais antigo. Indicava-se aí o ano pela era hispânica, cujo cômputo o transcritor ignorava e que tomou por ano vulgar (E. 1224 — A. 1186).

Só o ano de 1186 se coordena com o sincronismo do reinado de D. Sancho, segundo rei português, e com o episcopado de D. Martinho. Relativamente ao dia do mês da sagração não temos meio de assegurar que esteja dado com exactidão. O dia 22 de Março foi em 1186 o sábado da terceira semana da quaresma, o que nada diz, pois que a sagração se podia fazer em qualquer dia; não sendo ainda possível concluir se a numeração dos dias se encontrava na inscrição anterior pelos ordinais do mês, como se vê nesta, ou se estava em calendas e a sua redução teria sido bem feita.

IGREJA PAROQUIAL — do título de S. João Baptista.

O milésimo de 1688 gravado na porta dá o ano médio da reconstrução. Se arquitectònicamente não é grande o mérito da igreja, sob o aspecto de talhas de madeira dourada é algum, pois que formam série desde os fins do séc. XVII até à segunda metade do XVIII, como veremos, e conservam a douragem e a pintura antigas.

O plano compõe-se de corpo e capela-mor duas capelas abertas nos flancos e fronteiras, e ainda, nos ombros e abaixo daqueles, de dois arcos para retábulos, de porta principal e travessa ao lado direito, havendo ainda desta parte a torre, posta na linha da frontaria.

Os arcos das capelas fronteiras não são inteiramente iguais, podendo ser posterior o da esquerda. Esta capela não tem hoje retábulo e serve de trânsito para o exterior e sacristia.

A frontaria, sendo simples, valoriza-se pelo portal. O vão rectangular é ladeado de pilastras dóricas agrupadas; assenta sobre o entablamento um nicho enquadrado igualmente de grupos de pilastras, com aletas laterais e pirâmides a comporem a diversa largura dos espaços. No nicho um pequeno *S. João Baptista*, de pedra, do séc. XVII.

Aos lados do nicho rasgam-se as duas janelas do coro alto.

A torre ao lado direito é uma obra maciça, encostada logo a seguir às obras do conjunto. Vincam-se os cunhais por meio de pilastras dóricas sobre pedestais, cimalha, de cujos ângulos saem gárgulas cilíndricas e meramente decorativas, cobertura octógona muito posterior, duas ventanas na frente e uma só aos outros lados; o núcleo da escada é quadrado.

Tanto o forro do corpo como o da capela-mor são divididos em fortes caixotões rectangulares. Têm pintura lisa aqueles; estes formam seis séries de cinco e foram pintados na segunda metade do séc. XVIII, por um simples artífice. Contêm cenas da *vida de S. João Baptista*, figuras isoladas de *Apóstolos* e de *Evangelistas* e ainda de santos de categorias várias.

A obra de talha de madeira dourada segue a série: retábulo principal, do barroco inicial da fase D. Pedro II; retábulos colaterais do barroco típico de D. Pedro II; revestimento do arco cruzeiro e parte superior do mesmo arco,

do mesmo período mas obra posterior àqueles; retábulos dos arcos do flancos, do barroco de D. João V final; talhas da capela da direita, do concheado da segunda metade do séc. XVIII.

O retábulo principal possui colunas torcidas e com parras, mas a composição é ainda do seiscentismo clássico, disposta num só plano frontal, e os ornatos dos frisos e paineis é ainda de enrolamentos de acantos pouco desenvolvidos. A cada lado do camarim das exposições alça-se como que uma folha de dois andares, de colunas torcidas e de parras, sendo de menor tamanho o superior, em número de duas as colunas do lado de fora e uma só do lado do trono. O arco deste arranca do entablamento do segundo corpo, é ladeado de aletas e termina em cornija direita e num rótulo alargado. Nos pedestais das colunas inferiores há baixos-relevos, de técnica corrente, representando a *Degolação do Baptista* e o *Baptismo de Cristo*, o *Ecce-Homo* e *Cristo ressuscitado*. Nos intercolúnios estão duas esculturas pequenas e duas grandes, da época: estas de *S. Cristóvão* e um santo-sacerdote. Numa mísula ao lado do altar colocaram um *S. João Baptista* de madeira, o titular, que pertenceu ao mesmo. O sacrário é igualmente decorado de colunitas torcidas.

Os retábulos colaterais pertencem ao tipo reentrante de D. Pedro II e são formados de duas colunas por lado e de dois arcos, torcidos e de parras.

O revestimento do arco é da mesma fase mas mais evolucionado. Divide-se em sectores com florões e na aresta um arco torcido, de pequeno volume e de parras. A parte do arranque, sobre os retábulos, tem a forma de frontão curvo e interrompido, em cujos ramos assentam anjos, havendo uma irradiação a meio. No fecho do arco há um *Calvário* (Crucificado, Virgem e S. João) de madeira e do tempo. Os pés direitos do vão são igualmente revestidos de madeira entalhada, pertencendo todavia a zona inferior à época dos retábulos; na parte posterior foi aplicada uma faixa vertical com uma haste de vide em movimento ondulado, o que é pouco comum. No altar da direita está *Santo António*, no outro a *Virgem com o Menino* (Rosário) do tempo.

Os dois retábulos dos arcos que se seguem às capelas são do D. João V final. Um só par de colunas torcidas, sem divisão de terços, com grinaldas; dossel simples e irradiação solar, pilastras e arcos ornados de rótulos e motivos em CC e SS; douradura e policromia. Preenche o fundo retabular esquerdo grande relevo das *Almas*, em que aparece *S. Miguel* e a *Trindade*.

A capela da direita apresenta bons exemplares de concheado do séc. XVIII, segunda metade, aqui adaptados. O retábulo é representado por grande moldura sobre uma mesa do mesmo estilo, rematado de sanefa e dossel. Há mais duas sanefas do mesmo estilo, tratadas com gosto.

A porta do púlpito tem idêntico dossel, em concheado. A bacia respectiva é alongada, decorada de duas ordens de acantos de desenho duro. As guardas são de balaústres de madeira, torneados e torcidos, da época da reconstrução geral.

A grade de ferro forjado que fecha o baptistério, do séc. XVII, é peça pouco comum; compõe-se de varões quadrados com aneis, varões alternadamente lisos e torcidos; lateralmente duas faixas verticais, desenhando esquemas de ovais alongadas e seguidas; remate de cristagens na perpendicular dos varões, feitas de motivos curvos.

Destacam-se entre as pratas uma custódia e uma píxide.

A *custódia-cálice* de prata dourada é uma boa peça da primeira metade do séc. XVII, de tipo de templete, com um par de colunas dóricas a cada lado, cúpula, hostiário levemente oval e sem saliências decorativas, cálice desenvolvido.

A *píxide*, igualmente de prata dourada, da segunda metade do séc. XVIII, mostra no bojo rótulos concheados com símbolos eucarísticos, no pé e na tampa cruzamento de hastes vegetais.

Um *cálice* de prata, lavrado em pequeno relevo de motivos da segunda metade do séc. XVIII, tem o punção portuense e a marca do fabricante MG.

Um dos sinos encontra-se assinado pelo fundidor: ANDRE DE ARCOS ME FES — 1798.

Conservam-se restos de azulejos sevilhanos de aresta, do séc. XVI, de diversos temas decorativos mas correntes e em mau estado, colocados nas faces das mesas dos altares dos flancos e em rodapé ao arco cruzeiro.

Ao arcaz da sacristia, lavrado, do séc. XIX, fora aplicados bronzes recortados do séc. XVIII e do tipo dos móveis indo-portugueses.

Num balcão de casa ao lado esquerdo da igreja crava-se uma figura de leão sentado, de pedra e do final do gótico.

CRUZEIROS — na povoação-sede.

Um de templete encontra-se num cruzamento de ruas. Formam-no quatro colunas dóricas e entablamento, pilar central com cruz e Crucificado. Data do séc. XVII avançado, de execução popular, alterado pela introdução dum alto basamento em que o levantaram, pela cobertura, etc.

No adro da igreja permanece uma cruz do tipo de grandes braços, com pedestal, do séc. XVIII. Há outra, que não vimos, no sítio do Cabeço dos Mortos do lugar das Azenhas.

CAPELA — dedicada a S. Silvestre, no alto de S. João de Loure.

Modificaram-na e denominaram-na de Nossa Senhora do Livramento.

Colocaram na frontaria e acima da porta restos dum ou mais retábulos de calcário, da segunda metade do séc. XVI, da renascença decadente. Forma a parte inferior um nicho ladeado de pilastras jónicas, que encerra, em alto-relevo, *S. Silvestre*, papa, tendo representado no basamento um boi simbólico. Acima estão dois fragmentos de pilastras, placas com anjos músicos e um frontão largo. No interior conservaram duas pequenas esculturas dos *Santos Pedro e Paulo* que pertenceram àquele conjunto.

MOTIVOS ARTÍSTICOS — em *PINHEIRO*.

Pinheiro foi sede de pequeno concelho medieval, cujo senhorio andou nos donatários de Angeja, como ali dissemos. Compunha-se desta aldeia e de mais duas vizinhas.

O pelourinho levantava-se em pequeno largo. Foi derrubado acidentalmente por um carro de bois. O filho do involuntário destruidor, que encontrámos, lembrava-se do pelourinho e afirmou-nos que se compunha duma coluna tosca, a qual, a nosso juizo, deveria ser do tenro grês local. Em frente ficava a casa da câmara e cadeia, substituída por habitação moderna.

A *capela*, à entrada pelo lado do poente, é desprovida de qualquer interesse. Cravaram acima da porta os restos dum nicho renascença, do meado do séc. XVI, restos de pequeno retábulo, que deveria ser delicado; nicho simples com concha saliente, ladeado de dois fragmentos de pilastras decoradas de pendurados, e abaixo outro fragmento dum friso de enrolamentos. Levaram para a fonte, que fica na depressão imediata, feita ou reformada na segunda metade do século passado, duas placas, cada uma com um anjo músico, muito corroídas, que poderiam ser deste ou doutro conjunto retabular.

Na capela, além do titular, *S. Miguel*, de madeira, obra insignificante da segunda metade do séc. XVIII, há duas de pedra, de pequeno tamanho, ambas do séc. XV, mas não contemporâneas, de oficina coimbrã: uma de *S. João Baptista*, de barbas espalhadas no peito, vestido de pele de camelo cuja cabeça lhe cai aos pés e as patas parecem borlas pendentes; outra dum santo bispo, a que chamam *S. Brás* (mas sem menino).

A *capela de Santa Ana* da vizinha povoação do *Salgueiro* é igualmente obra corrente. Vimos pelos postigos uma *Virgem com o Menino*, que poderá ser de pedra e do séc. XVI, obra comum. Disseram-nos que no arroteamento de terras tem aparecido pedras decoradas; não tivemos quem nos desse indicações rigorosas ou nos mostrasse sítio ou exemplares; fica a lembrança para pesquisadores futuros.

CAPELAS VÁRIAS — A capela do lugar de Loure é moderna e sem interesse para este inquérito.

Entre a povoação de S. João e a de Loure levantaram em 1924, à beira dum pinhal e perto da estrada, um oratório comemorativo do sítio que consideram da antiga igreja. Vale só pelo sentido. Um letreiro diz: A Santa Cristina padroeira de Loure e Frossos até 1224 os povos destas freguesias consagraram reconhecidos esta pequena ermida.

CASA ANTIGA — na povoação sede.

Casa vasta, de tipo de celeiro, parecendo ler-se sob as camadas de cal duma janela uma data referente a 1731. Ostenta na esquina um brasão de armas da segunda metade do séc. XVIII, envolvido de adminículos de concheado. O escudo é partido em duas palas; a primeira de Melos, seis arruelas e cruz doble,

a segunda de Sás, enxaquetada e com uma coluna sobreposta e dominada de coroa aberta; coronel de nobreza.

V A L E   M A I O R

A freguesia representa a parte terminal do Caima. O nome de Vale Maior é pròpriamente o da larga depressão fluvial, com a várzea que aqui se forma; era qualificado de *vale maior* em oposição ao *pequeno* que se encontrava logo que se saía da estrada do norte, no sítio em que se formou Albergaria, e se tomava pela transversa que ia para a Beira-Alta, como se vê do referido foral da rainha D. Teresa dado à vila. O povoado do templo denominava-se Igreja.

Essa estrada transversal dever-lhe-ia ter dado importância, como se vê pela ponte antiga; mesmo o reaproveitamento agrícola da lezíria ter-se-ia feito logo nos primeiros tempos do repovoamento medievo, ficando centro regional, abrangendo a freguesia até aos tempos modernos o território aonde a grande rainha fundou a instituição de assistência; todavia já nessa época fazia parte do grande concelho do Vouga.

A 2 de Janeiro de 1339 o rei D. Afonso IV fez com o mosteiro de Pedroso composição acerca da apresentação do pároco, ficando a ser alterna.

Porém, no ano de 1519, foram dados os direitos eclesiásticos, pelo prior deste mosteiro, ao convento de Jesus em Aveiro, havendo confirmação papal.

IGREJA PAROQUIAL — do título de Santa Eulália.

O actual edifício provém duma reconstrução feita no séc. XVIII, tendo havido complementarmente a ampliação da capela-mor, segundo parece. Toda a obra de cantaria é de granito. A igreja anterior poderia ter sido do séc. XVII, como a pia de calcário da porta travessa e o recheio que permanece indicam.

Seguiu o tipo costumado e ficou relativamente amplo.

O arco cruzeiro é ladeado de dois menores, destinados a abrigarem retábulos. Para o mesmo fim, há mais dois, fronteiros e cavados nas paredes do corpo.

A porta travessa, à direita, e as janelas são de traçado simples.

A fachada mereceu certo cuidado ao mestre canteiro. Ligou a porta com a janela do coro, procurando obter efeitos que vira em boas obras. Ladeou de pilastras o aro do vão; ao dintel deste deu um traçado mistilínio e valorizou o espaço intermédio à cimalha; sobre esta assentou a janela, com a verga igualmente em traçado curvilínio, tendo orelhões o aro, e rematando em cimalha interrompida e curva.

A torre ergue-se ao lado direito, de cunhais em forma de pilastra.

Os tectos são de apainelados, pintados no último século.

O púlpito, à esquerda, simples, é do tempo da obra geral.

Assenta o coro alto em largo arco de granito. Cravam-se-lhes nos pés direitos as pias de água benta.

Os retábulos mais antigos são os dos arcos colaterais ao arco cruzeiro. Datam do barroco inicial, do fim do séc. XVII. Nas obras setecentistas foram mutilados, para se adaptarem aos novos espaços, de maior altura; deram-lhes um basamento e alto remate; douraram-nos de novo, o que mais diminuiu o carácter antigo.

O do lado direito, de tipo plano, mostra duas colunas salomónicas com parras. Conserva a escultura antiga, grande, da *Virgem com o Menino* (Rosário). Nos pedestais das colunas há dois baixos-relevos: *S. João Baptista* e *S. Brás*. Poder-lhe-ia ter servido de remate aquele outro que se vê acima do púlpito, que ostenta a meio pequena *Anunciação*.

O da esquerda era o do Sacramento. O sacrário foi descido. Possìvelmente pertenceram-lhe dois anjos que andam soltos e que fazem o gesto de amparar, que nesse caso seria o sacrário.

Este sacrário, apesar de mutilado e redourado, é ainda uma boa peça. Compõe-se de dois corpos, o de baixo dividido por colunitas decoradas, o superior de aletas. O inferior serve com que de baldaquino ao sacrário pròpriamente dito, que lhe fica interno e independente; há neste três baixos-relevos: *Creche, Cristo ressuscitado, Descida do Espírito Santo.*

Os dois retábulos dos flancos, de duas colunas, com motivos concheados, representam obra corrente da segunda metade do séc. XVIII. O principal, posto que no traçado geral siga o mesmo tipo, é já do XIX.

As esculturas são comuns; a de *Santa Ana*, no do flanco da direita, grande, é agradável e segue o tipo setecentista.

Uma grade do gosto de setecentos, de balaústres planos e recortados, tendo flores no corpo, reserva o sector dos altares.

Há uma pintura em tábua, da *Adoração dos Magos*, de tamanho médio, factura do

séc. XVII, sobre composição corrente. Peça nìtidamente de categoria é a *custódia-cálice*, de prata dourada, dos fins do séc. XVII, do barroco pedrino. Segue o tipo de templete com um par de colunas a cada lado, sendo estas salomónicas e de parras em pequeno relevo; do hostiário sai e estende-se lateralmente uma glória de raios direitos e ondulados, havendo estrelas com pedrarias nas extremidades dalguns; é como que a reunião do tipo de templete final com o de grande irradiação.

No adro há um cruzeiro, tendo de antigo o pedestal paralelepipédico.

Vêem-se nas colinas que ladeiam e dominam a povoação duas capelas modernas, a da Senhora da Luz, que substituiu um nicho devoto, e a do Senhor dos Passos.

PONTE — no rio Caima e lugar de Vale Maior.

Fazia a ligação entre a grande linha de trânsito que passava pela região de Albergaria às de nascente e norte do Vouga, a Silva Escura e Sever, regiões de mineração antiga e moderna. Depois de construída a nova ponte, algumas dezenas de metros abaixo, e da nova viação, ficou destinada ao trânsito agrícola.

Deve datar da idade-moderna. A cantaria é de grês vermelho. A parte antiga compõe-se de cinco olhais, de curva contínua. Há na entrada um mais estreito e mais moderno, e dois na saída, de alvenaria, feitos para formarem o viaduto de piso direito, em lugar do antigo em cavalete. Os dois principais são largos e de arco rebaixado. O que os precede do lado da povoação foi refeito e mais erguido; veem-se as aduelas de arranque do antigo.

CAPELAS — A capela de *Mouquim*, dedicada a S. Martinho bispo, foi inteiramente renovada há pouco tempo. A escultura de madeira do titular, de tamanho médio, é de tipo setecentista, mas foi pintada e composta recentemente. No altar encontra-se uma cruz de calcário, com *Cristo* crucificado, popular, talvez do séc. XVI, do tipo dos que encimam as colunas dos cruzeiros de largos. Igualmente de calcário e obra popular, do fim do séc. XV, uma pequena *Virgem com o Menino*.

A capela de *Vila Nova de Fusos*, deslocada e nova, guarda a escultura do titular, *S. Luis rei*, de calcário e do séc. XVI, renascença popular, mostrando-o de manto, coroa e cetro, mas de mero interesse iconográfico. Duas outras pequenas esculturas de calcário, do séc. XV, são obras de nível popular, *Santa Luzia* e *S. João Evangelista*.

CONCELHO DE ANADIA

FREGUESIAS:

A N A D I A — A R C O S

A vila de Anadia é distinta da povoação dos Arcos, posto que estejam pràticamente unidas pela estrada e casario que circunda o monte Crasto. Arcos é a sede da feguesia.

Define a topografia e enriquece a zona, pela fertilidade das várzeas, a ribeira de Arcos, fusão abaixo da Moita de três pequenos cursos de água que descem daquela linha de cimos que vai da serra do Buçaco à do Boialvo; ribeira que descai perpendicularmente, por nascente, no Cértoma. O monte Crasto, que domina e separa a vila e a sede da freguesia, é um morro em que se salienta o grês da era secundária. Encontrámos na plataforma de NW. tijolaria da época romana; trabalhadores locais afirmaram-nos que outrora era mais abundante. Novamente se confirma a opinião de antigo e notável pré-historiador que o locativo de Crasto é termo genérico que o povo aplicou a alturas em que se destacavam restos de diversas épocas. Nada há que justifique a presunção duma cintura fortificada e não é lícito supor um traçado pelas linhas naturais de talude. Relativamente a outros pontos do concelho, de apressadas identificações, lembraremos o que dissemos na zona anterior.

Anadia formou pequeno concelho medieval, primeiramente do senhorio do mosteiro de Santa Cruz, e depois da universidade, pela anexação das rendas do priorado-mor. Teve foral manuelino em 1514.

Todavia a sede de freguesia, Arcos, com povoações ligadas, fazia parte do de Avelãs de Cima. O padroado da igreja, nos últimos séculos, era da coroa. Da freguesia de Arcos foi desmembrada a de Mogofores, que lhe ficou anexa.

A povoação de Anadia parece não ser tão antiga como a de Arcos, como se deduz de documentos. A várzea de Arcos dum documento do ano de 961 *(senara nostra propria que abemus in ripa arcus)*, pelas confrontações, correspondia à região próxima à vila.

O documento de S. Cucufate (Moita), do presbítero Bahalul diz que aquela igreja estava na vila rústica de Arcos (ano de 943).

Todavia encontramos o nome de Anadia na reconquista definitiva em documento de 1082, nas confron-

tações de Monsarros *(quomodo diuit cum Quintanela et per illa Nadia)*.

Em 1786 foi criado o título de visconde de Anadia, elevado a conde em 1808. O pai do primeiro titular foi Aires de Sá e Melo, ao qual se devem os azulejos da capela-mor da igreja.

O urbanismo do último século e do presente fez desaparecer alguns edifícios antigos, como os velhos paços do concelho e o hospício dos frades de Santo António, cujo carácter não devia ser grande.

Os actuais paços estão datados, como acabamento, de 1880. No largo fronteiro ergueram um monumento, com o busto em bronze, ao estadista e chefe de partido político José Luciano de Castro; no jardim contíguo um outro, pequeno, em neo-manuelino, aos mortos da grande guerra.

IGREJA PAROQUIAL — do titular de S. Paio ou Pelágio, mártir.

Provém o arcabouço actual de duas épocas de reconstrução: a capela-mor com o corpo, do princípio do séc. XVIII; a frontaria e a torre, da segunda metade; tendo havido alterações no séc. XIX.

Edifício de tipo corrente. Não tem altares colaterais ao arco-cruzeiro mas recortam-se nos flancos arcos destinados aos mesmos.

Letreiro colocado internamente na capela-mor, acima da porta da epístola, esclarece a reforma:

AD PERPETVAM MEMORIAM
O R(EVEREN)DO PRIOR PEDRO DE
FARIA MADAIL
MANDOV FAZER ESTA OBRA.ARCO
E FRONTARIA.POR ALIVIAR O PO
5 VO,E NAÕ POR OBRIGAÇAM. ANNO
DE 1730.

Exteriormente e nas costas da mesma capela-mor crava-se outro, que não é possível ler do plano da rua, pelas sucessivas caiações que o recobrem.

Acima da porta que dá servidão à sacristia, fronteira àquela, lê-se o letreiro alusivo à função da mesma:

SACERDOTES TVI
INDVANTVR IVSTITI
AM:ET SANCTI TVI EX
4 VLTENT.PSAL:131.

O arco-cruzeiro, os dois nichos que se abrem ao lado, o tecto da capela-mor são modernos.

As paredes porém da capela-mor, na qual se rasgam duas frestas a cada lado, apresentam ainda o arranjo do início de setecentos. Dividem-se, segundo a altura, em duas metades, por meio duma cimalha; a parte baixa é repartida em três panos por meio de pilastras, cortando-se nos primeiros as referidas portas, e sendo os outros preenchidos por azulejos.

As frestas da nave foram alteradas. São simples as portas travessas.

A data da frontaria e da torre é esclarecida por um letreiro que nesta mesma se crava:

ESTA TORE E FRONTARI
A M(andou) FAZER LOVRENÇO DA
GAMA DE ABREV E LIMA M
OSO FIDALGO CAPELLAM
5 DA CAZA REAL A SVA CV
STA SEM SER OBRIGADO P
OR SVA DEVOCAM
SENDO PRIOR DES
TA IGREIA NO A
10 NO DE 1770.

A frontaria segue os tipos correntes: cunhais tratados como pilastras; porta de vão curvo e de cornija não só curva como também interrompida e de parte média mais erguida; janela do coro de cornija ondulada. A torre, à direita e mais alta que o costume, forma um corpo até ao nível da cimalha da frontaria, tendo fogaréus nos ângulos e cobertura de forma bolbosa mas de plano quadrado.

A capela baptismal é um anexo à esquerda da frontaria. A pia é setecentista.

O púlpito do fim do séc. XVII possui bacia de pedra, revestida de duas ordens de acantos.

O retábulo principal e os dos arcos dos flancos são de madeira entalhada do tipo dos sécs. XVII-XVIII, tendo sido repintados no fim do século passado. Possuem colunas e arcos torcidos, com parras, no tipo corrente, tendo cada um por banda duas colunas.

Há esculturas de diversa categoria. São de calcário: *S. Pedro* e *S. João Baptista*, colocadas nos nichos do arco cruzeiro, da mesma oficina coimbrã, da segunda metade do séc. XVI e regulares; *Virgem com o Menino*, da segunda metade do séc. XV, ainda com o pregueado ondeante, a qual dava o seio ao menino, tendo falsos pudores mandado amputar o mesmo seio.

Entre as de madeira anotaremos três de menor tamanho: *S. Martinho*, bispo, com um menino aos pés, do séc. XVIII, segunda metade; da mesma época, uma outra, graciosíssima, a que chamam *St.ª Luzia; S. Paio*, o padroeiro, ainda do mesmo século, obra bastante corrente.

Os azulejos da capela-mor são de fabrico de Coimbra, datados de 1747, no tipo dos seguidores de Rifarto e, posto que débeis, valiosos como documento do meado do século, que é pouco representado.

São figuradas quatro cenas de tipo eucarístico, enquadradas lateralmente de pilastras-consolas e superiormente de grande remate de desenvolvimento arquitectónico. Os panos em que se rasgam as portas foram reduzidos às pilastras do enquadramento.

Legenda que se repete a um e outro lado, só com diferenças ortográficas, e que se divide pelos dois paineis de cada face, diz que *Esta obra de azuleio mandou fazer o Sor. Airis de Sa e Melo no anno de 1747 // por devosam q. tem ao Santissimo Sacaramento no anno de 1747*.

Ao evangelho vê-se *Cristo em casa de Marta* e a legenda VENITE ET COMEDITE; *refeição pascal dos israelitas* com as palavras, VICTIMA TRANSITVS DOMINI EST. Ao lado da epístola: *anjo trazendo o pão a Elias*, HIC EST PANIS QVI DE CELO DESCENDIT, *a arca da aliança amparada por dois anjos*, ...CET TABERNACVLVM DEI CVM HOMINIBVS.

Um dos sinos, de 1861, provém das oficinas de Cantanhede, de José Amaro Júnior e Joaquim Dias Sorrilha.

CRUZEIRO — em *ARCOS*, na entrada norte da povoação, junto ao ribeiro.

Tipo de cruzeiro de caminhos, de grandes braços rectangulares, conservando de antigo só a parte inferior da haste, o plinto e os dois degraus. Nessa parte da haste que resta vê-se esculpido o prego simbólico e um crescente lunar atravessado duma seta. Nas faces do plinto lê-se:

E(sta?) M(emória?)
SE POS AQVI
NO ANNO DE
1716

CAPELAS — na vila.

A *capela de S. Sebastião* está no largo principal. Serve hoje de capela da Misericórdia e é propriedade da mesma.

Edifício fundamente modificado que mostra ainda restos antigos, como os pináculos da capela-mor, do princípio do séc. XVIII, e a porta principal da segunda metade do mesmo século.

O retábulo de madeira entalhada forma composição híbrida, de elementos do final do séc. XVII e ampliações do XIX. Era do tipo do barroco inicial, dotado de colunas salomónicas com parras.

Contém pequenos baixos-relevos repintados, postos na frente dos pedestais das colunas, *julgamento de S. Sebastião, Sta. Bárbara, Sta. Águeda, S. Sebastião martirizado ao qual dois anjos tiram as setas;* no remate outro, *a degolação de uma santa.*

A escultura de *S. Sebastião*, de calcário, dos sécs. XV-XVI, é corrente. Aos lados do arco há duas de madeira, do séc. XVII final, *Sta. Catarina* e a *Virgem com o Menino*, de tamanho médio.

No plano da capela-mor está um *Crucifixo* de pedra, do séc. XVII, talvez originàriamente cruz de caminho.

A *capela de Nossa Senhora das Febres*, outrora de Senhora da Penha de França, ergue-se no alto do morro do Crasto, para a parte do nascente.

Reconstrução moderna. Pequenos restos conservados nas portas e nas cimalhas parecem indicar que o edifício anterior tivesse pertencido aos sécs. XVII-XVIII.

Retábulo de madeira simples, do terceiro quarto do séc. XVII, repartido em três espaços por meio de duas pilastras misuladas, colocadas ao meio e duas colunas nos extremos. Há nas tábuas pinturas hagiográficas secundárias.

A escultura da padroeira, *Virgem com o Menino*, a que chamam Senhora das Febres, é de madeira, pequena, sóbria, do séc. XVIII; do mesmo século, outra, de *S. Bento*.

CASAS ANTIGAS — O *paço da Graciosa* é a casa de categoria da região. Obra do último terço do séc. XVIII, deveria ter sido mandada levantar por José de Melo Sampaio Pereira de Figueiredo, irmão do bispo de Goa e Algarve, fr. Lourenço de Sta. Maria.

O bispo usava por brasão só Melos, com chefe das armas de S. Francisco; assim se vê dos azulejos de tipo concheado do paço de Faro. O brasão da fachada é esquartelado de Figueireds, Pereiras, Melos e Sampaios, por timbre águia de duas cabeças.

O primeiro titular foi creado sucessivamente visconde, conde e depois, em 1879, marquês da Graciosa.

Divide-se a larga fachada em três partes, por meio de pilastras, tendo rés-do-chão e andar nobre. Faz-se a entrada por escadaria saliente e encostada, de guardas de balaústres, estes separados por pedestais, nos quais poisam urnas em chamas. O primeiro lanço, central e semicircular, desdobra-se em dois, opostos, que levam às portas laterais, ficando a meio a janela, em cuja cabeceira se crava o brasão. Os panos laterais cortam-se de cinco espaçadas janelas, o que produz, no conjunto, treze aberturas a correrem todo o espaço da mesma fachada; as sobrevergas rematam em cornija angular, que se enriquece nos vãos centrais da escada.

A capela encosta-se à esquerda, em plano retraído; datando do séc. XVIII, bem como o retábulo.

Para o lado da direita e na parte posterior levantaram (cerca de 1896) um corpo muito decorado em néo-manuelino, e que desenha em planta uma chaveta. Aproveitaram para suportes colunas de diversos tipos do séc. XVII, idas das demolições da cidade de Coimbra, e deram-lhes por capiteis alguns românicos da igreja de S. Cristóvão da mesma cidade, além de outros que formam as bases das colunas da varanda superior, em número de dezassete. São do românico afonsino, mas dos segundos mestres, decorados de aves, leões, dragões, centauros, folhagens. O ornamentista inspirou-se neles para algumas das suas composições neo-manuelinas, tanto em folhagens, como em entrelaces de dragões.

Em *Famalicão*, para o lado da frontaria da capela, encontra-se uma muito regular, datada de 1744, de aberturas rectangulares, cornijas direitas, janelas de avental, mostrando ter sido reformada no tipo antigo.

Em sentido contrário da mesma capela, há outra, com escada de tipo encostado, de dois lanços opostos e convergentes, balaústres de pedra, seguindo um tipo setecentista mas já do séc. XIX.

Duas casas, na mesma povoação, modestas, dum só piso, conservam aberturas e cornija, devendo pertencer aos princípios do séc. XVIII.

Na florescente povoação de *Mala-Posta*, que tomou este nome da estação de muda da antiga mala-posta, conserva-se a casa própria e com a fisionomia antiga sensìvelmente conservada. Em plano tem forma de colchete rectangular. Foram-lhe porém rasgadas em forma de janela as antigas frestas, que se limitavam ao recorte semi-circular do alto. Era uma das vinte e três estações do percurso de Lisboa ao Porto, serviço da iniciativa do estadista Fontes Pereira de Melo, que começou a funcionar em 1859 (Godofredo Ferreira, *A Mala-Posta em Portugal*, Lisboa, 1946).

Vê-se ainda em Vale de Azar outra casa mas em ruínas. Os muros levantados conservam a porta e algumas janelas rectangulares, de cimalha; dando acesso àquela uma pequena escada com patamar de anteparo de pedra, que desenha pedestais nos extremos e, em cujas prumadas, se levantavam as colunas do alpendre. Seria do final do séc. XVII.

No mesmo povoado há restos incaracterísticos das paredes da capela da povoação, que era de S. Nicolau.

CAPELA — em *FAMALICÃO*, dedicada a S. Mamede.

Edifício corrente, reconstruído no séc. XIX e modificado ainda no mesmo século. Frontaria com porta de verga curva e sineirita colocada à esquerda.

O retábulo, dos fins do séc. XVII, de quatro colunas salomónicas, obra comum, foi alterado.

A escultura do titular, *S. Mamede*, de calcário, pertence ao meado do séc. XV; mostra-o sem barba, o vestido caindo direito, com bordão e livro, tendo na base três animais.

O púlpito é pétreo, do séc. XVII; o pé em forma de balaústre e de parapeito facetado.

Num largo próximo, um *cruzeiro*, apesar de renovado, mostra ainda soco de alçado pentagonal, datado de 1670 e de letreiro gasto.

AMOREIRA DA GÂNDARA

Freguesia moderna que foi criada civilmente por Decreto n.º 15.224, de 23 de Março de 1928, e eclesiàsticamente logo a seguir. Não há inteira coincidência entre a freguesia civil e a religiosa; esta é formada de elementos separados das freguesias de Sangalhos e S. Lourenço do Bairro; aquela, que é mais extensa, abrange outros tirados de Vilarinho do Bairro.

No foral manuelino de Sangalhos há referência a Amoreira, como diz Franklin, por aqui ter direitos o mosteiro de Santa Clara de Coimbra.

IGREJA PAROQUIAL — tendo por titulares S. Martinho e o Coração de Maria.

Creando-se a freguesia, fixou-se a sede na antiga capela de S. Martinho.

O edifício foi renovado e ampliado no período de 1944-1950, conservando-se todavia parte das paredes laterais. A torre da fachada é anterior à reforma, todavia moderna. Foram ainda aproveitados pequenos elementos.

O púlpito, que é de calcário e do séc. XVII, possui bacia cilíndrica mas renovada e pé em forma de balaústre.

Num pequeno nicho da frontaria colocaram *S. Martinho*, vestido de bispo, de calcário, séc. 15, de tipo popular.

Conserva-se na sacristia uma placa calcária, tendo em relevo o *Calvário* (Crucificado, Virgem e S. João) sob arco conopial; pertence ao séc. XVI inicial, gótico, obra corrente.

Há ainda uma *Nossa Senhora da Conceição*, do séc. XVII, de pedra e de pequeno nível.

Nas obras de ampliação colocaram no solo, à entrada, duas campas da família Tavares Ferrão, transferidas do adro. Cada uma tem um brasão composto das cinco estrelas dos Tavares e das cinco faixas ondadas dos Távoras, o qual se insere num rótulo do tipo da primeira metade do séc. XVIII, que foi inteiramente retocado e avivado na altura da mudança; sob estas campas colocaram as ossadas de pessoas da mesma família, comemoradas em letreiros modernos.

CASAS ANTIGAS — na povoação sede.

Ao lado da estrada distrital, levanta-se uma grande casa que foi da família conhecida ùltimamente por Tavares Ferrão (ver *Recardães*).

Está datada de 1778 na escadaria de honra.

No séc. XIX cravaram-lhe no cunhal nascente um escudo que deverá representar os seguintes costados, atendendo à persistência destes nomes na família: esquartelado; o 1.º de cinco crescentes, por Pintos, o 2.º com leão, por Castelos Brancos, o 3.º de cinco estrelas, por Tavares, o 4.º aspado da faixa e dois elos abertos dos Mendonças.

Voltam-se à estrada dois corpos salientes que são ligados à altura do andar nobre por um corpo retraído, que um jardim alto não permite ver de fora.

Tanto um como outro corpo apresenta do lado da mesma estrada quatro janelas de vãos e aventais rectangulares, separadas por sacada de verga curva, colocada a meio delas. No corpo da direita destinaram uma pequena divisão comum a capela modesta.

Abre-se a entrada na fachada lateral do corpo da esquerda. Dá-lhes acesso uma boa e rara escadaria de dois lanços, um deles perpendicular e outro paralelo à fachada, com dois patamares. Formam-lhe as guardas balaústres pançados, de secção rectangular, levantando-se altos e decorativos fogaréus nos pedestais das quebras de linha; a porta de vão curvo tem alta cabeceira.

Na saída da povoação para E. há uma porta e uma janela numa casa em ruinas, da segunda metade do séc. XVIII, de vãos curvos e aros recortados, elegantes mas simples.

ANCAS

Um documento, originário do cartório de Santa Cruz de Coimbra, traz a doação de Ancas *(de mea propria uilla que uocatur enchas)*, feita por D. Afonso Henriques, em Novembro de 1143, a Marina Soares. Os limites aí indicados, relativamente fáceis de identificar no terreno, referem-se a *locus dictus* e a povoações: Sá (de Sangalhos), Mogofores, Paredes, S. Lourenço.

Tendo vindo a cair na casa de Aveiro, foi dela o padroado, que depois passou à Coroa.

IGREJA PAROQUIAL — com Nossa Senhora da Conceição por orago.

Encontra-se ao lado da povoação sede, de largo terreiro na frente.

A reforma a que se deve o actual edifício data do final do séc. XVII. Na porta da esquerda lê-se: ANNO DE 1689. Numa pia singela, da entrada principal, gravaram ANNO DE 1726. Plano costumado; ombros estreitos, sem retábulos, torre à direita da fachada e sob ela o baptistério.

A capela-mor é abobadada de berço corrido, em tijolo.

A fachada, de cunhais em pilastra, dominados de pináculos em forma de pirâmides sobre pedestais pançados, mostra porta rectangular e de breve cornija, e ainda janela do coro mas posterior. A torre, de cunhais igualmente apilastrados, é coroada de entablamento, havendo em cada ângulo da cornija uma gárgula estriada, só ornamental. Tem cobertura piramidal e acantonada de pináculos

do tipo dos da frontaria e da parede do arco cruzeiro. A porta travessa, à esquerda, segue o modelo da principal.

O retábulo da capela-mor, de talha de madeira, pertence à primeira metade do séc. XVIII e é de medianas dimensões; compõe-se de ampla tribuna, em concha, e de um par de colunas lisas a cada lado, havendo mísulas intermédias.

Encostam-se às paredes laterais da igreja dois outros, pequenos, do fim do séc. XVIII, obras comuns, com nichos entre duas colunas e de ornato concheado.

O púlpito é dotado de singela bacia de pedra, da época da reconstrução. A pia baptismal igualmente simples, do séc. XVII.

A escultura de calcário, da *Virgem com o Menino*, de fino pregueado e de certa categoria, pertence à primeira metade do séc. XV.

A de *S. Brás*, vestido de bispo, gótica, do início do séc. 16, é corrente.

Obras comuns e de pedra são as de *Sto. Amaro* e *Sta. Luzia*, do séc. 16.

CRUZEIROS — Vimos dois, ambos com as datas bastante apagadas mas que devem dizer 1668, um no adro e outro na rua do Cruzeiro, na saída para Fogueira.

São de coluna dórica, cruz singela, base de alçado pentagonal, tendo havido naturalmente reformas.

AVELÃS DE CAMINHO

Avelãs deveria ter sido o nome da região baixa daquela ribeira que, vindo de nascente, das alturas do Boialvo, vai afluir ao Cértoma pela margem direita *(ubi se auelanas infundit in certoma*, diz um documento de 1064); dela tomando nome as duas sedes de freguesia e o pequeno curso fluvial.

Referências a Avelãs aparecem já na primeira reconquista, no séc. 10.º, em confrontações.

Com o definitivo de Cima e de Baixo encontram-se, por exemplo, na carta de couto de Barrô, de 1132 *(auelanas de iusanas, auelanas de susanas)*. O *de Caminho* determina melhor o sítio dentro da viação antiga; dele procedeu que a terra, que era da Coroa, tivesse sido isenta de encargos, à excepção do aposentamento aos reis. Um exemplo encontramo-lo nas vésperas do casamento de D. Duarte com D. Leonor de Aragão, em 1428, como sabemos por carta do infante D. Henrique a D. João I. Posto que D. Duarte e D. Leonor já se encontrassem em Coimbra, ainda faltavam alguns infantes e altos dignitários. No dia 17 de Setembro, sexta-feira, chegou a Avelãs o infante D. Pedro, vindo de cima. Como o soubessem, o próprio D. Duarte e D. Henrique foram ter com ele, que os foi receber a um tiro de pedra da povoação. O futuro rei e D. Pedro dormiram aqui, D. Henrique seguiu para baixo. Ao outro dia partiram aqueles para Botão, na estrada de Viseu, aonde os veio encontrar o conde de Barcelos, D. Afonso. O casamento só se realizou na quarta-feira seguinte, 22, na igreja de Santa Clara.

D. Afonso V deu Avelãs, numa vida, em 1466, a Pedro de Albuquerque. No séc. XVI aparece já na casa de Sousa, seguindo com ela aos condes de Miranda do Corvo e marqueses de Arronches.

Formou pequeno concelho, obtendo foral manuelino em 1514. O pelourinho levantava-se no bairro da povoação que tem o nome de Coito. Disseram-nos que ainda existem marcos de limite.

A freguesia era porém anexa à de Sangalhos, sendo o padroeiro o mosteiro de Santa Clara de Coimbra. No fecho do arco do altar-mor está entalhado o escudo da congregação franciscana (partido das armas de S. Francisco e das do Reino), ao passo que na freguesia matriz se vêem as usadas pelo mosteiro. Numa antiga padieira de porta lemos a indicação CLARA, talvez de casa foreira.

O Nobiliário do conde D. Pedro coloca aqui, em Avelãs, o discutível rapto de D. Maria Pais Ribeira por Gomes Lourenço *(o qual nom foy cazado mas filhou per força en Auelanas dona Maria Pais Ribeira)*. Se a acção é por si lendária, o sítio deve ser interpretação do infante, conhecendo o local e a estrada transversa, para além Caramulo, tanto mais que ele, além das forçadas passagens por aqui, residira e tinha casa em Brunhido.

IGREJA PAROQUIAL — com Sto. António, por padroeiro.

O livro das visitas pastorais, do respectivo arquivo paroquial, esclarece que no primeiro decénio do séc. XVIII se refazia a igreja, contribuindo a abadessa de Santa Clara de Coimbra para a reconstrução da capela-mor, como lhe competia por ser padroeira; no meado do século se encontrava em mau estado; que no último quartel se procedia a obras de vulto.

O conjunto actual pertence ao final do séc. XVIII.

Segue as disposições comuns, levantando-se-lhe à esquerda da fachada a torre e estendendo-se-lhe pelo mesmo lado os anexos correntes.

O arco-cruzeiro data da reforma setecentista final, como o coro alto, que assenta em três arcos sobre pilares.

A pia baptismal, de calcário, é anterior, dos sécs. XVI-XVII.

A porta principal compõe-se de elementos de duas épocas: o vão, de verga curva, do séc. XVIII final; a parte que lhe fica acima, que é da primeira década do séc. XVIII, com entablamento direito, pequeno remate formado

de nicho ladeado de pilastras e acompanhado de aletas, com frontãozito interrompido. Naquele abriga-se uma escultura de pedra de *Sto. António*, gótico, dos sécs. XV-XVI. No friso da porta foi gravado: NON EST HIC ALIVD NISI DOMVS DEI & PORTA CAELI.

A torre teve alterações ou acabamentos no séc. XIX. Sobe-se inicialmente por uma escada helicoidal, posta num corpo cilíndrico, saliente e entalado no ângulo reentrante posterior.

O retábulo principal, de madeira, do séc. XVIII final, tem camarim e duas colunas. Mostra o escudo dos padroeiros, como ficou dito. Fecha a tribuna uma tela com *Sto. António*, do séc. XIX, obra comum.

Os colaterais, de duas colunas, pertencem ao néo-clássico do séc. XIX avançado.

Entre as esculturas de pedra anotámos: um *Santo-eremita* (a que chamam S. Bento) do princípio do séc. XVI, gótico, representado de rosto vincado, loba de pregas direitas; *Virgem com o Menino* e *S. Benedito*, do séc. XVII, obras artificianais.

De madeira: *Sto. António*, do séc. XVIII, segunda metade, gracioso; *Virgem com o Menino*, do séc. XVIII final, regular e bem estofada; um *S. Sebastião*, do séc. XVI avançado, a imitar modelo anterior.

Pequeno lavabo de pedra na sacristia, mutilado, do séc. XVII, aonde gravaram posteriormente 1781; um sacrário avulso, pequeno, mutilado, de madeira dourada, do séc. XVII final.

MOTIVOS ARTÍSTICOS DIVERSOS — em Avelãs de Caminho.

A *capela do Senhor dos Aflitos*, a norte da povoação e à beira da estrada, reformada muita vez, conserva uma porta de tipo setecentista, podendo ser dos princípios do séc. XIX. Gravaram-lhe a data de 1879. Lê-se num degrau da mesma porta a de 1826.

O pequeno retábulo de madeira, em néo-clássico, da primeira metade do séc. XIX, foi mandado pintar em 1884.

O *Cristo crucificado*, de calcário e escultura coimbrã, é dos meados do séc. XVI, equilibrado ainda, imitando certo modelo conimbricense.

Há restos duma *casa* do séc. XVII, vendo-se uma janela, cuja verga é horizontal e decorada dum tema de dois SS contrapostos, além duma outra janela de avental rectangular.

Levantaram em frente da capela pequeno monumento, com busto em bronze, a um benemérito da terra, como a um outro junto da escola.

AVELÃS DE CIMA

Dissemos atrás que o nome da região aparece já na época da primeira reconquista, no séc. X.

Avelãs de Cima formou concelho medieval que incluia lugares de outras freguesias, como alguns de Arcos. Teve foral manuelino em 1514, e já o obtivera de D. Dinís.

Quase envolvido pelo seu termo havia outro pequeno concelho, o do couto do Pereiro, que pertenceu ao mosteiro de Santa Cruz e que, com a anexação das rendas do priorado-mor, passou à universidade em parte dos direitos. Recebeu foral no mesmo ano daquele outro.

Avelãs andou ordinàriamente no mesmo senhorio que Ílhavo e Carvalhais, que é da freguesia da Moita, onde os últimos donatários tinham o paço e aonde daremos breve resumo, para não nos repetirmos.

No meio da povoação, ao Rossio, apontam uma casa como sendo a da antiga câmara e da cadeia; obra simples, modificada para adaptação a diversos fins.

Avelãs e Boialvo estão ligadas ao movimento táctico de retirada do exército de Massena, a seguir à derrota do Buçaco (27-IX-1810), pelo torneamento da posição do exército vitorioso, anglo-luso.

IGREJA PAROQUIAL — do título de S. Pedro, o príncipe dos apóstolos.

Separada do núcleo da povoação, a norte, concentra o bairro de S. Pedro.

O edifício medieval está documentado pela lápide cravada no interior da frontaria, para o lado do baptistério. Data do séc. XII (A. 31 cm; L. 45 cm.), de letras capitais quadradas e unciais, geminadas, inclusas, sobrepostas e com abreviaturas costumadas. Substituímos na transcrição os três pontos de divisão vocabular por dois. Diz que no ano de 1173 (Era de 1211) foi fundada, isto é reconstruída, a igreja em honra de Deus, de Santa Maria e S. Pedro apóstolo, a qual o pároco, o presbítero Pedro, fez com o auxílio dos paroquianos, redigindo o mesmo letreiro o mestre Paio.

IN ERA:Mª:CCª:XIªFVNDATA:
E(ST):HEC:EC(C)L(ESI)A AD
HONOREM:DEI:ET:SANTE:MARIE:
ET BEATI
PETRI:AP(OSTO)LI:QVAM:PRELA-
TVS:PETRVS:PRESB(ITE)R:
FECIT:ATQVE:SVORVM:LAICORVM:
5 (A)IUTORIO:PELAGIVS:MAGISTER:
SCRIBSIT

Na frontaria e sob as duas janelas do coro fixaram na reconstrução duas novas lápides.

A da esquerda copia regularmente (o que é raríssimo em casos tais) a transcrita acima.

IN:ERA:M:C.C.X.I.FVNDATA:
   EST:HAEC
ECCLESIA IN:HONOREM:DEI:ET:
   SAN
CTAE:MARIAE:ET:BEAT:PETRI:A
POSTOLI:QVAM:PRAELATVS:
   PETRVS
5 PRAESBITER:FECIT:ATQVE:SVORVM
LAICORVM:ADIVCTORIO:PELAGI
VS:MAGISTER:SCRIPSIT
HOC:IDEM:LEGITVR:IN LAPIDE:
ANTIQVO IVXTA FONTEM:
10 BAPTISMALEM VBI DE FVNDA-
   TIONE

A outra, colocada à direita, comemora a reedificação, que começou no ano do Senhor de 1714, com a seguinte comissão de obras, o pároco Sebastião Pereira Miranda Henriques que foi o presidente e quem redigiu o letreiro, Manuel de Andrade procurador da igreja, João Rodrigo que se ocupou com assiduidade do seu andamento.

ANNO:D(OMI)NI:1:7:1:4:REAE-
   DIFICA
RI:CCEPIT:HAEC:ECCLESIA:
   B(EATI):PETRI
APOSTOLI:TITVLO:DECORATA:
EAM:REGENTE:SEBASTIANO
5 PEREYRA:DE:MIRANDA:HENRI-
QVES:ET:OP(E)RI:PRAESIDENTE:
   QVI:HAEC:
SCRIPSIT:EMMANVELE:DE:ANDRADE
ERAT:TVNC:ECCLESIAE:PROCU-
   RATOR
IOANNES:RODERICVS:QVI:
10 OPERI:ASSIDVE:INCVMBEBAT

Trata-se dum edifício vasto, alto e sólido, que mostra, conjuntamente com outros, que havia bons mestres construtores regionais, na transição dos séculos.

A capela-mor cobre-se de abóbada de aresta, certamente de tijolo; o corpo, de madeira, aos caixotões rectangulares, formando doze séries de cinco.

Tem porta principal, duas travessas e opostas; dois arcos colaterais ao arco cruzeiro e mais dois cavados nos flancos junto aos ombros, todos eles destinados a altares; quatro janelas no corpo e dois janelões no santuário; torre à esquerda da frontaria, com escada anexa e exterior; coro alto levantado em três arcos de cantaria; baptistério sob a torre, púlpito à esquerda. Ao lado do evangelho encosta-se a sacristia além de anexos.

A frontaria é uma das regulares composições arquitectónicas bairradinas. Fortes cunhais, ligados por cimalha direita, erguendo-se-lhe acima a empena que é dominada de fogaréus e da cruz. Acompanham o vão rectangular da porta duas pilastras dóricas sobre pedestais, aquelas imitando mísulas chatas que folhas de acanto decoram, estes, os pedestais, a de mísulas também mas robustas; o frontão é quebrado, ondulante e com as extremidades dos ramos enroladas; acompanham-no duas altas pirâmides; sobrepõe-se-lhe um nicho de duas colunas coríntias, entablamento e frontão curvo e aberto. As janelas do coro têm também frontão aberto mas triangular; ficando-lhes imediatamente inferiores as lápides, cercadas de molduras de folhagens.

A torre, à esquerda, é formada de dois corpos; a sua cobertura data já da segunda metade do séc. XVIII. O acesso é feito por escada de pedra em espiral, formando corpo encostado ao ângulo reentrante e dando serventia ao coro e ao corpo do relógio.

As portas travessas são rectangulares e de friso e cornija; simples as janelas.

A volta do arco cruzeiro enquadra-se de pilastras misuladas, que composição de outra mísula liga aos aros dos arcos colaterais; nas cantoneiras há florões de acantos alastrados; tanto a face interna como a externa do arco, repartindo-se aos rectângulos, têm composições decorativas; as dos pés direitos são de almofadas corridas.

O púlpito segue o tipo regional, de bacia alongada, piramidal, de três séries de acantos, a do meio sobreposta duma águia; anteparo de balaústres de castanho, torneados e espiralados.

Pia baptismal anterior, do séc. XVII, datando da mesma época os benedictérios que poisam em colunas dóricas.

O retábulo principal e os dois dos arcos dos flancos pertencem à segunda metade do séc. XVIII e são obra de regular entalhador, conservando a policromia e douradura antigas.

O principal tem largo camarim com os respectivos degraus do trono, duas colunas a cada lado, seguindo orientação diversa cada par, dois anjos nos acrotérios com símbolos papais,

irradiação solar, onde há grupos de querubins e centralmente o triângulo trinitário. Os outros dois têm um só par de colunas, anjos e sol.

Os retábulos colaterais ao cruzeiro são dos sécs. XVII-XVIII, as duas colunas torcidas e com pâmpanos e arco superior, mas com as mesas da época dos outros.

No altar-mor estão as esculturas de madeira e do tempo do mesmo, dos *Santos Pedro e Paulo*. Há isolado um *S. Pedro*, tamanho quase natural, de madeira, do séc. XVII, secundário.

Esculpida igualmente em madeira está, no colateral da esquerda, a *Virgem com o Menino* (Rosário), da segunda metade do séc. XVIII, como são aqueles apóstolos, além de outras.

Ainda de madeira existe uma escultura fora do comum, *S. Sebastião*, do séc. XVI inicial, gótica, figura movida, encostada a uma árvore de fartos ramos, pendendo dum deles um escudete com as Chagas.

São de calcário, das oficinas coimbrãs, de pequeno tamanho: *S. Brás*, tendo na frente o menino, de grossos pregueados, obra regular do meado do séc. XV; *Santa Luzia*, do fim do séc. XV, de pregas requebradas, obra comum.

Destaca-se entre as pratas a custódia, que é de categoria, tanto pelo tamanho (A. 0,93), como pelo trabalho; de prata branca, em folha batida e cinzelada, marcada pelo ourives M G e pelo contraste do Porto, do fim do séc. XVIII. O mostruário é envolvido de cercadura de temas arquitectónicos com querubins e larga irradiação solar; a base, seguindo linhas ondulantes, tem rótulos nas faces com símbolos eucarísticos.

Um dos sinos foi assinado por Joaquim Sorrilha de Campos Júnior, Cantanhede.

Na capela-mor formam rodapé azulejos policromos de Lisboa, do séc. XVII, de recruzetados e florões; restos dos mesmos vimos em habitações contíguas.

Fixam-se no solo da mesma capela-mor duas campas fúnebres, postas ao lado do evangelho. Uma junto da porta da sacristia, dos sécs. XVII-XVIII, mostra escudo partido: na primeira pala, aspa acompanhada de quatro flores de lis, por Mirandas; na segunda, seis arruelas entre cruz doble e bordadura, por Melos; timbre águia de duas cabeças, elmo e paquife. O letreiro encontra-se já inteiramente apagado, pela usura. Na base gravaram dois corações atravessados por uma seta.

A outra campa estende-se entre esta e o plano do altar; é do reconstrutor da igreja. Guardámo-la para o fim, a fechar a descrição da sua obra.

AQVI JAZ SEB(ASTI)AM
   PER(EIR)A
DE MIRANDA FIDAL
GVO CAPPELLAM DA
CAZA RIAL E PRIOR
5 Q(VE) FOI DESTA JGRE
IA FALECEO A 29
DE SETEMBRO DE 1743

CRUZEIRO — no bairro de S. Pedro, da povoação sede.

Perto da igreja, junto do cemitério, à beira do caminho.

Está datado: ANNO 1680. Tipo de templete, compõe-se de quatro colunas dóricas, lisas, sobre pedestais, suportando entablamento direito, sobre que assenta cúpula de tijolo, com nervuras internas, em forma de dois arcos cruzados. Levanta-se em três degraus. Ao centro coluna dórica, com um *Cristo crucificado*, já da segunda metade do séc. XVIII.

CAPELA — em *CERCA*, no extremo da rua que vem da frontaria da igreja.

Construção harmoniosa e moderna. Um letreiro na frontaria esclarece:

ARCHITECTADA E DIRIGIDA / POR / CYPRIANO ROIZ MAIA / 1911

A escultura é antiga, grande e de categoria: *Virgem com o Menino;* este no braço esquerdo da Senhora, a qual lhe apresenta com a direita uma pinha de romãs; é bem lançado o pregueado, grosso, obra coimbrã do séc. XV.

CASA E CAPELA — em Avelãs de Cima, ao lado da povoação sede.

A casa, desnaturada e em ruinas, está a perder-se. Era formada por um corpo baixo, em cujo extremo se cravava perpendicularmente a capela, obra da segunda metade do séc. XVIII. Conservam-se alguns vãos de verga curva e de janelas de avental rectangular.

A capelita, do mesmo modo, de duas portas travessas e duas frestas, conserva o retábulo de talha dourada, do fim do séc. XVII. Com-

põe-no quatro colunas torcidas e com pâmpanos, nicho central e mísulas laterais. No remate um largo baixo-relevo, da *Virgem e anjos* (Assunção); nos pedestais das colunas outros baixos-relevos, graciosos e pequenos, alusivos a *S. Pedro:* recebe as chaves; vestido de sumo pontífice; cura um coxo; penitente; liberto da prisão.

Havia uma escultura da Virgem que foi roubada, na altura de outros furtos que se fizeram na região.

CAPELA — em *BOIALVO,* dedicada a S. Simão.

Fundamente renovada em 1952, por benemérito local. Conserva o campanário, à direita da frontaria, pequenino, de cimalha recta e dois pinàculozinhos.

O púlpito, de calcário, cilíndrico, sobre pé de balaústre, remonta ao séc. XVII.

Do mesmo séc. XVII o retábulo, reformado em 1928 e recentemente pintado. Executado em calcário, da renascença decadente coimbrã, reparte-se em três nichos, separados por duas colunas coríntias, ao meio, e pilastras aos lados, remate circular, com o busto do Padre-eterno. No nicho central, *S. Simão*, apóstolo, de pedra, do séc. XVII.

CAPELA — em *PEREIRO,* de Nossa Senhora dos Remédios.

Edifício renovado, sendo a porta principal de verga direita com cimalha, talvez do princípio do séc. XVIII. Sineirita colocada à esquerda da frontaria.

Retábulo de madeira, do séc. XIX, seguindo um tipo anterior.

São secundárias as esculturas de pedra: *Virgem e o Menino*, do séc. XVI, renascença; *S. Martinho*, bispo, séc. XVI inicial.

De mérito e raridade uma de madeira, *S. João Baptista*, de manto e túnica, sendo esta feita duma pele de camelo, cuja cabeça assenta no chão, a meio, e as patas pendendo aos lados; é gótica, do séc. XV.

Na mesma povoação há uma casa, metade em ruinas e reparada a outra. Tipo corrente da segunda metade do séc. XVIII; com escada exterior e três janelas, de vergas e cimalhas curvas, peito em avental recortado.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES — no sítio da *SENHORA DAS NEVES.*

Este santuário evolucionou, partindo dum modesto edifício para amplo templo, até decair no quase abandono dos tempos correntes.

Compõe-se o conjunto duma grande capela e duma fonte, às quais se pode juntar uma casa que fica à direita, sem qualquer interesse e que seria a residência do eremitão.

Examinado o templo externamente, aparece como vasto edifício de plano rectangular, tendo encostado no topo um outro, pequeno, circular; orientando-se o conjunto de nascente a poente.

A parte circular e que serve de sacristia era a capela antiga, do fim do séc. XVI; baixa, coberta de cúpula singela, certamente de tijolo. Mostra um arco em cada lado extremo da linha do diâmetro principal. O arco de poente formava a entrada, que seria antecedida de alpendre; incluiram-lhe a porta rectangular que se abre nas trazeiras do altar-mor. O outro arco, o de nascente, que se não acusa fora, encerra hoje uma porta rectangular para o exterior; deveria ter contido o pequeno retábulo. Reveste-a alto lambri de *azulejos* policromos, do séc. XVII, do tipo de alcachofras, de fabrico lisbonense.

A grande capela é exemplar de boa arquitectura regional.

Apresenta externamente a feição dum rectângulo, o qual engloba o corpo e o santuário, dotados da mesma largura, divididos internamente pelo arco cruzeiro.

Tanto o corpo como a capela-mor se cobrem de abóbada de berço, singelo, certamente de tijolo, que obrigou a grande espessura das paredes.

O largo arco não deu espaço a altares colaterais; cortam-se porém, para esse fim, dois arcos fronteiros, junto aos ombros.

Além da porta axial, há duas travessas e quatro fronteiras, duas janelas na capela-mor e quatro no corpo.

Os cunhais e as cimalhas são de boas cantarias de calcário.

Na composição da frontaria os cunhais ligam-se por meio da cimalha corrida e direita que vem das fachadas laterais; acima dela desenha-se a linha angular da empena e levantam-se na prumada daqueles os altos pináculos, de tipo piramidal sobre duplos pedestais pançados; abaixo alastra o decorativo conjunto do portal, acolitado dos costumados postigos. Rasga-se a porta rectangular entre duas pilastras coríntias e caneladas, sobre pedestais; da linha do entablamento erguem-se bastante acima do normal os dois ramos do frontão que enrolam os extremos; na parte média dos mesmos apoia-se um grande corpo globular que serve de base a alta cruz; acompanham este corpo do frontão dois altos pináculos. O conjunto é raro no distrito.

As portas laterais são simples, como também o são as janelas, rectangulares e altas.

O elevado arco cruzeiro é decorado nos pés direitos de rectangulados pouco profundos, no arco de motivos acantiformes. São simples os arcos que se destinavam aos altares, rasgados no corpo, tendo só escudetes nos fechos, mas sem emblemas.

A bacia do púlpito, de pedra, segue a forma piramidal invertida, decorada de três ordens de acantos, com uma águia aposta à segunda. Os balaústres de castanho e torneados são do tipo dos sécs. XVII-XVIII.

Vimos fragmentos de pequeno retábulo de madeira entalhada, do meado do séc. XVII.

Só existe hoje o retábulo principal, de madeira entalhada, policromado sem douradura no «ANNO D. 1857 Junho». Data da primeira metade do séc. XIX, em estilo neo-clássico. Formam-no quatro colunas e amplo camarim.

A escultura da titular foi roubada há anos, no seguimento de furtos análogos feitos na região. Vê-se só um *Santo Amaro* de calcário, séc. XVII, popular.

A *fonte* fica na parte posterior à cabeceira e na base de pequeno declive que aí se forma, assombrada de vastas carvalhas. Encosta-se à barreira e abriga-se em construção rústica, aberta por três lados. O singelo espaldar em calcário é formado de dois corpos sobrepostos e de linhas curvas, dominado de cruz feita de fragmentos de azulejos, obra contemporânea da capela, correndo a água de duas bicas para tanque enterrado. No segundo corpo foi gravado o letreiro:

1676
SVPER
OMNIA.MIRACVLA
NIVIVM.VIRGINIS.AQVA
5 REF(o)R(mat)A 1698 ANNOS

Talvez se possa interpretar: «S(olvitur) v(otum) per omnia miracula. Nivium Virginis aqua».

MOGOFORES

O breve concelho de Mogofores estava no fim da Idade Média na posse da mitra e do cabido conimbricense mas em separação. Formaram-se aí prazos familiares, por aforamento daqueles senhorios directos, sendo um deles o que andou na posse da casa da Graciosa, como se vê das alusões dos genealogistas. Teve foral manuelino.

A freguesia foi porém extractada de Arcos, ficando-lhe sempre anexa, com o cura de almas de apresentação do pároco daquela.

IGREJA PAROQUIAL — consagrada a Nossa Senhora da Conceição.

Inteiramente renovada e ampliada em 1886, conserva do antigo, do séc. XVII, dois arcos para altares nos flancos da nave, fronteiros, junto ao cruzeiro, e a capela dos Pintos, à direita, imediatamente a seguir ao arco do flanco daquele lado.

Os pequenos retábulos que se vêem naqueles arcos são de madeira dourada, de duas colunas torcidas e da respectiva volta, decoradas de pâmpanos; datando do fim do séc. XVII, sofreram só pequenas alterações.

A capela dos Pintos, dedicada a Nossa Senhora da Piedade, vale por todo o resto. Houve a preocupação de a aproveitar na reconstrução, rompendo-lhe a antiga parede lateral da direita e tornando-a cabeceira duma espécie de nave anexa, com que a igreja ficou.

Indica o tempo e a razão da obra uma inscrição que se vê no topo fronteiro à entrada antiga. Domina-a relevo com o brasão dos Pintos, cinco crescentes em aspa e um leopardo por timbre.

AQVI.IAS.SEPVLTADO.NESTA.
CAPE
LA.CHRISTOVAÕ.PINTO.DE
PAIVA FIDAL
GO.DA CAZA.DE SVA.MA-
G(ESTA)DE.CAVAL(EI)RO.
PROFE
SO.DA ORDẼ.DE CHRISTO.
DEPVTADO.DA ME
5 ZA.DA CONÇIENÇIA.E OR-
DENS.O QVAL DE
TODOS.SEVS.BẼNS.INSTE-
TVIO.HV(M).MOR

GADO.COM OBRIGAÇAÕ DE
MISA.COTIDIANA.PELA.
SVA.ALMA.FALESEO.EM LIS-
BOA.A.10.DE AGOSTO DE
1672

A capela forma um quadrado, de paredes cortadas em quatro arcos, que sustentam cúpula hemisférica por meio de triângulos. Segue estilìsticamente a renascença avançada coimbrã, nas suas últimas consequências do séc. XVII, antes do barroco. Procurou-se fazer obra rica. Tanto os pés direitos como os arcos são decorados dos recruzetados daquele estilo final, sendo interceptados por florões nas faces internas dos arcos. Nos triângulos esféricos inscrevem-se rótulos com novos florões. A cúpula compõe-se de duas ordens de oito caixotões; ornando-se igualmente os claros de florões. A face do arco de entrada limita-se às pilastras e à respectiva volta.

O retábulo de madeira entalhada e dourada enche o arco do lado esquerdo. Trabalho consciencioso, tem o interesse de mostrar colunas salomónicas ainda dentro do esquema arquitectónico seiscentista tradicional, esculturas de certo mérito, como a da padroeira e pequenos baixos-relevos, definindo bem o barroco inicial.

Forma um corpo e remate; quatro colunas naquele, torcidas e de pâmpanos, dispostas a criarem um grande pano central e dois intercolúnios mais estreitos; o remate é baixo e enquadra-se de duas aletas.

A meio, destaca-se em pedestal avançado a *Piedade*, descaindo Cristo para o lado direito; serve-lhe de fundo um baixo relevo dominado do busto do *Padre-eterno* de braços abertos. No intercolúnio da esquerda, a escultura de *S. Francisco de Assis* e no oposto a de *Santo António*.

Os baixos-relevos representam: *Cristo deposto no túmulo*, no pedestal do centro, *S. João Evangelista* e *S. João Baptista* nos pedestais das colunas externas, *Cristo ressuscitado*, no remate.

Colocado hoje neste altar, mas independente, *S. José*, de barro, tamanho médio, do séc. XVII final.

A meio da capela-mor, crava-se no solo campa singela, dominada por brasão episcopal: partido, na primeira pala cruz florida, a segunda cortada, com duas cervas no quartel superior, (a cruz e cervas dos Cerveiras), o quartel inferior esquartelado dos cinco escudetes e de um leão, por Sousas (tudo mal representado), coronel de nobreza, chapéu e três ordens de borlas por lado. Diz:

AQUI IAZ
D. JOZÉ XAVIER CERVEIRA
E SOUSA
FOI BISPO DO FUNCHAL
DE BEJA E DE VIZEU
5 NASCEU EM 27 DE NOVEMBRO
DE 1797
E FALLECEU EM 15 DE MARÇO DE 1862

A lâmpada principal da igreja é de latão, do tipo de caldeira e aletas, dos sécs. XVII-XVIII, de maior tamanho que as habituais.

O túribulo, de prata e do séc. XVII, tem forma esférica.

CAPELA — no bairro junto ao cemitério, tendo por titular S. Sebastião.

Reformada em diversas épocas, conserva o arco cruzeiro do séc. XVI, semi-circular, sem impostas, de arestas chanfradas; a porta principal, de verga direita e cornija, poderá ser dos sécs. XVII-XVIII; havendo na frontaria a data de 1763. indicando outras obras.

O pequeno retábulo de calcário é do séc. XVII, renascença decadente. Quatro pilastras coríntias e com pendurados dividem-no em três folhas, cavando-se um nicho em cada; ocupa e encorpora-se no central um sacrário, do tipo de andares, que mostra aos lados da porta e em relevo os *Santos Pedro* e *Paulo* e acima da mesma o busto da *Cristo*. O breve remate encerra o emblema do titular.

CRUZEIRO — na povoação sede, em cruzamento de ruas. Tipo de templete.

Lê-se nas bases da frente: NO ANNO / DE 1733. Foi restaurado em 1929, tendo-se-lhe substituído uma das colunas, que são em número de quatro, dóricas e lisas, e levemente pançados os pedestais respectivos; os frisos têm o ornato vegetal, de aspecto cheio, como era do tempo; a cúpula de tijolo robustece-se com dois arcos cruzados; a meio, coluna com cruz e *Cristo*.

A plataforma está já abaixo do nível do terreno e parece que, com o alteamento produzido pelas estradas, ficaram soterrados três degraus.

CASAS ANTIGAS — na mesma povoação.

Aquela que pertenceu ao visconde de Seabra mostra fachada de sete janelas no segundo piso, do tipo seiscentista, rectangulares, de arestas fortemente boleadas e cornija direita, sem os aventais do costume, devendo ser antiga uma certa parte delas. Inferiormente há janelas rectangulares, datando das acomodações do edifício no último século. A parte nova levanta-se em zona posterior.

Na mesma rua, mais dentro na povoação, há outro grande e notável edifício, dividido e na mão de proprietários rurais. Compõe-se do piso baixo, da primeira metade do séc. XVIII, e de um alto, já da segunda metade.

O inferior corta-se de seis vãos rectangulares e de cornija, sendo o primeiro à esquerda o da porta antiga, e os outros de janelas de avental; o penúltimo à direita foi rasgado, talvez na divisão da casa, para servir de porta. Os frisos são cheios de forte decoração vegetal, do princípio do séc. XVIII. Numa casa fronteira, moderna, foi aproveitada grande porta do mesmo tipo e decoração das deste piso; poderia ter sido um portão da casa. Tem a data de 1741, que corresponde igualmente àquelas.

O segundo piso pertence à segunda metade do séc. XVIII. Alinham-se na fachada principal, sobre os vãos mencionados, seis janelas de verga curva e de cornija em traçado mistilíneo, aventais pequenos e recortados; rasgam-se outras na fachada da esquerda e uma sacada e duas janelas na oposta, a do pátio.

Dá entrada para este pátio um portão com alto remate, do final do séc. XVIII, tendo frontão interrompido e o centro levantado a formar cabeceira; cravando-se aqui brasão de armas, cercado de motivos concheados e palmas: partido, na primeira pala quatro faixas simples, por Ferreiras, na segunda três faixas de veiros, por Vasconcelos, elmo e por timbre uma ave com ferradura no bico, que é o dos primeiros.

MOTIVOS ARTÍSTICOS DIVERSOS — na mesma povoação.

Em pequeno largo da saída para poente, levantaram em 1952 um monumento ao visconde de Seabra (1798-1895), composto de plinto paralelepipédico e de busto em bronze, pelo escultor Raul Xavier.

Junto à estação do caminho de ferro, na estrada para a Curia, encontrámos, amontoados junto a um muro, restos arquitectónicos que foram de capela, talvez dedicada a S. Sebastião: aduelas dum arco da primeira metade do séc. XVIII, verga de porta da segunda, além de outras pedras.

Em casa rural, ao sair da povoação, na estrada para Anadia, vê-se, em rústico nicho, uma esculturinha de *S. João Evangelista*, do fim do séc. XV, talvez proveniente de baixo-relevo de Calvário.

CAPELA — em *VALE DE ESTÊVÃO*,

Depende da casa da família Vidal, que nela tem quatro sepulturas com campas de madeira e divisórias de granito. Renovada no séc. XIX, segue formas simples e correntes.

Foi ornada com certo gosto. O retábulo, púlpito, sanefas de portas e janelas são de madeira entalhada por mãos hábeis, no estilo neo-clássico da primeira metade do séc. XIX. Ficaram as talhas pintadas só a branco.

O retábulo compõe-se de duas colunas compósitas por banda, com ornato do tempo. As sanefas são coroadas de enrolamentos de acantos, umas, outras de festões, que se desligam de urnas com flores; os mesmos festões decoram as faces do púlpito.

MOITA

Até baixa época na Idade Média a freguesia da Moita foi designada pelo seu antigo titular S. Cucufate, o mártir barcelonês do tempo de Diocleciano.

Na primeira reconquista, ano de 943, o presbítero Pedro Bahalul vendeu a igreja própria de S. Cucufate em Arcos ao presbítero Daniel, sob condição de a deixar ao mosteiro de Lorvão.

Que ficou e continuou em Lorvão vê-se pelos documentos da reconquista definitiva. Em 1116, na restauração do mosteiro, pela desanexação da sé, encontra-se relacionada *ecclesiam beati Cucufati excepta parte episcopali*. Num outro do fim do mesmo séc. XII, referindo-se a certos agravos dos bispos ao mosteiro, inclui-se um feito a certo clérigo desta igreja.

O documento do ano de 943 e a referência às igrejas de S. Bartolomeu e S. Cucufate no ano de 1116 esclarecem uma velha dúvida dos antigos estudiosos de Coimbra, nascida da interpretação muito restrita das palavras dum outro do ano de 957: *in arraualde de conimbrie*. Julgavam que tivesse estado junto à

cidade a do mártir barcelonês. Ora este de 957 (que M. da Rocha, *Portugal Renascido*, Lisboa, 1730, tinha já extractado) diz que Samuel, vigário de Pedro Baleul (Daniel e Samuel, note-se, por má grafia talvez, como a variante do presbítero Pedro), para cumprir a última vontade deste, dava a Lorvão a igreja de S. Cucufate e a de S. Bartolomeu (que anteriormente se chamava de S. Cristóvão), sitas no arrabalde de Coimbra.

Não obstante esta posse, na relação dos bens da Vacariça a reivindicar, de 1064, vê-se: *ecclesie uocabulo sancti cucuati cum adiectionibus suis.*

Formou a região da Moita um concelho medieval, cuja cabeça sempre foi considerado o lugar dos Ferreiros. D. Sancho I, em Maio de 1210 deu carta de foro e de couto à *uilla que dizem fferreyros et ffontemanha e ualdauy*. Só é conhecida a tradução portuguesa *(Leg. et Cons.)* já assinalada por J. P. Ribeiro. No foral manuelino de 1514 porém, começou a designação das terras pelo lugar de Carvalhais.

Ferreiros é já mencionado na primeira reconquista.

As terras de Carvalhais, Ferreiros, Ílhavo, Verdemilho (freg. de Aradas) e Avelãs de Cima andaram unidas nas doações que os reis delas fizeram; as quais acabaram por ficar de juro e herdade nos Borges.

Além da episódica doação por dote de D. Afonso IV à infanta D. Maria, encontra-se a dos Sem ou Océm: Gil do Sem (+1387), jurisconsulto que serviu D. Fernando e se passou ao mestre de Avis, e Martim do Sem, embaixador a Castela e Inglaterra, que faleceu (1431) sem geração.

As primeiras concessões aos Borges foram só temporárias e começaram mais cedo do que comummente se encontra escrito. D. Afonso V deu as terras a Rui Borges e, por morte, ao filho Gonçalo Borges, que genealogistas enumeram como o primeiro e o segundo senhor da casa de Carvalhais, na linhagem dos Borges. A um destes poderá corresponder a arca tumular da igreja. Concedeu-as D. Manuel a António Borges. Pelo falecimento do mesmo, em virtude de alvará de D. João III, passaram ao filho do segundo matrimónio com D. Antónia Pereira (ou A. do Barredo), a Rui Borges (ou R. Pereira de Miranda, como também é conhecido dos genealogistas). O apelido de Almada, como da varonia da casa, veio com o casamento de D. Luisa de Melo, a 6.ª donatária, com Cristóvão de Almada de Moura.

O último senhor a gozar das terras da coroa foi o 13.º, José Maria de Almeida Castro de Noronha da Silveira Lobo (n.1779;f.1854), primeiro e único *conde de Carvalhais*.

Nem sempre as terras lhes foram confirmadas com os padroados das respectivas igrejas; assim aconteceu a Bernardo de Almada, o 11.º

Com D. Antónia de Mendonça, filha da 9.ª donatária, D. Maria Antónia de Almada, casou a primeira vez o marquês de Pombal.

Atendendo ao estilo do grande paço, poder-se-á presumir que tenha sido começado pelo 10.º senhor, Francisco de Almada, e terminado pelo 11.º, Bernardo de Almada Castro e Noronha.

A dotação testamentária de D. João 2.º ao filho D. Jorge e respectiva confirmação por D. Manuel incluía estes domínios de que temos estado a tratar, não tendo a casa de Aveiro entrado em posse.

IGREJA PAROQUIAL — dedicada a S. Tiago.

Posto que hoje seja o seu orago o apóstolo S. Tiago-maior, na Idade Média, pelo menos até ao séc. XIV, foi S. Cucufate, como ficou dito na nótula histórica.

Nada se patenteava da época medieval quando a visitámos e parece que nenhuns restos apareceram nas obras posteriormente executadas.

Lápide do séc. XII comemora uma reconstrução desse tempo: invocando a santíssima Trindade, diz que o templo fôra edificado à honra de São Cucufate mártir, na era de 1233 (ano vulgar de 1195). Mede 43 cm. de comprimento, por 18 cm. de alto, dizendo, em letras capitais e algumas unciais, com separação vocabular por três pontos (que substituímos por dois):

IN:NOMINE:SANCTE:TRINITATIS
EDIFICATV(M):EST:HOC:TEN-
PLV(M):AD
HONORE(M):SANCTI:CVCVFATI:
MAR:
4 TIRIS:Eª:MCCXXXIII:

O arcabouço da igreja pertence ao séc. XVII, segunda metade, tendo a fachada, torre e complementos gerais do séc. XIX (1853), pequenas coisas posteriores, estando a começar, quando a visitámos, obras de reparação, dirigidas pelos serviços oficiais.

Trata-se duma construção rural e corrente, de corpo e capela-mor, três capelas cavadas nos flancos do corpo, de fim devocional ou fúnebre das famílias locais. A remoção dos rebocos mostrou que a capela-mor sofrera dois acrescentos no seu comprimento. As portas travessas são desencontradas e de épocas diversas; a da direita, rectangular, de arestas chanfradas, é do séc. XVI; a outra de outra reforma. O arco cruzeiro, posto que do séc. XVII, poderá ter aproveitado elementos do anterior, acomodando-se os novos à antiga forma chanfrada das esquinas. Poderia pois ter ainda havido uma reforma na primeira metade do séc. XVI.

O púlpito, ao lado do evangelho, está datado, na porta rectangular, de 1697; a respectiva bacia adorna-se de duas ordens de acantos; os balaústres torneados e espiralados são de madeira exótica.

A fachada, com a torre à esquerda, inspirou-se modestamente nos tipos setecentistas regionais. Um letreiro acima da porta indica o ano da reforma 1853.

O retábulo principal e os dois colaterais são de madeira, em neo-clássico do séc. XIX avançado, de quatro colunas aquele e duas estes. Fecha o camarim do primeiro uma tela representando *S. Tiago* a adorar a Eucarístia, do séc. XIX, obra artificianal. Ao lado esquerdo destaca-se a escultura do padroeiro, *S. Tiago*, vestido de peregrino, com pregueados grossos, de calcário, bastante regular, de oficina de Coimbra do meado do séc. XV. Ao lado contrário há a de *S. Martinho*, bispo, com uma criança aos pés em vez do pobre adulto, igualmente de calcário, da segunda metade do séc. XVI, obra coimbrã e corrente.

Acima do arco-cruzeiro fixa-se pequeno baixo-relevo com o *Calvário* (Cristo, Virgem e S. João), obra secundária dos sécs. XV-XVI.

Há esculturas avulsas de pedra, das quais anotámos duas: *Santo António*, franciscano, sem menino, do meado do séc. XV, de oficina coimbrã; do mesmo tempo e origem, *S. Vicente*, diácono, com o barco e os corvos.

A capela do flanco do evangelho, a das Almas, reduz-se a pouco menos que ao arco baixo, embutido na parede. O retábulo limita-se a uma moldura semi-circular, do último terço do séc. XVII, com uma tela das *Almas*, inferior, do séc. XIX.

Letreiro, incrustado fora, ao lado esquerdo, com abreviaturas, letras geminadas, sobrepostas e inclusas, cobertas de cal, com interpontuação irregular e ainda oculta pela caiação, diz:

A IRMANDADE DAS ALMAS SITA
NESTA
CAPELA TEM HU(M) OLIVAL NA
POVOA DO
P(E)R(EIR)O AOS CARVALHINHOS
Q(VE) LHE DEIXOV
IOAÕ MENDES P(ER)A CO(M) REN-
DIM(EN)TOS DELLE SE
5 COMPRAR O ORNATO PRECISA-
M(EN)TE NECESS(ARI)O
E O CRECIMO SE DIRA EM MISSAS
PELAS
ALMAS DO PVRGAT(ORI)O NESTA
CAP(EL)A DISTRIBVI
DAS CADA SOMANA P(ER)A SEMPRE
DITAS POR CAPE
LAM NOMEADO E(M) MESA CO(M)
ESMOLA DE 50 RE(I)S EM
10 CADA ANNO DARAÕ CONTA DO REN-
DIM(EN)TO DES
PEZA NO L(IVR)O DAS CONTAS
ISTO MANDOV IO
AÕ MENDES E(M) TESTAM(ENT)O
POR NESTA PEDRA
MAIO.2.D.688

A capela oposta, à direita, tem igualmente um arco simples, baixo, limitado à espessura da parede. Era particular, da casa de Carvalhais, devendo remontar a sua fundação à primeira doação aos Borges, como parece declarar o túmulo.

Foi dedicada a *S. Gregório*, que tem escultura, grande e de pedra, da segunda metade do séc. XVI, obra corrente de oficina coimbrã. O retábulo, pequeno, de quatro colunitas salomónicas com parras, é do princípio do séc. XVIII, como a restante talha; tendo sido decorado e pintado o conjunto mais tardiamente, mas no mesmo século.

Digna de nota é a mesa que não é mais que um *túmulo* de calcário brando, do final do séc. XV. Não tem letreiro e só a face da arca foi ornada; a cabeceira e o topo, bem como a tampa são lisas. Divide-se a face em cinco panos, por cordões de louros; três são decorados de haste de cardo, que deita uma maçaroca para cada ângulo e junta ao centro três folhas sugestionando um florão; os dois outros intercalares encerram um escudo simples e de forma bastante apontada, com um leão rompante, o dos Borges, da casa dos Ferreiros.

Os encargos anexos a esta capela encontram-se referidos no letreiro da sacristia.

A segunda capela deste lado da epístola, a de Santa Cruz, fica inferior à porta travessa; é baixa e funda, de arco simples, abóbada semi-circular de tijolo, tendo anexa pequena sacristia.

Lápide cravada ao lado esquerdo esclarece a fundação:

CAPPELLA DOS DOVS IRMAOS.NA
VIDA.E NA MORTE IRMAOS
O L(ICENCIA)DO M(ANV)EL DE
ALMEYDA,PRIOR,Q(VE) FOY DE
STA IGREIA,COMMISSARIO,DO
S(AN)TO OFF(ICI)O AR
CIPRESTE E,VEZITADOR,NESTE
BISP(A)DO
5 E O P(ADR)E MATHEVS,CVRA,
Q(VE) FOY NESTA IGR(EI)A
MANDARAM EDIFICAR ESTA CAP-
PELLA,EM
HONRA,LOVVOR,E GLORIA, DESTA

DEVOTIS
SIMA,E PRODIGIOZA, IMAGEM DE
IHS CHR
ISTO CRVCIFICADO;COM OBRIGA-
CAM D
10 E MISSA QVOTIDIANNA,E FESTA
A 3 DE MAYO
ESTAM NELLA SEPVLTADOS.ANNO
DE.1719.

Uma outra, pequena, comemora reparações, feitas em 1927 por Agostinho M. Santiago.

Data dos princípios do séc. XVIII o pequeno retábulo de madeira dourada, que se compõe de dois pares de colunas salomónicas e com parras, ligadas por arcos torcidos. A escultura de *Cristo crucificado*, de madeira, do tipo do séc. XVII, não justifica as palavras do letreiro, se for a da fundação.

Conservam-se as campas dos fundadores. Diz a da esquerda:

S(EPVLTVR)A
AQVI IAS O L(ICENCIA)DO
MANOEL
DE ALMEYDA,PRIOR,QVE FOI DE
STA IGR(EI)A DE S(AN)TO TIA-
GO DA MOV
5 TA,COMISSARIO DO S(AN)TO OF-
F(ICI)O,ARCI
PRESTE E VEZITADOR NESTE BIS
PADO DE COIMBRA.FALLECEO EM
O P(RIMEI)RO.DIA DE IAN(EI)RO.
DO ANNO DE
1719

A campa à direita tem as letras bem desenhadas e o conjunto segue a disposição triangular, habitual nos finais de capítulos dos livros do tempo:

S(EPVLTVR)A
AQVI DORME ENTRE OS MOR
TOS,O P(ADR)E MATHEVS CVRA
QVE FOI DESTA IGR(EI)A E HA
5 DE DORMIR ATHE A RE
SVRREICAM DAS
CARNES FA
LECEO EM
(sem data)

Cravada numa das paredes da sacristia, outra lápide, que pinceladas de cal tornam menos legível, com abreviaturas, letras geminadas e inclusas, comemora diversos encargos cultuais:

OS PRIORES DESTA IGR(EI)A TEM
OBRIGAÇAÕ DE DOZE MISSAS DO
N(O)
ME DE IHS TODOS OS ANNOS PELA
ALMA DO L(ICENCIA)DO P(edro?)
ALVRES DE SANTIAGO
5 PRIOR Q(VE) FOI DELA POR
HV(M)AS TERAS
Q(VE) CO(M)PROV E AIVNTOV
AOS PAS
SAIS AS QVAIS ERAÕ PRAZO DES
TA IGVREIA
A CAPELLA DE SAM GRE(o)RIO
TE(M)
10 OBRIGACAÕ DE DVAS MISSAS CA
DA SOMANA PELA ALMA DE SEVS
FVNDADORES TEM P(ER)A ESMOLA
E CERA D
AS MISSAS E SE ACE(N)DER A
ALA(M)P(A)DA D(OMING)OS E
DIAS S(AN)TOS HV(M)AS IEIRAS
E(M) PEREIRA Q(VE)
15 P(AR)A ISTO FORAÕ E(N)TREGVES
AOS P
RIORES DESTA IGR(EI)A

Entre as pratas há uma custódia de prata dourada, da segunda metade do séc. XVIII, do tipo de glória solar; envolve o hostiário composição de nuvens, querubins e cornucópias com flores e espigas. Além do punção portuense tem a marca do ourives LS.

Um dos sinos está datado de 1799 e outro tem a marca de Sebastião Dias de Campos, 1870.

DIVERSOS MOTIVOS ARTÍSTICOS — Levanta-se um *cruzeiro* na extremidade do adro posterior da igreja: tipo de templete, plano quadrado e quatro colunas dóricas e lisas, assentes em parapeito pleno, tendo cobertura de abóbada de tijolo, sendo reforçada de duas nervuras que se cruzam; moderna a cruz.

Assenta na frente uma tabela onde se lê: 1628 / S TI/AGVO. No friso do mesmo lado: QVI.PAS(S)VS.PRO.NOBIS.MISERE(re).NOBIS. No oposto: LOVVADO SEIA O SANTISSIMO SACR(a)-MENTO.

Sofreu remodelações, senão mesmo mudanças.

Construiram em 1924 pequena *capela em Carvalhais*, dedicada a N.ª Senhora dos Milagres. A escultura da titular, pequena, de madeira, da segunda metade do séc. XVIII, foi adquirida no Porto.

Comemorando o *poeta cavador Manuel Alves*, levantaram-lhe, em 1957, pequeno monumento, com o seu busto em bronze, obra de Raul Xavier.

CASA DE CARVALHAIS — Os Borges, donatários, levantaram o seu paço no fundo do vale, na margem esquerda do ribeiro.

Edifício de grande volume. Apresenta notável fachada da primeira metade do séc. XVIII, ainda em linhas clássicas. As cantarias do grês vermelho local acentuam-lhe o carácter arquitectónico.

São os cunhais tratados na ordem dórica. Coroa a frontaria forte entablamento do dórico denticular com triglífos no friso.

Alinham-se no andar nobre oito janelas rasgadas, de vão rectangular, dominadas de frontões, alternadamente curvos e triangulares, e dotados de bacias pouco salientes que se apoiam em duas mísulas, com grades de ferro, em chapa recortada, do tempo. Ao meio, sobre a entrada, foi-lhe incluída posteriormente uma janela de verga curva. Acima dela e a invadir a cornija crava-se o brasão, talvez deslocado pela abertura daquela.

Abre-se a meio a porta rectangular, com entablamento dórico, de triglifos e frontão quebrado. O átrio austero mostra no topo dois arcos, encerrando a escadaria o do direita.

O brasão foi esculpido em calcário brando. Envolvem o escudo ornatos do barroco joanino, de bom efeito decorativo. O escudo é partido em pala; a primeira cortada, havendo cinco estrelas de seis pontas por Coutinhos, na segunda divisão três bandas de veiros por Vasconcelos, na outra pala um leão rompante por Borges; coronel de nobreza.

CASAS ANTIGAS — Na mesma povoação de Carvalhais e na vertente oposta do ribeiro, sítio chamado o Paço, há outra casa, singela mas ampla, do séc. XVIII. Cortam a fachada principal cinco janelas de verga direita e avental rectangular; a porta, a meio, tem verga curva. Encosta-se à direita a capela privativa, dedicada a Nosa Senhora da Graça, de porta de vão curvo e janela do coro, do tipo das anteriores. O retábulo de madeira, do princípio do séc. XVIII, compõe-se de colunas torcidas, sem parras.

Próximo à igreja paroquial da Moita, um grande edifício do séc. XIX, segue o tipo regional setecentista. Um outro, modesto, ostenta janelas seiscentistas, de avental rectangular.

CAPELA — em *FERREIROS*, de Nossa Senhora da Conceição.

Ferreiros foi sede do concelho medieval de que falámos. O pelourinho desapareceu, parece que não há muito, tendo estado no sítio do actual fontenário, em meio de pequeno largo.

A capela foi modernizada; a porta principal e a lateral são rectangulares, recortando-se breve óculo na frontaria. A sineirita, datada de 1791, de aletas aos lados dos pés direitos, pináculos e cruz, levanta-se na parede da sacristia.

O pequeno retábulo é de calcário, já do séc. XVII, da renascença coimbrã tardia. Compõe-se de três nichos e quatro pilastras coríntias caneladas, de remate com frontão medial, curvo e acompanhado de aletas laterais. Contém as esculturas: *Nossa Senhora da Conceição*, de madeira, segunda metade da séc. XVIII; *S. Domingos*, de pedra, do meado do séc. XV, sustentando cruz de longa haste e uma fita aonde se lê VIDE ET CONSIDERA; *S. Francisco de Assis*, de mãos caídas a mostrar as chagas, de pedra, do final do séc. XVI; todas obras comuns.

MOTIVOS ARTÍSTICOS — em *PÓVOA DO PEREIRO*.

Os habitantes reconstruiram, desde as bases, em 1882, a capela tradicional do lugar, seguindo um tipo corrente. A escultura do titular, *S. João Baptista*, de calcário e comum, provém do séc. XVII.

Há ainda aí um cruzeirito de tipo popular, formado de pilar que assenta em soco de alçado trapezoidal e sustenta *Crucifixo* da mesma categoria. Lê-se no soco:

ANTONIO MAR/IS MANDV FA/ZER ESTE
CERV/ZERO POR CVA D/EVASAM 1677

CAPELA — em *VALE DE AVIM*, de Nossa Senhora da Apresentação.

Construção modesta e modernizada, de pequena sineira na parede da sacristia.

O arco cruzeiro está datado de 1759.

O seu interesse reside no retábulo e no púlpito.

O retábulo de calcário, de pequenas dimensões, com o milésimo de 1594, segue o tipo da renascença coimbrã tardia. Compõe-se de dois corpos e, em cada, de quatro pilastras coríntias e ornadas de pendurados; no de baixo

Calheiros, Pita, Mascarenhas, Bandeiras, Noronhas.

O grande portão de entrada provém de bom mestre do meado do séc. XVIII; pilastras formam os pés direitos, nas quais assenta um conjunto de mísulas, suportando as de dentro um arco em asa de cesto, o que produz um vão de curva acidentada; na prumada das pilastras levantam-se urnas; o espaldar, de linhas curvas e cimalha interrompida, ostenta o brasão usado pelos ascendentes da actual família e casa, o leão dos Castelos Brancos, com coronel de nobreza, que é o mesmo brasão das duas campas da igreja.

Entre o valioso recheio da casa há uma tela do séc. XVII, de certa categoria, representando uma senhora.

BIBL. — J. J. Ascenção Valdez, *Breves memorias para a historia e descripção de Ois do Bairro no concelho de Anadia*, Coimbra, 1901, separata de *O Instituto*.

SANGALHOS

Mencionada já esta povoação em documentos dos anos de 959 e 961, foi concelho antigo, com foral novo em 1514. No ano da reconquista definitiva de Coimbra, 1064, a relação de bens da Vacariça inclui uma vila rústica que fôra de Elias Exalaba e que ficava dentro dos limites, no sítio em que o rio Avelãs desaguava no Cértoma. D. Afonso Henriques, em 1143, doou a Maria Fromárigues uma herdade aqui, em Sangalhos.

Por doação de D. Afonso V, a 14 de Novembro de 1466, Pedro de Albuquerque teve numa vida o julgado de Sangalhos, com o cível e o crime, e o padroado da igreja.

O senhorio e o padroado vieram a ficar ao mosteiro de Santa Clara de Coimbra. A esse título a abadessa mandou fazer a capela-mor da igreja.

IGREJA PAROQUIAL — com S. Vicente mártir por orago.

Inteiramente refeita na primeira metade do séc. XVIII, no barroco seis-setecentista, por bons construtores regionais, ficou a mais ampla igreja desta região bairradina.

A construção e reparação da capela-mor pertencendo ao padroeiro, que era, como ficou dito, o mosteiro clarissa de Coimbra, foi executada de modo digno. A lápide, colocada na parede do lado direito, esclarece:

.NO ANO.DE 1720.MAN
DOV.FAZER ESTA CAPELA
D.LVIZA VICENCIA DA INCA
RNACÃ.SENDO AB(ADESS)A NO
REAL
5 CO(N)V(EN)TO DE S(AN)TA
CLARA PERA
O Q(VE) DEV A RENDA DE HV(M)
ANNO
AO CAPITAM MANOEL DE SANTI
AGO PERA MANDAR FAZER
A DITA CAPELA SENDO VIGA
10 IRO DESTA IGREIIA.FRANC
ISCO COREA DA SYLVA

O seu plano segue o esquema tradicional: corpo e capela-mor; porta axial adornada e duas travessas fronteiras, rectangulares, só de cornija; frestas altas, estreitas, rectangulares, revestidas de cantaria, duas na capela-mor, quatro no flanco da direita e três no outro; alto arco cruzeiro, com impostas e as faces tratadas em almofadas corridas, mais quatro arcos do mesmo tipo cavados nas paredes, e destinados a altares, sendo dois colaterais àquele e os outros nos flancos junto aos ombros; o coro alto apoia-se em três arcos sobre colunas.

A frontaria é composição sóbria e bem equilibrada dentro da arquitectura da região, no início do barroco.

A torre à esquerda une-se-lhe arquitectònicamente.

Pilastras vincam os cunhais; corre sobre elas em linha horizontal a cimalha arquitravada que vem das fachadas laterais e se continua pela torre; a empena é triangular.

A porta compõe-se da parte que acompanha o vão e dum alastrado remate que encerra um nicho, formando conjunto pouco vulgar pelo volume, posto que artificianal. O vão rectangular está acompanhado de pilastras misuladas, dóricas, sobre pedestais, que são raras nesta função; o friso do entablamento risca-se verticalmente de canais paralelos e seguidos. O remate, além de duas pilastras baixas, dóricas, acompanhadas lateralmente de aletas, completa-se de frontão interrompido e ondulado, cujos ramos se enrolam ao meio. A janela corta-se na empena e em forma rectangular, cercada dum motivo derivado da cartela do tempo.

Alberga o nicho pequena escultura de *S. Vicente*, de pedra, do séc. XVI e renascença.

O corpo dos sinos remata piramidalmente.

Há ainda na frontaria duas cruzes de azulejo que faziam parte de antiga via-sacra, vendo-se numa casa próxima restos de outra; são de fabrico de Coimbra, do meado setecentista.

A capela-mor é de abóbada semicircular, certamente de tijolo. Pintaram-na dos típicos enrolamentos de acanto da primeira metade do século, vendo-se no rótulo central a *rainha-santa Isabel* a dar esmola a um pobre, e nas partes laterais motivos arquitectónicos a que se sobrepõem anjos-famas.

O tecto do corpo, aos caixotões e de fortes divisórias só molduradas, forma cinco séries de catorze.

O conjunto do rétabulos é de notar por pertencerem a duas fases artísticas seguidas, rico de ornatos posto que de execução artificianal.

Os dois retábulos colaterais aos arcos pertencem ao barroco pedrino dos sécs. XVII-XVIII, no tipo reentrante, de duas colunas por lado e de arcos com decoração de parras; sendo de igual traçado.

Do mesmo tempo e tipo é o do flanco do evangelho mas tiraram-lhe o arco e fizeram modificações no alto. A parte central é mais larga pois que se destinou a conter grande baixo-relevo, obra comum, representando as *Almas do Purgatório* com *S. Miguel* e a *Trindade* no alto.

O retábulo principal e o do flanco da epístola, do séc. XVIII, pertencem à fase do barroco joanino, e são goivados com vigor. Aquele segue o tipo de largo camarim e colunas em plano frontal; são os degraus do trono decorados e de variado perfil, como era do tempo; as colunas, duas a cada lado e com mísulas intermédias destinadas a esculturas, contêm no cavado das espiras grinaldas de flores; a parte alta a envolver o arco imita temas arquitectónicos, acompanhados de panejamentos e anjos. *Cristo* ressuscitado, em baixo relevo, avulta na porta do sacrário. Firma-se na mísula do evangelho a escultura de madeira do titular, *S. Vicente*, colorido de novo, mas da época do altar; na parte contrária *Santa Clara*. Ao mesmo tempo e agrupamento pertence uma *Santa Isabel*, rainha de Portugal. Estas duas esculturas são mera influência devocional das religiosas padroeiras e nada mais; factos análogos se verificam noutras igrejas com os santos dos mosteiros a cujo padroado pertenciam.

O retábulo do flanco da epístola, da primeira metade do séc. XVIII, compõe-se de duas colunas salomónicas e grinaldas, acompanhadas na parte de dentro de pilastras misuladas que rematam em bustos infantis de suporte do capitel; domina-as frontão interrompido e lambrequins e cortinas imitadas. No alto e aos lados houve pequenos arranjos posteriores, da segunda metade do século. Abriga grande escultura de *Cristo*, de madeira, do séc. XVI inicial, parece, mas já com arranjos, a que juntaram na segunda metade do séc. XVIII as da *Virgem* e de *S. João* o evangelista, igualmente grandes.

Deram na segunda metade do séc. XVIII novas mesas aos cinco altares, em urna e de motivos concheados.

Aos lados do altar-mor assentam dois anjos-ceroferários, grandes, da segunda metade do séc. XVIII, correntes.

A principal escultura é a da *Virgem com o Menino*, no colateral esquerdo, de pedra, do séc. XV, tamanho médio, de panejamentos ainda naturais, de oficina de Coimbra.

São obras de calcário, pequenas e comuns: *S. Brás*, com o menino ajoelhado, do séc. XV final; *Santa Catarina*, igualmente do séc. XV final; um nicho de pedra com *Cristo crucificado*, do séc. 17, popular, colocado numa dependência. Em arrecadação vimos restos de sacrário, renascença decadente, do séc. XVI tardio.

O baptistério não passa de pequeno reduto sob a torre. Fecha o vão alta grade de madeira, de balaústres torneados e espiralados, que não é comum encontrar-se.

A *pia baptismal*, grande, obra artificianal, provém da época manuelina naturalista, muito decorada e não vulgar; servem-lhe de base quatro cabeças animais, decoram-lhe o bojo grandes florões de cardos, acima dos quais corre um friso de nichos, formados de troncos lisos e ramagens, nos quais se abrigam dezasseis bustos de crianças que se agarram aos troncos.

Anda solta uma pia de água benta, do gótico final, octógona, rude, com o pé anelado.

O púlpito, do tempo, posto à esquerda, tem bacia de pedra de simples molduras e guardas torneadas, de castanho. Igualmente de castanho é a grade do coro alto e desse mesmo tempo.

Um dos sinos está assinado por Joaquim Amaro, 1879.

Entre os tecidos há um conjunto do séc. XVII, vermelho, de damasco de pequenos motivos e sebastos de veludo liso.

A cadeira paroquial é de couro, do princípio do séc. XVIII.

Ainda na povoação de Sangalhos há a notar um *cruzeiro*.

Templete rectangular, do séc. XVII, de quatro colunas dóricas sobre pedestais, conservando o entablamento antigo e a base interna da cúpula, com quatro cabeças de querubins a meio das faces, para servirem de nascença aos arcos da cúpula que foi substituída. A meio, uma coluna coríntia e canelada sobre pedestal, sendo moderna a cruz respectiva.

Na *capela de Santa Eufêmia*, inteiramente renovada, conserva-se a imagem antiga da padroeira, uma escultura de calcário e oficina coimbrã, dos sécs. XV-XVI, obra artificianal, representando-a com palma na esquerda e apoiada a direita em espada de ponta encurvada.

CAPELA, na *FOGUEIRA*, de S. Silvestre.

A meio da povoação, em pequeno largo arborizado, ergue-se esta obra moderna, do tipo comum da região, mostrando torre à direita. Tem esculturas novas e antigas. A do titular, *S. Silvestre*, é rude, do séc. XVI inicial e de calcário; mostra-o com tiara e um boi deitado em frente. *S. Frutuoso*, como lá denominam, é de calcário, do meado do séc. XV, e está vestido monacalmente, de escapulário, capelo e o respectivo capuz pela cabeça, bordão em T e um livro.

Na mesma povoação, a uma entrada dela, levanta-se a *capela de Nossa Senhora do Parto*, mandada fazer em 1925 por particulares. Tem linhas graciosas.

CAPELAS DIVERSAS — na freguesia.

A de S. Francisco em *Paraimo*, colocada ao cimo da povoação, data deste século. A escultura de madeira do titular tem o carácter das obras da segunda metade do séc. XVIII.

Dedicada a Nossa Senhora das Dores é a de *Sá*, dentro da povoação mas isolada por caminhos que se cruzam. Moderna e corrente, de pequena torre à esquerda da frontaria. As últimas reconstruções, porque as origens são antigas, comemora-as um letreiro: FEITA EM 1741 E REEDIFICADA EM 1879.

Conserva três esculturas de calcário, de tamanho médio, do séc. XVII, renascença decadente: *Senhora com o Cristo morto* (Piedade), *Santo André*, *Trindade*.

Na rua principal, que é a estrada da região, há um pequeno e pobre oratório (Senhora da Guia), de 1885, a que adaptaram uma porta rectangular, de arestas boleadas, de tipo seiscentista.

Em *S. João de Anadia*, ou *da Azenha* que é o defintivo tradicional, reconstruiram no séc. XIX a capela da povoação, dedicada a S. João Baptista.

Guarda um retábulo de calcário dos sécs. XVI-XVII, renascença decadente, de três nichos entre pilastras, querubins toscos no basamento e no friso. A escultura de calcário, da *Piedade* (Virgem com o Cristo morto) é da época do retábulo e obra comum. Anterior, dos sécs. XV-XVI, gótica, rude, de pedra igualmente, é a do titular, *S. João Baptista*.

CASAS ANTIGAS — na freguesia.

No bairro do *Paço* (que com a Vila de Sangalhos, hoje se está a fundir com a povoação sede, Sangalhos) uma das casas tem janelas do tipo regional do fim do séc. XVIII, mas trata-se de renovação com o aproveitamento de poucos exemplares antigos e reprodução dos mesmos em novas aberturas.

A casa moderna da família Dinís Abrantes conserva uma capela reconstruída no séc. XIX, com retábulo de madeira neo-clássico, por pintar. A segurar a tribuna do coro há duas colunitas de madeira, caneladas, do retábulo da modesta capela anterior.

Na quinta ergue-se pequeno morro chamado *cabeço da Mama*, por afectar a forma mamelar, formado por um afloramento de arenito branco, de cor rosada, da zona infra-liásica regional, sem nenhum significado pre-histórico.

Na *Fogueira* foi ampliada e renovada no tipo incial uma boa casa de tipo setecentista.

Edifício modesto vê-se ainda em *Saima*; de um só piso, de vãos rectangulares, uma porta e três janelas. A meio da linha dos vãos, elevando-se um pouco, crava-se uma cruz de pedra.

SÃO LOURENÇO DO BAIRRO

Já em Travassô nos ocupámos das doações a Santiago de Compostela, na época da primeira reconquista, por Afonso III, o Grande. Na datada de 25 de Setembro de 883 vem: *iuxta fluuium certoma uillam cum ecclesie sancti laurentii*. João Pedro Ribeiro identificava esta igreja com a terra de que tratamos; naturalmente o nome do rio, bem como referências mais tardias ao mesmo lugar, também só indicado pelo nome do padroeiro, convencem disso. A acta de dotação da mesma igreja, no dia da sagração santiaguesa (A. 899), acta que provoca dúvidas, diz o mesmo. Todavia a carta de 30 de Dezembro desse ano de 899 (ou o de 895) repete a primeira doação.

No séc. XI, a 10 de Março de 1063, um ano antes da reconquista de Coimbra, Fernando Magno e a rainha D. Sancha confirmaram a doação de Afonso III, repetindo o escriba os termos daquela, conservando alusões até a factos que não eram os do momento. A omissão porém do nome do rio *(et iuxta fluuium uilla)* poderá dar origem a equívocos. A terra não deveria ter sido recuperada pela sé iriense.

D. Dinis deu a Aldonsa Rodrigues de Sousa, em 1301, o reguengo de S. Lourenço do Bairro, entre outros, que ficaria, por sua morte, ao filho de ambos, D. Afonso Sanches e sucessores legítimos.

Encontra-se, no séc. XV, S. Lourenço e Ançã na posse de Fernando de Castro (fal. em Ceuta em 1441), em cuja casa continuou, incluindo o direito de padroado. O filho, Álvaro de Castro, foi criado conde de Monsanto (1460), vindo o 6.º conde a ser elevado a marquês de Cascais (1643). A representação da casa de Cascais passou, nos meados do séc. XVIII, aos condes de Vidigueira e marqueses de Nisa. Não deixaram traços nesta freguesia.

S. Lourenço formou concelho antigo, com foral manuelino em 1514. Franklin (pág. 244) aponta foral a um S. Lourenço, dado por D. Afonso III, em 1255, que não sabemos se dirá respeito a este.

A contígua povoação de *Paredes do Bairro*, que era couto do cabido, formava outro pequeno concelho e recebeu foral em 1519.

A época constitucional organizou um concelho com sede em S. Lourenço, extinto em 1853.

PELOURINHO E OUTROS MOTIVOS MUNICIPAIS.

O *pelourinho* foi reerguido em frente dos antigos paços do concelho no meado do decénio de 40, aproveitando os fragmentos da antiga coluna. Esta é dórica, do tipo da primeira renascença, dos meados do séc. XVI. Pouco abaixo do colarete suspende-se pequeno escudo, tendo já os emblemas inteiramente corroídos. Os degraus e o remate são do tempo presente.

Os antigos *paços do concelho*, incaracterísticos, mantêm a janela gradeada da cadeia, e servem de sede da junta de paróquia.

Conserva-se aí a *bandeira da câmara* que é de seda.

Vamos descrevê-la de modo inteligível a todos, tanto mais que não obedece a rigorosos princípios heráldicos, para que se possam empregar os respectivos termos; as alusões a direita e esquerda são referidas aos respectivos lados do espectador, e consideramo-la com a haste para a nossa esquerda e desfraldada para a direita.

Parte-se em forma gironada, isto é, cortada em cruz e em aspa, a formar triângulos; dispõem-se as cores, a começar do alto e do vértice junto à haste para a direita e envolventemente, verde, vermelha, azul, branca, verde, vermelha, azul, branca; em cada um dos quatro ângulos há pequeno rectângulo (cortado segundo o aspado geral) de duas cores que não são as do gironado postas invertidamente, e que vamos descrever do mesmo modo: na parte superior, à esquerda azul-branca, à direita verde-vermelha; na de baixo, na direita azul-branca, na esquerda verde-vermelha. Ao centro ostenta-se o escudo português do século passado, com a coroa real fechada, ladeado de estofo recortado a imitar vagamente palmas.

A bainha que enfia na haste é repartida em quatro cores que se dispõem de cima para baixo: verde, azul, branca, azul.

IGREJA PAROQUIAL — Tem como titular S. Lourenço mártir.

A igreja medieval está documentada pelo letreiro da sua sagração, que transcrevemos no fim, e que tem a data de 25 de Outubro de 1181.

O actual edifício provém duma reconstrução dos fins do séc. XVII.

Segue o plano costumado; havendo torre à esquerda da fachada, sob a qual se encontra o baptistério; porta axial e porta travessa à esquerda, duas internas na capela-mor, dando uma para a sacristia e estando a outra obstruída; duas janelas na mesma capela-mor, quatro no corpo. Não existem retábulos colaterais ao cruzeiro mas cavam-se dois arcos nas paredes, junto aos ombros e fronteiras.

A frontaria é corrente; cunhais de cantaria, cimalha da empena com o vértice cortado horizontalmente. A porta de verga direita, duas pilastras dóricas e entablamento, completa-se de alto frontão triangular que encerra pequeno óculo. Janela do coro rectangular simples. A torre, à esquerda, concatenada com a

fachada, é de dois corpos, havendo a dividi-los um cordão que se curva a envolver o mostrador do relógio. Pelo menos a parte superior é já do séc. XVIII avançado, havendo complementos posteriores.

A porta travessa é de lintel e cornija, sendo do mesmo tipo as internas da capela-mor.

O arco cruzeiro, simples, semelha na face do rasgo duas pilastras ligadas.

A cada lado da capela-mor corta-se um nicho-credência, largo e em arco, cercado de motivos de duras folhas de acanto, talvez inspirado dos similares da capela da Senhora das Lezírias.

O púlpito, à direita, compõe-se da base simples de pedra, alongada, e de guardas de madeira, vazadas em grossos motivos acantiformes.

Os tectos do corpo e da capela-mor são em caixotões, divididos por fortes molduras, sem decoração.

O retábulo principal pertence ao estilo de transição dos sécs. XVII-XVIII; quatro colunas salomónicas e arcos com pâmpanos, de tipo plano, com camarim.

Os dois altares dos arcos são do estilo final do séc. XVIII, de duas colunas, obras artificianais.

Entre as esculturas: *S. Lourenço*, de madeira dourada, dos sécs. XVII-XVIII, *S. José*, da segunda metade do séc. XVIII, no altar-mor, correntes; *Santo Inácio de Antioquia*, de pedra, vestido de bispo, ladeado de dois leões, do séc. XVII, comum; no retábulo da direita, *Virgem sentada* (Senhora das Candeias) com o menino em pé no seu colo, segurando uma pomba, escultura de categoria do meado do séc. XV.

A cadeira paroquial do princípio do séc. XVIII é de couro lavrado, mostrando nas costas os símbolos papais.

Encontrámos restos antigos: alguns azulejos de relevo, do séc. XVI, de vários padrões, em mau estado, junto à porta travessa; uma estela discoide, tendo numa face a cruz e na outra uma grade, arado e machado; a lápide da sagração.

Anda solta esta lápide, com inscrição do séc. XII, em letras capitais e unciais, geminadas, sobrepostas e com bastantes abreviaturas. Tendo sido bem gravada e encontrando-se em bom estado de conservação, a sua leitura é fácil; publicada já pelo historiador eclesiástico Miguel Ribeiro de Vasconcelos e pelo ilustre epigrafista Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos.

Diz ela que, em honra de S. Lourenço, o presbítero Pelagiolo (Pelaginho ou Paió) edificou esta igreja, a qual completamente acabada, o religioso D. Vermudo, bispo da igreja conimbricense, sagrou a 25 de Outubro do ano de 1181 (8-kal.-Nov. E.-1219). A interpontuação é feita por três pontos; transcrevêmo-la usando dois, pelas exigências tipográficas.

SVB:HONORE:SANCTI:LAV
RENCII:PELAGIOLVS:P(RES)-
B(ITE)R:HANC:EDIFICAVIT:
ECCL(ES)IAM:QVAM:CERO:P(ER)-
FECTAM:V(ER)MVDVS:
CONIMBRIANE:ECCLESIE:RELIGI-
OSVS:DE
5 DICAVIT:EPISCOP(VS):VIII°:
K(A)L(ENDAS):N(OVEM)B(E)R:
Eª:Mª:CCX:VIIII

Julgamos que a expressão *cero perfectam* (sero perfectam) se deve entender por — completamente acabada. Não nos parece que se trate do corrente advérbio de tempo *sero* mas duma forma adverbial tomada do verbo *sero-serare*, usada como figura de sinédoque.

No adro e sua parte esquerda há restos de campas do cemitério do último século; ao lado direito encostam-se casas.

Além das pratas oitocentistas, volumosas cruzes processionais, há uma custódia do séc. XVI, em renascença evolucionada, de tamanho médio e de certo gosto: ladeiam-lhe o hostiário circular duas colunas-balaústres, que assentam em plataforma, da qual pendem duas campainhas; remata o conjunto pequenina escultura do menino Jesus; o pé limita-se a simples superfícies de revolução; adorna-se a sub-copa de gomos planos e a moldura da base de querubins e temas em grinalda.

CRUZEIROS — Levanta-se, numa rua transversal, um de templete, do séc. XVII. Quatro colunas dóricas e lisas sobre pedestais suportam o entablamento. A cobertura é posterior. A meio destaca-se a coluna da cruz, sendo só a base antiga, de alçado trapezoidal. Grava-se aí a data, muito gasta, de 1(6)85.

Antes da povoação, em sítio isolado, indo-se das Lezírias, ao Calvário, há outro, simples, termo dos percursos processionais: coluna dórica e lisa, sobre pedestal também em trapézio, do séc. XVII.

CASAS ANTIGAS — Na que fica fronteira à igreja destaca-se a composição formada de pequena escada, de alpendre de duas colunas no patamar, as quais sustentam varanda de pedra, dotada dos balaústres típicos da segunda metade do séc. XVIII.

Encontra-se a que pertenceu ao visconde de Seabra na parte da povoação posterior à igreja, para o vale. Desde os princípios do séc. XVII andou na posse dos Castilhos, segundo escreveu Júlio de Castilho. Foi reconstruída num certo gosto setecentista, nos princípios do séc. XIX.

CAPELA — em *ESPAIRO*. O seu orago é S. Simão.

Isola-se num largo, a meio da povoação.

Renovada em diversos tempos, conserva a porta do tipo do séc. XVII, com verga direita e cimalha. Corta-se acima breve óculo, mas só de alvenaria. A pequena e singela sineira, datada de 1759, firma-se à esquerda.

O retábulo, do séc. XVII e de calcário, compõe-se de três nichos entre quatro pilastras coríntias e caneladas, dominando a meio um frontão circular com o *Padre-eterno*. O titular antigo desapareceu, furtado.

Na povoação vimos uma casa térrea de aberturas seiscentistas.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS LEZÍRIAS — no sítio das Lezírias.

Inicialmente isolada, acompanham-na hoje algumas moradias.

A actual construção, da segunda metade do séc. XVII, deveria ter substituído pequeno oratório antigo, como atesta a escultura da Virgem, que é do séc. XV.

A campa do fundador, o licenciado padre António Álvares, esclarece a sua obra de reconstrutor, o espírito religioso e a sua alma caritativa, legando cem alqueires de pão a distribuir aos necessitados, o dote de 20.000 reis a uma orfã, e o vestido de cinco pobres, tudo a cumprir anualmente.

Encrusta-se no pavimento da capela-mor, a meio, em frente dos degraus do altar.

AQ(V)I FOI SEPVLTADO O L(I-
CENCIA)DO
ANT(ONI)O ALVERES PRIOR QVE
FOI
DA IGR(EI)A DE.S.L(OVREN)CO
FALECEO A
13 DE IVLHO DA ERA DE 1684
5 ANNOS O QOAL MANDOV
FAZER ESTA IGR(EI)A E LOV
VOR DA SAR. DAS LEZIRIAS
EM Q(VE) DEIXOV 2 CAPELLA
IS COM 2 MISAS COTEDI
10 ANAS DEIXOV SEM ALQ(VEIRE)S
DE
... PAM AOS POBRES TOD
... OS ANOS E SE CAZASE
.I.ORFA CADA ANNO C
OM.20 MIL REIS E SE VEST
15 ISEM 5 POBRES ISTO PA
RA SEMPRE

A construção, cerca dos meados do séc. XVII, é pouco comum, tanto mais que foi custeada só por uma pessoa. Mostra a capacidade dos construtores regionais.

A capela-mor não se acusa exteriormente, tendo-se a impressão dum só corpo interno, tal qual encontrámos na capela da Senhora das Neves de Avelãs.

Interiormente divide-se em três partes: corpo, capela-mor e sacristia, sendo mais fortes as paredes na capela-mor.

Cobre-se inteiramente de abóbadas de geratriz semicircular.

As abóbadas do corpo e da sacristia são lisas, certamente de tijolo. A da capela-mor é do tipo da renascença coimbrã tardia, formada de cinco séries de sete caixotões, mas tudo liso, sem decoração.

O arco cruzeiro foi enriquecido. O seu vão é quase o do espaço interno da capela. Os pés direitos mostram na frente os típicos pendurados da renascença decadente e seiscentista de Coimbra; recortando-se a face interna dos habituais recruzetados em quadrados, círculos, lisonjas. O capitel dórico continua-se sob forma de cimalha pelas paredes do corpo, da qual arranca a abóbada.

Na frente da volta do arco avultam, de espaços a espaços, querubins e intermèdiamente enrolamentos de acanto. Reborda-se a mesma frente de largos motivos recortados, tomados dos rótulos do tempo.

Rasga-se a um e outro lado da capela-mor um arco largo, de base sobreelevada, mais decorativo que de aparente finalidade.

O exterior, denotando de si regular construção, é severo e não deixa adivinhar o bom conjunto interno.

São os quatro cunhais de cantaria, dominados de fortes pirâmides acroteriais. O austero frontispício anima-se só da porta e de dois largos e simples postigos; aquela é rectangular, de frontão curvo mas interrompido a meio, donde emerge uma cruz. Na fachada direita e para o extremo está a porta da sacristia, de friso e cornija; na outra a porta travessa do corpo, do mesmo tipo. As altas e estreitas frestas revestem-se de cantaria. Há ùnicamente uma pequena e graciosa sineira, do lado direito.

O púlpito, à epístola, segue ainda o traçado de tradição renascentista: todo de cantaria, paralelepipédico, assente em duas consolas. Decora-se a frente dum tema renascente e evolucionado: meio corpo feminino com cesto à cabeça, partindo enrolamentos de acanto do ponto nascente dos membros. As mísulas também são decoradas.

Completa o conjunto um vasto retábulo, raro na região, de madeira entalhada e dourada, cerca do decénio de 70. Forma-o um corpo principal, que um segundo, tratado como remate, completa. Reparte-se em três folhas verticais; a do meio com o nicho da padroeira, as laterais com esculturas de santos. As colunas na parte baixa agrupam-se na fórmula, 1-2-2-1; na de cima só há dois pares a ladearem o relevo médio.

As colunas próximas do nicho são inteiramente ornadas de enrolamentos de acanto; as outras, incluindo as do remate, só os têm nos terços, sendo o restante canelado, numas em espiral, noutras em linha quebrada.

Não só há esculturas de madeira como também baixos-relevos. A escultura de *Santo António* fica à esquerda, *S. Gonçalo*, dominicano, o de Amarante certamente, ao outro lado. No remate os baixos-relevos da *Assunção da Virgem*, a meio, ladeada da *Creche*, ao evangelho, e da *Adoração dos Magos*, à direita. O basamento geral tem ao centro o do *Casamento da Virgem*, acompanhado da *Anunciação* e do seu *Nascimento*.

A escultura da titular é de pedra, pequena, do meado do séc. XV, de oficina coimbrã, representando a *Virgem com o Menino* no braço esquerdo, segurando-lhe o pèzito com a direita. Obra muito regular, que a humidade da capela anterior danificou na parte baixa, o que a pintura dissimula.

Suprimiram o frontal da mesa do altar para aí incluirem a *Deposição no Túmulo*, de figuras só em busto, de barro, obra grossa do séc. XVII.

Aí mesmo se vê solto um crânio; dizem que é o do fundador; sinal de ter havido um certo culto pelo padre benemérito.

A capela-mor reveste-se de azulejos, havendo também um pano deles na sacristia. São dum tipo de florões, de fabrico de Coimbra, da transição dos sécs. XVII-XVIII, pintados só a azul.

Inclui-se numa das paredes da sacristia pequeno lavabo, do tempo, com a graça de terem representado na parte superior um cântaro com o testo.

CAPELA — em *PAREDES DO BAIRRO*. Continua a ter por titular S. Tomé. Reconstruída no último decénio do séc. XIX e reparada no de 40 do actual, é de feição inteiramente nova.

Encontram-se no retábulo três esculturas de pedra, de diversos períodos do séc. XVI ou já do seguinte, populares: *S. Tomé, Santa Apolónia, S. Martinho*.

CAPELA — em *SÃO MATEUS*. O orago é S. Mateus, que deveria ter dado o nome à povoação.

Baixa, de tipo corrente seiscentista. A capela-mor é dotada de abóbada de aresta. A porta principal, rectangular e de cornija, acompanha-se de postigos; a lateral, à esquerda, segue o mesmo tipo. Rasgam-se nas paredes algumas frestas rectangulares e deitadas. Teve um alpendre na frontaria de que restam muros, com entrada frontal e lateral. Depois da nossa visita, fizeram um de novo, de tipo comum.

O retábulo de calcário coimbrão data dos meados do séc. XVII. Forma três panos, sendo o central em nicho, delimitados por quatro colunas dóricas, caneladas verticalmente as laterais, em espiral as do meio; o friso do entablamento corrido tem três cabeças de querubins e enrolamentos de acanto; a meio do remate o relevo da *Trindade* com dois anjos.

A escultura principal é a do titular, *S. Mateus*, grande e bastante regular, de pedra, séc. XV, de fortes pregueados, tendo, na

direita e apoiada no chão, a espada, que é de feição levemente falciforme.

Há uma *Virgem sentada com o Menino* (da Graça), pequena, de pregas requebradas, dos sécs. XV-XVI, obra corrente. Existiu um Santo Amaro que foi roubado.

TAMENGOS

Tamengos, Aguim, Horta, Mata e ainda uma desaparecida Moróganos andam bem documentadas desde a reconquista definitiva.

A citada relação dos bens da Vacariça, de 1064, menciona Tamengos com a igreja do título de S. Pedro, que fôra do abade Gáudio, a vila de Horta, a de Morónganos. O mosteiro não as recuperou todas directamente. D. Sesnando tomou de presúria Horta e acabou por a dar ao mosteiro, em 1086. Já o mosteiro estava na posse da sé, quando esta comprou metade de Moróganos, aonde mais tarde veio a receber bens. Esta vila rústica está continuada pelo *locus dictus* de Morógos, junto a Vila Franca.

D. Afonso Henriques coutou à sé a vila de Horta com Mata, Tamengos e a vila de Aguim, em carta de Julho de 1140.

Todavia a região de Aguim não era só da sé; metade pertenceu ao mosteiro de Santa Cruz, passando à universidade com os bens do priorado-mor.

A sede do concelho da jurisdição da sé era Aguim. Recebeu foral em 1514.

IGREJA PAROQUIAL — dedicada a S. Pedro, o príncipe dos apóstolos.

Renovaram-na inteiramente no estilo sóbrio e predominante da região. Uma inscrição na porta principal elucida quanto ao titular e à data média das obras:

TU ES P(ET)RUS,ET SUP(ER) HANC
P(E)TRA AEDIFICABO/ECCL(ES)IA(M)
MEA/ANNO D(OMI)NI 1716 /

Distribuíram pelas faces da cúspide da torre, indicando o acabamento:

O ANNO D 1721

Tem porta axial e, à esquerda, uma travessa; arco-cruzeiro acompanhado de dois retabulares, capela cavada na parede do evangelho; do mesmo lado a torre, posta na linha frontal; janelas rectangulares e simples.

São de cantaria os cunhais da fachada, como também a cimalha da empena, que corta horizontalmente o ângulo superior, em cuja quebra assenta pedestal com cruz. A porta é de verga direita e cornija; a janela do coro rectangular e posterior. A torre, à esquerda, simples, de dois corpos (o segundo de menor volume), mostra nos ângulos da cimalha gárgulas cilíndricas e estriadas, e cobre-se de pirâmide de oito faces.

A porta travessa, de friso e cornija, tem hoje pequeno alpendre, que é sustentado por duas colunas coríntias caneladas, do séc. XVI, restos reaproveitados de retábulo desfeito.

Os pés direitos do cruzeiro são em forma de pilastra dórica, com as faces em almofada corrida, bem como a respectiva volta. Seguem o mesmo tipo os retabulares que lhe ficam colaterais.

O benedictério da porta principal, do tempo da reconstrução, orna-se de rudes acantos; é-lhe anterior o da porta travessa, riscado de caneluras. O púlpito provém da época geral.

Recorta-se no flanco da esquerda uma capela que não excede a espessura do muro: da renascença final do séc. XVII. Os pés direitos são dóricos, com caneluras e pendurados na face; a volta do arco mostra igualmente na face quatro querubins e medialmente um escudo das Chagas; as faces internas dos pilares e arcos ornam-se de tarjas formando rectângulos e ovais. A abóbada reduz-se a pequeno tramo, mostrando símbolos da Paixão nos claros.

O retábulo principal e os colaterais, de madeira dourada, são do estilo da transição dos sécs. XVII-XVIII; compõe-se aquele de quatro colunas e respectivos arcos, de forma torcida e com pâmpanos em planos reentrantes, de mísulas para as esculturas, postas nos intercolúnios, e de larga tribuna; os outros retábulos só de duas colunas.

As esculturas do altar-mor são de calcário e de oficina coimbrã: *S. Pedro*, vestido de apóstolo, do séc. XIV, obra corrente mas rara como as deste século; *S. Paulo*, do séc. XVI, renascença, comum.

Encontra-se na capela do corpo uma *Árvore de Jessé*, desprendida de qualquer conjunto retabular e de modesto desenvolvimento mas graciosa, constituída por pequenas figuras, da segunda metade do séc. XVIII. Sai de Jessé adormecido a árvore em que se dispõem doze figuras, em duas séries, que remata na *Senhora da Conceição*.

Fixa-se na parede da direita grande maquineta de madeira dourada, estilo concheado, regularmente tratada; encerra alta escultura de madeira, policromada, de *Nossa Senhora da Conceição*, com coroa de prata. Todo o conjunto pertence à segunda metade do séc. XVIII.

A custódia-cálice, de prata branca, do fim do séc. XVI, compõe-se de mostruário de cúpula, de duas colunas por lado, hostiário circular, cercado só de motivos curvos, sendo todas as superfícies decoradas dos temas da época. Recentemente adquiriram uma grande cruz processional.

CASA ANTIGA — em *TAMENGOS*.

Pertence à família Cabral Caldeira do Amaral, e encontra-se na povoação sede.

A fachada seiscentista corta-se no andar nobre de quatro janelas rasgadas, de verga direita e cornija, bacia de sacada pouco saliente e apoiada em duas mísulas, havendo inferiormente frestas rectangulares deitadas. A cimalha mostra nos extremos gárgulas cilíndricas e estriadas, meramente decorativas.

Em corpo posto à direita e retraído rasga-se janela manuelina, de verga direita mas rebaixada em forma de quatro arquilhos; lateralmente ao mesmo e já no andar nobre encontra-se a porta de entrada de friso e cornija.

A moderna casa de residência fica mais dentro da quinta. Recuperaram e aí guardam uma antiga pedra de armas, do séc. XVII, dos Couceiros, com representação própria, variante da corrente: três couceiras dispostas em pala, acompanhadas de dois leões rompantes voltados para o meio, timbre um leão sobre uma couceira, elmo e paquife.

CAPELA — em *AGUIM*, de Nossa Senhora da Expectação.

Procedeu-se à reconstrução geral em volta do ano de 1718, data gravada na porta, e no estilo regional de transição.

Edifício relativamente grande para aldeia, tendo corpo e capela-mor, torre à esquerda da fachada, que foi, pelo menos, alteada nos tempos modernos.

A porta rectangular completa-se de frontão cujos ramos são interrompidos e enquadram pequeno nicho. Rasga-se acima óculo, cujo desenho tem como base um quadróbulo. Encontra-se no nichozito esculturinha de barro da *Senhora do Ó*, da segunda metade do séc. XVIII.

Do mesmo estilo de transição é o arco cruzeiro, decorado na frente de almofadas corridas e no intradorso de faixas em rectângulos e círculos; o púlpito igualmente, que é de pedra e ornado de três séries de acantos, com grades de madeira torneada; e ainda o pequeno lavabo da sacristia.

O retábulo principal e os colaterais foram entalhados na segunda metade do séc. XVIII; tendo aquele tribunal central e a cada lado duas colunas e nicho intermédio, estes pilastras misuladas.

A escultura antiga da titular, *Virgem com o Menino*, é de pedra, pequena, de vestidos requebrados, gótica, dos sécs. XV-XVI, obra comum.

Escultura de mérito é o *S. Miguel*, de calcário e oficina coimbrã, de pregueados volumosos, dominando o demónio e segurando uma balança, da primeira metade do séc. XV.

Há ainda duas esculturas de pedra, da segunda metade do séc. XVIII, movidas de roupagens e gestos, de *S. Joaquim* e *Santa Ana*, esta só com o livro.

CASA ANTIGA — em *AGUIM*.

A *casa dos Cerveiras* é um bom edifício do estilo final de setecentos, do severo pombalino lisbonense, construída já no séc. XIX. Não deixa de ser provável que o escultor Machado de Castro tivesse alguma intervenção no projecto, encomendando-o a arquitecto, dadas as suas relações com a família Cerveira.

O brasão do alto da fachada repete-se em pequena pia de água benta da capelita e num reposteiro, sem nítido rigor heráldico: falsamente esquartelado; no primeiro cruz florida e vazia de campo; o terceiro contra-esquartelado de leão e quinas, por Sousa; o segundo e o quarto não devem passar duma simples pala com duas cervas que um traço separou; timbre uma cerva. O bispo D. José, irmão do Dr. António Xavier Cerqueira e Sousa, usou o escudo partido: na primeira pala a cruz referida; a segunda cortada, tendo no primeiro as duas cervas e no segundo os móveis dos Sousas, como se vê na sepultura em Mogofores.

Fachada ampla, de dois pisos de bom pé direito, tendo ainda sobre a parte média um terceiro em mansarda. Pilastras dividem-na em três panos, havendo dois vãos nos laterais e três no médio; são estes de amplas dimensões e de recorte simples, rectangulares, à ex-

cepção da porta e das três janelas altas, cujas vergas são curvas.

Encosta-se-lhe ao lado esquerdo o portão do pátio, ainda do séc. XVII.

Liga-se-lhe à direita pequenina capela, do mesmo tipo mas posterior, cuja construção e razão dela explica o letreiro da campa, que abaixo transcrevemos.

Nesta capela guarda-se uma obra nìtidamente excepcional, o *retábulo dos Santos Físicos*. Deve datar dos decénios 20-30 do século XVI; obra rara e delicada.

Compõe-se construtivamente dum basamento, de duas pilastras dóricas e ao centro dum balaústre, destinado a desmonotizar e formar linha central, suportando entablamento direito; nos espaços médios dois nichos. Decoram as pilastras finos pendurados da primeira renascença, e o friso enrolamentos de folhagem com quimeras; a concha dos nichos faz saliência, rematando-a composição de duas delicadas crianças. São as esculturas dos *Santos Cosme e Damião*, vestidos à época, cobertos de gorro, com o vestuário de diverso arranjo de um para outro, e o seu pregueado bem estudado, mais em sentido decorativo que realista. No basamento cavam-se três pequenos nichos, encerrando, em baixo-relevo, bustos de escribas não individualizados. Havia nos pedestais das pilastras escudetes de tipo italiano, como revelam os traços deixados e que conteriam as armas de quem encomendara o retábulo.

Trata-se duma obra capital para a primeira Renascença. Não se pode saber a sua origem.

Ao lado deste retábulo foram colocados dois pequenos nichos, bastante posteriores.

Está embutida no pavimento uma campa, cujos dizeres contam a história e a razão sentimental da capela.

A MORTE
CORTOU EM FLOR
OS DIAS UENTUROSOS
DE
5 D. MARIA JOZE PEREIRA E COSTA
NASCIDA EM IULHO DE 1815
VIUVA DO COMENDADOR COSTA
E CASADA SEGUNDA VEZ COM
ANTONIO XAVIER CERVEIRA
10 E SOUZA FIDALGO CAVALLEIRO
DA C.R.COMENDADOR DA ORDEM
DE CRISTO CAVALLEIRO DA CON
CEIÇAÕ E I. DE CANTANHEDE
E AQUI FALLECIDA EM 25 DE NO
15 UEMBRO DE 1842 FOI CHORADA
DE PARENTES E ESTRANHOS E
TRASLADADA P.ª ESTA CAPELLA
FEITA P.ª SEU JAZIGO POR SEU 2.º
MARIDO NO ANNO DE
20 1844

A tradição da casa punha em dúvida que a mudança se tivesse feito.

Na mesma povoação notam-se diversas casas de vãos curvos, do séc. XIX e algumas grades simples, em papo de rola. A que se aponta ter sido dos Castilhos já é reconstrução; a antiga, a do pai do poeta, era modesta e de um só piso, como a conheceu e nos referiu a Senhora que era proprietária da casa acima e falecida agora, nesta altura da publicação deste volume.

BIBL. — Soares da Graça, *Machado de Castro em Aguim*, Coimbra, 1940.

CAPELA — na *CURIA*, de Santa Isabel, rainha de Portugal.

Modernizada e limpa. Conserva a porta antiga, do séc. XVIII inicial, de verga direita e cornija, o letreiro gravado no friso:

ESTA CAPELLA.MANDARAM.FAZER.
MANOEL FRANCISCO
AFONSSO.E SVA MOLHER.MARIA
GOMES.E MANOEL.DIAS E
SVA MOLHER.YZABEL.RODRIGUES.
TODOS DESTE LVGAR
TVDO POR SVA DEVOSSAM FOI
DITA + A PRIMEIRA
5 MISSA COM FESTA EM 23 DE MAIO
DE ANNO DE 1734

O retábulo de pedra, do princípio do séc. XVIII, segue um tipo seis-setecentista. Cavam-se três nichos entre quatro pilastras decoradas de acantos. Há uma *Santa Isabel*, rainha, com flores no regaço, de madeira, reformada, do mesmo início do séc. XVIII, de mero interesse iconográfico.

CAPELAS — particulares na *CURIA*.

Capela de Nossa Senhora do Livramento, do Palace Hotel. A sua arquitectura, da primeira metade deste século, é bem concebida. Reveste-a um alizar de azulejos policromos, de rosáceas e losangulados, dos sécs. XVIII-XIX, de fabrico lisbonense. O retábulo de madeira, muito bem entalhado e dourado, da segunda metade do séc. XVIII, compõe-se de pilastras misuladas e terminadas de delicadas cabeças

de querubins; encerra uma tela da mesma época, representando *Cristo crucificado* e a *Madalena* ajoelhada. As pequenas esculturas da *Virgem do Livramento* e de *S. Pedro*, posto que do mesmo século, tem outras origens e nível mais baixo.

A capela de *Nossa Senhora da Saúde*, do Grande Hotel, é moderna, pequena e graciosa com sineira na empena. As esculturas, agradáveis, são do tempo presente.

CAPELA — na *MATA*, de Santo Amaro.

Levanta-se a um lado da povoação. Reformada em diversas épocas, uma delas em 1886, como se lê no óculo da frontaria, conserva a porta principal e a travessa da esquerda do séc. XVII, rectangulares, de arestas boleadas.

O púlpito é da mesma época; de calcário, cilíndrico e de superfícies lisas, assente em pé de balaústre.

A formar retábulo, há restos de um outro do fim do séc. XVI; dois nichos com entablamento superior, colocados sobre banqueta ornada de três querubins, talvez a primitiva.

Três esculturas de calcário, do fim do séc. XVI, obras artificianais, sem interesse: um santo diácono e mártir, *Santo Amaro, Virgem com Cristo morto* (Piedade).

A meio da povoação está pequeno *oratório* do *Senhor dos Aflitos;* modesto edículo moderno (1882 na porta) encerrando *Cristo Crucificado* sobre pilar dórico, meio englobado na alvenaria da mesa; obra de pedra, popular, do séc. XVI, que originàriamente era cruzeiro de rua.

VILA NOVA DE MONSARROS

A sede de freguesia, Vila Nova, e a povoação de Monsarros assentam na parte mais baixa, larga e fértil, da ribeira que drena as águas das alturas que ligam, a nascente, a serra do Buçaco à do Boialvo e, juntando-se à de Arcos vai afluir ao Cértoma. Monsarros fica a jusante e na distância de uns dois quilómetros da sede, Vila Nova. O titular da igreja é S. Miguel e o da capela de Monsarros S. Martinho.

Há muitas referências antigas a estes lugares, mesmo a meros sítios. Não lhes tendo equivalência o interesse artístico, resumiremos, como sempre temos feito.

Vila Nova foi doada no ano de 1006 a Vacariça por Froila Gonçalves, filho de Gonçalo Moniz e de D. Toda, que a tinha de herança paterna. Froila parece ter-se mantido em Montemor por adesão aos invasores muçulmanos.

A relação das vilas rústicas do mosteiro, no ano de 1064, inclui esta, lembrando-se nela o doador; como também Monsarros e a sua igreja que fôra do abade Lovegildo.

Em 1082 a posse do mesmo Monsarros foi questionada ao mosteiro, por ser considerada terra regalenga, mas o próprio governador D. Sesnando deu sentença a favor dos monges.

Constituiu pequeno concelho, do senhorio dos bispos de Coimbra, com foral em 1514.

IGREJA PAROQUIAL — com S. Miguel Arcanjo por titular.

Encontra-se na povoação sede mas diz o povo que a antiga estava no sítio do Passal, à Fuzeira.

As alvenarias são de calcário, apesar de se estar em zona de grês vermelho.

Edifício amplo, da segunda metade do séc. XVIII, mas de tipo corrente.

A torre acantona-se para a parte do evangelho, no ângulo formado pela capela-mor e os ombros do corpo.

Não é dotada de altares colaterais, mas cavam-se nos flancos, junto aos ombros, para fim retabular, dois pares de arcos.

Além da porta da frontaria, rectangular e dominada de frontão em traçado mistilíneo, corta-se acima dela vasto óculo quadrilobado, e nos cunhais erguem-se fogaréus do tipo final.

O alto arco-cruzeiro e os quatro retabulares são do mesmo tipo simples. Fecha aquele uma balaustrada de pedra.

A torre, de dois corpos e cunhais vincados de cantaria, termina no clássico tipo bolboso de plano quadrado.

Acondiciona-se a pia baptismal em reduto próprio, à esquerda. Segue esquema singelo do gótico do séc. XVI inicial: pé oitavado, receptáculo de caneluras planas e espiraladas.

O púlpito data da época da reconstrução.

O retábulo principal, do tipo setecentista final, tem a ladear o vão quatro colunas compósitas, lisas, e mísulas entre cada par.

Os retábulos, porém, dos dois arcos mais próximos do cruzeiro são dotados de pilastras de tipo pendular invertido. Há no da esquerda pinturas populares com *Santo António* e *Senhora da Conceição;* no segundo do mesmo lado uma tela com as *Almas do Purgatório* e *S. Nicolau Tolentino* a libertá-las, popular também.

O primeiro do lado direito alberga uma escultura de madeira, *Virgem com o Menino* (Rosário), da segunda metade do séc. XVIII. O segundo desse mesmo lado é desprovido de retábulo, havendo um grande *Cristo crucificado*, comum, do séc. XVII.

Há duas esculturas de calcário, de oficina coimbrã do séc. XV, graciosas, de pequeno tamanho: *Santa Luzia* e uma *santa mártir*. Semelhantemente de pedra, existem outras, do séc. 17, mas de nível artificianal.

Assinou um dos sinos o fundidor de Cantanhede, José Augusto.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES — na povoação sede.

Ergue-se num morro de grês vermelho, a dominar a povoação que fica imediatamente abaixo. As cantarias são porém de calcário.

Existiu uma capela anterior, à qual pertenceu a escultura de marfim, trecentista.

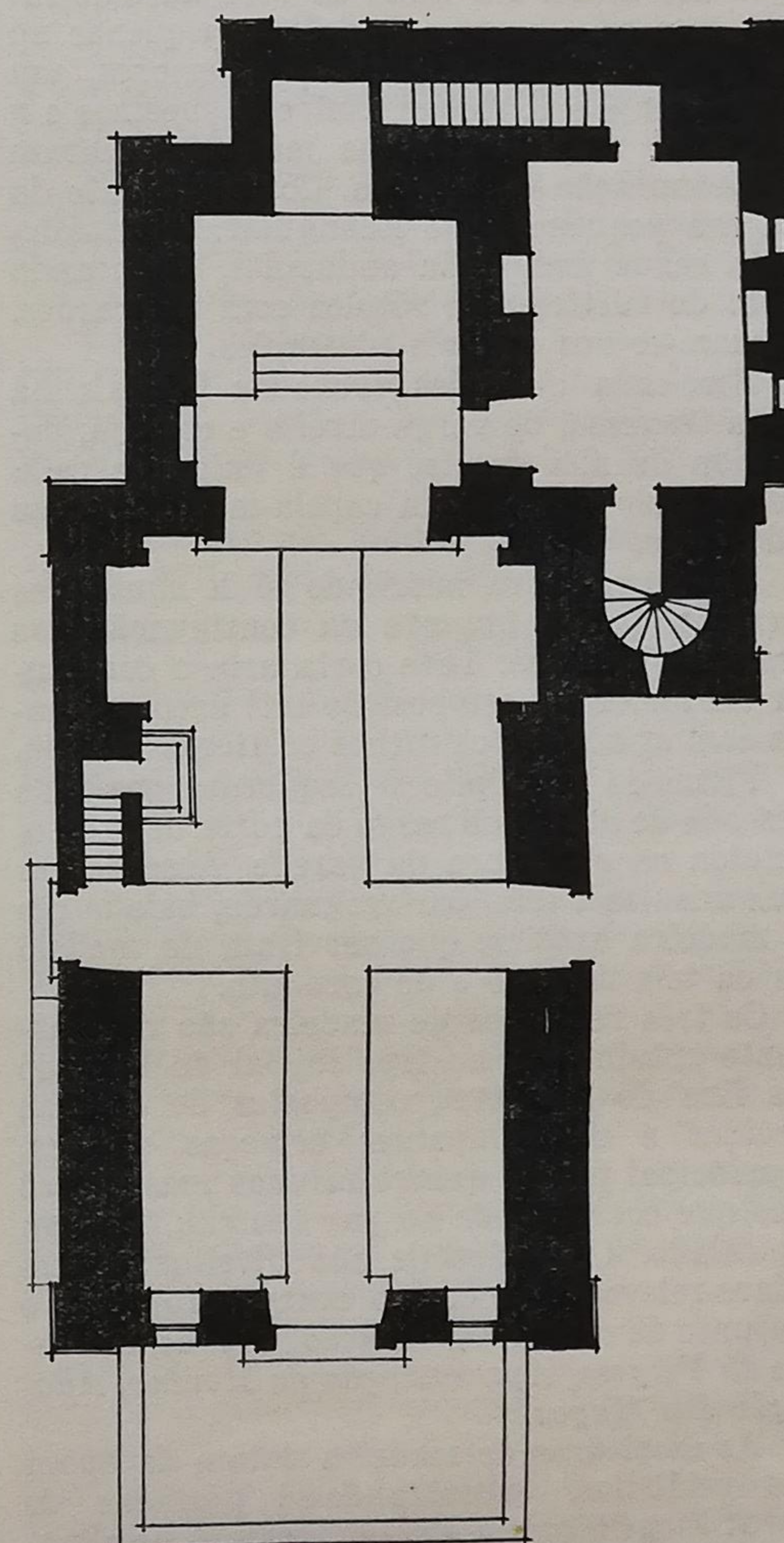
O edifício presente foi levantado à custa dum legado de Cosme Dias. Natural daqui, foi para Sevilha e de lá para a América espanhola, aonde conseguiu fortuna. Regressando, faleceu em Sevilha; os seus ossos foram trasladados para a capela-mor, mas ficaram sem epitáfio, podendo ser os que se encontraram na recente restauração, no pavimento do plano alto do altar-mor, ao lado direito.

Deixou no testamento diversos legados pios, instituindo capelas de missas em Sevilha e nos franciscanos de Coimbra, subsídios a pobres, a órfãs e estudantes da família; mandou ainda construir a capela e dotá-la conforme ao costume e direito do tempo. Faleceu no princípio do séc. XVII.

No séc. XVIII os créscimos dos rendimentos da capela foram anexados ao Seminário, acabado de fundar.

A capela, apesar de pequena, tem bastante interesse, tanto pela parte arquitectónica, que se integra na melhor obra dos construtores regionais, como pela talha dos altares, do barroco inicial. O edifício é do meado do séc. XVII e os retábulos do final. Foi restaurada em 1950, sob orientação dos serviços oficiais.

Compõe-se de corpo e capela-mor; esta de abóbada de aresta e aquele de uma semicircular, ambas lisas, certamente de tijolo. Na capela-mor há um corpo saliente a toda a altura, acrescentado para o fundo camarim do altar. Levanta-se, no ombro direito do corpo e na parte contrária à povoação, a torre, que só tem duas ventanas, opostas, colocadas no sentido do eixo da capela. Não é dotada de retábulos colaterais. Para fim retábular cortam-se dois arcos nos ombros, junto à parede do arco-cruzeiro; mas colaterais a este há dois nichos. As paredes são fortes, como era exigido pelas abóbadas.

São os cunhais tratados em cantaria, como também em cantaria é não só a fachada mas ainda a cimalha corrida que cerca o conjunto; acima de cada um daqueles levanta-se uma pirâmide sobre pedestal.

Planta da capela de Nossa Senhora das Neves

A frontaria tem a empena cortada pela cimalha horizontal que envolve o edifício.

A porta rectangular acompanha-se de pilastras, com entablamento e frontão interrompido, donde emerge uma cruz. Rasgam-se postigos aos lados. Na linha do coro há dois nichos com esculturas de calcário, pequenas no tamanho e sem mérito, mas anteriores, um santo monje e *S. Roque*. Entre os mesmos e a substituir uma desgraciosa janela, colocaram na restauração uma fresta. Corta a frente da empena pequeno óculo losangular. A cimalha desta segue uma linha ondulante, ostentando perto do vértice dois rótulos com mascarões. Firmam-se nos cunhais pirâmides.

Em cada uma das fachadas laterais há porta travessa, de verga direita e cornija, dominada de alta fresta, que é única de cada lado; sendo as duas da capela-mor pequenas e deitadas.

O arco cruzeiro, adornado só de almofadas corridas, tem a imposta na continuação das cimalhas internas. Teve certa arte o construtor em meter em composição este arco e cimalha com os arcos e os nichos colaterais àquele.

Firma-se o púlpito à esquerda, partindo a escada de acesso do rasgo da porta de acesso, incluída na espessura da parede. Assenta em duas mísulas e tem, por resguardo, balaústres de madeira exótica, que serviram de modelo aos da teia do arco e do coro-alto.

Os três retábulos de madeira são regularmente entalhados, no tipo inicial do barroco dos fins do séc. XVII, compostos de colunas torcidas e de pâmpanos, crianças e aves. O principal possui quatro colunas mas um só arco que corresponde ao par central, também espiralado. Os pedestais são direitos e com baixos-relevos que, com o central, formam o conjunto de cinco: *Anunciação, Creche, Coroação da Virgem, Apresentação do Menino, Adoração dos Magos*.

As esculturas de madeira datam da época dos retábulos, encontrando-se pintadas de novo: *Virgem com o Menino*, grande, no altar-mor; *Santo António* no altar da esquerda; e *S. Francisco* no da direita, estas de tamanho médio; *Santos Cosme e Damião*, nos nichos colaterais ao arco e menores.

A imagem da tradição é uma escultura da *Virgem com o Menino*, de marfim, 26 centímetros de altura, do séc. XIV, trabalho corrente, rara pela matéria e época, representando a Virgem com o menino no braço esquerdo, denotando o conjunto a curvatura inicial da matéria em que foi tratada. Está pintada grosseiramente.

As paredes da capela-mor são forradas de azulejos, do tipo de florões, só a azul, da transição dos sécs. XVII-XVIII, fabrico de Coimbra, bem como os dois panos inferiores aos nichos do cruzeiro.

Na sacristia vê-se uma escultura da *Virgem* e a dum *Cristo crucificado*, de pedra, populares, do séc. XVII.

CASA ANTIGA — em *VILA NOVA DE MONSARROS*.

Encontram-se restos duma, do séc. XVII, num cruzamento de ruas, vendo-se ainda um balcão sobre dois arcos de cantaria e uma porta de arestas boleadas; perto, a servir de entrada de pátio, um arco simples, no tipo das entradas das capelas das igrejas e, cravado no chão, uma mísula de tipo esférico, usual em nichos.

CAPELA — em *GRADA*. Titular, S. Bartolomeu.

Edifício simples. Retábulo de pedra, do séc. XVII, de três nichos baixos, separados por pilastras. Esculturas de pedra, populares e pequenas, entre elas *S. Bartolomeu*, com o demónio acorrentado, dos sécs. XV-XVI.

CAPELA — em *MONSARROS*. Orago, S. Martinho.

Construção corrente e moderna.

Retábulo de calcário, com quatro colunas coríntias e caneladas, três nichos intermédios, entablamento e pequeno remate, do séc. XVII. Desse tempo há duas esculturas, *S. Martinho* bispo, *Virgem com o Menino* (Senhora de Nazaré) com um pequeno cavaleiro aos pés, obras correntes. No breve nicho do remate alberga-se pequena escultura de santa, do fim do séc. XV.

VILARINHO DO BAIRRO

Há referências a Vilarinho ainda na primeira metade do séc. XI.

O vasto terreno que abrange a maior parte da bacia do Levira até à confluência com o Cértoma encontra-se referido e demarcado pelo documento de doação, de 1 de Dezembro do ano de 1020, ao mosteiro da Vacariça, feita por Gáudio, por Elias e a esposa Graciosa, pelo presbítero Ildura, por Murido e a esposa Sisil, por Vidal e a esposa Eio, das vilas de Livira e de Lázaro.

Vilarinho e Torres estavam no séc. XIV em posse dum dos ramos dos Cunhas. Martim Lourenço da Cunha recebeu do rei D. Afonso IV, por carta de 3 de Fevereiro do ano de 1355, e em troca destas terras, Pombeiro da Beira. Nesta altura os Cunhas ficaram muito beneficiados *(como quer que o dito loguo de pombeiro seja de maior ualia que os lugares e torres do bairro e de uilarinho dapar desse loguo)*, posto que hoje os factores económicos se encontram invertidos (Cf. *Inv. do Dist. de Coimb.*, pág. 19).

Os Cunhas de Pombeiro, como já tivemos ocasião de escrever, tiveram o senhorio de Espinhel e Casal de Álvaro, não sabendo nós por quanto tempo. A linha principal, a dos Cunhas de Tábua, possuiu domínios no baixo Vouga, no que igualmente tocámos, tratando de Angeja.

Pequeno concelho antigo, teve foral manuelino.

IGREJA PAROQUIAL — consagrada a S. Miguel Arcanjo.

Edifício amplo, inteiramente reformado na segunda metade do séc. XVIII; isolado mas junto à povoação. No adro, pela direita, restos do antigo cemitério, ocupando o novo os terrenos à esquerda.

Na fachada principal, de cunhais de cantaria, dominados de fogaréus, abre-se a porta, de vão curvo e cabeceira recortada, e acima a janela do coro, também de verga curva e de cimalha em traçado mistilíneo. Ergue-se-lhe à direita a torre, tendo já sido alteada, mas vendo-se ainda as ventanas antigas, obturadas, logo abaixo das actuais.

O arco-cruzeiro é da época, bem como as janelas, simples: duas na capela-mor, quatro no corpo. A porta travessa, à direita, rectangular, de friso e cornija, deverá ser o reemprego duma do século anterior. Púlpito e pia baptismal são porém da reconstrução.

Os retábulos, tanto o principal como os dois colaterais ao cruzeiro, datam do séc. XVIII final; são dourados e policromados, de factura muito corrente; aquele de quatro colunas, tribuna central e nichos salientes nos intercolúnios, estes de duas, nicho médio e mísulas laterais.

O *S. Miguel* e o *S. José* do altar-mor, de madeira policromada, com os panejamentos revolteados do tempo, datam da segunda metade do séc. XVIII.

Entre as esculturas de pedra há digna de nota a *Virgem com o Menino* (hoje do Rosário) do meado do séc. XV, de panos grossos, obra bastante regular.

São porém comuns as de *Santa Apolónia* e uma pequenina *Trindade*, do séc. XVI, renascença.

OUTROS MOTIVOS ARTÍSTICOS — em Vilarinho.

A *capela do Espírito Santo*, muito simples e de moderna reconstrução, isola-se em modesto largo.

Pequeno nicho de calcário, do séc. XVII, de pilastras e frontão quebrado, cujos ramos enrolam a meio, encerra a escultura da *Trindade*, de tipo e execução corrente no séc. XVII.

Existe modesta casa, no arranque duma rua transversal que leva à igreja, só de rés-do-chão, com porta e janelas de cabeceira erguida, da segunda metade do séc. XVIII, a desnaturar-se.

Outra, grande, simples, abarracada, talvez do séc. XVII, junto da igreja.

CAPELA — em *BANHOS*, do título de Nossa Senhora dos Banhos.

Encontra-se na parte baixa da aldeia, no talvegue da depressão. Tem sofrido renovações, devendo a última e a mais importante datar do ano de 1931.

Edifício vulgar. Encosta-se-lhe a todo o comprimento do lado esquerdo um anexo, da feição comum das arrecadações das capelas.

O verdadeiro interesse da capela não é o artístico mas o etnográfico-religioso: santuário de *águas santas*. Há sob o altar um pequeno poço rectangular, cerca de um metro de lado, ao qual se desce por escadita lateral. Era esta a fonte inicial, donde se tomava a água para as pessoas se banharem, beberem ou transportarem a seus domicílios.

O anexo da esquerda divide-se em duas partes por tabiques: o da frente, sala de espera, e o posterior, colocado lateralmente à capela-mor, onde há outro poço mas coberto e duas cabines com banheiras de cimento. A água é elevada por bomba manual para um depósito, donde passa às torneiras.

Esta água, fria, minero-medicinal, tem sido procurada desde recuados tempos, mas só, como hoje o continua a ser, pelo seu aspecto religioso, encontrando-se na capela muitos ex-votos e até lápides de reconhecimento.

Não vêm estas águas citadas nas resenhas e cartas hidrológicas desta primeira metade do século.

A escultura da *Virgem sentada e com o Menino*, de calcário e oficina coimbrã, data dos sécs. XV-XVI e é obra corrente.

Na sineirita, à esquerda da fachada, há duas pilastras coríntias, do séc. XVI, restos prováveis de retábulo.

O púlpito de pedra, cilíndrico e de pé em balaústre, remonta ao final do mesmo século.

O *cruzeiro* da rua principal conserva de antigo uma coluna dórica, canelada, talvez adaptação.

CAPELA — em *LEVIRA*, de Santa Maria Madalena.

Construção modernizada e corrente, tendo encostada à esquerda da fachada a torre.

Retábulo de calcário, do séc. XVII, obra artificianal, de três nichos entre quatro pilastras; remate com o busto do *Padre-eterno*, banqueta decorada de querubins, trabalho duro, em baixo-relevo.

Ocupam os nichos três esculturas: ao centro *Santa Maria Madalena*, à esquerda *Santa Marta*, ao outro lado *S. Lázaro*. São de calcário, do séc. XVII, obras de segunda ordem, mas raras neste conjunto iconográfico dos três irmãos. Aquela que ali denominam Marta tem o vaso comum às Madalenas e uma feição mais aproximada do tipo quinhentista; Lázaro mosa perna nua e chagada, sendo invocado como advogado dos cães raivosos e não como patrono dos morféticos.

CAPELAS — em *TORRES DO BAIRRO*.

A *Capela de Nossa Senhora do Desterro* foi modernizada; a legenda da porta, ANO D 1846, indicará grande reforma, e o milésimo de 1903 gravado na argamassa talvez o alteamento geral; é obra vulgar.

Guarda duas esculturas de pedra, pequenas e de nível comum: *S. Gabriel*, dos sécs. XV-XVI, arcanjo de asas e vestido de dalmática, segurando na direita uma palma e na outra mão pergaminho desdobrado; *Santa Margarida*, dos meados do séc. XV, coroada de flores e saindo do monstro.

A *Capela de Santo António* é um pequeno cubo de simples alvenaria, dominado de cúpula de tijolo; obra pequena e singela.

No maciço que quer significar altar está *S. Bento*, a que dão outra designação; é de pedra, do séc. XVI, renascença decadente.

CONCELHO DE AVEIRO

FREGUESIAS:

CIDADE DE AVEIRO

(Nossa Senhora da Glória e Vera Cruz)

A inserção da cidade num bloco geográfico isolado, como península flúvio-marítima, — limitada de NE pela linha do Vouga, seguindo desde Eirol a Cacia, de NW pela Ria, partindo de Vilarinho e entrando pelo rio do Boco — e ainda a sua orientação, francamente exposta à antiga zona marinha, como também a conformação do terreno em que assenta, favorecido da depressão do Cojo, outrora mais acentuada, convencem que, desde as mais antigas épocas, o povoado de Aveiro deveria ter sido o de maior importância nesta zona.

A intensa e recuada salicultura regional é em parte revelada pelos parcos documentos da alta Idade Média. Era esta uma produção de escolha, relativamente certa, e os seus terrenos procurados pelos grandes senhores medievos e pelos mosteiros, mesmo afastados, como Salzedas e Tarouca. A sua exportação em todos os tempos seria relativamente grande. Aveiro foi certamente o centro desta costa salgada, desta *feitoria do sal*. Na primeira Reconquista a sua zona e a do Mondego situavam-se no extremo da ocupação e naturalmente sobrelevavam às mais setentrionais, pela boa média de insolação de que gozavam, encontrando-se nos limites em que se dava a transição para as partes sub-tropicais.

Parece não terem sido encontrados até agora restos romanos no solo da cidade. O busto bifronte, aparecido solto em desaterros do museu, não é esclarecedor, por não estar integrado em camada arqueológica.

A documentação escrita data do séc. X. A 26 de Janeiro do ano de 959, no dia da sagração da igreja do mosteiro de Guimarães, a sua fundadora, D. Mumadona Dias, dotou-o de bens, entre os quais aparecem *terras in Alauario et salinas que ibidem comparauimos*.

A relação várias vezes citada por nós, de Gonçalo Viegas e D. Châmoa, de 1050, enumera a terça parte de Aveiro.

A sua história até ao ínclito infante D. Pedro limita-se à resenha de donatários. Escrevemos (*Inv. Art. de Coimbra*, pág. 162) que, pertencendo o castelo e termo de Avô a D. Urraca Afonso, filha natural do primeiro rei, casada com Pedro Afonso, neto de Egas Moniz, em Maio de 1187, D. Sancho 1.º o trocou a esta sua meia irmã, dando-lhe Aveiro. Passou a três dos filhos de D. Urraca. Já Pedro Afonso tinha dado, em 1216, ao mosteiro de Tarouca, mil módios de sal nas marinhas de Aveiro; a filha D. Áldara Peres, mandando-se sepultar no mesmo

CIDADE DE AVEIRO

Planta Parcial

EDIFÍCIOS ANTIGOS: I — Capela de S. Gonçalo. II — Igreja de Nossa Senhora da Apresentação III — Capela de S. Bartolomeu. IV — Sítio da destruída igreja de Vera Cruz. V — Trajecto para o convento do Carmo, capela da Senhora da Alegria e para a do Senhor das Barrocas. VI — Capela da Madre de Deus. VII — Sítio da destruída igreja de S. Miguel. VIII — Igreja da Misericórdia. IX — Câmara Municipal. X — Recolhimento de S. Bernardino. XI — Capela dos Santos Mártires. XII — Convento de S. João Evangelista (Carmelitas). XIII — Mosteiro de Jesus. XIV — Igreja do mosteiro de S. Domingos (Sé). XV — Cemitério. XVI — Trajecto para o convento de Santo António.

TRAÇADOS VIÁRIOS: 1 — Largo da Apresentação. 2 — R. de Domingos Carrancho. 3 — R. dos Mercadores. 4 — Rua para S. Roque. 5 — R. das Salineiras. 6 — R. Larga (José Estêvão). 7 — R. do Vento. 8 — R. do Norte. 9 — R. de S. Bartolomeu. 10 — R. de Manuel Firmino. 11 — Trav. dos Ourives. 12 — R. do Gravito. 13 — R. do Seixal. 14 — Pontes e Av. Lourenço Peixinho. 15 — R. da Costeira (de Coimbra). 16 — Praça da República. 17 — R. Direita (dos Combatentes da G. Guerra). 18 — Terreiro (L. do Marquês de Pombal). 19 — Embocadura da rua Direita. 20 — Largo do Espírito Santo. 21 — R. da Fonte Nova. 22 — R. Miguel Bombarda. 23 — R. de Homem Cristo-filho. 24 — R. dos Tavares. 25-26 — R. da Corredoura. 27 — R. da Infanta St.ª Joana. 28 — Trav. da Corredoura (do dr. A. Leitão).

Linha pontuada: Esquema do percurso da antiga muralha.

mosteiro, deixou-lhe a sua terça da vila, em 1257. A parte do prócere Abril Peres parece ter ido também ao mosteiro, mas por forma que nos é desconhecida. A outra filha de D. Urraca, D. Sancha Peres, casada com Pedro Rodrigues, vendeu o seu terço, por dois mil áureos, em Maio de 1222, à infanta D. Sancha, a fundadora do mosteiro de Celas, que o doou ao mesmo, em Agosto do ano imediato.

O rei D. Dinis recuperou Aveiro para a coroa, por meio de trocas, tanto a parte de Tarouca, lavrando-se escritura a 22 de Julho de 1306, como a de Celas, esta pela vila de Eiras, a 14 de Abril do mesmo ano.

D. Fernando, na passagem pela vila de Eixo, a caminho do Norte, para solenizar o casamento com D. Leonor Teles, mandou lavrar (1372) a carta de dote em que, entre outras vilas e terras, incluiu este senhorio.

Sequestradas as terras à mesma rainha, D. João 1.° deu-o a João Rodrigues Pereira. Este, casando-se-lhe a filha D. Leonor Pereira, com Aires Gonçalves de Figueiredo, dotou-a com uma parte de Aveiro, ficando os dois terços restantes aos irmãos, Gonçalo e Rui.

D. João 1.° readquiriu Aveiro, dando pela terça de D. Leonor, em 30 de Maio de 1407, Fermedo e o préstimo da Marinha.

Seguidamente o mesmo rei concedeu em vida o senhorio ao infante D. Pedro, o que D. Afonso 5.°, sobrinho e genro, em 1448, confirmou, fazendo-lho, para mais, de juro e herdade.

O nome de D. Pedro merce ser vincado nesta resenha histórica. Não foi um mero donatário que se limitasse a receber as rendas; valorizou a terra, dotou-a duma cerca de muralhas, à qual mais adiante nos referiremos. Fê-lo com grandeza, prevendo a expansão urbana, e com robustês, mandando vir, para as partes vivas, as cantarias da região ançanense. Residiu por vezes em Aveiro, como fez nas terras dos vastos domínios, e dali datou algumas cartas que andam publicadas. Vencido e morto, foi esquecido de todas aquelas partes de que foi senhor e valorizou.

O mesmo D. Afonso 5.° voltou a dar a vila a D. Sancho de Noronha, primeiro conde de Odemira. Pela conjura contra D. João 2.°, foi sequestrada a casa Odemira-Faro (ao que aludiremos em Eixo). Este rei dotou, com o respectivo senhorio, a infanta D. Joana, a 19 de Agosto de 1485.

Foi com o infante D. Pedro que Aveiro deixou de ser um modesto agregado populacional, simples sede de freguesia, a cercar a igreja de S. Miguel (colocada na praça da República), para se tornar um povoado capaz de receber instituições de benificência e piedade, próprias dos de certa importância.

Fernando Vaz de Agomide instituiu, em 1457, um dos pequenos hospitais-hospícios comuns na nossa Idade Média, o de S. Brás, com sede religiosa em capela anexa à referida igreja paroquial de S. Miguel e a casa de recolha de enfermos colocada próximamente.

Fundara-se anos antes, em 1423, o convento masculino de S. Domingos, e depois o feminino de Jesus, em 1461.

D. João 2.°, pelo seu testamento de 29 de Setembro de 1495, estabeleceu larga casa ao filho D. Jorge, naquela forma e maneira que D. João 1.° a dera ao infante D. Pedro, em que entrava Aveiro com lezírias e ilhas de dentro da foz. D. Manuel 1.° confirmou-a com algumas reservas, lavrando-se a respectiva carta de doação a 27 de Maio de 1500. Ora algumas dessas terras tinham sido objecto de concessões régias anteriores, o que produziu diversos pleitos. Passaram em sucessão ao filho, D. João de Lencastre, criado do duque de Aveiro.

O século XVI deu à vila uma grande instituição de beneficência, um convento e nova divisão paroquial. A Misericórdia, estabelecida primeiramente numa capela da igreja paroquial, aí demorou pelo resto do século. O convento de St.° António foi fundado canònicamente em 1524, fazendo-se o edifício (depois inteiramente renovado) já fora da cerca das muralhas, para sul, a denotar a expansão que a terra já tinha.

No ano de 1572 o bispo-conde D. João Soares subdividiu o território da paróquia por quatro: a de S. Miguel e a do Espírito Santo na zona sul, a de S. Gonçalo e a da Vera Cruz na do norte (reduzidas às duas actuais em 1835, a da Vera Cruz e a da Senhora da Glória). A igreja, que era colegiada, dependia do padroado da ordem de Avis, pelo que as novas continuaram na mesma. Os edifícios que ficaram sedes já existiam como capelas.

No mesmo século XVI sofreu desastre maior que as ulteriores calamidades naturais. D. António, prior do Crato, a 11 de Setembro de 1580, entrou-a militarmente com dez mil homens, não já de tropas regulares mas da escória que se vinha juntando ao exército desbaratado. O pretendente esclareceu, em carta, o que ordenou: «mandei meter a vila a saquo enforcar e fazer justiça nos freiles e culpados»!

O séc. XVII foi o das grandes fundações monásticas. O convento masculino do Carmo e o feminino de Sá, postos no extremo da expansão da zona norte para Esgueira. Dentro das muralhas, o de S. João Evangelista (Carmelitas); o recolhimento de S. Bernardino ao lado da cortina voltada à Ria.

Em contrapartida, na segunda metade do mesmo século, a barra fechou-se de modo a impedir a navegação habitual e a inutilizar as salinas, levando à emigração grande número de habitantes e provocando em 1685 medidas fiscais, de redução do encabeçamento das cisas.

Todavia foi nesta época que se levantaram as grandes moradias que ainda existem. As principais receitas das casas nobres deviam provir essencialmente dos foros e de outros encargos impostos nas terras dos vínculos rurais. As igrejas dos mosteiros encheram-se de talhas de madeira dourada, pelas mesmas razões, além dos dotes com que entravam as novas freiras e dos subsídios que vinham de fora da terra.

Apesar da vila estar no séc. XVIII empobrecida em certa parte, pelas inundações das lezírias e submersão das salinas, foi enobrecida com o título de cidade e com a criação do bispado.

Extinto o ducado de Aveiro e regressados os domínios à coroa, no mesmo ano de 1759, por alvará régio de 11 de Abril, despacho da Mesa do Desembargo do Paço de 24 de Julho, foi passada carta a 25 de Julho em que D. José elevou a vila à categoria de

cidade. Encontra-se impressa a mesma carta, na forma da folha volante inicial, na *Collecção das Leys*, etc., *de D. Jozé o I*, tomo 2.° (Lisboa, 1765) e inserida no volume de *Appendix das Leis Extravagantes* (Lisboa, 1760) às *Ordenações do Reino*. Igualmente extinta a provedoria de Esgueira, foi criada, com a mesma extensão, a comarca de Aveiro, a 4 de Setembro de 1760.

Veio a seguir a diocese. Por efeito da proposta da Coroa, o romano pontífice Clemente 14.° creou-a, por breve de 12 de Abril de 1774. Diz-se no mesmo que era separada da diocese de Coimbra a comarca de Esgueira e, com ela, eregido um bispado. Houve contudo pequenas discordâncias territoriais, como dissemos na introdução deste volume. A diocese, vindo dar certo destaque à cidade, não a valorizou artìsticamente, porque as circunstâncias do tempo foram adversas. Falecido o terceiro bispo, no ano de 1837, governaram a diocese sucessivos vigários gerais, até ser suprimida em 1881. Restaurada a 24 de Agosto de 1938, foi-lhe atribuído território que não coincide com o da primeira época.

Ainda no séc. XVIII se tentou melhorar o escoamento das águas do rio e formar nova barra. Registamos os nomes daqueles engenheiros que igualmente trabalharam em Coimbra nas obras pombalinas, mas que em Aveiro nada parece terem deixado no domínio da arquitectura. Segundo o *Jornal de Coimbra* (anos de 1812 a 1814), Carlos Mardel fez em 1756 um plano; em 1758 houve um outro; em 1778 Guilherme Elsden, auxiliado por Isidoro Paulo Pereira e Manuel de Sousa Ramos, fez novo; em 1780-83 estes dois últimos, sob a direcção do engenheiro hidráulico Iseppi, procederam a obras. Diremos ainda que em 1791 se tentou a abertura de nova, segundo os planos de Estêvão Cabral. Só em 1808, a 3 de Abril, as águas correram pela nova barra, iniciada em 1802 sob a direcção do engenheiro Luís Gomes de Carvalho, com quem tinha trabalhado Reinaldo Oudinot até 1803. Complementar deste trabalho foi o novo alvéo do Vouga, o chamado Rio Novo do Príncipe, isto é, do regente D. João 6.°. Tem de se salientar que o rasgamento da barra se fez estando o País ocupado pelas tropas napoleónicas; demonstração das energias dum povo que se soube manter organizado e se soube sacrificar pelo bem comum, apesar dos excessos e expoliações estrangeiras. As obras continuaram, pois que Aveiro só sentiu as repercussões gerais das invasões.

Outra obra de valor citadino veio a ser a do aqueduto, construído no último quartel do séc. XVIII, desaparecido hoje.

O século actual destaca-se pela nítida expansão urbanística, valorização da barra e da zona da ria, com o natural incremento das indústrias dependentes.

PAÇOS DO CONCELHO — Levantam-se no antigo e moderno centro cívico, construídos depois que o importante agregado populacional obteve a categoria de cidade. Parece que o edifício anterior se erguia na rua da Costeira. O milésimo de 1797, gravado na própria frontaria, designará a data média da construção, que três anos antes fora arrematada.

Adaptado internamente e modificado na parte baixa da frontaria, tendo-se-lhe guardado o carácter próprio, é regular exemplo destes edifícios camarários. A torre municipal serve de dominante na composição da fachada. Pilastras da ordem toscana distribuem os vãos por cinco sectores, havendo duas sacadas em cada um dos laterais, uma no médio; ao centro agrupam-se quatro pilastras, com entablamento e frontão aberto, donde emerge o corpo da torre. O projecto é de construtor provincial, que seguiu o setecentismo mitigado, já de transição.

MISERICÓRDIA. Colocada na zona do sul, na praça que foi o tradicional centro cívico, dominando dum pequeno nível — que é boa cota nestes terrenos baixos — o sulco mediano da cidade, destaca-se como ponto primacial do casario.

*

Compõe-se da igreja e do conjunto das salas do despacho e anexos, postas ao lado esquerdo, e que ùltimamente têm sido ocupadas por serviços diversos.

A *igreja*, pela estrutura, composição, elementos e perfis, liga-se à arquitectura da Renascença coimbrã, dando até o aspecto das igrejas colegiais da Sofia a que se tivessem suprimido as capelas da nave e reduzido aos elementos essenciais.

Marques Gomes, em *A Arte e a Natureza em Portugal*, produz nomes e datas. Falta a publicação dos respectivos documentos (se não tomou as indicações de nota monográfica existente no respectivo arquivo) para se poder ajuizar do seu valor.

Se em 1585 um ilustre arquitecto fez um projecto, nada nos parece que dele se tivesse aproveitado nas obras começadas quinze anos depois; como nos convence o exame da sua obra e especialmente a que ficou em Coimbra.

Segundo o mesmo escritor, obteve-se a concessão, em 1598, dum subsídio dos réditos reais na antiga vila e termo. Em Outubro de 1599 foi de Coimbra o construtor Francisco Fernandes, que não é para nós nome desconhecido. Mestre oficial das obras da cidade de Coimbra no princípio do séc. XVII, já fora

não só o construtor da igreja do Carmo da mesma cidade como também o autor do seu projecto, como hoje acreditamos, posto que ainda estivéssemos duvidosos quando escrevemos o volume do inventário daquela cidade. A mesa da Misericórdia recorreu pois a homem de nome feito. Se Fernandes tiver sido o filho dum certo imaginário, que nasceu perto do meado do século, entrava então na idade madura.

Começaram as obras a 2 de Julho de 1600, sendo construtor Gregório Lourenço, do Porto, aonde nos aparece em trabalhos de anos atrás. De 1603 a 1606 superintendeu Francisco João, simples aparelhador tempos antes; sucedendo-lhe até 1612 Jorge Afonso. Este, como diremos no lugar próprio, arrematou a construção da igreja de Esgueira (1617), licitou nos pontões de Segadães e Almeara (1616), foi o arrematante do tapamento dumas quebradas do rio Vouga (1627) isto é, grande construtor regional ao tempo. A obra de Esgueira mostra-nos o seu nível e aclara que na Misericórdia se limitou a executar projecto de outro.

Diz ainda Marques Gomes que «em 1623 ficou concluído o corpo da igreja, feita a porta principal». No alto dos batentes de madeira da mesma ainda se conservam as letras de bronze *Mia* (misericórdia) *1622*.

A capela-mor demorou. Foi-lhe destinado em 1630 um subsídio dos réditos reais da região, que não teve efeito, e só com a concessão dum novo em 1646 se pôde construir ou terminar, levando de Julho de 1651 a Setembro de 1653. O mesmo autor liga-lhe o nome de Manuel da Azenha, de Ançã, e cita os nomes de sete pedreiros que aí trabalharam, além de três canteiros-decoradores. Este mestre não está ainda documentado em Coimbra, o que não admira, visto ter sido insignificante a indagação documental acerca desta época. A região do baixo Mondego conserva deste meado do século obras do mesmo nível desta, tanto no volume como na técnica e estilo, em igrejas e muito principalmente em capelas fúnebres ou devocionais, nas quais se empregaram tipos e variantes de abobadamento em caixões, desde o de esteira, isto é, plano, ao de cúpula. O emprego e continuação de fórmulas velhas de um século no grupo conimbricense não nos permite garantir que toda a obra da capela-mor lhe pertença como projecto ou se seguiu, até certo ponto, um anterior. Na cimalha, tratada como entablamento, nota-se desconexão: a arquitrave continua os perfis dos capitéis do arco-cruzeiro, sobrepondo-se-lhe friso e cornija mais ricos; a própria abóbada subiu levemente acima da altura que inicialmente estaria calculada.

Na primeira criação do bispado aveirense, no séc. XVIII, serviu esta igreja de sé.

*

Francisco Fernandes, simplificando o tipo de igreja monástica-colegial de Coimbra, produziu excelente exemplar de uma só nave e capela-mor, com abóbadas. Não seguiu o tipo das igrejas das Misericórdias que é de topo plano, sem capela-mor (ao qual se juxtapõem os três altares), com tribuna dos mesários num dos flancos. Deu-lhe porém um coro alto, sobre abóbadas, como naquelas outras igrejas, em ligação com as casas do despacho, postas à esquerda, a cercarem um pátio e a sugestionarem edifício conventual.

Compõe-se a igreja do corpo, alto e de fortes paredes, tendo porta principal e duas travessas, rasgadas a meio dos flancos, em cada um destes três altas frestas rectangulares, de esbarro para um e outro lado, cobertura de abóbada de quartões, coro alto de abóbada, arco-cruzeiro completado de elementos em ligação com a arquitectura geral; de capela-mor rectangular, dotada de abóbada pétrea e de quartelas mais complicadas que as do corpo, três frestas a cada lado, altas, de esbarro e circulares no alto.

Particularizaremos.

A *abóbada do corpo* é mais simples que a da capela, como era do costume. Toda de pedra da região de Ançã, de geratriz semicircular, apresenta-se repartida em onze séries de sete quartelas. Os arcos e cadeias que formam estas têm só molduras; são lisos os claros. Assenta no entablamento geral, liso, onde se destacam dentículos na cornija e no friso mísulas, que correspondem aos arcos da cobertura. Este entablamento atravessa o topo do arco-cruzeiro, fazendo corpo com a sua composição. Apesar da robustez das paredes, a abóbada deu ligeiramente, como se vê da falha medial.

O *arco-cruzeiro* constitui boa página arquitectónica do tempo. Até às impostas é simples; aos lados da volta levantam-se duas pilastras jónicas levemente misuladas, que enquadram o arco e suportam o entablamento geral; acima deste, já na luneta da abóbada, forma-se o remate, tendo a meio nicho rectangular, de pilastras e frontão.

As seis janelas rectangulares dão luz suficiente.

Fernandes traçou um *coro alto* como nas igrejas monástico-colegiais conimbricenses. A geratriz da sua abóbada segue o arco em asa-de-cesto, mais acomodado ao pavimento superior. Divide-se igualmente em duas séries de sete quartelas simples. Repousa em cimalha em forma de entablamento, suportada por mísulas. O anteparo, feito igualmente de cantaria, compõe-se de colunelos toscanos, separados em cinco grupos por pilaretes, estes de colunita frontal.

As paredes da *capela-mor* mostram a parte baixa lisa, onde só se rasga a porta da sacristia, a alta cortada de três janelas em arco, fechadas porém as da esquerda; segue-se cimalha que não é mais, como dissemos atrás, que a continuação das molduras dos capitéis das pilastras do arco-cruzeiro. Até a este ponto poderia ter sido o traçado do primeiro mestre. Normalmente deveria nascer daqui a abóbada, mas não: apoia-se-lhe um friso e a respectiva cornija, mais ricos, como mais rica é a própria abóbada. Forma três séries de cinco quartões. Os arcos e as cadeias são duplos, cruzando-se nas intercepções e produzindo com os claros um diagrama decorativo em que grandes quadrados são separados por losangos alongados, diagrama vulgar na decoração do tempo. As molduras salientes ornam-se de óvulos, havendo florões nos entrecruzamentos; os claros imitam recruzetados que se completam de elementos de cartelas. A cornija do entablamento é modilhonar, assentando no friso mísulas aos pares, que correspondem aos arcos superiores, ficando intermèdiamente querubins. Equipara-se às existentes do final da Renascença do centro artístico coimbrão e é bom exemplar da sua actividade.

Abóbada e paredes foram, nos meados do séc. XVIII, douradas e pintadas, havendo sob as janelas grinaldas e imitações arquitectónicas; pretendendo-se evitar o contraste entre o dourado do altar e a frieza da pedra branca.

Encosta-se a *sacristia* ao lado do evangelho, quadra de dimensões acomodadas e coberta de abóbada mas baixa; esta é simples, formada de quatro séries de cinco caixotões. No topo, acima do arcaz, há nicho de pilastras e frontão. Nesta parte, como em igual lugar do nicho do cruzeiro, destaca-se um pelicano, mero símbolo de Cristo e nada mais. Igualmente de calcário e do tempo é o lavabo, grande, enquadrado de pilastras-misuladas.

O *exterior da igreja* produz severo efeito, pelas suas linhas rectilíneas, apresentando cunhais tratados como pilastras toscanas, boa cimalha adintelada, altas cruzes nas empenas, pirâmides sobre pedestais não só nas esquinas mas ainda a dividir a linha do beirado, campanário na parede da esquerda, junto à frontaria, decorado de pilastras, friso e remate.

Aplica-se á frontaria a regular página do *portal*. Já não é traçado de Fernandes, que estaria já velho ou falecido à altura da sua execução; o do seu projecto seria mais clássico, como atestam as portas travessas. Este é perfeito exemplar coimbrão da última Renascença, já de influência clássica, pela adopção das fórmulas dos arcos triunfais da antiguidade. Aquilo que lhe parece dar carácter próprio é o desenvolvimento do segundo corpo, quando no comum era substituído pelo remate, como o exigia o habitual e limitado espaço, tal acontecendo na universitária porta-férrea; era a fórmula dos portais externos, das entradas das capelas devocionais dos interiores, dos retábulos pétreos, quando estes deixaram de decalcar os esquemas da primeira Renascença. Segue a fórmula de duas ordens sobrepostas: a de baixo coríntia, compósita a outra, de colunas sobre pedestais, formando pórtico entre dois intercolúnios, sendo o arco substituído na segunda por grande nicho. Cavam-se nos intercolúnios da zona da porta dois outros nichos mas pequenos. Aquele encerra grande escultura da *Senhora da Conceição*, estes as dos *St.os Pedro e Paulo;* igualmente das oficinas coimbrãs, decadentes, seguindo modelos anteriores. Ao escudo nacional do remate caíram os emblemas, vendo-se em fotografias antigas restos dos castelos da bordadura.

Passando ao interior, deparamo-nos com as *retábulos colaterais* ainda de pedra, o que começava a ser excepção, altos e estreitos. O autor citado atribui a sua execução aos mesmos canteiros-decoradores da abóbada da capela, o que poderia ser. Ligam-se inteiramente à obra das oficinas coimbrãs do meado do séc. XVII. As pilastras que as compõem ornam tanto a frente como se repetem no interior dos nichos, não excedendo a altura das impostas do arco, que é em asa-de-cesto, seguindo-se mísulas até à cornija; como remate, simples rectângulo, a encerrar rótulo alongado, terminado em frontão interrompido. Foram pintados em diversas épocas e juntaram-lhes complementos modernos.

O púlpito, de calcário, assenta em duas mísulas.

O *retábulo principal* foi executado em madeira dourada no terceiro quartel do mesmo séc. XVII. Citam-se cinco nomes de entalhadores mas sem discriminação de mestres e oficiais.

Segue a forma clássica de sobreposição de duas ordens de colunas coríntias, caneladas, de terços decorados, assentes em pedestais corridos, havendo nos entablamentos avançamentos intercambiados. A composição de cada corpo forma largo espaço central e dois intercolúnios; o remate subordina-se ao óculo oval da arquitectura. O ornato é o das espiras de acanto a que se juntam pequenas aves. As pinturas são em tela, do mesmo séc. XVII e correntes, executadas sobre modelos do fim do século anterior. No corpo alto está grande tela da *Senhora da Misericórdia*, ladeada das da *Visitação* e *Anunciação*. Em cada intercolúnio de baixo sobrepõe-se duas pequenas: *St.º António* e *St.ª Teresa* à direita, *St.ª Ana* e o dominicano *S. Raimundo* na parte contrária. Assenta o retábulo em mísulas de pedra, do tempo. Foram feitas pequenas reparações na talha e retoques na pintura.

Além de esculturas de pequeno tamanho e nível, há a anotar duas de madeira. *Senhora da Conceição* do séc. XVII, grande, agora na falsa janela central da esquerda da capela mas que era do colateral do mesmo lado. *Ecce-Homo*, dos fins do séc. XVII, barroco inicial, pouco comum, impressiva e devocional; representa Cristo desnudado e sentado, homem na idade viril, magro; o escultor pormenorizou e acentuou a anatomia, sem a conhecer convenientemente, interpretando os valores com certa liberdade.

Teia de madeira exótica reserva o espaço fronteiro aos retábulos colaterais e continua-se até às portas travessas, assente num degrau, de simples balaústres torneados mas com anilhas e aplicações de latão recortados nos frisos, repetindo-se nestas a data de 1676.

Neste espaço, ao lado fronteiro ao púlpito, colocaram comprido banco de alto espaldar, destinado à mesa administrativa. Pertence à segunda metade do séc. XVIII. O banco é corrido, de madeira escura, tendo curvos os pés. O espaldar, alto, înteiramente dourado, constitui peça muito decorativa; trabalhado em fino concheado, repete doze vezes o mesmo tema, sendo dominado de vasta cabeceira, rematando com o escudo nacional; foram os panos preenchidos de leve pintura a grisalha, com delicados temas igualmente concheados, que o atrito tem apagado.

Deixou esta segunda metade do séc. XVIII, além desta peça, sanefas de madeira dourada, de temas arquitectónicos do mesmo estilo concheado, época josefina, colocadas acima de vãos: duas grandes nas portas travessas, quatro nas janelas do coro, e a mais delicada acima do púlpito. Uma moldura de espelho, restaurada, da época de D. Maria 1.ª, conserva-se na sacristia.

Junto ao altar-mor vêem-se duas credências maciças, de talha do fim do séc. XVII, com bastantes elementos modernos e bem executados.

Aquilo que mais impressiona nesta igreja, a seguir à arquitectura, é o revestimento de *azulejos*, policromos, dos padrões do séc. XVII e de fabrico lisbonense. Revestem as paredes do corpo, as partes livres do arco-cruzeiro, à excepção dos panos acima do coro-alto. Há um alisar da altura das portas, de tipo de florões entre composição envolvente feita por tarjetas entreligadas; a parte acima, a maior, é de quadróbulos e florões. Na sacristia a zona inferior é formada de grandes rosetas, completadas de temas foliados; a alta, menos comum, sugere um tecido, cujo padrão é feito de linhas sinuosas e contrapostas, encerrando florões. Apuseram à frontaria, em 1867, um inteiro revestimento de azulejos comuns, de estampilha.

Em 1607 a Mesa intentava forrar toda a igreja a azulejos azuis e verdes, tendo mesmo chamado um fabricante de Coimbra, Matias Fragoso, conforme documento publicado pelo Sr. Dr. A. do Souto.

Há na sacristia uma tábua, em forma de luneta, de pintura do séc. XVII, corrente mas agradável, representando uma *Verónica* (Cabeça de Cristo pintada num pano) que dois anjos incensam.

A custódia de prata dourada, do séc. XVII, é dotada de larga auréola de raios alternadamente ondulados e direitos, tendo cada um destes uma estrela na ponta. Está marcada com um A cercado de pontos, do contraste citadino, e com F do ourives.

Ao lado esquerdo ergue-se a casa do despacho, construção relativamente vasta. Desenha, em plano, chavetão rectangular, deixando por isso pátio intermédio. Provém do séc. XVII. A fachada da mesma, oposta ao flanco da igreja, é formada de colunata e de varanda, igualmente de colunas, que são dóricas num e noutro lado. As de baixo firmam-se em pedestais, cilíndricos por simpatia. Formam sete vãos, além do espaço lateral da escada encostada. As sacadas do exterior, restauradas, são de lintéis com cornija, bacias pouco salientes sobre dois cachorros.

IGREJA DO CONVENTO DE S. DOMINGOS — Hoje *Sé*.

O cronista fr. Luís de Sousa ministra raras notas cronológicas do edifício, algumas delas pouco seguras ou mesmo erradas. Afirma que foi fundado pelo infante-regente D. Pedro em 1423; o que é incerto em relação ao infante mas deverá ser verdadeiro quanto á data, pois que refere breve pontifício de autorização, de Martinho 5.º, de 19 de Fevereiro de 1423. Que base tivesse para dizer que a primeira pedra tinha sido lançada a 23 de Maio seguinte não sabemos, pois que as circunstâncias do acto têm aparência de reconstituição sua, apoiando-se no que costuma acontecer. Equivocada é a afirmação que a igreja fora sagrada em 1464, pelo bispo conimbricense D. Jorge de Almeida, o qual só começou a governar uma vintena depois. Que o infante protegesse o convento parece ser certo, e é de presumir que o bispo tivesse certa atenção com ele, era da sua diocese e, por causa da princesa St.ª Joana, muito tempo teve de demorar por Aveiro.

As cruzes da sagração que se conservam demonstram só que se procedeu a tal acto; a sua forma não precisa época, porque esse desenho (cruz traçada por arcos de círculo, com uma circunferência por contorno) foi considerado clássico, usado em diversos tempos e chamado mesmo *cruz de sagração*.

Teve por primeiro titular Nossa Senhora do Pranto ou da Piedade, passando pouco depois ao de Nossa Senhora da Misericórdia, para se evitarem confusões com o convento de Azeitão.

Construíram o convento na periferia e a sudeste do núcleo da antiga vila, em espaço que depois foi abrangido pela cerca de muralhas, no recanto demarcado pela rua da Corredoura, que estabelecia a ligação correntia entre a porta da Ribeira e a do Sol, próxima da igreja.

Só a *igreja* se conserva. A planta é singela: corpo e capela-mor, rectangulares. As capelas que a um e outro lado do corpo se alinham são de eixo perpendicular ao da nave e provêm de rasgamentos sucessivos, para fins devocionais e fúnebres. A capela-mor é profunda, o corpo tem o âmbito comum às boas igrejas paroquiais. As paredes da nave devem repousar nas primitivas fundações, tendo sido renovadas; as da capela-mor são as iniciais, só levemente aumentadas em altura, como se vê dos cunhais posteriores, que são de boa silharia e marcados de siglas do tempo.

Do séc. XV conserva-se ainda o *campanário*, colocado à altura da parede do arco-cruzeiro, para a parte da esquerda, aquela que ocupava o convento; tem duas ventanas em arco quebrado, dispostas em ângulo recto, voltada uma para a frente e outra para a própria capela-mor.

As principais modificações do corpo podem-se reduzir a três períodos: harmonização das capelas, pela sua reconstrução dentro dum tipo aproximado, na segunda metade do século XVI e no XVII; construção de nova fachada, em 1719; obra do coro alto e do tecto geral, em volta do meado do séc. XVIII. Cerca desse mesmo meado foi reformada a capela-mor. A torre é acrescento dos tempos modernos.

A *capela-mor* ficou inicialmente vasta, pela necessidade de conter o cadeiral e deixar espaço reservado às cerimónias do altar. Se a cimalha da direita foi reerguida, parte da contrária deverá conservar-se no primitivo nível. Rasgaram-lhe quatro janelas no século XVIII e fizeram novo e alto arco-cruzeiro. Os pés direitos destes alargaram em virtude da pressão da nova abóbada (de tijolo, segundo parece) a que as paredes antigas não deram suficiente segurança. A seguir aos cadeirais cortam-se duas portas de serviço.

Assenta no fecho do arco um rótulo de ornatos próprios do meado seiscentista, encerrando o brasão dos padroeiros, das mesmas partições e móveis do que se encontra no túmulo de D. Catarina de Ataíde.

O modo por que veio a capela a estes padroeiros aclara-o tanto a inscrição do arco tumular como breve ementa do cronista. Diz este que, em 1551, ano do falecimento de D. Catarina (28-Setembro), Álvaro de Sousa fez contrato com o vigário-geral da província portuguesa, fr. Aleixo de Solier, da capela ficar jazigo seu e dos descendentes, com missa quotidiana, a troco dos vinte mil réis de juro que D. Catarina deixara, quantia a que o epitáfio da mesma se refere.

Este *arco tumular* corta-se à parte do evangelho. Feito de calcário, provém de oficina coimbrã, e devia ter sido executado logo nos princípios do decénio de 50, como o estilo e a data do óbito e do contrato indicam. Compõe-se dum arco entre pilastras, que assentam em alto basamento, e que suportavam entablamento direito. Em época e com razões desconhecidas cortaram o entablamento, os capitéis e bases das colunas, os dois bustos das cantoneiras, moldura do basamento, isto é, o que fazia saliência. Ornam-se as pilastras de pendurados em que predominam emblemas da Paixão. O arco é introduzido por colunas de pequeno módulo, e aprofunda-se em espaço de breve tramo de abóbada, a qual é repartida às quartelas, decoradas de rosetões. Na luneta do topo está o escudo das armas dentro da coroa de folhagem que dois anjitos seguram. Pousa dentro do vão, arca singela que, pelas dimensões, não deve passar de osteoteca. O basamento geral poderia servir de túmulo.

O brasão não é pròpriamente o que deveria pertencer a D. Catarina, mas ao pai, Álvaro de Sousa, que nos quartéis representou a linhagem paterna e materna, o primeiro e quarto daquela, os outros desta: esquartelado; 1.° contra-esquartelado de Portugal-antigo e de uma caderna de crescentes, por Sousas; 2.° leão rompante de Silvas; 3.° cinco estrelas de Coutinhos; 4.° seis arruelas de Castros. No museu regional há idêntico brasão do séc. XVI, provindo de igreja diversa.

O letreiro da caixa tumular diz em capitais:

AQVI.IAZ.DONA.CATERINA.DE.
TAIDE.FILHA.D ALVARO.DE.
SOVSA
E.DE.DONA.FILIPA DATAIDE.NE-
TA.DE.DIOGO.LOPEZ.DE.SOVSA.
E.POR.SER.DEVOTA.DESTA.CASA.
LHE.DEIXOV.VI(N)TE.MIL.
RE(I)S.DE
IVRO.TEM POR.ISO.MISA.COTIDI-
ANA.E.LHE.DERAÕ.A.CAPELA
5 A.ELA.E A SEV PAI.E MAI.E.ER-
DEIROS.DESCENDENTES
FALECEO.28.DE.SETENBRO.DE.
1551.ANOS
E.A CAPELA.HE.ESTA.EM QVE IAZ

A última linha teve de ser gravada no listel da moldura inferior e em capitais de menor tamanho.

D. Catarina de Ataíde, dama da rainha D. Catarina, era filha, como ali se diz, de Álvaro de Sousa e de sua primeira mulher D. Filipa de Ataíde, neta paterna de Diogo Lopes de Sousa-o-Moço, 20.° senhor da casa de Sousa (de que tratamos em Oliveira do Bairro) e de sua segunda mulher D. Maria da Silva, dos senhores de Vagos; casou com Rui Pereira de Miranda, senhor de Carvalhais, Ílhavo e Verdemilho, do qual foi primeira mulher.

O padroado da capela-mor passou de Álvaro de Sousa, senhor de Eixo, Requeixo, Paus e Ois da Ribeira, ao filho Diogo Lopes de Sousa e deste, como falecesse sem geração, ao irmão Vicente de Sousa, o qual, morrendo em 1606, deixou o padroado, além da sua fazenda, a Diogo Lopes de Sousa, segundo conde de Miranda, em cuja casa continuou. A casa de Miranda usava as armas plenas dos Sousas, isto é, esquartelado de Portugal-antigo e da caderna dos crescentes.

O vasto *altar-mor* de madeira entalhada, dourada e policromada, da segunda metade do séc. XVIII, já não é do tempo dos frades; veio da demolida igreja de Vera-Cruz, tendo sofrido acomodações. Trabalho corrente, de grande camarim, acompanhado de duas colunas a cada banda e com mísulas intermédias para esculturas, avançando as centrais, sendo o ornato do concheado. Ao lado esquerdo, *Virgem*, de madeira policromada, panejamentos agitados, da segunda metade setecentista, comum.

O retábulo antigo, segundo se deduz de fr. Lucas de St.ª Catarina, seria de duas or-

dens de colunas, com nichos nos intercolúnios laterais; no vão central da zona de baixo o sacrário e na do alto a tribuna do trono; esta era fechada por quadro da Senhora da Misericórdia; ficando nos nichos inferiores S. Domingos e S. Francisco, nos da zona alta S. Tomás e S. Pedro mártir, que poderão ser algumas das esculturas avulsas que andam pela igreja.

As vergas das janelas e das portas foram completadas de talhas setecentistas. Do mesmo tempo é a caixa do órgão, de tamanho médio, com balaustrada e os remates dos panos da tubagem decorados.

O *cadeiral* compõe-se de duas ordens de cadeiras e respectivos espaldares, havendo a cada parte onze cadeiras em cima e oito em baixo. Dividem-se os espaldares em cinco panos (correspondendo cada um a duas cadeiras) e um menor, de canto; são separados por pilastras-misuladas e coríntias, postas aos pares; sendo a decoração de tarjas e enrolamentos de acantos do terceiro quartel do século XVII. A madeira está hoje simplesmente encerada, por se ter perdido o ouro que outrora os cobria inteiramente.

Os panos das cadeiras foram preenchidos na primeira metade do séc. XVIII de boas telas lisbonenses, de oficina ou artista que desenhava bem, conhecia efeitos de panejamentos e de luz, mas que devia trabalhar sobre gravuras ou modelos de fora, como ali e na época era de hábito. Prejudicados pelo tempo, foram ageitados deficientemente. São obras muito graciosas e dignas de cuidados. Representam oito figuras femininas e catorze masculinas, de santos da ordem dominicana. A melhor pintura deste tempo que se vê na cidade.

Deixámos dito, relativamente ao *corpo da igreja*, que só as fundações serão primitivas, que as capelas foram remodeladas na segunda metade do séc. XVI e no seguinte e que, pelos meados do séc. XVIII, se fez o coro alto e o tecto geral. Santa Catarina refere cinco nomes de priores em cujo tempo se fizeram as remodelações mas, como não indica datas nem dá pormenores, nada é de aproveitar. Luís de Sousa era grande estilista mas historiador de menor nível; Santa Catarina nem uma nem outra coisa.

O *tecto* é de estuque, semelhando quatro tramos de abóbada de aresta. Em cada tramo abriram grande óculo oval e deitado. Não lançaram abóbada de tijolo porque as paredes não tinham a robustês suficiente.

O *coro alto* ocupa o tramo da entrada; levanta-se em três arcos sobre pilares, dispostos sob plano reentrante para o lado da frontaria. Na altura da sua construção modificaram a parte alta das duas primeiras capelas; as entradas das restantes capelas tiveram novas impostas mas de madeira.

A remodelação das oito *capelas* obedeceu à preocupação de dar ao conjunto a harmonia de certas igrejas monásticas do tempo, como as coimbrãs, de uma só nave com capelas paralelas e servidas por abertura de interligação. Não foi obra conjunta mas feita com persistência. Deu o módulo a primeira capela à direita. As entradas não têm o mesmo desenho, mas cada par fronteiro segue o mesmo tipo. Por este motivo partiremos da capela-mor e faremos a descrição seguindo esses pares.

A primeira capela à mão direita está datada de 1559. Letreiro com aspecto desse mesmo século, cravado na passagem para a imediata, esclarece:

ESTA.CAPELA.HE D
IOAM.DAL.BVQVERQE
TEM.MISA.CADA DIA
4 ELE.A DOTOV.

Era a capela instituída no fim do séc. XV por este fidalgo, senhor de Angeja, aonde esteve o seu túmulo, que agora se encontra no museu regional. Segundo Sousa, foi chamada primeiramente da Anunciação e, no seu tempo, de Jesus. O arco da entrada tem na face do vão de cada pé direito uma coluna coríntia, acompanhada de pendurados nas mesmas faces; na frente da volta ressaltam querubins; decoração sóbria, já artificianal, inferior à do túmulo referido, que é da mesma década. Este arco seria o que deu a escala para a normalização das entradas das capelas.

Cobre-a tecto de madeira entalhada e dourada, de esteira, isto é, de tipo plano, completando-o um alto friso do mesmo gosto. Os claros foram decorados em policromia, de enrolamentos de acanto e folhagens, produzindo bom efeito. Pertence ao fim do séc. XVII. Da mesma época é o retábulo, entalhado e dourado, de dois arcos torcidos, com as correspondentes

colunas enramadas de vinha. No fim do século passado cortaram a parte central do retábulo, para dar vista a cenográfico camarim, que rasgaram atrás e decoraram de estuques. A mesa do altar é já setecentista.

A capela fronteira, a primeira à esquerda, abre-se por arco do séc. XVII, que imita o outro mas duramente. O tecto, igualmente em esteira, de madeira dourada, forma quatro séries de quatro painéis, possuindo igualmente desenvolvido friso e dando o conjunto bom efeito, que datará cerca do decénio de 70 de seiscentos. Os claros são porém preenchidos de telas, do séc. XVII, bem como os altos panos do friso, representando uns e outros cenas da vida de *Cristo* e da *Virgem*. O seu estado de escurecimento não deixa ver convenientemente as cenas, nem ajuizar do merecimento, que não passa todavia de comum.

O retábulo é bom exemplar da segunda metade do séc. XVIII, de madeira ornada de concheado, de camarim e quatro colunas, em avançamentos diversos, glória solar e anjos acroteriais; está dourado e policromado.

Destaca-se a escultura da *Virgem e o Menino*, obra nada vulgar no séc. XVII, graciosa na atitude e cuidada nos pormenores.

Há aqui azulejos policromos, a que adiante nos referiremos.

Na passagem desta capela para a seguinte, empregaram a servir de vulgar cantaria fragmentos de campas fúnebres com letreiros dos sécs. XVI ou XVII e ainda, na cobertura, uma outra de grandes letras do gótico minúsculo do princípio da séc. XVI.

A segunda capela da direita, reservada hoje ao Sacramento, data do séc. XVII. São caneladas as pilastras da entrada. A abóbada é a única de caixotões de pedra (quatro séries de seis) desadornados. Não tem pròpriamente retábulo.

A fronteira, segunda da esquerda, data igualmente do séc. XVII, e o arco imita o da anterior. A instituição de capela-legado fez-se no século seguinte; letreiro acima da entrada da passagem da direita diz:

ESTA CAPELLA HE DE FRÃ
CISCA SOARES DONNA VI
VVA QVE FICOV DE IOAÕ PI
RES TAIPINHO A QVAL COM
5 PROV E DEIXOV MISSA QVO

TIDIANA PERA O Q(VE) HERDOV
ESTE CONV(EN)TO TODA SVA
FAZENDA
NO ANNO DE 17 *(incompleto)*

Vê-se estucada a abóbada, de traçado curvo, que poderá ser de tijolo. O retábulo do tipo final setecentista e corrente foi repintado; as esculturas são modernas umas, outras sem interesse.

A terceira capela da direita, de arco, ornado só de pilastras caneladas, cobertura curva e lisa, de abóbada de tijolo, contém o retábulo da *Visitação*. Grande lápide, posta à direita, encimada das armas dominicanas e do emblema do cão com o facho, diz em capitais, com abreviaturas, letras conjuntas e inclusas:

NESTA.S(EPVLTVR)A.ABAIXO.
ESTAA.DI
OGVO.G(ONÇA)L(VE)Z.E.M(ARI)A.
ARRAIZ.E.
SVAS.F(ILH)AS.E HO P(ADR)E.
M(ANO)EL.G(ONÇA)L(VE)Z.
SEV F(ILH)O.ABA
DE.QVE FOI.DA IGR(EI)A.DE
RIBEIRAÕ
5 ARC(EBIS)P(A)DO DE BRAGA.HO
QVAL FES ES
TA CAPELA.E DOTOV DE RENDA
SVFICIENTE. PERA LHE DIZEREM
DVAS MISSAS CADA SOMANA.A TOS
TAÕ.E.HV(M) OFFICIO DE TRES
LICÕES
10 COM SVA MISSA CA(N)TADA.E(M)
CADA HVM
ANO DE Q(VE) DARAÕ.600.DEIXA
POR TES
TAME(N)TEIRO E ADMINISTRADOR
DESTA
CAPELLA.AO PRIOR.Q(VE) HE.E
FOR.E A F(A)Z(EN)DA DE RA
IS Q(VE) SE AGIAR HE DESTA
C(A)P(EL)LA.CONFORME HO
15 TESTAMENTO.Q(VE) FICA NO DE-
POSITO DESTE CO(N)VE(N)TO.
HERA.1594.

O retábulo de calcário pertence à renascença coimbrã da última vintena do séc. XVI; figuras duras, panejamentos sóbrios, descal-que dos tipos e composição de boa época. Com-põe-se de dois corpos; o inferior e principal, vasto, delimitado por dois pares de colunas coríntias, encerra a *Visitação*, em forte relevo, composto de seis figuras. O de cima foi mutilado ao centro, conservando dois nichos entre

pilastras onde se destacam os *St.os João Baptista* e o *Evangelista*. Num rótulo foram gravadas as letras FD, cuja interpretação não é fácil de fazer.

A capela fronteira, igualmente a terceira desse lado, mostra a volta da cobertura estucada. A *Senhora da Conceição* segue o tipo do séc. XVIII, vestidos agitados, mas corrente.

A quarta capela da direita já está sob o coro; posto que do séc. XVII, sofreu alterações com a obra daquele. O retábulo de madeira dourada provém dos meados do séc. XVII; contendo quatro colunas caneladas, em forma espiralada as laterais, em linha quebrada as centrais, e tendo nos terços medalhões como bustos de santos; nos pedestais figuras igualmente de santos e no espaço médio deles uma *Anunciação*. A escultura da *Virgem e o Menino* data do séc. XVII e a *St.a Luzia*, igualmente de madeira, graciosa, do séc. XVI.

A última capela, fronteira, igualmente modificada ao tempo do coro, encerra um retábulo de pedra dos fins do séc. XVI ou princípios do seguinte, da renascença coimbrã decadente. Duas pilastras laterais e dois balaústres intermédios dividem-no em três espaços. Foi pintada num dos rótulos a data de 1631. Encerra, na parte central, uma pintura em tábua com a *Senhora da Misericórdia* e, em cada das laterais uma sobreposição de quatro bustos de santas e santos dominicanos.

Esta pintura ilude; é produto de homem muito inábil, trabalhando sobre modelo mais antigo, mas revelando a sua época por diversas particularidades; obra executada nos fins do séc. XVI ou no começo do imediato.

Sob a mesa vê-se *Deposição no túmulo*, de pedra, tendo as habituais figuras, de execução inteiramente decadente.

A frontaria da igreja apresenta-se como alto e estreito alçado arquitectónico aplicado só à parte média, a da nave excluindo as zonas das capelas, feito em 1719, como ali se lê. Forma vasto rectângulo, que decoram dois pares de pilastras dóricas, dominadas de entablamento direito; havendo acima deste só o remate médio e pináculos bolbosos, cada um na perpendicular duma pilastra. No espaço a meio aplicaram inferiormente o *portal*, da mesma família ou oficina do que pertenceu ao antigo colégio de S. Pedro de Coimbra (1713), e de temas paralelos aos dos retábulos barrocos do tempo; dois pares de colunas torcidas, as centrais mais avançadas, entablamento direito, pequenos ramos de frontão interrompido, dentre os quais se levanta o breve remate, ladeado de pilastras misuladas, destinado a conter o brasão conventual; apoiam-se nos ramos do frontão e no remate as figuras da Fé, Esperança e Caridade, obras duras, artificianais. O brasão está muito corroído, só se notando que teve bordadura, podendo ter sido tanto o nacional, indicativo do padroado régio, como o dominico. Rasgam-se entre as pilastras altas frestas rectangulares. O óculo acima do portal deve ser da reforma do século XVIII, quando abriram os da nave.

O brasão dominicano usado entre nós era: escudo gironado, o 1.º de preto, o 2.º de prata e assim os seguintes; cruz florida e firmada no campo, partida das cores do campo intercambiadas; bordadura dividida em oito peças ou escaques pelo traçado do gironado, com as mesmas cores deste intercambiadas, cada escaque carregado de uma estrela de ouro; timbre, coroa de estrelas de ouro.

Anteriormente à construção deste portal havia alpendre e púlpito destinado à pregação ao ar livre.

Os *púlpitos*, fronteiros e colocados nos espaços entre as primeiras e segundas capelas, têm bacia de pedra, do tipo do final do séc. XVII, e balaústres torneados, de madeira exótica, com metais recortados. O do evangelho mostra a data de 1678 no friso da porta e a de 1699 na bacia; a data própria é esta, aquela deverá comemorar qualquer obra anterior. O fronteiro, no friso da porta, a de 1745; poderá ser a da execução do mesmo, em imitação total do fronteiro. Vê-se aproveitada no piso do primeiro a campa dum prior conventual.

A *sacristia* dispõe-se em linha perpendicular à da capela-mor, pois que ladeava uma ala transversa do claustro; simples e baixa, de abóbada de tijolo em curva seguida. Fr. Luís de Sousa refere-se à sacristia velha que um incêndio destruiu.

Há diversos *azulejos*, espalhados no edifício. A primeira capela à esquerda é envolvida de alizar, que invade a escada do púlpito, de fabrico lisbonense, do séc. XVII, policromo, desenhando recruzetados e quadróbulos. Colocaram no terceiro quartel do séc. XVIII, nos espa-

ços livres do corpo da igreja, panos de azulejos de fabrico de Coimbra; formam-lhes o enquadramento os temas de concheado próprios destes centro; os panos pequenos contêm uma haste floral e uma legenda do culto mariano; os que ficam inferiores aos púlpitos simples paisagens; os da entrada, *S. Domingos* ao qual aparece a *Virgem, S. Gonçalo de Amarante;* junto ao cruzeiro, novamente *S. Domingos* e *S. Tomás de Aquino*, figurados com asas.

Entre as esculturas avulsas mencionaremos: *S. Sebastião*, de pedra, de oficina coimbrã do princípio do séc. XVI, gótica e comum; *Virgem sentada com o Menino*, colocada na frontaria, perto da torre, pequena, de pedra, gótica, dos sécs. XV-XVI, popular; *S. Domingos* e *S. Francisco*, de madeira, grandes do século XVII e correntes.

Colocaram avulsamente na capela-mor um baixo-relevo e um frontal de madeira. O relevo, de boas dimensões, separado de qualquer retábulo, representa a *Descida do Espírito Santo*, obra bem goivada mas dentro do nível comum aos retábulos, do séc. XVII, já sem a policromia inicial. O frontal de madeira dourada, do meado do séc. XVIII, lavrado em baixo-relevo, imita os bordados do tempo; mostra ao centro o escudo da ordem dominicana.

Um tocheiro pascal, de madeira entalhada, do séc. XVIII, repintado, gasto do tempo, tem o nó formado de três crianças-sereias de caudas entrelaçadas.

Conserva-se boa estante de coro, de madeira exótica e metais recortados, do séc. XVII, reformada no fim do século passado.

Nas duas primeiras capelas suspenderam molduras ovais com telas postas de um e outro lado, com a *Paixão* e a *vida da Virgem*, do séc. XVIII, pintura secundária, que serviam apenas de pequenas bandeiras processionais.

Há grandes livros de coro, em pergaminho, com letras iniciais decoradas, do séc. XVIII, provenientes dos conventos de S. Domingos e Carmo.

A torre nova levanta-se à direita da frontaria, datada de 1869, mas inaugurada sete anos antes.

Aproveitaram, como se vê nos degraus, muitas campas sepulcrais, que poderiam ter provindo tanto do destruído claustro, como do pavimento da igreja.

Um dos sinos tem as legendas em gótico quadrado, dos sécs. XV-XVI, mas a situação que ocupa não nos permitiu fazer a leitura.

CRUZEIRO DE S. DOMINGOS — Só o nó e a cruz são antigos. Provém de oficina coimbrã do séc. XV final.

Consta o nó de duas partes. A inferior, terminação da coluna primitiva, é simples moldura cavada, na qual assentam as quatro figuras emblemáticas dos Evangelistas. A de cima forma o corpo principal; quadrado na parte alta, octógono na base; a borda superior de cada face recorta-se de três arcos conopiais, de forma rebaixada, postos em forma suspensa, a dominaram pequenas cenas da Paixão: *Horto, Prisão, Cristo coroado de espinhos, Flagelação, Caminho do Calvário*.

Os braços da cruz rematam em flor de lis e são rebordados de cairéis. O *Cristo* é de execução dura.

Conviria que se lhe desse, na pequena deslocação que vai sofrer, um pilar do tipo da cruz; harmonizava e valorizava-o, tanto mais que a coluna toscana e o pedestal nada significam.

Há no museu regional outra cruz similar, (sem nó), já do séc. XVI, manuelina, com alguns elementos da Renascença.

MOSTEIRO DE JESUS. Convento feminino da ordem de S. Domingos, fundado na parte sudeste da antiga cidade, dentro da cerca de muralhas quatrocentistas e próximo de uma das portas da mesma.

A fundadora do mosteiro foi D. Brites Leitoa e teve por co-fundadora D. Mécia Pereira, como se vê de fr. Luís de Sousa, escritor que essencialmente seguiremos e interpretaremos.

D. Brites Leitoa criou-se em casa do infante D. Pedro e casou com Diogo de Ataíde, que fazia parte da mesma casa e foi guarda-mor da mulher daquele, D. Isabel. Depois do falecimento desta retiraram os cônjuges para Ouca (freguesia de Sôza). Diogo veio a falecer em Leiria no ano de 1453.

A viuva, resolvendo dar-se à vida religiosa, de acordo com o prior do convento de S. Domingos, mandou edificar pequena casa no sítio em que ficou o mosteiro, entrando para lá com duas filhas, a 24 de Novembro de 1458.

Veio, em 1460, juntar-se-lhe D. Mécia Pereira, ficando definitivamente no recolhimento no último dia de Maio, domingo da Trindade do ano seguinte. Filha de Fernão Pereira, irmã de Rodrigo Pereira,

primeiro conde da Feira, estava viuva de Martins Mendes de Barredo, falecido, em 1458, em França, aonde fora por embaixador. Trouxe bens que foram empregados na compra de terrenos, com os quais se alargaram os iniciais, e na construção do edifício.

Pio 2.º autorizou a nova fundação conventual dominicana, por breve de 16 de Maio de 1461. Resolveram as fundadoras fazer igreja e alargar o edifício, de modo a ter forma de mosteiro. A primeira pedra foi lançada a 15 de Janeiro de 1462, pelas mãos do rei D. Afonso 5.º, oficiando o bispo da diocese D. João Galvão. D. Mécia ficou a vigiar as obras, D. Brites partiu para Ouca dirigir o fabrico dos tijolos.

Faleceu D. Mécia a 3 de Outubro de 1464, tendo feito profissão particular, pelo que ficou a ser considerada a primeira religiosa professa do mosteiro, como se lê na sua campa. Sepultaram-na no capítulo velho ou capítulo de Nossa Senhora.

As recolhidas tomaram o hábito no dia de Natal, 25 de Dezembro de 1464. Ao primeiro de Janeiro seguinte realizou-se a cerimónia da clausura, começando desta forma, com o ano de 1465, a vida monástica, pois que até aí era a de mero recolhimento. O edifício ainda estava muito incompleto. Um ano depois, a 1 de Janeiro de 1466, professou a regente e mais duas religiosas, aguardando as restantes a chegada de D. Afonso 5.º, que assistiu aos votos no domingo dentro da oitava da Epifania (pelo cômputo dos tempos, a 12 de Janeiro). O rei fez doações e concedeu privilégios ao mosteiro. No ano de 1468 D. Brites Leitoa foi canònicamente eleita prioresa, tendo governado intermèdiamente com o título de vigária. Faleceu a 3 de Agosto de 1480. Seguiram-se-lhe imediatamente no lugar de prioresa: D. Leonor de Meneses, filha de D. Duarte de Meneses, conde de Viana, e de sua segunda mulher D. Isabel de Castro, governando de 1480 a 82 e falecendo em 84; D. Maria de Ataíde, filha da fundadora (nascida em 1449), que governou de 1482 a 1525, ano em que faleceu; D. Isabel de Castro, filha de D. João de Meneses e de D. Joana de Castro, de 1525 a 34, ano do falecimento. A estas duas, como diremos, se deve a grande remodelação dos edifícios.

Beneficiou material e moralmente o mosteiro com a estada da princesa D. Joana, filha de D. Afonso 5.º. Entrou pela primeira vez a 4 de Agosto de 1472, e aqui veio a falecer, a 12 de Maio de 1490. Nascendo em 1481 um filho natural de D. João 2.º, o Senhor D. Jorge, foi mandado para ser criado junto da princesa, permanecendo na casa até ao falecimento da mesma. D. João 2.º deu a D. Joana as rendas da vila de Aveiro.

Durou a vida dominicana do mosteiro quatro séculos; a 2 de Fevereiro de 1874 faleceu a última religiosa, D. Maria Henriqueta dos Anjos Barbosa. Continuaram as antigas pupilas, sob forma de recolhimento, sendo regente em 1882 D. Leonor Angélica Cardoso de Lemos, conforme um ofício da mesma que temos em frente, mantendo o colégio de Santa Joana Princesa, dedicado à educação de meninas; para o que se fundou uma associação secular, à qual foi concedido o edifício por decreto régio, de 30 de Maio de 1877, e entregue a 3 de Junho.

A instâncias daquela senhora, o bispo-conde conseguiu que viesse tomar conta do colégio a congregação das Irmãs Terceiras de S. Domingos, como tomou, a 6 de Novembro de 1884, sendo superiora durante vinte e cinco anos completos D. Maria Ignez Champelimaud Duff, portuguesa, sendo tratada e ficando conhecida na cidade por Madre-Prioresa.

*

Não teve efeito a total reconstrução do edifício monástico que a princesa D. Joana intentara. As obras de adaptação a maior número de religiosas ressentiu-se da antiga disposição e da categoria das iniciais. Foram realizadas pela terceira prioresa D. Maria de Ataíde, filha da fundadora, que teve o governo, como dissemos, de 1482 a 1525, ano em que faleceu. D. Isabel de Castro, sua imediata sucessora (1525 a 34), deveria ter-se limitado a complementos.

Torna-se difícil determinar o que foi a obra da fundação e a da ampliação e reforma feita na passagem dos sécs. XV-XVI.

A de início era pobre, tendo ficado na maior parte sem forros e acabamentos.

Tudo o que, em cantarias trabalhadas, representa o séc. XV, como o estilo indica, pertence ao período de D. Maria de Ataíde. Ela ampliou, completou, melhorou, mas não é possível indicar no edifício, mesmo só em certa aproximação, o que fez. Os materiais empregados nas alvenarias antigas da cidade reduzem-se essencialmente a um certo calhau rolado de depósito marinho, que ainda se vê nas calçadas e nos velhos muros, proveniente dum nível de estratificação que se esgotou, que ninguém soube indicar, nem tão pouco encontrámos. As cantarias de calcário limitavam-se aos vãos essenciais; as próprias janelas da igreja eram de tijolo, o de Ouca certamente, como vimos. As obras dos séculos posteriores ou substituíram na totalidade ou obliteraram as antigas; nem mesmo nos resta a certeza que certos vãos ainda ocupem a posição inicial. Não houve construção de abóbadas que, pela robustês do conjunto a que obrigam, dariam firmeza e duração. O convento foi sempre modesto; certas partes, como a colunata do claustro, o sub-coro, a decoração de talhas douradas, iludem.

A conjunto que resultou das obras da terceira prioresa define-se pelas alas que envolvem o rectângulo do claustro.

Ocupa a do sul o bloco rectilíneo da igreja e dos coros. Duas empenas do séc. XV o de-

marcam; a do arco-cruzeiro, que deveria ter sido sempre fixa, e a do topo dos coros, que poderia ter avançado, com a ampliação que o coro-alto dá aspecto de ter sofrido. O reemprego das mesmas cantarias é caso com que frequentemente nos temos deparado nestes trabalhos de inquérito artístico.

O corpo do nascente, perpendicular à capela-mor, deveria ter tido maior importância na primeira fase monástica que posteriormente. Ficava fronteiro ao convento de S. Domingos; e o desenvolvimento de um e de outro edifício foi condicionado pela linha de trânsito que os separava, e que era a da Corredoura. Parece deduzir-se de ténues referências que esteve em qualquer ponto deste corpo a portaria; na parte baixa o capítulo antigo, que é a capela encostada à capela-mor da igreja, pela qual se fazia a ligação desta com o claustro; a seguir encontrava-se ainda o refeitório ampliado; para o extremo, formando saliência para o pomar e com porta para o mesmo, havia uma casa alta a que chamavam a torre; a enfermaria ocupava parte do andar de cima.

O lanço do norte não revela traços medievais; na parte alta alongava-se o dormitório, ampliado pela terceira prioresa, não passando de vasto salão comum, como era de uso do tempo.

A parte do poente, que vai bater nos coros, faz o último lanço, igualmente muito modificado. No piso térreo abre-se a capela renascencista de S. Simão, obra da quarta prioresa, D. Isabel de Castro; havendo ainda a porta quatrocentista do capítulo novo, que não sabemos se teria vindo de outro ponto ou se ocupou sempre o actual. Em cima há a antiga casa do lavor, aonde faleceu a Princesa, inteiramente modificada no séc. XVIII.

Desconhecemos as mudanças que se teriam dado na segunda metade do séc. XVI, quando se levantaram as colunatas sobrepostas do claustro.

Para norte deste espaço claustral há um outro. Mais do que estado ruinoso de uma das alas, as modificações no século passado e no presente, as transformações de outras não deixam ajuizar do modo pelo qual se deu o desenvolvimento dos edifícios, que não foram construídos conjunta e uniformemente, e que eram de feição utilitária.

Seria a necessidade de formar mais celas, depois que uma vida mais individual se foi assentando nos mosteiros, que levou à ampliação da ala do poente do claustro principal, pela sua prolongação, a que produziu a ala correspondente do segundo pátio, em três pisos. A data de 1743 numa porta da extremidade do corredor e a de 1744 numa lápide, encontrada no princípio do mesmo, darão a época dessa ampliação, ou simplesmente reconstrução, sendo prioresa soror Arcângela Maria do Baptista, senhora de grande tino administrativo, que mandou organizar novo tombo dos bens e fazer a demarcação das terras.

A cerca tinha sido ampliada, ou simplesmente murada, em 1600, pela prioresa D. Inês de Noronha, conforme diz grande lápide cravada ainda na mesma.

Esse desenvolvimento do mosteiro paralelo à rua da Costeira (que no momento anda a ser transformada em grande artéria, confirmando assim a sua importante função medieva) foi contrariado no séc. XVIII pelo levantamento da grande fachada de honra, obra talvez sugestionada pela mudança muito anterior da portaria. Esta fachada não define de nenhum modo o mosteiro; toda a zona a seguir à entrada central, para a esquerda, fica já fora da parte antiga; a da direita corresponde ao flanco dos coros mas não se lhes encosta, há um espaço de permeio. Tem aparência de tentar ser início de execução de grande projecto de reforma geral, a que não correspondiam as modestas receitas conventuais.

Vistos em conjunto os edifícios monásticos, passaremos a examiná-los por partes, dando a respectiva descrição nas linhas principais, pois que a particularização pertencerá aos serviços culturais e oficiais ali instalados.

*

O rectângulo da *igreja* é de modestas dimensões e muito singelo deveria ter sido de início; paredes lisas, porta no sítio da actual, frestas estreitas a cada lado, feitas só de tijolo de arestas cortadas, como se viu recentemente em obras. Do mesmo traçado destas, mas de pedra, vê-se uma portinha no andar de cima do claustro, a dar servidão ao órgão, que foi deslocada de ponto mais avançado.

A capela-mor está inteiramente renovada; já a quarta prioresa a tinha ampliado e dotado de retábulo, além de sacristia; Francisco de Tavares reedificou-a em 1592, tendo nova ampliação no decénio de 20 do séc. XVIII, para o grande camarim do altar-mor se poder alargar.

Aquela reedificação está documentada por grande lápide, posta ao lado do evangelho, gravada em pedra liós da região do sul, encimada do escudo das cinco estrelas em aspa dos Tavares:

FRANCISCO.D.TAVARES.E.DONA
IOANA
.D.TAVORA SVA MOLHER.NO.ANNO.
M.D.
LXXXXII.REDIFICARAõ ESTA CA-
PELLA DO
TARAõ DE.XXV.MIL R(EI)S.D.
IVRO PERA HV(M)A
5 MISA QOTIDIANA.POLO QVAL.SE
LHES DEV P
ERA SVA SEPVLTVRA.E.DE.SEVS
DECENDE
.NTES.

Resta ainda da construção dos fins do séc. XV a pequena porta no flanco direito, junto ao coro. Serve de entrada à *capela de St.º Agostinho*. Desde o início aqui esteve uma capela do mesmo titular, que tinha saída para a rua. As dimensões deveriam ser equivalentes às da actual, que provém da construção da frontaria de aparato do mosteiro, em cuja obra lhe foi reservado grande portal, agora tapado. Traçaram a pequena porta quatrocentista para ser fechada por batentes. Ela e a do capítulo são as obras mestras da arquitectura flamejante da zona sul do distrito. O seu arco segue a forma conopial abaixada. Enrosca-se-lhe no cordão de ângulo uma haste de carvalho, sobrepondo-se à faixa externa lambrequins de arquitos. As faces internas das ombreiras ornam-se de arcaturas sobrepostas.

Vê-se nesta capela um túmulo que deverá pertencer ao duque de Aveiro, Gabriel de Lencastre, do meado do século XVIII, como o estilo indica: dentro de arco de tipo corrente acomoda-se a urna moldurada, que assenta em dois leões e remata com as armas do mesmo (as dos reis, a que falta o filete de bastardia que lhe era devido) e da coroa de grandeza.

A *porta da igreja*, como de mosteiro feminino medieval, foi aberta no flanco livre, o da epístola, ao sul. Nos fins do séc. XVII, se já não nos princípios do seguinte (porque a persistência do estilo não permite definições rigorosas) rasgaram-na e estenderam-lhe em frente o actual alpendre, formado de quatro vãos por colunas coríntias sobre pedestais, que sustentam o entablamento direito.

O *campanário* levanta-se em sentido perpendicular à parede do sul dos coros, um pouco abaixo da divisória deles com a igreja. A ventana é medieval, os complementos são setecentistas.

*

O valor e o interesse da igreja encontra-se nas *talhas de madeira* dourada. Este revestimento não se fez numa só época mas em sucessivas e aproximadas. O mesmo se verifica em conjuntos similares: os mosteiros e igrejas não eram ricos que se pudessem abalançar de uma só vez a tais empresas.

No corpo da igreja o tecto representa a parte mais antiga, do último terço do séc. XVII, barroco inicial. Divide-se às quartelas por meio de cintas e faixas duplas, que deixam entre si espaços decorados, como elas mesmas o são. Os grandes claros preenchem-se de pinturas em tela, de pequeno valor artístico mas que completam a impressão geral, pelo seu cromatismo. Ao mesmo tempo revestiram de igual talha uma zona alta das paredes, inferior à cornija modilhonar, seguindo um tipo já anteriormente usado em S. Domingos. Essa zona abrange as frestas rectangulares (abertas por esse tempo) e liga-se na composição às divisórias do tecto, havendo as mesmas pinturas nos espaços intermédios às frestas.

A segunda fase pertence ao final do século XVII e é do barroco pedrino típico. A respectiva douragem está marcada pela data de 1702. Fez-se o revestimento do arco-cruzeiro, mas só nas faces dos pés direitos e da volta, os dois altares do evangelho e o retábulo da direita, não excedendo as pilastras e a faixa da volta de delimitação dos mesmos. Empregou-se o característico acanto túrgido, acompanhado de flores de corola alastrada e de aves. Seguem estes retábulos a forma reentrante, compondo-se de duas colunas por lado

e de dois arcos, em forma espiralada e de revestimento de sarmento e aves.

O que, ao lado esquerdo, fica mais próximo ao coro é dedicado à princesa St.ª Joana. Já inicialmente era o mais cuidado; o próprio arco era tricêntrico. Sofreu alterações na altura das obras da capela-mor: suprimiram o pé direito recolhido entre as duas colunas e meteram nesse espaço a coluna de dentro, colocando em seu lugar uma outra do novo tipo; substituíram o arco interno por um novo.

As mesas destes três altares são do tempo da talha da capela-mor, igualmente douradas e lavradas. Nas mesmas se vêem designados os titulares do tempo; à direita Nossa Senhora, à esquerda S. Domingos e a já referida St.ª Joana.

Corresponde à terceira fase o revestimento geral da nave, no estilo joanino, da primeira metade do séc. XVIII, em que se depara com nova interpretação do acanto.

Os espaços a preencher não eram vastos; limitaram-se a formar amplos enquadramentos de telas, a completar os retábulos de sanefas e de outros elementos e a colocar, nas partes mais estreitas, largos tarjões, a preencher as partes livres do topo dos coros, e ainda a cobrir o que restava da envolvência do arco-cruzeiro. As telas, obras comuns, representam santos dominicos e outros do agiológio corrente.

Corresponde à terceira fase o revestimento nave com o *órgão*, de outra época artística, a do concheado inicial, da segunda metade do séc. XVIII. Ergue-se no flanco esquerdo, entre os coros e o retábulo de St.ª Joana. Não lhe deram a clássica tribuna, para que a monja organista não ficasse à vista do público. Encheram esse espaço de pequenos conjuntos de tubos e de panos. Todavia a grande consola do basamento é anterior, da época do revestimento geral, sendo pequenos os retoques que sofreu naquela outra época.

O revestimento da *capela-mor* (retábulo, tecto e paredes), forma um conjunto uniforme e de certa categoria, valioso mais pelo aspecto global que pelo pormenor. Pertence ao joanino inicial, do primeiro terço do séc. XVIII, daquele acanto seco que estabelece a transição entre o empolado e o pormenorizado posterior. Liga-se a obras nortenhas.

Na composição do *retábulo* deu-se predomínio ao camarim, não servindo as colunas e arcos mais que de enquadramento do vão. No corte e a cada lado do mesmo vão estão postas duas colunas a par, completadas de outra mais externa e afastada para a parede; correspondem-lhes arcos. São cilíndricas tanto as colunas como os arcos, de caneluras, a que se sobrepõem grinaldas de folhagem e flores que se cruzam, além de crianças. As colunas não têm a divisão de terços, mas o conjunto dos arcos reparte-se em sectores por travessas radiais, feitas de folhagem e crianças. O fundo do camarim preenche-se de composição de tipo arquitectónico: grande arco central e nichos laterais. O trono, de vastos e decorados degraus, assenta em alto basamento cavado de nichos, nos quais se vêem as esculturas de *S. Domingos* e de *S. Tomás de Aquino*, com asas, de agradável execução.

Concatena-se à arquitectura do retábulo o *revestimento* das paredes, formando cinco panos de pilastras. Basamento, pilastras, entablamento, rótulos e florões de coroamento são tratados na mesma riqueza ornamental do retábulo. Dois panos correspondem, à direita, a janelas, e a tribunas fechadas à parte oposta; intercalando-se-lhes três telas em cada parede, representam estas telas cenas da *vida de St.ª Joana*, de simples mérito decorativo e documental dos trajos no começo de setecentos, lendo-se a assinatura: EMMANUEL.FRRA. E SOUZA FECIT ANNO 1729. Este artífice era do Porto, aonde vivia, na rua das Taipas.

O *tecto* naturalmente se liga às divisórias das paredes. Semelha abóbada semicircular com lunetas baixas, em número de cinco, duas abertas a darem luz, as outras três, além de fechadas, ostentam rótulos em que há figuras a simbolizarem virtudes. A divisão geométrica já não é a dos caixotões rectangulares, como no corpo, de tradição clássica, mas nìtidamente barroca; tomou o entalhador partido do desenho das arestas das lunetas para formar composição de círculos secantes, que são meios arcos nas duas zonas das lunetas, círculos completos na larga faixa central, havendo tarjas paralelas e transversais a ligar as duas zonas; pendendo três fortes bocetões da linha média. A orgânica é nìtidamente barroca e nada tem com fáceis sugestões antigas.

Tarjas e espaços são luxuriantemente lavrados.

Os fortes batentes das portas, do séc. XVIII, de madeira exótica, têm boas almofadas e são cravados de tachas de bronze.

Tanto na capela-mor como no corpo estendem-se nas partes baixas pequenos panos de *azulejo*. Os da capela-mor representam cenas da *vida de St.ª Joana* e são de oficina de Lisboa, do primeiro terço do séc. XVIII. Apesar das afinidades que os do corpo têm com os de outros edifícios da cidade, provém de Lisboa, da primeira metade do século, e só representam paisagens.

*

A disposição dos *coros* é antiga, posto que nada se note além da empena do topo. Sabemos que desde o início houve coro de cima e coro de baixo; o que é muito de notar porque, entre nós, até este século, nos mosteiros femininos, o coro era a parte inferior das naves das igrejas respectivas, dividida da parte do povo por muros.

Ao grande espaço do coro alto corresponde, no térreo, o coro com o túmulo de St.ª Joana e o ante-coro desadornado. Como adiante diremos, o coro de cima completava-se, já fora da obra do mesmo, duma capela, que foi da Conceição (chamada depois ante-coro) do século XVII, e lateralmente a esta, sobre a portaria externa, de nova capela, a do Rosário, do séc. XVIII.

O *coro de baixo*, depois da beatificação da princesa St.ª Joana, posto que conservando o seu fim, foi transformado em especial santuário da mesma. Isso obriga a breves indicações históricas, antes de entrarmos na sua descrição.

A princesa faleceu a 12 de Maio de 1490, sendo sepultada nesse coro de baixo, junto ao comungatório. Foram exumados os seus ossos em 1577, e segundo parece deduzir-se, só colocados nos começos do séc. XVII no túmulo ou urna cercada de grades de pau preto com bronzes aplicados, a que há referências, a qual antecedeu o actual sarcófago.

Iniciado o processo de beatificação no tempo do prelado da diocese, o bispo-conde D. João Manuel, que em 1629 mandou tirar inquirições de vida e milagres, só um dos seus sucessores, D. João de Melo, em fins de Junho de 1689, procedeu à verificação das relíquias. Inocêncio 12, a 4 de Abril de 1693, pela bula *Sacrosanta Apostolatus cura* declarou beata a princesa e, a 9 de Julho do ano seguinte, a Congregação dos Ritos autorizou que em Portugal, seus domínios e em toda a ordem dominicana, se rezasse litùrgicamente da mesma.

O túmulo e a renovação do coro de baixo foram a natural consequência daqueles actos pontifícios. O rei D. Pedro 2.º, por solicitação do prior de S. Domingos, tomou à sua conta as despesas do túmulo. Foi encarregado o arquitecto João Antunes, em volta do ano de 1699, do projecto ou ainda da orientação imediata do trabalho, que ficou em 12.000 cruzados, segundo diz fr. Lucas de Santa Catarina. Renovou-se o coro, demorando as obras até 1711. O bispo da diocese D. António de Vasconcelos e Sousa, em Outubro desse ano, promoveu grandiosas festas, colocando-se os restos da princesa neste novo túmulo no dia 23. Veio ainda a ser aberto em 1750, quando se intentou a canonização, para novo exame das relíquias.

Este coro-santuário é uma quadra baixa, rectangular, assentando-lhe o túmulo em posição avançada para as grades da igreja.

A grande osteoteca é trabalho português e toma o primeiro plano entre as poucas obras do mesmo género que restam desse tempo, prodígio de técnica de embutidos de mármore. Arca paralelepipédica com base e cornija, mísulas alongadas nos extremos das faces; estas decoradas de símbolos e, nas maiores, acompanhadas de enrolamentos de acanto; assentando em bloco médio, que a cada lado se esculpe de uma fenix a renascer EX CINERE, como diz um letreiro repetido; nos quatro ângulos anjos-crianças semelham sustentar o conjunto; como remate, em cada face maior, levantam-se dois ramos de cornija de frontão interrompido, dentre os quais emerge o brasão real que dois anjitos ladeiam; são formosa que a fotografia melhor esclarece.

A quadra harmoniza-se com o túmulo. Recortaram as paredes em vãos rectangulares, revestidos de mármores, para a finalidade de portas, janelas ou mesmo ficando fechados; revestiram os espaços intermédios igualmente de embutidos de mármore, sendo certos vãos completados no todo ou em parte de talhas douradas. O pavimento é de mosaico, em már-

more branco, róseo e escuro. O tecto plano desenha, por meio de cordões, composição geométrica, decorando-o pintura a ouro e policromia.

O conjunto encanta espíritos cultos.

Obras oficiais consolidaram-no e valorizaram-no. Abriram todavia o vão que se encostava à capela de St.º Agostinho, para facilidade dos percursos de visita dos edifícios, como parecia razoável; no entanto o acesso dos visitantes populares tirou-lhe o encanto e prejudicou a apresentação artística, que deve ser feita de fora, com o devido recuo de observação e resguardo de ambiente.

O *coro-alto*, extenso, abrange, como ficou dito, o de baixo e o antecoro. Posto que as paredes, em grande parte, devam ser antigas, conservando a empena terminal do fim do séc. XV, o conjunto pertence a épocas diversas. A parte baixa da frente corta-se a toda a largura, para que as monjas disfrutassem de boa vista do templo; esse rasgo é delimitado acima por arquitrave de pedra, que sustentam duas colunas isoladas e duas meias incluídas nas paredes, coríntias, da segunda metade do séc. XVII, a formarem três vãos.

O cadeiral, apesar de aparentar certo carácter antigo, deve ser dos princípios do séc. XVII; é de castanho e singelo. As cadeiras conservam o tom natural da madeira. São em cada coro no número de vinte de lado e duas de topo na ordem superior, de dezasseis na de baixo; estas separadas aos grupos de quatro, para dar lugar às passagens. Os espaldares, altos e simples, dividem-se correspondentemente às cadeiras, por pilastras caneladas; a pintura é posterior, como vamos dizer.

O tecto, de três panos divididos em seis séries de quartelas, data do mesmo séc. XVII.

Pelos fins do primeiro terço do séc. XVIII, revestiram de talhas douradas os espaços acima dos cadeirais e os topos; aproveitaram ali o motivo de fortes molduras rectangulares, completadas de faixas lavradas, para distribuírem uma série de quadros, intercalados de janelas. O topo acima do vão das grades reveste-se de composição de tipo retabular. A meio, para aproveitarem um Cristo antigo, compuseram a cena do *Calvário*, com as três figuras em baixo-relevo da *Virgem, S. João* e *Madalena*, bem goivadas e decorativas, cujo efeito se completa de rica policromia. O *Cristo-crucificado*, de madeira, em tamanho pouco abaixo do natural, é obra corrente do fim do séc. XV. As espécies desta natureza vão-se tornando raras, aniquiladas pelo caruncho da madeira; revelam uma actividade escultural paralela à da pedra.

A pintura da nova obra de revestimento e da antiga, a dos cadeirais e tecto, está datada: lê-se num dos caixotões ANNO D / 1731; no friso do espaldar do topo, FEITO.NA ERA. DE 1731. SENDO. PRIORESA. A REVERENDA. M(ADR)E.SOROR.CATERINA.DE IEZUS.MARIA. Estenderam nos espaldares uma imitação de acharoado, de fundo vermelho e decoração a ouro, preto e verde, de figuras orientais e europeias. Nos claros do tecto pintaram rótulos com alegorias, enrolamentos de acanto, a ouro e policromia.

Conserva-se um órgão transportável, da segunda metade do séc. XVIII, com pequenas talhas em concheado, pintura geral a vermelho, decorado a ouro, no mesmo tipo concheado. Vê-se-lhe na frente a data de 1784 e ao lado direito a legenda: ESTE ORGAÕ/MANDOU FAZER/A M(VI)TO R(EVEREND)A M(ADR)E PRIORE/SA SOROR IZABEL NAR/CIZA NO SEU SEG(VN)DO TRIANIO.

Reveste pequeno trecho de parede que fica atrás do mesmo órgão um pano de azulejo de padrão, só a azul, do séc. XVII, de fabrico de Coimbra.

Ligado ao coro, já fora da obra do mesmo, assentando na casa interna da portaria, há sala baixa, quase quadrada, de tecto em masseira com os panos revestidos de molduras em forma de rótulos, bastante restaurados. Data do terceiro quartel do séc. XVII. Chamavam-lhe ante-coro e capela de Nossa Senhora da Conceição (havendo mais tarde uma outra do mesmo título em ponto diferente). Aí estiveram, cerca de doze anos, os restos da Princesa, enquanto se faziam as obras do túmulo. Revestem as paredes azulejos policromos, de fabrico de Lisboa e do mesmo tempo. Cravam-se nas mesmas pequenos retábulos, destinados a esculturas e telas; estando numa destas, a da morte de *Madalena*, assinada por Francisco Araújo.

Ligada lateralmente a esta quadra, sobre a casa de fora da portaria, erigiram no século XVIII a *capela de Nossa Senhora do Rosário*. Pertence totalmente a este século; se

existiu no mesmo ponto outra anterior, nada dela se vê e não sabemos a que ligar o que anda escrito a respeito deste título.

Tanto o altar grande como o menor, que é retábulo-relicário, portas e sanefas, tudo é tratado em concheado, com douradura e policromia a imitar marmoreado; sendo mesmo um bom conjunto da segunda fase do concheado. O retábulo é de quatro colunas, com nicho médio para a escultura da *Virgem e o Menino* (Rosário), obra bastante regular da época. Nos intercolúnios e no basamento há quinze quadrinhos com os *mistérios do rosário*, de tipo do século anterior, devendo terem sido reaproveitados de obra mais antiga.

O pequeno retábulo das relíquias é formado só de pilastras. Encerra delicadas cenas, tratadas em cera, uma delas de *St.ª Isabel a dar esmolas*.

Equivalente a esta capela e retábulo existe a do Senhor dos Passos, no extremo das alas nascente do segundo pátio.

*

A área do *claustro* deve representar a do fim do século de quatrocentos. As proporções gerais e as naturalmente relacionadas com a igreja sofreram das ampliações e da forçosa subordinação aos edifícios da fundação.

Segue plano rectangular, tendo maior profundidade no sentido do segundo pátio, isto é, segundo a linha perpendicular à igreja. Na direcção paralela a esta, posto que, conforme a tradição, comece na linha do arco-cruzeiro, ultrapassa o topo da igreja, sem chegar ao meio do coro.

As actuais colunatas, da época da Renascença. provêm de reconstrução da segunda metade do séc. XVI. São formadas de fortes colunas jónicas, de duas volutas, no andar de baixo, e de colunelos dóricos no de cima. Sofreram reformas e restaurações tanto as de um como de outro piso. Os ângulos robustecem-se de pilares com meias colunas encrustadas. São oito os vãos nas alas maiores e sete nas outras.

A disposição da alas é do tipo de colunata com entablamento seguido. Não só a pedra é da região de Ançã mas a forma de tratar capitéis e bases é a da renascença coimbrã; todavia este tipo corrido não é o próprio daquele centro, que dividia os panos em sectores e atribuía geralmente dois arcos a cada um. Poderia esta disposição ser exigida pela pequena altura dos pisos.

O chafariz está posto a meio do pátio, em plano mais fundo, rectangular, descendo-se por quatro escadas encaixadas no terreno. Segue o tanque desenho quadrado, emergindo o pilar das bicas em forma de obelisco. Data da segunda metade do séc. XVII.

Azulejos em losetas, dispostas em xadrezado, brancas, azuis e verdes, revestem o basamento da colunata inferior. Datam do princípio do séc. XVIII e são de fabrico coimbrão. Os da parte do encosto do banco corrido do chafariz são igualmente do mesmo centro mas posteriores, posto que ainda dentro da primeira metade do séc. XVIII.

O pavimento das galerias térreas conserva a divisão das sepulturas monásticas. Nas campas, bastante gastas, vêem-se singelas datas, a marcar anónima e humildemente enterramentos repetidos.

Rasgam-se nas paredes das mesmas galerias alguns vãos, tanto de capelas devocionais como de entradas utilitárias.

Anotá-los-emos começando pela ala do nascente.

Há pequena quadra encostada à capela-mor. O arco de ingresso, ornado singelamente de recruzetados, provém da primeira metade do séc. XVII. Vêem-se na face restos de letreiro, em capitais, nos quais se adivinha a primeira antífona de vésperas da festa da Assunção de Nossa Senhora, à qual a capela era dedicada: *Assumpta est Maria in coelum, gaudent Angeli, laudentes benedicunt Dominum.*

Não pode haver dúvidas que foi aqui a primeira casa do capítulo, o de Nossa Senhora, no qual se deu sepultura às fundadoras; basta saber ler as referências documentais. Era conhecida nos últimos tempos por capela da Matriarca.

Nesta reforma do séc. XVII modificou-se a composição das campas e fez-se novo carneiro ao centro, em cuja abertura se gravou:

SEPVLTVRA DAS FVNDADORAS E PRELA
DAS DESTE CO(N)VENTO A OBRA D(esta)
(ca)PELA MANDOV FAZER HVA FR(ei)RA
4 NA ERA DE 1630 ANNOS

Essa freira anónima poderia ter sido soror Luísa da Anunciação, que foi duas vezes prioresa, como parece deduzir-se duma referência de fr. Lucas de Santa Catarina.

As campas recuperadas foram assentes no capítulo novo, para conveniente exposição museográfica. Daremos a sua leitura no fim da descrição do mosteiro.

Conserva-se ainda na parede da esquerda uma lápide do séc. XVIII:

EM DIR(EI)TO DO ALTAR IAZEM
H(em?) CAIXAÕ
DE CHUMBO OS OSSOS DAS VENE-
RAVEIS
FVNDADORAS DESTE CONV(EN)TO
D. MARIA
DE ATAIDE D. MASIA PER(EIR)A
D. ANT(ONIA) DE NORONHA
5 D. LEONOR DE MENEZES.D. IZA-
BEL DE CASTRO

Foram respectivamente a terceira prioresa, a co-fundadora, uma simples religiosa D. Antónia (1540-71), como diz a respectiva campa, a segunda e a quarta prioresas.

Rasgava-se na parede da direita a porta de comunicação para a capela-mor, que representava a passagem tradicional desde o século XV. Foi fechada recentemente pelas obras oficiais, deixando a circulação dos visitantes de se fazer por aqui e passar através da capela-santuário da Princesa, que, sem se intentar tal coisa, ficou como que profanada. Impõe-se a sua abertura, posto que essa circulação não seja a melhor; tanto mais que do lado da igreja permanece um óptimo batente de madeira, com taxas de bronze, que agora se não pode abrir.

Todo o lanço que se segue a esta capela é ocupado pelo *refeitório*. Deve-se tratar de ampliação do primitivo. Conserva dos primeiros tempos a porta e a tribuna da leitora, dos sécs. XV-XVI. As ombreiras da porta semelham dois cordões que ondulam formando ovais alargadas; as obras oficiais substituíram-lhe a verga. A graciosa *tribuna da leitora*, dos sécs. XV-XVI, desenha três vãos, por meio de dois frágeis colunelos, assentes no parapeito, de capitéis anelares de folhagem e de lintéis cortados em arco rebaixado. Revestem as paredes azulejos de fabrico de Coimbra, de tipo de rosáceas, em azul pálido, da passagem dos sécs. XVII-XVIII, data aproximada da reforma do refeitório. Conservam-se as mesas e o lageado gasto, o que dá grande encanto e poder evocativo a esta divisão.

Segue-se, já no lanço imediato, o do norte, intermédio aos dois pátios, a pequena casa do lavabo, que dá para a breve quadra do ante-refeitório, já incluída no ângulo interno. O arco da sala média, em que está exposto um túmulo, foi copiado, nas obras oficiais, da capela da Assunção. No topo oposto da ala, junto ao ângulo, abre-se nova capela, de arco semi-circular, simples. Tornam-na graciosa os azulejos que revestem as paredes; lisbonenses, policromos, do séc. XVII; no chão há-os verdes e brancos, com inclusões daqueles outros. Neste espaço poderia ter havido anteriormente a passagem para o pomar.

O lanço do poente, perpendicular aos coros, encerra a casa do capítulo, a capela do brasão dos Castros-Noronhas-Meneses e uma outra do séc. XVII.

A *casa do capítulo*, ou capítulo novo, como lhe devemos chamar, só tem de notável a porta do gótico-flamejante, dos sécs. XV-XVI: de arco ogival, tratada com dupla face, sem disposição para ter batentes, um par de colunelos em cada uma das faces, cordões seguidos, a parte média preenchida de composição linear flamejante, capitéis de cardos e folhas frisadas, do tipo batalhino evolucionado. Se este lugar é o seu primitivo não sabemos a que capela ou repartição tivesse pertencido; no entanto parece-nos provável que tivesse sido deslocada de outro ponto. Os serviços do museu dispuseram aqui, como dissemos atrás, diversas campas, algumas delas recuperadas do carneiro tardio da capela da Assunção.

Abre-se a seguir, para o lado da igreja, o arco da *capela de S. Simão* (como identificámos), mandada fazer pela prioresa D. Isabel de Castro, da qual fr. Luís de Sousa refere uma piedosa tradição conventual. D. Isabel professou em 1501 e foi a quarta prioresa, de 1525 a 1534, ano em que faleceu. A capela deve, pelo estilo, datar aproximadamente de 1530, pertencendo ao manuelino-renascentista. Posto que os colunelos de cada lado das ombreiras sigam o tipo gótico, os centrais e o respectivo arco mostram a influência do novo estilo. Salienta-se na parte média do arco um escudo; tendo a particularidade notável de, em lugar de ser esquartelado, os móveis heráldicos se repartirem por quatro novos escudos: 1.º das seis arruelas dos Castros; 3.º esquartelado de seis peças com os lobos, as palas e o sobre-todo liso, dos Meneses; o 2.º de Portugal-moderno e o 4.º de Castela e Leão, estes dois por Noronhas; Meneses e Noronhas pelos condes de Vila Real. A prioresa D. Isabel de Castro era filha de D. Joana de Castro, à qual ficou a casa de Monsanto pelo falecimento de seu irmão, o segundo conde, a qual foi casada com João de Noronha, filho dos segundos condes de Vila Real, Fernando de Noronha e D. Brites de Noronha; não tiveram o título, por D. João já ser falecido à data da sucessão, mas foi dado ao filho Pedro de Castro, que foi o terceiro.

A última capela, encostada já ao coro-baixo, deveria ter sido a de S. José, como se deduz duma legenda, em letras salientes, dispostas na face do arco, tomada de S. Mateus (cap. I, vers. 18), que é lida no evangelho da festa daquele santo:

CVM (E)SSET DESPO(N)SATA.
MAT(E)R I(E)SV.MARIA.
IOSEPH.ANTQ(VAM) CON-
VENIRE(n)T.INVE(nta est)

Pertence o arco à renascença decadente de Coimbra, já do princípio do séc. XVII, decorado, e tendo em cada ombreira, na face do vão, grande vaso de flores. As paredes mostram ainda um revestimento de azulejos a branco, azul e amarelo, de padrão de rosáceas, do fim do séc. XVII.

Conserva-se, no andar de cima desta ala de poente, a *sala do lavor* em que faleceu a princesa St.ª Joana, transformado em capela. Estão as paredes inteiramente revestidas de talhas de madeira dourada, do barroco-joanino do primeiro terço do séc. XVIII. A decoração foi executada ou acabada em 1734, data que se lê na porta de entrada.

O conjunto produz grande efeito. Dividem-se as paredes em duas zonas; a do lambri, formada de panos de rótulos e acantos; a superior composta das molduras de pinturas, feitas de pilastras misuladas, suportando arcos que sanefas cobrem. A um lado encosta-se à mesa do altar, com tela mais vasta a fazer de retábulo. Lateralmente ao mesmo anexaram duas maquinetas, tratadas no concheado da segunda metade do séc. XVIII.

As telas referem-se à *vida da Princesa;* obras correntes, graciosas pelos vestuários setecentistas das figuras, completando com o colorido a douragem da talha.

O tecto reparte-se em fundos caixotões, segundo composição geométrica, ornados a policromia, com enrolamentos acantiformes, rótulos, etc.

Guarda-se aqui pequeno *Cristo-crucificado* de madeira, a que anda ligada tradição hagiográfica; deverá provir do séc. XV, mas tendo sofrido diversas restaurações.

A *fachada*, tratada como frontispício de palácio do tempo, levantada na segunda metade do séc. XVIII, fecha as grandes fases construtivas do mosteiro. Deu-lhe o carácter externo que faltava.

Anda escrito que foi mandada construir pela prioresa D. Antónia Nolarte, que aí gastou as suas economias e os dotes de duas irmãs que professaram.

A implantação ficou ligeiramente oblíqua ao alinhamento do alpendre da igreja. Sem ligação funcional com o resto do edifício, deixou um espaço de permeio com o flanco dos coros, ligando-se-lhe só pelo extremo direito, o do portal fechado, que se justapõe à capela de St.º Agostinho. Não é fácil, pois, julgar do arranjo, ou grande reforma, que se intentava.

Divide-se em sete sectores, por meio de pilastras. Domina-a entablamento dórico denticular, que produz grande efeito de sub-beirado. No sector central e nos dos extremos rasgam-se as portas; e em cada um dos outros quatro, já na zona equivalente a um andar nobre, duas altas janelas.

*

As *campas sepulcrais*, recuperadas nas obras ou que andavam dispersas, foram reunidas e cravadas no solo da casa do capítulo. São as seguintes:

1. Campa da fundadora D. Brites Leitoa, que faleceu a 3 de Agosto de 1480, em Abrantes, andando a acompanhar a princesa D. Joana, e foi sepultada no respectivo convento dominicano. Dois anos depois foram trazidas as suas cinzas e depostas no capítulo antigo deste mosteiro de Jesus. A campa está mutilada, faltando a parte inferior, além de

pequenas partes envolventes, o que atingiu as letras que restam. O letreiro, em gótico minúsculo e em relevo, circundava a campa, em bordadura e corria numa faixa perpendicular e central.

Aq(ui):Jaz:ha muy:v(ir)tuosa
Religiosa:b(ri)tez:leytoa ...

....

...:delle:p(er)xbj:anos
5 *... eceo:Na E(ra):iiiic lxxx ...*

A designação de *era* significa aqui *era do nascimento*.

2. Campa de D. Mécia Pereira, co-fundadora do mosteiro, da casa da Feira, como dissemos, que entrou para o recolhimento inicial em 1460 e faleceu a 3 de Outubro de 1464, tendo feito profissão particular, em artigo de morte, no período anterior à geral das outras recolhidas. O letreiro, em gótico minúsculo e em relevo, cerca a campa em bordadura.

aqui:iaz:a m(u)it
o:vertuosa:religiosa:dona:
mecia:per
eyra:fundador
4 *deste:mosteiro:a premeira:*
freira q(ue) n(e)l:fez:
p(ro)fison

3.º Campa de D. Maria de Ataíde, terceira prioresa (de 1482 a 1525), grande reformadora de edifícios, filha da fundadora e que entrou com ela para o recolhimento inicial, à qual fr. Luís de Sousa dedica um capítulo. O letreiro, em gótico minúsculo e em relevo, inscreve-se numa filatéria que cerca a campa e se curva para a linha vertical média e em seguida desce, formando um laço no fundo. A quarta e as restantes linhas em que dividifos o letreiro, para facilidade de leitura, formam pròpriamente uma só.

Aquj Jas a muyto vjrtuosa
madre marja d atayde a qual
aJudou a fundar este mo
esteyro E foe a tercera prj
oresa delle E ho rregeo em
perfeyta religjam E
obseruancja
5 *q(u)ore(n)ta e dous anos E*
meo ate ho fym de sua
m(ui)to sa(n)ta vjda
ffalleceo ho anno do se
nhor de.m.bc.xx.bº

A parte que indicamos como sendo as duas últimas linhas inscreve-se já nas curvas do laço, o que trouxe dificuldades ao canteiro. A sigla dos milhares semelha uma curva que não dá convenientemente ideia dum *M*, a das centenas não é mais que um *b* sobreposto de um *c* mas que ele uniu; o que por extenso se leria: *anno do senhor de mil cinco centos e vinte cinco*.

Estas três campas possuem bom desenho de letra e correcta apresentação de abreviaturas, como se encontram nos códices manuscritos do tempo e nos incunábulos da imprensa; os modelos poderiam ter sido fornecidos pelas monjas calígrafas, das quais ainda se conservam elegantes trabalhos. Estas obras epigráficas entram no domínio das artes menores.

4. Campa das religiosas: D. Leonor de Meneses, filha dos terceiros condes de Viana, o heróico Duarte de Meneses e D. Isabel de Castro, prioresa de 1480 até 1482 e falecida em 1484; D. Isabel de Castro, da qual nos ocupámos a tratar da capela de S. Simão, prioresa de 1525 a 1534, ano em que faleceu; D. Brites de Meneses, da casa de Abrantes, eleita em 1541 e que governou um triénio. A inscrição é do séc. XVI, em capitais romanas, com letras inclusas e geminadas, irregular interpontuação, disposta em bordadura, completada de tarja média.

AQVI IAZE(M) AS MVI ELVS
TRS RELIGIOSAS MADRES DONA
LIANOR DE MENESES E DONA
ISABEL DE
CRASTRO E DONA BRITES
DE MENESES TODAS FORAM
PRIVLESAS NESTE MOSTEIRO
E O RE
5 GERAÕ E GOVERNARAÕ E(M)
MVITA VERTVDE E AVSERVAMCIA

5. Campa de D. Brites Ferrás Pereira, que foi fundar o mosteiro de Setúbal em 1529,

eleita prioresa de Aveiro em 1558, cargo que exerceu alguns anos, falecendo a 18 de Agosto de 1575. Campa deste séc. XVI, em letras capitais romanas, com geminações e inclusões, dispostas como na anterior.

AQVI:IAZ:A MVITO VER
TVOSA MADRE:BRITEZ:FERAZ:
PEREIRA:PRIVLESA:Q(V)E FOI
DESTE
CO(N)VEMTO:FVMDADO
RA.DO MOSTEIRO:DE SAM IOAM DE
SETVVEL:FALECEO:CO(M)MVITOS
5 SINAIS:DE ALCAMCAR:A GRORIA:
A.X.8.DIAS DA.GOSTO.DE.
1.5.7.5

6. Campa de D. Antónia de Sousa, prioresa durante três anos e falecida a 1 de Agosto de 1608.

Esta e todas as campas que se seguem têm os letreiros dispostos em linhas horizontais, gravados em capitais romanas, com letras inclusas, geminadas e sobrepostas, além das abreviaturas costumadas.

S(EPVLTVR)A.DA.M(ADR)E.DONNA.
ANT(ONI)A.DE
SOVSA.QVE.FALES(CE)O.PRIO
RESA.DESTE.COMVEN
TO.O PR(IMEIR)O D AGOSTO
5 D 608

7. Campa de D. Antónia de Noronha, falecida a 24 de Março de 1571.

AQVIAZ HA MVITO
R(EVEREND)A E VIRTVOSA MADRE
HA MADRE DONA AN
TONIA DE NORONHA
5 FEZ PRIFISAÕ HERA DE
1.5.0.4.VIVEO E FALECEO
MVI SANTAMENTE VES
PORA DE NOSA SNRA
D MARCO.DE.1.5.7.1.

8. Campa de D. Guiomar Pinto, falecida a 15 de Maio de 1602.

S(EPVLTVR)A
DA MVITO RELEGI
OZA M(ADR)E GIOMAR PI
MTA QVAL VIVEO ES
5 TE MOST(EI)RO DE IESVS 7
ANOS CO(M) M(VI)TA VIRTV
DE ACABOV SVA VID
A A 15. DE MAIO DE.1602
ANOS

9. Campa de D. Inês de Noronha, a que mandou fazer a cerca em 1600, como deixámos dito, falecida a 11 de Maio de 1619.

S(EPVLTVR)A DA MADRE DONA
INES DE NORONHA
PRIORESA QVE FOI
DESTE MOSTEIRO
5 FALECEO A ONZE
DE MAIO DE MIL
1619

Os serviços do museu conservaram pequena sineta, pela forma que a encontraram, suspensa no claustro, que diz na orla superior, em minúsculas góticas: « + ano domini m cccc lxxxi».

Abaixo da mesma e independente, parece que se deva ler: «nicolauz fecit».

Se foi originàriamente do mosteiro, pertence ao tempo de prioresa de D. Leonor de Meneses, a segunda.

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO. Criado em 1911, foi-lhe atribuído o edifício do mosteiro de Jesus, que ficou parte constituinte do mesmo. Recolheu espécies dos mosteiros suprimidos da cidade, vieram-lhe outras de Lisboa, originárias de idênticas instituições, tem feito aquisições e recebido ofertas.

Possui valioso recheio, dividido por diversas secções, algumas delas notáveis tanto pelo número como pela qualidade. Os catálogos privativos apresentarão as séries completas e serão, pois, o seu verdadeiro inventário. Limitamo-nos a destacar algumas espécies, para darmos o conjunto harmónico do distrito.

Esculturas de pedra. Pequeno *busto bifronte*, da época romana, de mármore, encontrado dos desaterros do próprio museu.

St.ª Evangelista, de pedra e oficina coimbrã, do segundo terço do séc. XV, de regular categoria.

S. Lázaro, vestido de peregrino, com uma criança junto de si, do fim do séc. XV, do mesmo centro artístico, obra corrente. Outras há do mesmo tempo e categoria.

Túmulo de D. João de Albuquerque, originário da igreja monástica de S. Domingos, do séc. XVI inicial. Pertence a um dos mestres menores do tempo, não identificado nem com facilidade de o ser, por não se lhe conhecerem por enquanto esculturas do mesmo tipo, tal-

vez não tendo permanecido senão as avulsas de santos de altar.

A arca é desprovida de motivos arquitectónicos, decorada só de escudos heráldicos. Assenta em volumosos leões, representados pela sua parte anterior, dos quais restam três. A escultura jacente do cavaleiro repousa rigidamente na tampa; esta ficou espessa para que o corte permitisse espaço ao longo letreiro que, apesar disso, teve de passar para a arca, pela sua extensão.

A estátua não é acompanhada mais que pelo leão estendido aos pés e agora mutilado, e pelas almofadas em que a cabeça repousa. Representa-o em posição rigidamente direita, vestido da armadura de placas, variante do tipo que se encontra nas outras coimbrãs, antes dos novos modelos trazidos pelos túmulos reais, que deram, ao mesmo tempo, nova interpretação dos volumes dum corpo estendido. Tem descoberta a cabeça, que tenta ser retrato, de cabelo curto e liso. Não estão as mãos postas, como se vê nos similares, mas calçadas de guantes, sustentando a da direita a espada ou o estoque, mutilado. As faces da arca, desprovidas de molduras, cavam-se em forma de rectângulos, aonde se inserem escudos de armas acompanhados de adminículos. Na testeira dois anjos adultos seguram um elmo acima do escudo, posto suspenso, e inclinado, das armas de D. João; aos pés o escudo, em lisonja, da esposa, é sustido por um casal de selvagens, sobre um fundo de roseiras. A face à mão esquerda da estátua encerra as armas de D. João e as de D. Helena (estas para o lado dos pés), em escudos na forma da transição do apontado para o redondo, tendo cada um por tenentes um par de crianças, desnudas, e cujas asas se transformam em folhagens a semelhar paquife. A frente da direita mostra escudos de fantasia, côncavos, inspirados nos tipos germânicos, cada um metido numa coroa: a da esposa em forma de entrançado de hastes, a dele feita de folhas e frutos, havendo só três crianças, de movimentos livres, brincando nas folhagens.

O longo letreiro desenvolve-se a circundar o conjunto, começando na campa e terminando na arca. As desastradas aberturas do túmulo mutilaram-no grandemente, fazendo-o desaparecer em diversos pontos, tornando-o além disso ilegível nuns ou de incerta interpretação noutros. Está escrito em cavado, no minúsculo gótico, tendo-se empregado como sistema artístico letras maiúsculas no princípio do maior número de palavras, como reproduzimos

Começa ao lado esquerdo da estátua, junto aos pés da mesma.

+Aquy:Jaz:o muito:onrado:Sõr:
E uallente:Cavaleyro:Joam:
D alboquerq(ue):Do:cõselho:
DelRey:E do seu:li
nhagem:bisneto:De Dom Ioam:
afonso:que
fez:O castelo:D alboqerq(ue):
Qe p(ro)cedeo:Do:Tronco:Dos:
Reys:de:Castela:O q(ua)ll:
Em:Idade De:xbii:Anos:foy:
Na Ida:Da
grã:canarea:Onde:se:cõbateo:
Com Huu(m):Ifante (e)
5 (filh)*o:Do Rey:Da dita:Canarea: E o desbaratou:E trouxe*
:Preso:Ao arayal:Soo p(er)
sy:E asy:Nas:partes Dafrica
:Onde
...senpre:Mostrou:por Muy:
Valente...
leiro:Estãdo:cõ os Ifãtes:No:
cerco:de tãgere Atee O Recolhimẽto:Onde:P(er) sua
lanca:Muyta:Gẽte:Saluou:E
asy:
See(n)do:E(m):Todalas:Cousas
... ... que *se:*Em
*Seus Dyas:Acõteceram:*Sempre:
of*ereceu:Sua:Pesoa:Aos*
Grandes*:P(er)iigos:Pro*
s(er)uico*:Dos Reys...*
10 ... ... Co(m) *Elle:Jaz: A*
Muyto: ... ...
... *Dona:Elena:P(er)eyra:*
hu(m)a:Soo:Sua:Molher:Dos
quaes P(ro)cederam Tres:Filhos: .s.P(er)...:P(ri)mo ...
....
... *ta:Vila:* ... Albuque(r)q(u)e:
Conde:De PeNamacor:Camareyro: ... DelRey ... :E allcajde:
....
15 *de Maruam:+Ela se finou:Na*

ERa de Mil E cccc E lxx:
ANos:A iiiiº:Dyas:De Janeyro:

A designação de *era* significa a era vulgar, tendo falecido, pois, D. Helena Pereira a 4 de Janeiro de 1470 (A.D.). Os três filhos a que se refere o letreiro foram Pedro, Lopo e Henrique; os dois primeiros entraram na conspiração contra D. João 2.º, sendo Pero degolado, saindo do Reino o outro; sucedendo na casa Henrique.

O escudo de armas de D. Helena é partido em pala, na primeira as do marido, na segunda a cruz florida e aberta dos Pereiras, senhores da Feira.

O escudo de João de Albuquerque, esquartelado: no 1.º e 4.º cinco escudetes, dispostos em cruz e os laterais apontados ao centro, cada um carregado de cinco besantes em aspa, na forma de Portugal-antigo; o 2.º de cinco flores de lis, em aspa; o 3.º de nove cunhas dispostas em três palas.

João de Albuquerque provinha da casa dos Cunhas, senhores de Tábua, neto de Vasco Martins da Cunha, o Velho, e herdou por seu pai Pedro Vaz da Cunha a Casa de Angeja, Pinheiro de Loure e Assequins. Se tomou o apelido de Albuquerque em memória de sua avó, não se pode garantir que os cinco escudetes e os cinco lises representem o mesmo apelido. Andam em linhas segundas, saídas da casa dos Cunhas senhores de Tábua, os dois quartéis, o de escudetes, dispostos como Portugal-antigo, e o das cinco flores de lis. Tem-se procurado dar-lhes explicações que parecem razoáveis para cada isolado mas que, examinadas com cuidado, se encontram em oposição aos escudos figurados que existem e que, ou lhe são anteriores, ou que, de ramo diferente, não podem acomodar-se à mesma razão. O bispo da Guarda, D. Gonçalo Vasques da Cunha (fal. 1426) tio de D. João tem as suas armas na sé: 1.º de cinco escudetes, 2.º e 3.º de Cunhas, 4.º das flores de lis. Para um e outro dariam em certo modo os Albuquerques, porque ambos procedem da segunda mulher de Vasco Martins da Cunha-o-Velho, se quinas e lises fossem daquele apelido; mas já não para Albergaria, se deste fossem as quinas, que só competiam aos filhos da primeira mulher, por onde, dizem, que os Cunhas receberam a casa de Albergaria (posto que a administração de albergaria de Pai Delgado andasse na linha masculina dos Soares de Albergaria e por confisco fosse dada e depois tirada a Martins Vasques da Cunha, passando ao Dr. João das Regras e ficando, pela mulher e pela filha, à casa de Monsanto-Cascais).

Os Cunhas senhores de Pombeiro da Beira saíram da casa de Tábua em época muito anterior, começando o senhorio com Martim Lourenço da Cunha que o recebeu por troca de terras na Bairrada, com o rei D. Afonso 4.º. Os Cunhas de Pombeiro da Beira, inalteràvelmente (como se pode ver, em parte, do volume do *Inventário Artístico do Distrito de Coimbra)*, tanto no ramo directo como nos colaterais, pelo menos desde o princípio do séc. XVI ao fim do séc. XVIII, usaram escudo partido em pala, uma de Cunha, a outra cortada, no 1.º os cinco escudetes, no 2.º as cinco flores de lis; só um dos onze brasões que deles conhecemos se encontra fora dos antigos domínios; cinco pertencem a ramos segundos e datam de época em que a varonia já estava nos Castelos-Brancos.

Certos brasões de ramos segundos, que alguns genealogistas apresentam, não passam de meras interpretações convencionais suas, que, se no seu entender, deveriam competir a tais ramos, não se baseavam em monumentos figurados. Os quartéis dos Cunhas não parece terem solução segura.

Conserva o museu esculturas dos sécs. XVI e XVII da renascença coimbrã, provenientes de retábulos. Há, em relevo, um *Anjo da Anunciação*, de média categoria, que deverá decalcar bastante o exemplar desaparecido que corresponderia à Virgem que foi da colecção Ameal.

A um ângulo do claustro, levanta-se, a toda a altura do primeiro piso, a grande estátua de Hércules, segurando a hidra com a esquerda e levantando a direita a amparar a maça desaparecida; escultura coimbrã, da renascença decadente, do estilo da transição dos sécs. XVI-XVII; provinda do jardim da casa dos Tavares da cidade, que bem se acomodava ao carácter de nobres, paralelamente à de Gerião da casa do dr. André de Almada, em Coimbra.

A *escultura em barro* tem como representante de categoria a *Sagrada Família* (Senhora, S. José e o Menino), policromada, séc. XVIII, de tamanho médio, de artista lisbonense, de grande nível (A. 0,95); proveniente do mosteiro das Carmelitas.

Outras, pequenas, bem modeladas, como a figura contemplativa e sentada (A. 0,49), *Virgem* e *S. José* (A. 0,485), ajoelhados, de presépio; séc. XVIII.

A **escultura de madeira**, além duma pequena *Virgem e o Menino*, gótica, do séc. XVI, (A. 0,57), possui larga representação de obras religiosas correntes. Colecção notável como escultura decorativa é a dos pequenos retábulos, que, bem dispostos, darão, com as talhas que referimos na parte do mosteiro, boa série evolutiva para o estudo destes trabalhos de madeira.

A **pintura** tem por dominante as tábuas dos sécs. XV e XVI.

Retrato da princesa D. Joana, em busto, vestida à maneira da corte, pintura da segunda metade do séc. XV.

Pequeno *tríptico de S. Simão*, do final do séc. XV. As figuras estão designadas por letreiros, pintados na moldura no princípio do século XVI, mas errados, feitos para corresponderem a nova orientação devocional do mosteiro, como a própria direcção actual do museu julga. Ao centro a figura do *Salvador*, titular do mosteiro, designado por S. Simão, cercado de doze pequenas figuras de freiras ajoelhadas, tendo por fundo o interior transverso de igreja gótica (A. 1,05; L. 0,64); à direita um santo com a típica serra de S. Simão, posto que a legenda queira que seja S. Judas Tadeu; à esquerda S. Tiago-menor com o maço de pisoeiro, bem identificado pela legenda, ambos sobre fundos de brocado (A. 1,07; L. 0,29). No verso dos painéis laterais pintaram uma imitação de brocado e dois escudos: o da direita esquartelado de Almeida com Silva, o da esquerda de Noronhas, brasões que temos de considerar como sendo dos filhos segundos da casa de Abrantes.

Acrescentaremos breve nota, para tentar identificar as pessoas que encomendaram a obra.

O brasão dos Almeidas-Silvas é bem conhecido dos estudiosos pelas espécies artísticas do bispo-conde *D. Jorge de Almeida*, que governou a diocese de Coimbra de 1483 a 1543. Julgamos que este do tríptico deva ser seu. Aveiro não só era sua natural jurisdição, como também ele próprio andou ìntimamente ligado à vida do mosteiro. Tendo para lá entrado a princesa D. Joana em 1472 e saindo de lá temporàriamente por causa da peste, ele e o bispo do Porto foram escolhidos para serem dignitários eclesiásticos que sempre a haveriam de acompanhar (pelo menos alternadamente); o grupo principesco permaneceu, nos últimos meses, em Abrantes, e nos próprios paços do conde, falecendo aí a fundadora do mosteiro; em Maio de 1490 presidiu o bispo aos funerais da mesma princesa, como de direito lhe competia, posto que também estivesse aquele outro prelado.

Na mesma época estiveram no mosteiro religiosas da Casa de Abrantes, parentas suas. Uma tia, *D. Clara da Silva*, que professara em 1472, irmã da mãe, D. Brites da Silva, que igualmente acompanhou a princesa nas saídas, que fazia parte do grupo destinado ao seu serviço, tendo encargo da sua fazenda e guarda da sua pessoa, e lhe assistiu de modo especial à doença e agonia. A esta não competia o quartel de Almeidas. Esteve uma irmã, *D. Catarina da Silva*, que professara em 1478, foi sub-prioresa no ano de 1481, falecendo em 1504, que igualmente acompanhou a princesa, e em cujo regaço a mesma princesa repousou o busto na agonia. Poderia usar o brasão dos Almeidas-Silvas; e não podemos garantir que ela tivesse dado ou devesse dar aos móveis do escudo disposição diversa da que lhes deu o irmão-bispo. Pedro da Silva esquartelou-o tal como este: de Almeida com Silva. Esteve ainda uma sobrinha do mesmo bispo, filha do irmão, o segundo conde de Abrantes, *D. Brites de Noronha*, que tomara o apelido e concomitantemente o brasão da mãe, D. Inês de Noronha; havia professado em 1488, saiu de Aveiro em 1518, com outras, para a fundação do mosteiro da Anunciada de Lisboa. Será dela o brasão dos Noronhas.

Se os escudos poderiam pertencer às duas freiras, Catarina e Brites, tia e sobrinha, parece-nos mais provável que sejam do bispo D. Jorge de Almeida e da sobrinha D. Brites de Noronha; devendo-se colocar a execução do tríptico nos últimos anos do século XV. A sua ligação artística com obras conimbricenses leva à convicção de que foi executado nesse centro.

S. Tiago-Maior a abençoar uma freira ajoelhada (A. 0,98; L. 0,625) dentro de igreja de três naves, segundo a linha axial, pertence à mesma oficina do anterior.

A *Virgem e o Menino* (A. 0,715; L. 0,47), só em meio corpo, sustentando na direita pequeno ramo de madre-silva, do séc. XVI inicial, talvez de oficina portuguesa.

S. João Evangelista (A. 0,71; L. 0,625), com carácter septentrional; o evangelista enquadrado num varandim e por fundo uma vista da cidade.

Pequeno tríptico de oratório, dedicado à Virgem, septentrional.

Na secção de **Ourivesaria** destacam-se certas peças.

Cálice de prata dourada, manuelino, século XVI inicial, de base hexagonal, nó de botões e sub-copa vazada de folhagens; proveniente da capela da Senhora da Alegria.

Virgem e o Menino (A. 0,54) de prata branca do séc. XVII, lendo-se na parte posterior: COVTO.632.

Relicário, em forma de caixa de faces abertas, de prata branca, estando-lhe gravada no fundo a inscrição: SENDO.PRIORESA.SÕR. IZABEL.DA VIZI = / TAÇAÕ.AN.1701 (C. 0,24; L. 0,145; A. 0,25).

Custódia de prata dourada, cinzelada e repuxada, magnífico trabalho do séc. XVIII, proveniente do demolido mosteiro da Madre de Deus de Sá. Uma criança sobre o globo semelha sustentar o mostruário; na base três

baixos-relevos com cenas da Paixão, devendo faltar à mesma três anjos ou figuras, levantadas nos ângulos inferiores.

Galhetas de cristal e prata dourada (A. 0,19), com prato (C. 0,32), da segunda metade do séc. XVIII.

Salva de prata branca (D. 0,335), da segunda metade do séc. XVIII, marcada do punção do Porto e do ourives TCS, além dum P (paço?).

Píxide de prata dourada (A. 0,275), lavrada de motivos da segunda metade do séc. XVIII.

A ***secção de tecidos e bordados*** é aquela que, depois das talhas de madeira, tem maior importância no museu. Enumeraremos só algumas espécies.

Frontal cuja frontaleira, sebastos e faixas são bordados a ouro e policromia, de aves e folhagens, a imitar as espécies orientais. O trabalho é nacional, podendo já ser do século XVII, executado com materiais europeus, em tecido de linho.

Pluvial de brocado de três altos, fundo vermelho, decoração a ouro; sebastos decorados de tela recortada e rebordada, desenhando espaços e motivos acantiformes, tendo no capuz a Virgem dentro de rótulo; do séc. XVI. Corresponde-lhe *casula* e *dalmáticas*, de brocatel, de fundo amarelo-ouro, decoração a vermelho e branco, sebastos e orlas bordados no tipo referido; *frontal* de brocatel, com frontaleira bordada de enrolamentos de acanto.

Frontal da segunda metade do séc. XVII, bordado a ouro, prata e sedas policromas, de frontaleira e faixas de fundo vermelho e grossos motivos em SS opostos, com aplicação a meio da frontaleira de um sol de prata dourada; panos de tela branca, bordados de vasos floridos e acompanhados de leões.

Frontal da segunda metade do séc. XVII, com os panos em tela de fundo vermelho, desenhando espaços contínuos a encerrarem ramos; bordado volumoso a ouro e policromia; na frontaleira o monograma IHS em coroa de espinhos.

Dois *frontais*, tendo os panos em brocado de três altos, do séc. XVI, frontaleira e faixas desenhando largas folhas, diversamente interpretadas, da segunda metade do séc. XVII; havendo na frontaleira dum a águia do Evangelista, no outro o Agnus-Dei.

Conserva ainda o museu outros frontais do séc. XVII, de frontaleiras e faixas com aplicação de telas recortadas e rebordadas, sendo os panos de brocatel ou de veludo, bem como fragmentos de bordados do tipo daquelas faixas.

Véu de ombros, do séc. XVII, de cetim azul, bordado a ouro e policromia, na orla, e, ao centro, a Virgem e o Menino dentro de glória.

Conjunto de grande *pluvial* e *casula*, com anexos, de tela vermelha, bordado a ouro (na capa só nos sebastos), tendo um brasão eclesiástico com AM entrelaçados e uma coroa, do séc. XVIII.

Pluvial, casula, dalmáticas do séc. XVIII, de tela branca, bordada a recamo de ouro.

Pluvial do séc. XVIII, de tela branca, igualmente de profuso bordado a ouro.

Casula de outro tipo, do séc. XVIII, branca e de rico bordado a ouro.

Além de outras espécies do séc. XVIII, de seda ou tela, bordadas a ouro, há ainda um *pano de estante*, um grande *frontal* e *pano de púlpito*.

Um conjunto de *casula, dalmáticas, véu de ombros* e um de *cálice*, de cetim branco, bordados a policromia, desenhando ramos vegetais, do séc. XVIII.

Os tecidos contêm exemplares de brocatéis, de tecidos em que o ornato a ouro é dado em trama, do séc. XVII; damascos brochados a ouro, sedas brochadas a ouro, ou a ouro, prata e policromia, do séc. XVIII, variadas e de diversos centros de fabrico.

Há ainda quatro grandes *reposteiros* de brocado do séc. XVI, formados de tiras de dois padrões, um a branco e outro de carmesim.

Entre as espécies de mobiliário referiremos a carruagem do primeiro bispo de Aveiro, D. António Freire Gameiro de Sousa, da segunda metade do séc. XVIII, com obra de talha, decorada a vermelho por fundo e bordadura a ouro.

CONVENTO DO CARMO — pertenceu aos religiosos carmelitas descalços, os da reforma de St.ª Teresa.

A fundação canónica data de 1613. Principiado perto da capela de S. Gonçalo, pela estreiteza do sítio, acabou por ser construído na rua chamada de S. Paulo, junto a Sá, no ponto actual, tendo os religiosos entrado para ele em 1620.

Custeou as obras da igreja D. Beatriz de Lara, a qual ficou com o padroado. Esta senhora era filha de Manuel de Meneses, 5.º marquês e 1.º duque de Vila Real, tendo casado com Pedro de Médicis, filho do grão-duque da Toscana, Cosme 1.º; vindo a falecer em 1648.

O seu brasão de armas vê-se em diversos pontos da igreja. A melhor representação é a da fachada, repetida aos lados da janela do coro, com a anomalia de ter sido voltada, em cada uma, a pala das armas dos Médicis para a linha média da frontaria, por certa preocupação de estética. A complexidade do brasão, a escassês de espaço no escudo, além da ignorância dos princípios de armaria, originaram faltas e erros que chegam a sugestionar, nalgumas das representações, móveis heráldicos diferentes.

O brasão é o seguinte: escudo partido; na primeira pala as armas dos Médicis, pelo marido, na segunda as suas, as dos Noronhas, marqueses de Vila Real. São as dos Médicis: em campo de ouro seis arruelas, dispostas, 1-2-2-1, a do chefe de azul carregada de três flores de lis de ouro, as outras cinco de vermelho. As dos Noronhas: escudo esquartelado; o 1.º e 4.º quartéis de Portugal-moderno sobreposto dum filete negro (bastardia de D. Fernando 1.º de Portugal); 2.º e 3.º mantelados, no campo de vermelho castelo de ouro, no mantelado de prata dois leões batalhantes de púrpura; bordadura xadrezada de ouro e de veiros (bastardia de Henrique 2.º de Castela). Sobre-o-todo de Meneses: escudo cortado de um e partido de três, formando seis quartéis; o 1.º, 3.º e 5.º em campo de ouro, dois lobos passantes de púrpura (Vilalobos); 2.º, 4.º e 6.º em campo de ouro, quatro palas de vermelho (Limas); em sobre-o-todo escudete de ouro (Meneses). A única particularidade que se teria procurado aqui, seria na representação das bordaduras, que foram suprimidas na parte interna, ficando a dar a impressão duma só bordadura, uma geral carregada de castelos nos quartéis de Portugal e xadrezada nos de Castela.

Encontra-se na cidade, como no Buçaco, o escudo da ordem do Carmo: campo branco mantelado de preto, rematado o mantelado em forma de cruz, da mesma cor (com o que se quis representar o monte Carmelo), com três estrelas postas em roquete, as duas do chefe de ouro perfiladas de negro, a da ponta de prata. Não vimos nos pontos referidos mas tem-se-nos deparado uma bordadura de escaques pretos e brancos, em que alternam as formas quadradas e triangulares; por timbre um braço vestido de estamenha a empunhar espada de fogo, acompanhado de doze estrelas de ouro e de uma fita com a divisa: *Zelo zelatus sum pro domino Deo exercituum.*

Desapareceu a parte correspondente ao convento no meado do século passado. Resta a igreja, à qual se lançou a primeira pedra a 15 de Outubro de 1628, celebrando-se a primeira missa a 24 de Abril de 1643.

Esta igreja, severa mas bem lançada, forma com a Misericórdia, S. Gonçalo e Barrocas o bom conjunto arquitectónico de Aveiro.

As cantarias são do calcário ançanense.

Tem uma só nave, transepto saliente, capela-mor rectangular. Todas estas partes se elevam à mesma altura. Sobre o cruzeiro assenta cúpula hemisférica. As abóbadas são de tijolo e simples; as do corpo e da capela-mor semicilíndricas e de lunetas, as dos braços do transepto simplesmente curvas; a cúpula arranca logo acima dos triângulos curvos, produzidos pelos arcos do cruzeiro, e não tem lanternim. Tanto esta como a abóbada da capela-mor mostram severo ornato de argamassas. Exteriormente acusa-se a forma crucial, que telhados simples cobrem inteiramente.

A nave reparte-se em cinco tramos por pilastras, a que correspondem na abóbada cintas de cantaria. Essas pilastras não têm bases nem capitéis; o entablamento reduz-se a cornija arquitravada que corre e que une, à mesma altura, os diversos corpos.

Os dois tramos dos pés são ocupados pelo coro-alto, espaço este que é, inferiormente, repartido pelo átrio externo e pelo sub-coro interno, separados pela parede da porta da entrada.

Erguem-se nas paredes da capela-mor duas composições de portal, com entablamento, frontão curvo mas interrompido; foi destinado o da direita a entrada da sacristia, o da esquerda a encerrar o túmulo da padroeira, D. Brites de Lara. Este é de mármore branco, rosa, cinza, tendo a urna vincada de pilastras misuladas e a alta tampa de fortes molduras, que formam conjunto piramidal. Lápide moderna que lá apuseram, de simples esclarecimento turístico, devia sair da posição que ocupa.

Só há duas capelas na nave, fronteiras e cortadas no tramo contíguo aos ramos do transepto, da mesma profundidade que eles têm, de abóbadas de aresta, pouco elevadas e simples.

Foram privativas de famílias locais, como se pode ver na bibliografia citada.

A do evangelho, outrora do Santo Cristo, ostenta ainda, acima do arco, um rótulo de madeira, dos princípios do séc. XVIII, decorado de crianças e revolteados do tempo, com brasão mal representado: partido; o 1.º de Gamas, xadrezado só de nove peças, cinco lisas e as restantes carregadas de quatro

faixas cada uma, sobre a central um escudete com as quinas nacionais mas dispostas em aspa; o 2.º com a águia dos Maias.

A capela fronteira, à direita, outrora da Senhora do Pilar, deveria ter possuído brasão do mesmo tipo, como insinua espigão de ferro, destinado a suportá-lo. Dentro, à mão direita, crava-se grande placa de calcário com escudo em lisonja; partido: na primeira pala o traço só (pois que foi raspado) da cruz florida e aberta em campo, dos Pereiras; na segunda as três faixas dos Silveiras; timbre do primeiro, cruz florida (igualmente raspada) entre duas asas; elmo e paquife.

A *frontaria* é igualmente austera. Vincam-se-lhe os cunhais de pilastras, unidas pela cimalha adintelada da base da empena. Divide-se em três zonas, marcadas por faixas lisas: a primeira compreende os três arcos simples, a segunda ostenta na linha média um nicho, a terceira é a da janela do coro, ladeada dos dois escudos da padroeira, metidos em rótulos decorativos. A escultura do nicho, *Virgem e o Menino* (Carmo), é grande, de calcário e oficina coimbrã, da renascença prolongada, do séc. XVII.

Ao lado direito, sobre o parede do flanco, junto à fachada, ergue-se o grande e bem lançado campanário; todo de cantaria, de dois corpos coroados de cornijas arquitravadas, de duas sineiras o de baixo e de uma o outro.

Alarga-se pequeno *terreiro* em frente da igreja, fechado de muro frontal, datado este: ANNO 1711. Foi projectado e executado por boas mãos, no estilo barroco, sem que saibamos a que artistas se deva tanto a arquitectura como o ornato e a escultura. Alongam-se no coroamento grupos de aletas contrapostas, marcando as dominantes, as das prumadas da porta e das duas janelas. O lintel e o remate da porta foram sobreelevados há anos; e conviria descê-los à posição antiga. Vê-se na frente deste o escudo carmelita e, no reverso, um *S. João Baptista*, como menino, gracioso, mexido e gordalhufo.

As grades do portão e das duas janelas são de varões galbados e anelados; a da porta tem um mau acrescento inferior, provocado pelo alteamento.

Os *retábulos*, principal e colaterais, de madeira dourada, são fundamentalmente da mesma época, o meado do séc. XVII, do clássico evolucionado.

Compunha-se o *principal* de duas zonas de colunas e outra de remate. As colunas são caneladas em espiral e de terços envolvidos de enrolamentos de acanto. Os mesmos acantos correm nos frisos. Sofreu alterações em duas épocas do séc. XVIII. A primeira nas proximidades do meado, no D. João 5.º final, que constou da substituição do camarim alto — tanto no interior como na abertura decorada de lamberquins e colgaduras, completada de alta cabeceira recortada, contendo as armas da ordem carmelita e dois anjos-adultos — dos nichos da zona alta, decorados de dossel de cortinados e de mísula, igualmente os da zona de baixo, e ainda a renovação do basamento geral deste corpo.

Data a outra reforma da segunda metade do mesmo séc. XVIII, na fase do concheado. Renovaram todo o centro, que ficou composto de basamento com sacrário, alto nicho para exposições eucarísticas (mas onde hoje se encontra imagem moderna) e os próprios degraus do camarim referido. Até há pouco a parte rectangular e posterior à escultura do camarim estava lisa; deram-lhe recentemente uma glória solar.

Como tudo foi revestido a ouro unido, é agradável o conjunto.

As esculturas antigas, de madeira dourada e policromada, pertencem a diversas épocas. Da fase inicial do retábulo, o séc. XVII, há só a de *Elias* levantando na esquerda uma igreja e empunhando na dextra a espada de fogo, escultura sóbria e regularmente lançada. Abrigam-se nos dois nichos de cima *St.ª Ana* e *S. Joaquim*, já do séc. XVIII, de roupagens facetadas, goivadas com incertezas, obras comuns. Pertencem a outra fase do séc. XVIII duas outras, volumosas, de melhor artífice: *Nossa Senhora do Carmo* e *S. José*.

Os *retábulos colaterais* ao arco datam do mesmo meado do séc. XVII. Constituem-nos dois corpos de colunas, sobrepostos; cava-se no de baixo um nicho, encerra o do alto pintura em tábua. São as colunas coríntias, caneladas em espiral, de terço ornado de enrolamentos de acanto, formando dois pares em cada corpo; mas substituídas as centrais na parte de baixo por pilastras misuladas. As esculturas, grandes, datam do mesmo tempo:

ao evangelho, *St.ª Teresa de Jesus*, ao outro lado *S. João da Cruz*. As pinturas têm o substrato de madeira, e são do tempo dos retábulos, estudadas em modelos do fim do século anterior: *Descanso no Egipto*, à esquerda, *Transfixão de St.ª Teresa* no retábulo contrário.

O pequeno retábulo da capela da esquerda é igualmente do séc. XVII, clássico evolucionado, posterior, porém, ao principal; pequeno e baixo, de três colunas por lado, com desigualdade de intercolúnios, mostrando no remate, pintados em madeira, bustos da *Virgem* e de dois santos carmelitas.

A capela fronteira possui retábulo da mesma fase artística, de quatro colunas coríntias, caneladas em espiral, terços ornados, mas mutilado ao centro por novo camarim. A mesa data dos sécs. XVII-XVIII, formando urna cavada, toda e bem decorada no barroco do tempo.

Da segunda metade do séc. XVIII restam: sanefas sobre vãos; o anteparo do púlpito e respectiva quebra-voz, bem trabalhado em concheado, tudo dourado, obra nada comum; a base do antigo órgão, lisa mas pintada de temas de concheado, datados de 1789, com balaustrada de madeira recortada, a qual se prolonga nas guardas do coro.

Há uma credência de madeira dourada, do séc. XVIII inicial, tendo a parte alta das pernas figurada de hermes-crianças, mostrando o escudo carmelita na frente e sendo as abas muito ornadas.

Colocaram nos topos do transepto novos altares; à direita um do néo-clássico final, da segunda metade do séc. XIX; o da esquerda formado de restos de talhas várias.

Deslocaram para o espaço do sub-coro um *Crucifixo* de madeira, de tamanho médio, comum mas devocional.

Existem ainda algumas pinturas em tela, restos do tempo conventual, melhor ou pior conservadas. Destacam-se as de uma série de que se conserva pouco mais de meia dúzia, de tamanho médio, representando *cenas da Paixão*, que dão sugestão de obras melhores, por terem sido executadas sobre gravuras ou cópias de originais do norte europeu, como a do golpe de lança rubeniano. Entre as de grande tamanho faz-se notar a de *S. Sebastião* martirizado, a quem as santas mulheres extraem furtivamente as flechas.

Vêem-se na sacristia duas lâminas metálicas com pintura, em rótulo de madeira, a que a devoção deu fama que não corresponde ao mérito artístico.

Encontrámos duas velhas campas fúnebres. Uma sob o coro: (Sepultura) DE M(ANV)EL PACHE/CO ARMADOR E / DE SVA MVLHER / E DESENDENTES / 1697. Outra deslocada, num corredor: .S.DE MANOEL / RODRIGES E DE SVA MOLHER / IZABEL DA CON/CEICAM E DE SE/VS ERDEIROS.

MOSTEIRO DE S. JOÃO EVANGELISTA. Pertenceu ao ramo feminino de carmelitas descalças, o da reforma de St.ª Teresa.

Jaime de Magalhães Lima escreveu em 1905: «Pensa o governo em mutilar o convento das carmelitas d'Aveiro, antigo paço ducal n'esta cidade e uma das poucas relíquias das suas grandezas. A commissão dos monumentos nacionaes, tendo conhecimento do facto, encarregou o snr. Ramalho Ortigão de examinar o assumpto e apresentar o seu parecer. E esse parecer, que está approvado por aquella corporação e anda impresso, constitue não só a defeza do convento ameaçado, mas uma soberba lição sobre as obrigações da administração pública, enquanto lhe cumpre educar o sentimento cívico pelo respeito do passado e continuidade da tradição».

De nada valeu, que a mutilação deu-se. As obras de Arte só se conservam quando não incomodam ou não se fazem lembradas!

O edifício era pequeno e modesto, construído para o fim monástico, em períodos sucessivos do séc. XVII. A nascente ficou o convento, enquadrando o espaço central do claustro; a poente levantou-se a igreja, de frontaria para norte. Era o claustro de arcadas no piso térreo, com pilares quadrados e voltas singelas, constando cada uma de nove vãos; fechado de parede no andar de cima, onde se cortavam janelas muito simples. Havia ao centro fontenário de tipo de taça isolada e com tanque quadrado. Conserva-se o lanço do sul, tendo desaparecido o fronteiro e estando mutilados os laterais, vendo-se aberto para a rua o espaço do jardim.

A igreja, arquitectònicamente é do mesmo modo muito modesta; valorizam-na grandemente as talhas douradas e o tecto.

Convento e igreja foram inùtilmente mutilados para se regularizar uma praça e destacar a modesta arquitectura do edifício do poente; eliminaram a ala norte daquele e todo o coro alto, o do fundo da igreja; certamente por simples acaso é que não abrangeram o topo da igreja com as suas belas talhas.

As paredes da igreja formam um rectângulo, conservando a mesma largura no corpo e na capela, cortado só pelo arco cruzeiro e subdividido este segundo espaço pelo retábulo, em capela e sacristia.

As janelas, simples e rectangulares, cortam-se só no flanco direito, uma na capela, duas no corpo, abrindo-se a porta travessa sob a próxima à actual fachada.

Na zona baixa da parede da esquerda da capela-mor existe o largo vão rectangular, com grade de ferro eriçada de bicos, do chamado coro-de-baixo. Esta disposição prestava-se melhor a certas cerimónias, como a de tomada do hábito, pela proximidade do altar.

São dois os púlpitos, postos fronteiramente, a meio da nave: bacia de pedra moldurada, balaústres torneados mas simples, do séc. XVII.

A decoração da capela-mor e do corpo pode definir-se deste modo: alisar de azulejos até à altura das vergas das portas; revestimento da parte superior por meio de talhas de madeira inteiramente dourada; tectos de apainelados, enquadrando pinturas.

As *talhas de madeira dourada* correspondem a três fases, o que foi originado nas naturais condições económicas da instituição. Os conventos eram na maior parte pobres, assim como as igrejas paroquiais; os revestimentos eram feitos por fases e estas ocasionais e não distribuídas inicialmente, sem que mesmo no princípio se julgasse que o conjunto viesse a ter o desenvolvimento que acabava por se dar; harmonizava-se a obra nova com a anterior, conforme se iam enchendo os espaços livres.

A primeira fase corresponde ao barroco pedrino, da transição dos sécs. XVII-XVIII e do XVIII inicial. Abrange o altar-mor (o qual teve complementos no concheado), os dois altares dos flancos, os tectos da capela e do corpo.

Pertence à segunda, da primeira metade do séc. XVIII, barroco joanino, o revestimento do arco-cruzeiro, o das paredes laterais da capela e do corpo e o topo deste, que é o do coro de cima (com modificações no concheado), as quatro sanefas mais simples aos lados da capela.

A última fase foi executada no concheado, segunda metade do séc. XVIII, constituída pelos complementos no retábulo principal, duas grandes sanefas acima dos retábulos dos flancos, outra sobre a porta travessa, duas pequenas portas das entradas baixas dos púlpitos.

Pormenorizaremos.

Segue o *altar-mor* o tipo plano, de grande camarim, da transição dos sécs. XVII-XVIII, barroco pedrino: duas colunas por lado e dois arcos torcidos, aquelas e estes envolvidos em pâmpanos; camarim profundo, poligonal, coberto em concha; trono feito de degraus variados e inteiramente decorados. Nos painéis, nas pilastras, frisos, cintas, adensa-se o acanto volumoso da época.

No período do concheado, na segunda metade do séc. XVIII, colocaram abaixo do trono uma maquineta de tríplice vão, de bom ornato; modificaram as mísulas das estátuas dos intercolúnios e deram-lhes por dossel uma concha esgarçada; as portas abaixo das estátuas dos intercolúnios foram dotadas de sanefas de bom desenho.

As paredes laterais da mesma capela-mor tiveram a decoração do barroco joanino, da primeira metade do séc. XVIII. Dividem-se verticalmente em três espaços, por pilastras coríntias e decoradas de acantos, completadas de frisos e molduras. Enchem os panos da esquerda três telas, mas à direita duas só com janela medial.

Os dois retábulos incluídos nos arcos dos flancos do corpo, ainda da primeira fase, a pedrina, pertencem ao consabido tipo reentrante, compondo-se de duas colunas por banda e de dois arcos, tudo de forma espiralada e com parras. Dotaram o da direita, no concheado, de alta peanha; modificaram no século XIX o nicho do da esquerda, com molduras e vidros; aplicaram-lhes mesas no néo-clássico oitocentista. Sobrepõem-se-lhes grandes sanefas do concheado.

Correspondem as talhas que inteiramente envolvem o arco-cruzeiro à decoração joanina das paredes da capela. Compõem-se de pilastras compósitas e de frisos e mais elementos de hábito, cheios dos temas curvos e contracurvos com os acantos da mesma fase. Entalharam no fecho o brasão ducal, posto que não tenha o filete em contra-banda, sendo a coroa de florões e aberta. Os escudos do altar-mor e do topo do coro são os da ordem carmelita.

Da mesma segunda fase da decoração, a do joanino da primeira metade do séc. XVIII,

data o revestimento das paredes do corpo da igreja. A sua composição é feita de panos ligados, esplendorosa de talha, inteiramente pardourada. Distribuem-se desta maneira, partindo do cruzeiro e dos arcos dos altares referidos: janela (verdadeira ou falsa conforme é o lado da direita ou da esquerda), púlpito, quadro de pintura, janela, quadro. A composição do emolduramento dos quadros segue os tipos correntes; variada é a das janelas, havendo pano de base, pequena grade já no vão, pilastras a ladeá-lo, lambrequim e frontão interrompido, a dominar o conjunto; aos púlpitos, cujo lintel do vão da entrada fica baixo, deram também um lambrequim, que fica suspenso dum corpo levemente saliente, completado de composição de tipo de rótulo, encerrando a pomba simbólica.

A parte do topo, o do coro de cima, subordinou-se a outra fórmula. A abertura rectangular e gradeada do coro foi tratada como moldura de quadro, a que deram um avental e uma sanefa completada de cortinados, que colocaram bastante acima do vão. Esta é a parte joanina. No concheado da segunda metade do século inseriram aos lados da abertura do coro e, entre esta e a sanefa, três pinturas em tela com enquadramento de talha dourada.

Os tectos do corpo e da capela-mor são da mesma largura e traçado, da transição dos sécs. XVII-XVIII. Foram apainelados de fortes molduras douradas, no número de quinze na capela e de quarenta no corpo. Preenchiam os claros telas da mesma época, representando essencialmente na capela *cenas da vida de Cristo*, no corpo cenas da *vida de St.ª Teresa*. O mau estado dos telhados tem-nos danificado; restam sete daquelas e vinte e quatro destas, algumas já a cair de todo. Eram de pequena categoria mas completavam a decoração geral. Os serviços oficiais nunca se incomodaram com a igreja e o grupo de pessoas religiosas que a mantêm limpa não pode arcar com tão grande despesa.

Nas paredes da capela-mor, como ficou dito, enquadrados na talha, há cinco grandes telas, de categoria equivalente às do tecto, decorativas, graciosas, mas revelando ingenuidade e artista secundário: à esquerda, *Senhora da Conceição* acompanhada de símbolos marianos, *Nascimento da Virgem*, sua *Apresentação no Templo;* ao lado contrário, *Casamento da Virgem, Assunção.*

As telas do corpo datam de nova fase, obras artificianais, decorativas; à esquerda *St.º Alberto, S. Simão Stok*, em frente *S. João da Cruz* e *St.º Eliseu.*

São de melhor categoria as telas do topo do coro, mas demasiadamente escurecidas para que se possam julgar convenientemente: *Senhora do Carmo* abrigando sob o manto a ordem carmelita, *St.º Elias* e *St.ª Teresa.*

As esculturas não passam de nível corrente. As do altar-mor correspondem à segunda fase da talha da igreja: gesticulantes, panejamentos ondulantes; duas grandes, nos intercolúnios, *Senhora do Carmo* e *S. José*, três menores, nos alvéolos da maquineta referida, *S. João Evangelista, St.ª Teresa* e *S. João da Cruz.*

Mais diversificadas que estas mas ainda do séc. XVIII, são as do altar da direita: *Senhora da Conceição, S. Tiago* vestido de apóstolo mas de romeira e vieiras, *S. João da Cruz.*

Os alisares de *azulejo* do corpo e capela integram-se na série coimbrã de António Vital Rifarto, do segundo quartel do séc. XVIII. A linha superior dos mesmos panos é horizontal, como o exigiu o revestimento de talhas, correspondendo à segunda fase destas neste ponto. Os enquadramentos são formados por pilastras, misuladas de fortes volutas com crianças, molduras arquitectónicas donde caem espessas grinaldas. Tendo de se subordinar às aberturas, variaram as extensões de cada pano; no corpo desenvolvem-se mesmo em larga faixa entre os altares e o topo. Há cenas de eremitas e principalmente de paisagem. Fora dos motivos arquitectónicos, em que o artista primava, as suas prossibilidades eram poucas, acomodando o limitado reportório a lugares que já não pediam certos motivos, como aqui. Fronteiramente à porta travessa desenhou o brasão carmelita, dentro dum rótulo usual nos seus trabalhos, com anjos, e rematado do consabido querubim sob grande coroa real.

A sacristia, como deixámos dito, é a parte do mesmo corpo da capela-mor separada pelo altar. O tecto, que é baixo e plano, divide-se em apainelados, pintados a policromia, segundo composição de enrolamentos de acantos

com flores, cujas cores alternam de uma para outra quartela.

O modesto lavabo de calcário tem a data de 1704.

Vimos num dos altares pequeno *Cristo crucificado* de marfim, do séc. XVII, em cruz de madeira com três alvéolos para relíquias.

CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO e *CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO.*

Pode-se ajuizar da disposição topográfica que tem o conjunto arquitectónico de que nos vamos ocupar, colocando-nos no terreiro fronteiro e voltando-nos para as fachadas: à direita a frontaria da igreja conventual e, na continuação para o mesmo lado, os restos do convento; à esquerda, e ligada àquela, a igreja da Ordem Terceira, com a casa do despacho a seguir.

Pertenceu o convento à ordem reformada de S. Francisco, fazendo parte das províncias da Regular Observância. Fundou-o canònicamente, em 1524, a Província Portuguesa da Piedade. No ano de 1673, havendo nova divisão de províncias, ficou adstrito à da Soledade, que abrangia as casas ao norte do Tejo.

Segundo o cronista fr. Manuel de Monforte, deu o assento do edifício e o terreno para a cerca o juiz da terra João Nunes com a esposa Isabel da Costa. No ano de 1564 foi o convento reedificado na maior parte. A capela-mor custeou-a o senhor de Angeja (que deveria ser Jorge Moniz), a quem ficou o padroado da mesma, sendo nela sepultado; o resto foi feito pelo povo. No ano de 1580, Paulo Pinheiro deu uma terra para acrescento da cerca. «Ultimamente ameaçando a Egreja ruina, se fez de novo em o anno de 1653».

Um dos grandes bemfeitores do convento, na primeira metade do séc. XVII, foi Henrique de Sousa, conde de Miranda do Corvo e marquês de Arronches.

A cerca está hoje adaptada a jardim e parque da cidade. Diz dela o cronista: «A cerca, ainda que pequena, he muy copada de arvoredo, & por isso muy accomodada para a contemplação. Corre por ella huma ribeira q. a ferteliza, a qual à vista do Convento desagoa por entre salinas no Oceano; em cuja agradável e prateada corrente, tem seus moradores bastante materia para engrandecer ao Creador».

O convento ficou a sul da cidade ou, como dizia o cronista «em pouca distancia da Villa para a parte do Meyo dia», isto é, fora e não longe da antiga cerca de muralhas. Depois da supressão das ordens religiosas a igreja foi concedida à Ordem Terceira que a uniu e acumulou com a sua. A parte conventual teve diversos destinos até servir de aquartelamento militar, conservando-se alguns serviços na parte que permanece de pé.

A Ordem Terceira de S. Francisco de Aveiro, como instituição, parece ter sido fundada em 1670. Teve umas duas sedes até que se lançou a primeira pedra desta igreja a 16 de Janeiro de 1677. A casa do despacho data de 1682, havendo posteriormente reformas internas.

*

Trataremos daqueles edifícios como de unidades separadas: primeiramente da igreja, sacristia e claustro do convento; seguidamente da capela da Ordem Terceira.

Todas as cantarias de uma e doutra parte provêm das pedreiras da região de Ançã.

Arquitectònicamente a igreja revela a modéstia das construções franciscanas da reforma; nave e capela-mor pequenas, cobertas de abóbadas de berço, lisas, de tijolo, singelo arco-cruzeiro só de almofadas corridas. Cavaram nas paredes laterais do corpo arcos destinados a altares, alguns dos quais foram posteriormente rasgados em capela, o que em nada diminuiu ou valorizou a qualidade geral da obra. Indicaremos a respectiva ordem e colocação seguindo do cruzeiro para a porta: dois junto ao cruzeiro, reduzidos a simples reentrâncias, não tendo sido aproveitados para aquele fim; ao lado da epístola segue-se a porta do séc. XVIII que fazia a ligação para o claustro; logo após dois arcos, fronteiros, tendo sido aprofundado em capela o da esquerda; púlpito à direita; junto já ao coro-alto dois, do século passado, sendo o da esquerda a comunicação rasgada para a capela da Ordem Terceira e contendo o da direita o retábulo que tiraram daquela capela, quando fizeram a ligação; termina o espaço da nave pelo arco transversal do coro-alto. Este mesmo coro-alto estende-se para além da parede de entrada, sobre o átrio externo, para se conseguir espaço, como era costume.

Não há janelas no corpo, mas duas só na capela-mor.

A frontaria data das reformas da última metade do séc. XVIII. Pilastras toscanas dividem-na em três secções verticais, sendo bastante larga a do meio, para dar espaço ao tradicional arco, em asa-de-cesto, do átrio aberto deste género de igrejas. O remate segue o tipo alteado e recortado das empenas do tempo. A vasta janela do coro tem verga curva, cabeceira alta e cimalha em ângulo; ficando nos espaços laterais altas frestas. No pequeno nicho do remate uma escultura da *Senhora da Conceição*, de barro, setecentista, de regular modelação.

Segue o átrio a forma costumada das igrejas mendicantes: grande arco a toda a

largura do vão, porta da igreja no fundo, duas laterais, abrigando retábulos, mas devendo ter servido inicialmente, a da direita, de comunicação para o convento.

O interesse da igreja reside nalgumas das talhas de madeira dourada.

O melhor retábulo é o da capela-mor, cujo valor merece ser acentuado. Entalhado no decénio de 40 do séc. XVIII, pertence ao joanino final, vendo-se no modo de tratar o acanto, os querubins, certos ornatos, o anúncio da fase seguinte, anterior ao concheado. Conserva a douradura, que é total. Enquadram o largo e alto camarim dois pares de colunas torcidas, encurvando-se o espaço médio entre cada par, para dar lugar às esculturas; os arcos são mais simples que no joanino, justapondo-se-lhes no alto vasta sanefa. As colunas, de capitéis compósitos, torcidas, enrolando-se-lhes no cavado grinaldas de rosas, têm a divisão do terço simplesmente marcada por um anel. Segue cada degrau do trono desenho diferente, todos cobertos de ornatos, o que igualmente acontece nas superfícies visíveis do camarim. Assenta o conjunto em mísulas de pedra de Ançã. Duas grandes esculturas de madeira nos intercolúnios: *Senhora da Conceição*, de tipo anterior, e *S. Francisco*, sensìvelmente do tempo.

Os dois colaterais ao cruzeiro, iguais, da segunda metade do séc. XVIII, madeira dourada e policromada a marmoreados, linhas onduladas, ornatos concheados e graciosos, têm duas colunas lisas mas enleadas de grinaldas de rosas, nicho médio, ladeado de duas mísulas para pequenas esculturas, cabeceira alta e recortada. Alberga hoje o da esquerda grande escultura de madeira de *St.º António*, anterior, da primeira metade do século; no fronteiro há duas pequenas, da mesma segunda metade, correntes, *S. José* e *St.ª Ana*.

A capela da esquerda era inicialmente simples arco. O pequeno retábulo do séc. XVIII final, de quatro pequenas colunas, segue o tipo comum, tendo já sido repintado; encerra um grupo de cinco pequenas esculturas dos *Mártires de Marrocos*, do mesmo tempo, movidas e variadas de gestos mas comuns.

O retábulozinho do arco fronteiro, só de duas colunas, imita aquele, mostrando influências mais avançadas; a modesta escultura de madeira, *Senhora das Dores*, é do mesmo século.

Foi deslocado da capela dos Terceiros o retábulo que encostaram à parede fronteira ao arco de ligação dos templos, ao qual nos referiremos adiante.

A grande sanefa do arco-cruzeiro, conservando traçado setecentista, tem os ornatos do neo-clássico de oitocentos.

A bacia do púlpito é de pedra; as guardas torneadas continuam formas anteriores; a sanefa respectiva pertence ao concheado.

Merecem atenção os panos de azulejos das paredes laterais da capela-mor. Saíram de oficina coimbrã da orientação de Vital Rifarto, tendo o tipo que neste é habitual: grandes enquadramentos de temas arquitectónicos, regularmente tratados, cenas de qualidade inferior, limitadas aqui a duas, *Aparecimento do Menino a St.º António, Pregação aos Peixes*.

Revestem os breves arcos do corpo, próximos aos altares colaterais, dois panos de azulejos, meramente decorativos, do meado do século XVIII, dos seguidores daquele mestre, mas em nível baixo.

Crava-se na parede do flanco direito, junto do altar colateral, placa de calcário com os seguintes dizeres, em que há letras geminadas e inclusas;

ESTE ALTAR HE DE IZABEL DA
LVX DE FI
GVEIREDO COM MISSA QVOTIDIANA
NA
FORMA DO SEV TESTAMENTO AO
QVAL
MANDA SE DE TODOS OS ANNOS
PERA SE(M)
5 PRE DOVS MIL REIS PERA FABRI-
CA DELLE E O
CARN(EI)RO QVE NELLE TEM QVER
QVE SEIA P(AR)A
SVA SEP(VLTVR)A ANNO DE 1681.

Conserva-se ainda o cadeiral, no coro-alto, modesto, do séc. XVIII. Compõe-se de vinte e uma cadeiras.

Entre a capela-mor e a sacristia, servindo-lhes de ligação, medeia ligeiro trato de *corredor*, que era continuação da ala do claustro contígua ao flanco da igreja do lado da epístola, separado por porta. Reformaram-no ao tempo da obra do claustro.

Disposeram no chão campas antigas, de calcário, que aparentam não ocupar as posições iniciais mas serem mero reaproveitamento. Daremos a série, partindo do claustro.

Campa dos fins do séc. XVII, de letreiro gasto, brasão puído, vendo-se elmo e paquife.

Campa gasta, sem sinal algum.

Campa de brasão gasto, elmo, paquife, um quadrúpede por timbre. Lê-se ainda:

... (FIDALGVO DA)
(C)ASA DE SVA MAG
(esta)DE E DE SVA MO
LHER ERDEIROS
1605

Campa do séc. XVII final, desaparecidos já os móveis do escudo mas distinguido-se o desenho deste, o elmo e o paquife. O gasto letreiro foi apontado e mal, em qualquer época.

S(E)P(VLTVR)A DE MIGVEL RAN
GEL DE COADROS E
DE SVA MOLHER D
ONNA IGNNES PERES
5 TRELLA E DE SEVS
HEERDEIROS E DESCEN
DENTES ANNO DOMINI
... 85 (?)

Campa do séc. XVII, com escudo, assente numa cartela, e elmo. Letreiro:

S(E)P(VLTVR)A DE FR(ANCIS)CO
DE OLIVEIRA
E DE SVA MOLHER DO
NA SEBASTIANA PE
RESTRELA E DE SEVS
5 DESENDENTES AN
NO.D(OMI)NI.1639

Campa em orientação invertida em relação às outras; gasta, de letras geminadas e inclusas:

AQVI IAS DONA M(ARI)A
DARAGÃO MOLH
ER Q(VE) FOI DE FR(ANCIS)CO
DE SOV
SA DE TAVARES A QVAL
5 SE MA(N)DOV AQ(V)I ENTERAR
POLA M(VI)TA DEVASÃO
Q(VE) TINHA ESTA CASA
NA ERA DE 1592 anos

Cravada na parede, outra lápide:

LEMBRANÇA.AQVI.POSTA.A PI
TIÇAM.E.ROGO.DE.FRANCISCO
DE.TAVARES.PERA.SEVS.DECENDE
NTES.DE COMO.SEV.PAI.F*(rei)*
SIMAM
5 DE.TAVARES.TOMOV.HO.HABITO
NESTA.CASA.DEPOIS.DE.VIVVO
E LX
ANNOS DE.IDADE.E.DVROV.
XXIII. MAI
S.NA.ORDEM.ONDE.VIVEO.E.AC
ABOV.RELIGIOSA E VIRTVOSA.
10 MENTE.IAZ.AQVI.ERA.DE.MDLXVI
(ANNOS?)

Incluíram numa das ombreiras da porta que dá para dependências superiores um fragmento de campa com letras góticas minúsculas quadradas, dos princípios do séc. XVI, dispostas em bordadura, lendo-se ainda:

...da ordem de xpos he snõr do (g)afanhãm...

Deve ser a do fundador, João Nunes do cronista ou João Martins de outras fontes, cavaleiro da ordem de Cristo e senhor do Gafanhão.

*

A *sacristia* abre-se de topo para este corredor; ladeava o lanço do claustro perpendicular ao eixo da igreja. Pequena quadra, baixa e estreita, com duas janelas na face oposta ao referido claustro, sem interesse arquitectónico. Valiosa todavia pelo longo arcaz, talhas de revestimento e tecto. A anterior sofreu um incêndio no ano de 1712, estando em Aveiro o bispo da diocese, a conimbricense, D. António de Vasconcelos e Sousa. No ano seguinte fez-se ou começou-se a actual, à custa do mesmo prelado.

O grande arcaz ocupa um lado, de topo a topo. Não segue o modelo corrente de gavetões, mas o de armários em duas séries sobrepostas, de almofadados, em madeira exótica, com bronzes recortados e aplicados nos cruzamentos e no centro das almofadas. Incluem-se nas paredes laterais dois armários, um de amituário, o outro para cálices e missais.

Toda a parede acima do arcaz até ao tecto, que é baixo, se reveste de talhas douradas a

enquadrarem telas e nichos. Formam cinco panos de frente, separados por pilastras de capitéis dum coríntio de fantasia, assentes em basamento geral e com entablamento corrido, molduras próprias cercando as telas. O pano central forma nicho; havendo mais um outro em cada topo do arcaz. O tecto, em esteira, isto é, plano, divide-se em cinco séries de quatro quartelas, cujos salientes se ligam às pilastras referidas, em composição harmonizada. As folhas entumecidas do acanto da época, que se acompanham de flores de corola alastrada, enchem o corpo das pilastras, correm pelos frisos, adaptam-se às divisórias dos caixotões. Este conjunto de talhas pertence ainda à fase do barroco-pedrino.

As quatro telas do sobre-arcaz representam figuras inteiras de santos, as vinte do tecto mostram só bustos, pertencendo estes na maior parte à ordem franciscana. O nível pictural é o da artificiania comum, tendo sido aproveitados modelos vários, como no S. Miguel guido-renesco.

No espaço entre as janelas colocaram o lavabo, que é de certo aparato. Preencheram os espaços livres deste mesmo lado e ainda os dos topos com azulejos, monócromos, de fabrico de Coimbra, do tipo da transição dos sécs. XVII-XVIII, com três cenas da vida de St.º António, a da mula, a dos peixes e a libertação da forca, cercadas de faixas de enrolamentos de acantos. Certas dessas faixas são complementares e provém de fornada diferente.

Todo o conjunto da sacristia revela a transição dos séculos, orientando-se todavia pelo gosto do anterior.

As circunstâncias da envolvência da sacristia, que estão fora do alcance da associação, muito a tem prejudicado, mantendo-lhe atmosfera húmida e imprópria. O maior número das telas do tecto está perdido.

O *claustro* conserva-se em parte. Data de 1753. Compunha-se de dois andares, o de baixo de abóbadas de tijolo, coberto de madeira o de cima; três vãos em cada face, em arcos de asa-de-cesto os térreos, de lintéis os outros; obra modesta, no fundo.

Deste mesmo lado do claustro assenta na parede lateral da igreja o campanário de boa cantaria.

*

CAPELA DA ORDEM TERCEIRA. Encosta-se, como ficou dito, ao flanco esquerdo da igreja conventual. Segundo Marques Gomes lançaram-lhe a primeira pedra a 16 de Janeiro de 1677 e concluíram as obras em dois anos. Pequena, baixa e de singela arquitectura: nave e capela-mor, coberta de abóbadas de aresta, de tijolo, de dois tramos rectangulares naquela e um quadrado nesta. Janelas, só as da frontaria. Dois arcos retabulares cortados em cada flanco, púlpito a meio do lado do evangelho. O pavimento do corpo mostra ainda a divisão das sepulturas e um degrau largo a todo o comprimento de cada flanco, para resguardo dos altares.

Simples a fachada: cunhais em rusticado, porta rectangular dominada do nicho vasio, duas janelas rectangulares.

Todavia esta capela encanta pelo conjunto das talhas, azulejos e pintura decorativa do tecto.

São as talhas de madeira, inteiramente douradas, de diversas fases e épocas, formando a série: retábulo principal; revestimento das paredes laterais da capela-mor com o do arco cruzeiro e os quatro retábulos da nave; sanefas.

O *retábulo principal* tem o mérito de pertencer artisticamente ao barroco pedrino inicial e de ter sido executado na época própria da evolução, decénio de 80 do séc. XVII. Pertence a esquema construtivo do clássico final, sendo do barroco certos elementos, como as colunas torcidas, próprios do período evolutivo os ornatos gerais, que repousam sobre temas anteriores mas de maior volume. Tipo plano, de um só corpo e respectivo remate; quatro colunas torcidas e com parras, assentes em pedestais, separam-na em três panos; entablamento direito; remate rectangular, enquadrado de pilastras misuladas. Enche o grande pano central um baixo-relevo, *Estigmatização de S. Francisco;* nos espaços laterais, em misulas, destacam-se as esculturas da *Senhora da Conceição* e dum santo fraciscano; no remate outro baixo-relevo, menor, o *Papa a dar a regra aos franciscanos;* na frente dos pedestais figurinhas em relevo, *S. Tiago, St.ª Isabel* com rosas e bordão, *St.ª Clara, S. Luís rei.*

Envolve o alto ampla sanefa, igualmente de madeira dourada mas setecentista.

O *revestimento das paredes laterais* desta capela-mor pertence ao barroco pedrino típico, do fim do séc. XVII e transição. Trataram a composição das duas paredes como se fosse a continuação do retábulo, concatenando os elementos com os seus. Pilastras coríntias, assentes em bancada corrida e sustentando entablamento geral, dividem o espaço em três panos, que são preenchidos de telas; pilastras misuladas com novo entablamento formam a parte central do remate e encerram uma tela de menor tamanho. Pilastras, basamento, friso e espaços livres enchem-se da pujante folharada do tempo. As três grandes telas de cada lado e a do remate representam cenas da *vida de S. Francisco*, dentro de nível artístico artificianal.

Já o *revestimento do arco-cruzeiro* pertence a nova fase artística, à joanina dos retábulos, segundo quartel do séc. XVIII. Limita-se a cobrir as linhas dos pés direitos e as da volta.

Eram quatro os retábulos da nave, vendo-se só três, porque o primeiro da direita foi tirado para se rasgar o arco respectivo, de modo a formar a ligação com a igreja conventual, e colocado na parede fronteira desta. Infelizmente pintaram-no inteiramente a branco. Seguem o mesmo esquema com variantes, sendo a mais notável a da volta do camarim que nos primeiros é em curva seguida, nos outros em forma trilobada. Se conservam certa forma reentrante na parte das colunas, já a de cima tem por dominante larga sanefa ondulada. Só há duas colunas em cada um, torcidas e de grinaldas de rosas nos cavados. A decoração, que alastra por todas as superfícies, toma aspectos próprios do final do joanino, no qual as tarjas ondeantes e quebradas, que servem de assento à folhagem, se valorizam, em detrimento destas; os próprios acantos adotam nova interpretação.

Completaram na segunda metade do século XVIII a decoração com *sanefas*, inteiramente douradas, da fase do concheado: além da citada no altar-mor, outra acima do arco cruzeiro, também grande, quatro a dominar os arcos retabulares e uma, a menor, o púlpito.

As esculturas são de vestir, pertencendo à série das que se encontram arrecadadas e saem na procissão da Cinza. São de épocas diferentes e de mãos de diversa capacidade. Esta variante escultórica tornava as imagens mais fáceis de transportar e, as roupagens, levemente agitadas pela aragem, produziam efeito natural e de vida.

Num dos altares está pequena imagem de barro, do séc. XVIII, de *St.º Amaro*.

Os espaços livres entre retábulo e vãos foram preenchidos por *azulejos*, de fabrico coimbrão, da família Vital Rifarto, pintados só a azul, do segundo quartel do séc. XVIII. Forma-lhes o enquadramento rica composição de tipo arquitectónico, que era própria desta fase do azulejo deste centro. As cenas acomodam-se à variedade dos espaços disponíveis; eremitas ou simples figuras em paisagens nos mais estreitos; nos panos que ladeiam o arco-cruzeiro *S. Francisco e S. Domingos juntos, S. Francisco amparado por dois anjos;* junto à porta duas largas paisagens animadas de eremitas e figuras. Formam dez panos, sendo meramente decorativo e baixo o que fica inferior ao púlpito.

O tecto da capela-mor está a branco, o do corpo cobre-se de pintura decorativa, policroma e ouro, só a cola e não a fresco, sensivelmente da época dos retábulos, com rótulos arquitectónicos donde saem largos enrolamentos de acantos.

Deve-se notar que empregaram como fecho da capela-mor um antigo do séc. XVI, de calcário, discoide e com florões. Há no conjunto dos edifícios outros velhos elementos aproveitados como material de construção.

A *casa do despacho* foi encostada ao lado do evangelho da capela. Construída no fim do séc. XVII, segue o tipo domiciliário do tempo, mostrando seis janelas de avental rectangular no andar de cima e uma sacada na fachada menor, contígua à frontaria da capela. No piso térreo está a sacristia além de arrecadações.

Têm conservado e mesmo restaurado parte dos cruzeiros da via-sacra, de tipo de grandes braços e pequeno pedestal, dos princípios do séc. XVIII: duas independentes da parede, em frente da igreja, duas encrustadas na parede da pequena frontaria da casa do despacho, voltada para este mesmo lado, e ainda quatro na grande. Dão bom efeito de encenação antiga. Na parte do terreiro, fronteiro à igreja, permanece um cruzeiro do tipo de caminho,

de coluna jónica sobre pedestal, do séc XVI.
Vimos nas imagens dos andores da procissão da Cinza duas coroas de prata dourada, grandes, uma dos fins do séc. XVII e outra da segunda metade do séc. XVIII.

RECOLHIMEMNTO DE S. BERNARDINO — na zona sul da cidade, dentro dos antigos limites das muralhas.

Entraram as cinco primeiras recolhidas em vida de comunidade a 2 de Abril de 1670, como terceiras franciscanas.

Tendo comprado em 1680 certos terrenos, resolveram fazer pequena igreja que foi benzida no ano imediato. Ao grande templo, porém, ao actual, veio a ser lançada a primeira pedra a 21 de Setembro de 1735, sendo benzido a 7 de Dezembro de 1743.

Renovou-se ao mesmo tempo o edifício monástico, colocado ao lado oposto da igreja. O claustrinho simples: quadrado, oito arcos em cada lanço, com abóbadas; em cima corredor, de janelas para o pátio, ao que chamavam as varandas, dando servidão às celas e a repartições várias.

Viveram sempre as recolhidas em meio de dificuldades económicas. Foram elas próprias que, estando reduzidas a umas sete e sentido-se vencidas da vida, pediram a extinção do recolhimento, que se deu em 1825.

Esteve a igreja em grande abandono e mesmo profanada. Em 1832 foi considerada Sé do bispado de Aveiro, conservando-se nessa categoria até à supressão do mesmo. O edifício monástico, vendido pela Fazenda Pública, veio a ser demolido em períodos sucessivos.

Resta o maciço da igreja que, visto do lado da ria, avulta acima do casario circundante.

Alto, comprido, de espessas paredes, desenha enorme paralelepípedo. Levantam-se-lhe acima da linha envolvente da cimalha geral, altos pináculos, um em cada ângulo e mais dois na perpendicular das pilastras, a subdividir o espaço da fachada principal.

As cantarias são de calcário da região de Ançã. Posto que não revele mãos dos grandes mestres, foi todavia traçada por bom construtor.

A grande fachada de aparato era a lateral, ladeando a rua paralela às muralhas da cidade. Divide-se em três panos verticais, por meio de pilastras desprovidas de capitéis, unidas directamente à cimalha arquitravada. Esta corre horizontalmente, sob a linha dos beirados, passando às fachadas dos topos e à posterior. O pano da direita (para sul) corresponde à portaria e ao coro alto, os dois da esquerda à igreja. São as janelas amplas, traçadas singelamente, em curva rebaixada. Na parte da igreja só há uma fiada das mesmas janelas que, interiormente penetram nas lunetas da abóbada, além de uma outra, na zona inferior, acima da porta. Porém, no pano da portaria e coro, são duas as séries, iluminando as de baixo o coro, mas as do alto, que continuam a fiada da igreja, arejam simplesmente o espaço acima das abóbadas do mesmo, sob o travejamento, puro convencionalismo de simetria. Esta mesma série alta continua nos dois topos e na parte posterior.

Rasga-se a porta da igreja no pano do meio, para o lado da portaria, o vão rectangular contornado de molduras; a cornija completa-se de frontão interrompido, enrolando-se a meio os respectivos ramos, que enquadram amplo rótulo.

A entrada da portaria segue singelo traçado.

Inteiramente desnudado hoje, o espaço interno da igreja dá ainda impressão de grandeza, acostumados que andamos aos templos de aldeia.

Reparte-se em quatro tramos de desigual comprimento, mantendo-se a mesma largura: o maior o da entrada; o segundo menos extenso, no qual havia os dois púlpitos; o terceiro de arcos cavados nas paredes, destinados a retábulos; formava capela-mor o quarto, e continuava-se novo espaço, para além de parede transversa, à qual se encostava o grande retábulo. Dividia-se em altura este sector: no plano térreo a sacristia, acima dela a parte em que se desenvolvia a tribuna do retábulo, e já na parte dos cumes uma sala de arrecadação. Outras arrecadações se encontravam à direita da capela-mor, já fora das paredes mestras, que ligavam com o chamado coro-baixo, em que havia a grade do comungatório.

Corre no alto do grande vão a cimalha, na qual vão bater as pilastras divisórias dos tramos. Cobre o espaço abóbada de tijolo, cortada de lunetas, traçadas para a inserção das janelas. Salão nobre que poderia ainda ter diversos fins. As paredes mestras e abóbadas estão firmes, apesar dos leves assentamentos que se vêem no exterior, para a parte da direita.

A zona do coro-alto foi danificada pela adaptação a prisão concelhia, estando desconjuntadas as abóbadas baixas. Tanto o rés-do-chão, isto é, a portaria ou «casa da roda», como o coro-alto eram obras desataviadas.

Revestiam as partes livres da zona baixa da igreja azulejos, de que há panos expostos no museu regional; eram do segundo terço do séc. XVIII, de fabrico de Coimbra, da série de Vital Rifarto.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO — Hoje sede da freguesia de Vera-Cruz.

Ocupa posição destacada na zona norte.

Encontra-se escrito que, no seu sítio, esteve uma capela dedicada a S. Gonçalo. Se a escultura do séc. XV, que anda nesta igreja, sempre aqui esteve, confirmá-lo-á. Criadas novas freguesias na segunda metade do séc. XVI, foi a capela elevada a sede de uma delas, com o título de Nossa Senhora da Apresentação; vindo a ser reduzidas a duas, em 1875, ficou a igreja a pertencer à de Vera-Cruz; pela ruína da sede desta, veio a alcançar a categoria actual.

A obra arquitectónica corresponde a duas fases: primeira metade do séc. XVII e segunda metade do séc. XVIII, que é de reforma. Tanto numa como noutra fase empregaram para as cantarias o calcário da região de Ançã. Levantou-se na primeira todo o arcabouço, incluindo a torre, devendo-lhe corresponder a data de 1606, gravada na porta da direita. Ficou edifício de dimensões médias, enriquecido de talhas douradas no fim do século e princípios do seguinte: corpo e capela-mor, com duas portas travessas, de vãos adintelados, frestas rectangulares, como ainda se vêem na capela-mor, dois arcos cavados nos flancos, perto dos ombros, destinados a altares, torre à esquerda da frontaria. Esta torre, como diversas outras que temos visto no baixo-distrito, tendo o espaço inferior destinado a baptistério, possui construção anexa, metida no ângulo posterior, circular, com escada em caracol, que dá serventia ao coro e à torre. Tanto o corpo anexo como a torre são cobertos de cupulitas simples.

Remodelaram-lhe a fachada na segunda metade do séc. XVIII e, como em S. Domingos, cortaram, na parte alta de cada uma das paredes da nave, quatro óculos ovais e deitados, além de lhe darem nova cobertura, em estuque, a imitar vão abatido e com lunetas.

A fachada compõe-se da porta a que se sobrepõe a alta janela do coro, além de grande óculo oval e deitado, como os das paredes dos flancos, sendo a empena em traçado mistilínio. Aqueles dois primeiros vãos têm ombreiras dobradas, vergas em arco rebaixado e cimalhas direitas. Aplicaram-lhe azulejos modernos, dois panos dos quais com cenas agiográficas.

A torre seiscentista, apesar de remodelada, continua graciosa, sendo a única de antigo traçado a riscar o céu de Aveiro.

Pertence ainda à época seiscentista o largo arco abatido que suporta o coro, apoiado em duas colunas dóricas e caneladas.

O verdadeiro interesse da igreja reside nas talhas de madeira dourada. As fundamentais pertencem à fase de D. Pedro 2.º, da transição dos sécs. XVII-XVIII: retábulo principal, revestimento das paredes e do tecto da capela-mor. Ao séc. XVIII inicial, os quatro retábulos da nave. As numerosas sanefas datam da segunda metade do séc. XVIII.

O conjunto da capela-mor, formado, como acabamos de dizer, do retábulo, do revestimento total das paredes e tecto, além do arco cruzeiro, produz maciço aspecto de riqueza, como vasta câmara de ouro.

O retábulo sofreu transformações na faixa da abertura do camarim, a substituição do mesmo e a dos degraus. Pertence ao tipo reentrante, mas de zona plana entre as colunas. São estas salomónicas, no número de duas a cada lado, com arcos, que se completam de parras, crianças e aves.

O revestimento das paredes concatena-se com a arquitectura do retábulo e as divisões do tecto. O basamento geral corresponde à mesa do altar, formado de panos decorados; a zona das pilastras às colunas; o entablamento geral continua o do retábulo; sendo tanto as pilastras, como os panos e o friso cheios de pujante decoração. Este revestimento,segundo o seu desenvolvimento lateral, forma três panos: o primeiro destinado às janelas, os outros ornados picturalmente de enrolamentos tanto florais como de outros.

O tecto semicircular divide-se às quartelas, por cordões de volumosas folhagens, havendo

nos claros rosáceas. A colocação dos cordões acomodou-se às linhas das pilastras das paredes e das travessas segmentares e divisórias do retábulo.

O arco-cruzeiro, igualmente recamado de talha dourada, continua as divisões internas, notando-se só a disparidade de assentarem no chão os pedestais das pilastras, sem o basamento geral.

Tanto as paredes laterais, como a zona superior ao arco, deviam ser revestidas pela continuação da mesma talha; o trabalho parou e vieram outras soluções.

Os retábulos colaterais ao arco e os dois flancos correspondem a uma mesma fase, ainda a pedrina, mas dos princípios do século XVIII. As composições diversificam-se, para se acomodarem aos respectivos sítios.

Os colaterais tiveram de se desenvolver em dois corpos estreitos, para se adaptarem ao espaço; o de baixo de colunas salomónicas de pâmpanos, dispostas inversamente, enquadrando o nicho; os de cima, de pilastras misuladas e grande relevo central. Representa o da esquerda *Cristo ressuscitado*, o oposto a *Apresentação da Virgem*. Este retábulo da direita alberga grande escultura do tempo, *Virgem e o Menino* (da Apresentação). Foi dourado de novo no século passado.

A escultura da epístola, *Virgem e Menino* (da Luz) é posterior mas do mesmo século, corrente.

Pertencem os dois retábulos dos flancos ao tipo reentrante, de dois pares de colunas salomónicas e arcos; com o fundo em nicho de pequena profundidade.

Da fase dos sécs. XVII-XVIII provém ainda o pequeno retábulo do baptistério, de madeira entalhada e dourada, colunas torcidas e com pâmpanos, sem arcos. Preenche-lhe o nicho um relevo em barro, da *Trindade*, do séc. XVIII, corrente como execução mas de bastante interesse iconográfico. Faz-lhe centro pequeno triângulo com glória solar e cercam-no três figuras masculinas, as das pessoas da *Trindade*.

Completaram a decoração geral, na segunda metade do séc. XVIII, por meio de uma dezena de sanefas, colocadas no arco-cruzeiro, acima dos retábulos e das portas, do mesmo tipo, à excepção da do púlpito, todas de elegante traçado concheado.

A bacia de calcário do púlpito data ainda do séc. XVII, com balaústres de madeira exótica, torneados e torcidos.

Foram trazidas duma igreja destruída duas grandes esculturas de madeira, do século XVII: *S. José* e *S. Salvador*, que é a melhor.

Há uma caixa de órgão, vindo do convento da Madre de Deus de Sá, do meado do século XVIII, bem decorado mas com sobriedade, conservando-se a madeira na cor natural. Dois pergaminhos, colocados no interior e em mau estado esclarecem. Diz um (E)STE ORGAO SE FES NO ANNO DE 1753 SENDO ABB(ADESS)A A R(EVEREND)A M(ADR)E D. MARIANA IACINTA DA ... / ... ANNA COSTOV COM A SVA CAZA 80 ...

Diz o outro: *para onrra y gloria de DIOS y de su Santissima Madre, me fabrico Juan Fontanes de Magueixa natural de Ponte vedra, en Santiago de Galicia Ano de 1753.*

A custódia de prata dourada, grande e boa peça de ourivesaria do fim do séc. XVIII, apresenta modelar trabalho de cinzel; a glória solar do mostruário é envolvida de um círculo de pequenos brilhantes, além de outros a completarem o conjunto, tendo-os assentado em folheta colorida para se obterem diversos efeitos; avultam-lhe na base os pequenos medalhões costumados com símbolos eucarísticos.

Um dos sinos, datado de 1700 tem a estampilha: EMMANVEL FRR GOMES FECIT. Outro, de 1869, a de JOAQUIM.DIAS.D.CAMPOS / M.FES / CANTANHEDE.

O actual pároco reuniu muito criteriosamente, na sacristia, diversas espécies artísticas que andavam dispersas, das quais anotamos:

Virgem sentada e o Menino, alabastro de Nottingham, dos sécs. XIV-XV (A. 0,68), proveniente da capela de S. Roque.

S. Gonçalo de Amarante, de calcário e oficina coimbrã, do meado do séc. XV, pequeno, que andava na igreja.

St.ª Maria Madalena, de madeira, pequena, obra nitidamente popular do séc. XV, carcomida, que estava em arrecadações da igreja.

Entre as pinturas há duas tábuas do século XVII e secundárias, de *S. Sebastião* e *S. Gonçalo de Amarante*.

Depois da nossa visita a igreja teve larga e sensata restauração.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA ALEGRIA. A sua posição topográfica indica já por si que foi santuário privativo de agregado pouco concentrado, que era o de Sá, integrado num percurso viário importante, o que ligava a zona norte aveirense com Esgueira.

Parece que foi fundada por mareantes e pescadores de Aveiro, estabelecendo uma confraria, e que, segundo tradição, a fizeram na altura do início das viagens à Terra Nova.

O conjunto artístico-religioso é formado pela capela e pelo cruzeiro-templete que a antecede.

A capela sofreu diversas reformas e ampliações.

A parte mais antiga é a do arco-cruzeiro, do princípio do séc. XVI, manuelina, de molduras corridas e de capitéis no cordão médio, o qual forma os colunelos. São os mesmos capitéis ornados dum sarmento com parras e uvas, que os envolvente circularmente.

A capela-mor foi já reformada no séc. XVII, ou na totalidade ou em parte; tendo revestimento de cantaria nos cunhais e gárgulas cilíndricas na parte alta. Há no cunhal do topo, do lado da epístola, um saliente (que mal se nota), talvez para suporte da sineirita.

O corpo datará dessa época, como a porta insinua, tanto podendo ter já ficado com o comprimento actual como menor; todavia o revestimento de azulejos parece indicar que desde logo lhe fosse dada essa extensão.

No séc. XVIII ergueram levemente o tecto; assim indicam certos ornatos pintados. Deverá datar dessa altura o actual, em caixotões simples.

O púlpito provém dos fins do séc. XVII; base desenvolvivda e ligeiramente ornada, guardas torneadas.

A porta da frontaria, a axial, rectangular, de arestas boleadas, semelha, nos pés direitos, quartos de coluna dórica e canelada.

Os azulejos da parede da capela-mor são em branco e esverdeado, de mau esmalte e fabrico, deixando ver os pontos da trempe isoladora na cozedura. Poderão representar indústria local. Entremeiam com eles alguns outros azulejos de relevo, sevilhanos, de diversos padrões mas dos correntes, dos princípios do séc. XVI, que pertenceriam à antiga capela, a correspondente ao arco cruzeiro.

Todo o corpo foi revestido no séc. XVII de azulejos policromos, lisbonenses. A zona baixa é do padrão de alcachofras; a superior de tarjas em forma de quadrifólios enlaçados e completados de folhas; sobre o arco um pequeno pano, de fitas entrecruzadas a formarem quadrilóbulos com folhas inclusas.

O retábulo de madeira entalhada, simples, pertence ao terceiro quartel do séc. XVII; de quatro colunas coríntias e caneladas e três arcos intermédios.

A escultura do titular é obra comum do séc. XVIII; as outras são igualmente de pequeno mérito.

S. Sebastião de madeira, não estava no momento na capela, por motivo de festividade. A fotografia que obtivemos parece indicar que se trata de escultura do séc. XVI, movida, seguindo modelo anterior; representa-o ligado a uma árvore, da qual pende pequeno escudo desnaturado, com as Chagas.

CRUZEIRO — Levanta-se em frente da capela, no princípio do terrapleno antigo, ao qual dão ainda acesso três extensos degraus.

Foi mandado eregir por uma certa mesa administrativa da irmandade, que comemorou a obra do seu governo (sineta e cruzeiro) em letreiro, hoje muito gasto, que se abre na frente do pedestal da cruz.

ESTA OBRA
E SINO MAM
DOV FAZER A
DRE RIBEIRO IV
5 IZ E IOAM PRE
TO MORDO
MO E ATONI
O AFOMSO
ESCRIVAM
10 ER(a) D(e) 1554

As quatro colunas são do jónico de duas volutas, sobre pedestais. A do centro, a da cruz, coríntia, com o capitel muito corroído. A cruz é moderna. Interiormente ainda se vê a cúpula hemisférica, sem cintas. Na altura do revestimento de azulejos da capela-mor sobrepuseram à cúpula uma cobertura piramidal, recoberta dos mesmos azulejos brancos e esverdeados, entremeados dos mesmos sevilhanos.

Se o cruzeiro fosse restaurado, a cobertura retomasse a forma curva, os azulejos recolhidos à capela ou a museu, seria gracioso motivo artístico.

CAPELA DE S. ROQUE — hoje mais conhecida por Senhora das Febres.

Foi construída no extremo da rua que demarca a linha envolvente, pela parte da ria, do agregado norte da cidade, a qual ainda é conhecida comummente pelo nome deste titular, partindo de S. Gonçalo.

Modesta e reconstruída, ficou simples motivo pitoresco da zona. Cravam-se ainda, numa das empenas, os restos duma cruz manuelina, de grosseiro torcido.

O pequeno retábulo, de madeira entalhada e policromada, data dos meados do séc. XVIII, compondo-se de duas pilastras-misuladas. Está aí uma escultura moderna que substituiu a Virgem com o Menino de alabastro de Nottingham, do séc. XV, a que nos refiremos na igreja da Apresentação.

Restos de talhas do séc. XVII formam dois pequenos conjuntos retabulares; no da esquerda destaca-se a escultura de *S. Roque* com o anjito e o cão, chapeirão com os emblemas de romeiro, obra coimbrã, do séc. XVI manuelina. *S. Tomé*, de tamanho médio, barro do século XVIII, apresenta modelação comum.

CAPELA DE S. BARTOLOMEU—Ocupa, na zona citadina do norte, modesta posição, em rua secundária e antiga, que tomou o nome do titular.

Se o exterior e a envolvência fossem cuidados seria sugestivo motivo artístico.

Esclarece a sua origem letreiro gravado no friso da porta.

ESTA CAZA MADOV FAZER ANDRE
DYAS
2 CALDEIRA ANO D Bc LX BIII

O ano é o de 1568. Lembraremos aos inadvertidos que B equivale aqui numèricamente a V, lendo-se o primeiro Bc por — cinco centos.

O exterior diz já a composição arquitectónica: corpo pequeno, baixo e cilíndrico, coberto de cúpula hemisférica. Porta rectangular, de friso e cornija. Levanta-se ao lado da cobertura modesta sineirita, sobre pequeno maciço. Vêem-se neste mesmo, cobertos de cal, uns quatro ou cinco azulejos de relevo, sevilhanos, do princípio do séc. XVI.

O plano interno mostra, além do corpo circular, pequena capela quadrada mas, por simpatia, coberta de outra cupulazinha.

O retábulo, de calcário e oficina coimbrã, é da mesma segunda metade do séc. XVI: quatro pilastras de pendurados dividem-no em três panos, cada um cavado de nicho, sendo baixos os laterais; três esculturas de pedra, *Virgem* de mãos postas (Senhora da Boa Viagem dizem os populares), a de maior tamanho, *S. Bartolomeu* e *S. João Baptista*, menores, tendo aquela aspecto de melhor categoria, talvez só por causa do modelo seguido.

Estão as paredes forradas de azulejos policromos, do séc. XVII, lisbonenses, compostos de rosetas, das quais partem tarjas que se ligam.

No chão há campas com argolões que indicam a existência de carneiro subterrâneo, tanto mais que se sabe terem sido aqui sepultadas pessoas de categoria.

Está na capela, independente, *St.º António*, de barro, do séc. XVIII, de grossa modelação e tamanho médio.

CAPELA DOS SANTOS MÁRTIRES— Estes titulares são os lisbonenses Veríssimo, Máxima e Júlia.

Encontra-se na zona sul da cidade, na região do Alboi, tendo dado o seu nome ao sítio e a arruamentos próximos.

A história da capela é contada em duas lápides modernas, mandadas colocar por Alfredo Rangel de Quadros, além dos letreiros dos dois túmulos. Simão da Costa de Almeida mandou fazer a capela, sede da fundação pia a que estavam anexos encargos e bens, dedicando-a aos santos referidos, o que deveria ter feito em 1670, vindo a falecer em 1673. O filho Manuel Jorge da Costa mandou levantar os dois túmulos em 1683. Foi a capela restaurada em 1882 pelo sexto neto do fundador, o referido A. R. de Quadros, e benzida a 1 de Outubro.

Capela pequena e simples mas merecendo atenção pela sua forma: planta hexagonal; rasga-se em cada face um arco, independente, sem pilastras nos ângulos; cobertura de cúpula

de tijolo, repartida no mesmo número de sectores, sem faixas a vincar as linhas de ângulo; pequeno lanternim dá luz ao interior. O arco fronteiro à entrada ficou destinado ao altar, os contíguos encerram os túmulos.

A frontaria foi modificada. A porta é do séc. XIX. Do mesmo século data a desenvolvida cabeceira, tratada no gosto setecentista final. Colocaram no nicho que aqui se cava três pequenas esculturas de barro, as dos titulares.

O retábulo é de estuque, da última restauração, contendo três esculturitas de madeira dos Santos Mártires, já do séc. XIX, mas ao gosto anterior.

Os túmulos preenchem a parte inferior dos arcos próximos ao do retábulo. Tratados em pedra de Ançã, e sendo do mesmo traçado, compõem-se: de arca rectangular que assenta em dois leões, de que só se representou a parte anterior a emergir do soco pleno; de cobertura abaulada e a imitar uma coberta fúnebre, lavrada de cruz e rebordada de franja. O frontal de cada arca ostenta um brasão de desenvolvido paquife, ladeado de duas estreitas tabelas com os letreiros.

O do lado do evangelho, à esquerda, é do instituidor Simão da Costa de Almeida. O escudo é partido; na primeira pala os seis besantes, cruz-doble e bordadura, de Almeidas; na segunda as seis costas dos Costas, elmo, paquife e por timbre duas costas cruzadas, dos segundos, que heràldicamente deveriam estar na primeira pala.

Diz o letreiro da esquerda:

S(E)P(VLTVR)A DE SIMAO
DA COSTA
DALMEIDA
O QVAL MAN
5 DOV FAZER ES
TA CAP(E)LLA E IS
TITVIDOR E A
DEMENISTRA
DOR DAS MISAS
10 QVE EM ELA
SE DIZEM E
A HAÕ DE DI
ZER.FALE
SEV NO AN
15 NO DE
1673

O da direita:

AS QVAIS DV
AS SEP(VLTVR)AS MAN
DOV FAZER
SEV F(ILH)O M(ANV)EL
5 IORGE DA COS
TA CAVALEI
RO PROFESO
DA ORDEM
DE CHRISTO
10 NO ANNO DE
1683

O túmulo da epístola é da esposa do fundador, D. Maria Saraiva de Carvalho.

O escudo partido em pala; na primeira as armas dos Saraivas, cortadas de veiros e de ondas, bordadura mostrando as extremidades de uma cruz florida; na segunda as dos Carvalhos, caderna de crescentes encerrando uma estrela; timbre dos primeiros, peixe nascente; elmo e paquife. A representação heráldica, não sendo completamente boa, é suficiente para se interpretar.

Lê-se à esquerda:

S(E)P(VLTVR)A DE M(ARI)A SA
RAIVA DE CAR
VALHO MV
4 LHER

Continuando à direita:

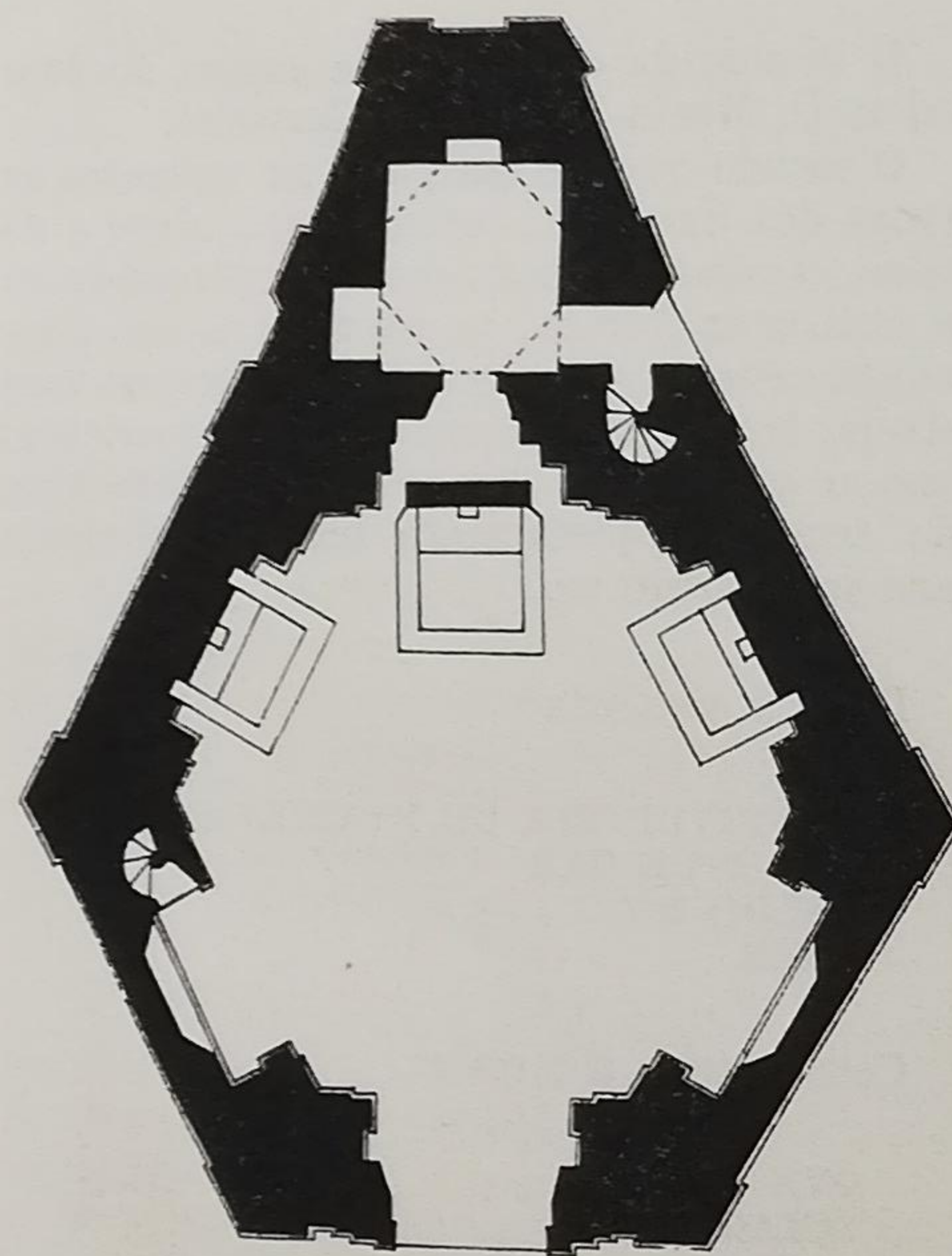
QVE FOI DE
SIMAÕ DA
COSTA D
4 ALMEIDA

CAPELA DA MADRE DE DEUS — Situada na rua do Seixal, menos isolada que noutros tempos, decora esta antiga travessa da linha do grande trânsito norte citadino.

O brasão da frontaria, complexo e mal esculpido, é de impossível interpretação heráldica só por si mesmo; devendo a segunda pala representar o vínculo ou a varonia, a qual é de cinco crescentes (Pintos?).

Data do séc. XVII. Desenha em plano um hexágono, coberto de cúpula aos sectores. As linhas externas são singelas, dominando os panos uma cimalha corrida, de cujos ângulos

saem gárgulas cilíndricas; assenta na mesma
a balaustrada feita de simples esteios, separados nos ângulos por pedestais que suportam pirâmides. Recentemente trouxeram a sineirita para o pano da porta. Gracioso lanternim, igualmente hexágono, dá luz ao interior. Cobre-se externamente a cúpula de azulejos policromos, lisbonenses, do séc. XVII.

Cada face interna recorta-se de um arco: sendo os três do fundo destinados a altares;

Planta da Capela de S. Gonçalo

o da frente, como é natural, à entrada; os dois que ladeiam esta, abrindo para espaços utilitários.

Os três pequenos retábulos datam dos fins do séc. XVII, época de D. Pedro 2.º, na fase inicial; de madeira entalhada, colunas torcidas e com parras. O principal segue o tipo reentrante, de duas colunas por lado mas de um só arco torcido; os laterais, que são semelhantes, adoptam o tipo plano, com pano central, havendo a cada lado uma coluna salomónica e uma pilastra misulada, e em remate baixo-relevo rectangular, enquadrado de pilastrazinhas igualmente misuladas e dos naturais completos. Esses relevos são de *S. João Baptista*, à esquerda e *St.º António* à direita. Vêem-se no altar daquele lado as esculturas de madeira e do tempo, representando *S. João a baptizar Cristo*.

CAPELA DE S. GONÇALO — Este titutal é o dominicano S. Gonçalo de Amarante.

Ocupa o ponto extremo, a oeste, da linha dominante do antigo bloco do norte da cidade. Apesar da envolvência, a sua parte alta destaca-se, quando se vê a cidade das zonas lagunares.

Parece ser a revivência do culto do santo a que de início fora dedicada a igreja paroquial do presente, o qual voltou a ficar isolado em santuário independente.

Duas datas gravadas no edifício devem dar os anos médios do começo e acabamento da obra, 1712 na lápide comemorativa do falecimento do operário, a de 1714 no portal.

Toda a cantaria da construção é feita de calcário da região de Ançã.

A obra não é projecto de arquitecto na verdadeira acepção; provém de construtor hábil que conhecia a sua arte e tinha recursos; revela o bom nível que se encontra noutras obras da zona do sul deste distrito, na passagem dos sécs. XVII ao XVIII.

O plano adoptou a forma hexagonal, sem capela-mor, ocupando a sacristia o lugar natural desta. Por sua vez esta dependência seguiu fórmula equivalente, a de meio exágono, mas com a parte interna em quadrado.

Apresenta exteriormente os ângulos vincados por pilastras com pedestais mas sem capitéis, coroadas de forte entablamento. Um segundo corpo, baixo e retraído, corresponde à cúpula, igualmente de cantarias nas esquinas e de cimalha. Remata o conjunto falso lanternim, que dá elegância ao conjunto.

Internamente vincam-se os ângulos das mesmas pilastras, correndo no alto forte entablamento. Cada pano, entre as pilastras, corta-se dum arco sobre pés direitos dóricos, formando o conjunto interno como que um pórtico de seis faces. A cúpula é feita de sectores com lunetas; em que as três da parte frontal seriam originàriamente abertas, pelo menos em parte, para darem luz. Os três arcos

posteriores foram reservados a retábulos; os anteriores, à porta e a duas aberturas laterais, hoje fechadas, mas tratadas como portas, que eram destinadas a formarem francas janelas, para que, nos dias de grande afluência, a multidão que ficava fora visse os actos do culto.

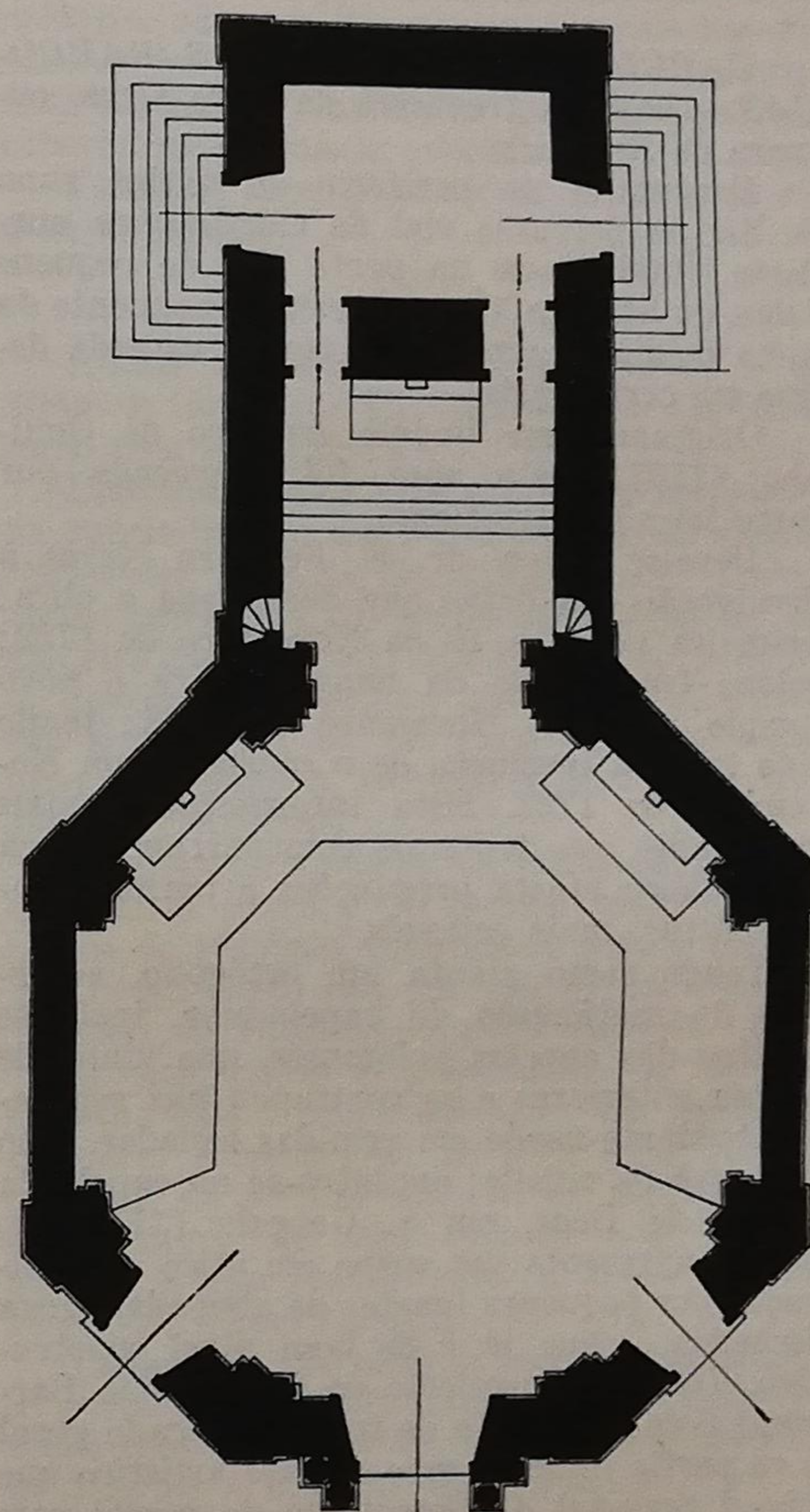
O púlpito de pedra, à esquerda, desenha uma pirâmide invertida e decorada, com escada metida na parede. As grades de madeira torneada reproduzem as fórmulas do século anterior.

A sacristia, mais baixa, desenha, como ficou dito, meio hexágono por fora e um quadrado interno. Cobre-se de abóbada aos gomos, mas octógona, porque os ângulos são cortados por secções triangulares, molduradas e desenvolvidas. Tem duas portas laterais, uma agora fechada. Parte do trânsito da direita, metida na espessura da parede, a escada para o alto. O lavabo, à direita, é peça aparatosa mas artificianal: consolas na base, pilastras no corpo, cimalha e remate.

Aquela frente em que se rasga o portal é toda de cantaria. O vão daquele, rectangular, enquadra-se de pilastras dóricas e é dominado de nicho que largas aletas acompanham. Trataram o nicho como se fosse inclusão em fresta semi-lunar, da qual restassem dois sectores. Encerra este mesmo nicho a escultura do padroeiro, de calcário, séc. XVII, comum.

Revestem as coberturas, tanto do corpo como da sacristia, azulejos brancos e azuis, dispostos em linhas zig-zagueantes. Os panos verticais do corpo da cúpula foram recobertos de azulejos polícromos, do tipo seiscentista lisbonense, de esquema de quadróbulos com folhagens; caiaram-nos e não se notam da parte baixa. Infelizmente levantaram um parapeito pleno sobre a cimalha do grande corpo e desenvolveram, sem graça nem utilidade, o da sineirita.

Os retábulos de madeira são obra modesta da primeira metade do séc. XVIII; tem colunas torcidas mas sem parras, só com os capitéis dourados. As esculturas, grandes, de madeira, são obras comuns do séc. XVIII: *S. Gonçalo*, *Ecce-Homo*, *S. Nicolau* (havendo duas deste mas de diferente factura).

A *Piedade*, de bom tamanho, setecentista, trágica, a Virgem sentada e Cristo bastante estendido, é de barro, mas de modelação comum. Numa maquineta, difícil de abrir, está

Planta da Capela do Senhor das Barrocas

uma delicada e pequena *Senhora levando o Menino pela mão*, que poderá ser trabalho de cera; do mesmo tipo, noutras duas, vêem-se pequenas obras menos bem conservadas, de *S. Roque* e *S. Sebastião*.

No exterior da capela cravaram uma lápide:

PELLA.ALMA / DO.HOMEM QVE / FAZENDOSSE / ESTA.OBRA / MORREO / NELLA / P(A)TER N(OS)TER A(V)E M(ARI)A. / 1712 /

CAPELA DO SENHOR DAS BARROCAS — hoje da freguesia de Vera Cruz, outrora de Esgueira.

Levanta-se na periferia da antiga zona de Sá, no percurso vial da cidade para nordeste. Implanta-se na parte alta de pequeno sulco, ou barroca, que sai transversalmente da linha média de cimos que aquela estrada define em certa parte.

Originada em singelo cruzeiro de caminho (1707), esta obra foi provocada por forte impulso devocional.

Deve-se ao sr. dr. F. Ferreira Neves a divulgação das datas que demarcam a obra: primeira pedra a 15 de Novembro de 1722; solene trasladação da imagem para o novo templo a 16 de Novembro de 1732; tendo sido tomada resolução de o construir em Novembro de 1721. Esta informação é mais importante que todos os comentários acerca do edifício; afasta presunções e permite novas outras, mais estáveis.

Tendo como planta um octógono, acrescido do rectângulo da capela-mor, inclui-se no tipo das capelas poligonais, que vinha de épocas anteriores e se continuou nas seguintes, bastante usado em ermidas isoladas. Não era novo na cidade; encontra-se na capela da Madre de Deus, em S. Gonçalo (1712-14), que já apresenta um corpo em ático e iluminação por pequenas lunetas da abóbada, agora fechadas, e que já é de bom nível construtivo. Todavia o projecto do Senhor das Barrocas é de arquitecto de fora: o traçado geral e os perfis indicam mão e nível artístico que não é regional. O parentesco do portal com o da biblioteca coimbrã era já tradicionalmente apontado na Escola Livre das Artes de Desenho daquela cidade. Portal de pequeno volume mas do mesmo tipo há outro naquela região citadina.

Deve-se notar que obras desta natureza, sendo projectadas por arquitectos de fora, sofrem forçosamente a interpretação dos pormenores pelos construtores regionais, e que a obra decorativa é de mestres que, adaptando-se à mancha arquitectónica do projecto, fazem obra ou interpretação inteiramente sua. O escultor-decorador do portal e das sobre-portas laterais é inferior ao da Vista Alegre, mas equivalente ao de certo conjunto anónimo de Coimbra.

*

A arquitectura, sóbria mas tratada com segurança e largueza, é de nível e prática superiores.

O octógono não é regular: os lados do eixo principal e do perpendicular, que faz esquadria, são maiores; levemente menores os restantes, os da meia esquadria.

Na parte interna, as faces do octógono têm a seguinte atribuição: as da linha axial são ocupadas pela porta principal e pelo arco cruzeiro; rasgam-se, nas dos lados junto ao portal, duas pequenas entradas; nas colaterais ao arco cruzeiro abrigam-se dois altares e nos ângulos imediatos inscrevem-se os púlpitos; as faces laterais, as do eixo normal ao principal, deviam ser igualmente destinadas a fins retabulares mas ficaram sem função.

O alçado interno é feito por pilastras angulares, a sustentarem o entablamento dórico, de triglifos e mútulos, produzindo uma linha terminal forte e decorativa. Cada face cava-se de um arco, sendo de menor altura os dos lados menores.

Acima da cornija começa a cúpula, de tijolo, repartida em sectores, que faixas de cantaria vincam; são aqueles recortados de lunetas em que se rasgam as janelas de iluminação; corre uma galeria na espessura da base, dando servidão às janelas, à qual se sobe por duas escadas helicoidais, incluídas nos ângulos do arco cruzeiro.

O alçado externo do octógono divide-se em duas zonas: a principal e a do ático; corresponde aquela ao alçado interno até à cornija, ficando ao mesmo nível as linhas cimeiras do entablamento do exterior e do interno; a zona do ático engloba as janelas e pertence à parte inferior da abóbada, produzindo forte empastamento de alvenaria, necessário à absorção dos impulsos oblíquos. Tanto o corpo principal como o ático são tratados na ordem toscana, ou dórico simplificado, de pilastras angulares lisas e de entablamento só de molduras. A cornija inferior tem forte balanço, porém pequeno a do ático, para o conveniente equilíbrio estético. Corre no alto forte parapeito pleno, levantando-se nos ângulos obeliscos encimados de esferas, de cerca de cinco metros de alto, conservando-se hoje só um intacto. Estes obeliscos, quando estivessem todos, deveriam produzir magnífico efeito de coroamento, tanto mais que o telhado deveria ter sido projectado baixo, deixando aquelas agulhas em todo o vigor cenográfico. Sobre o lado da frontaria levanta-se a forte sineira.

A capela-mor e a sacristia não são mais que um só corpo arquitectónico, dividido a meio pelo altar. As linhas externas continuam as do corpo.

O portal, boa composição do setecentismo inicial, subdivide-se em duas zonas, a do vão da entrada e a do remate, que faz o enquadramento à janela. Há duas colunas avançadas e duas em plano recuado, do jónico de duas volutas, a sustentarem entablamento com os mesmos ressaltos; da linha das colunas centrais partem ascendentemente ramos curvos de frontão, que enrolam as extremidades, deixando livre o espaço médio; do plano correspondente às colunas posteriores levanta-se a composição do remate, o da janela. O vão da porta é formado por arco sobre mísulas, posto em recuo. O enquadramento da janela é feito de aletas que terminam na cornija arquitravada, cuja parte central sobe e se vai fundir na linha ondulante da cimalha de remate.

Assentam nos ramos do frontão interrompido dois anjos-adultos, um apresentado o sudário, que ainda existe, e outro que sustentava a túnica e que foi atirado à terra por uma tempestade. Quatro anjos-meninos, desnudados, completam o remate, dois no arranque das aletas e os outros nos acrotérios superiores; ainda uma cabeça de querubim se destaca no fecho da janela.

O escudo coroado, posto a meio do primeiro corpo, não é da heráldica corrente, mas de emblemas da Paixão; não havendo mesmo emblemas pessoais na capela mas só alusivos à invocação da mesma.

Cravaram no grande friso uma fita de bronze, de letras em relevo:

DOMUS MEA DOMUS ORATIO/NIS UOCABITUR PULSSATE / ET APERIETUR UOBIS

O friso das portas travessas, cortadas nas duas faces contíguas, é liso, apoiando-se em mísulas laterais, alongadas e decoradas; o frontão é interrompido, assentando nos ramos dois anjos-meninos e intercalando-se a meio rótulo de fortes ornatos do tempo.

As bacias dos dois púlpitos, igualmente de calcário, são espécies raras: formam-nas desenvolvidas e convulsionadas folhas de acanto, intercaladas de caulículos que rematam em cabeças masculinas e conchas.

Todas as alvenarias são de calcário da região de Ançã.

*

Alia-se ao interesse arquitectónico o da talha de madeira, não tanto pela qualidade como pela abundância.

Distribui-se por três grupos evolutivos: o da capela-mor, o dos púlpitos e o dos altares colaterais. A talha do primeiro tem o ouro muito perdido, a dos segundos está na cor da madeira do parapeito e a branco do preparo no quebra-voz, a branco igualmente se encontra a dos últimos. Pertence ao barroco-joanino, da primeira metade do séc. XVIII, mas em fases diversas.

A talha de madeira da capela-mor é toda da mesma época e da mesma oficina. Compõe-se do retábulo (que enche todo o fundo), do revestimento das paredes só na zona das janelas, do revestimento da abóbada curva.

A composição arquitectónica do *retábulo* é feita: pela tribuna que abre em forma de moldura, semicircular no alto e na base, à maneira de enquadramento de espelho; por dois grupos de três colunas que ladeiam aquela; e pelo remate geral a imitar frontão recortado e com sanefas.

Cada grupo de colunas tem mais avançada a parte média, para efeito de claro-escuro, todas com a divisão de terços, sendo torcidas as laterais e direitas as outras, coríntios os capiteis. Decoram os terços enfiadas de folhas em movimento helicoidal; as partes superiores das colunas torcidas são sulcadas no cavado das espiras por grinaldas de flores, mas os fustes direitos revestem-se de vigorosos motivos curvos. O entablamento, fortemente ornado, segue a nível, com quebras em esquadria. Assenta na prumada de cada coluna uma figura de profeta, o que dá o total de seis. Forma o basamento de cada grupo

de colunas uma mísula medial acostada de dois atlantes.

O remate é composto segundo dois planos verticais justapostos; o posterior, como ficou dito, de temas de frontão recortado, o da frente a imitar sanefa com cortinados; sobre um e outro revoluteiam anjos, tanto meninos como adultos.

O camarim reveste-se inteiramente de talhas, a imitar abóbada de quartelas no tecto. Enrolamentos aplicados em tarjas enquadram a vitrine onde se ostenta a cruz de pedra, a da devoção.

Como é usual nestas talhas, a figura humana é fraca.

A zona das paredes laterais compõe-se de três enquadramentos: o central destinado à janela e os dois laterais a telas, as quais caíram desfeitas. Domina-a entablamento geral, em seguimento do retabular.

Reparte-se o tecto em três panos: o central desenha um estrelado feito de semicírculos secantes, com florões nos espaços intermédios; os laterais, grande quadrifólio com ligações. Cordões e espaços são exuberantemente decorados.

As guardas dos *púlpitos* foram executadas logo a seguir, mas já por outras mãos. O parapeito é feito de rótulo central, do qual partem tarjas curvilíneas completadas de acantos, o todo tratado em vazados. A cada quebra-voz sobrepõe-se uma fiada de cinco anjos-meninos a segurarem uma grinalda, com mais outro no vértice, havendo já mutilações.

Os *retábulos colaterais* pertencem aos meados do séc. XVIII. Por simpatia conservaram-se-lhes duas colunas torcidas e de grinaldas, mas a composição já é a do setecentismo médio, havendo frontão regular, curvo, anjos acroteriais, glória solar, temas decorativos da nova fase.

Há neles duas *telas*, a óleo, do mesmo meado do século, mas grandemente danificadas, obras de oficina de Lisboa, como a de André Gonçalves, que várias vezes reproduziu estes temas. Representa-se no da direita a *Creche*, segundo pintura de Carlos Maratta, pintura que foi gravada a buril e em litografia nas estampas das edições do Missal, saídas da oficina régia de Lisboa. O da esquerda tem a *Anunciação*, tomada de original estranho, menos divulgada.

Deve-se notar que um bispo aveirense mandou fazer na capela reparações sòmente.

Colocaram no fecho da abóbada do corpo grande florão de madeira.

A *sacristia*, na parte posterior ao retábulo, mostra tecto plano, dividido aos rectângulos e pintados a policromia, na segunda metade do século XVIII, por meio de duas composições fundamentais, uma de enrolamentos e outra de rótulos com símbolos da Paixão.

Corre, no lado do topo, grande arcaz de madeira exótica e bronzes aplicados; junto a cada passagem para a capela-mor incluem-se na parede amituários do mesmo tipo. A meio do espaço destas portas alastra grande lavabo de calcário, de linhas curvas.

A *cruz* devocional, colocada no camarim, de pedra e obra comum, que era a do cruzeiro inicial do sítio, tem braços simples e rude Cristo. A actual colocação não deixa ler inteiramente os letreiros. Na frente há a data de 1707. No reverso poderá ser: *Sanctus Deus, sanctus dominus, sanctus immortalis, miserere nobis. + Christus nobis cum +* (cruce) *state.*

A sineta mostra a data de 1766.

*

Para assentarem a capela tiveram de aterrar a parte do vale que ocupa. O muro transversal tem, no seu prolongamento, as guardas das escadas de acesso; a da direita perpendicular à linha, paralela a outra. Recorta-se no plano baixo arco polilobado, abrigando fonte. Acima, sobre o parapeito, assenta grande cruz de largos braços e, nos extremos, dois altos vasos com flores.

A câmara municipal limpou e ajardinou a zona envolvente da capela. Oxalá que acabe de fazer o que ela se propõe: deslocar os lavadouros.

PADRÕES E MONUMENTOS COMEMORATIVOS — Na antiga zona da entrada sul, já para além do antigo Cimo de Vila, existiu a fonte dos Amores, que a viação moderna deslocou. Incaracterística hoje, guarda dois padrões que anotamos.

O padrão da Imaculada é feito de grande pedra do liós lisbonense, fracturada e com emendas, gravada no séc. XVII, de capitais de bom traçado.

LOVVADO.SEIA O SANCT=
ISSIMO SACRAMENTO.E A
VIRGEM NOSSA SENHORA.
QVE FOI CONCEBIDA.SEM
5 PECCADO.ORIGINAL.

Havia outra lápide similar na demolida fonte do Rossio, mas de calcário ançanense, datada de 1810, que se guarda no museu.

Cravaram igualmente uma placa rectangular, deste mesmo calcário, muito carcomida, do *brasão dos Lencastres*, os antigos duques de Aveiro. Não é possível dizer com segurança se os móveis foram picados ou se o aspecto provém só da erosão geral, o que parece mais razoável. Distingue-se ainda o filete em contra-banda e o pelicano do timbre.

O *Canal das Pirâmides*, isto é, o canal-cais da ligação da cidade à ria, ou melhor, à Cale da Vila e ao canal do Vouga, que nela se formam, foi velha preocupação. A actual disposição data de D. Maria 1.ª, posto que no séc. XIX sofresse grandes reparações e outras menores tenham continuado.

Levanta-se a cada lado da entrada um alto obelisco, assente em pedestal. Na face da frente destes, esculpiram os brasões da cidade e do reino, um em cada. Gravaram, na face lateral do pedestal do norte, em capitais:

A RAINHA N. S. MANDOU FA=
ZER ESTA OBRA POR CARTA RE=
GIA DE 31 DE AGOSTO DE 1780
DI=
RIGIDA AO D. FRANCISCO ANTO=
5 NIO GRAVITO SIMOENS DA VEI=
GA.CAVALEIRO PROFESO NA OR=
DEM DE CHRISTO.DEZ(EMBARGA-
D)OR DOS A=
GRAVOS DA CAZA DA SUPLICA=
CAÕ.NATURAL DESTA CIDADE.
10 SUPERINTENDENTE E INSPE=
CTOR DA OBRA DA BARRA DA MES-
MA.E A SUA DESPEZA SAHIO DO
CO=
FRE DO SUBSIDIO APLICADO PA=
RA A REFERIDA OBRA DA BARRA.
15 SEGUNDO AS ORDENS DE S.MA-
G(ESTA)DE

Ergueu a cidade aos seus grandes homens os costumados monumentos.

O principal e o de primeira categoria é o do estadista José Estêvão de Magalhães. A figura de bronze do orador é das melhores obras da estatuária do séc. XIX, de Simões de Almeida (tio), modelada em 1886 e passada ao metal na Fundição dos Canhões em 1888, como nela própria se lê.

Outros, limitados a bustos de bronze, no tamanho natural ou mesmo em maior, dedicou a Lourenço Simões Peixinho, assinado por S. Caldas — 1951, a Gustavo Ferreira Pinto Basto, a Manuel Firmino, assinado Romão — 1916, um outro de mármore a Jaime de Magalhães Lima, por David Cristo.

Tem ainda o monumento dos mortos da grande guerra, com um soldado em bronze; e um obelisco, de singela decoração, aos liberais executados.

ANTIGA CONSTRUÇÃO DOMICILIÁRIA — Aveiro, situada na zona abaixo da curva de nível dos 25 metros, teve forçosamente de ser dotada de brando modelado do solo, quanto bastou a definir cumiadas esbatidas e linhas de vales abertos, inundáveis pelas marés nos troços inferiores; o suficiente para marcar posições dominantes à fixação do povoamento, e determinar as linhas naturalmente condicionadoras dos traçados viários.

Voltada a face externa a noroeste, seguindo a linha do antigo alagoamento flúvio-marítimo, ficou separada em duas zonas pela depressão perpendicular, que corre das leves alturas de S. Bernardo. A parte final desse rego, inundada permanentemente, permitiu desde tempos imemoriais o ancoramento de velhos barcos de longo curso, em condições a que se lhe não equiparava nenhum outro ponto da ria; foi a Natureza que condicionou a cidade, antes que as novas linguetas de areia dificultassem ou fechassem a ria e provocassem o açoreamento interno.

Não é possível conhecer exactamente, pelos restos materiais, os pontos originários da ocupação do terreno e das suas expansões; temos de nos limitar às conjecturas mais ou menos verosímeis, servindo-lhes de base de estudo a forma do agregado dos últimos séculos. As pedreiras mesmo só para as alvenarias encontravam-se longe, recorrendo-se até tempos recentes aos elementos rolados de certos níveis de depósitos geológicos, que não são material para obra de longa dura; a própria reconstrução relativamente intensa do séc. XVII e da primeira metade do século seguinte ajudaria a obliterar os traços mais antigos.

A zona de maior importância foi a do sul.

A plataforma demarcada pelo antigo largo do município deveria ter sido o ponto de fixação primordial do povoado; o declive mais rápido sobre o antigo esteiro, hoje canal, formava a costeira que libertava as habitações da humidade das marés. Por instinto aí se formou o centro cívico; de todos os tempos foi procurada para se implantarem os edifícios públicos, a começar pela igreja (hoje destruída) de S. Miguel, único templo paroquial por largos séculos.

Colocando-nos nesta praça e reparando na inclinação das ruas que dela partem, sente-se claramente a importância deste morro; neste ponto e no respectivo plano declivoso de costeira foi maior o adensamento, foi aqui o núcleo, estendendo-se depois o casario principal segundo a grande linha de trânsito para o Sul. Essa linha é hoje demarcada, a partir das antigas pontes, pela rua da Costeira (de Coimbra), passando ao lado da praça de S. Miguel ou municipal (da República), pela R. Direita (dos Combatentes) que, na tradição dos *vicus rectus* e *via recta*, trazia o trânsito directamente duma das portas principais da muralha, e desta continuava pelo arrabalde imediato, pela R. do Espírito Santo (de Eça de Queirós) aonde, junto da capela e depois igreja do mesmo nome, se bifurcava. No topo e perpendicularmente à R. Direita, ao longo do determinamento imposto pela linha recta da muralha, a qual ia do convento dominico até à torre de cunhal para a parte do poente (em frente à esquina do jardim público), tanto para o exterior como para a parte de dentro, veio embater o povoado, formando dentro da muralha os arruados de sudoeste, fora dela o pequeno grupo industrial das olarias, ao lado de S. Domingos. Neste momento de transformação adiantada da cidade ainda se pode notar convenientemente o que deixamos dito.

Depois do condicionamento do povoado pelo relevo do solo, isto é, o do pequeno promontório de fixação com o do dorso aplanado da colina, veio, como acabamos de sugerir, o da *muralha do infante D. Pedro*. Teve este ilustre homem de estado visão larga; podia-se ter limitado ao que o povoamento do tempo requeria mas lançou-a em tal circuito que permitia abranger o dobro da população que hoje tem; ainda no século passado a área para nascente do principal percurso viário encontrava-se pràticamente deserta, abstraindo dos dois conventos.

Fonte que não é segura dá como seu construtor, ou um dentre eles, certo mestre Pedro. Teve posteriormente reformas, como sempre acontece nestas obras, quer sejam fortalezas medievais quer fortificações abaluartadas dos tempos modernos; é o caso corrente.

O lançamento dessa muralha obedeceu convenientemente aos princípios de defesa militar do tempo, como se reconhece percorrendo o que foi o seu circuito e observando o relevo do terreno. Cortou perpendicularmente, por linha direita, o dorso esbatido, entre os dois pontos em que se começava a acentuar o declive. Para nordeste foi limitada essa linha por boa torre angular, posta sensìvelmente na esquina saliente do cemitério, indo depois cordeando para sudoeste, paralelamente e para dentro do seguimento das ruas da Fonte Nova, Miguel Bombarda, até à torre levantada aproximadamente à esquina com a R. de Homem Cristo-Filho. A meio, na embocadura da R. Direita, foi colocada a mais forte torre do conjunto, pois que defendia a porta inferior, a principal entrada da almedina. Vê-se ainda junto à travessa de S. Domingos, termo da Rua da Corredoura, o resto da parte interna da ombreira duma porta, a do Sol, e entre casas o resto do paramento interno da mesma muralha.

Do ângulo sudoeste cortava para noroeste, em direcção ao canal, por linha cujo declive se ia acentuando, do lado de dentro da R. de Homem Cristo-Filho, com torre final, levantada próximo à R. das Barcas. Deste trajecto, próximo à travessa das Beatas, conserva-se num quintal a parte baixa dum pano transverso, de grandes cantos de alvenaria. Este traçado, dominando a pequena escarpa natural, pode examinar-se em conjunto, indo-se aos terrenos das próximas marinhas.

Tornejava a parte baixa, erguendo-se aqui, no extremo da via do grande trânsito, junto às pontes, outra porta sob torre, e começava logo a inflectir. O terreno era agora de irregular conformação, e este troço, que partia de norte para o ângulo de nordeste que citámos no princípio, seguia linha quebrada, em Z; pela parte de trás da Misericórdia, ia por fora da Corredoura até à entrada da alameda do cemitério, continuava pelo muro externo da alameda, dominando o esteiro do Cojo, e, na linha extrema do cemitério, quebrava noutro torreão, para seguir a face lateral do mesmo cemitério e ir ter ao ponto que indicámos inicialmente, àquele ângulo que o muro faz com a rua da Fonte Nova. Este último traçado pode avaliar-se convenientemente, observando o terreno do lado do mercado.

A rua da Corredoura, que está a ser modificada em toda a sua extensão, confirmando-se assim a sua função medieva, cortava a direito, no começo da alameda do cemitério, para a porta do Sol, próxima a S. Domingos, conforme a sua finalidade, a de estabelecer rápida ligação entre o sector baixo e a grande linha de defesa da extrema cortina do topo.

Diz-se que havia sete aberturas de passagem, portas e postigos, no circuito, e os nomes conservados fàcilmente as ajudam a localizar. As torres de flanqueamento, pequenas e grandes, semicirculares e quadradas, aproximavam-se de uma vintena.

Os desmantelamentos deram-se em períodos diversos do séc. XIX. Conhecida gravura do século passado mostra ainda largos panos em pé. Além da destruição oficial houve a dos particulares, nos sítios em que mais incomodava a muralha e mais cubiçada era a sua pedra.

Essa mesma gravura mostra o *aqueduto* na zona oposta. O estudo do seu trajecto na carta da cidade diz claramente que podia ter sido conservado em bastante extensão, para efeito decorativo; mas, em terra em que não há pedra, todos os pretextos serão bons para lançar mão daquela que aparenta já não ser útil.

A construção das muralhas representa grande esforço económico em época em que a terra era pouco povoada, tanto mais que as partes vivas, como torres e cortinas mais expostas, foram construídas com boas cantarias de calcário, acarretadas do sul, das pedreiras da região de Ançã.

*

Passaremos ao exame das construções domiciliárias.

A grande época abrange todo o séc. XVII e os dois primeiros terços do séc. XVIII. A obra de todo esse tempo apresenta características uniformes, distinguindo-a só leves

pormenores. A casa, grande ou modesta, compõe-se de lojas e andar nobre. São rectangulares os vãos, de lintel, friso, que é frequentemente recolhido, e cimalha direita; as bacias das sacadas apoiam-se em cachorros, ligando-se-lhes inferiormente as frestas ou as portas e janelas do piso térreo; são as esquinas suavizadas frequentemente em curva, boleadas, encontrando-se por todo o séc. XVII e avançando pelo seguinte, tendo-se-nos deparado um exemplar já datado de 1743. As grades de ferro das sacadas e varandas seguem, naquele mesmo período de tempo, formas simples; varões dispostos em duas zonas desiguais, simplesmente cilíndricos e com aneis, de varões galbados à maneira de balaústres, quer repetindo o desenho por simetria medial quer semelhando pedestal rectangular e pilastra galbada (raríssimas), ou ainda de chapa batida e com perfil galbado.

Além da moradia comum, há as grandes casas tradicionais, que denominaremos *paços*, o termo vulgar, visto que solar só compete às casas dos chefes de linhagem.

O grande paço desenha chavetão abrigando pátio nobre ou é simplesmente um maciço de construção; geralmente a escada de honra é externa, encostada a um lado, partindo do pátio, e tendo no patamar de cima pequeno coberto piramidal, apoiado em duas colunas frontais e em cachorros da parede.

O piso térreo, principalmente nas moradias burguesas das ruas principais, apresenta as aberturas completamente alteradas, umas vezes em tipo diverso da casa, outras imitando os vãos antigos. Não nos referimos a esse piso térreo senão em casos especiais; a sua omisão quererá dizer, na maior parte dos casos, que está desnaturado.

Não mencionaremos os *vestígios*, elementos de maior ou menor volume mas que já não definem fachadas.

*

ZONA SUL. Seguiremos a linha tradicional do grande trânsito já mencionada, partindo do mesmo ponto baixo.

R. de Coimbra. Os n.ºs 25-27 correspondem à antiga casa do despacho da Misericórdia. Equivalia a fachada à dos paços do tempo, apresentando-se o andar nas características antigas: quatro sacadas de lintéis e cornijas, bacias sobre cachorros e de grades de varões anelados. Na praça só os paços do concelho continuam a marcar o passado.

R. dos Combatentes. Casa n.º 9, do século XVII, modesta, com sacada e janela de avental.

N.ºs 15-19. Três sacadas já do séc. XVIII, de esquinas boleadas, lintel, friso e cornija, grades de ferro aneladas.

N.ºs 29-33. Casa do séc. XVII, de três sacadas de verga direita e cornija, tendo unidas as bacias das sacadas, e correspondendo três cachorros a cada uma. Segue-se-lhe imediatamente (n.º 35) uma sacada de arestas boleadas, de bacia de dois cachorros e de grade do tipo galbado.

A casa dos n.ºs 45-51 data do século passado e foi do visconde-barão de St.º António. O brasão tanto da fachada como o da travessa é esquartelado: 1.º e 4.º de Freire de Andrade, 2.º de Portugal-moderno e 3.º de cinco lises, ambos por Albuquerque.

Segue-se a travesas da Corredoura, que acabou de ser alargada. Formava a esquina fronteira à casa anterior uma do séc. XVII que vimos demolir enquanto procediamos a este trabalho; possuía uma janela entre duas sacadas, de friso e cornija, cada uma das bacias sobre três cachorros, cujas molduras se continuavam no cordão que marcava o piso, mas as grades eram modernas.

Casa n.ºs 94-100, muito renovada, de sacadas de vão rectangular, construção grande.

N.ºs 103-107, fazendo frente para o antigo Terreiro (L. do Marquês de Pombal), de casa do séc. XVII, de três sacadas com arestas boleadas, vão adintelado e de cornija, bacias sobre dois cachorros e grade de ferro galbados, lojas desnaturadas.

Ruas travessas ou próximas a este grande percurso viário possuem alguns exemplares.

Na *R. 31 de Janeiro* a casa do n.º 19 conserva duas sacadas do séc. XVII, a qual foi no último século ampliada para a esquerda, conservando-se o velho tipo.

Paço pequeno, de bom caracter antigo, encontra-se na *R. da Princesa St.ª Joana*, o das armas dos Eças, já do primeiro terço do séc. XVIII. Enquadram a fachada pilastras toscanas e cimalha da mesma ordem; no andar nobre quatro sacadas de lintel, friso e cornija, bacias com dois cachorros, grades de varões anelados. Os vãos inferiores foram

modificados mas não prejudicam o carácter. A meio da fachada o brasão envolvido dos ornatos do tempo: esquartelado, no 1.º e 4.º as armas dos Eças convenientemente representadas, com brica carregada de uma flor de lis posta no primeiro; o 3.º de três bandas e o 4.º de quatro, o que deixa dúvidas de representação; elmo, paquife e o timbre do primeiro.

Voltando novamente ao nível baixo do canal junto às pontes, seguiremos traçado envolvente da zona, por poente e sul.

A *R. da Alfândega* conserva a casa da alfândega-velha, simples e austera, datada de 1718: porta e janela superior, ladeada esta de duas outras de avental rectangular, ficando abaixo de cada uma largo postigo gradeado. Os vãos são adintelados. Na parte central, pequeno frontão encerra o escudo nacional, ladeado de breves esferas armilares.

Junto ao antigo liceu, no ângulo, casa do séc. XVII, modificada, com duas sacadas alteradas, para a frente e, nas fachadas laterais e posteriores, janelas de avental e cornija, dispostas na linha do andar nobre, que era dos Sousas, condes de Miranda e marqueses de Arronches.

Um paço, na esquina da *R. da Arrochela* com a das *Barcas*, mostra no andar nobre janelas de avental rectangular, dintel e cornija, duas naquela rua e cinco nesta, a central a fazer sacada; casa esta reformada em diversos tempos sem ter perdido o carácter.

Na *R. da Arrochela*, há, a seguir à anterior, uma modesta (n.ºs 6-10) de três vãos com vergas direitas e cornijas.

Seguindo para o alto, paralelamente ao traçado da velha muralha, vamos encontrar na *R. Sousa Pizarro*, na ligação com a praça de Marquês Pombal, novos exemplares. A casa da esquina norte, com fachadas para a rua e para a praça conserva traços do séc. XVII, tendo sido modificada e ampliada no séc. XIX. Crava-se-lhe na frontaria interna do pátio um brasão do séc. XIX, mal e incompletamente gravado, que é o da casa da Senhora das Neves de Ílhavo, e que deverá representar: esquartelado, 1.º de Ribeiros, 2.º de Sousas, 3.º de Pizarros, 4.º de Silveiras.

A casa da esquina oposta era do séc. XVII; além de muito desnaturada está condenada pelos projectos de urbanização. Os vãos antigos mostram lintéis com cimalha, bacias das sacadas apoiadas em mísulas, havendo carrancas nas de um vão.

*

ZONA NORTE. A população antiga ocupou esta zona sob dois aspectos: um de adensamento e outro de expansão, seguindo traçados viários principais.

O adensamento deu-se desde a linha alta, demarcada pela capela de S. Gonçalo, igreja da Apresentação e a destruída de Vera-Cruz (que ficava no extremo nascente do largo das escolas), descaindo para o canal. O sector da parte do poente da doca do peixe era formado de salinas e dos terrenos do Rossio, no qual se levantava a capela de S. Martinho.

A via de grande trânsito para Esgueira, caminho natural da cidade para o Norte, viu levantarem-se paços e habitações comuns, unindo o centro ao antigo vilar isolado de Sá.

Outro traçado mas secundário, foi o caminho envolvente por nordeste deste morro, seguindo a antiga linha das salinas, e que partia da capela de S. Gonçalo para S. Roque e continuava pelo Carril e se unia ao traçado anterior; duas ruelas, a do Norte e a do Vento, esboçaram os novos bairros deste lado.

Tomaremos ponto de partida da igreja da Apresentação. A via descendente decompõe-se na parte baixa nas de Carrancho e dos Mercadores. Esta *R. dos Mercadores*, reduzida hoje à condição de passeio, revela ainda, além do nome, a importância que teve, como se vê das seguintes casas que restam.

N.º 4. Só grades de ferro, de varões anelados.

N.ºs 1-3. Grades de chapa recortada.

N.ºs 6-16. Quatro sacadas do séc. XVIII, com bacias ligadas duas a duas, e de grades aneladas, cimalhas direitas; último piso do final do século.

N.ºs 18-22. Duas sacadas do mesmo tipo.

N.ºs 24-28. Outras duas sacadas do mesmo tipo e século, a primeira metade do XVIII.

Na continuação deste lanço de rua mas já com a numeração do largo, 12-13, uma sacada e duas janelas com friso e cornija, grades de ferros anelados.

A antiga *R. Larga* (de José Estêvão), lugar considerado de categoria no passado, conserva traços.

N.ºs 29-31. Só duas bacias de sacada, sobre cachorros, do séc. XVIII, com grades do XIX.

N.ºs 35-37. Duas outras bacias de sacada, semelhantes àquelas.

N.ºs 61-67. Casa singela, de cinco vãos do séc. XVII, sendo quatro em sacada sobre mísulas, com grades de varões anelados.

No alto da R. Larga, entre a do Vento e a do Campião das Províncias, com a esquina em direcção àquela, ergue-se um paço do séc. XVII. Volta para cada uma destas duas ruas três sacadas de vergas direitas e de cornijas, apoiando-se as bacias em cachorros, as quais se ligam mùtuamente pelo cordão divisório dos pisos. As grades são de varões galbados. Faz-se a entrada pela R. do Vento, pelo pátio e escada com alpendre no patamar. Crava-se o brasão, que as caiações tornaram indistinto, na esquina e que emaranhado de fios eléctricos desnatura.

O resto do bloco pouco conserva. Na *R. das Salineiras*, casa simples do séc. XVIII, com o n.º 19, vê-se pequeno painel de azulejos (5 por 4) das *Almas*, de fabrico de Coimbra, do meado daquele século.

Já na zona do Rossio, *R. Barbosa de Magalhães*, na singela casa do séc. XVII, em que colocaram a lápide comemorativa deste político, a do n.º 3, há uma porta e uma sacada de arestas boleadas.

Passando à grande linha de trânsito para o Norte, partiremos do L. da Apresentação.

Liga este ponto com o cruzamento fronteiro ao largo da antiga Vera-Cruz a *R. Manuel Firmino*. Foi outrora designada como rua dos Ourives, o que junto à travessa do mesmo nome, parece mostrar que este ofício teve aqui o seu arruamento, o que seria natural, dada a sua importância no trânsito. A modesta casa n.º 1, que era inicialmente do séc. XVII, foi muito modificada e mostra um brasão, tapado no momento, mas do séc. XIX. A singela do n.º 15, do séc. XVIII inicial, tem grade de varões anelados; vendo-se outra grade do mesmo tipo na do n.º 25.

O traçado viário que deste ponto até à capela do Senhor das Barrocas se apresenta com diversos nomes (R. do Gravito, do Carmo, de Híntze Ribeiro, de Sá) não é mais que uma só linha de trânsito, que modernamente foi regularizada e alterada, principalmente na zona do burgo de Sá. A atracção que exerceu vê-se, como dissemos, pela construção de paços, casas grandes e pelos conventos de Sá e do Carmo. Destacaram-se dele, como sua natural expansão, ruas travessas, a do Seixal, que se está a modernizar, a do Carril, já citada como seguimento natural da velha de S. Roque, a de Arnelas, que foi de importância principalmente rural.

Na *R. do Seixal* está o paço do mesmo nome, tendo em frente a capela da Madre de Deus já anotada. O edifício é seiscentista. Cortam-se no andar nobre cinco sacadas, cujas bacias assentam nas costumadas mísulas, tendo grades de ferro do tipo de varões galbados. As frestas inferiores foram acomodadas às necessidades presentes. A entrada faz-se pelo pátio privativo e por escada de patamar, abrigado por alpendre quadrado.

A *R. do Carril* conserva a casa dos n.ºs 26-28, já do séc. XVIII, de vãos ainda rectangulares; três sacadas com friso e cornija, bacias em cachorros, grades do séc. XIX, ainda uma fresta antiga sob a do meio, escada no pátio e alpendre de duas colunas.

A *R. do Gravito*, outrora denominada de S. Paulo, ostenta ainda o maior número de casas e paços.

N.ºs 12-14. Casa do séc. XVII, de uma janela entre duas sacadas de dintel e cornija, bacias sobre mísulas, grades do XIX.

N.ºs 23-25. Casa da primeira metade do séc. XVII; no andar nobre quatro sacadas, tendo as ombreiras molduras que correm na verga, bacias e mísulas de pequeno volume, grades de varões cilíndricos e com anéis.

N.ºs 27-29. Casa contígua à anterior, do séc. XVII, de três sacadas, com as esquinas das ombreiras e lintel de arestas boleadas, de friso e cornija, grades de tipo galbado, sendo a porta 27 de arestas igualmente curvas.

N.ºs 31-35. Casa seiscentista mas modificada, que fazia bom efeito em correnteza de frontarias com as duas anteriores, mostra três sacadas de friso e cornija, bacias em cachorros, grades de varões anelados.

Mais adiante, ao lado oposto da rua, conserva o regular aspecto de paço da segunda metade do séc. XVIII, o do n.º 32 de portão. Plano em chaveta, tendo muro com o portão, a fechar o espaço entre os dois corpos avançados e a formar o pátio de honra. A parte da esquerda era a dos serventuários e dos

comuns; a do fundo, com arcada inferior, e a da direita eram a habitação nobre, dando a esta acesso a típica escada saliente e agora mutilada. Neste corpo da direita rasgam-se para a rua as sacadas de aparato. São estas no número de quatro, de vergas e cornijas curvas, grades de ferros galbados, tendo janelas de rés-do-chão em ligação com as bacias de cima. Na esquina do lado do pátio, crava-se escudo envolvido de vigorosos motivos de concheado, dispostos assimètricamente, produzindo bastante efeito decorativo; os móveis do escudo estão traçados incorrectamente, tanto artística como heràldicamente: partido, na primeira pala as armas dos Couceiros (três varas querendo representar couceiras, e entre as mesmas dois leões), na segunda as seis costas dos Costas, timbre o leão dos primeiros.

Um outro grande paço faz frente para a R. do Carril e, pelas excessivas parcelações nominais do mesmo traçado viário, possui parte da numeração da R. do Gravito e parte da R. do Carmo. Desenha igualmente o plano uma chaveta, com portão e muro a fechar o pátio. Data do séc. XVII mas teve reformas posteriores, como a do portão de gosto setecentista, podendo ser mais tardio. São de calcário as cantarias antigas, de granito as modernas. O corpo da direita era o secundário, o dos comuns, com quatro grades do tipo galbado, em sacadas rasgadas mais tardiamente. Ao andar nobre da esquerda dá acesso a costumada escada encostada, de pequeno alpendre de telhado agudo e duas colunas. São seis sacadas nesta fachada, de vãos rectangulares, cimalhas e grades de varões anelados; sendo igualmente adintelados os do pátio. Na esquina extrema crava-se ainda uma pedra rectangular, estando infelizmente raspado o brasão.

A *R. do Carmo* decora-se ainda da nobre fachada da igreja do convento que lhe deu o nome. A porta do n.º 62 conserva uma padieira antiga, reaproveitada, de arestas boleadas, datada de 166 anos (1606?) e com a invocação IHS Mª IOZE.

Segue-se a *R. de Sá* que tomou o nome do demolido convento de Sá (extinto em 1885) e cujas espécies artísticas da respectiva igreja foram dispersas, tendo nós encontrado fragmentos de talhas que diziam terem vindo dali.

Fica mais adiante a capela da Senhora da Alegria, núcleo do antigo vilar de Sá. O velho caminho para Esgueira passava-lhe ao lado direito, compreendendo-se assim a situação do cruzeiro e o arranjo que o adro ainda mostra.

Em casa moderna, na saída da cidade para o Sul, colocaram no portão uma pedra de armas de tipo setecentista, dum dos senhores do prazo de Ega na vila de Vagos, ascendente do primeiro visconde de Valdemouro. Esquartelado; no 1.º cinco flores de lis em aspa, tendo em chefe uma cruz florida, de Rodrigues; no 2.º três diademas (dispostos 1,2) e em chefe uma cruz, por Brancos; no 3.º seis crescentes em duas palas e sete estrelas em bordadura, por Pessoas; no 4.º árvore assaltada de dois leões, por Matos; por diferença uma brica com emblema ininteligível, visto do plano da rua; timbre, o dos primeiros, leão nascente, carregado duma flor de lis.

*

As casas da burguesia irão desaparecendo sem remédio, levadas pela renovação intensa que se está a verificar na cidade.

Os Paços necessitavam de protecção. Deveriam ser considerados motivos artísticos municipais, não se permitindo a sua desnaturação, obrigando a conservar as frontarias no seu tipo, devendo ser adquiridos, quando os proprietários os desejassem alhear, para serem adaptados a convenientes serviços públicos.

Uma cidade vale pelo que revela da sua história. São os motivos artísticos do passado os melhores títulos para o turismo de nível superior. Não se visita por aquilo que em toda a parte se encontra mas pelo que só ela possui.

Poderíamo-nos referir à construção domiciliária moderna, a do século passado e da primeira metade deste, pois que, depois das novas formas liniares que o cimento armado divulgou, todos esses aspectos deixaram de ter vida. Basta dizer todavia que reflectiram as orientações correntes no País, sem particularidades.

Dispersas ou agrupadas, como na zona norte, há casas dum tipo modesto, de um só piso, de porta e uma janela, ou porta entre duas janelas, revestidas as frontarias de azu-

lejos, revelando mediano nível económico das camadas populares; limpas e acolhedoras. Esses mesmos azulejos, de fabrico em série e de desenhos correntes, acabam por agradar, distinguindo a zona de Aveiro.

COLECCIONADORES E ACTIVIDADES ARTÍSTICAS — Reunimos sob esta rubrica coleccionismo e produção porque os motivos artísticos são essencialmente da mesma categoria.

Foi-nos facultada muito amàvelmente a visita a todas as colecções de Arte que interessavam a este inquérito.

A mais notável é a do Senhor *Egas Salgueiro*, director da Empresa de Pesca de Aveiro, a qual é fundamentalmente constituída por marfins, de diversos centros de fabrico e da melhor categoria, em número de bastantes dezenas.

Dr. António Cristo. Dentre louças e barros anotámos as esculturas em barro, de oficinas locais, de que tomámos fotografia: *Menino Jesus adormecido*, do séc. XVIII e de nível muito regular; *Senhora da Conceição*, assinada por *Jozeph dias dos Santos maio 7 de 1729 feci; S. Damião*, de menor categoria, do séc. XVIII, com o esclarecimento FES LEMOS; uma base de barro, no barroco joanino, que tem servido de peanha do Menino.

Dr. José Vieira Gamelas. Destaca-se entre o valioso recheio, essencialmente de herança familiar, uma pintura em tela da *Piedade* (Senhora com o Cristo morto, só em meio corpo) que tem sido atribuída a Morales; uma escultura de barro, da *Senhora da Conceição*, assinada, *Mayo 22 de 1761 Gaspar*; um *presépio* da segunda metade do séc. XVIII, de muita delicadeza de figuras, proveniente das melhores oficinas de Lisboa, e intimamente ligado ao da igreja do convento do Buçaco.

Dr. Desembargador Jaime Dagoberto de Mello Freitas, da família dos fundadores da fábrica de faianças da Fonte Nova. Conserva espécies dos melhores tempos da produção da mesma, ornadas de motivos florais e de imitação oriental, algumas com molduras circulares de barro vermelho e decoradas em relevo. Vimos marcas e assinaturas: F. N.; Fonte Nova Aveiro; Fonte Nova, J. Silva 1893; Joaquim S. Chuva 1893. Além destas espécies outras possui, como colchas bordadas a policromia, do séc. XVII, raras.

As colecções de espécies orientais, como a do dr. António N. Leitão, não as registámos, por serem formadas de espécies modernas.

*

A cidade, hoje grande centro de faiança artística, viveu largos tempos da produção alheia e, nos azulejos principalmente, da importação coimbrã.

A indústria da louça de ir ao fogo deve remontar a velhíssima época, como antiga devia ser a de louça vidrada, exercida tanto no chamado bairro das olarias como dentro da cidade, o que é esclarecido por achados recentes.

Era acompanhada nesta actividade por freguesias limítrofes, como Aradas, onde a louça vidrada teve decoração de tipo corrente, havendo ainda, no princípio deste século, doze oficinas caseiras de louça preta, segundo inquérito oficial.

A *Fábrica do Côjo* foi a mais antiga de faianças. Fundada em 1775, era explorada em 1811 por Custódio Ferreira da Silva e foi-o, de 1860 a 1886, por Pedro António Marques (Pedro Serrano). Os seus produtos são mal conhecidos, principalmente os das mais recuadas épocas. Atribuímos-lhe, na colecção do museu de Coimbra (*Secção de Cerâmica I Faiança Portuguesa*, 1947, pág. 165) os números 953 e 954, por idêntica classificação no Porto, feita pelo falecido dr. Vasco Valente. O fabrico deveria ter sido variado e oscilante, como nos pareceu deduzir de certas peças, indeterminadas e provàvelmente suas, que examinámos.

Fundou-se a *Fábrica da Fonte Nova* em 1882, por Luís da Silva Melo Guimarães e Norberto Ferreira Vidal, à qual nos referimos atrás. Dela dizia, em 1889, C. Lepierre: «os productos d'esta fabrica são bastante notaveis». O *Boletim do Trabalho Industrial*, de 1911, menciona entre o pessoal quatro pintores. Temos encontrado bastantes azulejos figurativos do seu fabrico.

A *Fábrica Aleluia*, segundo a publicação comemorativa do seu cinquentenário, divide a sua actividade pelos seguintes períodos: 1905-16, 1917-35, 1936 até ao presente. Teve originàriamente a designação de Santos Mártires, do sítio do primeiro assento, tendo sido fundada por João Aleluia, e continuando nos

filhos, Gervásio e Carlos. Pode-se considerar como continuadora artística da Fonte Nova. São actualmente chefes de serviços os pintores-decoradores Lourenço Limas, nos paineis, e João Salgueiro, nas louças decorativas.

Outras fábricas de louças decorativas e azulejos nos vemos obrigados a indicar sem pormenores: *Empresa de Louças e Azulejos, Lda.*, fundada em 1920; *Empresa Olarias Aveirense, Lda.*, fundada em 1924; *Faianças de S. Roque, Lda.*, em 1931; *Ártibus, Lda.* A de *Campos Filho*, que na cidade só se dedica à cerâmica de construção, apresentou aqui, em 1956, peças das suas sucursais, em grês fino e vidro tratado.

Em Aradas foi fundada, em 1923, a *Fábrica de Louça* por J. B. Moreira; vendida em 1950 a uma sociedade por quotas. No mesmo ano de 1923 os irmãos Vitória Machado iniciaram uma outra; dissolvida a sociedade, um deles, João Gonçalves fundou outra em 1931; no ano de 1955 Manuel Gonçalves Vitória Machado começou nova.

As gerências das fábricas deveriam pensar na organização de museus metódicos dos seus produtos, conforme as épocas de produção e a variedade de trabalhos; procurar marcar as peças por siglas nítidas, que deveriam variar sistemàticamente em certo número de anos; dar periòdicamente nos seus catálogos comerciais uma síntese histórica e técnica da sua produção; considerar os seus melhores decoradores, não como meros operários, mas como colaboradores categorizados e indicar os seus nomes nos catálogos e nas peças de escolha.

POVOAÇÕES — O progresso económico e a renovação construtiva da cidade notam-se da mesma forma nos agregados populacionais satélites. As moradias e as modestas capelas de outrora estão a ser substituídas, adaptando-se às conveniências do momento. Algumas capelas, tão desprovidas são de interesse para este inquérito, que nem sequer as mencionaremos.

Em *S. Bernardo*, a capela do mesmo título foi elevada a sede duma nova freguesia, só eclesiàsticamente. Nada guarda de antigo na arquitectura. Existe uma *Virgem com o Menino* (das Febres), de calcário, do meado do séc. XVI, coimbrã, bastante graciosa e melhor que o costume, feita segundo os tipos ruanescos. Um retábulo de madeira, pequeno, do tipo setecentista, colocado ao meio da parede da esquerda, poderá ser o antigo da capela.

A capela de *Vilar* é designada tanto pelo título de Nossa Senhora da Victória como de St.º Amaro. Inteiramente renovada, com torre à esquerda, ficou de pequeno interesse. Devia ter tido uma reconstrução nos fins do séc. XVI, como parecem indicar as pequenas pias de água benta, diversas esculturas, pedras ornadas de enrolamentos de acanto, colocadas na frente do plano do altar.

Diversas espécies artísticas do séc. XVIII, que ali se vêem, dizem terem ido da capela da casa que serviu, em Requeixo, daquele primeiro seminário, ali instituído pelo segundo bispo, por provisão de 29 de Junho de 1804, depois de breve pontifício de 27 de Março, em substituição do da Vista Alegre; o qual ele mesmo, em 1805, transferiu para o seu paço. Não é fácil nem será segura a destrinça das talhas dessa origem, pois que devem ter proveniências diversas.

O retábulo principal é obra agradável da segunda metade do séc. XVIII; de camarim e três colunas por lado, as duas externas num plano recuado e a outra mais avançada.

As esculturas de pedra de oficinas coimbrãs, da renascença avançada e decadente dos fins do séc. XVI, possuem categorias diversas, todas porém secundárias: *Virgem e o Menino* (a titular, a da Victória), *S. Lourenço, S. Tomé apóstolo, S. Silvestre, St.º Amaro.*

Existe ainda uma escultura de madeira, de *St.ª Luzia*, de tamanho comum, do séc. XV, obra popular, afim de outras obras da região; posto que muito carcomida é digna de ser conservada, se não ao culto em museu.

Na sacristia pequeno arcaz de castanho, de três gavetões e dois armários, com fortes relevos e bronzes pouco comuns, da segunda metade do séc. XVIII. Sobrepõe-se-lhe modesto retábulo da segunda metade do século, de três panos divididos por pilastras misuladas.

Existem soltos dois grandes baixos-relevos, em desenho semi-lunar, de madeira policromada, do séc. XVIII; representa um deles dois anjos ajoelhados e a segurarem uma verónica; o outro uma cena místico-romântica: paisagem com árvores, uma coberta de frutos e com criança risonha e alada, mas crucificada na mesma árvore, sentando-se ao lado uma figura feminina e lendo-se em larga filatéria o mote: *Sub umbra illius quem desideraveram sedi. Cant. 2.*

Transferidas de outro sítio, três sanefas grandes e outras tantas pequenas, de sobre-vãos, de madeira entalhada e policromada, recortadas e com rótulos em que se vêem símbolos, da segunda metade do séc. XVIII.

A capela em *São Tiago* tem como orago Nossa Senhora da Ajuda. Precede a povoação. Colocada a sul de Aveiro, para o lado da lagoa do Paraíso, depara-se-nos no percurso da antiga estrada que conduzia a Aradas e a Ílhavo.

Data o actual edifício de 1915. Limpo e de suficiente capacidade, integra-se na construção rural corrente.

O altar-mor não passa duma acomodação de talhas incompletas, em neo-clássico, do séc. XIX. Serve de colateral direito um outro, pequeno, sobreelevado noutras talhas mais modernas; modesto, do séc. XVII, tem um corpo de pilastras misuladas, um pequeno remate, coberto de policromia, grosseira e muito posterior.

A escultura mais antiga é a da *Senhora e o Menino* (Ajuda), de calcário, séc. XVII, muito comum. Há algumas de madeira, talvez de proveniências diversas.

Pequena pia de calcário, hemi-esférica e com colarete, simples, segue tipo setecentista.

Na capela do *cemitério da cidade*, o central (datada de 1839) fizeram um altar com aproveitamento de talhas antigas: colunas e basamento do séc. XVII, remate do XVIII final. No basamento está incluída pintura em madeira, do séc. XVII, representando uma santa penitente, alongada no chão (talvez a *Madalena)*, mas obra comum.

Há no mesmo cemitério um grupo escultórico, em bronze, de duas figuras de tamanho natural, a *Morte e a Vida*, do escultor Prat, que viveu na cidade.

BIBL. — J. A. Marques Gomes, *Memórias de Aveiro*, Aveiro, 1875; *O Districto de Aveiro*, Coimbra, 1877; *Aveiro* em *Art. e Nat. em Port.*, tom. 4, 1904.

F. Ferreira Neves, *A Memória sobre Aveiro de Pinho Queimado; A Memória sobre Aveiro do Conselheiro José Ferreira da Cunha e Sousa;* em *Arq. Av.*, 1937 e 1940.

Fr. Luís de Sousa, *História de S. Domingos*, 2.ª parte, Lisboa, 1662.

Fr. Belchior de St.ª Ana, *Chronica dos Carmelitas*, tomo 2.º

Celeste Costa, *D. Brites de Lara e Meneses*, em *Arq. Av.*, 1938.

F. Ferreira Neves, *D. Brites de Lara e Meneses, fundadora e padroeira do Convento de Nossa Senhora do Carmo, em Aveiro; O Jazigo da Casa dos Maias, de Aveiro;* em *Arq. Av.*, 1950 e 1951; *A fundação e extinção do Convento das Carmelitas descalças de Aveiro*, em *Arq. Av.*, 1957.

Manoel de Monforte, *Chronica da Província da Piedade*, Lisboa, 1696.

Rangel de Quadros, *Recolhimento de S. Bernardino da Ordem de S. Francisco em Aveiro*, em *Voz de S. António*, Braga, 1905-06; *Convento de Sá em Aveiro*, em o *Progresso Catholico*, Porto, 1884-85.

F. Ferreira Neves, *A Capela do Senhor das Barrocas em Aveiro*, em *Arq. Av.*, 1936.

J. A. Marques Gomes, *Museu Regional de Aveiro*, em *Il. Mod.*, Porto, 1926; *Catalogo da Exposição de Arte Religiosa no Collegio de Santa Joana Princesa em benefício dos pobres de Aveiro*, Aveiro, 1895.

Marques Gomes e J. de Vasconcelos, *Exposição distrital de Aveiro de 1882*, Porto, 1883.

A. Souto, *O Túmulo de D. Catarina de Ataíde*, Aveiro, 1951; *Aveiro*, Porto, 1952; *O retrato da princesa-infanta Santa Joana e o grande enigma dos Painéis de S. Vicente*, Aveiro, 1957.

Ver na *Observação Final* o que se diz de bibliografia.

A R A D A S

Para clareza das resumidas indicações que vamos dar, tanto das povoações como dos sítios que a igreja ocupou, faremos notar que a freguesia abrange essencialmente duas colinas de brando relevo, dirigidas a NW, (que definiremos pelos nomes que se encontram na carta 1/50.000), a do norte, da Cabreira a Aradas e S. Tiago, e a sul, do Bom Sucesso a Verdemilho; havendo, intermèdiamente, uma outra mais breve, delimitada por duas pequenas linhas de água que descem das alturas cerca das Pedras da Moira (cota desmontada por uma saibreira) e se unem numa só, mais pròpriamente um esteiro, abaixo da Boa Vista, a qual vai morrer na lagoa do Paraíso.

A igreja antiga levantava-se no sítio chamado hoje Malhada de S. Pedro, ou Passal (que examinámos), justamente no alto da pequena colina média antes de descair na confluência. O sítio é hoje terreno de cultura, junto a uma quinta, voltado a SW. Essa mesma quinta mostra nos pilares do portão dois motivos ornamentais (um unicórnio e um leão coroado) a sugestionarem brasão, com o monograma JGMM e a data de 1829, de família conhecida.

Passava em frente a esta destruída igreja a estrada antiga de Aveiro, por S. Tiago, a Ílhavo. A seguir cortava a segunda corrente num viaduto de pequeno olhal, chamado ponte de S. Pedro, que calçadas nos trajectos próximos ainda completam. Este vale, inundável pelas marés até este mesmo sítio, é porto

de barcos moliceiros. A topografia leva-nos, em certo modo, a identificar com aquela a «ponte de pao logoa e calçadas dela, que estão entre as ditas vilas (Ílhavo e Aradas) e a de Aveiro», arrematada pelo pedreiro desta cidade, Domingos Ribeiro, e para a qual a provisão régia de 2 de Janeiro de 1607 atribuía dotação.

Levantaram a nova igreja no dorso da segunda colina, próximo a Verdemilho, no ponto marcado nas cartas com a cota 27 e designado por Outeirinho.

Aradas e Verdemilho (outrora Vila do Milho) andaram nos últimos séculos em senhorios diferentes. Os direitos eclesiásticos abrangeram todavia uma e outra, pelo menos nos princípios da monarquia. Aradas, doada por um particular no séc. XII ao mosteiro de St.ª Cruz, passou no séc. XVIII ao de St.º Agostinho da serra do Pilar. No fim daquele séc. XII os crúzios defendiam os seus direitos às décimas eclesiásticas «de *Erada, de Uilla de Milio et de omnibus marinis que sunt in illis partibus*». Do mosteiro do Pilar ficou a apresentação dos párocos.

Verdemilho, com Ílhavo, andou ordinàriamente no mesmo senhorio de Carvalhais (Moita), onde estava o paço dos últimos, pelo que aí deixámos breve resumo.

IGREJA PAROQUIAL — do título de S. Pedro, príncipe dos apóstolos.

A data de 1866, no alto da frontaria, deverá indicar o final da nova construção.

O edifício ficou vasto; mas, obra de construtores locais, sem marcado carácter. Ergue-se a torre à direita da frontaria.

Entre os cinco retábulos só o principal tem certo cunho. Pertence à segunda metade do séc. XVIII, fase do concheado; porém readaptado e ampliado em 1881. O camarim é ladeado de duas colunas, postas de ângulo; havendo nicho entre cada uma destas e as paredes; sobre os arranques ondulados do frontão interrompido assentam as figuras da *Fé* e da *Esperança*. As esculturas dos nichos, *S. Pedro* e *St.º Agostinho*, aludindo estes aos padroeiros da igreja, são do tempo do retábulo, agradáveis mas correntes.

O nicho da frontaria encerra pequena escultura de pedra, das oficinas coimbrãs da segunda metade do séc. XV, *S. Pedro*, sentado, vestido de sumo-pontífice. Do mesmo séc. XV existe um *S. Sebastião*, de calcário, obra grossa.

A cruz processional, de prata branca, do fim do séc. XVI, tem ido a diversas exposições. São os braços de secção rectangular e de botões terminais; nó cilíndrico, com pilastras aderentes e campainhas a caírem da base destas; superfícies gravadas de composições de tarjetas, habituais ao tempo.

Na povoação pròpriamente de Aradas há a capela do lugar, marcada na carta de 1/50.000, dedicada a S. Sebastião. Inteiramente renovada; nem na arquitectura nem no recheio nada contém de interesse para este inquérito. Em frente, do outro lado da rua, há o oratório, ainda mais modesto, de Nossa Senhora de Lourdes.

CASA ANTIGA — em *ARADAS* — Este paço dos Bacelares Barbosas de Novais, que vimos na primeira visita deste inquérito em bastante abandono, teve posteriormente os vigamentos e telhados inteiramente renovados.

A estrutura da casa pertence ao séc. XVII, tendo sofrido acomodações no séc. XVIII. O portão data deste mesmo século.

Apresenta a frontaria, no andar nobre, três janelas intercaladas de duas outras rasgadas e com sacada sobre dois cachorros, de vãos rectangulares, seiscentistas. Da mesma época são as grades de ferro das sacadas, de varões cilíndricos e com anéis. A fachada do pátio, à direita, mostra porta e janela do mesmo tipo. No séc. XVIII dotaram os vãos de cornija angular, em argamassa, e fizeram as cimalhas gerais.

O portão foi datado pelo sistema romano e pelo corrente: M.DCC.XC.IV — 1794. Tem a volta perfeita, sem impostas, mas com as pedras dos pés direitos e as aduelas ornadas de cinco diamantes, dispostos em aspa, as quais alternam com meias almofadas na zona imediata.

Ladeiam o remate dois fogaréus e crava-se-lhe a meio pedra de armas, cujos móveis foram incorrecta e incompletamente esculpidos, oferecendo dúvidas: esquartelado; 1.º de Barbosa, contra-banda (quando devia ser banda e carregada de três crescentes) acometida de dois leões; 2.º de Novais, cinco novelos em aspa; 3.º de Bacelar, duas varas de bacelo, entrecruzadas, com parras e uvas; 4.º de Cardoso, uma haste com dois cardos, entre dois leões assaltantes; escudete em sobre-todo, com móvel que se não interpreta do plano da rua; elmo e, por timbre, o leão nascente do primeiro mas coroado. Corresponde a pessoa genealògicamente conhecida.

Havia uma fonte no jardim. Foram levadas para a casa de Aveiro dos actuais proprietários, as pedras do remate com o brasão,

decoradas dos temas concheados do séc. XVIII. O brasão, anterior àquele, mais esquemàticamente gravado, é da seguinte composição: esquartelado; 1.º e 4.º de Bacelares; 2.º de Barbosas (com a banda correctamente posta) 3.º de Novais; elmo e, por timbre, o meio leão dos Bacelares; brasão pertencendo à geração anterior.

PAÇO DE NOSSA SENHORA DAS DORES — em *VERDEMILHO.* — Pertence ao Senhor Major Dr. António Tavares Lebre, que o valorizou de forma notável. Já seu pai tinha renovado a capela.

Decorativo portão dá para o jardim, ficando a capela em frente e à esquerda a casa.

Esse portão setecentista destaca-se e individualiza-se na região. Exceptuado o revestimento dos vãos, o resto é feito de argamassas sobre tijolo e adobe. Ladeiam a entrada dois pares de pilastras, alçando-se as cimalhas respectivas a dois planos, que fortes pirâmides acroteriais definem; um nicho forma o remate, acompanhado de aletas e dominado de frontão interrompido.

Foi colocada à direita deste conjunto uma pedra de armas, do séc. XVII: escudo partido, na 1.ª pala uma árvore, a 2.ª cortada, de cinco estrelas em aspa e de cinco folhas recortadas, igualmente em aspa; elmo, paquife e por timbre uma ave segurando no bico um ramo de flores.

Acima do vão, uma pedra de calcário, de formato geral em quadróbulo alargado, cercado de ornatos setecentistas, diz:

NESTA QVINTA
UIERAÕ PASSAR CADA HV(M)
O SEV DIA
DE IVNHO P(AR)A SE DIVER-
TIREM OS EX(CELENTISSI)MOS
E REV(ERENDISSI)MOS
SENHORES BISPOS DE COIMBRA
E DO GRAÕ
5 PARA
NO ANNO DE 1747

Refere-se aos bispos, respectivamente, D. Miguel da Anunciação (dos condes de Povolide) e D. Fr. Miguel de Bulhões e Sousa, natural do próprio Verdemilho, que tendo sido sagrado bispo de Malaca, a 8 de Dezembro de 1747 foi transferido para a diocese do Grão Pará, partindo para ali no ano seguinte, vindo a falecer bispo de Leiria em 1779. O antecessor, que resignara, só veio para Portugal em 1748.

A capela foi reformada, como ficou dito, conservando na fachada traços de inspiração antiga. Nos muros que a ladeiam, bem como no reverso do portal, há nichos agora vazios; abrigavam-se aí cenas da Paixão, em barro, setecentistas e populares, de que resta a *Prisão de Cristo*.

Não tem retábulo, ocupando todo o espaço acima da mesa um conjunto simultaneísta, de cenas da *Paixão*, dominando o conjunto *Cristo crucificado*, de madeira, e ficando em baixo uma *Senhora das Dores*, também de madeira. Todas as outras esculturas são de barro cozido, executadas em diferentes escalas, o que mesmo se verifica numa só composição, pertencendo ao séc. XVIII e sendo produto de artistas populares. A *Madalena* e *S. João* ladeiam o crucifixo; como o fazem relativamente à Virgem os dois velhos da deposição, devendo-lhes corresponder o Cristo morto que está sob a mesa de altar. Para o lado direito vê-se, no plano baixo, *Cristo no horto* e os três apóstolos dormindo, no alto *Cristo flagelado* por dois soldados. Ao lado contrário, na parte superior, *Cristo dos impropérios* (Senhor da Cana verde) com dois soldados; na inferior, *Cristo* (de roca) *a caminho do Calvário* entre dois soldados.

Colocaram na banqueta uma maquineta com figurinhas de barro representando a *Descida da Cruz*. A composição e os elementos são bem tratados, por artista setecentista de algum mérito. O conjunto abrange vinte e uma figuras.

Há ainda na capela uma colecção de ex-votos, pintados em tábua, todos de execução popular, datado o mais antigo de 1799.

O distinto proprietário da casa é coleccionador de Arte, especialmente contemporânea, tendo-nos permitido fazer fotografias de peças de cerâmica para este inventário. Organizou além disso, numa sala, um *museu de Eça de Queirós*, muito visitado, pois que os avós do escritor eram da povoação e ele mesmo passou em Verdemilho parte da meninice.

CAPELA — em *VERDEMILHO*. Conhecem-na hoje pelo título de S. João Baptista; todavia deveria ter sido dedicada até pouco tempo atrás a Nossa Senhora, ou Senhora da Lomba, designando a situação topográfica.

Sofreu reformas variadas e sem carácter. A porta principal, que é rectangular e singela, deve datar do séc. XVII. O arco-cruzeiro é o antigo; ornando-se a sua volta de cabecinhas de querubins e assentando no fecho pequena escultura da Virgem, lendo-se aí a data de 1636.

Encontrámos pequena escultura de madeira, carcomida, representando a *Virgem sentada*, com o menino posto em pé sobre o joelho esquerdo da mãe; trabalho do séc. XV, de baixo nível mas raríssimo, conservando pintura do séc. XVII.

Uma outra, *Virgem e o Menino*, de madeira bastante mais carcomida, quase informe, é do séc. XVII. *S. João Baptista*, de calcário, do séc. XVII, provém de artífice grosseiro.

Serve de piso do púlpito lage sepulcral que diz:

ESTA S(EPVLTVR)A HE DO PAD
RE M(ANV)EL G(ONÇA)L(VE)Z
FRAGO
ZO ADONDE FOI SE
(PVL)TADO E P(AR)A...
5 (FAL)ESEO NA ERA
DE 1734

CASAS ANTIGAS — em *VERDEMILHO*. — A *Quinta de Medela*, ao lado da capela da povoação, depois de largo abandono, entrou na posse do Estado.

A parte que nos interessa compõe-se da casa do séc. XVII e do portal do pátio, do séc. XVIII. A frontaria principal mostra nos dois pisos cinco vãos; as cantarias que os revestem são de calcário; é rectangular o desenho dos mesmos, sendo as arestas boleadas e de avental as janelas superiores. Em cima há cinco janelas, sendo a central rasgada e com sacada sobre cachorros, ligando-se à porta de entrada, que lhe fica inferior.

O portão de argamassas, gracioso, com pilastras laterais, vão em traçado mistilínio, cimalha curva, sobre a qual assenta a pedra de armas. As umbreiras foram cortadas para se obter mais espaço. A pedra de armas é de calcário e decora-se dos ornatos da segunda metade do séc. XVIII. Escudo partido em pala, estando um leão rompante na primeira, e na segunda uma cruz florida; tem elmo e por timbre leão nascente e coroado.

A *casa dos avós de Eça de Queirós*, depois de grande abandono e ruína interna, foi adaptada a fins industriais, tendo-se-lhe levantado um segundo pavimento. A parte antiga era em néo-clássico, com seis janelas, singelas e largas, e porta de arco, posta ao centro da fachada. O brasão que se levantava acima da linha do telhado foi para o museu citadino: partido em duas palas, a primeira esquartelada de seis crescentes e de um leão, por Queirós, a segunda com a cruz doble, bordadura e os seis besantes, por Almeidas.

CAPELA — na *QUINTA DO PICADO*, de Nossa Senhora da Conceição.

Data o edifício de 1851 mas foi sofrendo complementos até ao momento presente.

Letreiro pintado na sacristia diz que foi feita pelo povo do lugar e principiada a 5 de Agosto de 1851. Todavia houve pelo menos outro edifício anterior, como indica um pequeno retábulo.

Este retábulo, hoje em posição secundária, a meio da nave, é de calcário e obra das oficinas coimbrãs do séc. XVII. Compõe-se de três nichos separados por pilastras coríntias; as duas dos extremos têm pendurados nas faces, as outras duas são caneladas; no remate encontra-se o busto do Padre-eterno a abençoar; o pedestal corrido e o friso mostram cabeças de querubins e ornatos.

As esculturas do retábulo foram deslocadas. São de calcário igualmente e do mesmo tempo, obras de artificiania. A *Senhora da Conceição*, que é maior, colocaram-na acima do arco-cruzeiro; as outras duas, menores, no altar-mor: *S. Benedito*, preto, e *S. Brás*.

Os três pequenos benedictérios, de calcário e seiscentistas, diversamente decorados, são os antigos.

C A C I A

Ponto extremo, do lado do sul, da arcaica embocadura do Vouga, deveria ter obtido grande importânica no passado, como já insinuam os restos romanos encontrados.

A 25 de Agosto do ano de 1106 o conde D. Henrique e a rainha D. Teresa doaram ao mosteiro de Lorvão metade de Cacia (*mediatatem de uilla nostra nomine Cacia*). Os limites, examinados apròximadamente na carta corográfica e no terreno, parecem indicar que o território corresponderia sensìvelmente à actual paróquia.

A carta de doação foi publicada por R. de Azevedo (*O Most. de Lorvão*). Pela verdadeira leitura

da sua data se tiraram as dúvidas de J. P. Ribeiro (*Dis.* t. 3.º p. 1) e a de A. d'Almeida (*Erros*) àcerca da publicação de B. de Brito (*Chron. de Cist.*).

Anexado o mosteiro à sé (1109) e restaurado (1116) retomou Cacia (*et medietatem Kacia*). O padroado ficou à abadessa até aos últimos tempos. Todavia no séc. XVI, por efeito da concessão de Leão 10.º ao rei D. Manuel, foi criada nas rendas da igreja uma comenda da Ordem de Cristo.

IGREJA PAROQUIAL — Dedicada a S. Julião.

Colocaram-na na periferia do lugar sede de freguesia e a norte do núcleo principal, para o lado do rio e zona aluvial.

Reconstruída cerca de 1854, como se lê na frontaria, com largueza mas sem carácter definido, pouco conserva do antigo.

O edifício anterior poderia ser do séc. XVII, pelo menos em grande parte. Pertence a esse século o arco cruzeiro, cujas faces são corridas de almofadas. A porta da sacristia, de verga direita, mostra as esquinas boleadas. Os dois arcos retabulares do corpo, igualmente readaptados, aparentam ser dos fins do séc. XVI, pela forma do chanfro em SS da volta. Um dos pequenos benedictérios é igualmente seiscentista.

O retábulo principal e os dois colaterais, de madeira, conservando a douragem antiga, datam do séc. XVII final, época de D. Pedro 2.º, tendo colunas torcidas, enroscadas de pâmpanos e com crianças, arcos de igual forma mas só com a vide. Há naquele duas colunas por lado e dois arcos; só um par e um arco nestes. O trono do principal é de plano rectangular, com a parte superior curva e dividida aos rectângulos. No meado do séc. XVIII foi-lhe acrescentado o sacrário e a faixa de talha que fica abaixo do trono. As mesas dos altares pertencem já ao séc. XIX.

Os dois retábulos dos arcos do corpo são adaptações de talhas. No do lado direito está uma tela do séc. XVIII, de oficina lisbonense, de boa execução, representando as *Almas do Purgatório*, em que se vê a *Trindade*, com a *Virgem* e *S. João Baptista* suplicantes.

As esculturas de madeira não se destacam, posto que um *Cristo crucificado*, de tamanho médio e do séc. XVII, seja ainda agradável.

Há esculturas medievas de calcário, das oficinas de Coimbra. *Virgem e o Menino*, do segundo terço do séc. XV, de vestuário de pregueamentos arredondados; estando o menino no braço esquerdo da mãe, que lhe sustenta o pèzinho com a mão direita; a coroa foi cortada. *S. Sebastião*, de certa elegância, representado de mãos atadas atrás, o alto da cabeça rapado, o que quererá significar uma espécie de solidéu e não tonsura, rosto dotado de certa vida; obra do meado do séc. XV, não comum. *St.ª Catarina*, igualmente do meado do séc. XV, vestuário de pregas arredondadas, das regulares oficinas do tempo, como as outras; apoia-se-lhe a mão direita na grande roda e a esquerda na espada que se firma na simbólica cabeça coroada.

O *cálice* de prata branca, da segunda metade do séc. XVI, que tem aparecido em exposições, era peça de nível corrente ao tempo; pendem-lhe campainhas da sub-copa e tem nó em forma ovalar.

Perto da igreja levanta-se *cruzeiro* de coluna sobre pedestal. Guarda do antigo a parte inferior. No pedestal a data de 1681 e a da reforma de 1866. A parte alta é recente.

CAPELA — no centro da povoação-sede, título do Espírito Santo.

Inteiramente renovada. A porta, datada de 1720, foi conservada. Uma pia de água benta é ainda da obra velha.

Acima da porta colocaram pequena *Trindade*, seiscentista, popular.

CAPELAS — em *SARRAZOLA*. Este lugar, de igual importância demográfica de Cacia, é pròpriamente uma geminação da sede de freguesia, separada dela só pelo sulco geográfico mediano.

A *capela de S. Bartolomeu* acha-se inteiramente modernizada, apresentando o gosto geral da região. Se o vão da entrada e postigos são de gneiss, há restos de cantarias de calcário.

A escultura de *S. Bartolomeu*, representado como apóstolo e segurando a cadeia do demónio (rapaz com pés em garra), de calcário e de tipo seiscentista, é de nível baixo.

Incluíram no actual retábulo duas pequeninas pinturas em tábua, género igualmente seiscentista, nìtidamente populares.

A *capela de S. Tomé*, mais pròpriamente oratório, propriedade de particulares, ocupa o ângulo de duas ruas. A empenazita recorta-se segundo o gosto comum. O conjunto não

tem interesse para o nosso caso. Também obra muito comum é a escultura de madeira do titular, de feição seiscentista.

MOTIVOS ARTÍSTICOS — em *VILARINHO*.

As povoações de Sarrazola e Vilarinho ocupam a linha a norte do contorno fluvial do arcaico estuário do Vouga e do alagoamento da Ria; o ponto trigonométrico de Vilarinho (14) marca o ângulo ocidental.

Seguia deste contorno a cale do Rio Velho, e dele corta hoje o novo traçado do Rio Novo do Príncipe, aberto na regência do príncipe D. João.

Casa antiga. Aqui se estabeleceu a família dos Couceiros no fim da Idade-Média, parece. O vínculo principal da casa deveria ter sido o morgadio-capela instituído por D. Leonor da Costa, como se vê da lápide posta à direita do arco-cruzeiro, que diz:

ESTA.CAPELA.MÃODOV
FAZER.DONA.LEANOR
DA COSTA.NO ANO.DE 1657
E A DEIXOV.DOTADA.DE
5 TODOS.SEVS.BEIS.EN VI
NCVLO.DE MORGADO.P(ER)A
SENPRE.CÕ AS OBRIGACO
IS CÕTEVDAS.EN SEV
.TESTAMENTO

Continua a casa na posse dos sucessores. O brasão que tem usado e que colocaram nas obras novas é partido de Couceiros e Costas.

Foi renovada a casa já na época oitocentista, tendo obras recentes, mas seguindo o gosto antigo, que muito a valorizaram.

A capela, posta à direita, ainda com as cantarias do calcário ançanense, algumas renovadas, data do séc. XVII. Graciosa a fachada, de portal em vão rectangular, completada de nicho superior, que aletas acompanham e pequeno frontão curvo domina; postigos e janelita do coro. Os cunhais formam pilastra, saindo uma gárgula cilíndrica do alto da esquerda. No vértice da empena, sineirita decorada.

Adorna-se o arco-cruzeiro, tanto nos pés direitos como na volta (nesta só na face interna) dos quarteados seguidos, próprios do tempo.

O tecto da capela-mor deve ser de abóbada de tijolo, imitando, por meio de argamassas, singelos caixotões.

Data da segunda metade do séc. XVII o retábulo de madeira entalhada, hoje só com o enceramento no tom natural. Do mesmo tempo são as três esculturas de madeira da *Sagrada Família* (Maria, Jesus, José).

A *capela de St.º António*, a privativa da povoação, que anteriormente teria sido modesta, foi modernizada no gosto corrente da região. O *St.º António*, de pedra, de género seiscentista, é inteiramente obra popular.

O oratório da Senhora de Fátima, ao fundo da povoação e numa altura de domínio dos campos, é recente.

E I R O L

Para a parte do poente da confluência do Águeda com o Vouga, uma parte do seu território domina o corte que aquele faz no grês vermelho do infra-liásico. As ribas da margem direita, ao Almear, e estas de Eirol fazem-se notar de si mesmo. Na região para ocidente, sem pedreiras, mesmo só para alvenaria, a *pedra de Eirol*, como diversas vezes a ouvimos designar, foi procurada para certas construções de nível médio ou para os elementos secundários de principais. Esse grês, apesar da pequena resistência aparente, suporta cargas elevadas, como se verifica na ponte da Rata, próxima, que cedeu ùnicamente pela falta de suficientes fundações.

IGREJA PAROQUIAL — dedicada a St.º Isidoro, bispo.

Edifício pequeno como pequena é a freguesia.

Reformado diversas vezes, conserva de mais velha época: porta lateral, do séc. XVI, de calcário, vão rectangular e arestas chanfradas; parte da volta do arco-cruzeiro, moldurada e daquele mesmo tempo. Outra reforma deveria ter tido no séc. XVII ou princípios do imediato, da qual data a porta principal. Os sécs. XIX e XX fizeram modificações e ampliações.

O retábulo principal, de madeira pintada, provém da segunda metade do séc. XVIII. Compõe-se de camarim acompanhado de duas colunas e mísulas para imagens, sendo o ornato dos temas do concheado.

Os colaterais, já do séc. XIX, imitam o tipo do principal. A escultura de *St.ª Eulália*, de madeira policromada, pertence ao séc. XVII e o seu vestuário inspira-se nas modas desse tempo, mas é obra corrente; *S. Sebastião*, de calcário, do séc. XVI, comum; a pequenina *Virgem e o Menino* (Senhora das Candeias),

de pedra e da segunda metade do séc. XVI, mostra factura corrente.

A capelita de Nossa Senhora das Dores, de *Carcavelos*, não passa de obra aldeã, simples e comum na região.

Permanecem na povoação restos de uma casa da segunda metade do séc. XVIII, entre construções vulgares: sacada com bacia sobre dois cachorros e, ao lado, janela com a pedra de peito em avental recortado.

E I X O

Deparam-se--nos, na história de Eixo, as mesmas dificuldades que em muitas outras partes; tem de se deduzir, nalguns pontos, de indicações ocasionais e até de informações contraditórias.

O documento de doação de Zoleima Gonçalves, de 1095, aclara que nessa altura já a igreja tinha o actual titular (*in loco sancti issidori que est fundatum in uilla Exo*).

Pelos fins desse séc. XI pertencia metade de Eixo e Ois da Ribeira a D. Teresa Fernandes, filha de Fernando Gonçalves do Marnel, casada com Mem Viegas de Sousa, o 8.º senhor da casa de Sousa; parecendo que a outra metade deveria ser de D. Châmoa sua irmã.

Continuamos a encontrar estes lugares e termos, no séc. XIII, na mesma casa de Sousa, em mãos de Garcia Mendes e do filho, o conde Gonçalo Garcia de Sousa, casado com D. Leonor Afonso, filha de D. Afonso 3.º Esta, por morte do marido, doou-os (1287) à ordem de Malta, a qual, por sua vez, os trocou com o infante D. Pedro, conde de Barcelos, o do Nobiliário, e sua esposa D. Branca de Sousa.

D. Pedro legou ao mosteiro de St.º Tirso só certos bens de Eixo.

Eixo, Ois, Paus, no séc. XIV e princípios do seguinte viram diversos senhores. Foram de Martim Afonso de Sousa Chichorro, sendo confiscados ao filho Vasco. Por concessão do rei D. Fernando a João Afonso Telo, conde de Barcelos, passaram por herança a D. Joana de Castro, casada com D. Fernando, segundo duque de Bragança. O duque D. Fernando deu-os ao terceiro filho, D. Afonso, conde de Faro, havendo confirmação régia; pelo que ficaram sob o princípio de jurisprudência de que doação da coroa feita pelo donatário com consentimento e confirmação régia era, para todos efeitos, como se fosse feita pela Coroa. Envolvido D. Afonso na conspiração contra D. João II, saiu para Castela, sendo também confiscados os bens.

Teve aqueles senhorios a princesa St.ª Joana.

Subindo D. Manuel ao trono e regressando Sancho de Noronha, 3.º conde de Odemira e 2.º de Faro, filho de D. Afonso, foram-lhe reconhecidos os direitos. Todavia aquelas vilas e termos já tinham sido dadas por D. João II, em 1494, a Diogo Lopes de Sousa, o 20.º senhor da casa de Sousa, passando para o filho segundo Álvaro, e para o neto, do mesmo nome, Diogo Lopes de Sousa.

Sancho de Noronha, o 4.º conde de Odemira, reivindicou os bens, que só foram obtidos pela viúva para o 5.º Pelo falecimento sem sucessão do 6.º conde, também daquele mesmo nome, Sancho de Noronha, a casa vagou para a Coroa.

No séc. XIII possuía bens em Eixo o mosteiro de Salzedas.

Foi instituída, nos rendimentos da igreja, uma das comendas da Ordem de Cristo, daquelas que o romano pontífice Leão X concedeu a D. Manuel.

Algumas vezes os donatários da terra acumularam-na. Foi motivo de questões forenses, como no séc. XVII que, sendo dada ao duque de Cadaval, o conde de Obidos veio com embargos.

Pequeno concelho antigo, com foral em 1516, Eixo nos últimos tempos, sendo da real casa de Bragança, era considerado da comarca de Barcelos, tendo como provedor o de Aveiro. Pela mesma razão, estavam anexadas a Eixo as vilas de Ois da Ribeira, Paus e Vilarinho do Bairro.

IGREJA PAROQUIAL — O orago é St.º Isidoro, bispo.

Inteiramente reconstruída nos princípios do séc. XVIII, ficou edifício de uma só nave e de grandes dimensões, relativamente à sua categoria de templo paroquial. Seguiu o traçado arquitectónico de influência anterior, como era próprio da região. As cantarias são já de granito provindo da serra das Talhadas.

Segundo Marques Gomes, estava arrematada a obra em 1705 e já em 1721 aí se exercia o culto religioso.

Em volta de 1855 procedeu-se a grandes obras de reparação, como a da pintura do tecto. Seguiram-se as pinturas e douramento dos retábulos, executadas na melhor das intenções mas com perda do carácter original. Em 1955-56 fizeram-se grandes obras de consolidação, de renovação de tectos, telhados, etc.

Comportou o programa setecentista, além dos dois corpos colaterais ao do cruzeiro, para colocação de retábulos, mais quatro nos flancos do corpo, dois, fronteiros, junto aos ombros e os outros abaixo das portas travessas, as quais ficam sensìvelmente a meio. Estas duas portas são rectangulares e simples. As janelas são igualmente rectangulares e altas, correspondendo originàriamente uma a cada lado da capela-mor e três a cada um dos do corpo.

A capela-mor foi abobadada de tijolo, em curva seguida; o corpo porém coberto de madeira.

Levanta-se a torre à direita da fachada. Do mesmo lado da capela-mor encosta-se a

sacristia, coberta de abóbada de tijolo semicilíndrica. Diversos anexos utilitários se juntam ao exterior.

O arco-cruzeiro e os arcos colaterais, meramente retabulares, formam composição decorativa unificada: corre sobre os laterais um entablamento, completado de frontão triangular, servindo de imposta ao arco-cruzeiro; este é igualmente dominado de entablamento e frontão triangular interrompido.

Os quatro arcos dos retábulos do corpo mostram traçado comum: pés direitos no tipo toscano, com almofadas corridas, ressaltando uma aresta nos mesmos, o que acontece na moldura externa do arco. O do ombro da direita foi aprofundado em 1857-58 em capela do Sacramento.

A fachada principal anima-se de graça austera, pela composição que forma a porta, o nicho e as janelas do coro, estando aquele e estas na mesma linha horizontal.

Pilastras de granito vincam todos os cunhais; correm cimalhas simples nos sub-beirais e nas empenas; cruzes dominam os vértices destas; os mesmos pináculos e cruzes têm por apoio bases paralelepipédicas e molduras, como é típico do tempo e da região.

Cornija arquitravada na base da empena une os cunhais da frontaria. A porta e as janelas do coro são rectangulares, acompanhadas de pilastras, dum dórico simplificado, com entablamento e, naquelas, frontão triangular. Do mesmo traçado é o nicho que domina e completa a porta.

Já na zona da empena se encrusta o escudo nacional, entre pesada composição decorativa; o diadema da coroa é alto e ornado de forma popular.

A torre, posta à direita da fachada, é concatenada com ela em composição. Apresenta um par de ventanas em dois lados, só uma nos que ficam voltados ao edifício; a terminação é em pirâmide octogonal. Nesta restauração consolidaram-na, pois que ameaçava ruína. O primeiro acesso, até à altura do coro alto, é feito pela escada helicoidal dum corpo cilíndrico, posto no ângulo, conforme hábito regional.

Assenta o coro alto em três arcos frontais, postos em colunas toscanas. A bacia do púlpito, de pedra, poisa em mísula do tempo; sendo porém as guardas de madeira.

São de madeira entalhada todos os retábulos, tendo sido renovada a pintura no século passado, à excepção do último, à esquerda, entrando na igreja.

Data o retábulo principal da segunda metade do séc. XVIII; compondo-se do grande vão do camarim, com duas colunas por lado, postas as do meio em plano mais avançado, e sendo o ornato do género concheado. Destacam-se nos intercolúnios duas esculturas de madeira, da mesma fase artística mas obras correntes, dos bispos *St.º Isidoro* e *S. Brás*.

Da mesma metade do século é o colateral da esquerda; o da epístola porém já foi executado em néo-clássico do séc. XIX.

O retábulo do primeiro arco ao evangelho provém do meado do séc. XVIII, tendo duas colunas e largo nicho, no qual se implanta *Cristo-crucificado*, de madeira, obra corrente mas impressiva. O arco fronteiro foi aberto e prolongado em capela, destinado ao Sacramento, sendo dotada de retábulo de tipo do séc. XIX. Há agora aí uma escultura de madeira da *Virgem e o Menino* (Rosário), delicada, do fim do séc. XVIII, conservando a policromia antiga.

Os dois retábulos dos arcos dos pés da igreja são iguais, e também os mais antigos que nela se vêem. Remontam aos princípios do séc. XVIII, ainda da fase de D. Pedro II, seguindo o tipo plano, compondo-se de quatro colunas e de dois arcos, tudo na forma torcida e de decoração de parras. Só o da esquerda conserva o antigo dourado. O titular da direita é um *S. Miguel*, do tempo, movido mas comum.

O anteparo do púlpito, de madeira entalhada, apresenta ornato do fim do séc. XVIII, de transição do concheado para a nova fase, do que há mais exemplos na região; continuando envolvido da agradável douragem antiga.

Sanefas, igualmente de madeira entalhada, enriquecem os vãos das janelas, todas dum mesmo tipo da segunda metade do séc. XVIII, dotadas de altos espaldares, recortados e tratados a concheado. A do púlpito é de trabalho superior e do tempo do mesmo.

O tecto do sub-coro, dividido às quartelas, conserva a pintura policroma, desenhando elegante motivo concheado, cujo desenho se repete, mas cujas cores são de dois tipos que alternam.

A escultura mais antiga é a de *St.º Isidoro*, colocada no nicho da frontaria; de execução e pedra coimbrã, datando do séc. XV. Outras imagens de pedra que existem são absolutamente populares.

Possui a igreja bastantes pratas modernas e antigas, nos tipos usuais ao tempo.

Um dos sinos, datado de 1803, é originário da oficina de Cantanhede: IOAQUIM SORRILHA ME FES.

CRUZEIRO — Na povoação sede. Tipo de templete. Já não ocupa o antigo lugar. Sofreu pelo menos uma deslocação em 1865, que letreiro no pedestal da cruz comemora; de cruzeiro de praça passou a ser de recanto. Foi bastantemente reparado naquela data.

As quatro colunas são do jónico de duas volutas, lisas, assentes em pedetais. A central, canelada, coríntia, sustenta cruz com Cristo. A cúpula depois da renovação ficou ovoidal.

CAPELA DE S. SEBASTIÃO — Na entrada do nascente da mesma sede.

Data do princípio do séc. XVIII, lendo-se 1704 no friso da porta.

Singela; porta arquitravada, postigos laterais e pequeno óculo na empena.

No sítio da Feira de Eixo existe outra, pequena, particular, datada de 1871, de empena recortada, sem interesse, dedicada ao Senhor da Serra.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA — Isolada em grande terreiro, na zona norte e excêntrica da povoação.

É a principal capela e de remota devoção. A data de 1710 na porta principal indica o tempo do seu completo renovamento.

Uma campa, deslocada e posta a servir de patim de entrada, comemora o pároco em cujo tempo se pensaria na mesma renovação:

AQ(u)I IAS O R(EVEREN)DO
DI(ogo?) de MOR
AES CABRAL
REITOR DES
5 TA IGREIA
FALECEO E(m)
NOVE(m)BRO
DE 1709

Compõe-se de corpo e capela-mor, porta principal e duas travessas, de vergas direitas e arquitravadas.

O retábulo de madeira perdeu, pela pintura do século passado, o carácter. Já dos princípios do séc. XVIII, seguiu as novas formas de composição barroca, com um grupo de três colunas por lado, que são torcidas e de grinaldas de flores.

Colocaram, fora e acima da entrada, a parte central do pequeno retábulo anterior, de pedra e de Coimbra, renascença, séc. XVI avançado, produto das oficinas correntes. Compõe-se de um nicho, duas pilastras coríntias, basamento, parte do friso e do frontão. O nicho encerra a *Virgem e o Menino;* no corpo de cada pilastra há dois anjos músicos; no basamento dois evangelistas e pequeno relevo da *Anunciação;* no frontão uma alegoria trinitária. Espécie curiosa que o tempo há-de acabar de perder.

CAPELA — em *HORTA*, dedicada a St.ª Bárbara.

Edifício novo, no gosto moderno, em local levemente mais abaixo daquele em que se levantava a anterior.

A *St.ª Bárbara* é de calcário e de oficina coimbrã, pequena, dos sécs. XV-XVI, com palma e torre, pregas requebradas, obra da artificiania. Uma *Senhora da Assunção*, de mãos postas e lua na base, também é de calcário e da mesma origem, da arte decadente dos fins do séc. XVI.

CASAS — A povoação desenvolveu-se em comprimento; seguiu a linha principal de trânsito, alcançando cerca de dois quilómetros de extensão, sendo secundários os arruamentos transversais.

Possui bastantes casas, e algumas delas amplas, da primeira metade do séc. XIX, mostrando vergas curvas nos vãos e tendo as cantarias já de granito.

A casa característica pertence à família Dias Leite, próxima da igreja, datando do meado do séc. XVIII, também de granito. São cinco os vãos do andar nobre, dois tratados em sacada e os outros em janela, que são intercalares. O portão segue traçado mistilínio.

Conservam-se na povoação móveis antigos. Vimos, por exemplo, uma cama do séc. XVII, de balaústres torneados, com anilhas metálicas a separar os elementos, à qual deram um remate de cabeceira da segunda metade do séc. XVIII.

A primeira, com arco do tempo da reconstrução, foi aprofundada e estucada. Aproveitaram uma campa do séc. XVII para soleira do arco.

A segunda, de Cristo crucificado, proveio da igreja velha. O arco está datado de 1578. Na deslocação, ou em tempos posteriores, levantaram o arco, alteraram o retábulo que era pétreo e do mesmo tempo. Conserva-se aqui uma obra que na zona sul de Aveiro é rara, *Cristo Crucificado*, de madeira, tamanho natural, gótica, dos sécs. XV-XVI, de nível artificianal. As outras esculturas não têm interesse.

A terceira capela, de arco de tipo comum, poderia ter sido a dos Sás. Conserva restos de talhas do séc. XVII.

As da parte do evangelho são as seguintes.

Capela da Visitação. Era de fundação dos padres Pedro Afonso e Roque Afonso, sendo ainda comummente conhecida por estes nomes. Tanto o arco como o retábulo datam do primeiro terço do séc. XVII. O arco mostra no rasgamento uma coluna a cada lado, toscos querubins na volta, que era duplicada, faltando a primeira parte. O retábulo de calcário é produto, como também aquele arco, de oficina coimbrã, da renascença decadente. Imita já os tipos de madeira de corpos sobrepostos, com movimento dos entablamentos, só em avanços. São as colunas caneladas e da ordem coríntia. Cada corpo encerra a meio um alto-relevo e a cada lado nicho com escultura. O principal tem a *Visitação*, *S. Pedro* com tiara e *S. Roque;* o segundo a *Ressurreição*, *S. Tiago* e *S. Martinho*. Dois rótulos de remate ostentam letreiros meramente devocionais. Inserem-se figuras nos pedestais das colunas de baixo, em relevo, de santos curadores, identificados por letreiros: *St.ª Apolónia*, *S. Amaro*, *S. Bento* e *St.ª Águeda*. Posto que o retábulo seja de artista decadente merece protecção, pois que, mesmo desta categoria, é obra pouco comum no distrito.

Encontra-se a seguir o *púlpito*, de pedra e da segunda metade do séc. XVII. O pé e a bacia fundem-se em sucessão de corpos, ornados de duros acantos. As guardas de madeira são de balaústres torneados, com anilhas metálicas.

O arco da outra capela segue o tipo geral. Poderá ter sido a antiga de S. João Baptista, que era dos Barbosas. Retábulo de madeira, de colunitas caneladas, compósitas, do séc. XVII, mas já modificado. O frontal de azulejos segue o tipo de alcachofras.

Forma capela baptismal o costumado reduto sob a torre, inteiramente revestido de azulejos.

O coro alto apoia-se em três arcos frontais, sustentados por mísulas e duas colunas toscanas, sendo o fuste destas envolvido de benedictérios circulares. As duas pequenas pias das portas travessas são igualmente do séc. XVII e hemisféricas.

Esculturas c o m u n s; duas porém; do séc. XVI, de pedra, coimbrãs, graciosas, *St.ª Clara* e *St.ª Luzia*.

Coroam os vãos alguns sobre-arcos de madeira entalhada, no séc. XIX, de vários tipos.

Desapareceram as campas antigas. Em obras recentes, de renovação do pavimento, além de fragmentos, encontraram uma, avulsa, com brasão e letreiro. Diz este:

S(E)P(VLTVR)A DE GREGORIO
DE BARROS D AZE
VEDO E DE SVA
MOLHER IOANA
5 DA SILV(EI)RA NOVAIS
E DE SEVS ERDEI
ROS.1635.ANN
OS

O escudo só respeita ao varão: partido; a primeira pala com dois quarteis de Azevedos, no 1.º a águia, no 2.º cinco estrelas, com bordadura carregada de aspas; a segunda pala com três faixas e cada uma carregada de três estrelas, má representação de Barros; timbre o destes, aspa com cinco estrelas.

Na parte posterior da capela-mor cravaram cinco placas, restos dum retábulo pétreo, do séc. XVII, dedicado ao Sacramento, representando em relevo: dois anjos segurando a custódia, dois outros músicos e outros dois adoradores.

O revestimento de *azulejos* do interior data de época imediata ao acabamento, rebordando convenientemente as aberturas antigas. Dão categoria à igreja. São de fabrico lisbonense, do séc. XVII, em branco, azul e amarelo, de padrões correntes e cercaduras usuais. Revestem interiormente as paredes da capela-mor e do corpo. Os daquela desenham grandes rectangulados com motivos de folhagens inclusos. São de dois tipos os do

corpo: os da zona inferior, de alcachofras, os de cima em quadrilóbulos tangentes, de folhagens inclusas e intermédias.

Entre as pratas há de maior mérito uma escultura e a custódia. Tem cruzes processionais mas já do séc. XIX.

A *Virgem e o Menino*, dentro de auréola de raios ondulados e direitos, assenta num pé em forma de balaústre. Data da segunda metade do séc. XVII e é bem conhecida de diversas exposições.

A *custódia* de prata dourada, em folha batida, é já da segunda metade do séc. XVIII. Pé espesso, hostiário de glória solar e motivos arquitectónicos a envolverem o receptáculo. Punção do Porto e do fabricante TGS, vendo-se mal esta última letra e encontrando-se geminadas as duas primeiras.

CASAS ANTIGAS — Esgueira foi residência de numerosas famílias que viviam à lei da nobreza. Julgamos porém que a maior parte das suas casas não passavam de moradias comuns, não tendo brasão muitas delas. Das que deveriam ter certa categoria construtiva resta número reduzidíssimo. Pertencem ao séc. XVII e à primeira metade do seguinte, épocas de grande construção regional. O material das cantarias foi o calcário.

Casa grande era a dos Almeidas, numa rua entre o pelourinho e a saída para a cidade. Conserva cravado num portão independente, posto à esquerda, pedra de armas, gótica, do princípio do séc. XVI, rectangular, envolvida de cordão de folhas e com o escudo da cruz doble, bordadura e os seis besantes dos Almeidas, mas sem timbre. A casa é do séc. XVII. Na vasta fachada rompem-se dez sacadas de linteis direitos, bacias levemente salientes sobre cachorros. As grades de ferro, em ovais secantes, datam do séc. XIX. Encontra-se dividida por dois proprietários e em estado decadente.

Na antiga rua dos Balcões, transversal às duas linhas actuais de trânsito, há outra, já da primeira metade do séc. XVIII, mas seguindo o tipo anterior. Examinando-a a partir da esquerda, vê-se na linha do andar nobre: o alpendre do patamar da escada externa, quadrado, sustentado em colunas de pedra, com abertura piramidal; duas sacadas de cimalhas direitas e cornija saliente, bacias sobre dois cachorros retorcidos, grades de ferro de varões cilíndricos e com aneis; uma janela de ângulo, com face para a travessa da Patuleia, com o mesmo friso e aventais rectangulares.

Ocupa o ângulo formado pela rua que vem da igreja e da Câmara uma outra casa que tem a fachada principal naquela. Provém do séc. XVII. Para a direita fica o portão de entrada do pátio, rectangular no vão e recortada a parede superior. Tem três sacadas e uma janela de ângulo, com lintéis direitos e cornijas, sendo as duas primeiras sacadas de vãos ligados, e mostrando a janela de canto as arestas boleadas. A fachada da rua da Câmara só tem vãos utilitários. As grades de ferro das sacadas são do tempo, em chapa recortada. Casa igualmente decaída.

Na rua da igreja, ficando quase fronteira ao templo, outra casa, grande hoje, depois das modificações e ampliações do séc. XIX. Conserva da primeira metade do séc. XVIII quatro sacadas, de vãos rectangulares, bacias sobre cachorros e duas grades de varões cilíndricos e de aneis.

Vimos um brasão avulso, do séc. XVIII, numa casa à saída da vila para Aveiro, adquirida recentemente por uma congregação religiosa: esquartelado; o 1.º de Rochas, aspa carregada de cinco vieiras, e uma brica por diferença; 2.º de cinco estrelas, por Tavares?; 3.º de cinco crescentes, por Pintos?; 4.º de cruz aberta e florida, por Pereiras?; timbre do primeiro, aspa carregada duma vieira.

FONTES — em *ESGUEIRA*. Em rua transversal, na entrada norte da vila, conserva-se uma, de largo espaldar, simples e modificada.

Crava-se-lhe na parte superior, placa de calcário, ladeada de aletas, encerrando o brasão nacional, mas de símbolos quase indistintos, acompanhado de duas esferas a que sobrepõem cruzes de Cristo. Acima da única bica outra pedra diz:

FONTE.Q(VE).SE FES.ANNO.D 1697

Uma outra, já fora da povoação, na Ribeira, igualmente de vasto espaldar, mostra nicho vazio, acima do qual se firma composição com o escudo nacional ladeado de esferas armilares, às quais se sobrepõe a cruz de Cristo. Lê-se aí a data de 1675. Acima de

cada bica colocaram uma lápide. Diz uma: BOA.A./GOA.AN/TIGA / ANNO. A outra: MILHOR / AGOA MODERNA / 1675.

Os elementos de calcário tanto duma como da outra encontram-se muito carcomidos.

BIBL. — J. Pinto Loureiro, *A Comarca de Esgueira*, em *Arq. Av.* tomo 2.

Sousa Viterbo, *Diccionário dos Architectos*, vol, 1 e 3, 1899-1922.

CAPELA DO ESPÍRITO SANTO—Perto da igreja paroquial.

Inteiramente renovada. A porta principal, apesar de modificada, conserva o carácter do séc. XVII, de arestas boleadas e de cornija. Na empena crava-se pequeno nicho vazio, do mesmo século, com pendurados nas pilastras. Conserva-se o antigo e singelo arco cruzeiro mas alterado.

A escultura de calcário da *Trindade* pertence à segunda metade do séc. XV e é secundária. *S. Sebastião*, igualmente de calcário e popular, é gótica, do séc. XVI inicial.

CAPELA — em *AZURVA*, dedicada a Nossa Senhora da Ajuda. Nada conserva de antigo, posto que nela tivesse sido instituída uma fundação pia, com bens anexos.

Esculturas sem interesse, como a de S. Luís rei, que é popular, pequena, de pedra, do séc. XVII.

CAPELA—em *PAÇO*. Modernizada, mostra restos antigos, como uma campa de calcário, cortada para formar degraus, na qual se lê a data de 166(8).

Formam rodapé na capela-mor azulejos do séc. XVI, sevilhanos, em relevo, de dois padrões, um de moldura octógona e outro estrelada, com complementos de folhagens.

Escultura de verdadeiro mérito é a *Virgem e o Menino* (Senhora da Alegria denominam-na hoje), do séc. XIV, de oficina coimbrã. A Senhora tem o Menino no braço esquerdo e oferece-lhe rosas.

O resto do conteúdo é despido de interesse para este inquérito.

CAPELA — em *SOL-POSTO*. Capela renovada, com duas torrezitas; a mais antiga à esquerda a mais nova e maior à direita. Conserva duas esculturas de pedra, muito secundárias, do séc. XVII, *Piedade* e *S. Brás*.

CAPELA DE SANTA MARIA MADALENA — em *TABOEIRA*. Está a meio da povoação e é a principal dela.

Renovada e ampliada, conserva do séc. XVII parte da porta principal e o arco cruzeiro. Aquela, de forma rectangular, com friso e cornija, tem o letreiro: .S.MARIA MADALENA.1683. O arco, da ordem toscana, mostra nas faces almofadas corridas e num escudete do fecho aquela mesma data de 1683. O algarismo 8 das dezenas aparenta ser outro, à primeira vista.

Interior novo, com singelo altar-mor setecentista.

Encontrámos três esculturas antigas, todas de pedra. *St.ª Maria Madalena*, do séc. XV, regular, de pregas arredondadas, tendo uma redoma na esquerda e na direita um pergaminho desenrolado, aonde se lê em gótico quadrado, uma frase de alento aos pecadores. São do séc. XVII, inferiores, as de *S. Lázaro* com o cão a lamber-lhe as chagas duma perna, e *St.ª Marta*, tendo aos pés um fogareiro com uma panela sobreposta.

CAPELA DE S. PEDRO — Igualmente em Taboeira, numa das saídas da povoação.

Renovada em 1950, conserva a porta rectangular, com friso e cornija, datada de 1687.

O retábulo de calcário pertence ao séc. XVII, mas foi-lhe adicionado um remate em 1790. Reparte-se em três panos, por duas colunas coríntias e caneladas em espiral e de terços contra-canelados, e mais duas pilastras igualmente caneladas, postas nos extremos. Contém três nichos, estando no central a escultura pétrea de *S. Pedro*, sentado, com tiara, casula, obra popular do fim do séc. XV.

CASA — na mesma povoação. A casa dos condes de Taboeira (título criado em 1901) foi modificada na segunda metade do séc. XIX. Edifício vasto, disposto em forma de chaveta, em volta de pátio central. A frente deste é resguardada de muro, no qual se abre o portão. Casa grande e corrente. Encosta-se à esquerda a capela (1871) de Nossa Senhora da Conceição. Retábulo do fim do séc. XVII, de colunitas salomónicas e arcos. Há soltas telas antigas.

NARIZ

Foi desmembrada da freguesia de Requeixo em 1819. Todavia já em 1808 se ampliava a capela, prevendo talvez a criação da paróquia, como insinua o letreiro do coro alto.

O lugar de Verba, desta freguesia, anda documentado por duas cartas de doação de D. Afonso Henriques ao mosteiro de Lorvão; uma de 1169, outra de 1176.

IGREJA PAROQUIAL — do título de S. Pedro.

O edifício é pequeno, como simples reforma e ampliação da antiga capela da povoação.

A obra anterior deveria ter datado do séc. XVII. O arco-cruzeiro, a porta principal, a lateral, a pia de água benta são desse tempo e tratadas em calcário ançanense.

Aquele arco, tanto nos pés direitos como na volta, mostra as faces repartidas às quartelas, devendo ter sido ampliado. Reformada foi a porta principal, que é de friso e cornija; do mesmo tipo é a lateral. A pia de água benta é grande, com pé em balaústre e largo recipiente.

O coro alto assenta em duas colunas toscanas sobre pedestais; gravaram na madeira da viga frontal:

O P(ADR)E IOA(O) SIMOIS O MAN-
D(O)U FAZER NO ANO DE 1808
A(NOS)

As esculturas mais antigas não têm interesse. Uma campa de calcário mostra só leves traços de ornatos.

O *cruzeiro* da entrada norte da povoação guarda o pedestal antigo, sobre que assenta coluna toscana.

OLIVEIRINHA

Freguesia criada tardiamente, em 1849, pela separação de Eixo e da zona alta desta. Ocupa grande parte da lomba que faz partilha de água, a nascente para o Vouga, a norte para a Ria e, a poente, para o braço da mesma chamado rio do Boco. Esta posição tornou-a crucial do trânsito da região.

IGREJA PAROQUIAL — Do orago de Santo António.

A capela local teve diversas reformas e ampliações até às que no momento correm, sofrendo as obras dos diversos critérios; procuram amplia-la mais uma vez.

A sacristia, ao lado da epístola da capela-mor, conserva fortes paredes e abóbada de tijolo, em aresta, do tipo que temos encontrado nas capelas-mores seis e setecentistas. Fez parte da antiga capela. A sua orientação é de sul para norte.

Os dois retábulos colaterais ao arco cruzeiro foram aqui adaptados. Tratados em madeira dourada, do barroco de D. Pedro II, dos sécs. XVII-XVIII, compõem-se de duas colunas torcidas, com parras e crianças, e de um arco superior, seguindo um tipo plano. Parece que provieram de igreja desafecta da região aveirense.

Um *S. Miguel*, de madeira policromada, é do estilo movido do séc. XVIII, mostrando rosto infantil, um todo gracioso, mas de nível corrente.

Na capela do flanco direito colocaram restos de talhas antigas, entre as quais um sacrário mutilado, do terceiro quartel do séc. XVII, que tem como porta uma pintura em tábua, de *Cristo crucificado*, de agradável desenho mas comum.

CASA. A casa do morgadio de Oliveirinha, dos Castros Matosos, foi substituída por edifício moderno. Conserva-se o portão do pátio, recuado da posição antiga e diminuído em altura. Datado de 1826 e construído em granito, no estilo néo-clássico rural. Cada pé direito conserva um brasão, mal esculpido heràldicamente. O da esquerda é esquartelado: 1.º dum leão rompante, 2.º de dois veados, 3.º de três faixas veiradas, 4.º de quatro faixas, coronel de nobreza. O da direita, esquartelado: 1.º de aspa carregada de cinco escudetes (emblemas mal gravados), 2.º de cinco estrelas (?), 3.º de cruz florida, 4.º de seis arruelas, coronel de nobreza.

CAPELA — na *MOITA*, dedicada a S. Paulo.

Modificada e ampliada, como é vulgar na região. As principais obras foram executadas em 1861 mas outras lhe sucederam até às recentes.

A obra principal remonta ao séc. XVII. A capela-mor parece conservar abóbada de tijolo, curva. A porta principal, que já foi modificada, mostra dintel e cornija; a lateral

da direita, igualmente rectangular, de arestas boleadas. Há singelas frestas desse tempo.

O *S. Paulo* remonta igualmente ao séc. XVII, sendo de pedra e secundário.

A peça de interesse é a *pia baptismal*. Veio para aqui duma capela particular próxima e destruída. Trabalhada em calcário no princípio do séc. XVI, pertence ao manuelino, mas o bojo só, que o pé é posterior. Compõe-se duma zona prismática que se liga à inferior que é piramidal interrompida. As arestas são vincadas de cordões; os postos em vertical são formados por fitas entrelaçadas, o horizontal, que é intermédio às duas zonas, por uma fita enrolada. As faces do prisma decoram-se de ornatos vegetais, diversamente tratados segundo dois esquemas, ou de florões alastrados ou de uma haste vegetal que se enrola espiralmente com o botão ao centro, do qual sai uma espiga ou uma cabeça de criança; os trapézios inferiores, os da zona piramidal invertida, têm florões mais singelos.

CAPELA — na *COSTA DO VALADO*, do título de S. Tomé.

O edifício é inteiramente novo. Erguia-se o antigo em terrenos fronteiros.

Entre as capelas regionais reconstruídas nos últimos cem anos nesta região esta destaca-se, por terem andado nela boas mãos. A frontaria, com torre a meio, é tratada agradàvelmente naquele néo-romântico vulgar no século passado.

Os retábulos, feitos para aqui ou provindos de outro local, são já da segunda metade do séc. XIX, inspirando-se nos temas tradicionais.

Há diversas espécies trazidas, sem interesse de maior; duas telas, porém, de *S. Bernardo* e *S. Bento*, de grande tamanho e do séc. XVII, merecem referência, posto que o seu nível seja o corrente.

REQUEIXO

Colocadas as terras de Requeixo na zona fértil da confluência do Cértoma, ou antes, da sua terminação, que é a Pateira de Fermentelos, com o rio Águeda, andaram, por largos tempos, sob o mesmo senhorio com as de Eixo e de Ois. As informações que temos são incompletas e mesmo inexactas. No séc. XIV teve Requeixo o infante D. Pedro, filho de D. Dinis, conde de Barcelos, o do Nobiliário.

Deu D. João II a Diogo Lopes de Sousa, o moço, 20.º senhor da casa de Sousa, Requeixo e o julgado de Eixo (como nesta freguesia dissemos) por carta feita em Setúbal, de 15 de Julho de 1494, que D. Manuel confirmou em 1500.

O senhorio de Eixo, Requeixo, Paus e Ois seguiu a um filho do segundo matrimónio e não ficou na linha directa, passou a Álvaro de Sousa. Foi filha deste D. Catarina de Ataíde, de quem falámos, a tratar do seu túmulo em S. Domingos de Aveiro, aonde igualmente nos referimos ao brasão de armas. De Álvaro de Sousa continuou no filho Diogo Lopes de Sousa e, por não haver descendência dos seus dois matrimónios, veio ao irmão Vicente de Sousa, o último a possuí-lo, por causa da evicção feita pelos condes de Odemira.

Requeixo, pequeno concelho antigo, teve foral em 1516.

IGREJA PAROQUIAL, do título de S. Paio (S. Pelágio martir).

Levanta-se em ponto isolado, a sul da povoação de Requeixo, a dominar o alagoamento da Pateira.

Reconstruiram-na inteiramente cerca de 1750, data que se lê no portal. Pequena lápide de calcário, que embutiram num dos cunhais da torre, comemora o acabamento da mesma, a 20 de Fevereiro de 1758.

Reempregaram alguns elementos antigos, tratados no calcário da região ançanense, como o arco cruzeiro e os dois arcos retabulares dos flancos, do séc. XVII, além de outros elementos que se indicarão.

A pedra das cantarias é o granito da serra das Talhadas, a das alvenarias o grês vermelho local.

O seu tipo e as dimensões são as correntes no região.

Cerca-a, à excepção da frontaria, o cemitério local.

A frontaria vinca-se nos cunhais de pilastras toscanas, ligando-se as mesmas na horizontal da empena por entablamento direito. As linhas oblíquas da mesma empena têm as costumadas cantarias mas ainda em traçado rectilínio. Erguem-se na perpendicular dos cunhais pináculos moldurados e no vértice a cruz. O mesmo tipo de pináculos e de cruz repete-se nas duas outras empenas.

O portal, de vão rectangular, acompanhado de pilastras e aletas alongadas, é dotado de entablamento, frontão interrompido, cujos ramos enrolam e deixam espaço a um nicho; composição aparatosa mas artificianal. São igualmente rectangulares as duas janelas do coro, que rematam duas linhas onduladas

e contrapostas. Na empena corta-se pequeno óculo quadrilobado.

A torre encosta-se à esquerda da mesma frontaria, incluindo-se as respectivas pilastras no conjunto arquitectónico geral; dotada de dois corpos, com os cunhais em pilastra toscana, cimalhas, e em cada ângulo destas gárgula cilíndrica, canelada e meramente decorativa, altos pináculos, cobertura elevada e em forma de pirâmide octogonal, uma ventana em cada face. Cava-se-lhe na parte baixa o reduto do baptistério. A escada desenvolve-se segundo um forte núcleo quadrado.

São rectangulares as duas portas travessas, e dotadas de friso e cornija. Rectangulares e altas são também as janelas do corpo e da capela-mor.

O arco-cruzeiro é de calcário, como ficou dito, e do séc. XVII, com as faces quarteadas de pequenas almofadas. Da mesma pedra e época são os dois singelos arcos retabulares dos flancos.

A bacia do púlpito, que assenta em dois cachorros, data igualmente do séc. XVII e é de calcário. As guardas, porém, são de madeira entalhada, do tipo de transição do concheado para a fase seguinte, conservando um dourado agradável.

A pia baptismal, ainda seiscentista e de calcário, é simples.

Setecentistas porém são já os quatro benedictérios das entradas.

Pousa o coro-alto em duas colunas de granito, levantadas em pedestais.

São em número de cinco os retábulos.

O altar principal, de madeira dourada e policromada, data da segunda metade do séc. XVIII, sendo o ornato feito essencialmente pela pintura, na qual aparecem rótulos concheados. Além da larga tribuna tem duas colunas por lado com mísula intermédia para imagens, e o costumado remate de irradiação solar. O frontal é de tipo levemente anterior.

Pintaram na verga da porta da sacristia um letreiro que dará a data média da decoração geral:

O PRIOR VALLE ANNO DE
.M.D.CC.L.X.VIII

Os dois retábulos colaterais e o do flanco da esquerda pertencem à segunda metade do séc. XVIII, de nicho e de duas colunas, de madeira entalhada com temas concheados. No flanco da direita reaproveitou-se mas alteando-o um do fim do séc. XVII, de pequenas colunas com pâmpanos e arcos. Ao centro dele as *Almas do Purgatório*, em relevo, com S. Miguel sobreposto, mas posterior. As mesas destes quatro altares datam da segunda metade setecentista e contêm ornatos entalhados no género concheado.

Balaustrada de torneados de madeira isola o conjunto dos altares.

O tecto do corpo, repartido em fortes caixotões, forma dez séries de cinco.

As sanefas de madeira policromada que dominam os diversos vãos, pertencem ao mesmo tipo e à segunda metade do séc. XVIII, com excepção da grande do cruzeiro, posterior e em madeira sem pintura.

As esculturas antigas são correntes. Alberga-se no nicho da frontaria uma coimbrã, de calcário e do séc. XV, de *S. Pelágio* (ou Paio), pequena, segurando livro na esquerda e na outra uma espada com a ponta curva e voltada para baixo. O *S. Paio* do altar-mor, de madeira, pequeno e obra comum, data do séc. XVIII.

Uma outra escultura de pedra, secundária, pequena, coimbrã, do final do séc. XV, é a de S. Pedro, sentado, vestido de sumo-pontífice.

Peça pouco comum é a grade de ferro da capela baptismal, do séc. XVII, semelhante e talvez do mesmo serralheiro da de S. João de Loure; composta de varões quadrados e anelados, direitos na maior parte e só quatro torcidos e contra-torcidos; duas faixas laterais, formadas de bandinha, em ovais quebradas e seguidas, completadas de pequenos elementos; remate de grimpas feitas de temas em CC contrapostos.

Há duas credências, uma simples e bem decorada a outra, do tipo do mobiliário corrente da segunda metade do séc. XVIII, de pés curvos e garras, com decoração do concheado.

O lavabo da sacristia, de granito e da época da reconstrução, é relativamente aparatoso. O grande arcaz, do mesmo tempo não é comum.

Um dos sinos mostra o letreiro: MANOEL DE QVINTANA ME FEZ ANNO DE 1807, além dum outro com os nomes do prior, do cura e do juiz da igreja, em situação difícil de

mérito a esta. Aparece representado entre os santos dominicanos, com bordão e nave, na portada da 3.ª parte da História de S. Domingos, por Fr. Luís de Sousa, edição de 1678, portada reproduzida em todos os volumes da edição de 1767.

Na cidade de Aveiro existiu junto ao cais uma ermida dedicada ao Corpo Santo (o mesmo Santelmo), que pertencia a uma confraria de mareantes.

Ao lado norte da capela e ao ar livre há um espaço lageado de tijolos. Não sabemos se fosse o sítio do cruzeiro antigo a que há referências, uma de 1584, se mero piso de dependência destruída.

CONCELHO DE ÍLHAVO

FREGUESIAS:

ÍLHAVO

A situação natural de Ílhavo, já no alargamento final do rio Boco, que forma pequeno estuário aberto para a zona das águas salgadas da ria, convence da existência dum povoamento muito antigo.

Mencionada pela primeira vez na doação de Recemondo ao mosteiro de Vacariça, no meado do séc. XI, em ano anterior à definitiva tomada de Coimbra, parece dever concluir-se que tanto os direitos como a terra remontavam à primeira reconquista cristã. No fim desse século fazia parte do território de Montemor, o qual ia até à foz do Vouga.

Ílhavo, terra reguenga, foi dada a diversos, em uma ou mais vidas. Entrou mesmo na doação a D. Jorge, filho natural de D. João 2.º. Todavia não permaneceu na casa de Aveiro, pois que veio a ser concedida aos Borges da povoação de Carvalhais. Não deixaram estes traço algum aqui, pelo que tratamos deles na freguesia da Moita, aonde levantaram paço.

A região da Ermida constituiu pequeno concelho medieval, que veio até ao fim do absolutismo. A topografia indica que era aquela mesma «ermida de S. Cristóvão» de certos documentos dos sécs. XI e XII, doada em 1088, pelo governador D. Sesnando, ao presbítero Rodrigo, e que um deles delimita, para que desbravasse e aproveitasse agricolamente a região. Este, por sua vez, veio a cedê-la à Sé de Coimbra.

IGREJA PAROQUIAL — do título de S. Salvador.

O estilo revela a sua integral reconstrução no último terço do séc. XVIII. Em 1773 o rei D. José Concedeu certos réditos da coroa para esse fim, devendo a capela-mor ser custeada pelo pároco, pois que recebia os dízimos, posto que a igreja pertencesse ao padroado real e competisse ao padroeiro o encargo da capela-mor. Foi lançada a primeira pedra a 3 de Outubro de 1774, vindo a ser benzida e inaugurada em 1785.

A cantaria é do calcário ançanense.

Ficou ampla e capaz; o seu estilo funde-se no nível médio dos construtores regionais.

O vasto corpo reparte-se em três naves de cinco tramos. Precedem-nas as torres maciças, incluídas na obra, ficando o espaço intermédio às mesmas a formar átrio interno, que o coro alto domina.

Só há a capela principal; os retábulos colaterais encostam-se ao topo de cada nave, para isso recortados em arco.

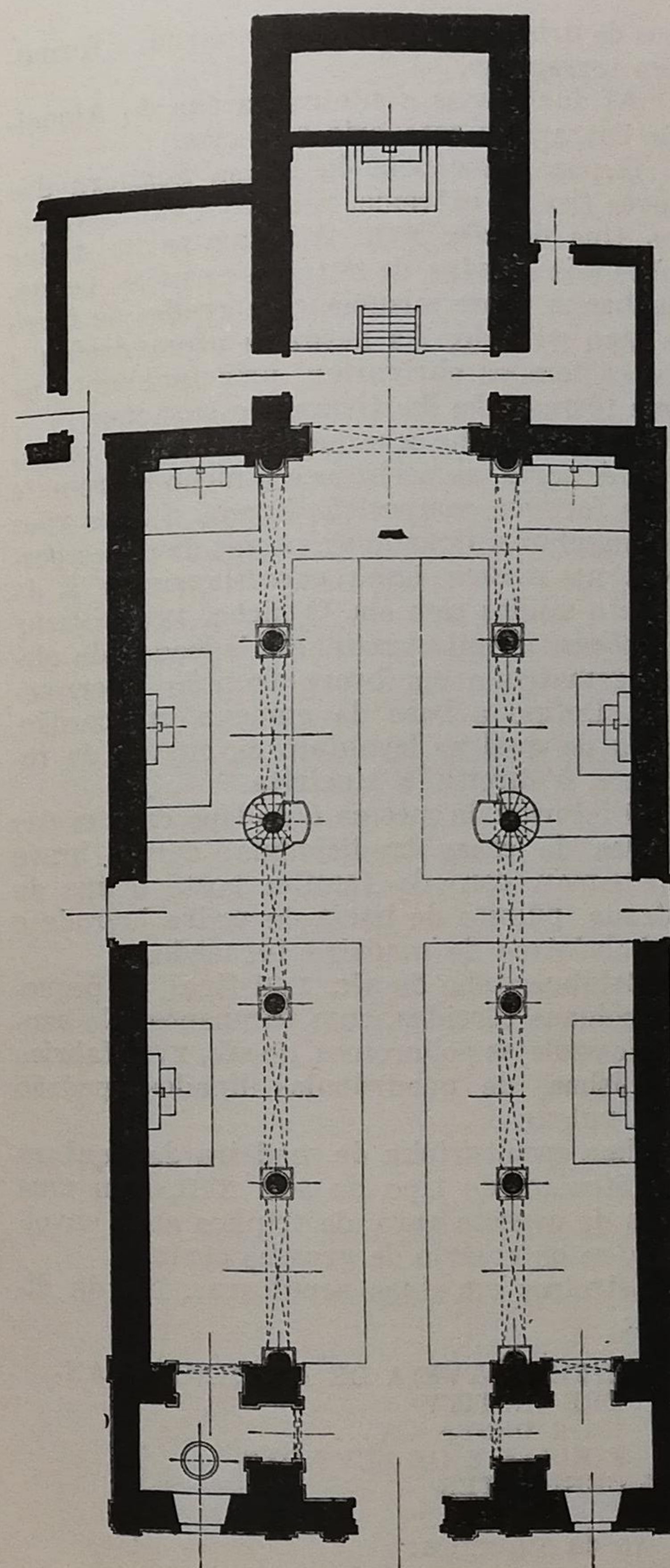
Além da porta axial há duas travessas, desadornadas, opostas, cortadas no tramo médio. As janelas da nave são largas e simples; na capela-mor só óculos ovais.

Compõe-se cada arcada de cinco arcos singelos, levantados em fortes colunas dóricas, que assentam em altos plintos. Cravam-se nas colunas que separam o segundo e terceiro arco, a contar da capela, os púlpitos e as respectivas escadas envolventes do fuste, que são de pedra, como também o são as bacias, assentes em mísulas.

Os tectos de madeira, lisos, seguem desenho curvo, com cintas salientes; sendo de estuque o da capela-mor.

O arco-cruzeiro arranca dum nível já levemente superior ao dos capitéis das colunas das naves; completa-o composição do tipo de frontão curvo e interrompido lateralmente. O fecho dos colaterais desce abaixo da linha da cimalha que vem dos mesmos capitéis; sobre a mesma assentam altas cabeceiras, de linhas do tipo das portas das casas da época.

Os outros dois arcos no segundo tramo dos flancos do corpo destinados a altares, adoptaram formas paralelas a estas. Imitaram-nos em outros dois, modernos, no tramo inferior às portas travessas; um deles de argamassa por enquanto.

A frontaria ficou aparatosa, dentro dos esquemas provinciais do tempo. Incluindo-se as torres na obra, o conjunto formou regular composição plana, repartida pelas pilastras,

Planta da Igreja de Ílhavo

que vão definir aquelas no alto. Recortam-na vãos, dotados de vergas curvas e cabeceiras de cimalhas angulares e abertas.

Cada torre ergue um só corpo acima da cornija geral, vincado de pilastras angulares, pináculos nas respectivas prumadas, uma ventana em cada face, cobertura alta, piramidal, moldurada na base.

São de madeira os retábulos. O principal, de grande nicho e quatro colunas lisas mas enroscadas de uma grinalda, segue tipo final setecentista. Datam os outros do séc. XIX.

Encontra-se de época anterior ao edifício a pia baptismal, hemisférica, sobre balaustre, decorada de gomos, e ainda dois benedictérios, do séc. XVII.

Os dois baixos-relevos da *Dúvida de S. Tomé* e *Senhora da Assunção*, de madeira dourada e policromada, de tamanho médio, parece terem provindo do convento de Sá, de Aveiro.

A escultura de madeira do padroeiro, *S. Salvador*, representa-o adulto e a abençoar; repintado, é trabalho corrente do séc. XVII.

A custódia de prata dourada é conhecida de diversas exposições. Tem de altura 93 cm., o que a destaca, sendo contudo da regular, mas corrente execução das espécies congéneres. Envolve o hostiário o costumado resplendor de raios ondulados e direitos, estes com sóis nas pontas, acompanhado na base de dois anjitos adoradores; nó de nichos vazios e separados por colunitas; base quadrilobada, aonde há um brasão eclesiástico; todas as superfícies ornadas. Foi reparada há anos. Análoga aos trabalhos marcados do punção de Aveiro, deverá ter saído de oficina regional.

Esculturas antigas que vimos são de minguada categoria para este trabalho.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DO PRANTO. Posta num terreiro, para sudeste do centro, deverá demarcar a antiga expansão dum dos trajectos principais da vila.

Reconstruída na segunda metade do século XVIII, a sua origem é de época muito anterior, como ainda, pelo menos, o demonstra a escultura da padroeira.

O material da construção é de vária natureza, como é próprio da região. Vê-se o calcário ançanense nalgumas cantarias antigas e o grês chamado de Eirol na escada interna da torre. As argamassas deram certa graça à fachada, empregadas nas pilastras, na linha

da cornija, na empena recortada. A pequena torre, à direita, ficou dentro da obra.

Cobrem os espaços internos abóbadas de tijolo, em arco abatido, com lunetas, na curva das quais se abrem óculos ovais deitados. Formam três tramos no corpo e dois na capela-mor. Segue igualmente arco abatido o do cruzeiro.

O retábulo principal foi adaptado aqui; de madeira entalhada, data do séc. XVII final. Compõe-se de dois pares de colunas torcidas e de dois arcos a ligá-las, com revestimento de parras. Segue o tipo plano com larga abertura de camarim.

Os dois colaterais, diversificados nos pormenores, já da segunda metade do séc. XVIII, constam de nicho, ladeado de duas colunas, anjos acroteriais sobrepostos aos ramos nascentes do frontão.

A escultura da padroeira, *Piedade* (Senhora do Pranto), abriga-se agora no da direita. Mais uma pequena variante da Virgem sentada com Cristo morto, saída das oficinas coimbrãs da segunda metade do séc. XV, de calcário e renovada na policromia em repetidas vezes; mais velha que pensava o escritor mariano.

Esculturas de madeira que ali se vêem, posto que algumas antigas, não têm interesse para este inquérito.

O púlpito de calcário é bom exemplar do fim do séc. XVII. Assenta no plano da capela por meio de alto e maciço pé, de secção rectangular, como consola alongada. Revestem-no largas folhas de acanto, uma em cada face da parte inferior, outras, postas em fiada horizontal, ornam o primeiro corpo da bacia, a qual remata nas costumadas molduras de cornija. O anteparo de madeira de torneados segue os modelos tradicionais.

CASAS ANTIGAS. Desenvolveu-se a vila sob o condicionamento dos traçados viários regionais que a cortavam e daqueles que partiam do núcleo antigo, definido pela igreja e pela praça.

Todavia o breve sulco do córrego mediano, que se orienta de SE a NW, determinou dois alinhamentos, aonde se fixaram as casas antigas, o da rua do Alqueidão e o da rua do Adro continuada pela rua Direita. Essa linha de curso de água está a obliterar-se pelos trabalhos de urbanização que a encanaram e formaram terrapleno.

As duas casas a anotar na rua do Alqueidão entram na categoria de paços.

O paço da capela de Nossa Senhora das Neves fica no extremo, voltado a sul, datando dos fins do séc. XVII. Alinham-se no andar nobre seis sacadas, de linteis e cornijas, pequenas bacias sobre mísulas, com grades de ferro do tipo galbado. As naturais acomodações a que os tempos obrigaram, principalmente na zona térrea, não lhe tiraram o carácter.

Encosta-se-lhe à esquerda a capela privativa. A porta, os postigos e o nicho de remate desta formam composição ligada. São os vãos rectangulares, ficando as vergas daqueles postigos na mesma linha correspondente à da porta e unidas com ela. O nicho, agora vazio compõe-se de pilastrazinhas, ladeadas de aletas, rematando em breve frontão interrompido. Define a base da empena um cordão, acima do qual se levantam as curvas do remate e, à direita, a sineirita.

O interior da mesma é do tipo comum das capelas de casas tradicionais; corpo, breve capela-mor, coro da família posto acima da entrada, púlpito de bacia de pedra lavrada e de balaústres de madeira torneada.

Retábulozinho do séc. XVII final, de pequenas colunas torcidas, com pâmpanos. No santuário azulejos policromos, do séc. XVII, fabrico de Lisboa, de quadróbulos ligados, padrão nada vulgar.

Uma esculturinha de madeira da *Senhora e o Menino*, do tipo do séc. XVII, tem uma coroa de aspecto raro, de tríplice anel, envolvendo-se de rosário de grossas contas.

Letreiros em duas sepulturas. Na da direita:

S(E)P(VLTVR)A DE D(OMING)OS AN-
DRE INSTITV
IDOR DESTA CA
P(ELL)A E DE SEVS DES-
5 CENDENTES

Na da esquerda:

AQVI JAZ
D M(ARI)A RITRA SOVZA
PIZARRO
FOI ASSAFATA
5 DA SERE(NISSI)MA IN(AN)TA
D.M(ARI)A FRAN(CIS)CA
E FAL(ECE)O a 11 D N(OVEM)BRO
1836

Na capela está pintado um brasão do século XIX, incompleto e irregularmente desenhado, de cores e metais impróprios; poderá significar: esquartelado, o 1.º de Ribeiros, 2.º de Sousas, 3.º de Pizarros, 4.º de Silveiras.

Teve os vínculos desta casa o capitão João Sousa Pizarro, que morreu em 1828, no combate da Cruz dos Morouços, defendendo as posições dos liberais.

Perto, na zona já do campo, conserva-se a fonte do Alqueidão, muro rematado de singela composição, feita de argamassa, do século XVIII.

Na mesma rua, voltado a norte, há outro paço, do fim do séc. XVIII, datado de 1797. Mostra ainda as linhas curvas do setecentismo final, mas bastante modificado, para a sua acomodação à vida moderna. Rasgam-se quatro sacadas no andar nobre, de bacias apoiadas em cachorros alongados, vergas em curva abatida, cabeceiras com cimalhas inclinadas e cortadas em dois sectores oblíquos; grades de ferro, simples, de bandinha curva; mais três sacadas na face esquerda. Crava-se a meio da frontaria o brasão, de ornatos do tipo incipiente do néo-clássico: escudo oval, esquartelado, no 1.º uma águia por Maias, 2.º seis arruelas por Castros, 3.º cinco árvores por Pinhos, 4.º cruz florida e vazia por Pereiras, uma brica carregada dum M por diferença; elmo, por timbre a águia dos primeiros.

Na rua fronteira conserva-se modesta casa, que ainda depende da anterior, igualmente do fim do séc. XVIII; de duas sacadas e uma janela, de vergas e cimalhas curvas.

Foi originário deste paço o dr. Manuel da Maia Alcoforado (1840-79) que publicou seis números da revista *Museu Tecnologico*, muito citada.

A rua do Adro (Serpa Pinto) mostra grande casa dos fins do séc. XVIII, desnaturada na parte das lojas mas conservando o andar principal na antiga categoria. Rasgam-se quatro sacadas na face principal e duas na outra, a da rua João de Deus: altos vãos, de vergas curvas, cabeceiras cujas cornijas seguem traçado mistilíneo, bacias apoiadas em mísulas; cunhais e cimalhas de cantaria; casa digna de bom destino.

A rua Direita, a do principal percurso, vinca o nome e categoria antiga por duas casas de tipo modesto, da segunda metade do séc. XVIII, que seria bom conservar, em terra como esta, que tão poucos traços conserva dos seus velhos tempos. Uma delas (n.º 37) compõe-se de sacada e janela, com idêntico vão, de verga e cimalha em linha curva abaixada. Conserva grade de ferro, em combinações curvas, simétricas segundo dois eixos perpendiculares.

A outra, de sacada entre duas janelas (n.º 155-157); estas dotadas de pequeno e recortado pano de peito, aquela de bacia sobre duas mísulas. Os três vãos seguem traçado rebaixado e as cimalhas da cabeceira formam ângulo.

As cantarias antigas de todas estas casas provêm das pedreiras da região ançanense, mas as novas são geralmente de granito.

O fim do século passado e a primeira metade do presente renovaram e ampliaram a vila; a população aumentou muito, tornando-a numa pequena cidade dotada de vida muito própria. As moradias tomaram feição agradável, revestindo-se as fachadas de azulejos variados, posto que de tipos comuns.

MUSEU MUNICIPAL. Inaugurado em 1937, tem hoje as suas colecções muito ampliadas, essencialmente na etnografia marítima, como é natural, dada a posição da terra e o grande número de oficiais da marinha mercante que daqui são naturais e aqui vêm acabar os seus dias. Há algumas obras de Arte, além duma colecção de faianças populares e de porcelanas e vidros da Vista Alegre, contando especimens raros.

CAPELAS DAS POVOAÇÕES. A cada povoação mais importante corresponde uma capela, que é tratada carinhosamente pela gente local. Todas se encontram muito limpas, caiadas, renovadas.

A natureza do material de construção não permitiu que chegassem até nós exemplares antigos. As obras novas, de construtores locais, seguem simples nível artificianal.

A povoação de *Coutada* tem a sua dedicada a St.º António. A data de 1671 na porta rectangular marca já uma reconstrução; outra de 1925, no alto da recortada frontaria, a mais recente. Levanta-se-lhe torrezita à direita. Se o *St.º António*, de madeira repintada e obra comum, é do tipo da transição dos sé-

culos XVII-XVIII, a escultura de pedra de *S. Sebastião* vem já do séc. XV e de oficina coimbrã, posto que de baixo nível.

Na capela da *Ermida*, dedicada a S. Tiago e Nossa Senhora do Rosário, toda a construção é moderna. Encosta-se-lhe à esquerda a torrezita e à direita o arco de ligação com o paço. A escultura de *S. Tiago*, vestido de apóstolo, data do séc. XVII e é de calcário e comum. De igual matéria e do mesmo tempo resta um benedictério, de conformação em hemisfério.

Gafanha de Aquém levantou a sua em honra de Nossa Senhora de Fátima, em 1942, em estilo do tempo actual, ficando suficientemente vasta e agradável.

A da *Légua* tem por orago Nossa Senhora da Luz. Igualmente moderna, datada de 1866 na empena recortada e de 1937 na torrezita que se encosta à direita. A escultura de *St.º António*, pequena e corrente, é de barro e de tipo setecentista.

A capela dos *Moitinhos*, de Nossa Senhora das Necessidades, pequena, de nível comum, mostra frontaria com empena em linha ondulada e a torrezita à direita.

Vale de Ílhavo, povoação importante, renovou a sua, que é do título do Espírito Santo. A pedra das mais antigas cantarias é o calcário da região do Sul. Poderá estar registada a reforma principal pelo milésimo de 1870. O alto da frontaria recorta-se segundo o gosto habitual das outras; a torre à direita é todavia mais forte que a das referidas. A escultura da *Trindade*, de pedra, data dos meados do séc. XVI, obra corrente de oficina.

No largo fronteiro às escolas isola-se cruzeiro de calcário, de tipo de grandes braços, já renovado na parte alta. Nas faces do pedestal espalham-se os algarismos que formam o milésimo, 1733 A.

A *Gafanha do Carmo* depende eclesiàsticamente da freguesia da Encarnação desde 1932. Era conhecida outrora por Gafanha dos Caseiros. A primeira capela, levemente afastada do sítio actual, era já dedicada a Nossa Senhora do Carmo. O próprio edifício deste século foi aumentado com capela-mor, conservando-se ainda a frontaria do tipo repetidamente mencionado, de empena recortada e de torre posta à esquerda.

VISTA ALEGRE. Há na Vista Alegre, para o nosso caso de inquérito artístico, dois objectos distintos a considerar: a capela, com as respectivas espécies do final do séc. XVII, e a fábrica de porcelanas do séc. XIX e do presente.

Para se compreender a história seis-setecentista da Vista Alegre é necessário atender: a que a Ermida (região definida medialmente pelo ribeiro que vem de Vale de Ílhavo) formou pequeno concelho medieval, independente do de Ílhavo, posto que da mesma freguesia; que o sítio da Vista Alegre pertencia à vila de Ílhavo; que o prazo da Ermida (na Quinta do Paço) foi de Rui de Moura Manuel, governador de Aveiro, irmão do bispo, passou para filhos do segundo matrimónio e era distinto do vínculo da capela; que o bispo D. Manuel de Moura Manuel instituiu na sua quinta da Vista Alegre, a norte, um morgadio-capela, ficando na linhagem de seu sobrinho Henrique de Moura Manuel, filho do mesmo Rui; que a capela-templo, além da dotação pelos bens do morgadio, tinha anexado à sua fábrica, isto é, à administração própria, bens privativos; que o Dr. Manuel Furtado e Botelho nunca teve os bens do morgadio-capela, como se verá abaixo.

As indagações dos estudiosos da história eclesiástica de Bragança, que revelaram o aprumo moral do bispo, completam-se com o testamento do mesmo e ainda com documentos que tivemos a boa sorte de encontrar.

D. Manuel de Moura Manuel nasceu em Serpa, a 21 de Março de 1632. Filho de Lopo Álvares de Moura e de D. Maria de Castro. O principal vínculo hereditário da casa era o morgadio da Corte Serrão. Serviu nas guerras contra Castela. Recebeu o grau de doutor em cânones em 1659, tomou a ordem de presbítero em 1660, foi reitor da universidade de 1685 até 1 de Fevereiro de 1690. Apresentado pelo rei D. Pedro 2.º para a sé de Miranda e promovido pelo romano-pontífice a 6 de Junho de 1689, foi sagrado a 28 de Outubro do mesmo ano. Faleceu na vila do Castelo, sede do concelho de Ferreira de Aves, dum acidente apoplético, a 1 de Setembro de 1699, e aí sepultado. Transladaram-lhe os restos para a Vista Alegre em 1706.

A 4 de Agosto de 1699, atendendo às doenças passadas, incómodos de momento e idade, fez testamento cerrado, nos seus paços de Miranda. Logo no dia imediato, o tabelião António Pimentel de Abreu lavrou o auto de aprovação, declarando que o prelado assinara só de seu sinal «por estar impedido da mam direita», índicio da paralisia parcial, subsequente ao primeiro insulto apoplético, como se dizia. Além das disposições religiosas e práticas, que não interessam para aqui, instituiu, nos bens que possuia na Vista Alegre, um morgadio-capela, a favor, como administrador e padroeiro, do seu sobrinho Henrique de Moura Manuel, filho do referido Rui de Moura Manuel, e de seus herdeiros. Os sucessores deveriam usar o apelido de Moura. Os bens, com alguns encargos declarados, já tinham sido objecto de anterior

doação ao mesmo, para efeito do seu casamento com D. Ana Rosária. Confirmou agora essa doação, que tinha sido exarada nas notas do mesmo tabelião António Pimentel. Dos rendimentos dos bens eram atribuídos 50.000 reis pròpriamente à fundação pia; sendo 36.000 reis destinados ao capelão que ficava com o encargo duma missa quotidiana pela alma do bispo-fundador; os restantes 14.000 reis para a fábrica da capela, que seriam entregues ao mesmo capelão, como fabriqueiro dela. Todavia os senhores do morgadio ficariam isentos do pagamento destes 14.000 reis, logo que certos bens entrassem no domínio directo da fábrica.

Declarava as propriedades e suas confrontações, fazendo excepção do que, antes da primeira doação ao sobrinho, doara, como remuneração de serviços, a Manuel Nunes de Sousa, que muitos anos o servira «e a Manoel Furtado Botelho, que ainda hoje he, sua molher e cunhada, de que lhe fiz doaçam pela fidelidade e amor com que me serviram de muitos annos a esta parte, e ainda de prezente me servem», bem como de pratas e móveis cujo destino indicava. Legava ainda a sua azenha de Vale de Ílhavo aos sobrinhos padre-mestre fr. Álvaro de Castro, dominicano, e irmã D. Luísa de Castro, da mesma ordem, que, pelo falecimento do último, passaria para a fábrica da capela. Terminava por precaver o caso do sobrinho ou dos seus herdeiros não quererem cumprir os encargos pios, em que os bens vinculados ao morgadio-capela passavam para a fábrica que, como pessoa moral, ficaria perpétua sucessora e possuidora. Declarava mais que tivera intenção de fundar na capela um convento de freiras carmelitas descalças, para o que tinha havido uma doação, mas sem efeito, na qual o Dr. Furtado, sua mulher e a cunhada tinham entrado como partes; queria agora o bispo que, doando estes à capela os bens próprios, lhes ficasse reservado para jazigo o espaço fronteiro ao altar da esquerda, o da Senhora do Rosário.

Em Agosto saiu de Miranda com destino, segundo parece, às Caldas de S. Pedro do Sul. Adoeceu no caminho, em casa do pároco da Vila do Castelo, sede do concelho de Ferreira de Aves (hoje só conhecida por este nome). Fez aí, estando de cama, o codicilo ao testamento, por mão do seu capelão padre Manuel de Figueiredo, de Aveiro, a 30 de Agosto desse ano de 1699, no qual legava um báculo à sua sé e, pela grande distância a que estavam os seus testamenteiros, nomeava, para o mesmo fim, seu sobrinho dr. fr. Pedro de Melo, frade trinitário, que o acompanhava. Assinou a seu rogo o médico, dr. Francisco dos Santos de Carvalho, morador no lugar da Ínsua, do concelho de Penalva.

Faleceu ao primeiro de Setembro, com 67 anos de idade. No dia seguinte, 2, dia do enterro, o escrivão da câmara, público, judicial e notas, Manuel de Azevedo de Aragão abriu o testamento e publicou-o à porta da casa do pároco, padre Filipe Monis Coutinho, lavrando o respectivo auto.

O cadáver, sepultado na igreja paroquial de Santo André de Ferreira de Aves, foi transladado em 1706.

O brasão de que usou vê-se esculpido na frente da arca tumular, na pedra pendente do fecho do arco-cruzeiro e pintado em frontais de altar, azulejos, etc. Era de Moura-Manuel, Moura pelo pai, Manuel pelo avô materno. Partido; a primeira pala de vermelho, sete castelos (representados como torres) de ouro em três palas, por Mouras; a segunda esquartelada, 1.º e 4.º de vermelho, mão alada empunhando uma espada, 2.º e 3.º de prata, leão de púrpura. Diadema de grandeza, chapéu de três ordens de borlas, mitra, báculo, cruz.

Como o bispo previra, os bens do dr. Furtado vieram a anexar-se aos da fábrica da capela.

Em fins de Julho de 1725 falecia a cunhada do mesmo, Isabel Maria de S. Jerónimo, fazendo testamento de viva voz, cuja legalização ela requereu ao juiz de Ílhavo, sendo a inquirição de testemunhas a 1 de Agosto e dado por válido por sentença de 15 do mesmo mês. Legava todos os bens em usufruto ao mesmo dr. Furtado e Botelho «com a declaração que elle sustentaria a duas meninas que assistem em sua caza chamadas huma Mariana e outra Theodora», as quais, depois do falecimento do cunhado ficariam igualmente usufrutuárias, devendo passar a propriedade para aumento da côngrua do capelão.

O dr. Manuel Furtado e Botelho faleceu em Setembro de 1733. Fez testamento a 6 de Setembro, que foi aberto a 9 do mesmo mês. Escolhia por testamenteiro o padre Domingos Ferreira da Graça, para sepultura a capela da Vista Alegre e deixava por universal herdeira «a Senhora D. Theodora de Castro Moura Manoel descendente da Família de meo Amo o Illm.º Sr. Bpo. Manoel de Moura Mel., e asistente nesta mesma quinta em minha companhia». Todavia D. Theodora só ficava com o usufruto mas com poderes largos sobre a propriedade e, por sua morte, ia o mesmo usufruto ao referido padre Ferreira da Graça, seguindo depois os bens para a capela. A este mesmo, no entanto, deixou desde logo, o usufruto de outra quinta. Graça, mais preocupado dos próprios interesses que da memória e do bom conceito que dele fizera o dr. Furtado, intentou processo contra a primeira usufrutuária, por delapidação. D. Teodora faleceu em 1767, parece.

Por este simples enunciado de factos e ainda do cotejo de datas, cálculo de anos de vida e mútuas concordâncias, se destroem «anedotas históricas» e caluniosas interpretações de escritores falecidos. O dr. Filipe Simões (*Escritos Diversos*, pág. 36) já em 1873 escrevera as palavras justas. Todavia um escritor da capital do distrito, investigador e muito operoso, mas sem crítica nem suficiente preparação literária, levado pelas ideias românticas do tempo e o amoral ambiente camiliano, agravou essas anedotas lendárias; ainda por elas interpretou falsamente factos subsequentes. Se alguém lhes quiser seguir os passos que dê a demonstração cabal. Teodora e Mariana eram na verdade ilegítimos da família do bispo, e os próprios apelidos indicam grau genealógico muito próximo, mas de paternidade diferente daquela que os inconsiderados escritores afirmaram.

Como se viu, o capelão era da nomeação do administrador do vínculo, que o apresentava à definitiva aprovação episcopal; ele só tinha a administração da quantia atribuída à fábrica, isto é, governo da capela, e dos bens que fossem dados ou legados directamente à mesma, posto que certos capelães chegassem a ter, por mera comissão, a administração geral de todos

Em 1755 o reitor do seminário de Coimbra, Nico

lau Giliberti, com os padres da congregação dos Pios Operários (que então orientavam o mesmo instituto de ensino) pediu que ficasse aos mesmos o direito de nomear capelão. Todavia o padroeiro e administrador do vínculo, Gabriel Xavier de Alcáçova (bisneto de Rui, irmão do bispo) limitou-se a apresentar capelão--fabriqueiro ao mesmo Giliberti, devendo cada novo reitor pedir a respectivo nomeação. Tomou posse em Julho de 1755. Posto que fosse para o colégio dos Nobres em 1768, certamente em nome dele, os Pios Operários conservaram a capelania até 1775, data da primeira supressão dos mesmos. Em volta deste ano ou não muito afastado houve redução de encargos pios, como a abolição da missa quotidiana, passando todos os bens para a administração directa do senhor do vínculo, posto que continuasse a haver capelão. Parece terem sido vendidos alguns bens. Criada a diocese de Aveiro (1774) correu grave litígio com o bispo respectivo.

A história posterior da capela e dos bens do vínculo é, por enquanto, incerta. Parece que em 1799 foi declarada vaga para a coroa. Vendida pela Fazenda Nacional, em hasta pública, adquiriu-a José Ferreira Pinto Basto, a 26 de Outubro de 1817.

Começa neste novo proprietário o segundo período artístico que temos a considerar na Vista Alegre. Teve este brasão de armas: partido, a primeira pala de Ferreiras, a segunda de Pintos, brica carregada de arruela (?) por diferença, timbre dos primeiros.

*

O estudo da fábrica da Vista Alegre fica aquém do limite próprio deste inquérito. Traçaremos no entanto ligeiro resumo. Os dados fundamentais foram publicados por Marques Gomes. A sistematização da actividade artística fê-la Vasco Valente. Há breves estudos e notas complementares, algumas de valor. Não daremos, por aquela razão, a respectiva bibliografia.

O alvará régio a autorizar a fábrica é de 1 de Julho de 1824, mas os trabalhos de construção tinham começado em Janeiro e, àquela altura, já se havia procedido a experiências.

A primeira e principal actividade, aquela que desde logo lhe deu o nome, foi a do fabrico de vidro, a que nos referiremos em segundo lugar.

Dividiremos a vida da fábrica em períodos largos, os que foram divulgados nas publicações do centenário. Não julgamos que convenha subdividi-los por enquanto, só atendendo às peças de primeira categoria. As séries industriais repetiram-se indefinidamente e em todos os tempos se tem decalcado modelos anteriores, por exigência da clientela. A marcação das peças não foi regular nem sistemática senão nas épocas mais recentes.

O período que vai até 1832 é principalmente de faianças finas, posto que cerca de 1827 se produzissem porcelanas, que não tiveram seguimento regular, por falta de caulino. Veio da Saxónia nesta época o modelador José Scorder; da Casa Pia de Lisboa o pintor João Maria Fabre, que faleceu em 1829, e Manuel de Morais, modelador de figura, que permaneceu até 1835.

O período de 1832 a 1836 é o das porcelanas primitivas. O filho do fundador, Augusto, foi em 1830 estudar os processos de Sevres. No entanto só em 1834 um operário encontrou um dos bons jazigos de caulino, em Vale Rico, cujo barro foi ensaiado por Luís Pereira Capote.

Demarcam novo período os anos de 1836-1870. Em 1839 faleceu o fundador, José Ferreira Pinto Basto. Foi encerrada a fábrica no período de lutas civis, em parte dos anos de 1846-47. No ano de 1836 entrou o pintor Victor Francisco Chartier Rousseau e aqui faleceu, em 1852. Chegou em 1851 o pintor Gustavo Fortier. Cerca de 1850 começou a produção de *biscuit*. Foi este o período o mais brilhante.

Vai de 1870 a 1924, ano centenário da fábrica, novo período. Houve certa decadência nos primeiros vinte anos. Com Francisco Roulet, vindo de Limoges, em 1893, melhorou o fabrico.

A época actual é de grande nível, principalmente nas pastas.

Distinguiu-se inicialmente a fábrica, como dissémos, na produção de vidro. Cinco anos depois da fundação, em 1829, já se mandou litografar um catálogo ilustrado, do qual se vê a grande variedade de tipos, em liso e lavrado. Posteriormente vieram os vidros prensados e as incrustações de camafeus. Esta secção foi dirigida até 1826 por Francisco Miller, e daí até 1854 por João da Cruz e Costa. Veio em 1826 o lapidário Samuel Hungles. Os artistas de floristagem foram aprender em Lisboa com um italiano, vindo um deles, João Ferreira Ribeiro, a dirigir a secção. Depois de 1840 o fabrico decaiu, havendo a referida interrupção de 1846-47, ano este em que recomeçou mas só com vidro liso, até cessar em 1880.

Em salas da casa do administrador, junto à igreja, foi organizado um museu, que contém peças antigas. Completa-o o armazém dos tipos modernos, dentro do corpo da fábrica.

Foi-nos facultada muito atenciosamente a visita e o exame das espécies, bem como permitidas as fotografias que desejássemos, o que penhoradamente agradecemos.

*
* *

O motivo que levou D. Manuel a mandar construir a capela foi, como se vê do testamento, um voto que fizera a Nossa Senhora da Penha, em época de doença, repetido em vários perigos de vida. Este título da Senhora da Penha tomou-o do santuário de Lisboa, de grande devoção ao tempo.

Não temos dados rigorosos da construção da capela. Podem-se obter outros aproximados. Em 1693 crava-se aqui a feira anual, a 13 de Setembro, por motivo da invocação referida, o que indicará que estivesse adiantada. Quatro anos depois, 1697, não podendo o mesmo D. Manuel ir a Roma, para a visita *ad limina*, mandou o costumado relatório, pedindo no

mesmo licença para se ausentar da diocese por mais uns meses que os do direito, por ter necessidade de dispor e assistir à fábrica do templo que mandara eregir, em cuja construção já havia gasto mais de 100.000 cruzados. Este dinheiro, como ali e no testamento disse, proveio dos bens patrimoniais e das rendas dos cargos que ocupara antes de ser bispo. Datada deste mesmo ano está a lápide da capela, que poderá ser comemorativa do acabamento. O testamento (1699) parece indicar que estava concluída e que havia um capelão. A zona das ventanas da torre da esquerda é da segunda metade do século e mais tardia a outra.

Arquitectònicamente a capela é um edifício corrente mas de certa categoria no baixo distrito; construída sòlidamente, de espessas paredes e abóbadas de tijolo, com aquelas concatenações de elementos comuns ao tempo.

Toda a cantaria é de calcário da região sul.

A fachada tomou maior carácter pela inclusão do grande nicho com a escultura e pela decoração da empena.

Consta de corpo e capela-mor, cobertura de abóbadas, lisas e de tijolos; de porta principal e duas travessas simples; janelas-tribunas no corpo, duas em cada parede, servidas por corredor aberto na espessura dos muros; uma janela no santuário, à parte direita, ficando-lhe fronteira a tribuna anexa à casa de habitação; arco-cruzeiro e dois menores, cavados nos flancos, destinados a altares; coro alto entre as torres; um púlpito a cada lado.

Divide-se a nave, na sua altura, em duas zonas. A primeira separada por cordão que vem do nível dos capitéis do arco-cruzeiro e contorna o recinto; o qual pousa nos arcos retabulares e demarca o piso do coro-alto. A segunda define as janelas; a sua cimalha, acima da qual começa a abóbada, passando na zona do cruzeiro, completa a composição do arco.

A cimalha da capela-mor não é mais que a continuação do entablamento das pilastras do mesmo arco; partido arquitectónico que os autores do retábulo de mármore aproveitaram na sua composição.

Na capela-mor crava-se à direita, junto ao arco, o túmulo episcopal e, sobre a porta da sacristia, que lhe é fronteira, a osteoteca de pessoa da família do mesmo. A respectiva descrição reservamo-la para o final.

Valorizaram o *arco-cruzeiro* pela seguinte composição: pés direitos, em forma de pilastra coríntia, assentes em pedestais, entablamento, arco metido em rectângulo de cantaria, com cimalha que, como ficou dito, é a mesma que circunda o espaço do corpo da capela; completa-o um nicho acompanhado de aletas, já no espaço da luneta da abóbada. Vê-se nele grande escultura de *Cristo ressuscitado*, em madeira.

Os *arcos retabulares* dos flancos são modestos, de pilastras toscanas e volta metida em rectângulo simples.

As bacias de pedra dos *púlpitos*, pouco espessas, possuem os ornatos clássicos das molduras do tempo. Os balaústres, de madeira, em torneados e espiralados, como de costume. O acesso faz-se-lhes por escadas que partem dos vãos das portas laterais, na espessura dos muros.

O *coro-alto* assenta em arco simples e abatido, de tijolo, com guardas de madeira.

A *frontaria* se, reduzida aos elementos de traçado geométrico, não revela mão superior, destaca-se pelos secundários e pelo ornato. Desde o projecto da mesma se pensou numa grande escultura e concomitantemente num grande nicho. O portal, o nicho e o entablamento da base da empena coordenam-se por meio de transições lógicas. Pilastras compostas, da ordem dórica, enquadram o vão rectangular daquela. Novas pilastras, segundo o sistema barroco, formam os pés direitos do nicho e as respectivas impostas transformam-se em entablamento, havendo nova composição a enquadrar a voltas; destacam-se sobre as pilastras duas colunas salomónicas, lisas, assentes em mísulas, e rematadas por pináculos na zona do arco. Cava-se o nicho circularmente, com o quarto de esfera tratado em concha. A empena triangular corta-se de óculo redondo e reveste-se de cantarias com ornatos geométricos; rebordam-lhe a linha externa motivos em espirais seguidas. Sobre cada espira levantava-se um pináculo (três a cada lado), todos desaparecidos; a própria cruz é posterior.

Duas grandes janelas gradeadas ladeiam a porta, na função dos clássicos postigos, e outras duas o alto do nicho, para iluminar o coro.

Pertence a Laprade a grande escultura do nicho, intimamente ligada às obras coimbrãs; representa a *Virgem e o Menino*, a que forma pedestal um rochedo, a penha com o homem da tradição.

A *sacristia*, colocada à esquerda da capela-mor, não passa de sala baixa e abobadada, de pouca luz, sob a habitação. Tem grande arcaz, pequeno lavabo de embutidos de mármore, pintura decorativa no tecto, azulejos policromos lisbonenses de grandes quadrifólios com folhagens.

São três os *altares*.

Assenta o principal em plataforma elevada, com escada encaixada. Compõe-se do grande enquadramento, feito de embutidos de mármore, e do preenchimento da tribuna por talhas douradas. O conjunto marmóreo é de grande beleza e modelar execução. Segue o tipo barroco pedrino, de colunas e arcos reentrantes, que se coordenam com a arquitectura da capela-mor, adoptando e continuando nos perfis do seu entablamento o geral da mesma. Enquadram o amplo vão dois pares de colunas, ligadas por dois arcos. São aquelas e estes em brecha; as colunas espiraladas e lisas, os arcos subdivididos por anéis lisos, dispostos no sentido radial do arco. A decoração das partes planas, como os panos, pilastras, frisos, é feita de embutidos de enrolamentos de acanto, de temas florais ou simplesmente geométricos. Esta obra lisbonense precedeu na região o magnífico mausoléu do mosteiro de Jesus.

Para além das colunas, avança o espaço do camarim, rectangular, coberto de abóbada de aresta, pintado do ornato costumado, a ouro e policromia, a qual se continua em partes que se não vêem, havendo alegorias e alusões marianas.

Os elementos de talha dourada desdobram-se num novo e pequeno camarim e no remate, que termina em templete, no qual está a pequena escultura de madeira da titular (de meio metro aproximadamente). Os pés direitos da parte de baixo são figurados por atlantes, em aspecto de anjos-adultos. Crianças volantes afastam cortinas. As figuras representam o *Presépio:* Menino entre a Senhora e S. José, o Padre-eterno suspenso do alto, e ainda o boi e a mula. Os anjos, etc. mostram influência de Laprade, só como inspiração.

Há colocados no altar bem como na sacristia espécies menores que não anotamos.

Ainda se compõe de embutidos de mármores o revestimento das faces do plano do altar, junto à escada.

Os dois retábulos dos arcos dos flancos, de madeira inteiramente dourada, são semelhantes e bons exemplares do tipo do barroco pedrino. O da esquerda foi consagrado à Senhora da Conceição e o fronteiro à Senhora do Rosário. O espaço correspondente a este é que, no testamento episcopal, era destinado a sepultura da família do dr. Furtado e Botelho, posto que ali se diga lado esquerdo, que significava o litúrgico, o dos braços do Cristo-crucificado, voltado para o povo.

São reentrantes; de dois pares de colunas e dois arcos, com espaço plano intermédio, mas cortado em bisel, as colunas torcidas e com parras, sendo os arcos semelhados por cordões de folhas em movimento espiralados e o centro vazio, forma esta que se encontra na primeira fase do estilo.

As esculturas da *Senhora do Rosário* e a *da Conceição* aproximam-se do tamanho natural. Acompanham-nas duas menores, postas nas mísulas. Aquela de *S. Luís-rei e S. João Evangelista*, esta de *St.ª Isabel-rainha* e outra santa; todas elas, bem compostas e goivadas, agradáveis mas sem revelaram mão nitidamente superior.

Os frontais dos altares são de madeira pintada a ouro e policromia.

Decoraram as abóbadas de pintura, talvez a fresco, obra corrente. Representa a do corpo a *Árvore de Jessé*, árvore planificada, que arranca do patriarca deitado, e em cujos ramos assentam dezasseis figuras, com a *Senhora da Conceição* na cimeira, dentro de auréola. Sustenta o Menino e calca a lua e a serpe. Aos seus lados, anjitos mostram emblemas. Na capela-mor a *Assunção da Virgem*, já entre os santos do paraíso, pintura a interpretar gravura corrente.

Há ainda nas paredes do coro-alto pinturas ornamentais mas do século seguinte.

Azulejos figurativos revestem as paredes da primeira zona do corpo. São de fabrico lisbonense, da época da capela, só a azul, das oficinas e mãos correntes. Subdividem-se em três cintas, com diversas cenas, enquadradas das ramagens do tempo. Nos ângulos próximos

ao arco-cruzeiro as cenas quebram-se medialmente, dispostas pelas duas paredes. Ocupam a cinta inferior largas paisagens com figuras; nas duas outras narra-se a vida da Virgem: *Apresentação no templo, Casamento, Anunciação, Visitação, Nascimento do Menino, Fuga, Calvário, Cristo descido da cruz, Assunção.*

Os espaços dos vãos das portas laterais têm igualmente azulejos do mesmo grupo; na parte da padieira o brasão episcopal sustentado por anjos, nas laterais quatro grandes figuras de *eremitas*.

O *túmulo episcopal* levanta-se na capela-mor, à mão direita, imediatamente a seguir ao arco-cruzeiro. O todo consta de um arco, arquitectònicamente simples, sob o qual se alberga a urna fúnebre. Na tampa desta alonga-se a figura prelatícia, que não é mais que o primeiro plano da composição que se completa pelo baixo-relevo do fundo do mesmo arco; ao arco serve de remate pequeno conjunto figurativo e alegórico.

O arco é singelo em si; reduzidas, ou quase anuladas as faces externas das pilastras, só cavada a da volta, poisando-lhe no fecho uma fénix a renascer das cinzas; as faces do vão são decoradas, nas partes visíveis dos pés direitos, de emblemas tomados da jerarquia do morto, na volta, de uma fiada de caixotões, onde há caveiras entre ornatos do tempo, na seguinte ordem: bispo, cardeal, papa, de imperador, rei e cavaleiro. O fundo é rebordado de forte cordão de louros.

Rectangular a urna e ressaltada a cada lado de uma pilastra a que se sobrepõe um hermes, como busto de mulher envolvida de panos e a carpir-se; a meio da face o brasão prelatício seguro por duas crianças volantes; nas pilastrazinhas dos ângulos inserem-se dois minúsculos baixos-relevos da *Fé* e da *Esperança*. Assenta em leões esmagados sob o peso; um par deles aos pés, mas só um para o lado de cima, porque o outro o suprimiu o plano do altar.

A cena que se desenrola acima da urna representa a ressurreição do antístite. Sobreergue-se do leito fúnebre D. Manuel, a grande figura do Tempo, que enche o fundo, levanta-lhe a colcha mortuária, um anjo-adulto aponta-lhe a Virgem, figura pequenina que no ângulo superior direito se lhe revela entre nuvens e que o prelado contempla. Crianças desnudas completam a composição: uma ajuda a levantar a colcha, outra, posta à cabeceira, segura a ampulheta e a dos pés uma caveira. A esta parte duas fénix agitam-se. Formosa composição, única entre nós pelo significado e execução geral.

O remate do arco é essencialmente escultórico; enquadram um medalhão, rebordado de grossa coroa de louros (que encerra o busto dum esqueleto meio envolvido do lençol) duas figuras, sentadas de lado, a da *Fortaleza* e a da *Justiça*, estendendo-se no alto larga filatéria que diz MEMENTO HOMO.

Ao lado oposto ao túmulo, acima da porta da sacristia, cava-se pequeno arco fúnebre. Arco arquitectónico igualmente simples, uma caveira no fecho e as faces internas lavradas de palmas ondulantes. Adoptou o escultor para a figura um tema corrente, donzela alegórica, sentada, segurando medalhão onde se insculpe o retrato, em fino baixo-relevo, o de uma senhora de certa idade, vestida como monja ou de retirada do século. Duas crianças chorosas acompanham-na. Singela a urna cinerária, sobre que a figura poisa; rectangular, de pedestal e tampa em perfis de escócia, completada de dois meninos atlantes, tarjas de panos e, no fundo, um escudo em lisonja; heràldicamente, partido em pala, a primeira lisa, a segunda com as treze arruelas dos Castros. A composição geral do monumentozinho é obra rara e perfeita.

Não sabemos a quem se refira. O brasão aclara tratar-se de senhora solteira, da família materna de D. Manuel. Só irmãs que faleceram sem estado teve três, além de duas tias maternas que foram freiras. O diminuto tamanho da urna indica que, à data da sua execução, a senhora era falecida de há muito e só ali se recolheriam os seus ossos; o aspecto do seu retrato diz que já era idosa quando faleceu.

Todo o trabalho escultórico se executou em pedra da região de Ançã. Foi seu escultor Claudio de Laprade. Escrevera-o já D. José Barbosa, nas *Memórias do Colégio de S. Paulo*, no séc. XVIII, mas só o divulgou Marques Gomes. A certeza da autoria veio pelo achado da documentação da sua obra de Coimbra.

Laprade não possuia completa mestria da sua arte, já o dissemos; a anatomia era frouxa por vezes, certas figuras vestidas denunciam

que nem sempre modelaria o nu preliminar, as roupagens são pouco estudadas; todavia tinha qualidades notáveis e destacou-se num meio atrazado, como era o nosso. A obra da Vista Alegre ficará sempre como boa página na nossa história artística.

Ao lado esquerdo da capela-mor crava-se grande pedra aonde foi gravado longo letreiro laudatório que transcrevemos. O conjunto das linhas dispõe-se simètricamente, da mesma forma que na impressão ao tempo, que não podemos reproduzir pelos limites que as colunas deste volume impõem; reproduzimo-lo em forma de bloco, com a numeração das linhas e damos no fim do mesmo as citações escriturárias, conforme a ordem dos asteriscos.

DEO OPT.º MAX.º
Deiparae Virgini
Diei ultimae
Supremo Judicio *Supremus Judex:*
5 *Rectrici Vniversi* *Rector Vniversitatis:*
* *Episcopo animarum* *Animosus Episcopus:*
In
*Mortis asylum,*voti titulum, gratitudinis trophaeum*
Hoc templum,Hanc aram,Hunc tumulum,
10 *Dedicat,sacrat,signat,*
Ill.mus et R.mus Dnus
D. Emmanuel de Moura Manuel
Qui
A.B. Ferdinando Castellae Rege progenitus,
15**Sanctorum soboles,*electum genus est:*
*Armis,et literis,*ordine et cursu manens,*
**Stella micans, et dimicans fuit:*
Aulae supernae cum Pontificibus ascriptus,
**Simili gloria Sacerdos Christi erit.*
20 *Favente natura,comite virtute, auxiliante gratia.*
Cui
Ortum dedere Serpae ter maximi conjuges
Lupus Alvres de Moura,
Comendator de Trancoso,
25 *Trium Ecclesiarum Patronus, Trium maioratum Dnus;*
Et D. Maria de Castro,
Ex Imperiali Emmanuelium stirpe pari nobilitate decorata.
Quem
Serenissimi Portugalliae Reges
30 *Destinarunt cadurco,selegerunt consilio:*
Sancti Officii Tribunal
Judicem habuit Deputatum Inquisitorem dignissimum:
Academia Conimbricensis
Collegam educavit,Rectorem coluit:
35 *Ecclesiae Lusitanae*
Canonicum nutrierunt alumnum, et sponsum receperunt Episcopum.
Tot gradus Providentia supponente,
Vt meritis augeretur,quod sanguini debebatur.
Cujus
40 *Magnitudinem,Integritatem,sapientiam,*
Multiplex Fama loquitur,
Ipsa Invidia fatetus
Hoc Opus Salomonicum testatur.
Quo
45**Arca coronata,suffulciens Propitiatorium,*
Custodit miraculosum simulachrum
**Virgae Virginis,quae rupit rupem.*
De cujus Natiuitate,quam celebrat,gaudens
Sub cujus vmbra quam desiderat, sedens,
50 *Loculo fecit locum;*
Munimentum construxit monumento.
Herculeas columnas,vel potius Machabaicas,
Saxeas fixit,non terreas finxit,
**Vt viderentur ab omnibus navigantibus mare:*
55 *Non Plus Vltra.*
Hujus tanti viri si effigiem quaeris,
Inspice vtrumque antrum
Franci-hispanicum scilicet,et Beth.lehemiticum.

Quibus
60**Vt Simon dormit; vt*Pastor vigilat;*
**Immo etiam vigilat,cum dormit:*
*Nam illic spiritus inter*vigiles associatur*
**Caelesti militiae,*
Dum hic corpus,virginis protectione securum
65 *Requiescit in pace*
Hoc Epitaphium insculptum Fuit Anno
Domini 1697.

** Petr.2.25. * Genes.28.22 * Tob.2.18, 1 Petr.2.9. et alludit ad Poetam. * Judic.5.20. * Dan.12.3. * Apoc.20.6. * Exod.25.11. et 37.2. proprie Exod.26.34 * Numeror.17.10 * et 2.º 8. * Cant. 2.3. * 1 Machab. 13. v.º 29. * Marc. 14.37. * Luc 2.8. * Cantic. 5.2. * Dan. 4.10 * Luc. 2.13.*

Pende ainda na capela a *lâmpada* de prata, que vimos mencionada num inventário; tipo de caldeira e aletas, decorada dos motivos do fim do séc. XVII.

A *fonte do Carrapichel* encontra-se a nascente dos edifícios, no caminho que conduz ao porto fluvial. Cobre o tanque uma espécie de templete, de duas colunas toscanas e de lintel, cobertura piramidal. Acima da goteira, larga lápide contém composição poética, de umas oito dezenas de versos, que não copiamos, por andar divulgada e não ser pròpriamente assunto deste inquérito.

Tem por título:

HOC ELOGIVM IL.mos AEDIFICATOR FECIT INSCVLPI / ANNO 1696

Termina a composição:

«Bebe, pois, bebe a vontade / acharas q. é muitas vezes / tam util para a saude / quam para a Vista Alegre»

Destacamos do mobiliário da casa da administração da fábrica uma papeleira-oratório, do séc. XVIII, segunda metade, lacada a vermelho e ouro, retábulozinho de ornatos concheados, e pintura internas com cenas da Paixão.

BIBL. — Marques Gomes, *A Vista Alegre*, Aveiro, 1924.

GAFANHA DA ENCARNAÇÃO E GAFANHA DA NAZARÉ

GAFANHA. Designa este nome a região de antigas dunas, a poente de Vagos e Ílhavo, e que pertence a estes dois concelhos.

O começo de cultura e povoamento deveria ter-se dado nos meados do séc. XVII. Ficava esta região incluída no senhorio de Vagos. O primeiro e principal centro de fixação humana parece ter sido na zona do norte, na região da Chave, continuando perifèricamente, com mais intensidade na parte aplanada que olha para a ria. Pode-se avaliar, em certo modo, o rápido crescimento deste século, pelo confronto da carta 1/100.000 dos Serviços Geodésicos, do meado do último século, e do exame directo, fazendo-se o percurso da Nazaré à Boa-Hora, pela estrada municipal.

Teve felizmente o seu historiador em pessoa que, saído de família local, foi páraco duma das freguesias, recolheu as tradições e estudou os documentos dispersos.

O interesse da região para este inquérito é débil.

Distribui-se hoje pelas freguesias de Vagos e Ílhavo, aonde já tratámos das partes correspondentes, e pelas da Gafanha da Encarnação e a de Nazaré, às quais nos vamos referir.

A *Gafanha da Nazaré*, a mais antiga, tomou o designativo da padroeira da sua igreja, Nossa Senhora da Nazaré. Também se chamou Gafanha da Cale da Vila, por ficar contígua ao esteiro deste nome que conduzia à antiga vila de Aveiro. Na zona mais densa, a da Chave, construiu-se ligeira capela em 1818, no sítio marcado na carta referida. Foi elevada a freguesia a 10 de Setembro de 1910. Neste mesmo ano começou-se a construção, com bastante dispêndio, da igreja paroquial, inaugurada em 1912, junto da estrada de Aveiro à Barra, que ficou vasta; mas, produto de construtores locais, obriga os actuais dirigentes a pensar em lhe dar carácter arquitectónico.

Encontra-se dentro desta freguesia o *Forte da Barra*. Levanta-se no extremo da ilhota chamada Mó do Meio, junto à ponte que liga para a nova zona da Barra e Costa Nova. A obra, do tipo abaluartado, reduziu-se a pequena cortina e a dois meios baluartes, segundo a fórmula que se vê nos ornaveques do tempo. Desaparecido o seu fim, foi alterado; construíram habitações sobre a cortina e no meio-baluarte norte, fecharam o espaço entre

os mesmos baluartes, levantaram uma torre de sinais no baluarte do sul, vendo-se ainda neste a escarpa, o cordão e três canhoneiras cortadas no parapeito da única face. O espaço fronteiro e avizinhante foi entulhado. As construções parasitárias não deixam ajuizar do método de fortificação, parecendo que os dois meios baluartes remontam a épocas diversas; o flanco do norte aparenta ser oblíquo à cortina, formando leve ângulo agudo, ao passo que o outro é perpendicular; as linhas rasantes não são do mesmo ângulo.

Construiu-se em 1863, na parte porterior ao forte, a *capela de Nossa Senhora dos Navegantes*, com maior critério que as referidas mas sem interesse para este inquérito.

Há outra capelita na *Praia do Farol*, dedicada a S. João Baptista, cuja frontaria foi renovada no meado do presente século, por forma graciosa, aplicando-se-lhe dois painéis de azulejo do decorador Lourenço Limas (1949).

A *Gafanha da Encarnação* tomou igualmente o designativo da titular do templo. Teve o nome de Gafanha da Gramata (herbácea local) ou da Maluca (apelido de Joana Rosa de Jesus). Em 1848 esta Joana Rosa, mulher do povo, e o seu segundo marido construíram a primeira e pobre capela do sítio, dedicada a Nossa Senhora da Encarnação.

A freguesia foi criada civilmente em 1926 e eclesiàsticamente em 1928. O actual edifício da igreja é reconstrução do presente século, no gosto próprio dos artífices regionais.

Os dois retábulos colaterais provieram dum dos conventos extintos da cidade, mas sofreram alterações na sua acomodação; datam da primeira metade do séc. XVIII, tendo em lugar de colunas, duas pilastras pendulares rematadas de canéforas.

A *Costa Nova do Prado*, desta freguesia, situada no cordão litoral, entre a Ria e o Oceano, possui a capelinha de Nossa Senhora da Saúde, a que lançaram as bases em 1890, e que tem sido renovada segundo o gosto comum. Precedeu-a uma de madeira, que ficava alguns metros afastada do sítio actual.

Em 1933 ergueram na Costa Nova pequeno monumento com o busto do arrais Ançã.

BIBL. — J. Vieira Resende, *Monografia da Gafanha*, Ílhavo, 1936, Coimbra, 1944.

CONCELHO DA MEALHADA

FREGUESIAS:

MEALHADA

Em certos níveis das aluviões do quartenário da sua região foram encontrados instrumentos paleolíticos.

O marco romano da milha XII indica que a estrada consular passava nas proximidades.

Segundo o Sr. J. Branquinho de Carvalho a povoação de Vila Verde, citada em documentos dos anos de 972 e 974, não se deveria encontrar muito afastada do sítio actual da vila.

O primeiro documento em que aparece o presente designativo é de 1288, como *Mealhada má*. A seguir ao final do séc. XVI predominou a forma corrente de Mealhada.

Teve foral manuelino em 1514.

Mealhada foi povoação da freguesia de Vacariça, donde se destacou civilmente há poucos anos. Eclesiàsticamente continua na dependência antiga.

Entre as pessoas notáveis destaca-se a do Dr. A. Costa Simões, ao qual elevaram um pequeno monumento em 1928, com o seu busto em bronze. Um outro busto em bronze, de E. A. Alves de Matos, inauguraram em 1953, no jardim do hospital, assinado por C. Tocha.

MARCO MILIÁRIO — Encontrado em 1856 a pouca distância da vila, guarda-se hoje no átrio dos paços do concelho. Cilíndrico (A. 2,04 m.), muito carcomido, deixa sòmente ler:

...SAR DIVI...
...RON AVG...
...MAX TRIB...
...CON DESI...
P P
XII

CAPELA DE SANTA ANA — na vila. O arcabouço é do princípio do séc. XVIII mas, tendo sido danificada pelo terramoto de 1755, foi beneficiada a seguir. Desta segunda época é a sacristia e outros elementos. A torre, à esquerda, é já do séc. XIX, como moderna é a janela do coro.

Tem corpo e capela-mor. Sobre os cunhais levantam-se esguios pináculos. A porta principal e as travessas (dando hoje a da esquerda para arrecadações) são rectangulares e de friso e cornija. Na principal lê-se:

HEC.EST.DOMVS.DOMINI.FIRMITIR.EDIFICATA — ANNO 1716

Outro letreiro e da mesma época se encontra no arco cruzeiro:

ANNA TIBI MERITAM SOLVM DANT SYDERA SEDEM NAMQVE EX VENTRE TVO TOTA GLORIA NATA EST

A bacia do púlpito, assente em dois cachorros, ainda é do séc. XVII.

O interior dá agradável impressão de riqueza.

A capela-mor e o corpo cobrem-se de caixotões de madeira, ali mais enriquecida. No séc. XIX pintaram os da capela-mor de florões e dos bustos dos doze *Apóstolos*, tendo ao centro *S. Ana*. Os do corpo, da segunda metade do séc. XVIII na sua pintura, mostram rótulos concheados encerrando paisagens de tipo artificianal. Igual decoração foi aplicada ao sub--coro.

Só tem o retábulo principal; pertence ao primeiro terço do séc. XVIII; compõe-se de quatro colunas salomónicas com parras e de nicho central e dois laterais.

Entre as esculturas antigas e modernas, anotamos no altar-mor as de madeira, *Cristo crucificado* e *Senhora da Conceição*, da primeira metade setecentista, correntes; *S. Ana* (tipo das Santas Mães), de pedra, secundária, dos sécs. XV-XVI.

CAPELA DE S. SEBASTIÃO — na vila. O interior é do princípio do séc. XVII mas a frontaria pertence ao XVIII.

A sua história está esclarecida em lápide da capela-mor:

ESTA CAPELA MANDOV FAZE
R O L(ICENCIA)DO ANT(ONI)O
SIMOIS DEÃO
QVE FOI DA SE DE GOA E DE
SENBARGADOR DA RELA
5 CÃO DE SVA M(AGESTA)DE E
SEV IR
MÃO IOAM SIMOIS DE CAR
VALHO NATURAIS DESTE LV
GAR 1621

Além da capela-mor há duas nos ombros, fronteiras. São os seus três arcos de igual teor, com querubins nas voltas.

Aquela é abobadada de pedra, às quartelas, com querubins e florões nos claros; as duas outras, curvas, lisas, certamente de tijolo.

O retábulo principal, de pedra, é da renascença tardia e decadente, da mesma época seiscentista, de três nichos e pilastras caneladas. Do mesmo tempo e conjunto são as esculturas de *S. Sebastião*, *S. António* e *S. João Baptista*.

O retábulo da lateral esquerda, igualmente de pedra, pequeno e secundário, pertence ao mesmo tempo. Vê-se aí uma escultura de pedra, da *Senhora com o Menino*, da primeira metade do séc. XV, de boa categoria; *S. Catarina*, *S. José* e *Senhora da Piedade*, de pedra, seiscentistas, secundárias.

A outra capela só contém a porta travessa.

A frontaria, do séc. XVIII, tem certa elegância para o meio; pilastras nos cunhais, empena de traçado mistilínio, porta de verga curva e alta cabeceira, óculo quadrilobado. Sineira à esquerda, talvez anterior.

CASAS ANTIGAS — Ficam dentro do tipo das da pequena burguesia, de modestas dimensões e em pequeno número. Dispõem-se na rua principal. São algumas do séc. XVII, de sacadas, outras do XVIII, de vergas curvas, e todas já com modificações.

BIBL. — A. M. Simões de Castro, *Guia do Viajante em Coimbra e Arredores*, Coimbra, 1867.

J. Branquinho de Carvalho, *A Antiguidade da Mealhada*, Coimbra, 1950.

BARCOUÇO

Foi povoação do termo antigo da vila de Ançã e do mesmo donatário, os marqueses de Cascais. O pároco era porém da apresentação dos bispos de Coimbra. Parece todavia que no princípio do séc. XVI fora da apresentação alternada do mosteiro de Celas e dos condes de Penela.

Fora da povoação, no sítio que dizem da antiga igreja, tem-se encontrado restos romanos, como pavimentos de *opus signinum*, bases de colunas, tijolos segmentares dos fustes, mós, pesos de tear, etc.

A igreja anterior, que era de uma só nave, conservou-se aí até ao princípio do séc. XVIII. Encontrando-se muito arruinada, mudaram o culto paroquial para a capela do Sacramento, que deveria ocupar o sítio do actual templo.

Tinha sido sagrada, como se vê de duas lápides, que andam avulsas.

Diz uma, certamente do séc. XVIII, gravada por artífice popular, com mistura de maiúsculas e minúsculas:

Esta he a propria
inscripção q(ue) estava
na porta da igreya
4 *antigua*

A fundamental, do séc. XIV, em capitais do tempo, com separação das palavras por três pontos, que transcrevemos com dois, para facilidade tipográfica:

IN N(OMIN)E:D(OMI)NI:AMEN:
F(E)RIA:TERCA
XVII:DE FEVEREIRO:DIAS:ANDADOS:
SAGROV
ESTA:EYGREGA:O BISPO:DOM:RAY-
MOMDO
PER EXPE(N)SAS:DE PERO DOMIN-
G(VES) (E)T:DONA FRANCISCA
5 ERA:DE:M:CCC:L:VIIII:

No ano pois de 1321 (E. 1359), numa terça-feira, 17 de Fevereiro, sagrou a igreja o bispo D. Raimundo I, fazendo as despesas Pero Domingues (?) e D. Francisca.

A povoação mostra uma ou outra casa de tipo modesto e antigo. Vê-se numa perto da igreja, como cachorro de janela, uma mísula manuelina, poligonal e decorada.

IGREJA PAROQUIAL — Titular, Nossa Senhora da Expectação ou do Ó. Encontra-se no meio da povoação sede.

A história do actual edifício dá-a um letreiro, gravado no friso da porta principal, de difícil leitura, sendo ela feita do plano do terreno, como nos aconteceu. Diz-se aí que no ano de 1736 fora levantada por expensas, trabalho e indústria dos paroquianos e do prior Dr. António Garrido, dignitário da sé de Coimbra, sendo reformada em 1760.

O incêndio de 1917 deixou-lhe só a parte arquitectónica. Esta é um regular exemplar rural do setecentismo de tradição anterior.

Os cunhais vincam-se de cantarias, dominadas de típicos pináculos. As aberturas são rectangulares. A porta principal mostra, entre um frontão interrompido, um nicho alto. Domina-a um óculo quadrilobado e com esbarro. As duas janelas do coro alto completam-se de frontão curvo.

O corpo é recortado a cada lado de duas janelas e de uma porta travessa.

Insere-se a torre no ângulo esquerdo da capela-mor, ficando levemente saliente. Vincam-na cantarias e, nos ângulos da cimalha geral, há gárgulas cilíndricas.

Cobre-se a capela-mor de uma abóbada curva, de tijolo. Decora-a ainda uma pintura policroma, setecentista, de enrolamentos de acantos.

Uma porta antiga foi adaptada a arrecadações, lendo-se-lhe na verga:

M(ARI)A IHS ESTA OBRA FES O CONSELHO DE BARCOVSO O ANO DE 1639

O recheio desapareceu. Conservou-se uma grande escultura da *Piedade*, de pedra, do séc. XVII, renascentista decadente. Entre os tecidos há uma capa de asperges, de lhama roxa, do séc. XVIII.

Na povoação levanta-se um *cruzeiro* de grandes braços, modernizado.

CAPELA DE S. TOMÉ — em *BARCOUÇO*. Modernizada. Contém três esculturas de madeira, de diverso valor mas correntes e pequenas: *S. Tomé, S. João Baptista* e *S. Bento*.

CAPELA DE SANTA LUZIA — no *CARQUEIJO*. Graciosa pelos elementos setecentistas da fachada, como a porta e janela superior, de vergas curvas, a cimalha da empena interrompida no arranque e no vértice, a sineirita recuada, a base do púlpito sobre mísula; tudo porém de nível rural.

CASAL COMBA

Era couto dos bispos de Coimbra, de quem era igualmente a apresentação dos párocos, tendo ficado aqueles com o domínio pleno, depois da troca dos direitos que o mosteiro de Lorvão aqui tinha pela igreja de S. Tiago de Souselas, a 14 de Maio de 1197.

Teve a povoação foral manuelino em 1514.

A povoação de Vimieira, a que se refere este inventário, foi do domínio do mosteiro da Vacariça, como se vê do inventário de 1064.

Tanto em Casal Comba como na Vimieira o mosteiro de Celas teve casais dispersos.

Nesta freguesia foi encontrada uma estatueta de bronze, de Mercúrio (A. 0,222 m.), agora no museu de Gaia.

IGREJA PAROQUIAL — do título de S. Martinho bispo. Encontra-se dentro da povoação sede. Tem o flanco direito livre e ao

outro lado diversos arrumos. Constitui um bom exemplar rural na transição do séc. XVII para o XVIII. Posteriores, só algumas pequenas alterações. Depois da nossa visita fizeram-se grandes e dispendiosas obras de renovação e conservação.

A frontaria mostra a torre integrada na arquitectura da fachada. Vincam os cunhais pilastras dóricas. Cimalha geral corre pelas empenas, que são pouco levantadas, e pelas paredes dos flancos.

A porta principal, rectangular, de friso e cornija da época inicial, é dominada duma grande janela do coro e de pequeno nicho, formando estes uma composição do séc. XVIII avançado.

Remata a torre um corpo superior com cobertura bolbosa de época setecentista mais avançada.

Tem duas portas laterais, mostrando a da direita molduras corridas, friso e cornija.

O arco cruzeiro forma composição com dois arcos laterais, destinados a altares, tendo almofadas ornadas.

Os tectos são de fortes almofadados; sendo o do corpo decorado de florões nos cruzamentos das molduras e o friso da cornija de outros ornatos.

O retábulo principal, do fim do séc. XVII, D. Pedro II, de tipo plano, tem quatro colunas e arcos, umas e outros torcidos e com pâmpanos, e nichos intermédios entre aquelas. Os colaterais seguem o mesmo tipo, de duas colunas e arcos.

Fecha o camarim daquele uma tela, *S. Martinho cortando a capa*, do séc. XIX, inferior.

Destacam-se algumas esculturas de pedra. *S. Martinho*, vestido de bispo, *S. Brás* igualmente como bispo, tendo o menino em pé e na sua frente, ambas da primeira metade do séc. XV e de regular categoria, no altar-mor; *Virgem com o Menino* (Rosário), do séc. XVI e renascença, obra regular a imitar um tipo de João de Ruão.

O púlpito, do tempo da igreja, possui desenvolvida bacia de pedra, com duas ordens de acantos alastrados, o parapeito de castanho, em balaústres espiralados.

A pia baptismal, setecentista inicial, adorna-se de acantos estendidos. As de água benta eram de balaústres decorados.

Alguns castiçais de estanho são o modelo corrente setecentista que é assinado por António S.ª, Coimbra.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO — na *VIMIEIRA*. Edifício modernizado e limpo.

Adaptaram-lhe um retábulo, ido de igreja de Coimbra, tendo de lhe fazer diversas amputações; é do fim do séc. XVII e mostra colunas salomónicas decoradas de parras.

Do mesmo fim do séc. XVII é uma regular escultura de madeira, de *Cristo ressuscitado*.

A *Virgem com o Menino* (da Apresentação), de pedra, grande, do séc. XVI e já renascença, constitui um interessante exemplar. Há outra *Virgem com o Menino*, pequenina, de pedra, da primeira metade do séc. XV, bastante regular.

LUSO

Segundo o inventário de 1064, do mosteiro de Vacariça, a vila rural de Luso foi doada ao mesmo mosteiro pelo abade Noguram, com a respectiva igreja, ou antes capela, que tinha então S. Tomé por titular. A doação deveria ter sido feita na época da primeira reconquista cristã. Com o mosteiro passou ao domínio da sé, em 1094.

A freguesia foi uma desmembração da Vacariça, da qual ficou filial, e com ela foi doada, no séc. XVI, pelo bispo D. João Soares, ao colégio conventual da Graça de Coimbra.

A sua notoriedade do momento provem-lhe da sua estância minero-medicinal. Devendo muito ao conselheiro Emídio Navarro, levantou-lhe um monumento, em 1917, composto do seu busto em bronze e dum forte forte e alto pedestal.

IGREJA PAROQUIAL — O titular actual é Nossa Senhora da Natividade.

O esqueleto geral do edifício pertence ao séc. XVII; a fachada e a torre foram refeitas em dois períodos do séc. XIX. Em 1945 teve uma beneficiação geral.

A capela-mor cobre-se de abóbada de tijolo, semicircular; o corpo, de caixotões rectangulares de madeira, do séc. XVIII, pintados de rótulos no século seguinte mas em tipo setecentista.

O retábulo principal pertence ao séc. XIX, seguindo um esquema setecentista final. Adaptaram-lhe grande trono, de três corpos, decorados de colunelos, do séc. XVII típico, pro-

vindo de qualquer grande igreja e, por isso, mutilado.

Os colaterais têm igual traçado, com dois pares de colunas torcidas e de parras e dum pequeno remate. Neste há dois baixos relevos, de *S. Miguel* à esquerda, da *Senhora da Conceição* no oposto; àquele adaptaram um sacrário do mesmo tempo, de colunitas e dois corpos.

Rasga-se à esquerda do corpo um arco (agora aprofundado) de capela das Almas, simples, do séc. XVII.

O púlpito, de balaustrada de torneados, é seiscentista.

Na capela baptismal aplicaram restos dum retábulo de pedra, seiscentista e inferior.

Destacam-se as esculturas: *S. Silvestre*, de pedra, pequeno, da primeira metade do séc. XV, de regular categoria; *Virgem com o Menino* (Rosário), madeira, séc. XVII; *Virgem com o Menino* (Natividade), de grande tamanho, do fim do séc. XIX; *Cristo crucificado*, grande, do séc. XVII, na capela das Almas; *Crucifixo* de marfim, de tamanho médio, do séc. XVIII.

Há uma cruz processional, de prata branca, do séc. XVII, de terminações trevadas, nó hexagonal com campainhas e colunas, superfícies adornadas; uma custódia cálice, de prata dourada, do séc. XVII, do tipo de mostruário de colunas, decorada.

Na sacristia, lápide com sentença fúnebre, comemora a construção duma capela, datada de 1693. Junto dela crava-se outra, da reforma da igreja em 1945.

CAPELA DE S. JOÃO EVANGELISTA — em *LUSO*. Pertence ao séc. XVIII. Domina a nascente principal das águas. Possui um corpo hexagonal, capela-mor, alpendre de dois pilares, sineira à direita, retábulo vulgar de madeira, do séc. XVIII, de quatro colunitas. A escultura de *S. João Evangelista*, de média altura, é do mesmo século e de tipo corrente.

CAPELA DE S. ANTÓNIO — em *LUSO*. De único interesse contém o frontal de azulejos, formado de restos de outro ou de outros, do tipo de bordados orientais, vendo-se ao centro as armas do bispo-conde D. Joane Mendes de Távora (1638-46). São policromos e do séc. XVII. Há lateralmente mais fragmentos de dois outros brasões do mesmo prelado. Vieram duma das capelas da mata do Buçaco.

CAPELA DE S. PEDRO — nas *LAMEIRAS DE S. PEDRO*. Edifício sem interesse, contendo uma escultura de *S. Pedro*, de pedra, do séc. XVII, popular.

CONVENTO E MATA DO BUÇACO.

A vertente do topo NW da serra do Buçaco, delimitada essencialmente pela pequena bacia do córrego de S. Silvestre e muito secundáriamente pela do Carregal, é o assento do convento e da respectiva cerca. Foi-lhe junto pelo Estado o pinhal do marquês da Graciosa e incluído no todo que hoje é a mata nacional.

O nome de Buçaco aparece já nos documentos do séc. X, na primeira reconquista.

Tudo o que se tem escrito dos monges do Buçaco antes da fundação seiscentista não passa de fábulas e de infundadas presunções; quanto poderia haver seria a cruz alta de madeira e qualquer capelita devocional.

Os bispos de Coimbra tinham aqui uma mata, análoga a outras suas, nas quais punham mateiros, mas cuja origem não é conhecida documentalmente. Os monges valorizaram o arvoredo, o que continua a ser feito pelos serviços do Estado e em nível superior.

A província portuguesa dos Carmelitas descalços, desejando ter um *deserto* ou *ermo*, destinado à vida eremítica, à imitação dos estrangeiros, recebeu, em 1628, do bispo-conde D. João Manuel, a doação da mata do Buçaco, para esse fim. Vieram do convento de Aveiro os fundadores, tendo por primeiro prelado fr. Tomás de S. Cirilo. Veio também o irmão Alberto da Virgem, que possuia noções de arquitectura, e o irmão António das Chagas, oficial de pedreiro. A 7 de Agosto de 1628 lançaram a primeira pedra e a 19 de Março de 1630 estavam concluídos os trabalhos principais.

Os frades do *deserto* eram cerca de vinte e quatro; só seis eram efectivos e os restantes, que pertenciam aos vários conventos, não se demoravam aqui mais que um ano.

O último prior do convento foi fr. António de Santa Luzia.

As vicissitudes pelas quais a mata e o mosteiro passaram depois da supressão das ordens religiosas, podem-se ver na bibliografia que vai adiante citada.

O interesse do *deserto do Buçaco* para o Inventário é pequeno; o que se compreende, sabendo-se que a pobreza absoluta era da regra e que nem sequer podiam usar de paramentos litúrgicos de seda.

Só o interior da igreja tem mediano valor arquitectónico, toda a outra construção vive do pitoresco, para o que a Natureza dotou o sítio de variedade de rochas: quartzitos brancos, conglomerados, grês vermelhos escuros e brancos, além de rochas ante-câmbricas. Os embrechados foram feitos de quartzo branco e de jorra industrial negra.

As espécies mobiliárias são só as da igreja e alguns frontais de azulejos das capelas.

Faremos uma revisão geral, distribuindo-a por agrupamentos e não pela topografia.

Convento. Resta o núcleo da igreja. Compõe-se do quadrado do corredor-claustro, em cujo centro se levanta a igreja. Antecede-o a portaria e um terraço.

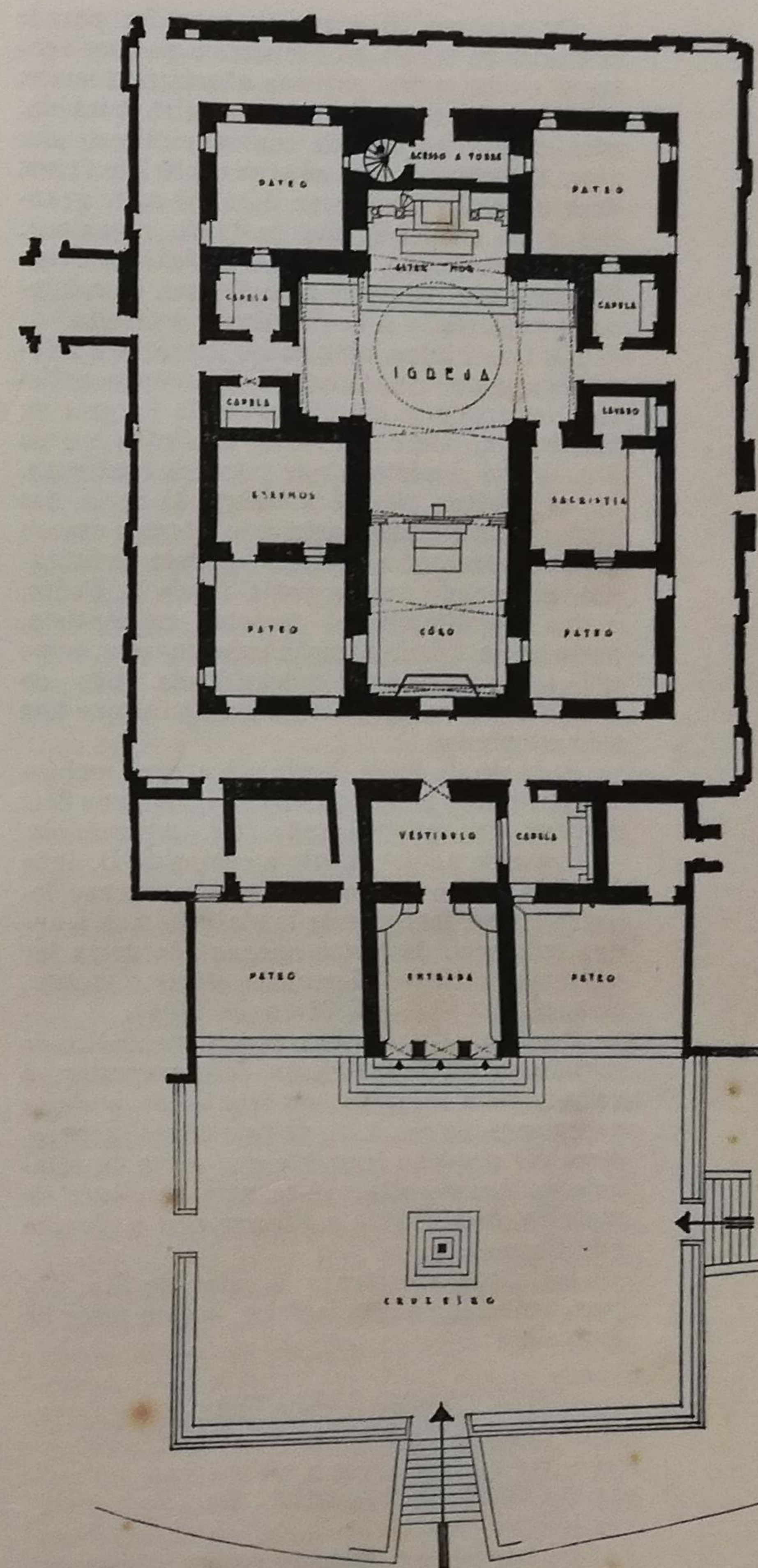
Levanta-se a meio do terraço, sobre degraus, cruz de grandes braços. A fachada, voltada a NW, compõe-se do átrio aberto e de dois panos laterais, decorados de embrechados que desenham cruzes, vasos e ainda as armas do Carmo.

O átrio abre-se por três arcos de desigual altura. Sobre o do meio lê-se a data de 1628. Na sua parede interna foi cravada uma lápide, em português e inglês, comemorando a estadia do duque de Wellington, pela memorável batalha.

Fica intermédia ao claustro pequena casa, servindo de vestíbulo, abrindo-se-lhe à direita uma breve capela, a do Ecce-Homo, que era destinada aos servidores do convento. Tem singelo retábulo de madeira, do séc. XVIII, com esculturas de barro, de *Cristo*, pequena, *Virgem* e *S. João*, médias de altura, setecentistas e correntes. O frontal deste retábulo é do séc. XVII, de azulejos policromos, representando um tecido do tipo de ovais com alcachofras.

O *claustro* é um corredor estreito (2,5 m.) formando quadrado, de tectos revestidos de cortiça, bem como o são as portas das oficinas monásticas, obra que se encontra hoje restaurada. Desapareceram as antigas tábuas de pintura, que não tinham merecimento. A cada topo do corredor, seguindo pela direita, havia pequeno altar, de que restam hoje os *frontais* de azulejos, polícromos, do séc. XVII, do tipo de bordados orientais.

A *igreja*, pequena, desenha uma cruz latina, sem porta axial, mas com duas nos braços do transepto, havendo, a cada lado, um breve corredor, destinado a preencher o espaço entre eles e o corredor do claustro. Cada corredor é ladeado de duas câmaras; servindo uma, à esquerda, de casa dos frontais e uma, das do outro lado, de lavabo da sacristia, ficando esta no espaço angular do transepto.

A maior parte do corpo da sacristia destinou-se a coro. Cobrem o templo abóbadas simples, certamente de tijolo, semicirculares, todas da mesma altura. Sobre o cruzeiro levanta-se a hemi-esférica. No seu fecho, contendo as armas do Carmo, lê-se R. 1781.

Planta da Igreja

O campanário ergue-se sobre a parede posterior da capela-mor. Formam-no duas ventanas e uma outra pequena aberta no remate.

Há três retábulos de madeira pintada, uma simplificação dos contemporâneos, dos sécs. XVII-XVIII, quase só com capiteis e frisos decorados. As esculturas do altar-mor, grandes e de madeira, são bastante regulares: *Cristo crucificado, S. Elias* e *S. João da Cruz*. Também são regulares a de *S. José*, do colateral à esquerda, e a de *S. Teresa*, à direita.

Os três bustos, divulgados literária e fotogràficamente, emocionais e de mérito artístico, encerram-se em nichos: o da *Virgem da Soledade* no altar-mor; o de *S. Pedro* e o de *Sta. Maria Madalena* nas paredes contíguas. Só as cabeças são de madeira. O resto dos bustos é em simples pasta, que o tempo atacou e que se começou a desfazer. Foram restaurados, renovando toda a pasta no de S. Pedro, o que lhe diminuiu o carácter setecentista, posto que a Administração encarregasse, como era natural, pessoa categorizada. São do séc. XVIII, oferecendo dúvidas as datas que têm sido apontadas.

A parte da nave destinada a coro monástico levanta-se acima do solo da igreja uns dois degraus. Os cadeirais não têm importância.

Crava-se no pavimento a campa de D. João de Melo, bispo conimbricense, de extenso letreiro latino, meramente laudatório, que a antiga colocação de certos anexos não deixa ler convenientemente. Termina: OB.IV.KAL.IVL. ANN.MDCC.IV (i.é, fal. 28-Junho-1704).

Pequeno altar divide o espaço monástico do comum, o qual mostra na face posterior, a voltada para a igreja, um frontal de *azulejos* policromos, do séc. XVII, do tipo de tecido europeus. No pequeno templete que serve de retábulo ao mesmo altar vê-se uma escultura de madeira, do séc. XVII, a *Virgem com o Menino* (do Carmo).

Há ainda, em frente do altar de Sta. Teresa, uma campa com letreiro, a dum prior de Sangalhos:

S(EPVLTVRA) PERPETVA
DO R(EVEREN)DO VIG(A)R(I)O V
ICENTE LEITÃO
DA IGR(EI)A DE S. VI
5 CENTE DE S.GALHOS .1661.

Os *barros*, a formarem cenas, exigem cuidadosa atenção e estudo.

A *Deposição no Túmulo*, sob a mesa do altar-mor, é de figuras de tamanho médio, de regular execução, sendo os velhos e as santas mulheres, com a Virgem e S. João, só um pouco mais de meio corpo, como é normal.

Os outros quatro conjuntos compõem-se de figuras pequenas. Provêm de oficinas lisbonenses da melhor categoria, como se vê das fotogravuras que publicamos, posto que se encontrem desigualdades de trabalho.

São três *Falecimentos:* o *da Virgem*, na urna do altar do coro, estando a Senhora cercada de Apóstolos e de alguns anjos e mulheres; o *de S. José*, sob o altar da esquerda, com a Virgem e anjos; o *de Sta. Teresa*, em idêntico lugar no da direita, com a santa e carmelitas.

O *Presépio*, sob a janela do topo do coro, além do tema principal, a adoração dos pastores, completa-se de pequenas cenas.

Não será excessivo pedir inteligente atenção para estes conjuntos.

Conservam-se pinturas de diversa categoria. *Cristo açoutado* e *Cristo dos impropérios*, telas setecentistas, junto do altar-mor; numa das câmaras da esquerda, uma tela da *Senhora do Leite*, assinada *Josepha/1664;* na outra que lhe é fronteira, *S. Amaro*, do séc. XVIII; noutra câmara do corredor direito, em pequeno retábulo setecentista, uma tela dos *Reis Magos*, do séc. XVII, secundária; há outras avulsas, *Virgem com Cristo* a darem o rosário a uma santa, do séc. XVIII, *Cristo entrega um cravo da Paixão a uma carmelita*, do séc. XVIII final. Há outras sem mérito ou só curiosas, como o julgamento de Cristo e o plano de Jerusalém, e como ainda um retrato de D. João de Melo, sem valor e do séc. XVIII.

Outras telas, igualmente de pequeno valor, *Falecimento da Virgem, Assunção, Falecimento de Sta. Teresa*, estão assinadas por Fr. José dos Mártires e datadas de 1820.

De melhor categoria são outras telas, das oficinas de Lisboa: *Transfixão de Sta. Teresa* e *Aparecimento de Cristo à mesma Santa*, do séc. XVIII.

Sobre o arcaz da *sacristia* vê-se uma escultura de madeira de *Cristo crucificado*, aposto a duas pinturas insignificantes de *S. Teresa* e *S. João da Cruz*. Aí se encontram quatro telas do séc. XVIII, com *Eliseu, S. Maria de Pazi, Beata Maria da Encarnação* e *S. Ângelo mártir*.

Há espalhados pequenos bustos-relicários de madeira, seiscentistas, obras correntes, e ainda pequenas esculturas, como um *S. Miguel*, gracioso, meio cupido guerreiro, setecentista.

Os frades não podiam usar na liturgia de tecidos de seda; empregaram veludos de lã, tipo *utreque*, de que ficaram pequenos restos, pois que a maior parte foi para o museu do Tesouro da Sé; conserva-se ainda uma das casulas de chita. Outros paramentos, de damascos brochados a ouro, dos tipos setecentistas correntes no País, devem ser os que para ali foram, no séc. XIX, do convento de Sá de Aveiro.

Ermidas penitenciais. O conjunto das ermidas levantadas em diversas épocas acabou por formar o número de onze. Destinavam-se a um certo número de religiosos que para elas se retiravam pela quaresma e pelo advento e, fora desses tempos, a religiosos que obtinham autorização do prior. Residiram nalgumas delas, por certo tempo, os Infantes da Palhavã, filhos naturais de D. João V, desterrados pelo marquês de Pombal, tendo passado depois para o convento.

Sendo construções rústicas, com decorações de embrechados simples, pouco interessam ao inventário. Daremos todavia uma breve relação.

Podem-se dividir construtivamente em dois grupos: as dos terrenos mais planos e as das encostas abruptas; aquelas desenvolvem-se mais ampla e harmoniosamente, estas conforme o permitia o declive. As primeiras eram habitualmente precedidas dum pequeno pátio, que antecedia a casa. Esta dividia-se em duas metades, uma comportando o oratório e a breve sacristia, outra uma pequena cozinha e um cubículo. Tinham cisterna umas, outras serviam-se da fonte próxima. Exteriormente destacava-se a sineirita e a chaminé. Desapareceu o que poderia significar retábulo; ficaram alguns frontais de azulejos.

Ermida de Nossa Senhora da Expectação. Foi fundada pelo bispo-conde D. Joane Mendes de Távora (1638-46). Desapareceu inteiramente. Talvez lhe tivessem pertencido uns azulejos com o brasão deste prelado, mencionados noutro ponto.

D. Manuel de Saldanha, reitor da universidade e depois bispo de Viseu, mandou edificar as de S. José e do Santo Sepulcro.

Ermida de S. José. Conforme lápide de 1641, ficava ao padroado dos descendentes de Luís de Saldanha, irmão do fundador. Começada a 3 de Setembro de 1643, a 15 de Agosto seguinte celebrava-se aí a primeira missa. Encontra-se com modificações utilitárias.

Ermida do Santo Sepulcro. Fundou-a o reitor em memória de Rui Fernandes Saldanha, em 1646. Uma lápide de 1722 indica que o padroado era de Ascenço de Paiva Pinto e herdeiros. Outra comemora a restauração, por autorização superior de 1863, pelo terceiro neto Francisco Augusto Furtado de Mesquita Paiva Pinto, que foi conde de Foz de Arouce. O mesmo mandou fazer em plano superior um pequeno torreão com uma cruz. Pertence às do tipo de encosta.

Ermida de S. João do Deserto. Uma antiga lápide indicava o padroado de António de Saldanha e o ano de 1650. Do tipo de encosta, é a de mais difícil acesso e a mais oculta, ficando-lhe a cozinha em plano inferior. No oratório vê-se um frontal de azulejos do séc. XVII, com o enquadramento do tipo de alcachofras e o grande espaço em branco, tendo só ao meio o Agnus Dei; sendo a decoração só a azul. Conservam-se algumas tábuas a desfazerem-se, da pintura de *S. João Baptista*, do séc. XVII.

Ermida do Calvário. Era ao mesmo tempo ermida e capela da via sacra. Situada no topo do larguito da rua terminal daquela, foi construída com mais ligeiro desafogo e elegância, tendo sido a fachada decorada de bastantes embrechados. Encosta-se-lhe à direita a capela hexagonal com cúpula singela e restos de painéis dos sécs. XVII-XVIII. Sobre a porta da capela crava-se um escudo com os emblemas da Paixão e a data de 1694.

Na ermida e externamente, uma lápide em latim esclarece que a sua construção e a das capelas da via-sacra fora feita de mandado do bispo-conde D. João de Melo, tendo ele mesmo trazido e colocado por suas mãos a cruz, celebrado missa de pontifical, num dia de domingo, 3 de Outubro de 1694. Conserva-se a ermida com pequenas reparações.

Ermida de S. Miguel. Segundo uma lápide, era do padroado do licenciado António Vaz Preto, prior de Treixedo, 1651. Foi composta, encontrando-se agora em estado deficiente. Conserva *frontal de azulejos* policromos, do séc. XVII, do tipo de tecido europeus, dese-

nhando compartimentos com alcachofras e, ao centro, as armas do Carmo.

Ermida de S. Teresa. Fora de fundação de Bento Pereira de Melo. Já desapareceu.

Ermida de S. Elias. A fundação pertence a D. João de Melo mas a actual construção foi de António Pinto Boto e mulher, de Águeda. Está a arruinar-se, apesar de ter sido reformada.

Ermida de Nossa Senhora da Conceição. Fundada por D. Rodrigo de Melo, dos condes de Tentúgal, o seu padroado ficou na casa Tentúgal-Cadaval. Uma lápide comemora a reparação executada em 1866, pelo administrador das matas do reino, Ernesto de Faria. O *frontal de azulejos* policromos, do séc. XVII.

Ermida de Nossa Senhora da Assunção. Teve por fundador Diogo Lopes de Sousa. Simples e a ameaçar ruina.

Ermida do Sacramento. Tinha-a fundado a duquesa de Torres Novas, D. Mariana de Cardenas, e andava no padroado dos duques de Aveiro. Vêem-se em pé alguns restos das paredes.

Capelas devocionais. Dispõem-se na rua que das Portas de Coimbra leva ao mosteiro as de *S. João da Cruz, S. Pedro, S. Maria Madalena*, havendo entre a primeira e a segunda a Fonte da Samaritana, também chamada capela. São três pequenos edifícios quadrados, de tecto piramidal e de mero interesse pitoresco. Decoram-lhes os cunhais e envolvem as aberturas das portas e frestas os costumados embrechados. Só a da Madalena conserva uma pequena escultura de barro, de tipo setecentista. Todavia ainda existem os frontais de azulejos policromos, de tipo de bordados orientais, diversificados entre si, tendo o da Madalena a santa dentro dum rótulo.

A *fonte da Samaritana* é uma construção rectangular com a frente aberta e de abóbada semicircular. Desapareceram as figuras de Cristo e da Samaritana que ladeavam o tanque, restando duas lápides com as palavras do diálogo. Foi executada por fr. Manuel de Santa Teresa, frade habilidoso, segundo indicações do reitor D. Manuel de Saldanha; reformada em 1878.

A *capela de Santo Antão*, destacada para o poente e sobre penhascos, é simplesmente uma construção pitoresca, e de plano circular. Deve-se ao reitor Saldanha. Conserva o *frontal de azulejos*, de corpo em branco mas de cercadura dum tipo policromo e corrente no séc. XVII.

Capelas dos Passos. D. Manuel de Saldanha, ainda reitor universitário, foi quem mandou abrir o caminho da via-sacra. Na lápide da capela de S. José, datada de 1644, referindo-se a que mandara fazer a ermida, acrescenta: «com os passos da Paxam q. della comessão». Todavia os mesmos passos constavam só de cruzes de madeira do Brasil. Há entre o Calvário e o Sepulcro, a formarem degraus, restos de cruzes de pedra, do tipo de grandes braços, que poderiam ser reforma dalgumas dessas cruzes. Foi o bispo-conde D. João de Melo que ordenou a construção das capelas e a rectificação do caminho. Ele mesmo o atestou pelas lápides: a do Horto (1695), da série complementar; a que mostra o seu brasão e se levanta junto ao Pretório (1694); a já referida do Calvário, que indica a inauguração a 3 de Outubro de 1694. Nos azulejos do altar desta capela havia a data de 1693, segundo anda escrito.

São construções simples, quadradas, de porta rectangular, mostrando embrechados de seixos brancos e de jôrra industrial a decorar os cunhais e a envolver as aberturas, diversificando-se o seu desenho de uma para outra capela. A cobertura, de forma piramidal, rematava por pequena cruz. Sobre a porta uma lápide indica qual o passo respectivo. Inicialmente, pinturas representavam as cenas; o bispo-conde D. António de Vasconcelos e Sousa (1706-17) substituiu-as por figuras de vulto que mais tarde foram renovadas, no todo ou em parte, por outras de barro também, como indicam duas cabeças que estão no museu regional de Coimbra. Foram fragmentadas depois da supressão dos conventos.

Novas cenas da Paixão ocupam hoje as capelas. De tamanho perto do natural e de barro cozido, são dum nível artístico e emocional que nenhumas outras portuguesas possuem. Modeladas pelo Prof. António Augusto da Costa Mota Sobrinho, que as começou em 1938, ficaram esculturas clássicas, sóbrias, bem estudadas, tanto na figura como na composição. Não são meramente narrativas; o artista, dotado de grande sensibilidade e forte compreensão dos sentimentos humanos, soube traduzir o trágico que havia naqueles temas, dando-o com equilíbrio e naturalidade.

Ressurgiu assim, num local desafecto, uma página antiga.

Nesta época de descida de técnicas artísticas, de busca do popular e do automático, estas representações balizam um fim de época, tanto de técnica como de interpretação religiosa.

Teve a iniciativa da execução o administrador da Mata, o qual, quando sair este volume, deve estar a aposentar-se, e que sempre foi muito dedicado aos motivos tradicionais da mesma, o Senhor José de Melo Figueiredo.

São vinte capelas que vamos simplesmente seriar (visto que arquitectònicamente não possuem méritos individuais) e sem as indicações topográficas que só por uma carta se podem ter.

1 — *Horto.* Tem um terreirinho a que dois arcos rústicos dão entrada. A lápide termina pelo esclarecimento: TODAS ESTAS HERMIDAS QVE/SE SEGVEM ATHE O CALVARIO MA(N)DOV FAZER O EXCELENTISSIMO/SENHOR DOM JOAM DE MELLO/BISPO CONDE ANNO DE/1695. 2 — *Prisão.* 3 — *Cedron. Porta de Siloé*, que consta de dois arcos rústicos postos em esquadria. 4 — *Anás.* 5 — *Caifás*, tendo no terreiro um tosco torreão com escada interna e uma grande cruz no remate, modificada. 6 — *Herodes.* Junto ao Pretório destaca-se num muro uma lápide com as armas episcopais (Melos) e o letreiro: ESTAS DES/ERMIDAS DOS PASOS MANDOV/FAZER O ILL(VSTRISSI)MO S(ENHOR)/D. IOAO DE ME/LO BISPO CON/DE NA ERA/DE A 1694. Um arco rústico, que é a *porta dos paços de Pilatos*, dá acesso ao *Pretório*, que se compõe dum terreiro com a coluna da flagelação (renovada?) e da *varanda de Pilatos.* A construção desta varanda é feita por um arco entre dois torreões, para o qual se sobre por uma escadaria interna; o seu resguardo é recortado de arquitos e decorado de ornatos seiscentistas; na parede inferior uma grande lápide explica o passo e contém a simulada sentença do procurador romano. 7 — *Pretório* novamente, próximo à varanda. Começam aqui, nesta sétima capela, os barros do escultor Costa Mota Sobrinho e terminam na décima oitava, a de Cristo descido da Cruz. 8 — *Cruz às costas.* 9 — *Primeira queda.* 10 — *Encontro da Virgem.* 11 — *Cirineu.* 12 — *Verónica.* 13 — *Segunda queda.* A seguir, um arco rústico, que é a *Porta Judiciária.* 14 — *Filhas de Jerusalém.* 15 — *Terceira queda.* 16 — *Cristo despojado.* 17 — *Crucificação.* 18 — *Cristo descido da cruz.* Esta é a última com os barros de Costa Mota Sobrinho. 19 — A capela-ermida do *Calvário*, que ficou descrita nas ermidas. 20 — *Sepulcro.*

Cruzeiros. A *cruz alta*, muito conhecida pela posição natural que ocupa, é uma grande cruz de pedra levantada em degraus. Parece ter havido uma outra de madeira, anterior aos carmelitas. A primeira de pedra mandou-a levantar D. Manuel de Saldanha, em 1648. Foi reparada diversas vezes depois da supressão monástica.

A *cruz de Vopeliares* encontra-se no pinhal anexo à mata, que foi do conde da Graciosa. Mandou-a este levantar em 1861. Tem interesse por ser o seu nó formado de quatro capiteis românicos, de S. Cristóvão de Coimbra, de tipo floral.

Fontes. O seu interesse é diminuto; reside só nos embrechados de seixo e de jôrra.

A *fonte da Samaritana* ficou mencionada entre as capelas devocionais. A *fonte de S. Elias*, do mesmo tipo, consta dum espaço rectangular, aberto na frente, coberto de abóbada semi-circular, despido de ornatos. A de *Santa Teresa* tem aspecto mais ornamentado. Mandada levantar cerca de 1832, com o auxílio do Dr. Domingos dos Reis Teixeira, só foi completada, na sua maior parte, pelos serviços da mata nacional. A *fonte de S. Silvestre*, cavada na encosta, de embrechados em completa ruína. A *fonte fria* nunca foi o que parece deduzir-se da literatura redundante do cronista; muito danificada, os serviços da mata reformaram-na grandemente em 1866 e 1881. Resume-se a pitoresca escadaria de dez lanços, com a água a escorrer-lhe medialmente. A *fonte do Carregal* foi modificada, restando as mães de água.

Portas da cerca. A *portaria da mata*, ou *portas de Coimbra*, era a entrada oficial do convento. Fica a poente, a meio da extensão do muro dessa encosta. Construção larga e simples. Quatro pilastras rusticadas dividem-na em três panos, sendo mais largo o central; liga as pilastras um cornijamento horizontal; nos laterais cortam-se dois arcos de passagem, sendo cheio o médio; levantam-se pináculos piramidais na perpendicular das pilastras e assim como sobre os corpos laterais dois frontões semicirculares, tendo as armas do Carmo feitas em embrechado, domina porém o corpo central um campanário de uma só ventana,

destinada à sineta habitual. Cravam-se no pano médio duas grandes lápides postas a par; a da esquerda contém a tradução da bula de Gregório XV, de 1622, interdizendo a entrada de mulheres nos ermos carmelitas, a da direita a tradução de outra bula, de Urbano VIII, proibindo o corte de árvores da mata. Uma outra lápide, pequena, diz: FUN. MDCXXX — REFORMADA 1831 — E RESTAURADA EM 1860. A reforma de 1831 não teve o aspecto de reconstrução, como anda escrito. Há dois cruzeiros, um no exterior e o outro do lado de dentro, com as cruzes formada de troncos de madeira (renovando os antigos) e os degraus de pedra tosca.

As outras portas ou são anteriores mas modificadas ou posteriores à supressão dos conventos, sem interesse pois para o Inventário.

Azulejos. Posto que já os tivéssemos indicado, daremos nótula de conjunto. Não são de revestimentos gerais mas limitam-se ao tema de frontais de altar, substituindo e imitando os frontais de tecido. Seguem os tipos de bordados orientais, e de tecidos europeus, além de composições de azulejos correntes e de mínimo interesse.

Nenhum deles se vê datado. Só os da antiga capela da Expectação, por possuirem o brasão de armas do bispo-conde D. Joane Mendes de Távora (1638-46), se lhes pode indicar um natural período de factura. Da consideração da época das capelas, e com a base daquele, poder-se-á dizer que deveriam ter sido decorados no segundo e terceiro quartel do séc. XVII.

Os de imitação de bordados orientais apresentam factura de diverso nível. A frontaleira e os sebastos imitam bordados europeus do tempo, do período anterior ao barroco típico, compostos de espirais acantiformes, ora com o fundo a azul e estes a amarelo ou o contrário. O corpo, formado do bordado oriental em policromia e fundo branco, enche-se de arbustos ou hastes ascendentes floridas, cuja natureza varia de uns para outros, para obter efeitos de variedade, nas quais pousam pavões e aves menores, passeando na base quadrúpedes vários, como elefantes, cães, cordeiros e outros animais. Não procuraram os decoradores efeitos de perspectiva, mas dispuseram o ornato num só plano, como bordado. Ao centro do pano inscrevem-se frequentemente medalhões. A esquina é rebordada por azulejos de ângulo, a imitar aquele mesmo tipo de rendas que se encontra na faiança doméstica do tempo.

O frontal da capela da Expectação, do bispo Távora, reduzido a fragmentos, foi aproveitado numa capela da povoação de Luso, como ali dissemos. Seria dos melhores do tipo. Mostra o brasão daquele prelado.

De equivalente categoria é o altar do coro, que uma grade não deixa examinar convenientemente.

Os quatro dos topos dos corredores do claustro, diversificados entre si, encerram no pano o brasão carmelita.

Nas três capelas da rua das portas de Coimbra (S. João da Cruz, S. Pedro e Madalena), diferentes no ornato, só o último tem medalhão com a titular.

Os de tecidos europeus (na capela da portaria, nas de S. Miguel, S. José e Conceição) imitam os bordados de ouro nas frontaleiras e nos sebastos, os brocatéis do tempo no pano do corpo.

O modesto frontal da capela de Sto. Antão tem o corpo de azulejos brancos e o enquadramento feito por temas correntes nos padrões policromos de Lisboa. Igualmente simples, o de S. João do Desterro, cuja orla é do tema de alcachofras, o corpo branco, tendo a meio o cordeiro místico em quatro azulejos, decorado só a azul, talvez de fabrico coimbrão.

Palácio Nacional. Demoliram, no último quartel do séc. XIX, o convento, conservando só a igreja e o chamado claustro, e começaram a levantar o conjunto de edifícios que formam o palácio.

Era destinado inicialmente às vigiliaturas reais. Deve-se à iniciativa do ministro das Obras Públicas, conselheiro Emídio Navarro. Fez o projecto do edifício principal e inicial, o único verdadeiramente a considerar, o cenógrafo Luigi Manini, sendo mandado executar por portaria de 18 de Julho de 1888, principiando as obras em Novembro seguinte, seguindo sem interrupções e concluindo-se no presente século. Época também esta dos outros pavilhões.

Limitar-nos-emos a uma breve resenha, pois que já sai fora dos limites que são próprios ao Inventário.

Estudado em néo-manuelino, integra-se no movimento romântico português e faz corpo com outras obras nacionais. Tem carácter próprio; se arquitectònicamente se inspirou para

o corpo na torre de Belém e para a arcada no claustro jerónimo, a decoração é o fruto do movimento coimbrão da artificiania artística, gerado na Escola Livre das Artes do Desenho; os canteiros-decoradores tratavam a pedra com a mesma espontaneidade dos canteiros manuelinos.

A decoração, se tem a parte mestra na arcada e no torreão e ainda no corpo chamado «floreira», estende-se por portais e escadarias. O artista principal foi João Machado, mas aí colaboraram José Barata, Anacleto Garcia, João das Neves Machado, José Fonseca, António Joaquim, Alberto Caetano, José Ferreira, etc.

O prof. António Augusto Gonçalves, como impulsionador da arte coimbrã, orientou em Coimbra as obras aqui executadas com destino ao Buçaco. São ainda dele diversas esculturas, num estilo de inspiração e execução romântica, como a figura alegórica da *Vitória* e as outras duas grandes figuras no torreão, na casa dos arcos a *Virgem sentada* com o monge e o letrado, no interior a mulher sentada a ler. Costa Mota-tio tem ali a escultura do Trovador e Costa Mota-sobrinho os bustos dos escritores do grande salão.

Outros artistas completaram a decoração. Jorge Colaço executou os azulejos, com motivos da guerra peninsular no vestíbulo, de descobrimentos e conquistas na escadaria, tomados dos poetas quinhentistas, na galeria. Carlos Reis pintou o largo friso do salão, de cenas românticas, e os *Vencidos*. João Vaz deixou marinhas com temas quinhentistas. António Ramalho e Ernesto Condeixa diversas alegorias.

Pelo lado norte envolve o mosteiro a casa dos arcos, com as referidas esculturas de A. A. Gonçalves, e a sua continuação, decorada dum fresco da Virgem por Manini, em enquadramento neo-romântico.

Pelo lado sul encosta-se ao mosteiro a casa dos brasões pelo arquitecto Norte Júnior, a galeria do arquitecto Soares e a casa dos cedros de Bigaglia.

BIBL. — Fr. João do Sacramento, *Chronica dos Carmelitas Descalços*, tom. II, Lisboa, 1721.

A. Carvalho da Costa, *Corographia Portugueza*, vol. II, Lisboa, 1708.

A. A. da Costa Simões,*Cerca do Bussaco*, em *O Instituto*, vol. IV, 1885, e em separata, *História do Mosteiro da Vacariça e da Cerca do Bussaco*, Coimbra, 1855.

Sousa Viterbo, *Diccionario de Architectos*, etc., vol. III, Lisboa, 1922.

A. P. Forjaz de Sampaio, *Memorias do Bussaco*, 3.ª ediç., Porto, 1864.

Silva Matos & Lopes Mendes, *O Bussaco*, Lisboa, 1874.

A. M. Simões de Castro, *Guia Historico do Viajante no Bussaco*, 4.ª ed., Coimbra, 1908; *Elucidário do Viajante no Bussaco*, 2.ª ed., Coimbra, 1923.

ENCARNADOURO — A capela de Nossa Senhora da Vitória e o *Museu Histórico e Militar da Guerra Peninsular* formam hoje um conjunto.

A *capela das Almas do Encarradouro* e depois do *Encarnadouro* foi fundada por Luís Rodrigues, natural de Santa Catarina da Serra, de Mortágua, assistente no ermo do Bussaco. Veio-lhe a notoriedade por ter servido de hospital de sangue na batalha de 27 de Setembro de 1810. Arruinada, adquiriu-a a câmara de Mortágua em 1859, já para o fim de ser comemorativa da batalha, mas só em 1871 o ministério da Guerra ordenou a restauração, tendo vindo de Luso o primitivo quadro das Almas. Foi benzida a 27 de Setembro de 1876. Encontra-se muito bem arranjada com obras que o mesmo ministério para aqui mandou

O retábulo de mármores segue um tipo final setecentista. Do séc. XVIII é a pintura de *S. Miguel e as Almas*, obra regular. A pequena escultura de madeira, de *Nossa Senhora da Vitória*, graciosa, é do tipo setecentista. Diversas telas se encontram suspensas das paredes: quatro com *evangelistas* e dois santos, do séc. XVIII, reduzidas certamente do tamanho inicial; *Cristo deposto da Cruz* e *Virgem da Anunciação*, dos sécs. XVIII-XIX; duas de *S. Pedro* e *S. Paulo*, do séc. XVIII. Em mísulas, duas pequenas esculturas, seguindo um tipo setecentista, *S. Gertrudes* e *S. João Baptista menino*.

Vieram ainda paramentos de primeira categoria, de seda branca, de bordados de inspiração oriental, a ouro e policromia, representando hastes vegetais, flores e aves, do séc. XVIII. Tem-se atribuído aos jesuitas, talvez só por se ver no véu de ombros o monograma IHS, o que não é razão. Compõe-se o conjunto de duas casulas, duas dalmáticas, pluvial, cobertura de sacrário, veu de ombros com o monograma IHS, frontal com uma águia bicéfala, pano de púlpito e bolsa de corporais.

O museu tem uma boa documentação, à qual se junta uma biblioteca.

O *monumento comemorativo da batalha* ocupa uma posição de cota superior ao Encarnadouro. Concluído em 1873, foi grandemente danificado por um raio em 1876 e restaurado em 1879. Compõe-se dum obelisco, rematado duma estrela de cristal, levantado em alto pedestal e assentando o conjunto em largos degraus. Cercam o monumento e a esplanada duas séries de canhões de bronze, cravados no solo.

PAMPILHOSA

A história de Pampilhosa aparece-nos com obscuridades. No ano de 1117, Gonçalo Randulfes e o filho Telo doaram ao mosteiro de Lorvão a vila rústica de Pampilhosa, cujo termo se delimita no respectivo documento, vendo-se que era uma parte da actual freguesia.

No séc. XII o mosteiro incluía, entre as queixas contra os bispos, o facto de obrigarem os seus homens de Pampilhosa a irem a Vacariça.

Todavia, por doação do bispo D. João Soares, passou com as freguesias de Vacariça e Luso, em 1557, ao colégio conventual da Graça de Coimbra.

IGREJA PAROQUIAL — Tem por titular Sta. Marinha.

O edifício actual deve pertencer à primeira metade do séc. XVIII, seguindo ainda o gosto da transição dos séculos. Severo mas proporcionado, teve alterações modernas e pouco felizes.

As aberturas são ainda rectangulares. A porta principal é dotada de friso e cornija e remate de nicho, que duas aletas acompanham. Domina-a uma fresta quadrada. No nicho, *S. Agostinho* de pedra, do séc. XVII, evoca os últimos padroeiros.

A porta travessa da direita mostra friso e cornija. As janelas dos flancos são quadradas e pequenas. Nos cunhais levantam-se pináculos espessos e pançados. Uma estela discoide, sepulcral, substitui a cruz da empena posterior.

A torre alinha-se com a fachada. Foi erguida dum corpo e com pouca felicidade, vendo-se ainda na parte antiga as ventanas tapadas.

Cobre-se a capela-mor de abóbada curva, de tijolo, bem como a sacristia. Nesta, um singelo lavabo tem o ano de 1750.

No interior do corpo rasgam-se dois arcos fronteiros, destinados a altares.

Os retábulos principal e colaterais, de madeira, pertencem à segunda metade do séc. XVIII; têm duas colunas e pintura a marmoreado. Uma tela, naquele, fecha o camarim e representa o martírio de *S. Marinha*, sendo do século seguinte. O retábulo do arco da esquerda é composto de diversas talhas dos sécs. XVII e XVIII; o da direita, do séc. XVIII, mostra colunitas e suportes em forma de base de hermes.

Destacam-se as esculturas: *S. Marinha*, de pedra, gótica, pequena, dos sécs. XV-XVI, simples; são de madeira as de *S. José*, *Virgem com o Menino* (Rosário), nos colaterais, de tamanho médio, do séc. XVIII, regulares; *Cristo crucificado*, grande, corrente, do séc. XIX, parece que do padre A. Abílio dos Santos, de Sazes; no fronteiro, *S. António*, pequeno, do séc. XVII, inferior mas curioso pelo saco das esmolas.

A pia baptismal e uma de água benta, simples, mostram perfis quinhentistas.

A cruz processional, de prata branca, dos sécs. XVI-XVII, mostra braços planos e de terminações trevadas, nó em urna antiga, sendo todas as superfícies decoradas de tarjas entrelaçadas.

A custódia, de prata dourada, do séc. XVII, de hostiário circular e com leves elementos salientes, é do tipo incipiente de custódia-cálice. As superfícies são decoradas dos elementos correntes.

CAPELA DO SENHOR DO LOMBO — na povoação sede.

Substitui uma octógona, que se levantava um pouco mais acima, destruída em 1900, pela abertura da nova estrada. Construção simples.

No altar colocaram um sacrário de pedra, do séc. XVI, e mutilado. Ergueram-lhe no alto o antigo *Crucifixo* de pedra, do séc. XVI, corrente. Há duas pequenas esculturas de pedra da *Virgem com o Menino*, uma do séc. XVI, renascença, graciosa mas secundária, mutilada, e a outra do séc. XVII, tosca. Não longe da povoação existem traços de outra capela, de Santa Cruz, em cuja base de mesa de altar foram encontrados fragmentos de azulejos de relevo, sevilhanos, do séc. XVI.

CASAS ANTIGAS — Só se destaca a modesta dos Melos, possìvelmente seiscentista, com balcão-varanda sobre pilares. Continua-se-lhe à direita o grande celeiro.

ESCULTURAS — na zona baixa.

Na posse do industrial Sr. Francisco Júlio Teixeira Lopes, cravado numa das paredes externas da sua residência está hoje o *retábulo do Salvador* que Filipe Simões viu na capela da quinta de S. João do Piolho, às Lages, junto de Coimbra.

Pertence ao séc. XIV. Mede: L. 1,24 × × A. 0,81 m. Na faixa central está o *Salvador* ressuscitado. As laterais partem-se em duas, ficando na da esquerda *Cristo crucificado* e a *deposição no túmulo*, na da direita *Cristo descido da cruz* e o *aparecimento a Madalena*.

Há um bronze de Teixeira Lopes, representando um rapaz do povo a despejar uma ânfora, colocado a meio do tanque do chafariz público.

CAPELA — em *CANEDO*, dedicada a S. Lourenço.

Santuário corrente, de corpo e capela-mor, que deve datar do séc. XVII. Alpendre de pilares toscanos, sobre parapeito pleno. Campanário no vértice da empena. Púlpito à direita, de pedra cilíndrico, assente em maciço de alvenaria.

Retábulo da renascença adiantada, do séc. XVII, de calcário; três nichos entre quatro colunas, caneladas, coríntias. Só a escultura do titular, *S. Lourenço*, igualmente pétrea, do séc. XVII, é de melhor categoria, mas corrente.

VACARIÇA

Vacariça, simples freguesia rural em toda a época portuguesa, desempenhou um papel importante na alta idade-média, por intermédio do seu convento. Era este dedicado a S. Salvador e a S. Vicente; titular este último que a igreja paroquial conserva. Deixaremos aqui um breve resumo da sua história, revendo e renovando o que anda escrito.

Tudo quanto os velhos historiógrafos escreveram da sua fundação no séc. VI e do seu designativo de *monasterium bubulense* nenhuma base tem.

A sua fundação não ultrapassa a primeira reconquista, nos sécs. IX e X. Define, com o de Lorvão, o esforço do repovoamento da zona do Mondego.

Se os documentos que lhe dizem respeito só começam em 1002, o exame dos bens que aparecem mencionados posteriormente mostram que teve uma larga expansão, na sua primeira época, na região do Mondego e Vouga.

Depois que Almançor tomou Coimbra (A. 987) e Montemor (A. 990) e que fez a última campanha contra os cristãos, no próprio ano da sua morte (1002), a vida do mosteiro devia ter sido muito precária.

Os documentos (principalmente um de 1040) mostram que o abade Tudeildo cedo entabulou relações com o nortenho Truitesindo, para conseguir viver com os seus monges acima Douro.

Em Dezembro de 1013, a viúva daquele, Dona Unisco Mendes e o filho Oseredo Truitesendes doaram ao mosteiro da Vacariça, na pessoa de seu abade e monges, o mosteiro de Leça, incluindo o de Vermuim e mais possessões. Houve uma confirmação, certamente mais tardia, por outros filhos de Truitesindo, Emena e Foia.

Esta doação foi renovada por aqueles mesmos no ano de 1021.

Não foi pois a invasão do cadi de Sevilha, em 1026, por terras do Mondego, que causou a saída dos monges de Vacariça, como escreveu um historiador contemporâneo.

Depois de ter sido levantado rei (1077) Vermudo 3.º, Dona Unisco e o abade Tudeildo apresentaram a doação à confirmação real.

Falecendo aquela, os herdeiros questionaram o mosteiro de Vermuim, sendo confirmado aos monges pelos juizes e pelo conde Mendo Nunes.

Vindo o ano de 1045, julgou Tudeildo a região do Buçaco em circunstâncias de voltar a ser habitada, posto que ainda não tivessem começado as reconquistas abaixo Douro. Renunciou ao mosteiro de Leça com o de Vermuim e mais bens da doação de Dona Unisco, juntando o de Anta, de fundação posterior, e outros bens adquiridos.

A vida renovou-se na Vacariça, como demonstram diversas doações.

Do ano de 1053 há um documento de sujeição espontânea dos frades de Leça ao mosteiro de Vacariça; todavia esta nova dependência sofreu em 1091 uma certa mitigação.

O mosteiro progrediu e, justamente do ano da reconquista da cidade de Coimbra (1064), resta um inventário dos seus bens entre Vouga e Mondego.

O próprio D. Sesnando, primeiro governador da cidade, lhe doou, em 1086, a povoação de Horta.

Todavia o seu ocaso aproximava-se.

A restauração do bispado conimbricense trouxe diversos problemas, principalmente o da dotação da sua sé. Governando-o o bispo D. Crescónio (o segundo depois da restauração), foi-lhe anexado o mosteiro da Vacariça, em Novembro de 1094, pelo conde D. Raimundo, então senhor de toda a Galiza, incluindo o distrito de Coimbra. Mais tarde à mesma sé foi anexado o de Lorvão e incumbido o governo das antigas dioceses de Lamego e Viseu. Se Lorvão foi restaurado, o mesmo não aconteceu a Vacariça, cujos bens ficaram de vez na sé e o mosteiro totalmente extinto.

A igreja de Vacariça ficou pois reduzida à categoria de simples freguesia do senhorio do bispo e cabido.

No séc. XVI, o bispo D. João Soares, por breve de Paulo 4.º, de 22 de Abril de 1557, doou a igreja de Vacariça, com as suas anexas de Luso e Pampi-

lhosa, ao colégio conventual dos eremitas calçados da Graça de Coimbra.

Pela supressão das ordens religiosas os bens foram incorporados na fazenda nacional e a casa de residência e quintais vendidos, em 1844, a um particular.

Vacariça formou pequeno concelho antigo, tendo foral em 1514.

Em recanto, ao lado da rua principal, ainda se vêem restos da casa da câmara: a parte baixa, com a entrada e a janela gradeada da cadeia.

Pequeno padrão, levantado há anos, por iniciativa de Adelino de Abreu, recorda as tradições da terra.

IGREJA PAROQUIAL — Dedicada a S. Vicente.

Não existe qualquer elemento arquitectónico anterior ao séc. XVII.

Na passagem dos sécs. XVII-XVIII foi reconstruída com a casa de residência. No portão desta lê-se 175 ANOS, que deverá ser 1705, segundo as grafias populares. Na segunda metade do séc. XVIII construiram a torre e fizeram algumas modificações. A obra de talha interna revela os mesmos períodos.

A igreja (orientada de E a W) e a residência (de S a N) formam um ângulo recto. A residência corta a fachada principal do templo, que assim ficou desprovido de porta axial, talvez para se fazer a ligação com o coro.

O templo só tem livre a fachada lateral norte. Rasgam-se nesta duas portas, para homens e mulheres. As janelas foram modificadas na segunda metade do século.

A capela-mor mostra abóbada curva, simples, certamente de tijolo. O corpo cobre-se de madeira.

O púlpito à direita, da primeira metade setecentista, é bastante decorado, com acantos e uma águia na bacia de pedra. Os balaústres torneados e o quebra-voz, de madeira, pertencem à mesma época.

A pia baptismal, com motivos correntes setecentistas, abriga-se numa capela que mostra o arco da mesma época da igreja mas que foi reformada em 1870.

O tecto do corpo, de madeira, reparte-se em quarenta caixotões, com molduras decoradas. Os claros mostram pinturas com cenas da *vida de Cristo* e da *vida da Virgem*, de nível artificianal mas de certo efeito. Pertence o conjunto à primeira metade do séc. XVIII.

O retábulo principal conserva as colunas e os arcos do princípio do séc. XVIII. São aquelas torcidas, umas com parras e outras com grinaldas. Na segunda metade do século alteraram-no fundamente, introduzindo-lhe um trono, nichos, uma águia bicéfala (símbolo dos padroeiros), etc.

Os dois colaterais são ligados por talhas envolventes do arco cruzeiro. Pertence o conjunto ao primeiro terço do séc. XVIII, conserva a douragem inicial e dá grande aspecto de riqueza, apesar de se tratar de talha secundária. Cada retábulo tem quatro colunas, que são torcidas, como os respectivos arcos, e envolvidas de pâmpanos. As talhas do arco cruzeiro são decoradas dos temas correntes.

Destacamos só as esculturas: *S. Vicente*, de pedra, do meado do séc. XVI, regular; *S. Agostinho*, vestido da ordem eremítica, pedra, do meado do séc. XVII, *S. João Baptista*, de madeira, dos sécs. XVII-XVIII; *Virgem com o Menino* (Rosário), de madeira, do séc. XVIII; todas estas obras correntes e de tamanho médio.

A torre, isolada à esquerda da capela-mor, é uma boa obra de arquitectura da segunda metade do séc. XVIII. Compõem-na dois corpos, quatro ventanas, cunhais arredondados e acompanhados de pilastras.

Um dos sinos, dedicado a S. Vicente, datado de 1868, saiu da oficina de José Amaro Dias de Campos, Cantanhede.

A cruz processional de prata branca, de braços rectangulares, nó com colunelos e campainhas, é da segunda metade do séc. XVI.

CAPELA DO CRUZEIRO — na povoação sede. Octógona, com capela-mor rectangular. A frontaria, de cunhais de cantaria, como de cantaria é a cimalha geral, mostra porta rectangular, de friso e cornija, dominada de óculo quadrilobado e alargado. Foi levantada no princípio do séc. XVIII.

As faces internas decoram-se de arcos. Aos lados do arco-cruzeiro cavam-se dois nichos, com santos da ordem dos gracianos, do séc. XVII.

O retábulo é porém da segunda metade do séc. XVIII, com *Cristo Crucificado*, *Virgem* e *S. João*, de madeira e do mesmo tempo, comuns.

Conserva-se na sacristia a cruz de pedra e parte da coluna dórica, em que assentava inicialmente, dos sécs. XVI-XVII, elementos do cruzeiro primitivo que evolucionou para capela.

CASAS ANTIGAS — na povoação sede. A *casa do cruzeiro* é a mais imponente. Pertence ao séc. XVIII, tendo sido ampliada no XIX. O seu brasão é moderno. A dezena de aberturas do andar nobre mostra vergas curvas com cornija a acompanhá-las. A *casa dos viscondes de Valdoeiro*, espaçosa, é uma ampliação duma moradia do séc. XVII, com aberturas rectangulares, de vergas de friso e cornija. Numa rua secundária, que fica perto da primeira casa, vê-se uma de dois pisos, de vergas curvas nas aberturas, do fim do séc. XVIII ou já do seguinte.

BIBL. — António Brandão, *Monarchia Lusitana*, III parte, Lisboa, 1632.

Leão de S. Tomaz, *Benedictina Lusitana*, T. I, Coimbra, 1644.

Pedr'Alvares Nogueira, *Catalogo dos Bispos de Coimbra*, em *Instituições Christãs*, ano VII, 2.ª sér., Coimbra, 1889.

Miguel Ribeiro de Vasconcelos, *Noticia Historica do Mosteiro de Vacariça... e serie chronologica dos bispos*, fasc. I, Lisboa, 1854.

A. A. da Costa Simões, *História do Mosteiro da Vacariça e da Cerca do Bussaco*, em *O Instituto*, 1855-56 e separata.

Portugaliae Monumenta Historica — Diplomata et Chartae, Lisboa, 1867.

Adelino de Melo, *Subsidios para a História do Concelho da Mealhada, Da Minha Carteira*, colectânea de pequeno valor, de folhetins do jornal *Bairrada Elegante*.

CAPELA DE S. BENTO — na povoação de *SANTA CRISTINA*.

O lugar de Santa Cristina exige certas considerações históricas.

No ano de 933, Ramiro II de Leão deu metade da igreja, isto é, da vila rústica encabeçada na capela, ao mosteiro de Lorvão. Como se indicasse no documento a sua situação em relação à cidade dum modo equívoco (*et ipsa ecclesia secus murum ciuitatis conimbrie* e ainda *testamentum de sancta christina de colimbria ad portam de almedina*) os velhos arqueólogos conimbricenses julgaram que se tratava duma igreja citadina (sem traços materiais nem documentais, no que não atentaram), tal como fizeram relativamente a S. Cucufate, o da Moita. Basta ver a referência que há a documento anterior, que é o da doação do presbítero Fradilano, e que outras porções de Sta. Catarina vieram à sé já depois da união. A relação dos bens do mosteiro, de 1064, menciona as duas aldeias do mesmo nome que possuía: esta da Vacariça (*Sancta christina cum adiectionibus suis*) e a da freguesia de Espinho, concelho de Mortágua (*Sancta christina de mortalago*). As indicações de situação vagas e mesmo equivocadas são frequentes nos documentos medievais; a própria Vacariça é dada no séc. XI como estando na bacia do Mondego em vez do Cértoma, confusão fácil, pois que é próxima a linha de separação de águas das duas.

Posto que a rocha local seja o grês, as cantarias da capela são de calcário.

Edifício da construção comum regional, com corpo e capela, breve torre do lado da testeira. As duas principais renovações estão indicadas em letreiro, 1667 e 1849, tendo sido esta a que lhe deu o carácter presente, posto que já houvesse obras posteriores.

O altar limita-se a pequeno nicho de calcário, renascença, do séc. XVI avançado. Do mesmo tempo é a escultura de pedra do padroeiro, *S. Bento*, obra corrente.

CAPELA — em *LOGRASSOL*. O orago é Sto. António.

Edifício modesto, reconstruído na segunda metade do séc. XIX.

Conserva o antigo retábulo de calcário e do séc. XVII. Quatro pilastras caneladas dividem-no em três panos; cada um cavado de nicho, sendo maior o central; o entablamento é direito. *Sto. António*, igualmente de pedra e seiscentista, é trabalho comum, como o retábulo, e comuns são as outras esculturas.

CAPELA — em *SERNADELO*, de Sta. Eulália.

Reconstruiram-na em 1902, com certo equilíbrio e renovaram o mobiliário. Havia duas esculturas antigas de pedra, S. Sebastião e Sta. Eulália, que foram roubadas.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO — em *TRAVASSO*.

Edifício modesto, de corpo e capela-mor, como vulgarmente se encontram nesta região, na transição dos sécs. XVII-XVIII.

Está datada na porta lateral, de 1738.

A frontaria compõe-se de porta rectangular, com verga de friso e cornija, de dois postigos a ladeá-la e de um outro a iluminar o coro alto, todos rectangulares e simples.

Ergue-se à sineirita à esquerda, servida por escada exterior. Decoram-lhe a frente ornatos em SS ligados, usuais ao tempo.

O tecto é de caixotões de madeira, com pinturas artificianais do séc. XVIII, representando rótulos que encerram paisagens sumárias.

O retábulo, corrente, pertence ao séc. XVIII.

Depois da nossa visita demoliram-na, para construirem ao lado do espaço antigo uma coisa sem qualquer carácter.

Posto que o seu estado fosse precário, tinha consolidação fácil, como lhes foi indicado por arquitecto que propositadamente ali levámos.

VENTOSA DO BAIRRO

Ventosa pertenceu ao mosteiro de Vacariça, como se vê do inventário de 1064.

Tendo passado os bens do mosteiro para a sé (1094), surgiu no governo do bispo D. Gonçalo (1112-1125) uma questão entre esta e Alvito, Pedro e Nuno Alvites que se julgavam com direito a uma certa porção ou rendimento de Ventosa e que já estava consignada à mesa canonical. Acabou por uma composição, ficando eles a disfrutar os bens durante a vida mas passando pela sua morte para a sé.

A povoação de Antes (Ailantes-Aiantes-Antes) é referida naquele mesmo inventário do séc. XI, tendo então a sua igreja ou, melhor, a sua capela a invocação de S. Felix.

O mosteiro de Celas tinha na freguesia alguns casais isolados.

O pároco era da apresentaçāço alternada do romano pontífice, do bispo e do prior de S. Salvador de Coimbra.

IGREJA PAROQUIAL — Tem por titular Nossa Senhora da Assunção.

Se o arcabouço do edifício pertence ao princípio do séc. XVIII, sofreu todavia grande reforma no fim do mesmo século.

Lê-se na porta principal: PVLSATE.APERIETVR VOBIS.1702. Todavia o 0 da centena tem incluído um 9. Não é fácil ver se é duma emenda que se trata, ou se aproveitaram, no fim do século, o letreiro, actualizando-o para 1792.

A porta principal bem como a lateral da direita são de verga direita e cornija e pertencem à primeira fase. A janela do coro é da segunda.

A torre, posta à direita da fachada, foi alteada contemporâneamente; deixando-se ainda ver as ventanas antigas mas fechadas. Reempregaram a cornija antiga que mostra nos ângulos restos de gárgulas cilíndricas.

O retábulo principal e os dois colaterais, de madeira, são do neo-clássico, do séc. XIX, e foram repintados recentemente.

Destaca-se a escultura de pedra, da padroeira, *Virgem com o Menino*, da primeira metade do séc. XV, obra muito regular, e um *S. Sebastião*, dos sécs. XV-XVI, inferior.

O púlpito, do princípio do séc. XVIII, tem desenvolvida bacia, decorada de duas ordens de acantos alastrados e uma águia na inferior.

A pia baptismal é do séc. XVI, renascença, decorada de grinaldas tanto na taça como no pé. A teia da entrada do seu reduto é de balaústres espiralados, de castanho, do princípio do séc. XVIII.

Há uma estante de missal, de incrustações de madrepérola.

CRUZEIRO — na povoação sede. Templete de plano quadrado; quatro colunas dóricas sobre pedestais sustentam a cobertura em forma de cúpula. Esta é internamente de quatro nervuras e os claros decorados. Uma estatueta masculina remata o conjunto. Falta a coluna da cruz. Pertence ao séc. XVII.

CASA ANTIGA — na mesma povoação sede.

Ampliada e renovada, de modo a continuar a dar bom efeito, a um dos lados de terreiro que velhas árvores ensombram, datará na parte mais antiga do séc. XVII. A capela privativa encosta-se de topo, à direita, abrindo-se, pois, no flanco a porta. O seu vão rectangular, de friso e cornija, tem breve remate, onde se lê a data de 1693. Grava-se no friso:

BEATA MATER & INTACTA VIRGO GLO
RIOSA REGINA MVNDI INTERCEDE PRO
3 NOBIS AD DOMINVM

Há sineirita decorada de molduras. O retábulo de madeira, de colunitas torcidas e arcos, é do séc. XVII final.

MOTIVOS ARTÍSTICOS — em *ANTES*. A capela de S. Brás foi modernizada. Há restos quinhentistas a formar a verga da porta travessa e a da sacristia. *S. Brás* e *S. Pedro* são esculturas de madeira, pequenas e correntes, do séc. XVIII.

Em rua transversal ainda existe uma capela transformada em pobre habitação que foi de instituição de casa particular. As próprias cantarias estão em mau estado. Era dotada de corpo e capela-mor, porta principal e uma travessa, ambas rectangulares, de friso e remates decorados, nos quais há letreiro que as sucessivas caiações não permitem ler do plano

da rua. Datava de 1755. Em beco fronteiro restam quatro vãos rectangulares e de cornija do único piso, o de rés-do-chão.

ARINHOS — A capela ficava no campo chamado Rossio. Demolida há anos, para sua inteira reconstrução, não passou dos alicerces. Além de pequena e singela, era de reforma do século passado, lendo-se na antiga verga a data de 1870.

CONCELHO DE OLIVEIRA DO BAIRRO

FREGUESIAS:

OLIVEIRA DO BAIRRO

O senhorio de Oliveira do Bairro foi dado pelo rei a Telo de Meneses, mordomo-mor da rainha D. Isabel, esposa de D. Afonso V; o qual foi casado com D. Maria de Sousa, filha do 18.º senhor da grande casa de Sousa.

Telo era filho de Fernando de Meneses, 3.º senhor de Cantanhede, e questionou esta casa com o sobrinho Pedro de Meneses, o primeiro conde, recebendo Oliveira, como compensação dada pelo rei.

Passou o senhorio ao filho João Telo e ao neto Telo de Meneses, que faleceu sem descendência. Este último era bisneto do referido 18.º senhor da casa de Sousa, Diogo Lopes de Sousa, partidário de D. João I, que, em 1398, lhe fizera larga doação, na qual entrava a vila de Miranda do Corvo, doação que ficou a constituir o grosso da casa.

A seguir vamos encontrar o senhorio de Oliveira em diferente ramo dos Sousa, em Henrique de Sousa, bisneto também do mesmo 18.º senhor da casa de Sousa; sucedendo-lhe o filho Diogo Lopes de Sousa (homónimo daquele tronco e de diversos indivíduos da mesma casa). O herdeiro desapareceu no desastre de Alcácer Quibir. Em contraste, os seus bens aumentaram com a grande casa de Sousa.

Esta casa tinha recaído no menino Manuel de Sousa. Faleceu de sete anos «de saudades pela ausência da mãe, que se havia recolhido no Mosteiro da Madre de Deus». Houve diversos pretendentes, todavia foi julgada vaga para a coroa, por sentença de 27 de Março de 1574, conforme a lei mental.

O cardeal-rei D. Henrique fez, porém, mercê dela a Diogo Lopes de Sousa, senhor de Oliveira que era dos parentes mais chegados à linha directa, como concomitantemente acontecia com sua sobrinha D. Brites de Vilhena, casada com Fernão de Sousa, comendador de Alpalhão. Deu-lhe ao mesmo tempo a faculdade de a poder transmitir ao sobrinho Henrique de Sousa, com a cláusula de casar com D. Mécia, filha da acabada de referir D. Brites, o que se verificou.

Henrique de Sousa foi o primeiro conde de Miranda do Corvo.

Seu filho Diogo Lopes de Sousa, segundo conde, veio a suceder na comenda hereditária de Sôza (conc. de Vagos), como diremos tratando desta freguesia, e por esta forma alastrou nesta região o domínio dos condes de Miranda. Foram eles mais tarde criados marqueses de Arronches e vieram a ser por aliança duques de Lafões.

A vila teve foral manuelino a 6 de Abril de 1514, no qual, segundo Franklin, se trata das terras: Barro do Mogo, Lavandeira, Montelongo, Paradela, Repolão.

IGREJA PAROQUIAL — na vila. Dedicada a S. Miguel arcanjo.

Construção vasta do meado do séc. XVII, de bastante largura e altura, mas sem o bom gosto construtivo de outras da região e do mesmo tempo.

A fachada e a torre, à sua direita, são novas, do último quartel do séc. XIX.

O arco cruzeiro forma um grande vão; os seus colaterais, cavados nas paredes e destinados a retábulos, acompanham-no em altura, tendo ficado todos com os arranques ao mesmo nível. Os respectivos pés direitos e voltas, cujas faces são repartidas aos rectângulos, mostram florões, almofadados e recruzetados.

Assenta no arco cruzeiro um nicho rectangular, com tosca escultura de *S. Miguel*, do século seguinte. No fecho do arco desenha-se o escudo nacional.

Além destes arcos colaterais há dois mais nas paredes dos flancos, fronteiros, decorados da mesma forma, tendo porém cantoneiras a acompanhar as curvas dos arcos e rematando o conjunto em cimalha geral direita.

O coro alto assenta em três arcos com colunas dóricas.

O verdadeiro interesse da igreja encontra-se nos cinco grandes retábulos de madeira dourada. O principal, que é dum barroco de transição, pertence aos sécs. XVII-XVIII. Os quatro da nave, saídos da mesma oficina, executados no barroco incial são do último terço do séc. XVII. Têm estes composições paralelas duas a duas.

Os retábulos dos arcos dos flancos mostram ainda o tipo derivado das composições clássicas, daquelas em que as colunas se encontram num só plano perpendicular, produ-

zindo um arco central e dois intercolúnios laterais. O arco já assenta porém nos extremos dos intercolúnios, invade e integra-se no remate; sendo este formado de duas pilastras misuladas que enquadram baixos-relevos. As quatro colunas são espiraladas, decoradas de hastes de vide e assentam em pedestais, cuja frente é lavrada de baixos-relevos agiográficos.

Os retábulos colaterais ao arco cruzeiro tiveram uma composição diferente, para se acomodarem ao espaço, muito elevado em relação à largura. São igualmente de tipo plano, formados de dois corpos sobrepostos, de igual desenho: duas colunas torcidas e de pâmpanos e entablamento direito. A parte baixa encerra uma escultura, a alta um grande baixo-relevo.

O artista figurativo tratava melhor os baixos-relevos, de pequeno e grande formato, que as esculturas independentes, que são de movimentos duros e de panejamentos cingidos ao corpo. Há duas grandes: *Virgem com o Menino* (Rosário), no da esquerda, *S. Sebastião* no da direita. Corresponde àquela o grande baixo-relevo da *Assunção*, a esta a degolação duma santa.

As esculturas dos outros dois retábulos são posteriores. No do evangelho um grande *Cristo* crucificado, movido, e *S. Miguel* e um santo bispo, de tamanho corrente. No da epístola, *Virgem da Assunção*, meio ajoelhada, que anjitos suportam, formando-lhe como que a base, obra inferior.

O altar-mor, da primeira metade do séc. XVIII, pertence ao tipo reentrante evolucionado. As colunas exteriores têm os costumados pâmpanos; as centrais mostram o cavado das espiras cheio por uma fita em movimento espiralado também, composição para que o entalhador não tinha suficiente capacidade. Não são ainda dotadas da divisão dos terços inferiores. A grande tribuna encerra um desenvolvido trono; os respectivos degraus cobrem-se dos ornatos do tempo, havendo grandes águias a decorar os ângulos da primeira zona e na segunda volutas salientes. A apresentação geral é redundante mas de execução artificianal.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DOS AFLITOS — na saída da vila.

Reconstruída em 1860 por Josefa Joaquina Salgado, no dizer duma lápide da frontaria, segue um tipo tradicional.

O retábulo de madeira, do final setecentista, com alguns ornatos concheados, tem, em lugar de colunas, pilastras de corpo piramidal invertido.

Na saída de nascente vê-se uma outra capela, alta, moderna, dedicada a S. Sebastião, sem interesse para este inventário.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO — no *REPOLÃO*.

O povo ora lhe dá o título de Senhora das Candeias (Purificação) ora da Saúde, fundado nas respectivas imagens que lá se encontram.

Levanta-se isolada, em plano superior ao da aldeia.

Deve datar a sua reconstrução dos sécs. XVII-XVIII. A porta principal, de verga direita e cornija, é acompanhada de postigos. A meio da fachada pequena sineirita.

A escultura antiga é de pedra, do séc. XV, a *Virgem com o Menino* no braço esquerdo, ao qual oferece um pomo.

BIBL. — A. Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tom. 12, part. 1.ª, Lisboa, 1747.

B U S T O S

IGREJA PAROQUIAL, dedicada a S. Lourenço.

Tendo esta freguesia sido desanexada de Mamarrosa em 1920, a igreja não é mais que a modesta capela da povoação que foi ampliada.

O arco cruzeiro tem a data de 1733. Dessa época, ou não muito anterior, é a bacia de pedra do púlpito, assente numa só mísula.

A reconstrução da fachada foi feita pela irmandade das Almas, em 1938. Colocaram no pequeno nicho superior à porta uma escultura de pedra, de *S. Lourenço*, de pequeno tamanho, vestido de diacono, do séc. XVI, renascença, obra artificianal.

O pequeno altar-mor mostra duas colunas salomónicas. Encerra duas esculturas de madeira, correntes, do séc. XVIII, *S. Lourenço* e *St.º António*.

Há uma *Virgem sentada*, aleitando o menino, do séc. XVIII, de madeira e pequeno tamanho, graciosa, repintada e já com leves modificações na cadeira e na base.

Na altura da impressão deste volume trata-se da construção de outro edifício, vasto e convenientemente localizado.

M A M A R R O S A

Deve poder-se identificar o sítio da actual povoação com a Mâmoa-Rasa, onde havia a ermida de S. Romão (*ubi dicunt Mamoa rasa ubi est illa heremita que uocitant sancti romani*), das confrontações das vilas rústicas de Levira e Lázaro no documento de 1 de Dezembro de 1020.

A região de Mamarrosa foi doada a Santa Maria de Rocamador por D. Sancho II. Confirmou-a D. Afonso III a fr. Ugo, prior de Sôza, *ordinis monasterii S. Marie de Rupe Amatoris*. Os territórios nesta região abrangiam Bustos e Palhaça.

Ficou ligada a Sôza, conhecendo os mesmos senhorios, que adiante se referem, a tratar daquela freguesia, no concelho de Vagos.

O pároco, simples cura, era da apresentação do reitor de Sôza, como era próprio de freguesia que dali tinha sido desligada.

Por sua vez, desta freguesia de Mamarrosa foi separada, já no sec. XIX, a de Palhaça e, no presente, a de Bustos.

IGREJA PAROQUIAL — dedicada a São Simão, apóstolo.

Construção geral do meado do séc. XVIII, harmoniosa, com boa fachada e uma elegante torre sineira, a de mais agradável aspecto de toda a Bairrada.

A data gravada numa porta interna (*No A. 1747 A.*) deve ser indicação média da construção. Lê-se também numa exterior de certo anexo a de 1757.

O interior, desenvolvido em altura, tem dois arcos cavados nas paredes colaterais ao do cruzeiro e mais outros dois nas paredes dos flancos.

Além da porta principal rasgam-se no corpo duas travessas, cada uma dominada da única janela desse lado.

Todos os cunhais são de cantaria, sob a forma de pilastra dórica, correndo em sub-beiral uma cornija, igualmente de cantaria; em cada cunhal assenta um delicado pináculo e no vértice das empenas uma grande cruz, produzindo estas e aqueles um efeito que a fotografia não acentua convenientemente.

A frontaria fica enquadrada pelos cunhais e pelo entablamento que a atravessa horizontalmente. A empena é vincada pela cornija, abrindo-se pequeno óculo no triângulo que assim se produz.

A porta forma composição com o nicho superior; o vão, de verga curva, é acompanhado de pilastras dóricas que suportam entablamento direito e frontão interrompido, cujos ramos respectivos enrolam ao meio; daqui se levanta o nicho, enquadrado de pilastras misuladas, jónicas, com friso direito e cimalha de frontão curva. Ao lado do mesmo nicho rasgam-se as duas amplas janelas do coro. Tanto os peitoris como as vergas são de traçado curvo. No nicho colocaram pequena imagem de *S. Simão*, de pedra, do séc. XV e popular.

Encosta-se a torre ao lado direito da fachada. O baptistério cava-se-lhe na sua parte baixa. O acesso faz-se, como noutras da região, por escada exterior, helicoidal, posta no ângulo reentrante que a mesma torre faz com o edifício. Consta de dois corpos; o primeiro que alcança o nível do vértice das empenas; o segundo que é o dos sinos. Tem este as esquinas tratadas na forma dórica, assentando nelas entablamento envolvente e saindo dos ângulos da respectiva cornija gárgulas cilíndricas. Nos ângulos erguem-se altos pináculos. A cobertura, de plano octógono, levantada num sóco, é ligeiramente ovalada no alçado; remata-a desenvolvido e decorativo lanternim. Deve-se acentuar que esta torre é obra rara na arquitectura rural.

As portas travessas têm traçado curvo tanto na verga como na cornija que acompanha cada uma. As janelas que se lhe sobrepoem, bem como as da capela-mor são igualmente curvas nas vergas e no peitoril.

O conjunto construtivo que forma o coro alto é robusto e agradável; grande arco abatido, em posição frontal, e, em esquadria com ele, dois pequenos, servindo o da direita de entrada da capela baptismal.

O púlpito, à esquerda, de bacia de pedra alongada, mostra a evolução do tipos regionais. O anteparo de madeira deverá datar do século seguinte.

O lavabo da sacristia segue aquela composição arquitectónica em que o frontão é interrompido e os seus ramos, curvilínios enrolam ao centro. Sobre o arcaz da mesma, um

nicho de pedra, num tipo setecentista corrente.

A pia baptismal é dos sécs. XVIII-XIX; os benedictérios semelham uma grosseira concha.

Todos os retábulos são já de épocas bastantemente posteriores ao edifício. O principal é tratado em neo-clássico, do séc. XIX, de grande camarim e um par de colunas por lado. Ficam-lhe nos intercolúnios duas esculturas de madeira, grandes, em tipo setecentista final, mas devendo já pertencer ao princípio do seguinte, contemporâneas do altar: *S. Simão* e *St.ª Marinha*.

Os quatro outros retábulos imitam os setecentistas finais mas são já do séc. XIX avançado, e secundários.

Há esculturas de madeira, do tipo setecentista da segunda metade, factura corrente e grande tamanho: *Ecce-Homo*, *Virgem e o Menino* (Rosário), colocados nos colaterais; *S. Sebastião* e *Trindade*.

O retábulo que se insere no arco do corpo, à esquerda, mostra uma pintura das *Almas* com a *Trindade* no alto, popular.

CRUZEIROS — na povoação sede. Vimos dois, renovados; conservando um o soco largamente chanfrado, de 1670, coluna dórica antiga, mas de aparelho avivado em 1904, o resto novo; outro guardando a base setecentista, curva em alçado, mas renovado e completado em 1949.

O I Ã

Foi do senhorio da casa Arronches-Lafões, o mesmo da sede do concelho, que tinha o direito de apresentação. Démos ali a história resumida destes donatários.

IGREJA PAROQUIAL — do titular de S. Tomé apóstolo.

Vasta construção que, segundo o letreiro da porta, foi INAUGURADA / NO DIA 27 DE OUTUBRO DE 1901.

A capela-mor, uma primeira vez construída, foi alargada para oferecer suficiente espaço ao grande retábulo.

A igreja antiga ficava no terreno fronteiro, disposta paralelamente à estrada, no espaço livre onde se encontra o cruzeiro moderno.

O valor da igreja reside nos retábulos e nas pinturas que para ali foram levadas do mosteiro de St.ª Ana de Coimbra, de eremitas agostinhas.

Adaptado o retábulo ao novo sítio sem modificações, faremos por isso a descrição usando das palavras dum monografista do mosteiro, actualizando só a ortografia: «começa a obra do retábulo, que cresce quanto a parede se eleva, e toma toda a largura da capela, que é a mesma da igreja. Nos quadros (de cantaria que não foram levados para a nova igreja) assentam os pedestais de quatro colunas retorcidas, que chamam salomónicas, revestidas de troncos com folhas, flores e frutos, as quais vão receber e sustentar a cimalha do altar, que de uma e outra parte fecha na da igreja: sobre aquela pousam, correspondentes às colunas, dois arcos concêntricos, que fazem volta de um para outro lado do retábulo. O maior cínge-se ao tecto da igreja; abre-se debaixo do outro um grandioso camarim guarnecido pelo interior de formosa talha com ressaltos e florões. Dentro está um magestoso trono... Pisa o fecho deste segundo arco um grupo de duas apessoadas imagens em alto relevo, que, ao parecer, representam os felicíssimos pais da Virgem Maria, os *santos Joaquim e Ana*.

«Toda a obra deste retábulo é da mais primorosa e engraçada marcenaria, tão cosida em ouro brunido, que outra cousa se não vê nele. Entre aquelas colunas, que se elevam, duas de cada lado do retábulo, pousam sobre peanhas da mesma talha e estilo, de que toda a obra é, duas imagens de estatura ao natural... A da parte do envangelho é do patriarca *Santo Agostinho;* corresponde-lhe na parte da epístola a de *S. Tomás de Vila Nova*.

«No centro do retábulo, logo abaixo do camarim, estão outras duas imagens de estatura mediana, encostadas a uns pequenos espaldares, também de marcenaria, e postas sobre um friso cortado ao meio pelo sacrário... São estas imagens uma da *Virgem* imaculada, a outra da gloriosa *S. Ana*».

O trabalho de madeira é do nível corrente em Coimbra na última vintena do séc. XVII. O retábulo tem mérito não só por ser de grande tamanho, como por apresentar uma fase da evolução da arquitectura retabular desta época. O seu tipo é ainda de um só

plano perpendicular, de dois intercolúnios a ladearem o vão central; correspondem às colunas arcos, que ainda não são torcidos, não passando de fortes cordões, o interno ornado de querubins, o segundo de temas geométricos, vazados. O espaço entre estes arcos é plano, repartido por cinco sectores, encontrando-se no do meio o baixo-relevo indicado pelo escritor transcrito.

As colunas espiraladas têm parras. São rectangulares os respectivos pedestais.

As esculturas que ficam abaixo do camarim, em melhor referência, são: *S. Joaquim e a Virgem, St.ª Ana e a Virgem.*

Vêem-se hoje poisadas sobre a base do trono *Nossa Senhora da Conceição* e *St.ª Mónica*, de madeira e de época aproximada.

Na igreja há duas capelas, relativamente fundas, fronteiras, abertas nos flancos do corpo. Os seus retábulos são iguais, de madeira entalhada e dourada, no tipo reentrante, de quatro colunas salomónicas e arcos torcidos, com parras, dos sécs. XVII-XVIII. Deviam ter vindo igualmente do mosteiro, aonde havia três capelas no corpo, das quais diz o monografista: «todas correspondem entre si na marcenaria dos retábulos».

Foi igualmente levado do mosteiro de Santa Ana de Coimbra o cadeiral que, evidentemente, não está como ali se encontrava. O mesmo escritor descreve-o: «Vestem as paredes até ao meio ricos espaldares de boa madeira, que servem de ornato a muitos paineis simètricamente neles encaixilhados, uns maiores outros menores. Duas ordens de cadeiras correm por um e outro lado do coro; uma encostada aos espaldares e unida com eles, e outra mais em baixo, no plano do coro. Os espaldares são dourados, as cadeiras não têm ouro nem pintura. São por todas noventa e quatro».

O conjunto de marcenaria, que é austero, abstraindo dos quadros e douradura dos espaldares, era equivalente ao do mosteiro de Celas, da mesma época.

As cadeiras (que não representam o conjunto monástico) foram aproveitadas de diverso modo. Estão umas na capela-mor, dispostas como cadeiral; outras foram adaptadas a confissionários, e algumas se encontram sem aplicação.

Os espaldares com os quadros servem de ornato à capela-mor e às duas capelas do corpo.

Trata-se de pinturas da primeira metade do séc. XVII, de artista coimbrão, que copiou em parte e interpretou pinturas anteriores. Pintura de tipo artificianal, agradável, mas servindo só para indicar a mera actividade dos artífices locais.

Sob cada quadro maior há um pequeno, a formar banqueta. Os quadros correntes correspondiam a uma cadeira; os quatro maiores, a duas. Já o monografista, como ficou transcrito, se referia às diversas dimensões.

Dispõem-se na capela-mor os quatro maiores acompanhados de dois menores, à maneira de tríptico com predela.

Ao lado da epístola vê-se: 1) a *Assunção da Virgem*, com os menores, *St.ª Catarina de Pazzi* e *St.ª Luzia*, tendo sob aquele central o *Aparecimento de Cristo a Madalena* (em cuja paisagem do fundo os apóstolos *St.ºs Pedro e João junto ao túmulo*) e sob os outros *St.ª Inês* e *St.ª Catarina de Alexandria;* 2) a *Adoração dos Magos* ladeada de *St.º Agostinho*, vestido da ordem eremítica, e de *S. Sebastião*, na banqueta *S. Paulo no caminho de Damasco* entre *St.ª Águeda* e *St.ª Escolástica*.

Ao lado do evangelho: 3) *Anunciação* acolitada de *S. Bento* e de *S. Luís*, rei de França, e em baixo, *Fuga para o Egito*, com *St.ºs Inácio* e *Francisco Xavier*, juntos num só quadro, *St.ª Cecília* ao lado oposto; 4) *Casamento da Virgem*, acompanhado de *S. Brás* e de *St.º Estêvão*, tendo na banqueta, *Senhora do Leite* em meio de anjos e ainda de *S. Pedro de Alcântara* e *S. João Baptista*, havendo a cada lado, *St.ª Apolónia* e *St.ª Luzia*.

Na capela da epístola: 5) a um lado, os apóstolos *St.ºs Tiago-maior, Bartolomeu* e *Filipe*, subpondo-se-lhes respectivamente, *St.ºs João de Sagun, Gregório Magno, Carlos Borromeu;* 6) ao outro, *St.ºs Mateus, Tiago-menor, Tomé*, na predela, *St.ªs Rita de Cássia, Comba, S. Lourenço Justiniano.*

Na capela do evangelho: 7) os apóstolos *St.ºs Paulo, André, Matias*, e inferiormente, na mesma ordem, *St.ªs Bárbara, Eufémia, St.º Amaro;* 8) *St.ºs Simão, João Evangelista, Pedro*, com *St.ªs Brígida* e *Clara*, juntas, a *Piedade, S. Fulgêncio.*

Acima dos simulados trípticos da capela-mor colocaram avulsamente outros quadros,

independentes da série do cadeiral: *S. Francisco abraçado por Cristo crucificado, Baptismo de St.º Agostinho, Onze-mil Virgens, Aparição de Cristo a santos.*

Entre as esculturas soltas anotamos umas pequenas de madeira, do séc. XVIII: *Virgem do Calvário, St.ª Rita de Cássia, Virgem com o Menino, S. José, St.º António*, obras comuns e de diversa categoria.

Em marfim: *Senhora da Conceição*, do séc. XVIII, *Cristo crucificado*, anterior, ambas pequenas e comuns.

Conserva a igreja uma custódia de prata dourada, do princípio do séc. XVII, cujo mostruário se compõe de dois pares de colunas e de hostiário em forma oval. Faz parte do pé um cálice, que deverá ser adjunção do fim do mesmo século; é liso, enquanto as superfícies da parte mais antiga são decoradas.

CRUZEIRO — em *OIÃ*. Tipo de templete, de planta quadrada, com quatro colunas dóricas, cúpula robustecida internamente de dois arcos cruzados, dispostos segundo a diagonal, coluna central, moderna. Sendo do séc. XVII foi muito restaurado em 1940.

CASA ANTIGA — em *OIÃ*. Construção da segunda metade do séc. XVIII, dum só piso, a arruinar-se. Na frente, alpendre de pilares levantados em parapeito; na outra face, duas janelas com o peitoril recortado, havendo pequeno nicho intermédio.

CAPELA DE SANTA MARGARIDA — em *ÁGUAS BOAS*. Edifício corrente, com torre à direita da fachada, obra dos últimos tempos.

No conjunto que forma o altar foi incluído um pequeno retábulo, de colunas salomónicas, dos sécs. XVII-XVIII.

A titular, *St.ª Margarida*, representada a sair do monstro, é de calcário, pequena, obra corrente do séc. XV. Há uma *Virgem com o Menino*, do séc. XVI, renascentista, igualmente de pequeno tamanho e comum.

CRUZEIRO — em *PERRÃES*. Tipo de templete, com base quadrada do séc. XVII.

Quatro colunas toscanas sobre pedestais sustentam o entablamento. A cobertura é posterior. Ao centro pilar levemente pançado e cruz moderna. A primitiva situação não era exactamente a actual.

Na mesma povoação há capela moderna, dedicada a Nossa Senhora das Febres, com recheio igualmente moderno. Sucedeu a outra da povoação, em lugar diverso, de certa tradição devocional.

P A L H A Ç A

Deixámos dito em Mamarrosa que esta freguesia lhe foi desanexada no princípio do séc. XIX e que fazia parte do território doado a Santa Maria de Rocamador.

IGREJA PAROQUIAL — do título de S. Pedro. Situada na povoação sede.

A sua história conta-a uma lápide, cravada na parede externa da capela-mor, à parte do evangelho.

FOI LANÇADA A PRIMEIRA
PEDRA NESTA CAPELA M
OR A 25 DE 7BRO.D.1837,EM
1831 FOI ACRECENTADA A IG(REI)A
5 E DEZANEXADA DA MATRIS
EM MDCCCIV.PARA.MEMORIA DE
VINDOVROS T. N. O FES

Vê-se, pois, que tendo sido criada a freguesia em 1804, fizeram um corpo à capela anterior em 1831, renovando a capela-mor em 1837. Foi ùltimamente reparada (1949-50).

As partes mais antigas são o arco cruzeiro e dois pequenos, nos flancos, destinados a retábulos cujas faces são decoradas de almofadas corridas, partes estas que deverão corresponder àquelas primeiras obras. Ainda antiga é a porta travessa, de friso e cornija, que poderá ser da capela anterior.

A igreja é pequena. A frontaria, mostrando a torre à direita, foi renovada no princípio do presente século.

O retábulo principal e os dois colaterais ao cruzeiro são em néo-clássico, da primeira metade do séc. XIX; tendo aquele quatro colunas compósitas e estes duas. Os dos arcos são de pequeno interesse. As esculturas são novas: a de *S. Pedro*, representado como sumo-pontífice, é de madeira, séc. XVIII, de pequeno interesse.

CRUZEIROS. Na entrada poente levanta-se um, de coluna dórica e sôco em paralelipipedo chanfrado, aonde se lê *1733 Annos*.

No adro, em frente à porta principal, há outro, que conserva a base setecentista, de tipo pançado.

T R O V I S C A L

Foi do mesmo senhorio de Oliveira do Bairro, donde devia ter sido desanexada, pois que o prior lhe ficou a apresentar o pároco.

IGREJA PAROQUIAL — do titular de S. Bartolomeu apóstolo.

A data gravada na porta, 1767, corresponde à reconstrução geral, posto que se viessem a fazer obras posteriormente.

A frontaria tem cunhais em forma de pilastras, cimalha direita a separar o triângulo da empena, cortando-se neste um óculo de quadrifólio evolucionado. A porta possui verga curva, sobre cuja cimalha assenta um nicho de pilastras e frontão interrompido. Na altura deste ragam-se as duas janelas do coro, que também são de verga curva.

Liga-se-lhe à esquerda a torre, de pequena altura, mostrando gárgulas cilíndricas nos ângulos da cimalha e uma cobertura piramidal, muito posterior.

No referido nicho colocaram um pequeno *S. Bartolomeu*, de pedra, séc. XV, obra popular.

Rasgaram no interior, além do arco cruzeiro, dois colaterais ao mesmo e outros dois nos flancos, em posição fronteira.

Há duas portas travessas simples e duas janelas no corpo e duas outras na capela-mor, em arco rebaixado.

O púlpito, do mesmo tempo, fica à esquerda. Ao mesmo lado a pia baptismal, sob a torre.

Os cinco retábulos seguem um tipo setecentista, sendo já do séc. XIX.

O tecto do corpo, de madeira, reparte-se aos caixotões, formando nove série de cinco. Pintado no gosto setecentista final, por artista corrente, mostra rótulos concheados encerrando ramos florais.

O coro alto apoia-se em pilares, com pia de água benta circular.

A custódia de prata branca e dourada na parte envolvente do hostiário é do séc. XIX, seguindo todavia um tipo setecentista decadente. O punção do contraste portuense é cerca de 1843-53; o ourives marcou DIF, em cursivo.

Peça de maior categoria é a grande cruz processional de prata branca, do séc. XVII, a que deram no séc. XVIII novas terminações aos braços, além da escultura de Cristo. Os braços são de secção rectangular, o bojo cilíndrico, havendo quatro aletas salientes soldadas ao mesmo, das quais pendem campainhas. As superfícies estão gravadas de motivos correntes e simples. O seu principal interesse reside nos punções. O do contraste é raro, um *A* maiúsculo num círculo de pontos; o ourives BD, de letras ligadas. Estes punções repetem-se bastante, devendo corresponder a cada parte solta, ou inicialmente independente.

CASA ANTIGA. Não longe da igreja. Foi levantada no séc. XVIII e encontra-se em meio abandono. Tem um só piso, com pequena galeria feita de pilastras, disposta num ângulo, a formar a entrada; as janelas de vergas curvas e aventais rectangulares.

CONCELHO DE VAGOS

FREGUESIAS:

V A G O S

O senhorio de Vagos, por doação temporária do mestre de Aviz, ainda defensor do reino (23-Abril-1384), que a tornou perpétua durante o seu governo de rei (26-Fevereiro-1412), a João Gomes da Silva entrou de juro e herdade, com jurisdição cível e crime, mero e misto império, na casa dos Silvas.

D. Fernando I já tinha concedido este senhorio, por duas vezes, a pessoas de diferente progénie.

O 10.º senhor (seguindo a contagem de Braamcamp), João da Silva Telo de Meneses, foi criado conde de Aveiras, por carta de 24 de Fevereiro de 1650.

O 15.º, Francisco da Silva Telo de Meneses Corte Real, 6.º conde, foi o primeiro marquês de Vagos, cuja carta é de 14 de Novembro de 1802.

O senhorio acabou com o 18.º, na 4.ª marquesa, D. Maria José da Silva T. M. Corte Real.

Nada hoje resta, de verdadeira categoria artística, que marque este domínio. A igreja que serviu essencialmente de tumular foi a do convento de S. Marcos.

Vagos teve foral manuelino a 12 de Agosto de 1514.

Com o regime constitucional o seu concelho passou por vicissitudes várias.

A pequena povoação de São Romão obteve foral em 1190, dado por D. Sancho I, o qual entregou o senhorio a João Fernandes; do filho deste, Fernando Anes, entrou na posse do mosteiro de Grijó.

O padroado da igreja, que era real, passou para o mosteiro de S. Marcos, junto a Coimbra, por doação de D. Afonso V, de 1 de Julho de 1463, o que foi sancionado eclesiàsticamente pelo bispo D. João Galvão, a 14 de Agosto de 1464, e por bula de Leão X, de 29 de Dezembro de 1516.

IGREJA PAROQUIAL — dedicada a S. Tiago-maior apóstolo.

Além da capela-mor há mais duas, fronteiras, abertas no corpo, junto aos ombros.

Cravada na face interna da parede da esquerda, lápide, desenhando cartela do séc. XVI, em capitais romanas, esclarece o padroado:

EL REI DO(M) AFONSO O QV
INTO DEV ESTA IGREIA
AO MOSTEIRO DE S MARCOS
AO QVAL ESTA VNIDA IN PER
5 PETVVM NO ESPIRITVAL E
TEMPORAL ERA D(E) 1452

A grande reforma da igreja deu-se na segunda metade do séc. XVIII.

O arco da capela do evangelho é todavia do séc. XVII, da renascença decadente, ornado de pendurados nas faces das pilastras e de querubins na volta, tendo brasão que a talha não deixa ver convenientemente. Foi a capela privativa dos Cardosos. A sua abóbada pertence ao mesmo tempo, sendo de cantaria e às quartelas; foi porém sobreelevada posteriormente. Não é dotada de retábulo pròpriamente dito, para oferecer espaço suficiente a um grande *Cristo crucificado*, de madeira, da época néo-clássica, dos princípios do séc. XIX, e saído de regular mão.

A capela fronteira é dos sécs. XVIII-XIX, cuja reconstrução esclarece um letreiro do exterior: ESTA CAPELLA / FOI FEITA A CVSTA / DO SANTISSIMO NO / ANNO DE 1801.

A fachada, de torre colocada à direita, é moderna e tem agradável aspecto.

Há dois púlpitos da época da reconstrução.

O arco frontal do coro alto é de pedra e de grande vão.

A delimitação da zona dos altares é feita por teia de balaústres de madeira, torneados e torcidos, devendo ainda pertencer aos sécs. XVII-XVIII grande número de elementos.

O retábulo principal e os colaterais ao arco cruzeiro, de duas colunas, foram entalhados no estilo néo-clássico do séc. XIX.

O retábulo da capela da direita, que foi outrora do Sacramento, segue um tipo setecentista final, pertencendo porém ao séc. XIX.

Dominam alguns vãos de portas, janelas e arcos sanefas de madeira entalhada, do séc. XIX, em néo-clássico corrente.

Diversas esculturas temos a registar:

S. Tiago, de madeira, do séc. XVI, gótico, representando-o de rosto vincado da idade e de ampla barba; obra nacional de certo mérito.

Virgem e o Menino (Rosário), madeira, de gestos e panejamentos movidos, do séc. XVIII, bastante regular.

S. Marcos, sentado, de panos encanudados, trabalho em madeira do séc. XV e nada comum.

Virgem e o Menino (Senhora da Conceição) sobre um dragão estilizado, escultura de madeira, corrente, do séc. XVII.

St.º Estêvão e *St.ª Luzia*, vulgares, do séc. XVI.

Duas tábuas pintadas do séc. XVII, soltas, pequenas, obra comum, representam duas curas de enfermos por um santo.

A cadeira paroquial, de couro lavrado, do princípio do séc. XVIII, mostra no espaldar um escudo eclesiástico com um leão, armas do convento padroeiro.

Destacamos duas peças das numerosas pratas, em que entram coroas da Senhora de Vagos.

Custódia de prata dourada, do séc. XVII. Cerca o hostiário irradiação de elementos alternadamente ondulados e direitos e de sóis nas pontas destes; junto do mostruário, dois pequenos anjos adoradores; partem das bases destes e do nó pingentes de vidro colorido; no remate da peça, Cristo ressuscitado. Está marcada de numerosos punções do contraste, um *A* cercado de pontos (Aveiro), punção de pequeno tamanho, e do ourives *F*.

A píxide de prata dourada tem o portuense do último quartel do séc. XVIII e o do

ourives *IIR*. Peça de linhas ondulantes, com os elementos decorativos da época, mostrando no bojo símbolos eucarísticos; obra de mérito.

CAPELA DA MISERICÓRDIA — ao meio da vila.

A origem desta capela encontra-se, segundo parece, numa confraria das Almas que sustentava um rudimentar hospital, chamado de S. Tiago, aonde se albergavam os itinerantes pobres e doentes. Fizeram depois uma capela mais vasta a que foi dado o título da Senhora da Misericórdia (sem formar a instituição consabida) e a irmandade reformou-se com o título de Senhor dos Passos, a qual continua a existir e é a proprietária e administradora da capela.

Foi reconstruída nos fins do séc. XIX, em formas correntes.

Acima da linha angular da empena levanta-se a torre, que é de um só corpo, a qual se apoia internamente numa parede aberta em arcos, servindo de coro alto os da segunda zona.

O retábulo de madeira, de duas colunas, é do mesmo século.

CAPELA DE SANTO ANTÓNIO — na saída norte da vila e no entroncamento para a capela da Senhora de Vagos.

Talvez fosse esta a antiga do Espírito Santo.

O plano é circular e a cobertura de cúpula de tijolo, hemisférica, não havendo internamente cornija de separação. No exterior a cúpula acusa-se francamente, o que lhe dá a fisionomia característica. Pertence ao séc. XVII. O retábulo do séc. XIX e as esculturas são de nível comum.

Certas alterações diminuiram-lhe o carácter.

CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO — na entrada da vila por nascente.

Gravaram na verga: + C 1614 ANOS +

O muro é circular; a porta, desenhando um rectângulo, tem as arestas arredondadas; a cobertura é feita de madeira. O pequeno retábulo de pedra mostra duas colunas dóricas.

CAPELA DE SÃO JOÃO BAPTISTA — na entrada da vila, vindo de sul.

Construção pequena e baixa, de plano rectângular, feita de tijolo e adobes.

O retábulo de madeira é do terceiro quartel do séc. XVII, formado de um só corpo e de pequeno remate. Quatro colunas dividem-no em três folhas; são aquelas caneladas em espiral e os seus terços inferiores decorados de enrolamentos de acantos. O *S. João*, representado menino, é pequeno e obra corrente.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DE VAGOS. A titular é designada hoje como Nossa Senhora da Conceição; medievalmente, por Santa Maria de Vagos.

As suas origens andam enredadas em lendas; até mesmo certos dados foram deslocados cronològicamente. Nada se pode dizer àcerca da sua primeira situação junto à torre militar de que a seguir nos ocuparemos, tanto mais que já confessavam no princípio do séc. XVIII que nenhuns vestígios se viam. Sabemos todavia que foi velho centro de devoção.

D. Afonso II legou-lhe, em testamento de 1221, cem morabitinos (*ecclesie Sancte Marie de Uagos C. morab. pro anniuersario*); D. Sancho II deixava-lhe duzentos no seu primeiro (*Sancte Marie de Uagos CC. morab. pro meo anniuersario ex quibus comparent unam hereditatem*).

D. Sancho I havia dado já a ermida ao mosteiro de Grijó, em cuja administração permaneceu.

Levanta-se perto do vila, a NW, em largo terreiro, bem ensombrado.

O aspecto que hoje apresenta provém da remodelação do século passado. Não obstante deixa-se ver, pela porta principal e pela travessa, que outra, anterior e grande, se tinha feito, pelos meados do séc. XVI. É possível que se conservem velhas paredes, como parecem sugerir as cruzes de sagração. A má natureza do solo para as fundações e a distância a que a boa pedra de construção se encontrava devem ter sido causas de ruína e das concomitantes reformas.

A sua aparência é muito corrente. Tem corpo, capela-mor e um átrio formado de três arcos rasgados singelamente nas paredes (um frontal e outro a cada lado). Por cima do átrio o coro alto, ficando tudo dentro do conjunto das linhas das paredes da nave. Não há torre.

A porta principal, dos meados do séc. XVI, é de volta perfeita, sem impostas; a travessa, posta à esquerda, de arco também, remodelada e muito simples, deve ser do mesmo tempo.

Ao lado da porta axial rasgam-se postigos incaracterísticos. Acima do da direita

permaneceu cravado um pequeno escudo com leão rompante, escudo e leão do tipo final do gótico, muito coberto de cal. Corresponde às armas dos Coelhos, sem a bordadura tradicional; parece ter feito parte do epitáfio de Estêvão Coelho, cavaleiro da ordem de Cristo, falecido em 1515.

Há cruzes de sagração, quatro nas paredes do corpo e duas colaterais ao arco cruzeiro. Cinco são de tipo circular; três destas na forma singela de círculos secantes e duas do mesmo esquema mas de terminações florais. A sexta inscreve-se num quadrado; são as suas hastes direitas e rematadas em botões fechados. As respectivas caiações, desvanecendo-lhes os traços, não permitem atribuir-lhes data segura.

Junto à porta travessa insere-se na parede uma pequena pia de benedictério, de recorte popular, salitrada, do início do séc. XVI, ornada de rude tarja, na qual se vêem dois pequenos brasões, um deles ilegível. O outro é esquartelado, tendo no primeiro e quarto quartéis como que divididas as armas dos Costas (uma pala de três costas num e três no outro); o segundo e o terceiro, de seis arruelas.

O retábulo é formado de talhas, parecendo terem constituído originàriamente um de menor tamanho que tivesse sido alargado para ocupar o actual espaço.

A escultura da *Virgem com o Menino* está envolvida em numerosos e apertados vestidos, de remoção prudentemente difícil. É de calcário coimbrão, grande (1,30 de A.), muito mutilada e renovada no rosto, datando do séc. XIV segundo nos pareceu do pouco que se pôde ver.

As grades do púlpito são dos princípios do séc. XVIII, torneadas em madeira exótica.

No pavimento, em frente da porta principal, engastam-se três campas: a do centro, de Gabriel Rodrigues da Graça, à direita um filho, José Rodrigues da Graça, à esquerda a de outro filho, João Rodrigues da Graça.

Qualificam-se os mesmos como eremitães; não devendo ter pròpriamente a significação comum mas a de administradores.

Lê-se na do centro:

AQUI IAZ G(A)BR(I)EL
RO(DRIGUE)Z DA GRAÇA.N(ATUR)AL
D OVAR.ASSIST
ENTE.EM S.ROM
5 AO.FR(E)G(UESI)A DE VAGOS
EREMITAM DE N(OSSA)
S(ENHORA) DA CONCEICAO
PEDE PELO A
MOR DE D(EUS) LHE R
10 EZEM.HU(M).P(ADR)E NO
SSO E HVA AVE M(ARIA)
FALECEO O P(PRIMEI)RO
DE MAYO D(E).1713
ANNOS

Na campa da direita:

AQUI JAZ JOZE
PH RO(DRIGUES) DA GR(A)CA
CAP(IT)AM Q(UE) FOI NES
TA V(ILL)A DE VAGOS
5 2.º JRM(I)T(Ã)O DE N(OSSA) S(E-
NHORA)
F(ILH)O DO D(E)F(UNT)O VE-
Z(INH)O G(ABRI)EL
RO(DRIGUE)S DA GR(A)CA.FALE
CEO AOS 30 DE
JAN(EI)RO DE 1733
10 P(EDE) P(E)LO AMO(R)
DE D(EU)S (P.N. E A. M.)

Na da esquerda:

AQVI JAS O
CAP(IT)AM JOÃO RO
DRIGVES DA GRA
ÇA JRMITÃO Q(VE)
5 TAÕBEM FOI
DESTA CAP(ELL)A F(ILH)O
DO DEF(VN)TO VEZI
NHO GA(BRIE)L RO(DRIGUE)S
DA GR(A)CA JRMÃO
10 DO DEF(VN)TO DALEM
PEDE P(E)LO D(IVIN)O AMOR
HVM P(ADR)E N(OSSO) E HVMA
AVE M(ARI)A
1757

Para a parte da esquerda, separada da capela mas paralela ao seu eixo, estende-se uma casa abarracada, que representa as *casas de novena*, de albergue dos devotos.

CRUZEIRO. No caminho, a anteceder a capela da Senhora e em terreno livre que lhe pertence. Só os dois degraus e o pedestal, clássico, são antigos, feitos em granito.

TORRE MILITAR. Os seus restos ficam a menos de dois quilómetros para além da actual capela da Senhora de Vagos, em meio de dunas e ainda afastados do litoral cerca de seis. Deveria ter marcado pequena elevação, a dominar a linha da costa da época.

Já no princípio do séc. XVIII se encontrava muito soterrada pelas dunas, mostrando ainda forma quadrada e tendo em altura uma dezena de metros, mais ou menos.

Apresenta hoje um só ângulo da construção, com altura de cerca de quatro metros.

A parede mais conservada estende-se de W. a E. ficando-lhe o cunhal existente a W.; deste ponto segue para S. pequeno troço só visível à flor do solo, mas um bloco mais distante poderá representar outro cunhal, o que daria ao pano de muro uma extensão de cerca de cinco metros.

A espessura das paredes ia diminuindo conforme certos níveis ou andares, tendo muito pouca os dois que hoje se notam.

O material empregado é miúdo, variado e todo misturado, produto de autêntico acaso: xisto, arenito, calcário, granito, fragmentos de tijolaria. Trata-se pois duma construção em região ainda não francamente ocupada pelo homem, não havendo conhecimento certo dos recursos em pedreiras. Pode-se levar a obra, por estes motivos, aos princípios da nacionalidade, pelo menos.

Tratava-se duma simples e precária torre de refúgio e vigia.

Pensar-se que tivesse sido envolvida duma cerca de muros é pura fantasia.

CASAS ANTIGAS. A natureza do solo e a distância a que fica a boa pedra de construção, o calcário, não permitiram grandes edifícios nem a sua conservação.

Destacamos a que se levanta em frente dos paços do concelho, do séc. XVII final, que mostra janelas rectangulares, de cornija e arestas boleadas. Na parte do sul rasga-se o portão, do mesmo tipo. Domina-o um vasto remate com armas de família, formado dum rectângulo acompanhado de volutas. O escudo é esquartelado, tendo no primeiro e quarto quartéis uma cruz do tipo da ordem de Cristo, havendo uma diferença no primeiro; no segundo cinco folhas em aspa; no terceiro, leão rompante; tem elmo, paquife e um leão por timbre.

Crava-se nas trazeiras duma casa a meio da vila um brasão dos donatários, do séc. XVII. O escudo é envolvido de rótulo da época; assenta no campo o leão dos Silvas, com bordadura aonde corre uma silva; bordadura que foi usada por alguns membros da família depois, segundo parece, que receberam o título de Aveiras.

BIBL. — Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Livro 2.º, Coimbra, 1927.
Inventário Artístico do Distrito de Coimbra (ementa do mosteiro de S. Marcos), Lisboa, 1925.
Agostinho de S. Maria, *Santuário Mariano*, tom. 4.

IGREJA PAROQUIAL — na *GAFANHA DA BOA-HORA*, dedicada a Nossa Senhora da Boa-Hora.

Esta povoação ocupa já a região natural da Gafanha, da qual nos ocupámos no concelho de Ílhavo, na orla do canal de Mira, sector sul da Ria. Foi conhecida pelo nome de Vagueira. Tomou o designativo do titular que se deu à capela construída no último decénio do século passado.

A 2 de Fevereiro de 1948 foi criada freguesia eclesiástica.

O singelo templo, de torre à direita da fachada, vai ser substituído por construção acomodada, e erguida a pequena distância.

FORTE VELHO. Levantado nas areias da orla, acima do paralelo da capela, para norte, sem atingir a linha da pequena barra da Vagueira que vem marcada na antiga carta de 1/100.000 dos Serviços Geodésicos, barra que hoje está inteiramente obliterada, posto que continue a figurar nas cartas de 1/50.000.

Não passava dum fortim (marcado naquela carta com a cota 8) de que resta o reparo de areia amontoada, já sem revestimento algum; simples polígono, distinguindo-se voltado ao mar a forma da escarpa e o desenho pelo menos de três das faces, o que já se não advinha na parte contrária. São inconsistentes certas afirmações das suas origens.

SANTO ANDRÉ. A igreja dedicada ao mesmo santo é sede duma nova freguesia, mas meramente eclesiástica, desanexada de Vagos, que engloba algumas povoações do sul.

Levanta-se isolado o pequeno templo, voltado a poente, em montículo definido por breve corrego que desagua na ribeira do Boco. Obra corrente, muitas vezes renovada, de torrezita à direita, lado a que se lhe encosta o cemitério. Retábulos sem interesse. A escul-

tura do padroeiro, *St.° André*, de calcário, data do séc. XV final.

SÃO ROMÃO. Aldeia desta nova divisão de St.° André, junto ao sulco de água referido, cujas rendas andaram anexas à Senhora de Vagos.

A capela, de tamanho comum, muito renovada e modernizada, é de pequeno interesse, tanto pela construção como pelo recheio.

Uma das casas conserva, no topo, duas janelas de vão e de pano de peito rectangulares e, intermèdiamente, um escudo de armas do final do séc. XVIII, tudo em pedra ançanense.

C A L V Ã O

Civilmente foi criada a freguesia por decreto de 27 de Julho de 1933 mas já o estava eclesiàsticamente. Pertencia à de Vagos.

IGREJA PAROQUIAL — do orago do Coração de Jesus.

Edifício suficientemente amplo, com torre à direita da fachada. No arco cruzeiro está a data de 1921 que indica a principal ampliação da capela no lugar.

Foi incluído no conjunto do moderno altar-mor um retábulo pequeno de madeira muito bem talhada, da segunda metade do séc. XVIII, proveniente de Lisboa. Ladeiam o vão duas pilastras em forma pendular invertida. Há duas esculturas de madeira policromada, da mesma época, bastante regulares, da *Virgem* e de *S. José*, postos de joelhos, como se tivessem pertencido a um presépio, e ainda um *Cristo crucificado*, grande, do séc. XVIII, em cruz plana e de extremidades decoradas.

C O V Ã O   D O   L O B O

Esta freguesia foi separada de Mira. Continuou a fazer parte do mesmo senhorio que, sendo terra reguenga, andou nos Távoras nos sécs. XVI e XVII.

O eclesiástico da vila pertencia ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra; depois de desanexação, o vigário da mesma ficou a apresentar o pároco de Covão, como era dos costumes do tempo.

A igreja antiga esteve junto do actual lugar da Igreja Velha, entre o Covão e Andal, aonde fizeram o cemitério, vendo-se ainda restos insignificantes de alvenarias. Foi reconstruída na povoação próxima, em substituição duma capela, permanecendo no estrada que lhe passa em frente o nome de Rua da Capela, que era o antigo da terra, segundo parece.

Do Covão do Lobo foi separada neste século a freguesia de Fonte de Angião, ainda só eclesiástica.

IGREJA PAROQUIAL — do titular de S. Salvador.

A data de 1860 indica as obras de trasladação e reconstrução. Foram empregados materiais de cantaria trazidos da igreja velha, tanto mais que os adobes são os de enchimento na região. Posteriormente teve ampliações e reformas.

O retábulo principal, simples, do tipo do séc. XVIII final, de camarim ladeado de dois pares de colunas, parece ter sido levado de Cantanhede. Os colaterais são obras correntes do séc. XIX.

A pequena escultura do titular, *S. Salvador*, de madeira, representando Cristo como homem que segura um globo, é setecentista. Há duas de pedra, de tamanho médio, *St.os Pedro e Paulo*, do fim do séc. XVI, renascença decadente.

A pia baptismal é de tipo setecentista. Um dos sinos está datado de 1837 e o outro de 1900, fundido por ANTONIO SORILHA CANTANHEDE.

IGREJA PAROQUIAL — de *FONTE DE ANGIÃO*. O titular é Nossa Senhora do Livramento.

Vimos ainda a capela antiga, meia demolida. Não tinha interesse algum. A nova igreja fica-lhe pouco distante. A primeira pedra foi benzida em 1947 e foi sagrada a igreja em 30 de Setembro de 1950. Os altares de pedra, em neo-renascença e em néo-manuelino, foram executados em calcário pelo canteiro conimbricense Aníbal António dos Santos.

A escultura da titular, *Nossa Senhora do Livramento*, é obra comum de madeira e do séc. XVII.

S O Z A

Soza já aparece em documentos de 1088, para se indicar a situação topográfica de determinada ermida.

D. Sancho I deu Soza, em 1192, a Santa Maria de Rocamador (*Ecclesie Sancte Marie de Rupe Amatoris de uilla que uocatur Sosia et fratribus ibidem Deo seruientibus*) doação confirmada por D. Afonso III, D. Dinis, D. Fernando.

Convém esclarecer (tanto mais que tem havido confusões entre o titular do mosteiro e o da igreja de Soza) que Rocamador fica em França, no departamento de Lot, levantada em alto rochedo calcário, no qual estão escalonados os edifícios que constituem o santuário de Nossa Senhora de Rocamador *(Sancta Maria de Rupe Amatoris)*. Foi centro de grande peregrinação.

A devoção alastrou a Portugal, não sabemos bem em que medida, pois que os nossos velhos escritores têm a tendência de amplificar tudo que tenha certo carácter. D. Afonso II e D. Isabel de Aragão deixaram legados nos testamentos: dois mil morabitinos a *Sancte Marie de Rocamador* lega aquele; esta nos seus dois, *mando aa Sancta Misericordia de Recamador hua uestimenta boa e hum calix con que cante hum clerigo, mando a Sancta M.ª de Recamador trezentas libras*. Estes donativos deviam ser entregues na sede por emissários ou aos colectores que passavam, como acontecia com outras instituições de fora.

Teve bens no nosso país, desde grandes a pequenos, como uma casa em Coimbra, no Quintal dos Fuzeiros, junto à igreja velha de Santa Justa, que encontrámos referida no ano de 1360. Soza foi a doação principal.

Não podemos afirmar que aquele santuário tivesse tido além da organização de mosteiro a de ordem.

Em nenhum dos tratados galicanos de ordens religiosas o encontrámos referido. Todavia deparou-se--nos o seu nome em listas de mosteiros (sendo considerado benedictino) e de igrejas de peregrinação.

Deduz-se dalguns documentos portugueses que foi tido entre nós como sede de ordem monástica (*ordo monasterii S. Marie de Rupe Amatoris*); possuiu aqui albergarias, como refere Francisco Brandão, e os seus membros eram considerados frades.

Mosteiro, ou menos provàvelmente agrupamento colegial, a sua união à mitra de Tulle (depart. de Corrèze) teria sido a causa do enfraquecimento.

O padroado de Soza compreendia, por doação posterior a Rocamador, a região de Mamarrosa e Palhaça (conc. de Oliveira do Bairro).

O território saiu da posse de Rocamador na primeira metade do séc. XV, por forma ainda mal definida.

O sumo pontífice Pio 2.° confirmou Soza a João de Sousa, como comendador da ordem de S. Tiago.

D. Afonso V obteve de Sisto 4.°, a 14 de Março de 1478, que, depois do falecimento do mesmo titular, Soza se tornasse comenda perpétua da mesma ordem e que os reis tivessem o padroado.

Fôra o próprio João de Sousa, o Romanisco, que servira de intermediário na consecução da bula e a trouxera de Roma. O rei, a 8 de Agosto de 1481, estando em Évora, antes de encorporar Soza, conforme os termos do documento pontíficio, deu o padroado ao mesmo, como recompensa dos serviços prestados na corte papal, em juro e herdade, com a cláusula de nenhum dos reis poder vir a impedir a sucessão.

Foi já D. João II que pediu a confirmação ao pontífice, que era Inocêncio 8.°, que a concedeu a 21 de Julho de 1492, mas, falecendo quatro dias depois, não houve tempo de lavrar o breve respectivo; veio a dá-lo Alexandre 6.°, a 26 de Agosto de 1492.

Seguiu neste ramo dos Sousas, com acidentes, tendo passado a transversos e por linha feminina, tão ampla fora a doação do rei, nada habitual em comendas.

A seguir ao falecimento do 6.° senhor, Diogo Freire, terceiro neto do primeiro donatário (que já sucedera ao próprio irmão André, que fora pois o 5.°) tomou conta de Soza o segundo conde de Miranda do Corvo, Diogo Lopes de Sousa, que ficou a ser o 7.° Era quarto neto do primeiro senhor, mas de ramo transversal. Ao filho, conde marquês de Arronches, Henrique de Sousa Tavares da Silva, o 8.°, foi disputada a sucessão pelos quartos netos do mesmo iniciador mas provindos de outro ramo. O conde marquês viu confirmada a sucessão, por sentença de 1674. Este pleito foi de tal importância que, a diversos títulos, se lhe referem os nossos jurisconsultos, transcrevendo sentenças, como examinámos.

Por aliança de família a comenda de Soza passou aos duques de Lafões. Assim se explica que os padroeiros nos apareçam designados por estes diversos títulos.

O foral manuelino data de 17 de Fevereiro de 1514, como diz Franklin. O concelho medieval delimitava com os de Ílhavo, Vagos, Aveiro. Foi concelho da época constitucional até 1865.

IGREJA PAROQUIAL — do título de S. Miguel Arcanjo.

A armação arquitectónica actual provém da reconstrução do fim do séc. XVII. O milésimo de 1693, gravado no coro alto, deve dar a data média.

No primeiro terço do séc. XIX deviam ter alargado as frestas antigas e estendido em profundidade os arcos dos flancos do corpo, a formar capelas.

A frontaria é singela, mostrando porta de verga horizontal e cimalha, com torre à direita. Tem esta gárgulas cilíndricas, meramente ornamentais, postas nos ângulos da cornija; a cobertura piramidal é posterior.

O arco cruzeiro e o da capela do flanco do evangelho, de almofadas corridas nas faces, são da época geral. O da capela da direita, que foi do Sacramento, é ainda da igreja anterior, traçado segundo a renascença decadente e datado de 1629. Mostra duas colunas na parte interna das pilastras e querubins na face da volta.

Sustenta o coro alto um arco a toda a largura da nave, levantado pouco acima do solo.

O púlpito tem a bacia em calcário, bastante desenvolvida, e ornada de duas ordens de acantos, segundo o tipo regional.

O retábulo é do séc. XIX, em néo-clássico deturpado, de duas colunas por lado.

Os colaterais ao arco são do tipo da transição dos sécs. XVII-XVIII, de colunas salomónicas com parras, parecendo terem sofrido adaptações, sendo novo o seu douramento.

O da capela da direita é néo-clássico do séc. XIX, composto de quatro colunas, camarim e sacrário.

Escultura de mérito é a da *Virgem com o Menino*, que sustenta no braço esquerdo e a quem oferece uma romã; tem coroa e manto a cair-lhe da cabeça em finos pregueados. Provém de oficina coimbrã da primeira metade do séc. XV, sendo de calcário e de altura média.

Outras esculturas há menos antigas, sem interesse para o Inventário.

Nas costas da capela-mor, em nicho, encontra-se *S. Miguel de pedra*, popular, do séc. XVII final.

Faz parte do limiar da capela da direita uma campa com o letreiro:

S(EPVLTVR)A DO P(ADR)E FR(ANCIS)CO DE PAVIA / VIGAIRO QUE FOI / DESTA IGREIA / 1635 ANO(S) /

Um dos sinos mostra a data de 1869 e a assinatura JOAQUIM DIAS DE CAMPOS ME FES CANTANHEDE

CRUZEIRO — em *SOZA*, perto da igreja.

Templete de plano quadrado; quatro pilares dóricos sobre pedestais; entablamento ornado de querubins; cúpula hemisférica, robustecida de duas cintas de cantaria cruzadas e dispostas segundo as diagonais; coluna central, retocada, sustentando cruz antiga com *Cristo*. Na frente do pedestal da mesma lê-se: MARIA THOME MANDOU / VEZER ESTA CHAROLA / POR SVA DEVASAM 1659.

BIBL. — Francisco Brandão, *Monarchia Lusytana*, 5.ª parte, Lisboa, 1650.

A. Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica*, tomo 6.º, Lisboa, 1748.

M. dos Santos Costa, *Monografia da Vila de Soza*, 1931.

J. António de Almeida, *Tempos Antigos e Tempos Medievais da Vila de Soza*, 1949.

CAPELA DE SANTO INÁCIO — em *BOCO*. Trata-se do mártir bispo de Antioquia.

Construída em 1868 e reformada pelo menos em 1906, ficou dentro das dimensões vulgares nas aldeias, com cunhais e cimalhas de argamassa. Depois da nossa visita, juntara à frontaria um conjunto formado de torre, para o lado esquerdo, e dum arco-átrio em frente da porta que melhorou o aspecto.

OUCA. Diversos motivos artísticos. A povoação de Ouca domina da margem direita o rio do Bóco. A sua história anda ligada com a do mosteiro de Jesus, de Aveiro. A «quintã» de Ouca foi adquirida por Diogo de Ataíde e D. Brites Leitoa, retirando-se para lá no meado do séc. XV. D. Brites, depois de viúva, fundou o mosteiro. Em Ouca mandou fabricar o tijolo necessário à construção do mesmo. Cerca de 1465 fez-lhe doação deste seu domínio. Tendo o conde de Odemira posto questão sobre esta terra, acabou por ser dada sentença a favor de D. Brites, a 27 de Janeiro de 1473.

Ùltimamente, a 8 de Junho de 1956, foi Ouca elevada a freguesia eclesiástica e separada de Soza.

A *igreja*, dedicada a S. Martinho, ao fundo da povoação, para o lado do rio, deveria ter sofrido reconstrução total do séc. XVII, com reformas em 1787 e no tempo presente. Segue a disposição habitual, de torre à direita da frontaria.

Os três retábulos são simples adaptações de talhas dos sécs. XVII-XVIII mas de facturas diferentes e repintadas.

Conservam-se esculturas de calcário, de pequeno nível artístico: *S. Martinho*, bispo, do séc. XV final; *S. Sebastião*, do séc. XV; *Senhora e o Menino*, igualmente do séc. XV mas de fase diferente.

A *casa do convento de Jesus* foi reconstruida no séc. XVII, de lojas para celeiro e de um andar, com as cantarias de calcário. As aberturas são rectangulares, de lintéis com cimalha. A porta da frontaria abre-se entre quatro janelas de pano de peito rectangular; àquela dá acesso escada encostada, dupla, segurando o alpendre de resguardo do patamar dois prumos de ferro, em lugar de colunas, como se compreende em terra em que a pedra fica distante. Na parte posterior vêem-se arcos de adobe e tijolo, destinados a suportarem varanda saliente. Para a parte direita,

mas independente, há pequena capela privativa, do mesmo tempo. O portão de entrada do pátio tem a data de 1750. O estado geral é quase de ruína.

Uma outra *casa* fornece típico exemplo do que eram as moradias regionais da pequena nobreza. Desenha em plano um L, estando à e s q u e r d a o corpo principal, do sec. XVII, e à direita o secundário, modificado no XVIII, conservando-se ainda aí uma janela de loja datada de 1658. O tecto da sala de honra, em forma agamelada, foi decorado no séc. XVIII de pintura ornamental, policroma, de motivos da fase concheada. Na parte posterior desse primeiro corpo estende-se a varanda de colunas de calcário que se liga à alcova, posta na trazeira da sala. As modificações que já mostra ir-se-ão naturalmente acentuando.

CAPELA — em *SALGUEIRO*, de Nossa Senhora da Graça.

Renovaram-na inteiramente. A escultura da titular, *Virgem com o Menino*, de calcário, pertence aos meados do séc. XVI e a oficina coimbrã. Segue os tipos ruanescos, sendo ainda graciosa, mas saída de mãos artificianais.

NOTA FINAL

Encerrando este volume, renovo os meus agradecimentos a todas as pessoas que me dispensaram atenções na visita aos concelhos de que se ocupa este inquérito, e cujos nomes desejaria aqui registar, se não formassem lista muito extensa.

Destaco os distintos coleccionadores de Arte, que espontânea e amàvelmente me permitiram o exame das suas espécies e as fotografias que interessavam.

De modo muito especial manifesto o meu reconhecimento a todo o Clero, pela simpatia com que me recebeu, pela compreensão deste trabalho, pela sua inteligente cooperação, pelas atenções com que me penhorou, deixando-me as melhores e mais gratas recordações.

*

O Inventário teve por fim a resenha das espécies artísticas até ao advento das instituições liberais; as quais quebraram o sistema social e económico que condicionara o aparecimento, a expansão e a diversidade das fórmulas artísticas antigas, para lhes criar um novo sentido e outra expressão. Menciono obras posteriores, ou por causa do seu bom nível artístico, ou pela ligação com aspectos do passado, ou por certa conveniência do quadro regional.

Sendo o fim do Inventário o artístico, a ele inteiramente se subordina; não tem, nem aparenta, o de resenha heráldica, histórica, geográfica, de etnografia artística ou religiosa, etc., posto que haja alusões a esses sectores, necessárias ao quadro de conjunto.

Nem a pré-história nem a época romana lhe pertencem; destinam-se a trabalho de reportório ou carta arqueológica.

Não estando os brasões dentro do seu quadro, senão pelos elementos decorativos que os possam envolver, anotei todavia os que se me depararam, descrevendo os símbolos heráldicos como se apresentam ou parecem apresentar, sem metais nem esmaltes que não existem. A identificação dos móveis dos escudos tratados em pedra é difícil; encontram-se mal desenhados, sugerindo frequentemente motivos diversos daqueles que se quis indicar, mal dispostos, em número variável, até mesmo absolutamente ininteligíveis, pois que habitualmente os desenhos fornecidos aos canteiros eram dificientes, os espaços apertados, a habilidade escultórica débil. Por estes motivos não é partindo do brasão que se identifica a família, mas pela família é que se vem ao conhecimento certo dos móveis representados.

As referências, nos livros genealógicos, a casas, morgadios, prazos, etc., pouco dizem para a indagação de brasões e da mesma forma da construção; a casa nobre de bom nível artístico foi sempre rara, a comum não tinha carácter construtivo e nem pedra de armas habitualmente mostrava; aquelas referências são feitas antes a um conjunto de receitas agrícolas que a outra coisa.

*

Limitei as indicações históricas ao essencial, ao que podia esclarecer o meio em que apareceram as obras de Arte. Regiões há carregadas de história, desde os tempos da primeira Reconquista, sem traços artísticos de nível médio. Estas linhas apresentam frequentemente novidades. Da sua leitura pode-se advinhar que as poderia ter ampliado bastante; condensei-as ao necessário.

*

A bibliografia, como já tinha feito nos volumes de Coimbra (cidade e distrito), limitei-a ao devido quadro. Não sendo o Inventário uma resenha histórica, não podia igualmente passar na bibliografia respectiva do que era fundamental. Desci à indicação de obras ou de simples artigos de carácter monográfico, até às de menor valor, pelo interesse próprio de tais trabalhos. Não indiquei corpus de documentos porque basta a referência a estes para que os estudiosos deduzam donde foram tomados.

Sendo reduzida a bibliografia artística, indiquei-a na maior parte, mas não desci à de pequeno mérito e só a que se referia a espécies anteriores ao Cartismo.

Critérios diversos do meu poderiam alargar a da história; limitei-me a um severo. Quaisquer omissões que haja, ou pareça haver, não significam desconsideração para quem quer que seja. Poderão dar-se outras, e será muito possível que se verifiquem, de trabalhos que devesse citar, pois que é frequente sairem alguns de valor em jornais que ninguém colecciona ou em revistas que se destinam essencialmente a matérias diferentes; serei eu o primeiro a lamentar esse desconhecimento e essa omissão.

*

As indicações cartográficas são feitas pelas folhas de $^{1}/25.000$ e $^{1}/100.000$ do Instituto Geográfico e Cadastral e pela carta de $^{1}/1.000.000$ de 1952, dos Serviços Geológicos de Portugal.

*

A parte epigráfica é dada metòdicamente.

No volume da Cidade de Coimbra transcrevi os letreiros de modo que as linhas de impressão correspondessem às do original e, quando estas eram de maior extensão que a coluna, foram continuadas em linha recuada. Apresentadas em composição seguida, indiquei a divisão das linhas por traços oblíquos.

Já no Distrito não me foi possível seguir inteiramente o mesmo critério, visto que o meu trabalho foi de revisão e de acabamento. Nos letreiros que me foi possível examinar ou copiar directamente (o que aconteceu em muitos), ou ainda naqueles em que julguei as indicações seguras, fiz a divisão das linhas por traços oblíquos; nos outros não há mais que composição tipográfica seguida.

Neste volume da zona-sul de Aveiro transcrevi os letreiros linha a linha, empregando a numeração clássica das mesmas. Os forçados limites que as duas colunas por página impõem à composição obrigaram a que as continuações das linhas extensas sejam apresentadas em linha ou em linhas tipogràficamente recolhidas; a numeração dissipará dúvidas que possam surgir. Sendo a composição dos letreiros seguida, indico a divisão por meio dos referidos traços.

Fora de indicações gerais, não acompanhei a transcrição dos letreiros daquelas anotações que seriam normais em trabalho meramente de epigrafia, porque a natureza do Inventário a isso é estranha.

*

Devo acentuar que o objectivo deste trabalho é de simples inquérito, sem fins ou consequências jurídicas relativamente às espécies mencionadas; inquérito equivalente aos linguísticos, demográficos, etc.; feito para obter elementos que permitam traçar a história da Arte Portuguesa em profundidade e em extensão, abrangendo todos os níveis.

Muito lamentarei que, abusando-se do esforço e trabalho alheios, se promova o arrolamento de espécies artísticas conhecidas por este inquérito. Esse processo já trouxe dificuldades à elaboração deste volume; nada salva e só provoca receios e más vontades, bem justificadas.

A protecção das obras de Arte vem da justa compreensão dos seus possuidores. As entidades proprietárias e tutelares vigiarão pela sua guarda e boa conservação. Pede-o o prestígio e decoro próprio, a noção das suas responsabilidades. A observância da legislação privativa da maior detentora será a melhor salvaguarda, se fôr activa nos dirigentes e cumprida pelos subalternos, sem ignaros e interesseiros subterfúgios.

Por outro lado lembrarei que só as obras de Arte Viva fazem as verdadeiras colecções ou as do passado mas nìtidamente superiores. A obra popular, sem nível, de execução de acaso, não é elemento de cultura; se no meio rude do campo se compreende, deslocada perde o carácter rústico que tinha e que, além disso, documentava uma época da região.

Aos negociantes tem de se acabar por exigir documentação legal e completa das suas aquisições.

*

O volume da zona-norte seguirá as mesmas orientações deste, se a saúde e circunstâncias de vária ordem me permitirem levá-lo a cabo.

A. Nogueira Gonçalves

ESTAMPAS

ÁGUEDA. Igreja Paroquial. Capelas do evangelho (Séc. XVII) e frontaria (Séc. XVIII).

ÁGUEDA. Igreja Paroquial. Nave e capelas do flanco esquerdo. Séc. XVII.
FREGUESIA DE ÁGUEDA

Igreja. *S. Martinho.* Séc. XV.

Igreja. Cruz processional. Séc. XVII.

Capela do Espírito Santo. Séc. XVII.

Cruzeiro. Séc. XVII.

FREGUESIA DE AGUADA DE BAIXO

N. G.

AGUADA DE CIMA. Igreja Paroquial. Púlpito de pedra. Séc. XVIII.

FREGUESIA DE AGUADA DE CIMA

Capela das Almas da Areosa. Séc. XVIII.

Árula romana.

Capela. Interior.

Igreja. *St.ª Luzia*. Séc. XV.

Capela das Almas da Areosa. 1769.

FREGUESIA DE AGUADA DE CIMA

Igreja. Púlpito. Séc. XVIII.

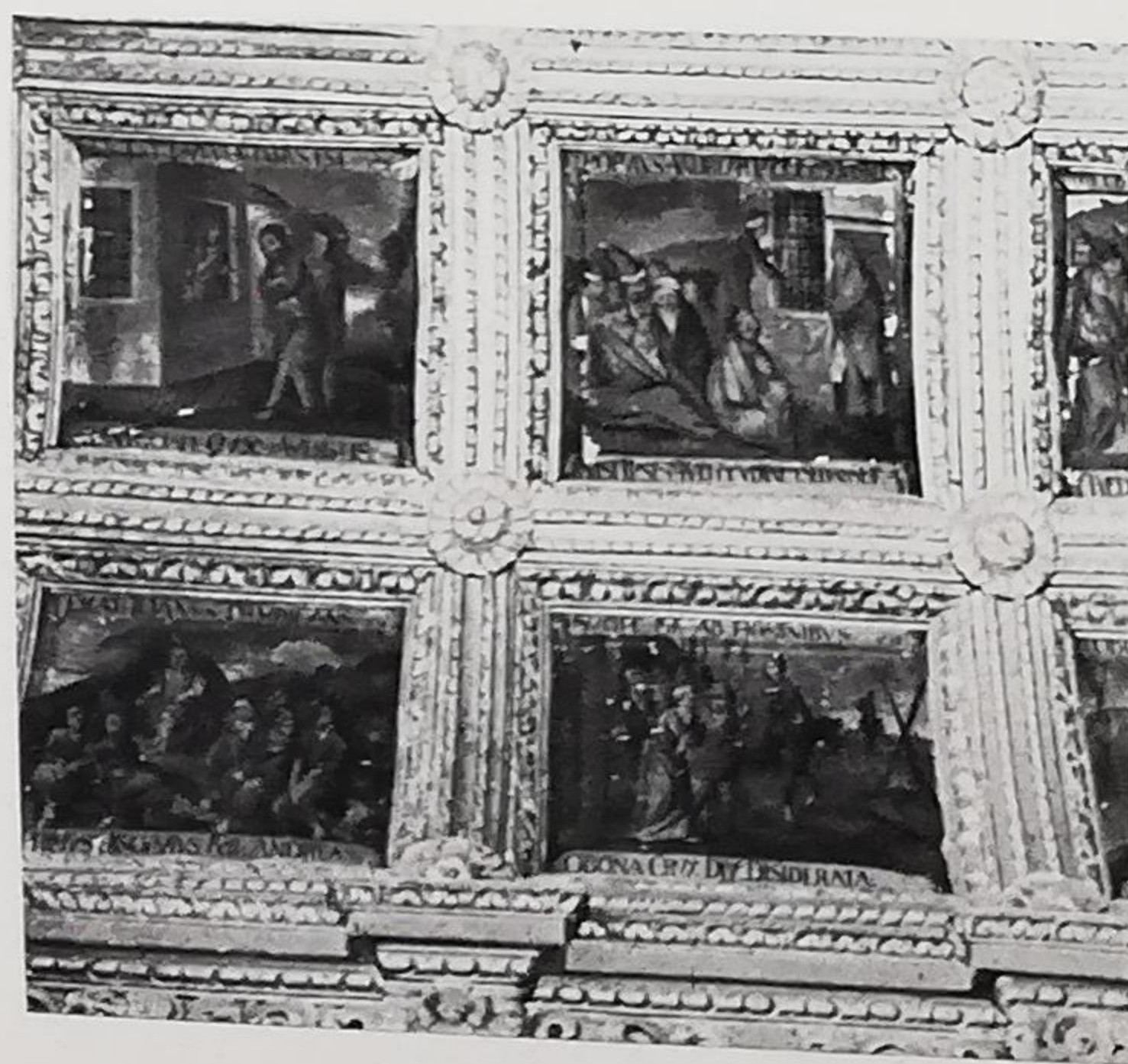
Torre da Igreja.

N. G.

Igreja Paroquial. *Virgem e o Menino*. Séc. XV. (Ver est. X).

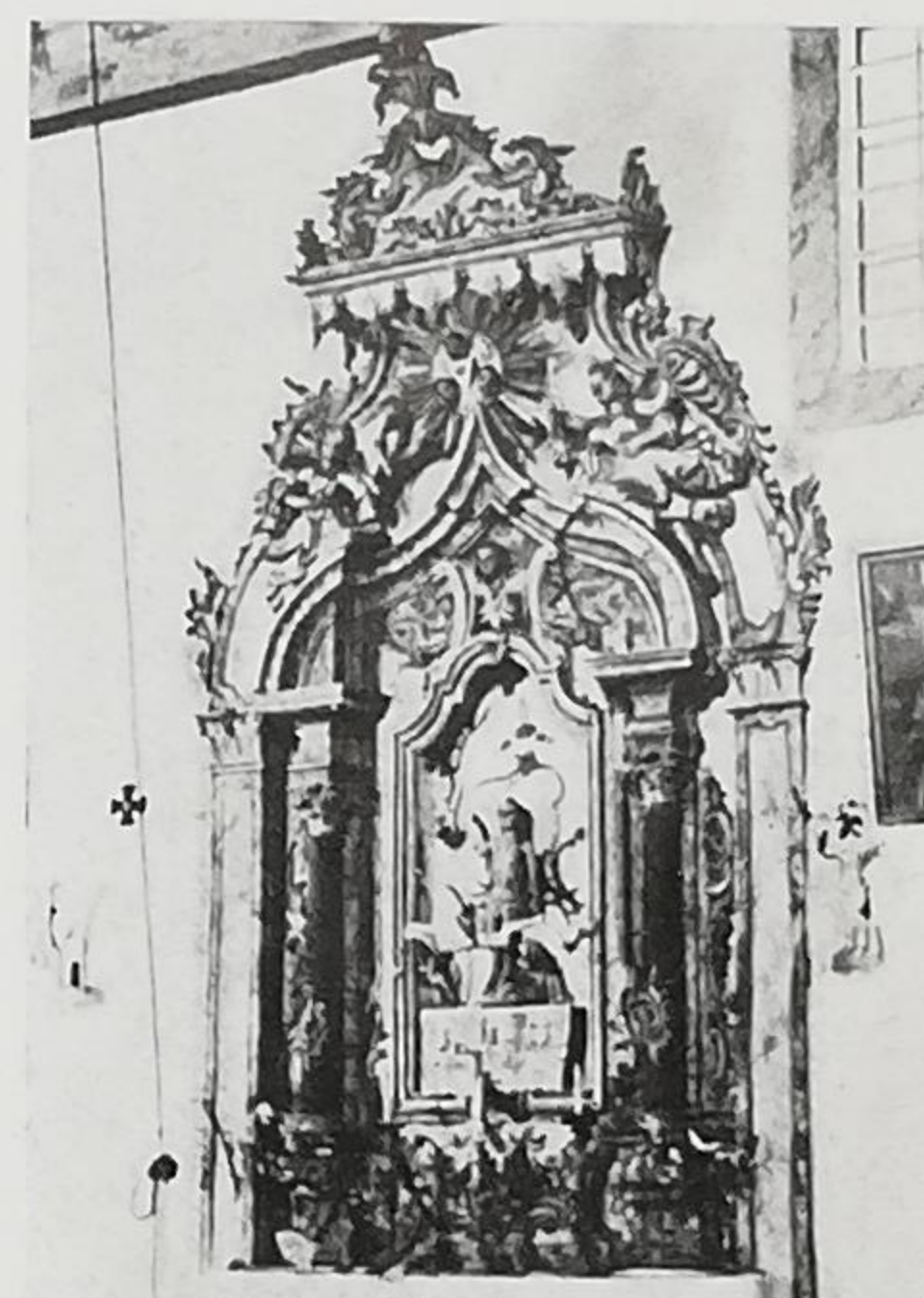
FREGUESIA DE AGUADA DE CIMA

Igreja Paroquial. Retábulo principal. Séc. XVII-fin.

Capela de St.º António.

Torre da Igreja.

Igreja Paroquial. Tecto da capela-mor e retábulos. Séc. XVII-fin.

FREGUESIA DE BARRÔ

Igreja. *S. Paulo*. Séc. XVIII.

Retábulo da nave. Séc. XVIII.

Igreja Paroquial. Interior. Séc. XVIII.

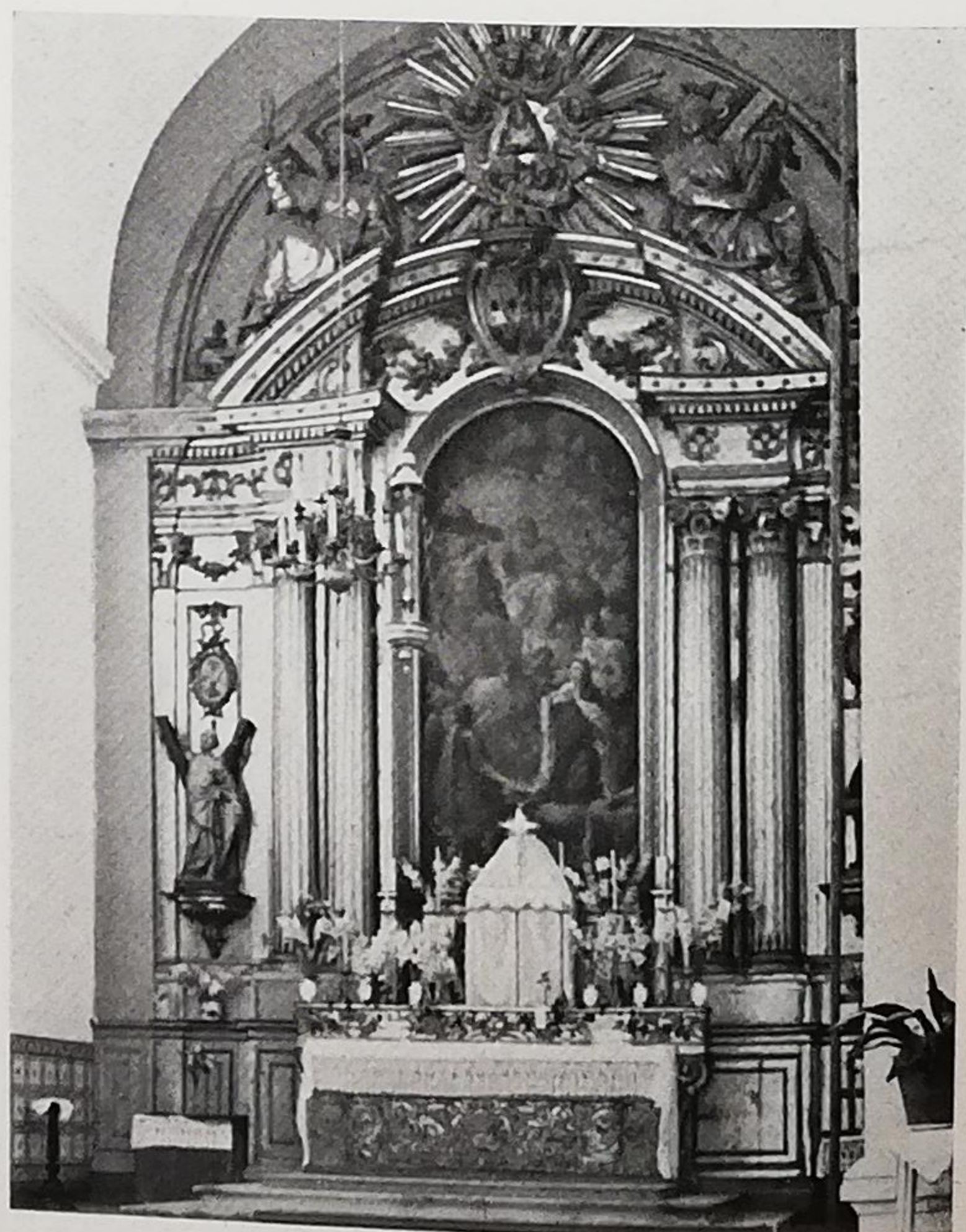
Igreja Paroquial. Conjunto.

S. Brás. Sécs. XV-XVI.

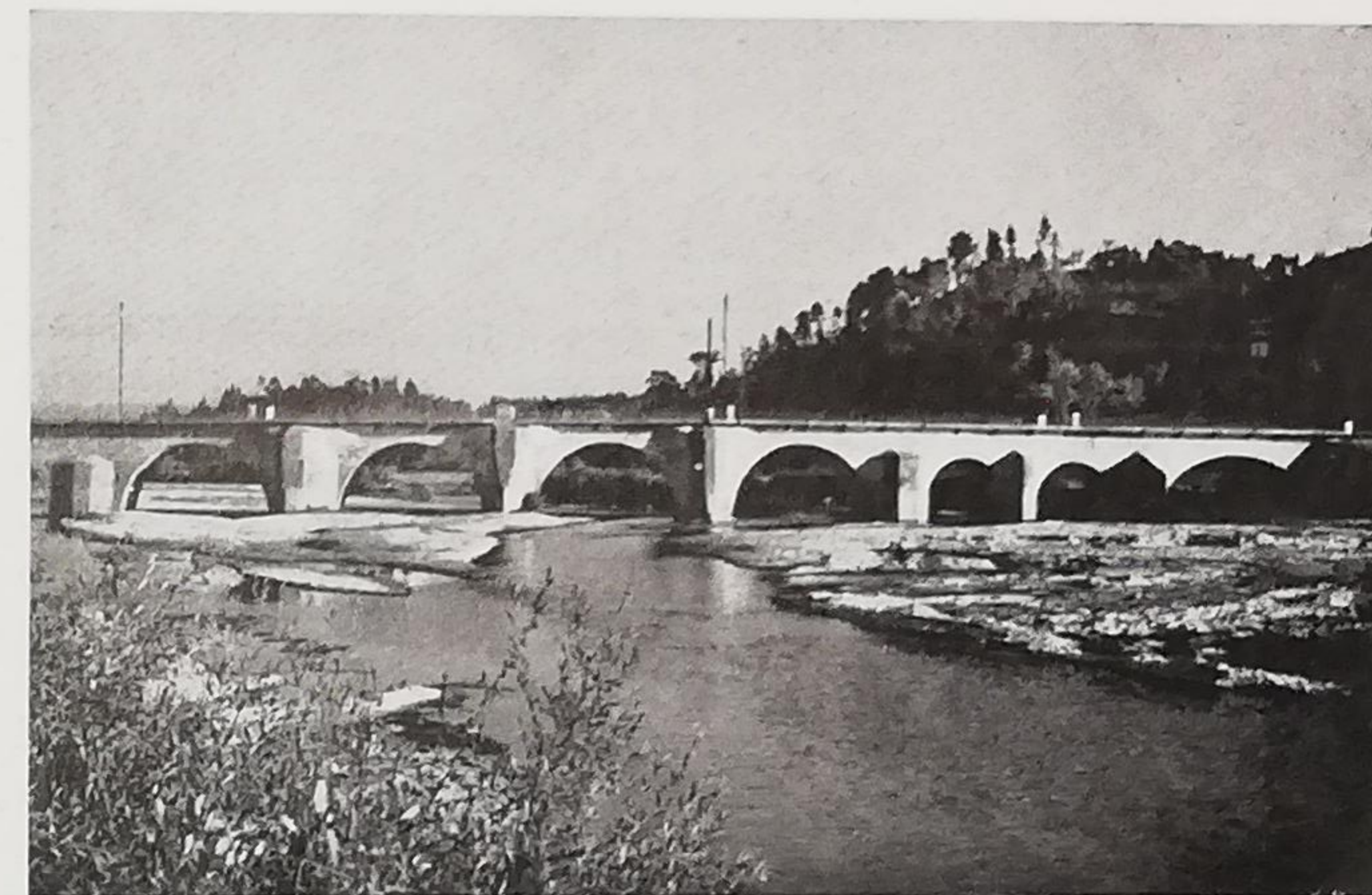
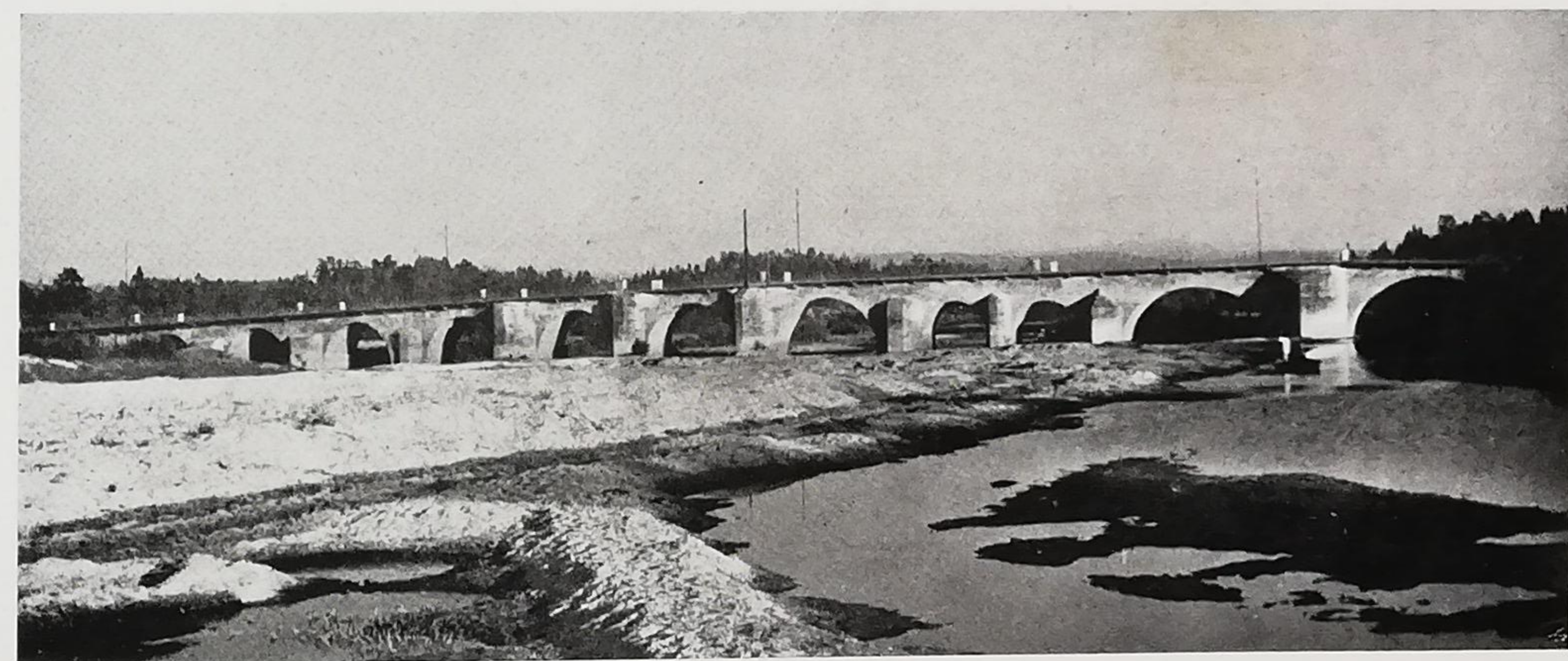
FREGUESIA DE BELAZAIMA DO CHÃO

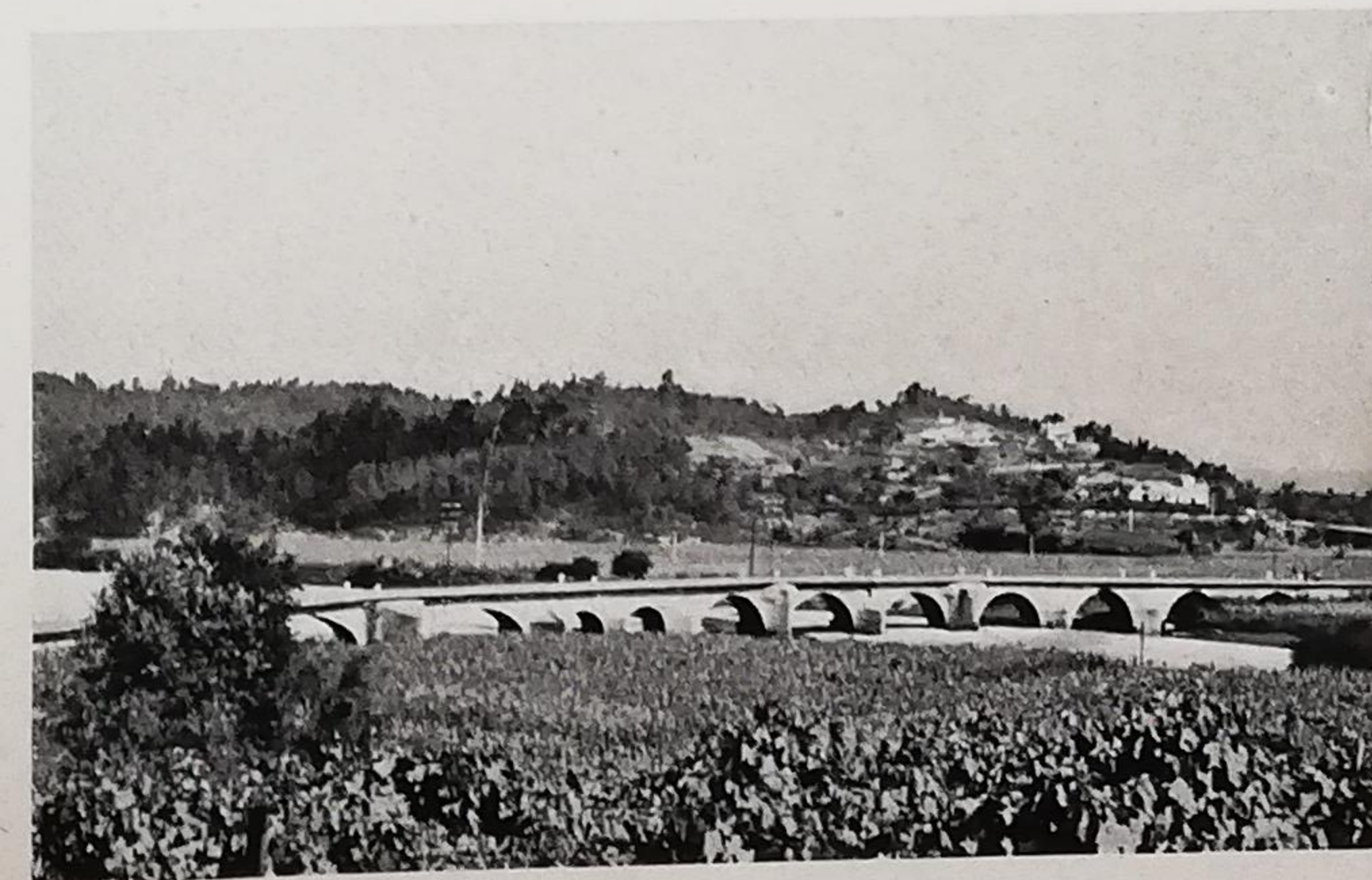
Igreja. Custódia de prata. Séc. XIX.

Igreja. Tela. *St.ª Teresa.* Séc. XVIII.

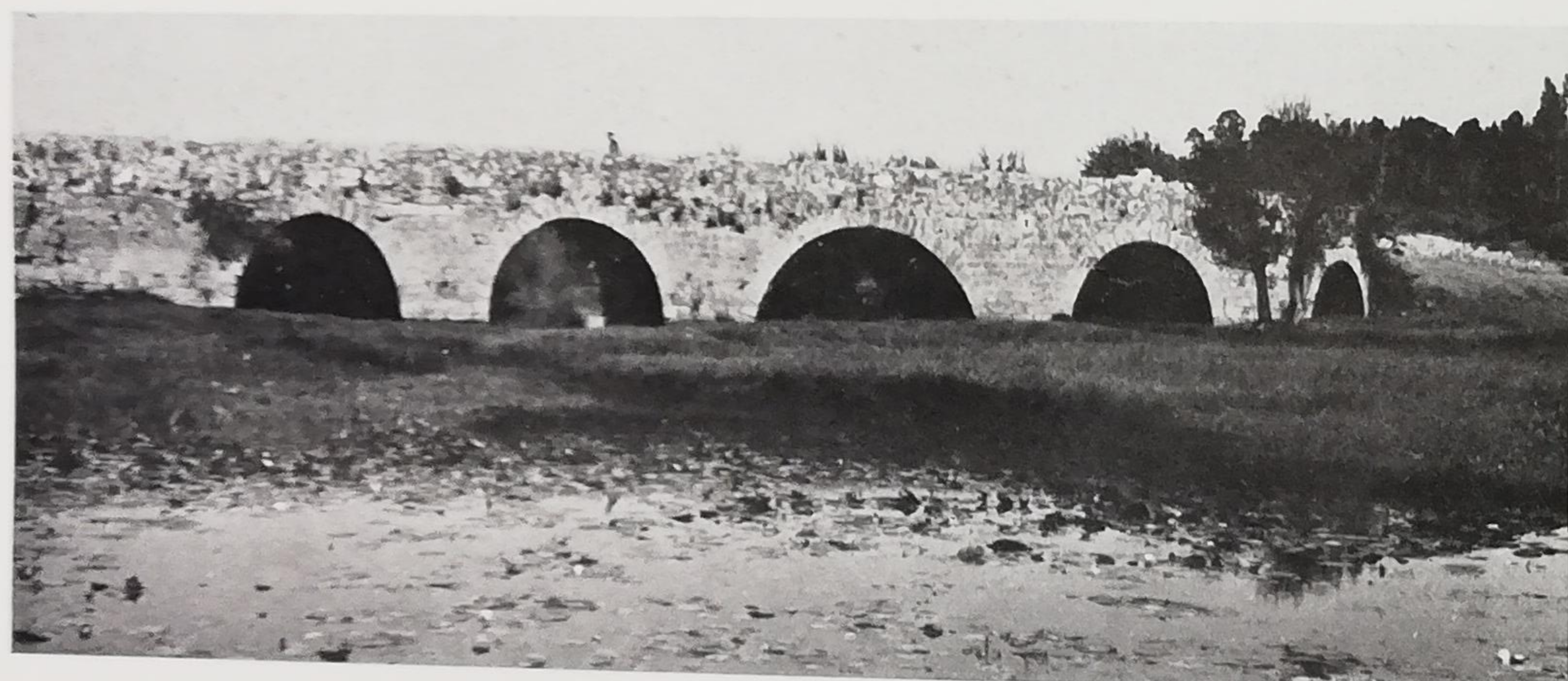
Cruzeiro-templete, reformado.

Igreja. Altar-mor. Séc. XVIII.

FREGUESIA DE FERMENTELOS

VOUGA. Casa do Séc. XVIII.

Ponte do Vouga. Uma secção vista de jusante.

Ponte do rio Vouga. Aspecto de jusante. Sécs. XVI, XVIII e XX.

PEDAÇÃES. *Virgem.* Séc. XVIII.

Ponte do Vouga. Lado de montante.

FREGUESIA DE LAMAS DO VOUGA

LAMAS. Igreja Paroquial. Interior e fachada. Séc. XIX.

LAMAS. Ponte do rio Marnel. Lado de jusante.

MACIEIRA DE ALCOBA. Torre da capela da Senhora e igreja.

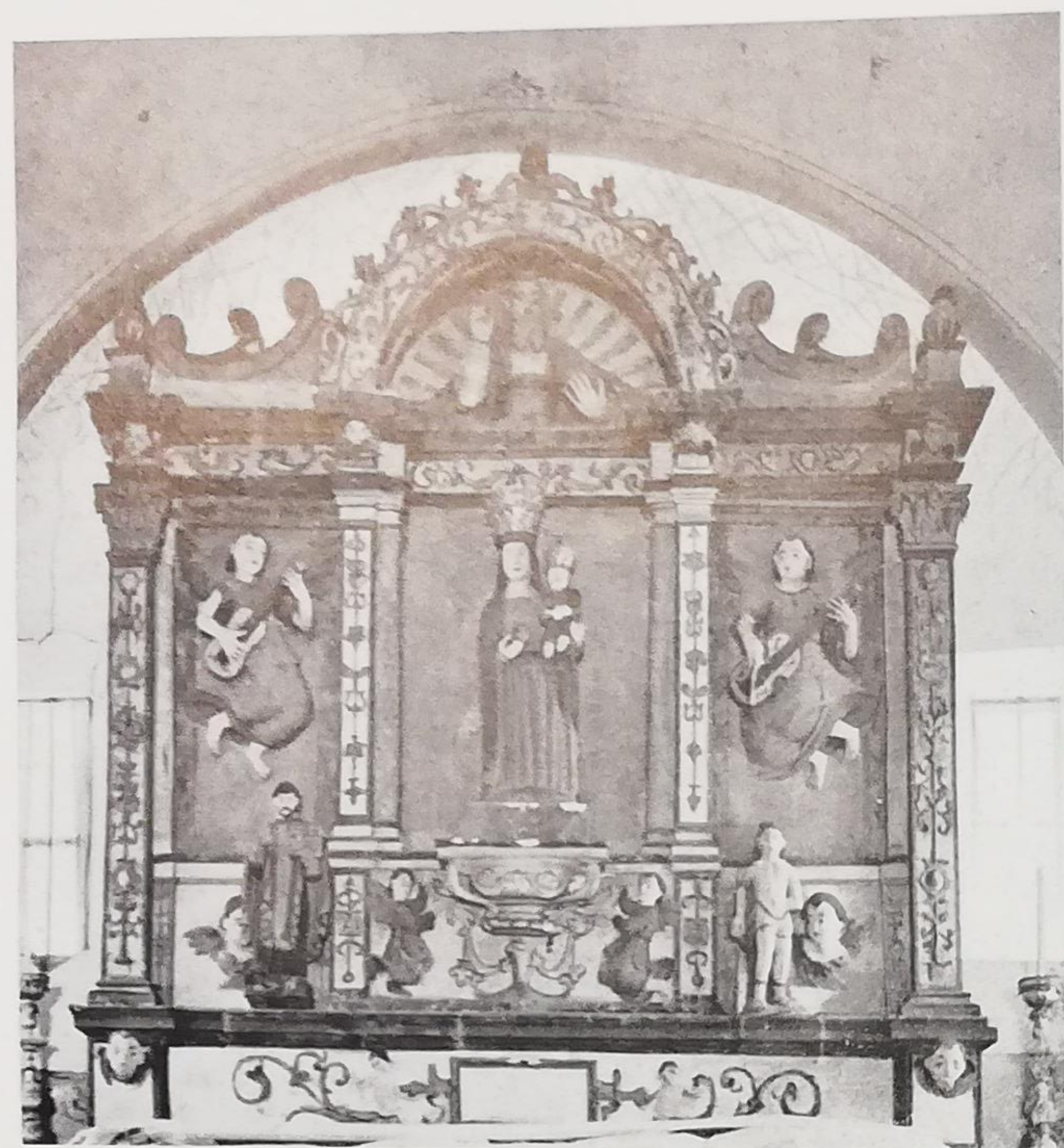
FREGUESIAS DE LAMAS DO VOUGA E MACIEIRA DE ALCOBA

Convento. Igreja.

SERÉM DE BAIXO. Casa.

SERÉM. Convento. Igreja. Séc. XVII-fin.

BECO. Capela de Nossa Senhora da Paz. Interior e frontaria.

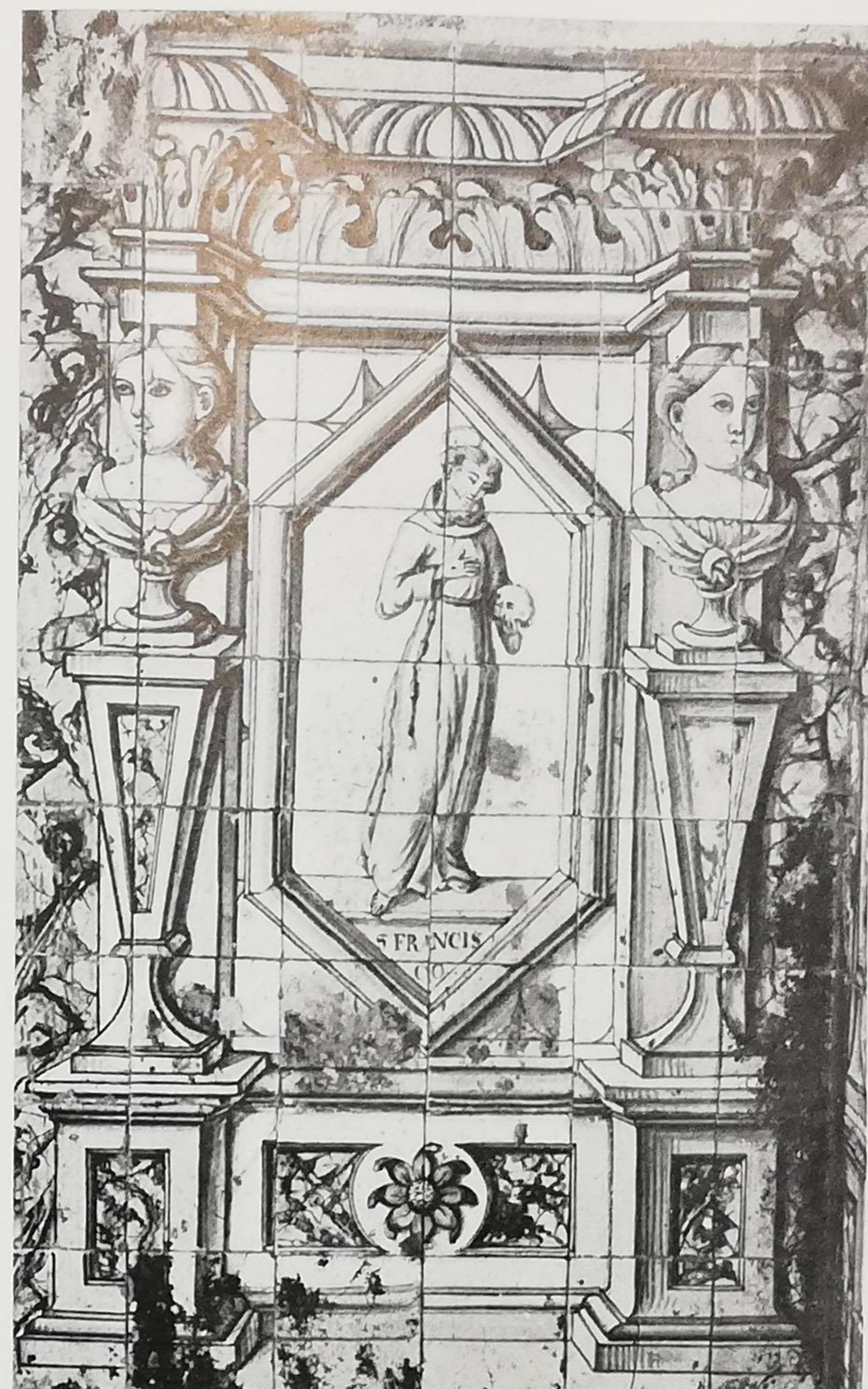
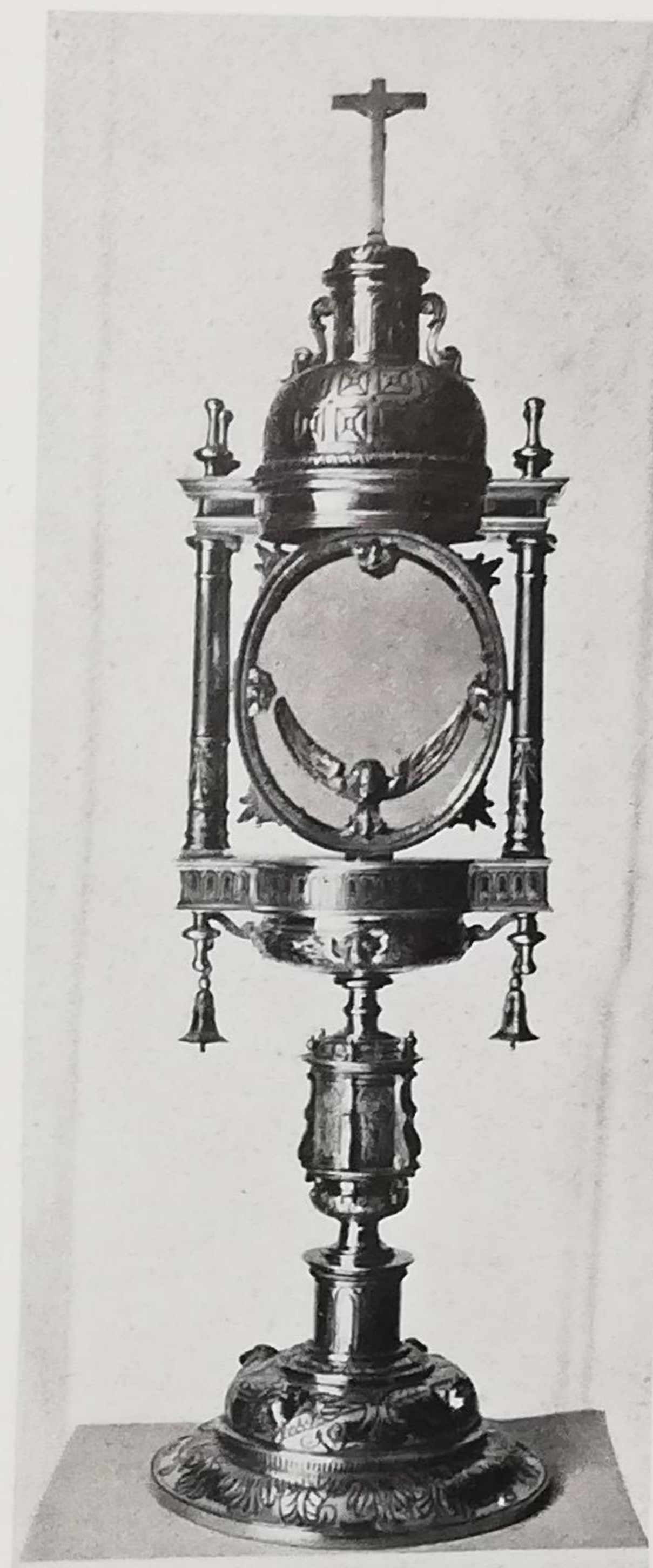
FREGUESIA DE MACINHATA DO VOUGA

BECO. Capela. Retábulo. 1602.

MESA. Brasão.

CARVALHAL. Casa.

BECO. Capela. Coroa de prata. Séc. XVII.

MACINHATA. Casa.

FREGUESIA DE MACINHATA DO VOUGA

SERÉM. Convento. Azulejos do Séc. XVIII.

MACINHATA. Custódia. Séc. XVII.

MACINHATA. Cruzeiro do adro e interior da Igreja Paroquial.

FREGUESIA DE MACINHATA DO VOUGA

Igreja. Custódia. Séc. XVII.

A DOS FERREIROS. Casa. Séc. XVII.

A DOS FERREIROS. Uma casa.

Igreja Paroquial. Conjunto de retábulos.

Trindade. Séc. XVI-in.

FREGUESIA DE PRÉSTIMO

Igreja. Torre. Séc. XVIII.

Igreja. Portal. Séc. XVIII-in.

N. G.

Igreja. *Virgem e o Menino*. Séc. XV. (Ver est. XI).

FREGUESIA DE RECARDÃES

Igreja Paroquial. Retábulo duma capela do corpo e pormenor. Séc. XVIII-in.

VALONGO. Cruzeiro.

AGUIEIRA. *S. Miguel* (Séc. XVI-in.) e cruzeiro (Séc. XVIII).

FREGUESIA DE VALONGO DO VOUGA

Igreja Paroquial. Pia baptismal. Séc. XVI-man.

Igreja. Custódia. Séc. XVII.

ARRANCADA. *Padre-eterno*, madeira, Séc. XVI-in. Cruz da via-sacra.

FREGUESIA DE VALONGO DO VOUGA

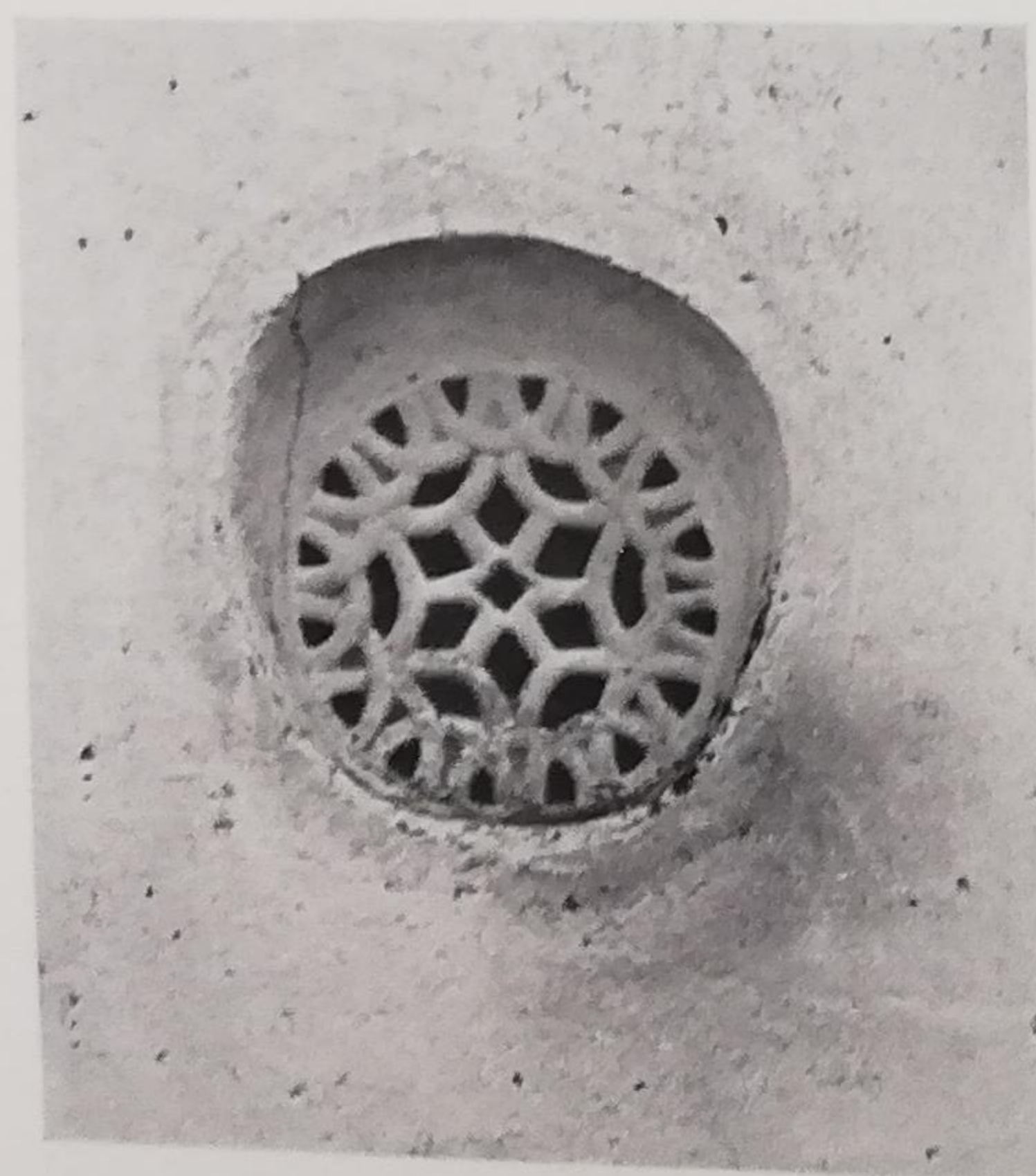
ARRANCADA. Casa seiscentista

ARRANCADA: *S. Cosme*, Séc. XVI-in.; Casa do Séc. XVIII-in.; Cruzeiro, Séc. XVII.
FREGUESIA DE VALONGO DO VOUGA

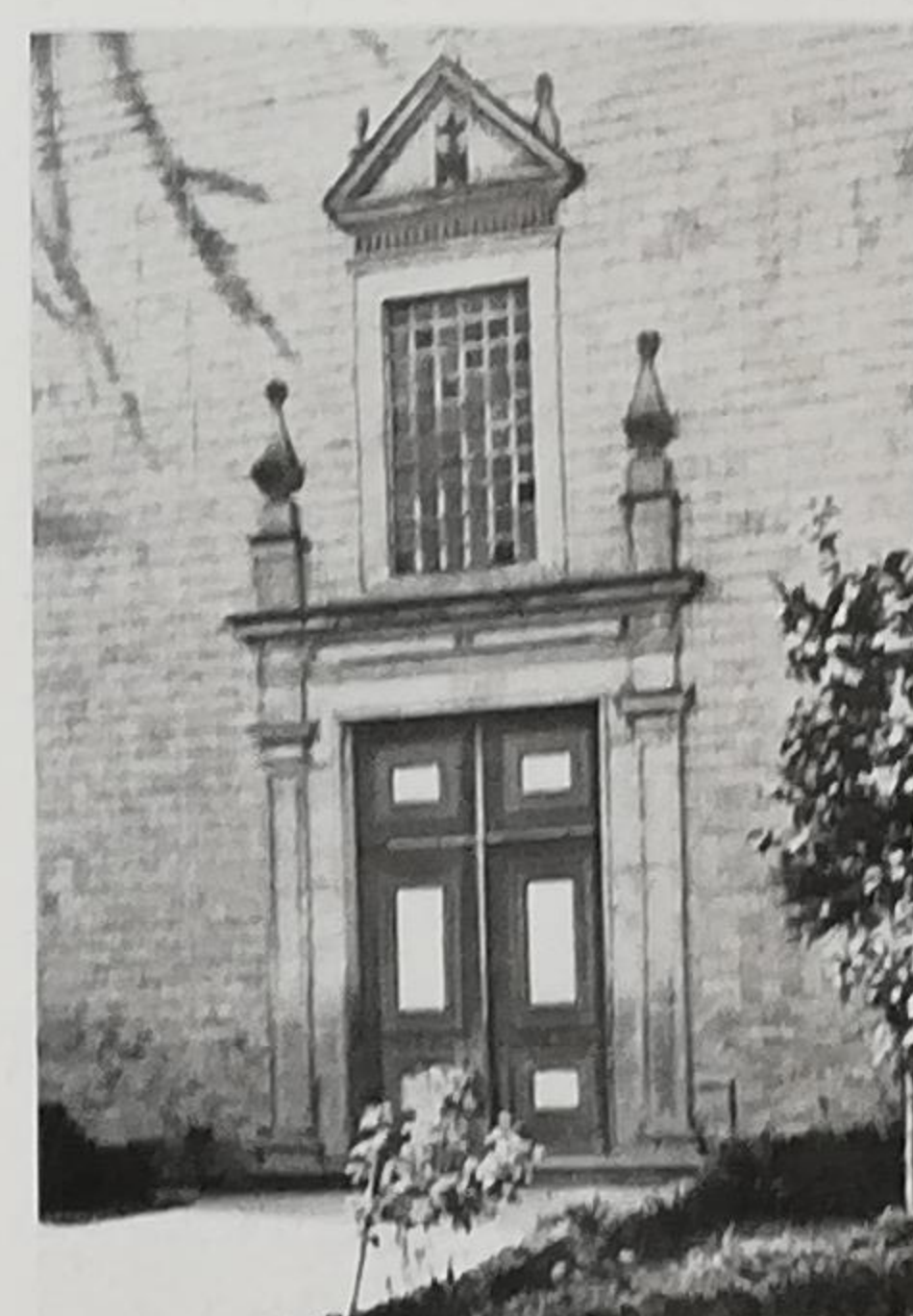
Senhora das Necessidades.

SOBREIRO. Capela (Séc. XVII); Busto da *Senhora das Necessidades*, 1627.
FREGUESIA DE VALONGO DO VOUGA

N. G.

BRUNHIDO. Casa do Séc. XVIII-inicial.

BRUNHIDO. Capela: Rosacea (Sécs. XIII-XIV) e fachada já com a mesma.
FREGUESIA DE VALONGO DO VOUGA

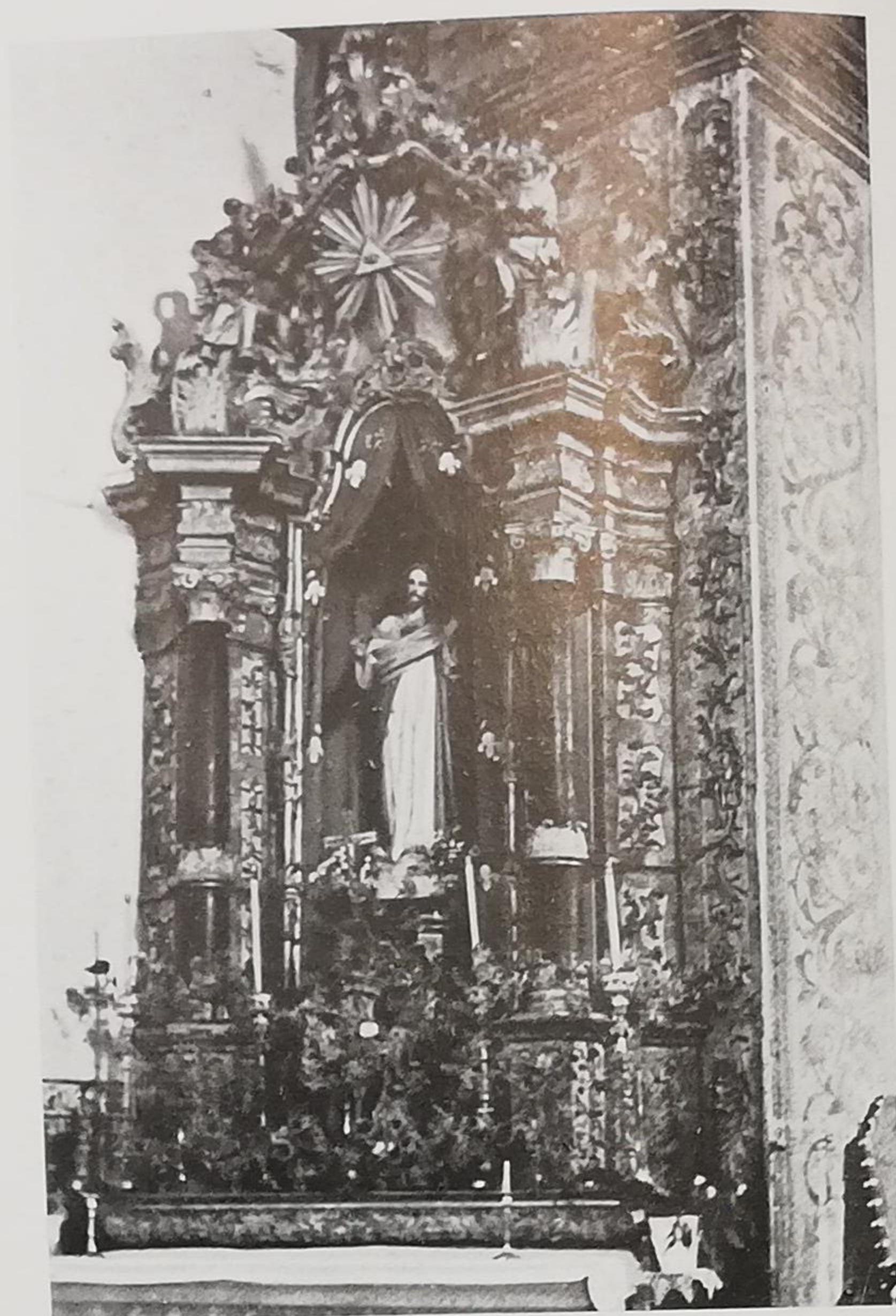
Torre e corpo da escada.

Igreja Paroquial. Conjunto interno.

Portal. 1692.

Altar de capela. Séc. XVIII.

Igreja Paroquial. Retábulo principal. Sécs. XVII-XVIII.

FREGUESIA DE ALBERGARIA-A-VELHA

Capela de S. Sebastião. Retábulo. Séc. XVII.

Igreja Paroquial. Retábulo colateral. Séc. XVIII.

Virgem. Col. Dr. J. P. Almeida.

SÃO MARCOS: *S. Mamede* (Sécs. XV-XVI), *St.º Antão* (Séc. XV).

FREGUESIA DE ALBERGARIA-A-VELHA

Capela de S. Sebastião.

Casa de St.º António: capela e portão da casa. Séc. XVIII.

Casa de St.º António. Aspecto geral. Séc. XVIII.

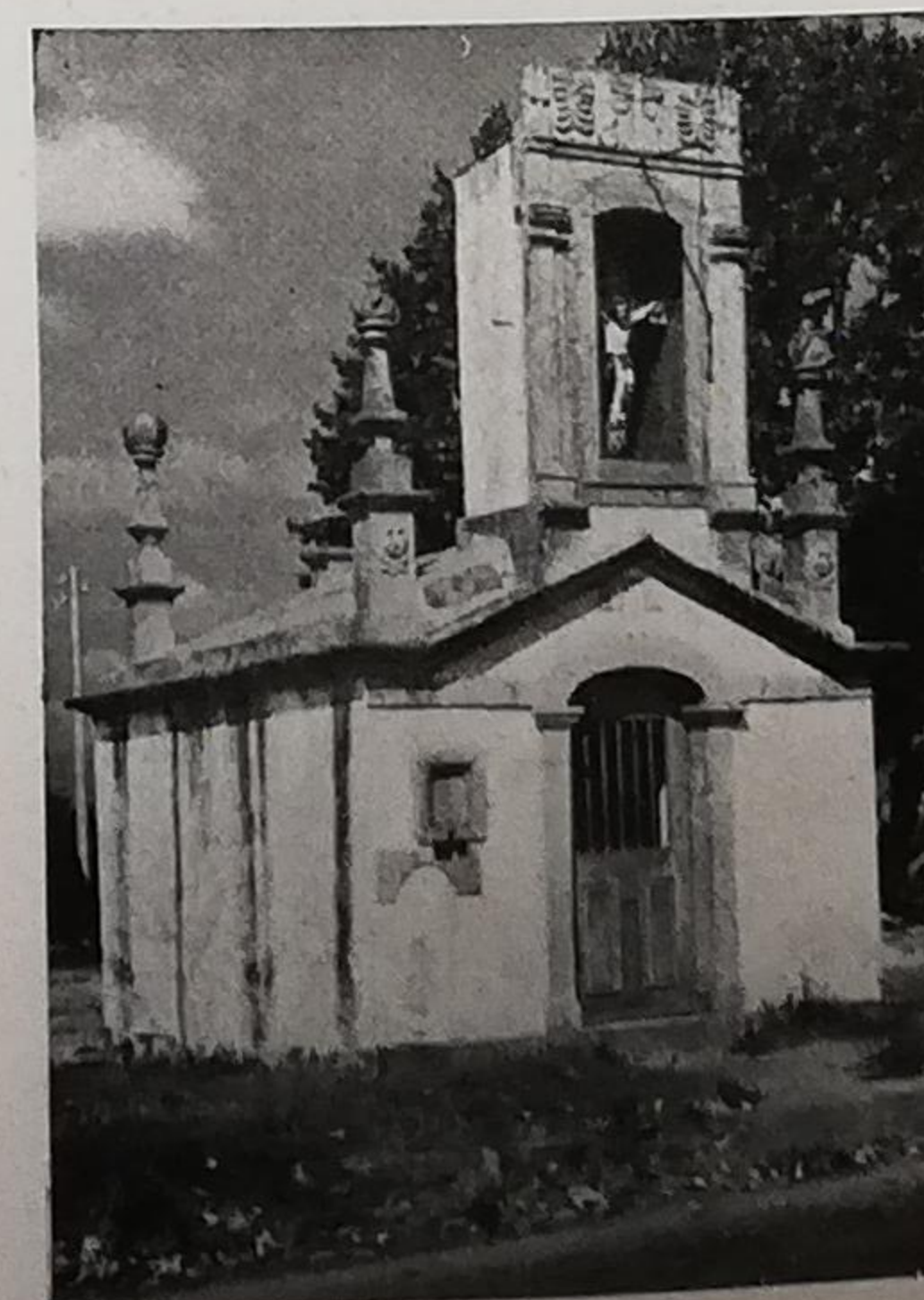
FREGUESIA DE ALBERGARIA-A-VELHA

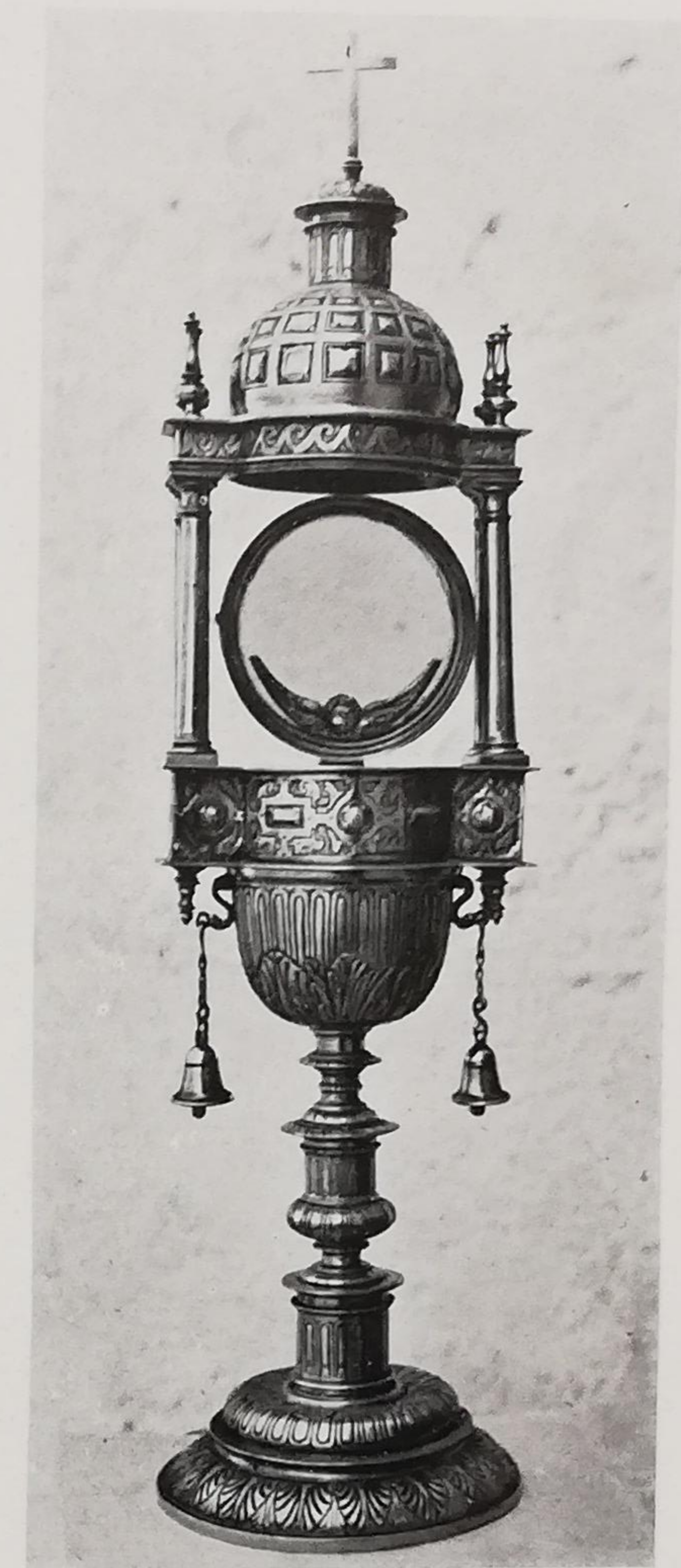
Igreja Paroquial. Pormenor da custódia. Séc. XIX-in.

Torre. Séc. XVII.

PALHAL. Ponte do Caima. 1776.
FREGUESIA DA BRANCA

S. Vicente. Séc. XVII.
(Ver est. XIV)

Cruzeiro do adro.

Albergaria-a-Nova. Capela.

Igreja Paroquial. Custódia. Séc. XIX-inicial.
FREGUESIA DA BRANCA

Igreja Paroquial. Píxide. Séc. XVIII.

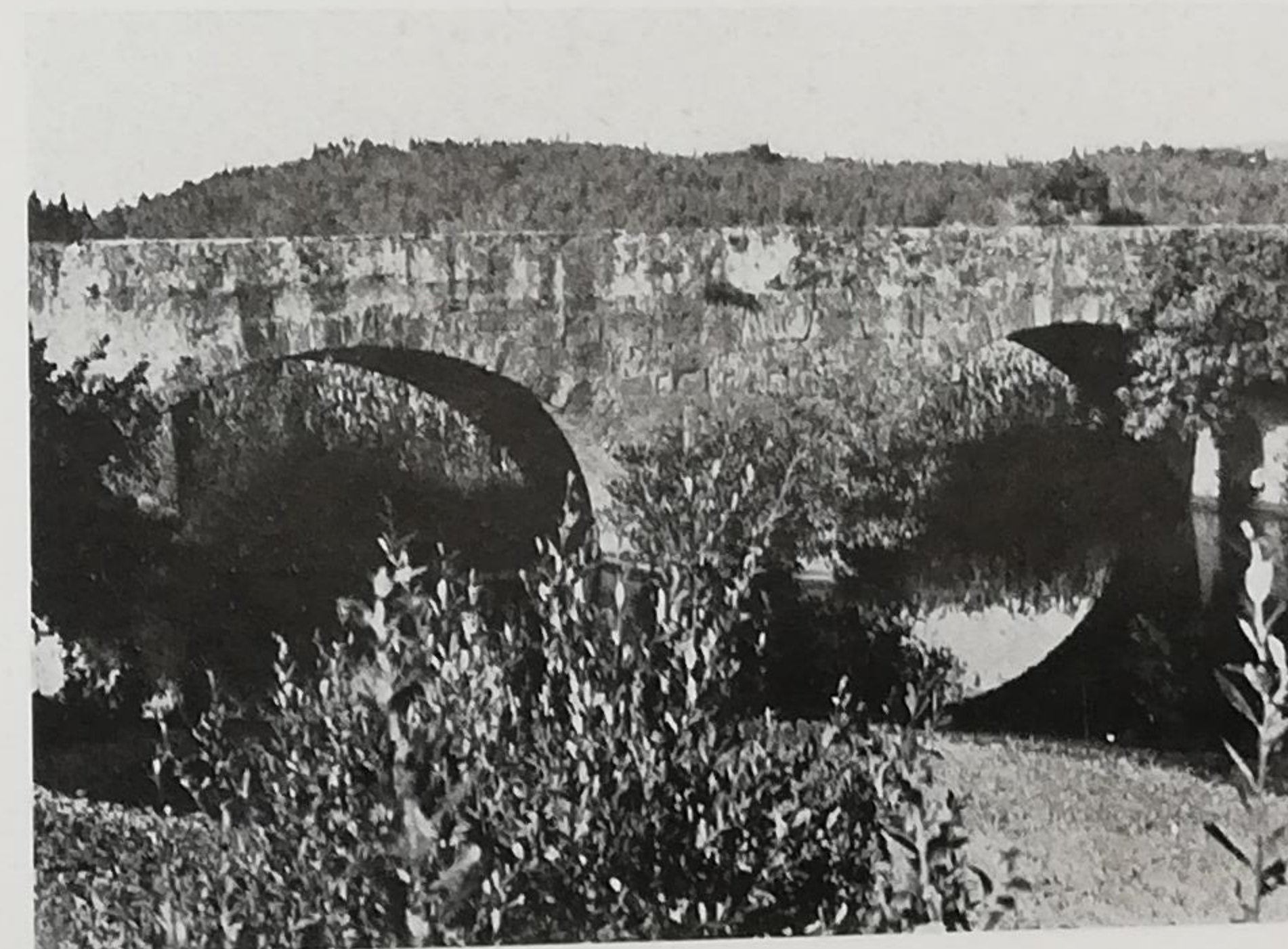
Igreja Paroquial. Grade de ferro. Séc. XVII.

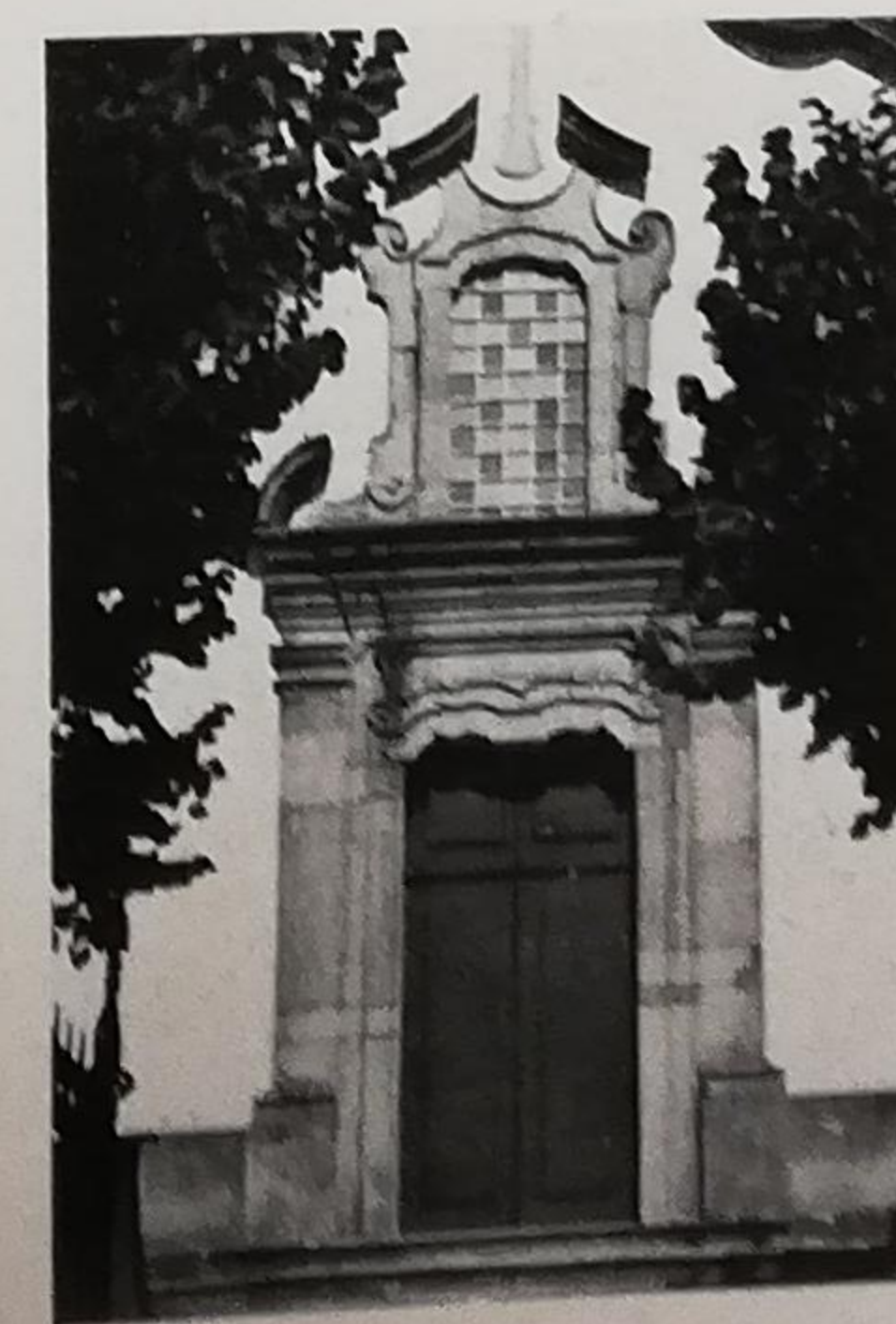
Talha em concheado.

Conjunto de retábulos.

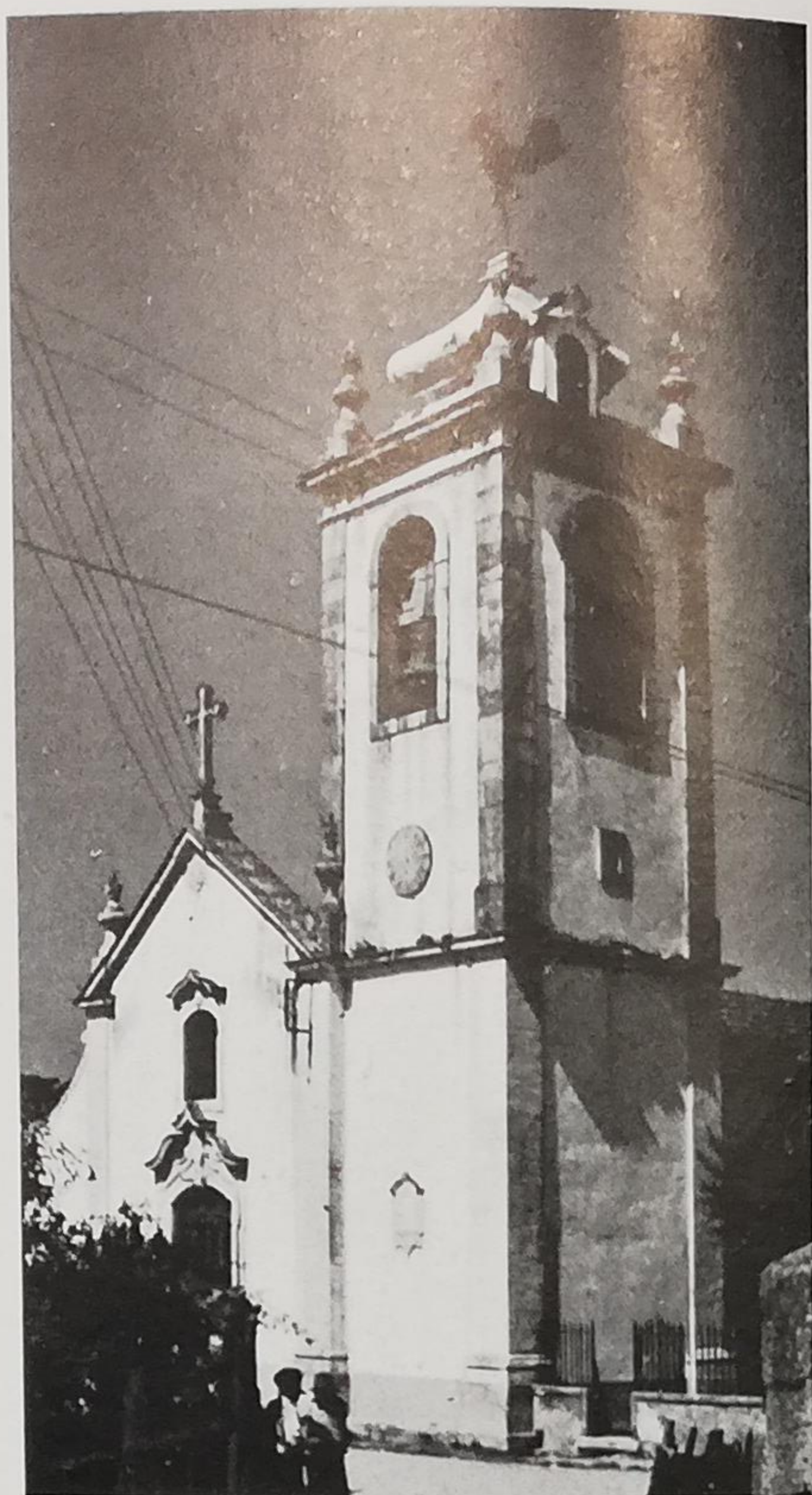
Cruzeiro.

FREGUESIA DE S. JOÃO DE LOURE

S. JOÃO DE LOURE. Sanefa. Séc. XVIII.

VALE MAIOR. Ponte do Caima.

VALE MAIOR. Sacrário. Séc. XVII.

VALE MAIOR. Igreja Paroquial: exterior e internamente. (Custódia. Ver est. XVII)

FREGUESIAS DE S. JOÃO DE LOURE E VALE MAIOR

Igreja Paroquial. Azulejos datados de 1747.

Igreja Paroquial. Frontaria. 1770.

Igreja Paroquial. Interior.

Igreja. *Virgem e o Menino*. Séc. XV.

FREGUESIA DE ARCOS — ANADIA

Senhora das Febres. Séc. XVIII.

Miser.ª *St.ª Catarina*. Séc. XVII.

Misericórdia. *Virgem*. Séc. XVII.

Igreja Paroquial. *St.ª Luzia*. Séc. XVIII.

N. G.

FREGUESIA DE ARCOS — ANADIA

Igreja Paroquial. *S. João Baptista* e *S. Pedro*. Séc. XVI.

FAMALICÃO: *S. Mamede* (Séc. XV) na capela; Casa de 1744 e com reformas posteriores.

FREGUESIA DE ARCOS — ANADIA

Paço dos marqueses da Graciosa. Séc. XVIII.

Portal da Igreja. 1770.

Graciosa. Escadaria. Séc. XVIII.

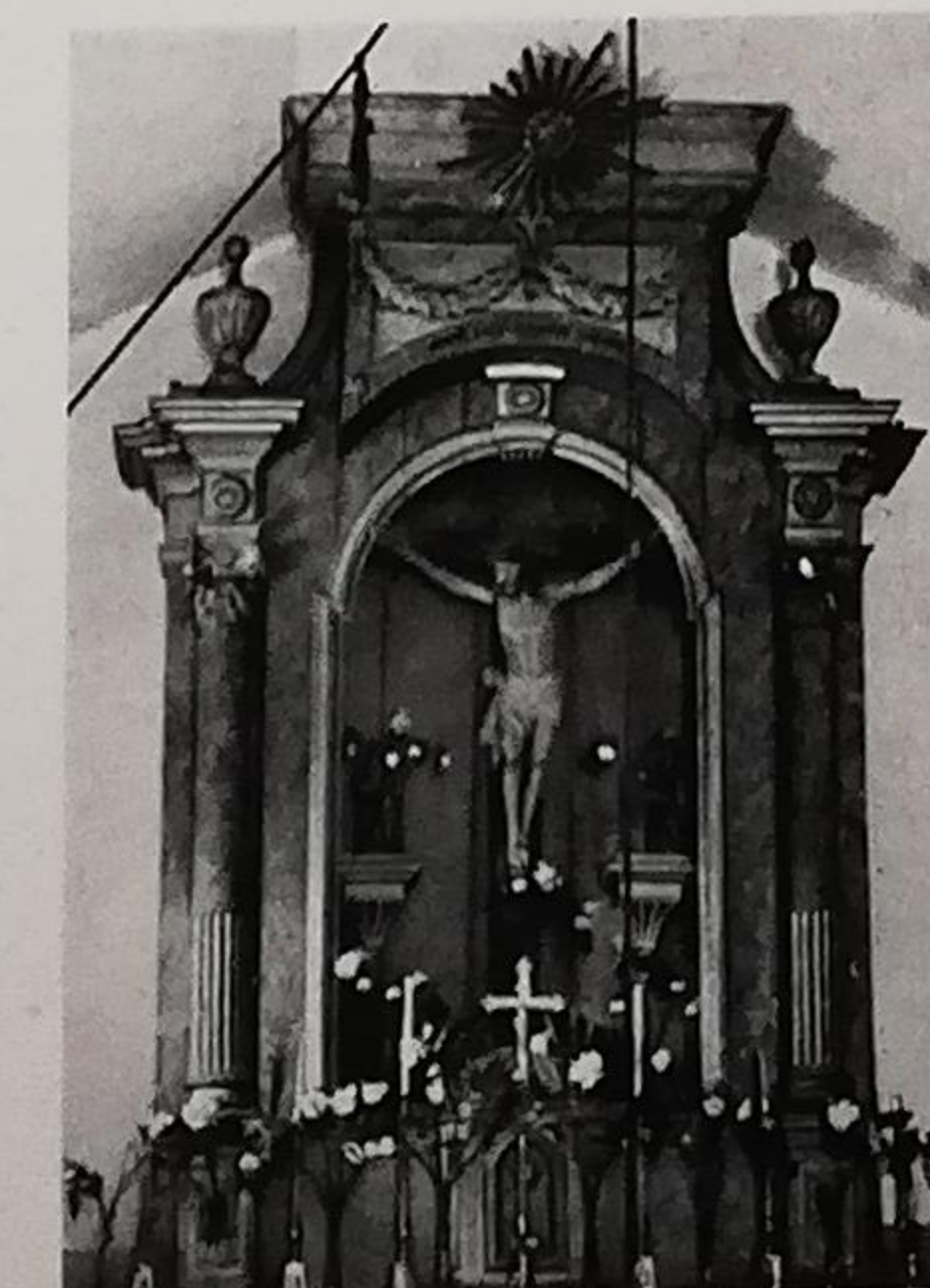
FREGUESIA DE ARCOS — ANADIA

AMOREIRA DA GÂNDARA. Escadaria datada de 1778.

ANCAS. Igreja Paroquial: *Virgem* (Séc. XV); Cruzeiro (Séc. XVII); *S. Brás* (Séc. XVI-in).
FREGUESIAS DE AMOREIRA DA GÂNDARA E ANCAS

Igreja. Fachada. Séc. XVIII.

AVELÃS DE CIMA: Cruzeiro (1680). Frontaria da igreja (1714).

Avel. de Cima. Capela. Séc. XVII.

AVELÃS DE CAMINHO: Igreja e Capela do Sr. dos Aflitos.

FREGUESIAS DE AVELÃS DE CAMINHO E AVELÃS DE CIMA

VALE DA MÓ. Capela.

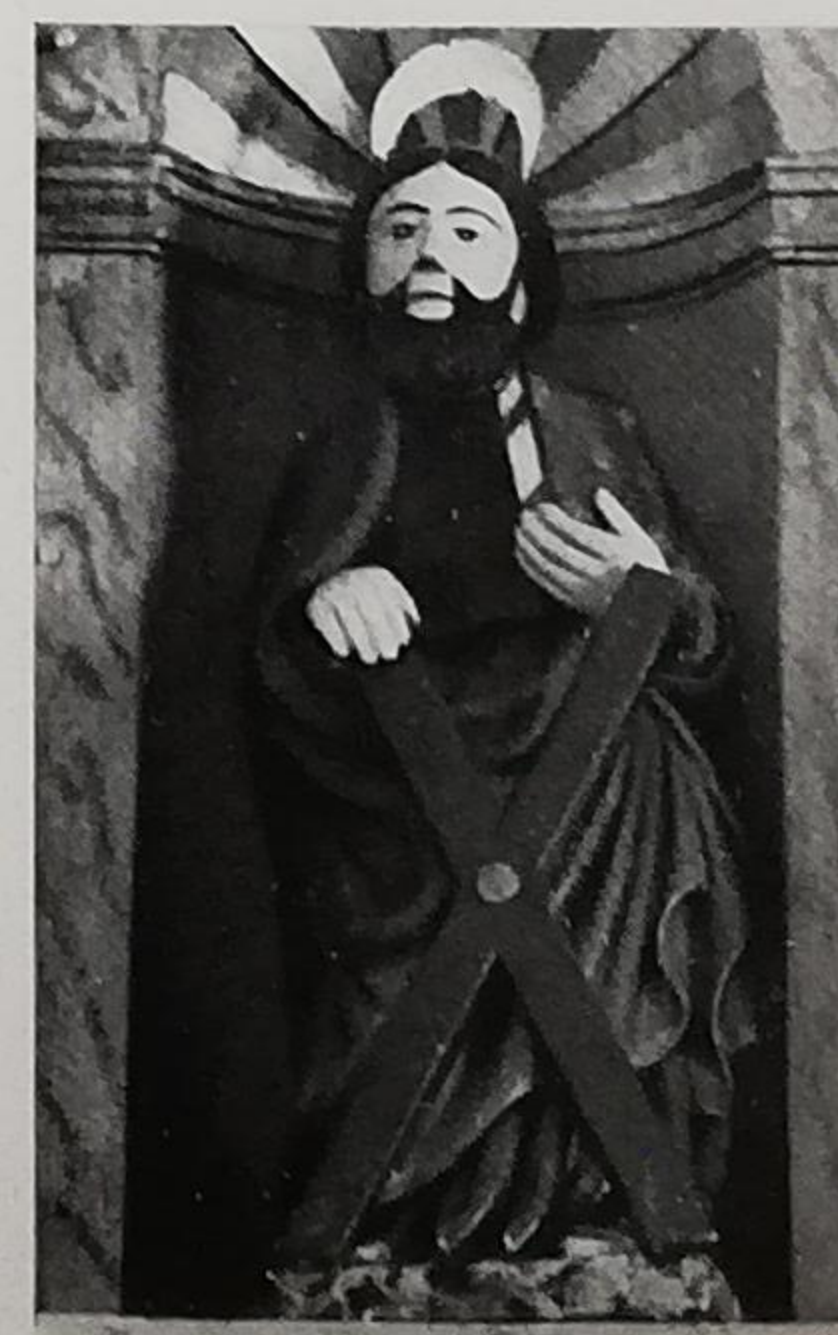
VALE DE AVIM. Séc. XVI.

Igreja Paroquial. *S. Tiago*. Séc. XV.

Igreja Paroquial. Túmulo da família Borges. Séc. XV-fin.
FREGUESIA DA MOITA

Paço dos Castelos-Brancos. Portão. Séc. XVIII.

Virgem. Sécs. XV-XVI.

S. Martinho. Séc. XV-fin.

Igreja. *St.º André*. Séc. XV.

Conjunto do paço.

FREGUESIA DE OIS DO BAIRRO

Igreja. *Virgem.* Séc. XV.

Igreja Paroquial. Pintura da capela-mor. Séc. XVIII.

FOGUEIRA. *S. Frutuozo.* Séc. XV. Igreja Paroquial: Pia baptismal (Séc. XVI-in.).
FREGUESIA DE SANGALHOS

Igreja Paroquial. Grade. Séc. XVIII.

Igreja Paroquial. Frontaria. Séc. XVIII-1.ª met.

Igreja: *St.ª Catarina* (Séc. XV) e *S. Brás* (Séc. XV). Capela. *St.ª Eufêmia* (Séc. XV).
FREGUESIA DE SANGALHOS

FOGUEIRA. Casa antiga.

Igreja Paroquial. Retábulos da nave.

S. JOÃO. Retábulo. Sécs. XVI-XVII.

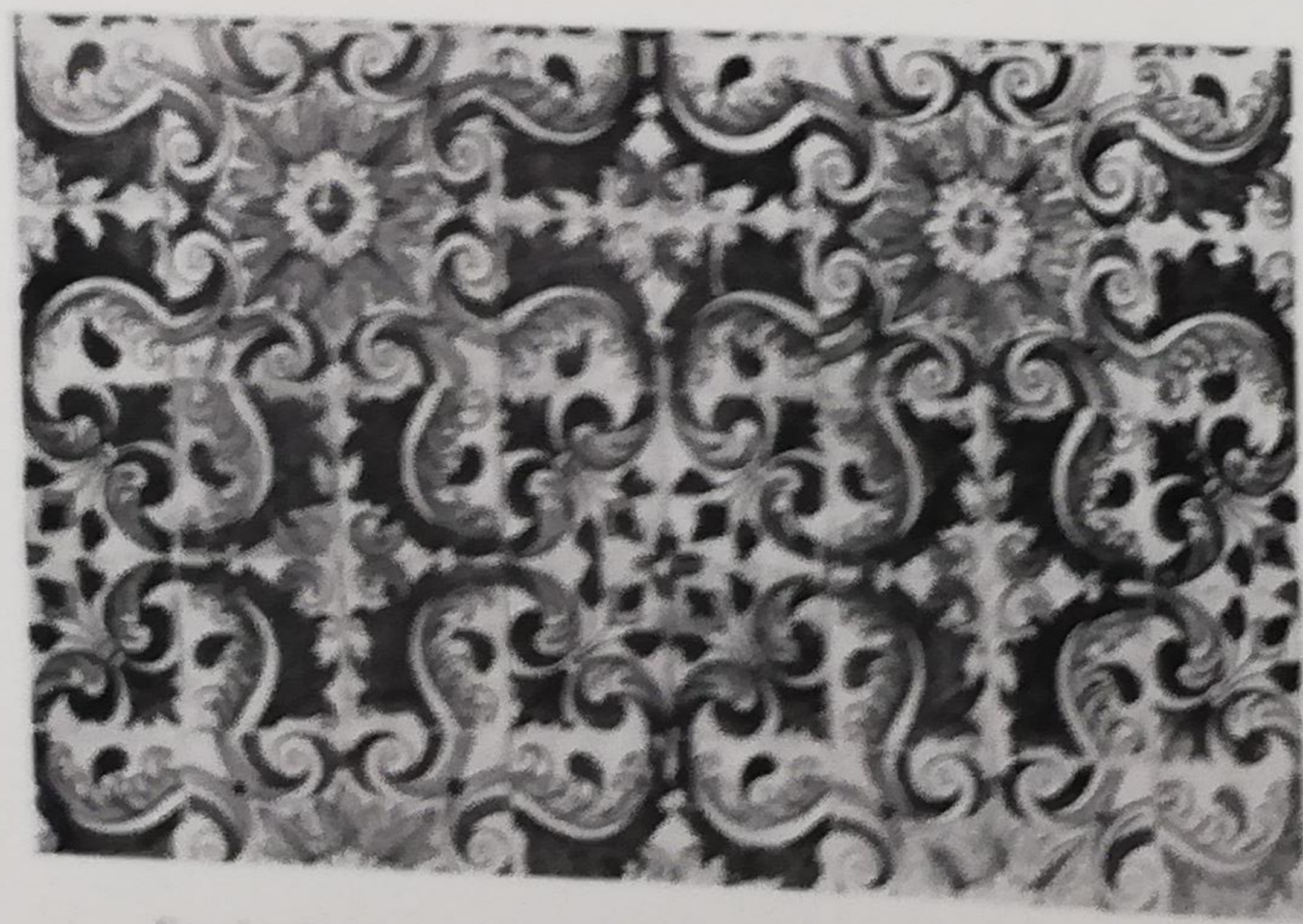
Igreja Paroquial. O conjunto dos retábulos.

FREGUESIA DE SANGALHOS

Igreja Paroquial. Custódia. Séc. XVI.

Igreja Paroquial. *Virgem sentada*. Séc. XV.

Igreja Paroquial: torre e porta principal.

Pelourinho

FREGUESIA DE S. LOURENÇO DO BAIRRO

Igreja Paroquial: *S. Pedro* (Séc. XIV); Custódia (Séc. XVI-fin).

Igreja. *Sr.ª da Conceição.* Séc. XVIII.

Igreja Paroquial. Interior.

FREGUESIA DE TAMENGOS

AGUIM. (Ver est. XIII).

Igreja Paroquial. *Árvore de Jessé.* Séc. XVIII.

AGUIM. Capela. *S. Miguel.* Séc. XV.

TAMENGOS. Casa.

AGUIM: *St.ª Ana* (Séc. XVIII) e frontaria da capela (Séc. XVIII).

FREGUESIA DE TAMENGOS

N. G.

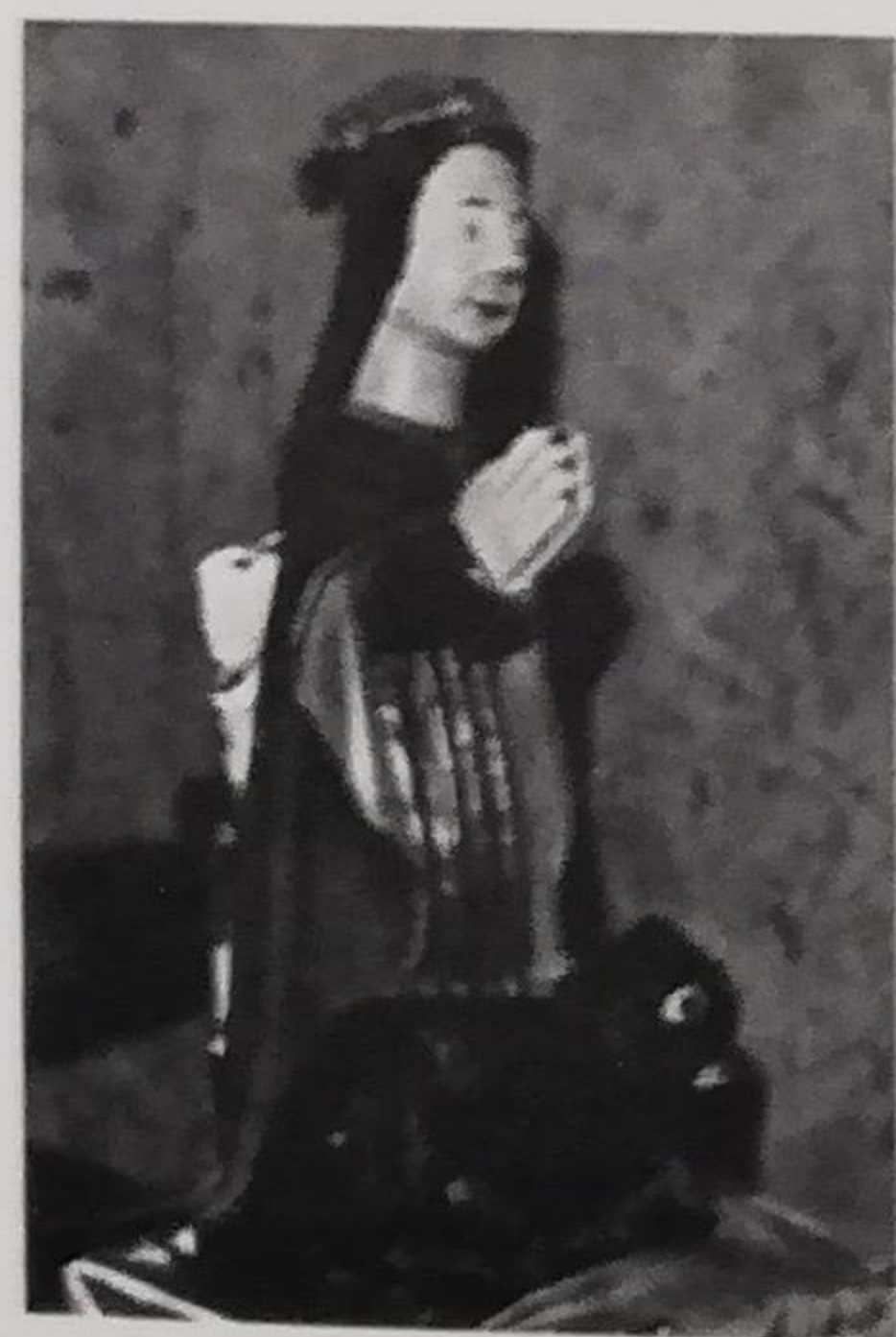
CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES. SÉC. XVII.

FREGUESIA DE VILA NOVA DE MONSARROS

Capela de N. Sr.ª das Neves: frontaria (Séc. XVII) e *Virgem* de marfim (Séc. XIV).

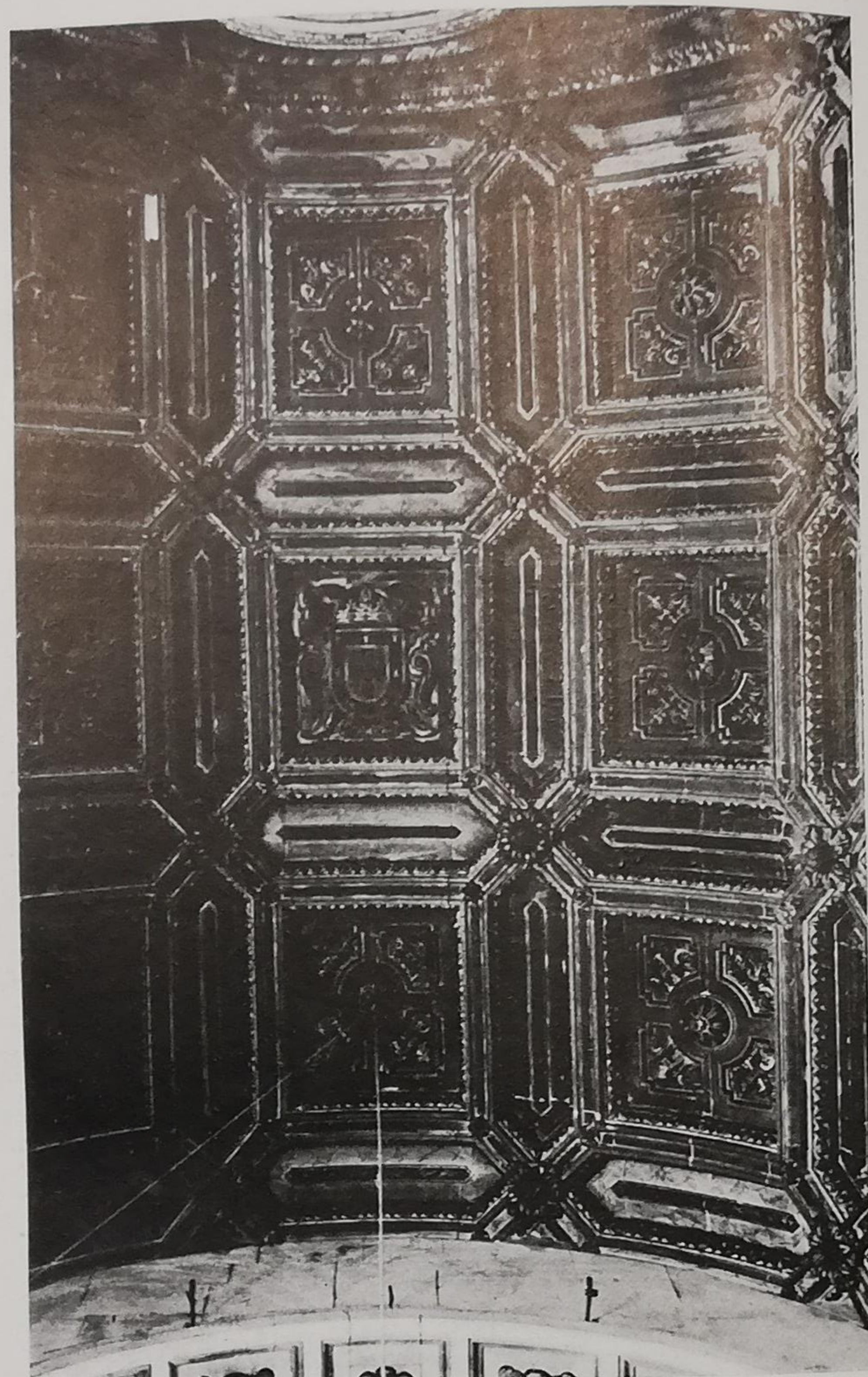
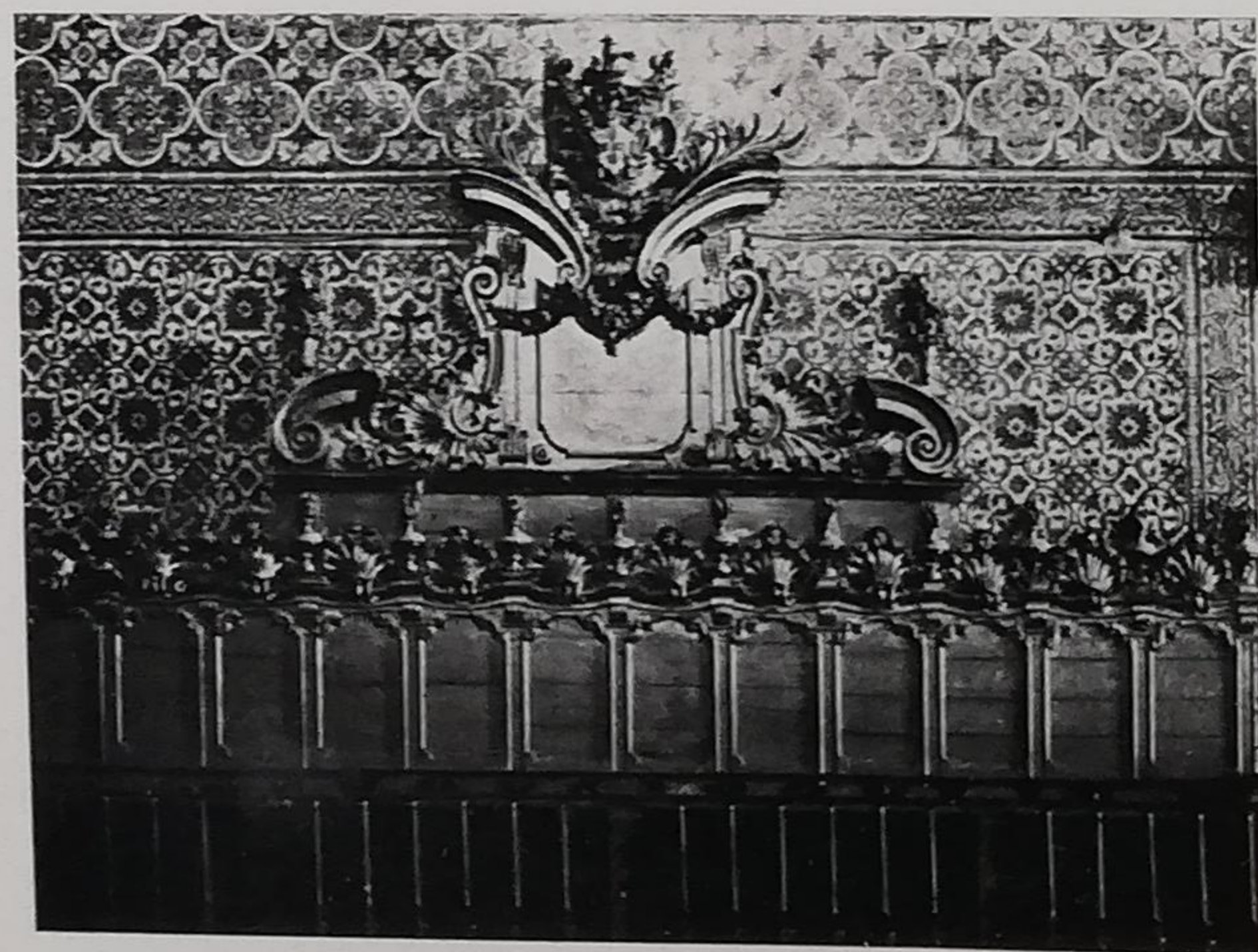
Igreja Paroquial: *St.ª Luzia* (Séc. XV); pia baptismal (Séc. XVI-in.). *Virgem* de marfim.

FREGUESIA DE VILA NOVA DE MONSARROS

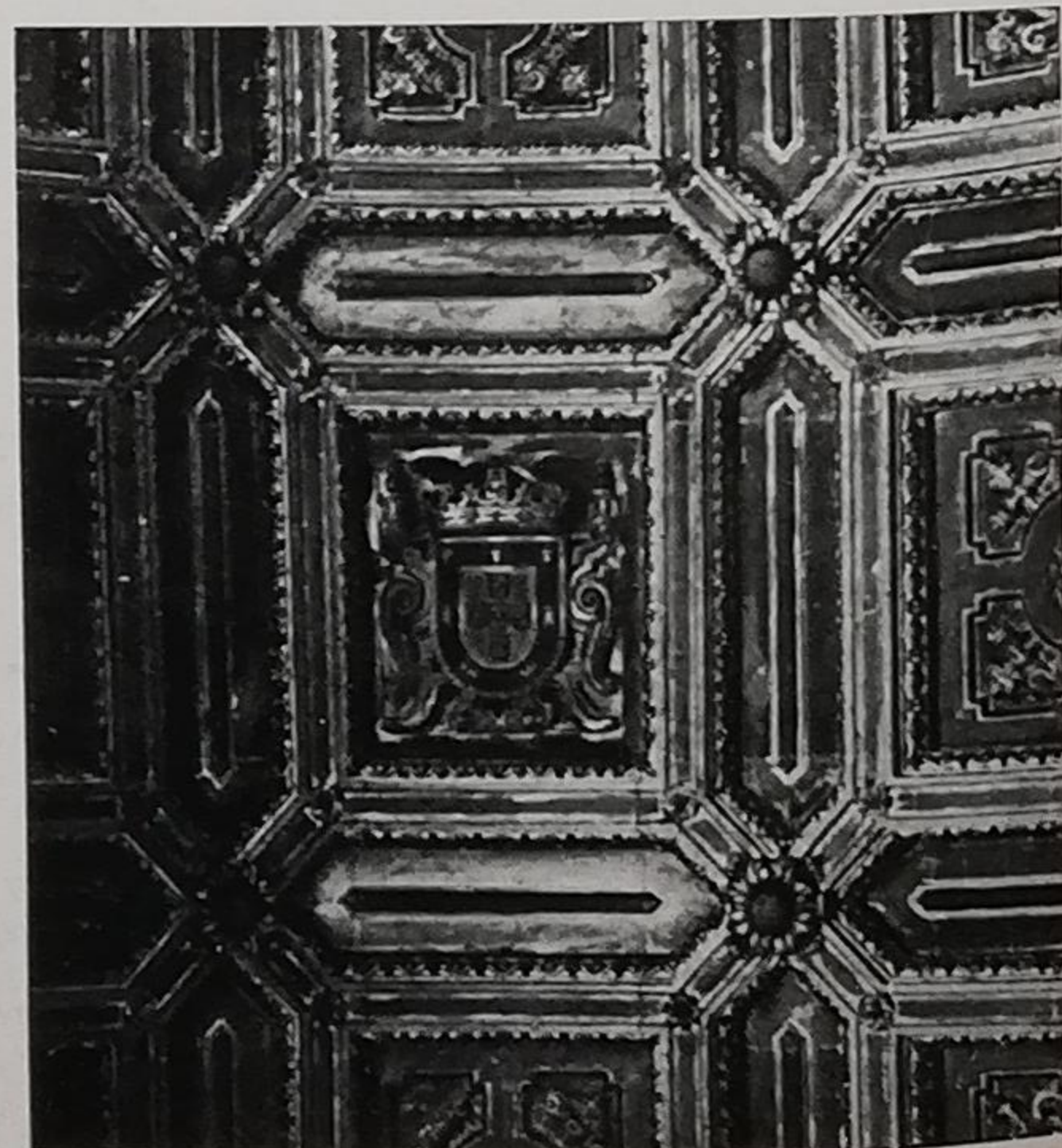
Igreja Paroquial: *Virgem e o Menino* (Séc. XV); exterior (Séc. XVIII).

TORRES. *St.ª Margarida* (Séc. XV). BANHOS: Capela; *Virgem* (Sécs. XV-XVI).
FREGUESIA DE VILARINHO DO BAIRRO

Paços do Concelho. 1797.

A igreja da Misericórdia no conjunto urbano.
CIDADE DE AVEIRO

Altar. Séc. XVII. (Ver est. III).

Abóbada da capela-mor. Séc. XVII.

Banco dos mesários. Séc. XVIII.

Pormenor da abóbada.

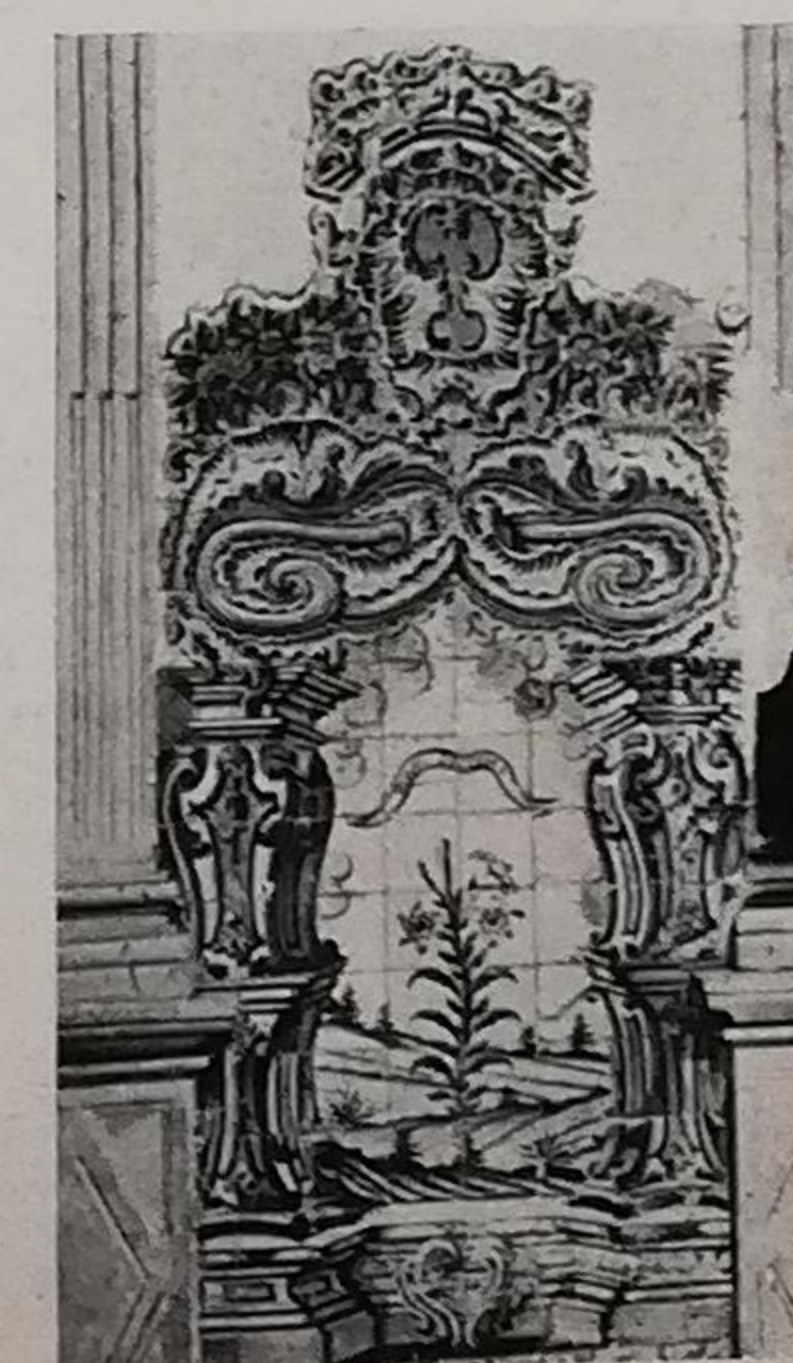
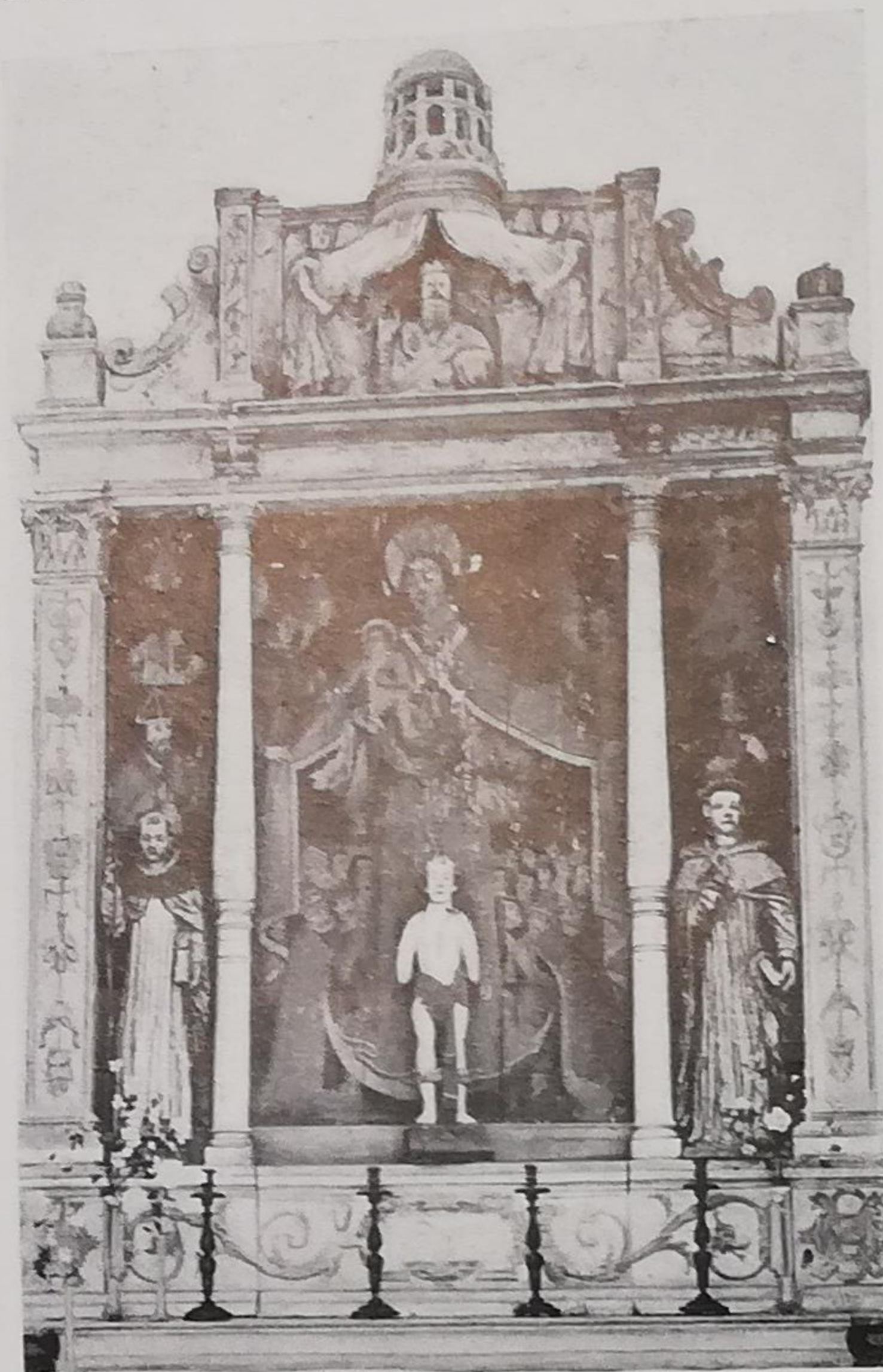
IGREJA DA MISERICÓRDIA
CIDADE DE AVEIRO

Cruz do adro. Séc. XVI-in.

Frontaria. 1719 (Ver est. IV).

Estante. Séc. XVII.

St.ª Luzia. Pormenor.

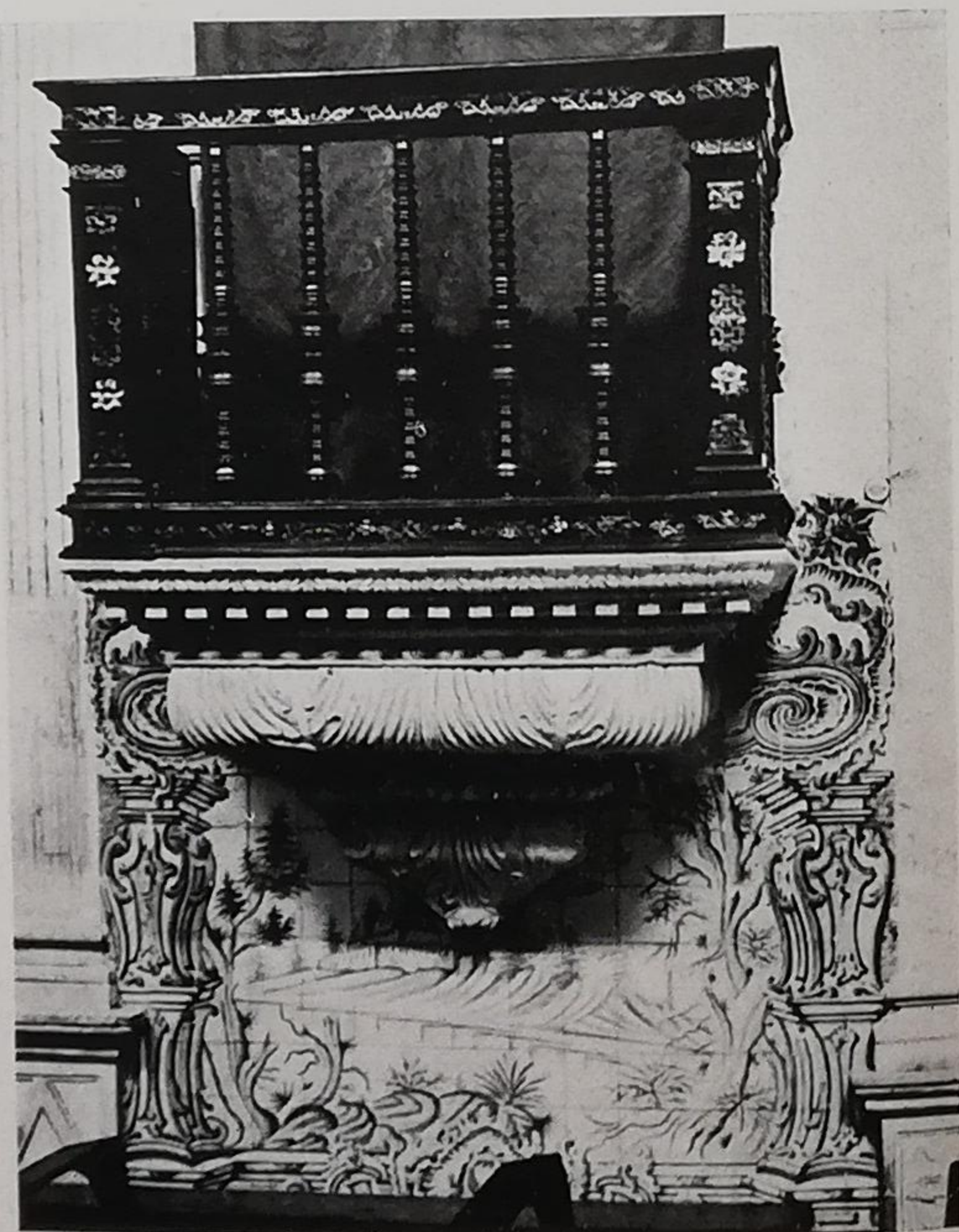
Azulejos. Séc. XVIII.

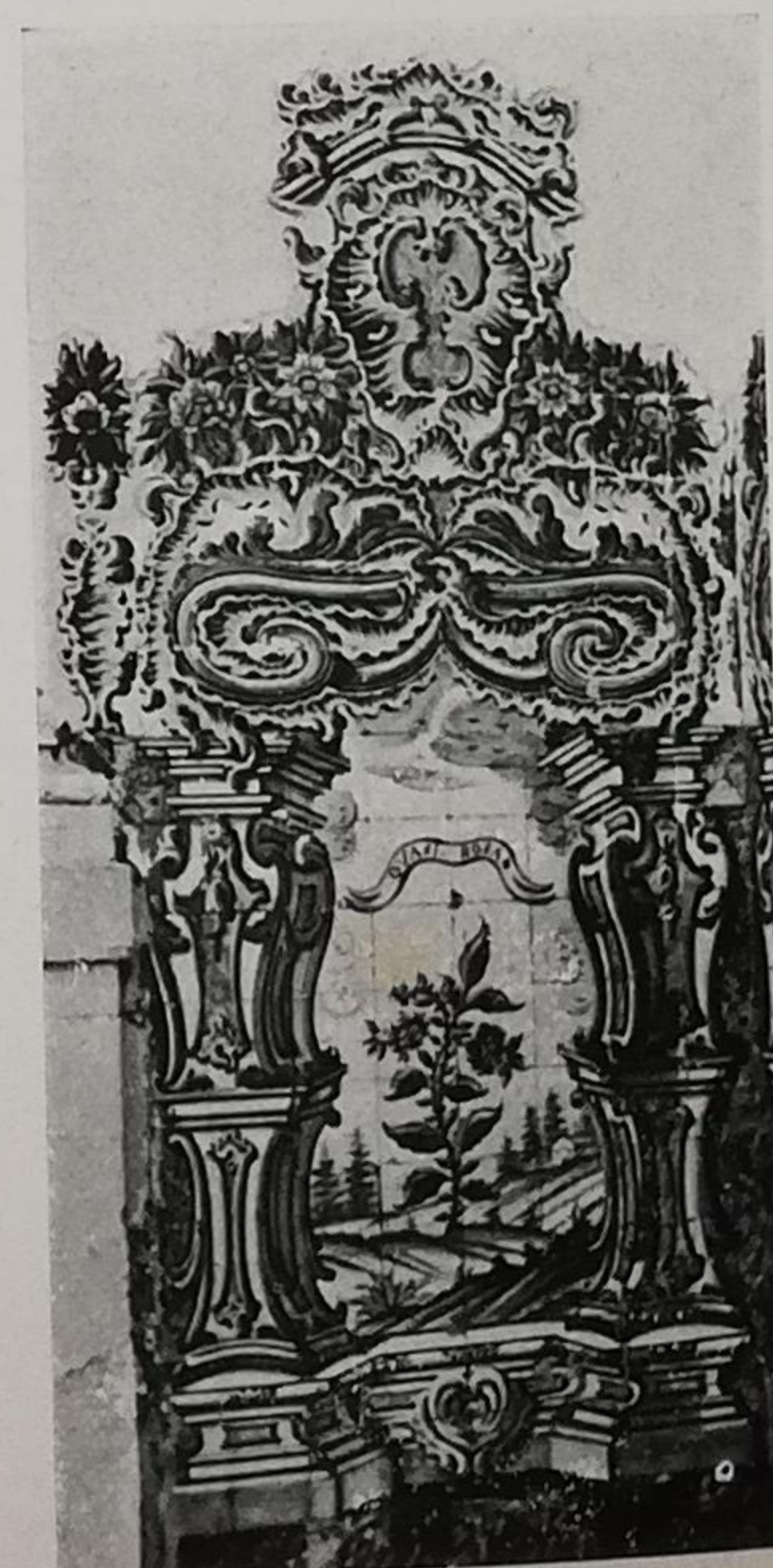
CONVENTO DE S. DOMINGOS (SÉ)
CIDADE DE AVEIRO

Retábulo da N.ª Sr.ª da Misericórdia. Séc. XVI.

Retábulo da *Visitação*. Séc. XVI-fin.

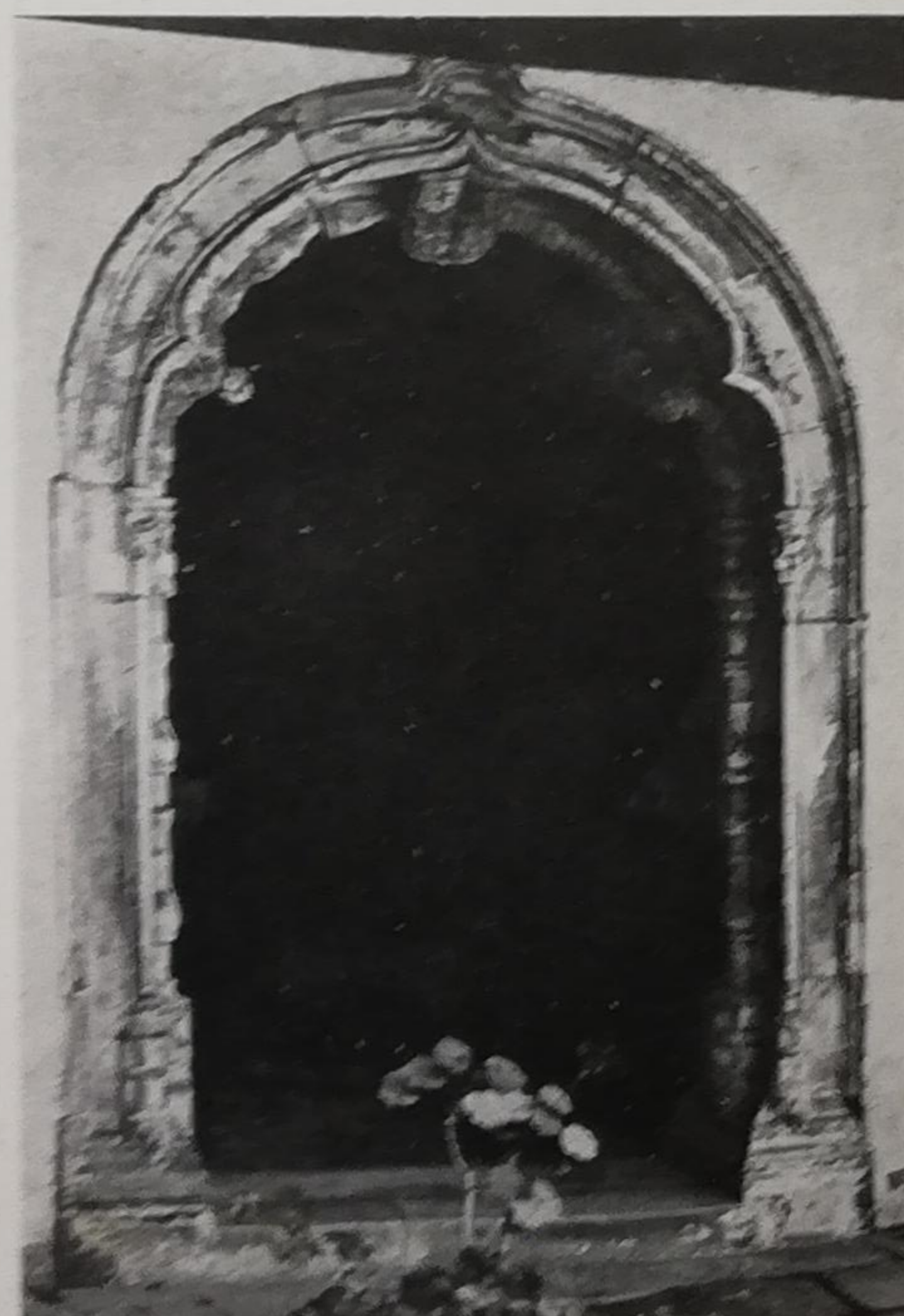
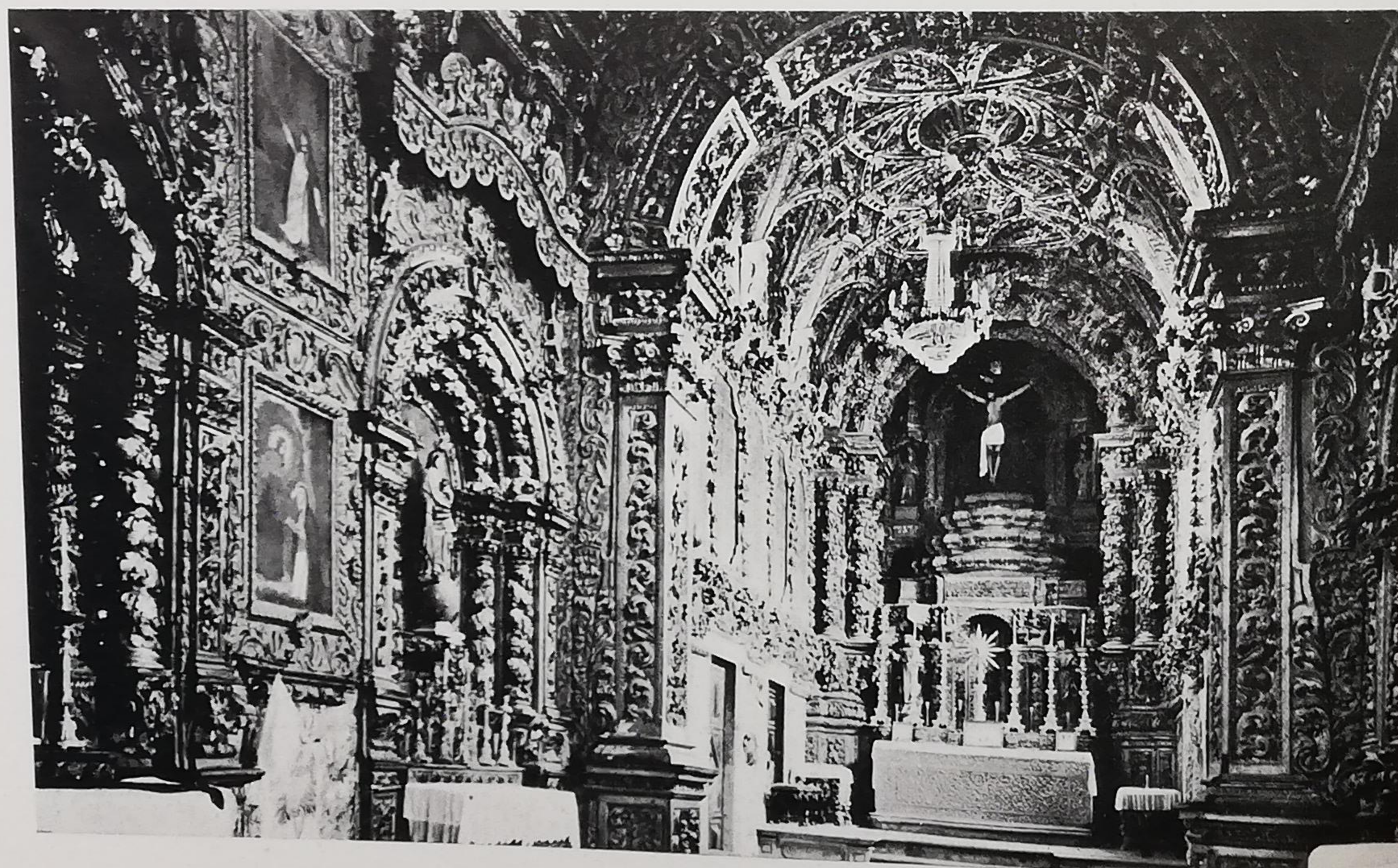
Azulejos. *S. Tomás de Aquino*. Séc. XVIII.

Púlpito. (1699).

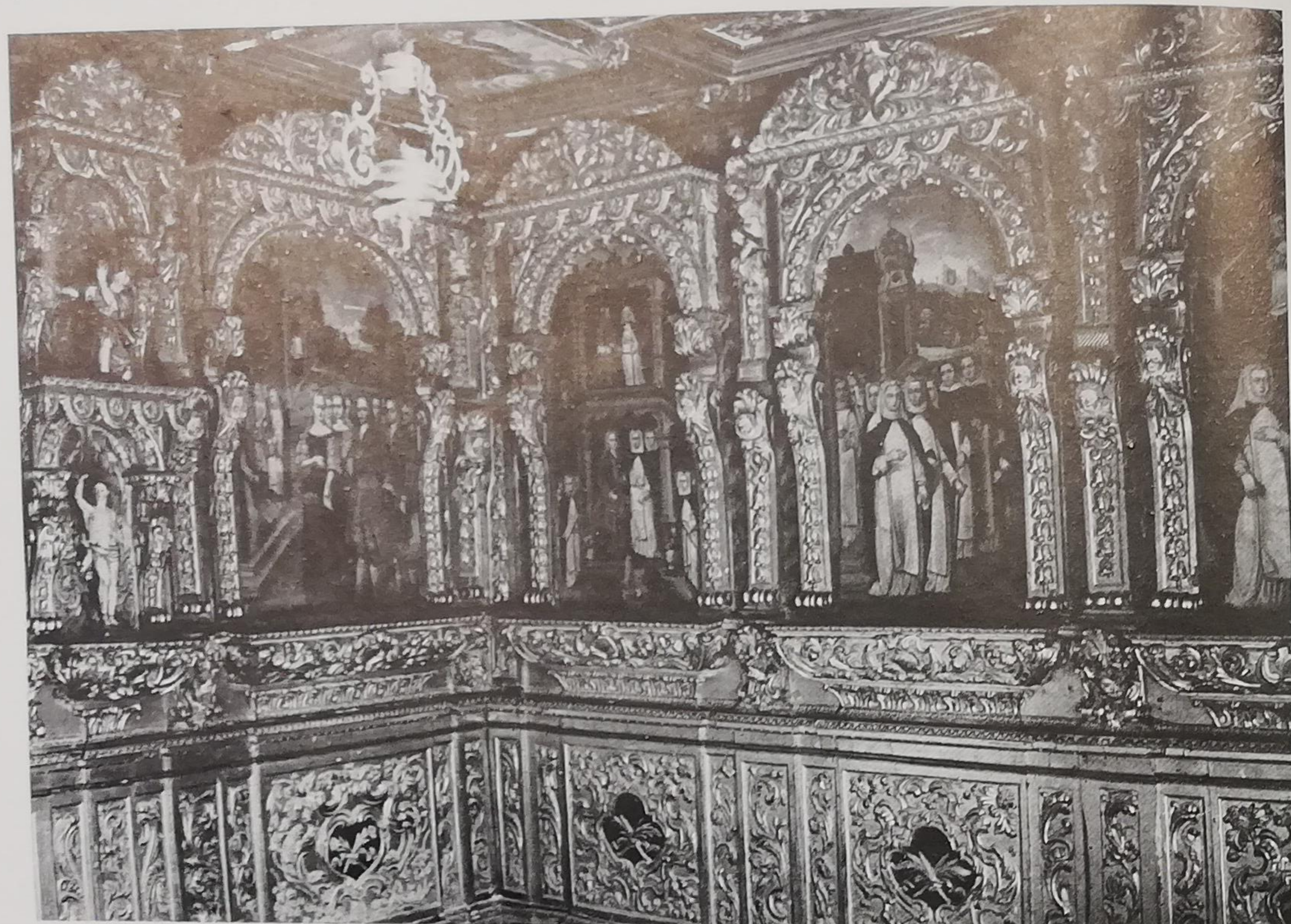
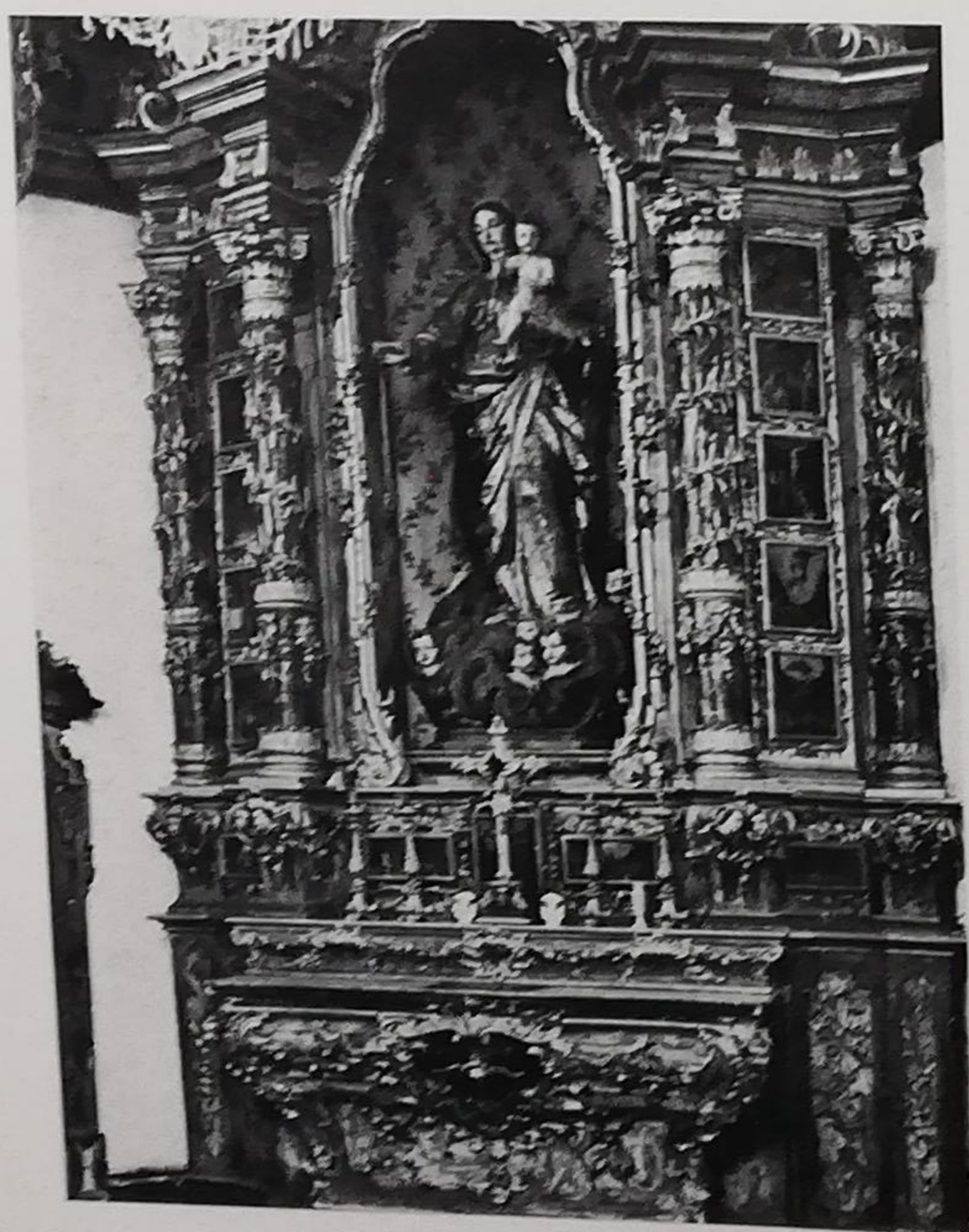
CONVENTO DE S. DOMINGOS (SÉ)
CIDADE DE AVEIRO

St.ª Luzia. Madeira. Séc. XVI.

MARGARITA DE SABAVDIA
MARGARITA DE CASTELLO VIRGO

Cadeirais: *St.ªˢ Margarida de Saboia* e *Mg. do Castelo*. Séc. XVIII.

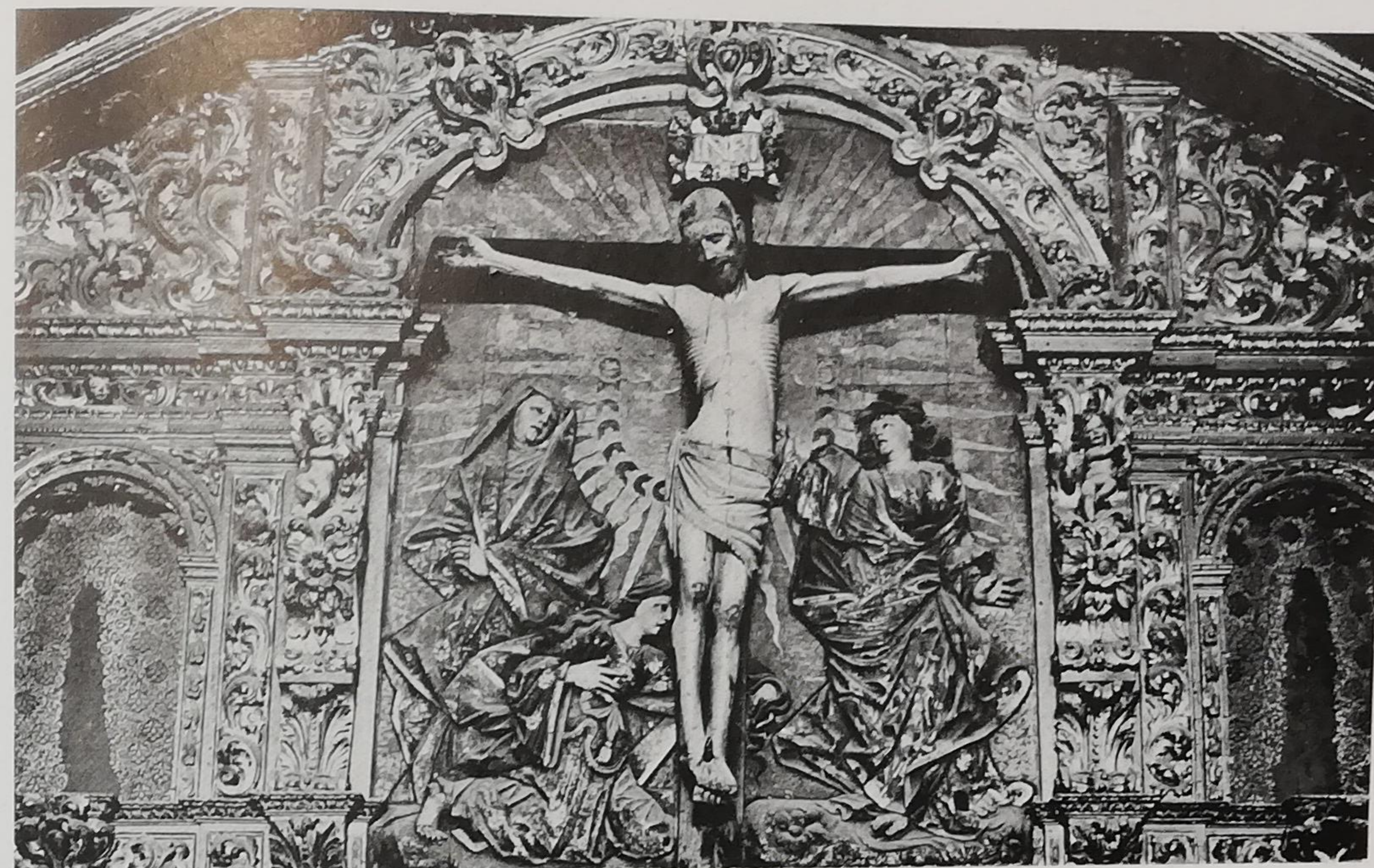
Azulejos. Séc. XVIII.

Pinturas dos cadeirais. (Ver: esc. est. 15; pint. est. 24 e 25).
CONVENTO DE S. DOMINGOS
CIDADE DE AVEIRO

Tecto do corpo da igreja. Séc. XVII.

Interior da igreja.
MOSTEIRO DE JESUS
CIDADE DE AVEIRO

Tecto da capela-mor. Séc. XVIII-in.
MOSTEIRO DE JESUS
CIDADE DE AVEIRO

N. G.

A sala-santuário da Princesa. Séc. XVIII.

Retábulo de N. S. do Rosário. Séc. XVIII.

Retábulo de St.ª Joana. Sécs. XVII e XVIII.

MOSTEIRO DE JESUS
CIDADE DE AVEIRO

Coro de cima: *Cristo* (Séc. XV-fin.); talha (Séc. XVIII).

Coro de cima. Talhas douradas e policromadas dos sécs. XVII e XVIII.

MOSTEIRO DE JESUS
CIDADE DE AVEIRO

Túmulo de João de Albuquerque. Séc. XVI-in.

Um dos *Evangelistas*. Séc. XV.

Virgem. Madeira. Séc. XVI-in.

S. Lázaro. Séc. XV.

MUSEU REGIONAL
CIDADE DE AVEIRO

Sagrada Família. Barro. Séc. XVIII.

A. H.

Barros: *Contemplativa* (séc. XVIII); *S. Miguel* (séc. XVIII); *S. José* (séc. XVIII). (Esc. ver est. 18 e 30).

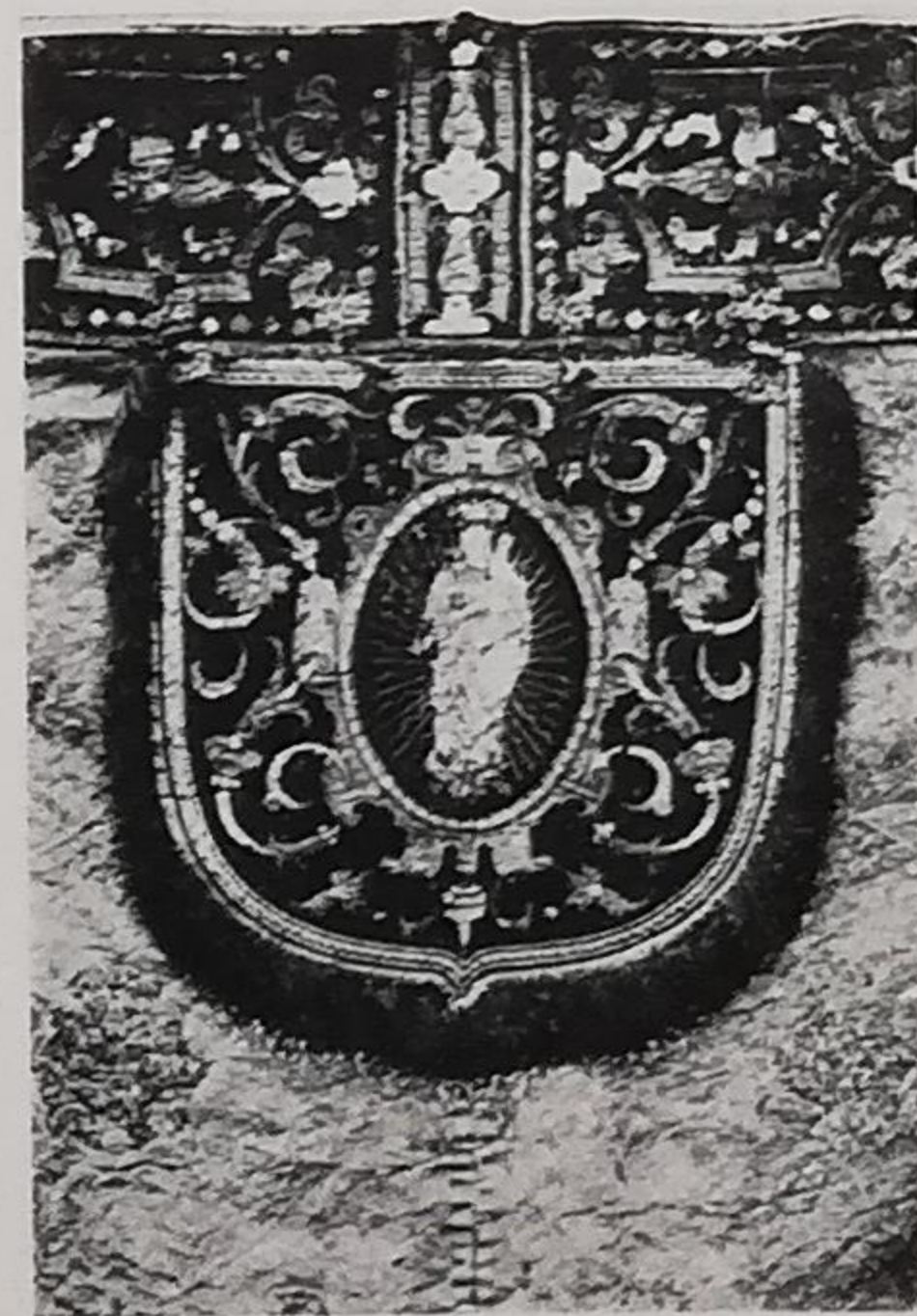
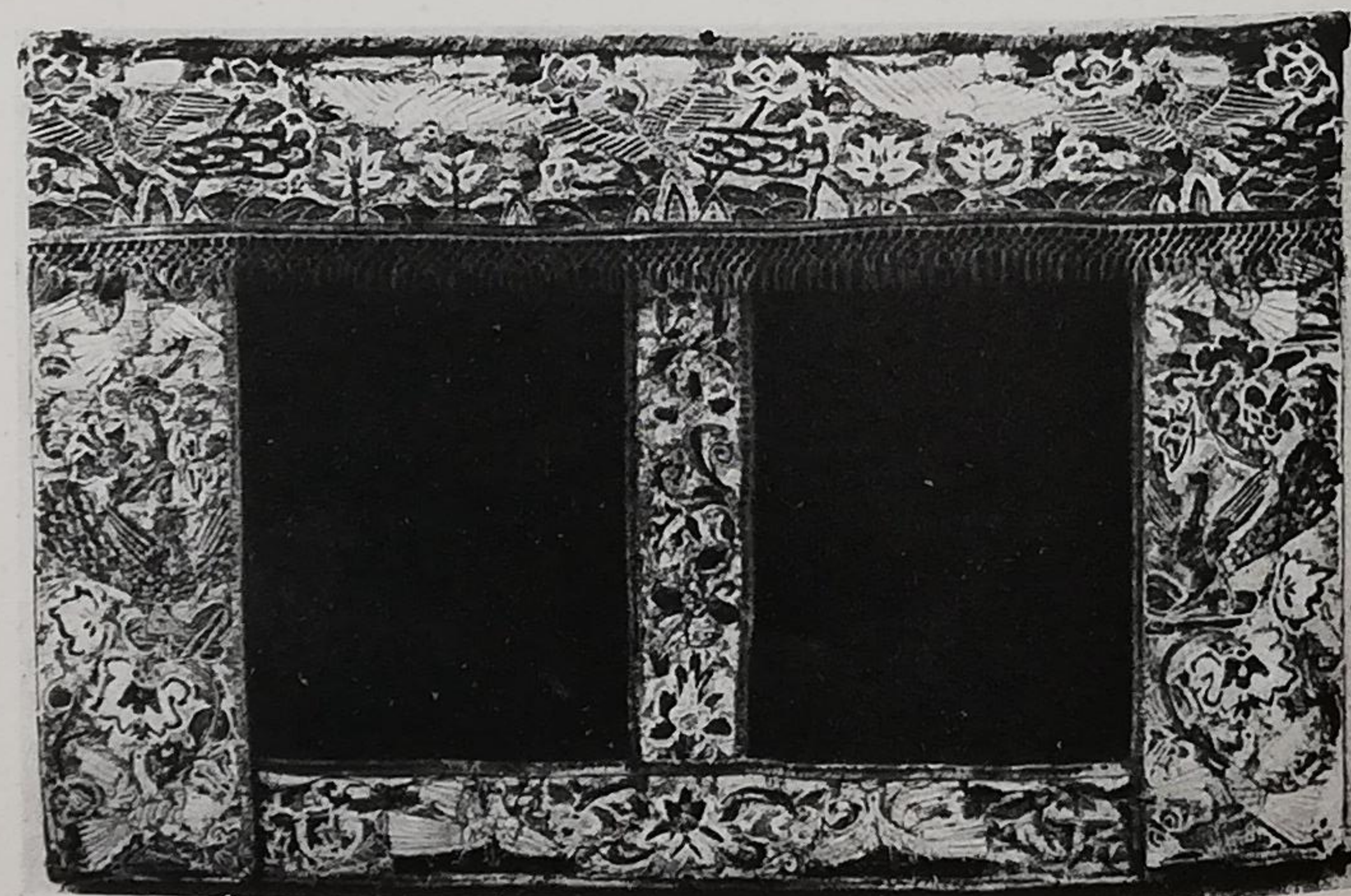
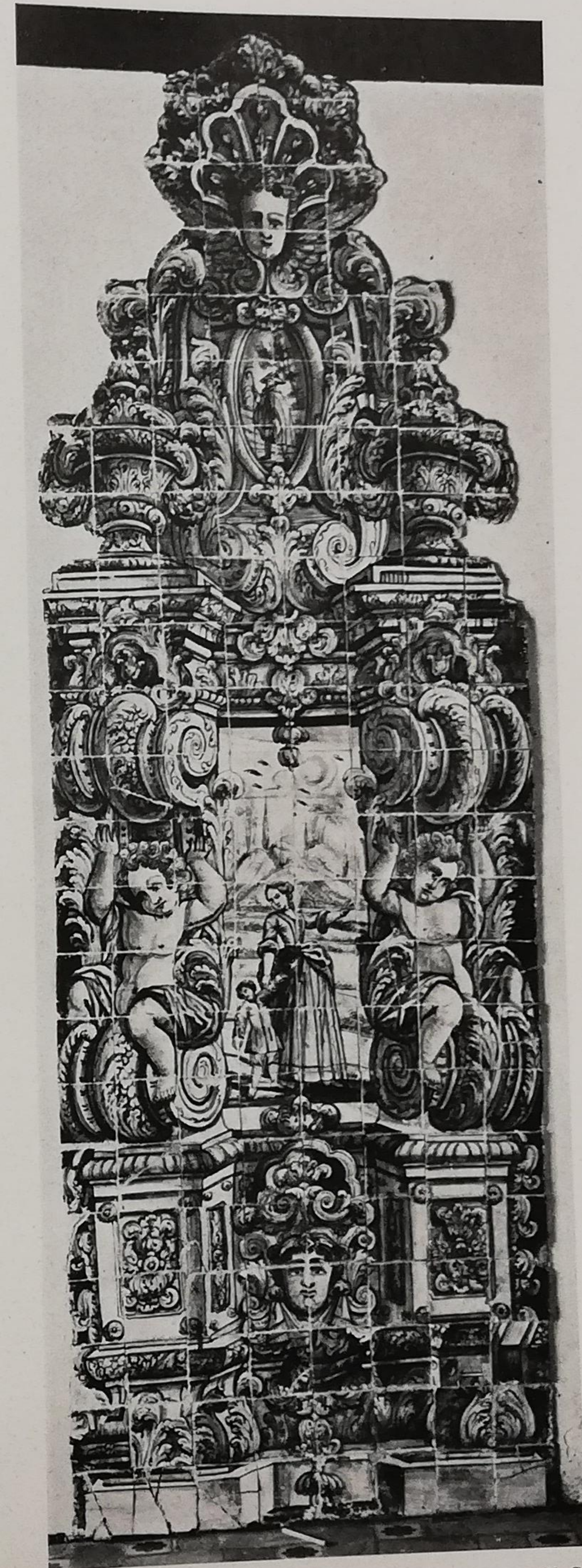
MUSEU REGIONAL
CIDADE DE AVEIRO

Retrato da *princesa D. Joana*. Séc. XV.
(Pintura: ver est. 20, 21, 22).

S. Tiago-maior. Séc. XV.

Tríptico do Salvador: conjunto e brasão dos Noronhas. Séc. XV.
MUSEU REGIONAL
CIDADE DE AVEIRO

Virgem. Prata. 1632.

Pormenor da custódia de Sá. Séc. XVIII.

Salva de prata e galhetas de cristal e prata. Séc. XVIII. (Pratas: ver est. 26 e 28).
MUSEU REGIONAL
CIDADE DE AVEIRO

Interior da igreja. Séc. XVII.

Retábulo colateral. Séc. XVII.

Túmulo de D. Brites de Lara.

Nave da igreja. Séc. XVII.

CONVENTO DO CARMO
CIDADE DE AVEIRO

Igreja. Séc. XVII.

S. João. Ca. 1711.

Conjunto da porta do adro e da fachada.

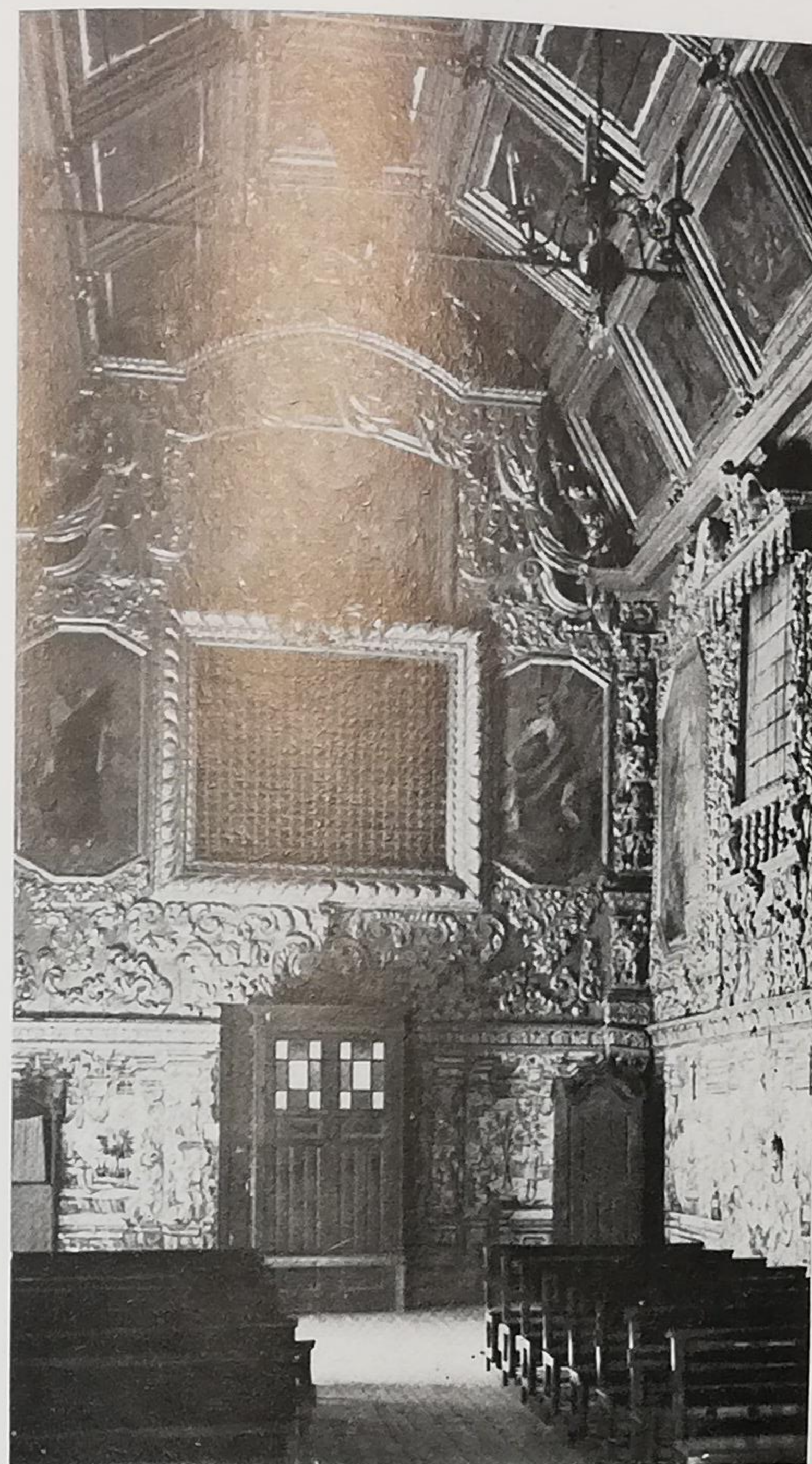
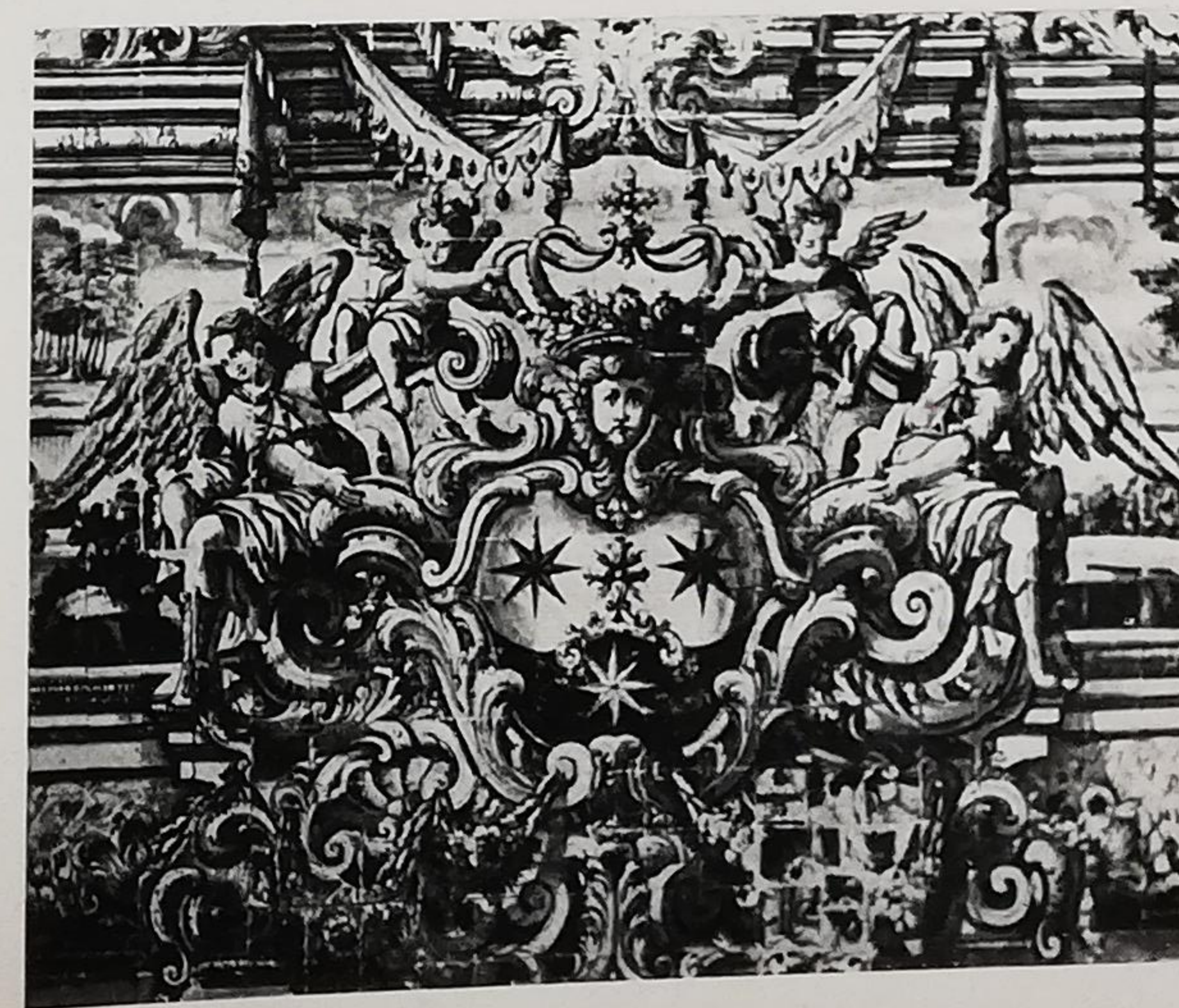
Janela do muro.

Muro do adro (1711).

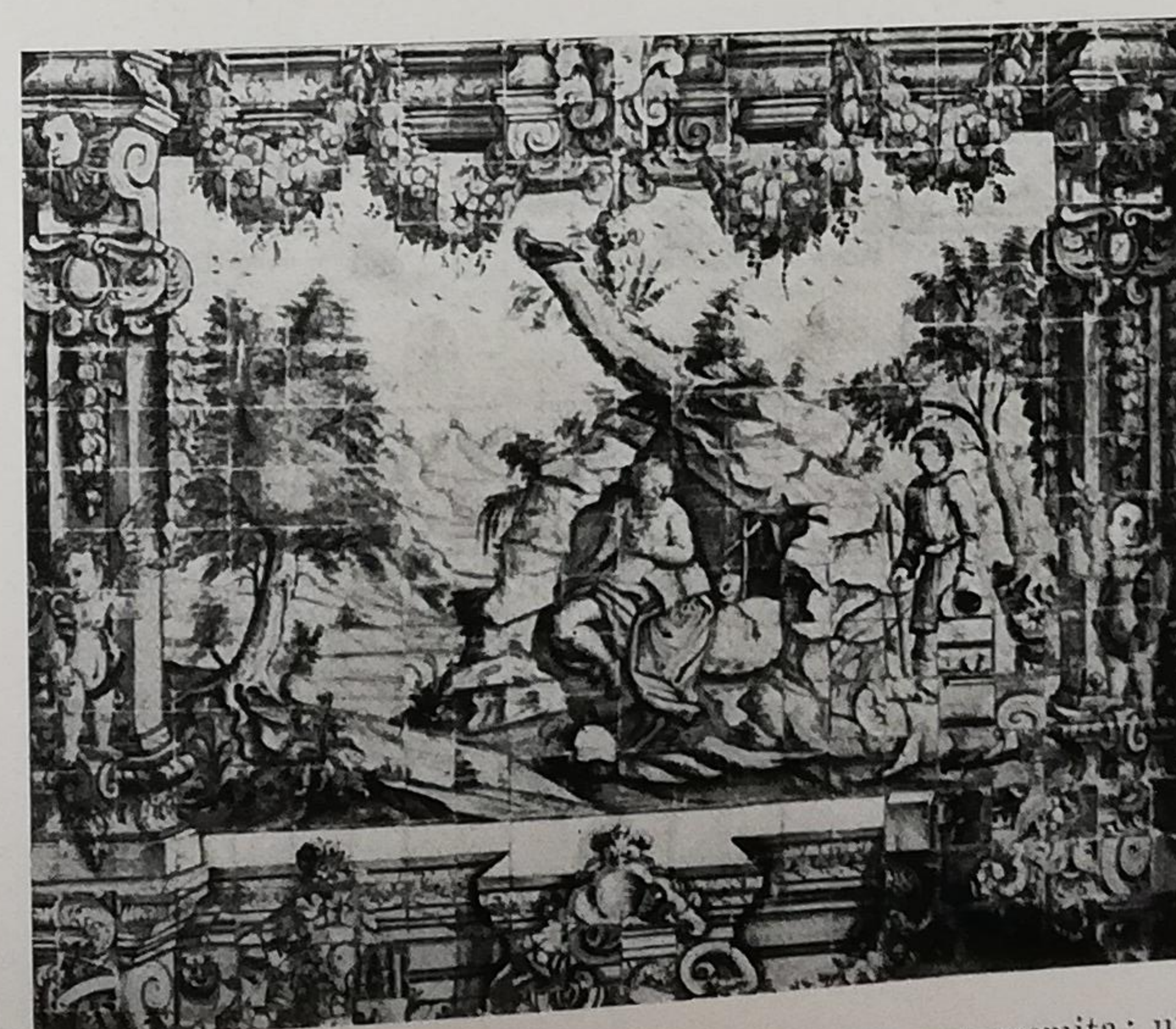
CONVENTO DO CARMO
CIDADE DE AVEIRO

Altar-mor: intercolúnio da direita e uma das consolas. Séc. XVIII.

Altar-mor. Séc. XVIII.

Pormenor do arcaz da sacristia. Séc. XVIII.

CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO
CIDADE DE AVEIRO

Capela-mor. Sécs. XVII e XVIII.

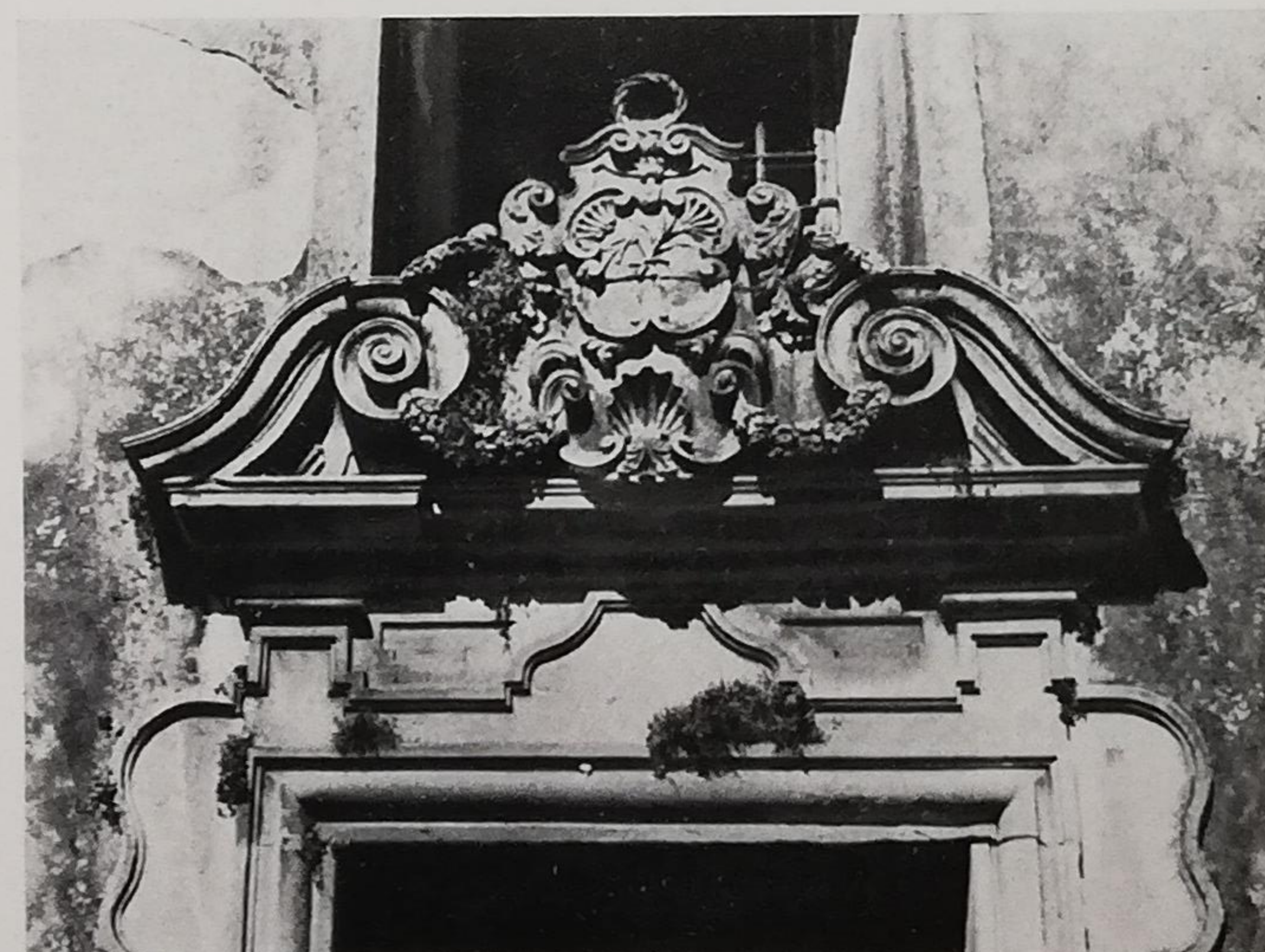
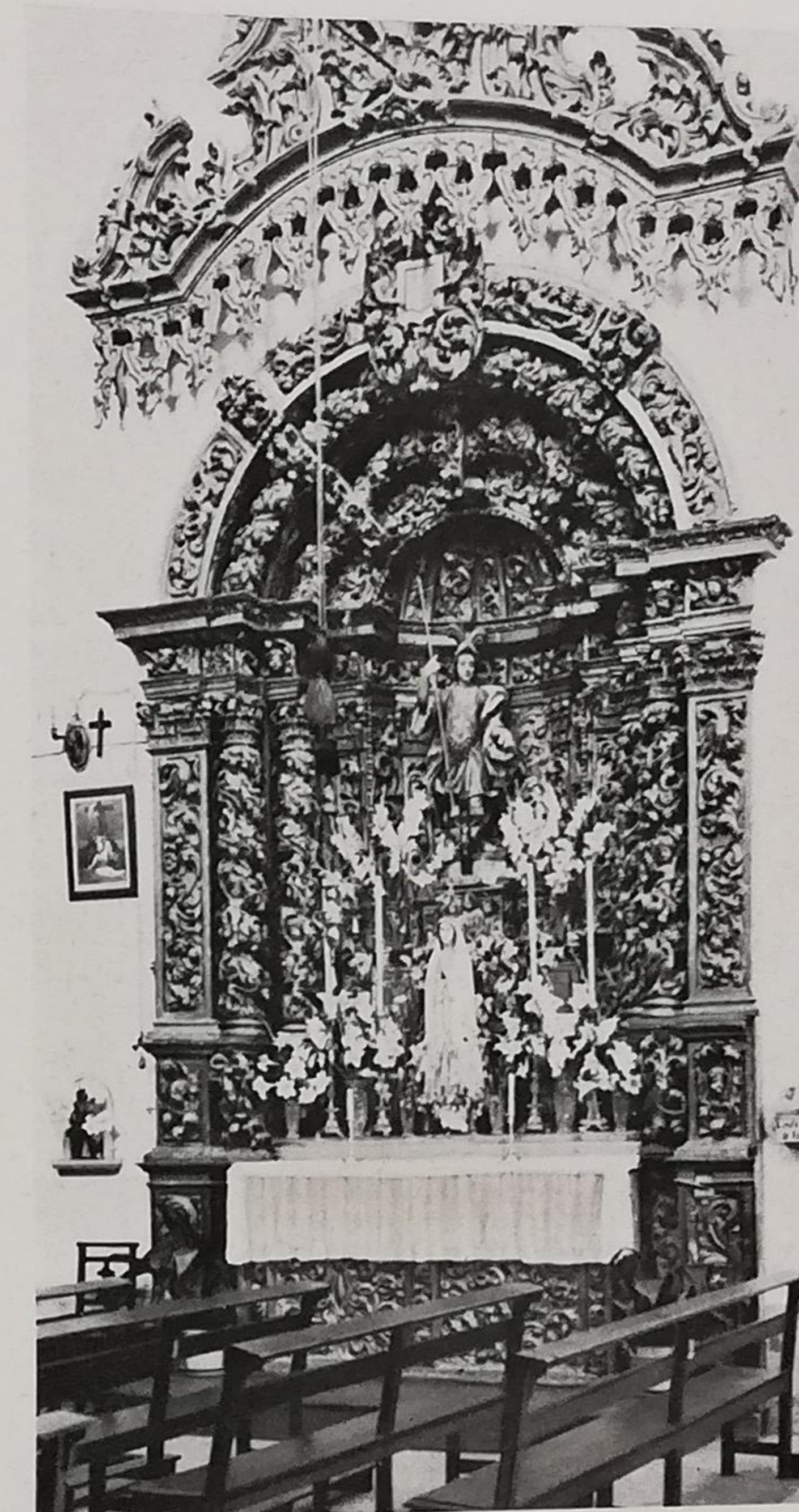
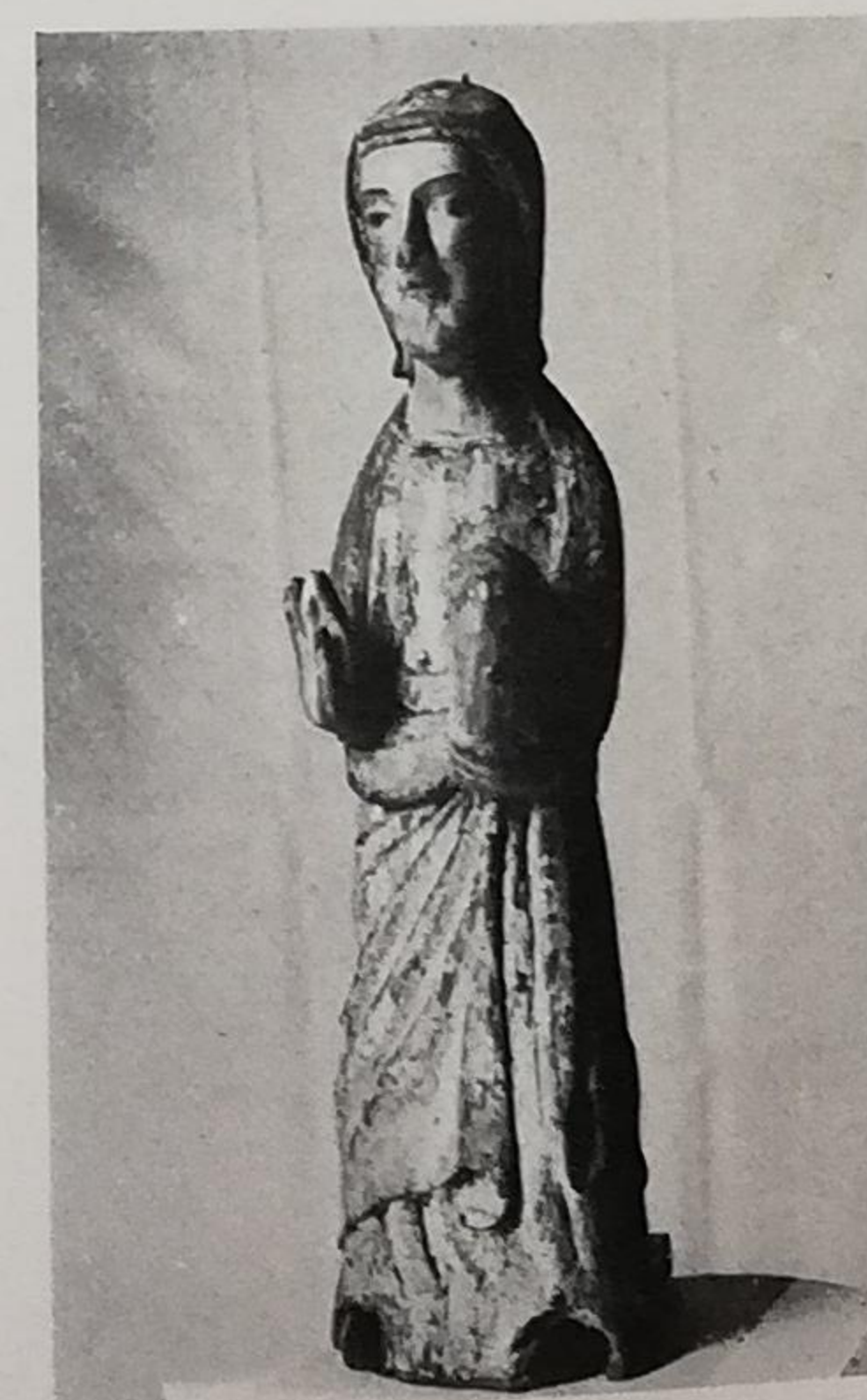
Altar do corpo da igreja. Séc. XVIII.

Azulejos: paisagem com um eremita; um rótulo. Séc. XVIII.

IGREJA DA ORDEM TERCEIRA
CIDADE DE AVEIRO

Interior da igreja.

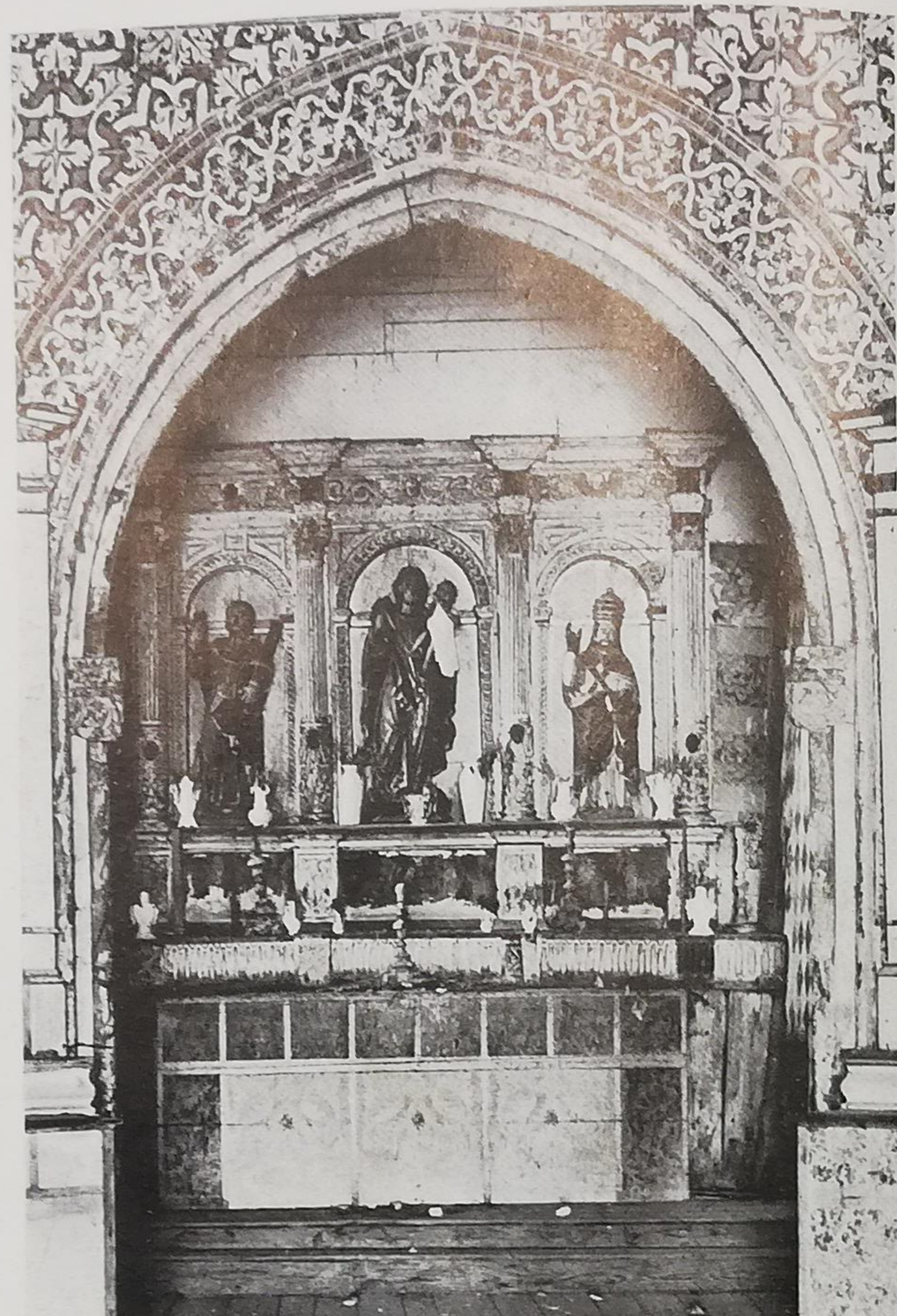
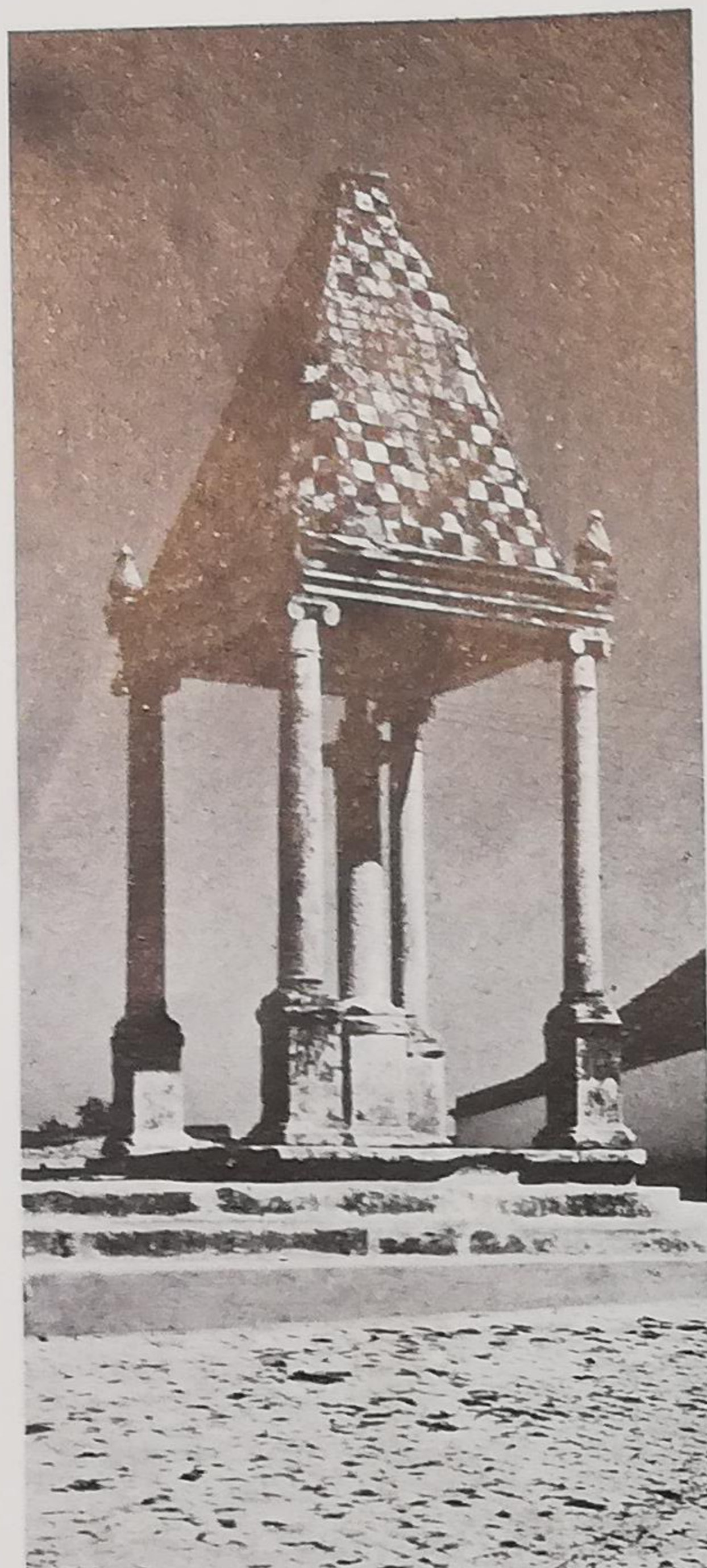
Talhas do arco e do retábulo.

Recolhimento de S. Bernardino: interior da igreja e sobreporta. Séc. XVIII.

IGREJA DA APRESENTAÇÃO — S. BERNARDINO
CIDADE DE AVEIRO

Frontaria

Altar do flanco. Séc. XVIII.

Madalena. Séc. XV-popular.

Alabastro inglês. Séc. XIV-fin.

S. Gonçalo. Séc. XV.

IGREJA DE N. SR.ª DA APRESENTAÇÃO
CIDADE DE AVEIRO

Capela de N.ª Sr.ª da Alegria: cruzeiro (1554); arco cruzeiro (sec. XVI-in.).

Capela de S. Bartolomeu: retábulo (séc. XVI); exterior (1568).

CAPELAS
CIDADE DE AVEIRO

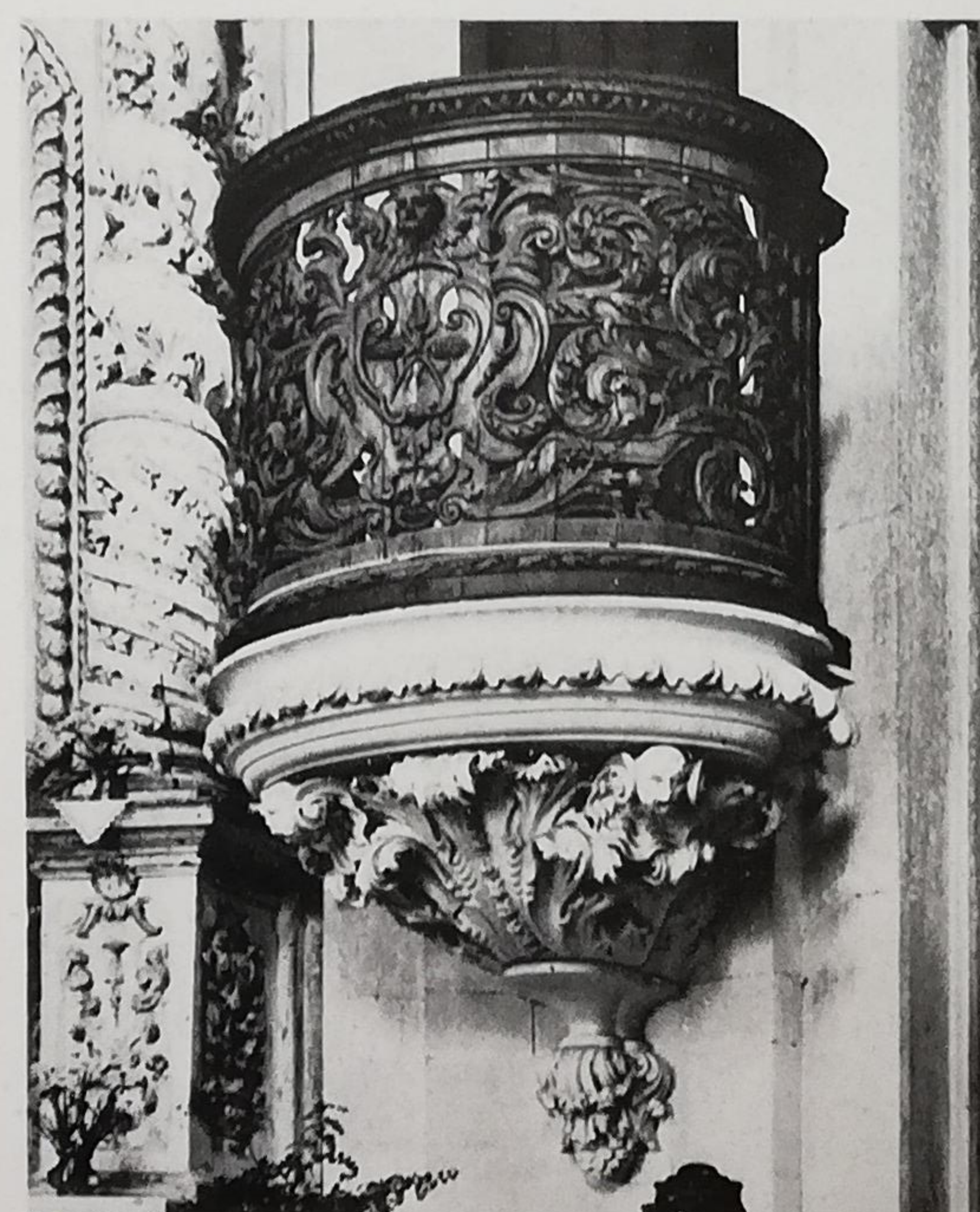
Capela da Madre de Deus: retábulos (séc. XVII-fin.).

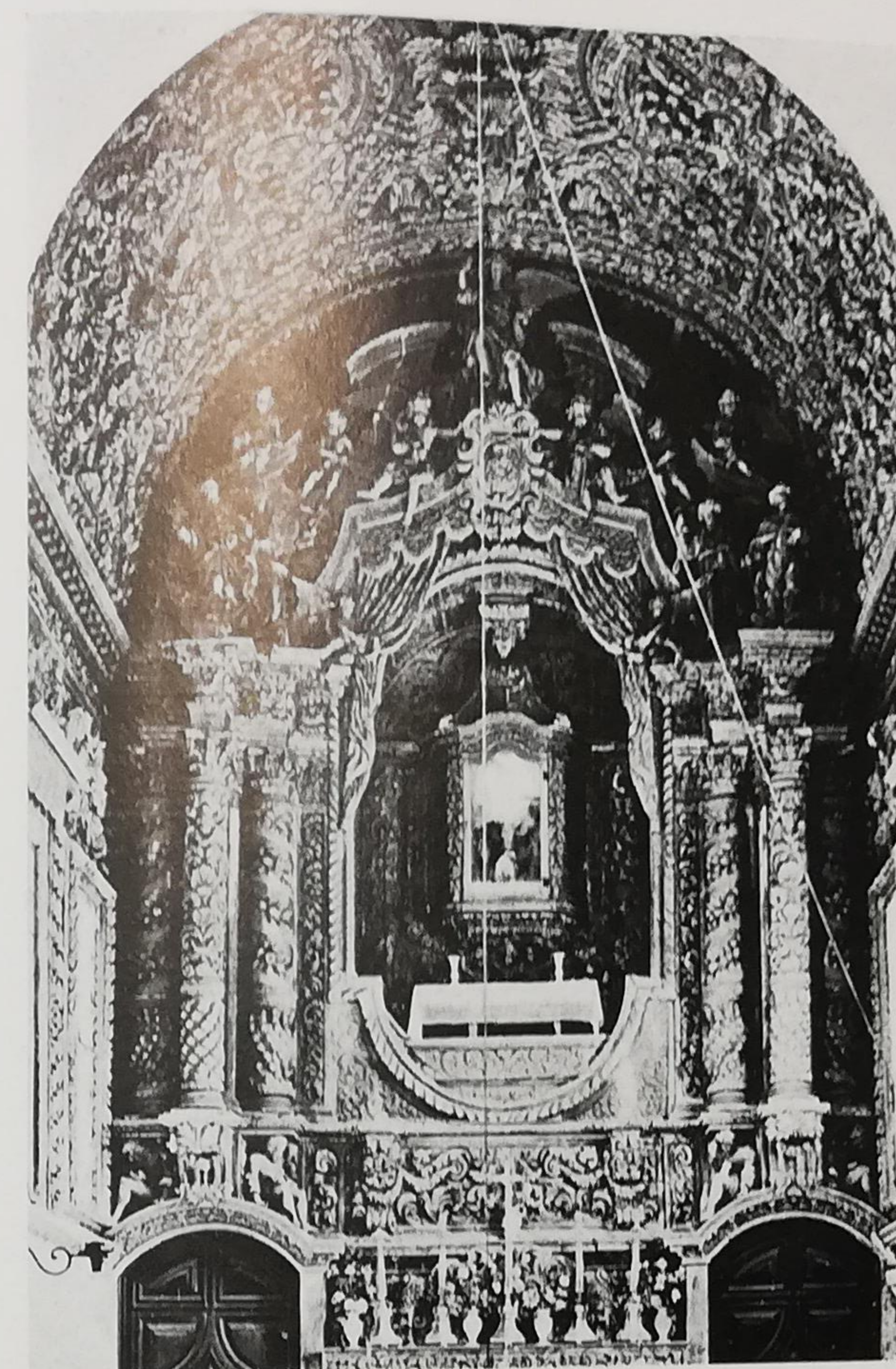
Madre de Deus. Séc. XVII.

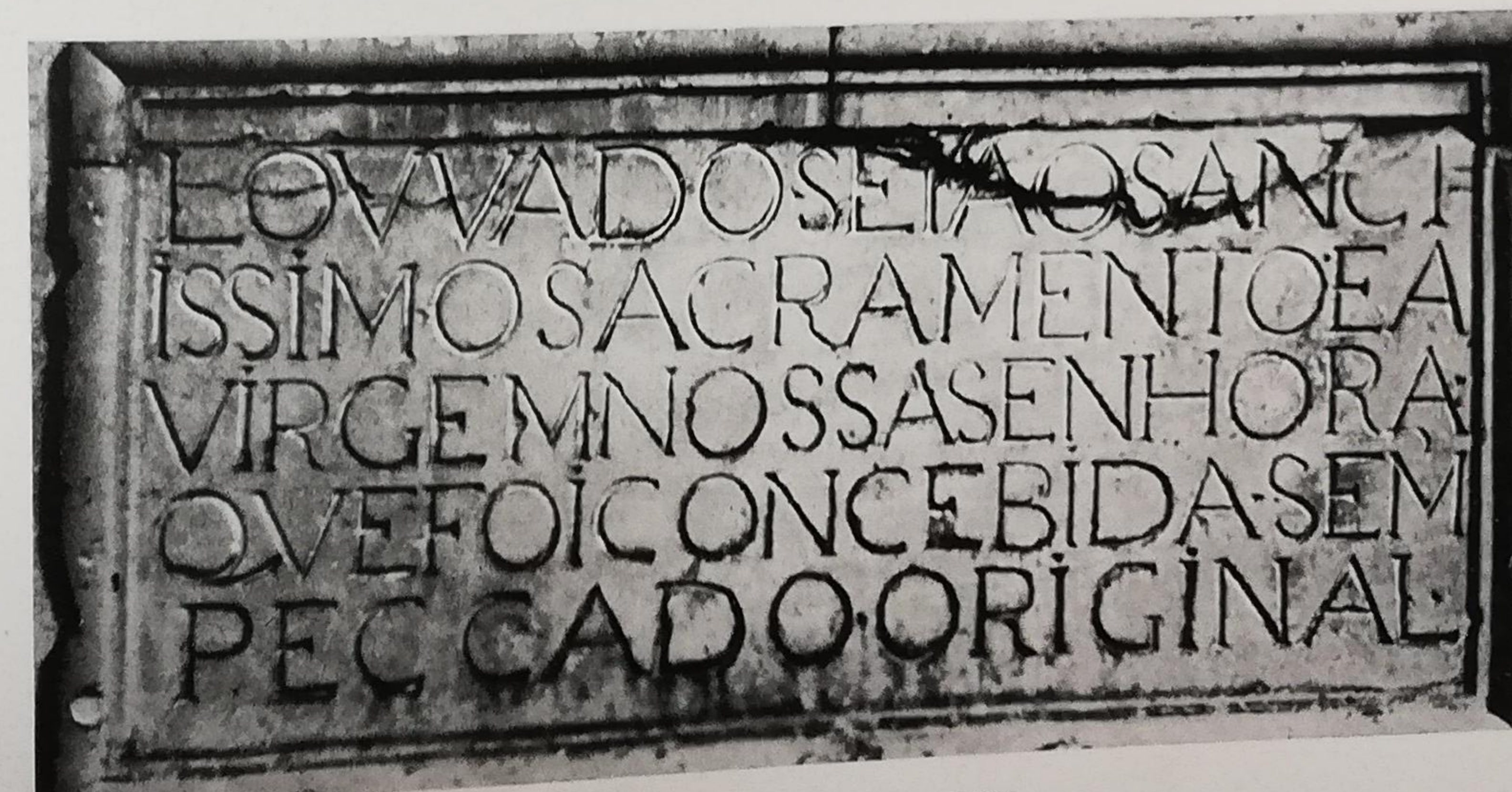
S. Gonçalo: púlpito (séc. XVIII-in.).

CAPELAS
CIDADE DE AVEIRO

Tecto da capela-mor. Madeira dourada. Séc. XVIII.

Altar lateral da esquerda. Séc. XVIII.

Púlpito da esquerda. Séc. XVIII.

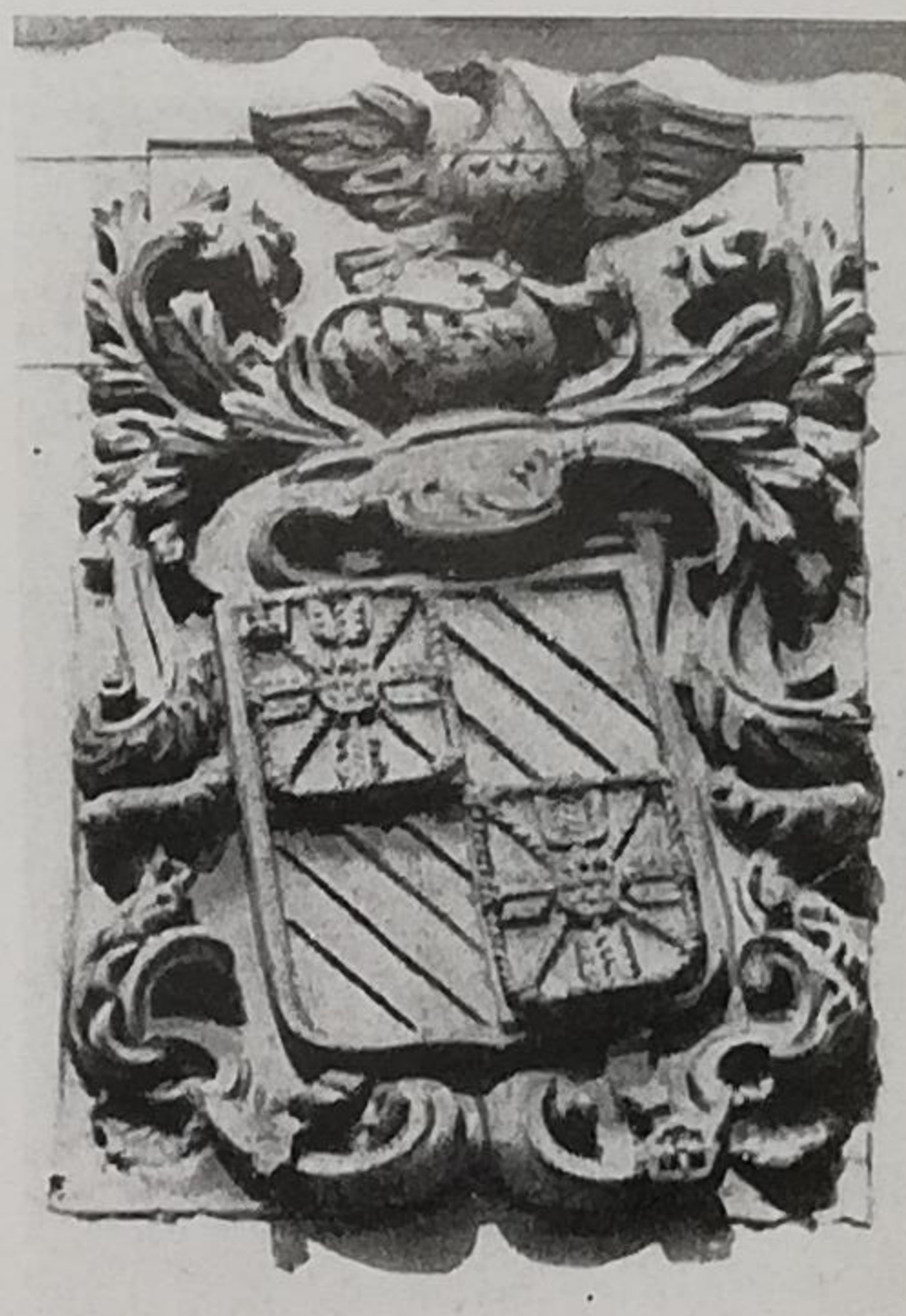
CAPELA DO SENHOR DAS BARROCAS
CIDADE DE AVEIRO

Barrocas. Retábulo principal. Séc. XVIII.

VILAR. *St.ª Luzia.* Séc. XV-popular.

Lápide da Conceição. Séc. XVII.

CAPELAS
CIDADE DE AVEIRO

Casa da R. do Gravito.

Casa da Rua da Princesa D. Joana: aspecto geral e brasão (séc. XVIII-in).

Casa dos Couceiros da Costa: fachada e brasão (séc. XVIII).

Casa do Seixal. Séc. XVII.

CASAS ANTIGAS
CIDADE DE AVEIRO

Virgem. Pormenor do presépio. Séc. XVIII.

Virgem. Gaspar. 1761.

Pastores. Pormenores do presépio. Séc. XVIII.

Da colecção do Ex.[ma] Sr. Dr. José Vieira Gamelas.

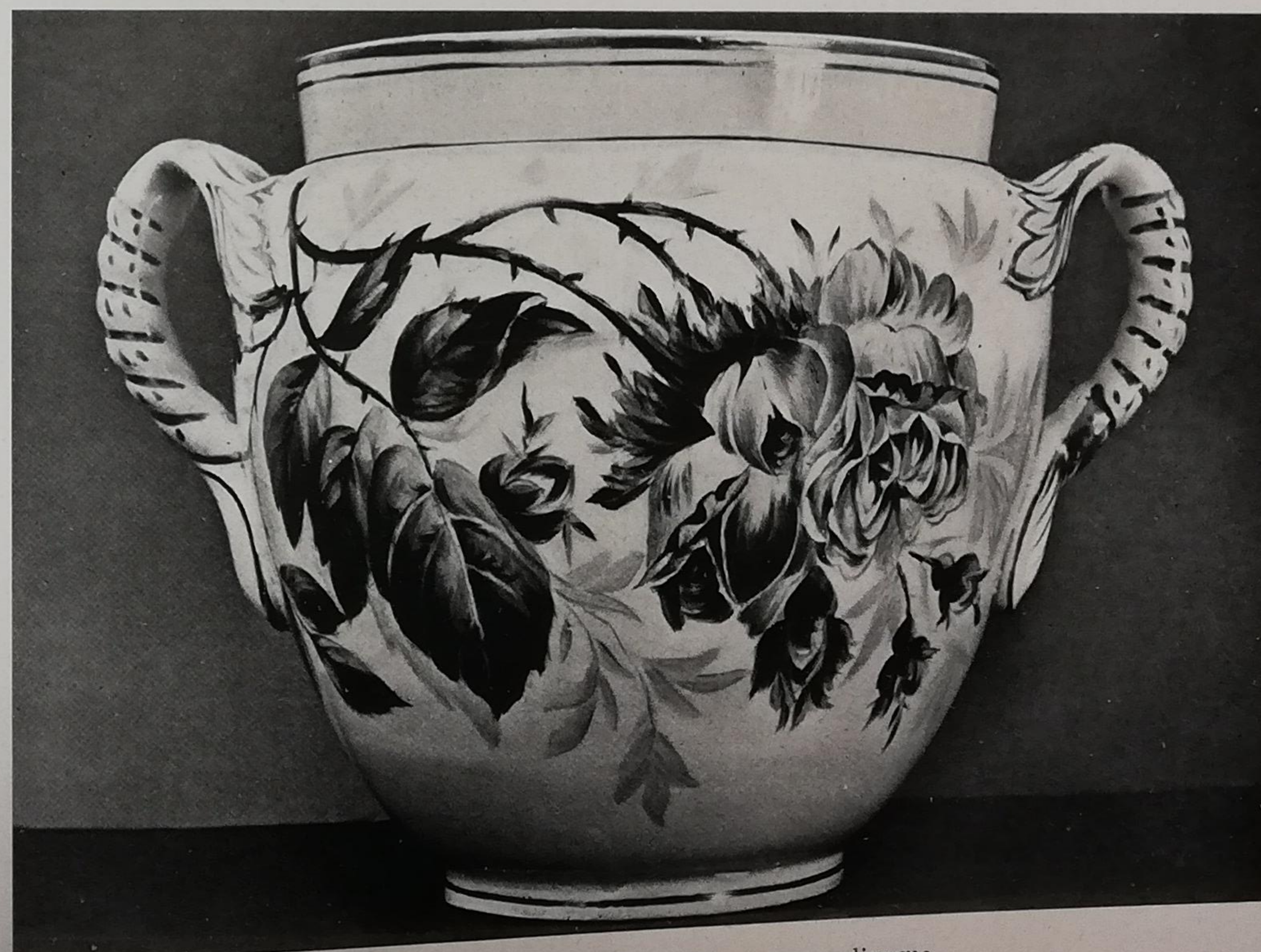
CIDADE DE AVEIRO

Barro de José Dias dos Santos. 1729.

S. Damião. Barro de Lemos. Séc. XVIII.

Pedestal de barro. Séc. XVIII.
Da colecção do Ex.mo Sr. Dr. António Cristo.

Ver est. XIX.

Antiga Fábrica da Fonte Nova: prato de J. S. Chuva; boião policromo.

Antiga Fábrica da Fonte Nova: vaso policromo.
Da colecção do Ex.mo Sr. Dr. Desembargador Jaime D. de Melo Freitas.

ARADAS. Casa dos Bacelares, Barbosas de Novais.

VERDEMILHO. *Virgem.* Séc. XV.

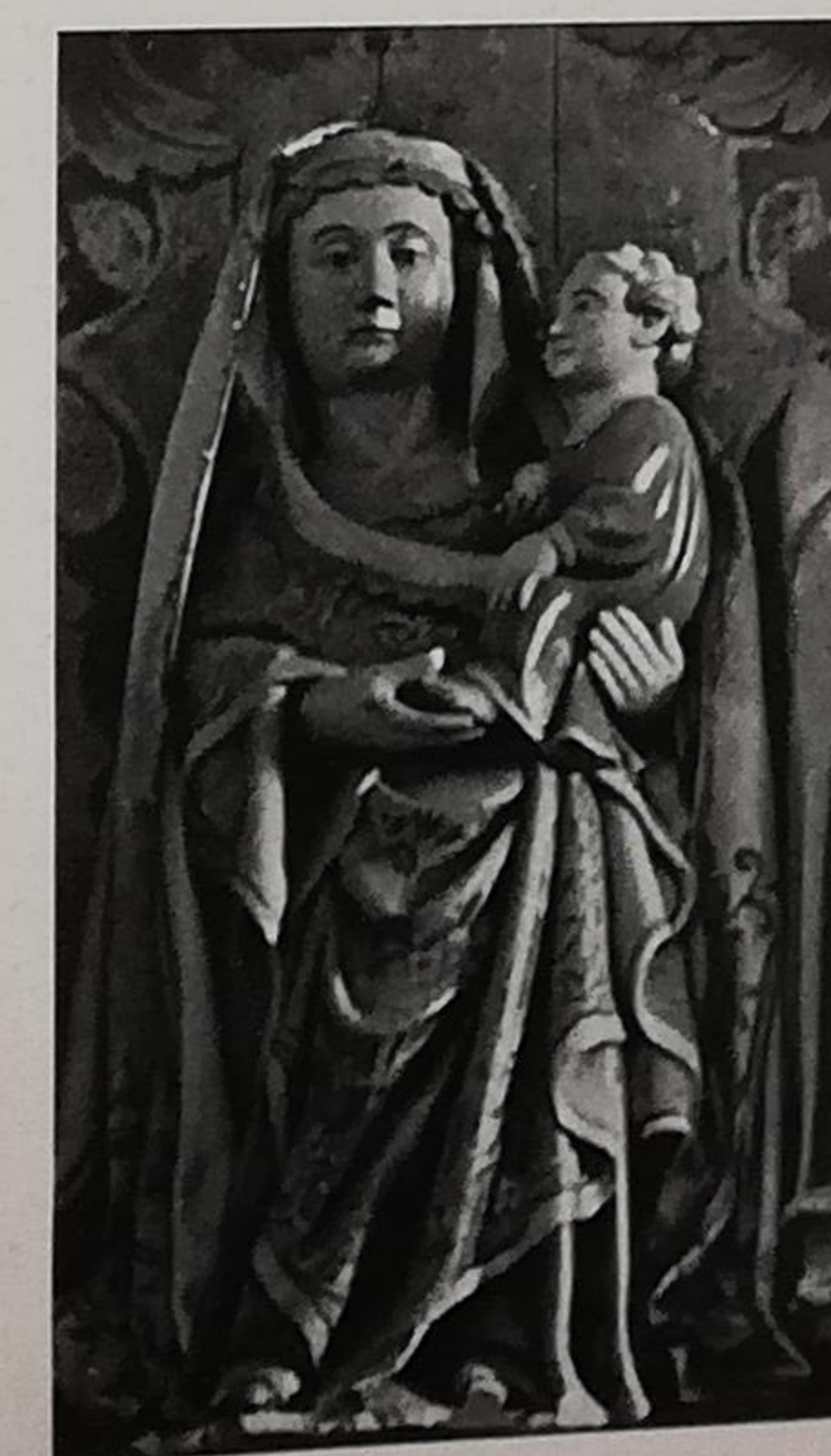
Igreja Paroquial: *St.º Agostinho* (séc. XVIII); cruz (séc. XVI-fin.).

Quinta do Picado. Séc. XVII.

FREGUESIA DE ARADAS

N. G

Portão do Paço da Senhora das Dores (séc. XVIII), do Ex.mo Sr. Dr. António Tavares Lebre.

FREGUESIA DE ARADAS

Igreja. Cálice. Séc. XVI.

VILARINHO. Capela dos Couceiros da Costa. Séc. XVII.

Igreja Paroquial. Conjunto dos retábulos e exterior.

FREGUESIA DE CACIA

EIXO. Igreja Paroquial: retábulo colateral (séc. XVIII-in.) e fachada (séc. XVIII-in.).

HORTA. *St.ª Bárbara.* Sécs. XV-XVI.

EIROL. Interior da igreja paroquial.

FREGUESIAS DE EIROL E EIXO

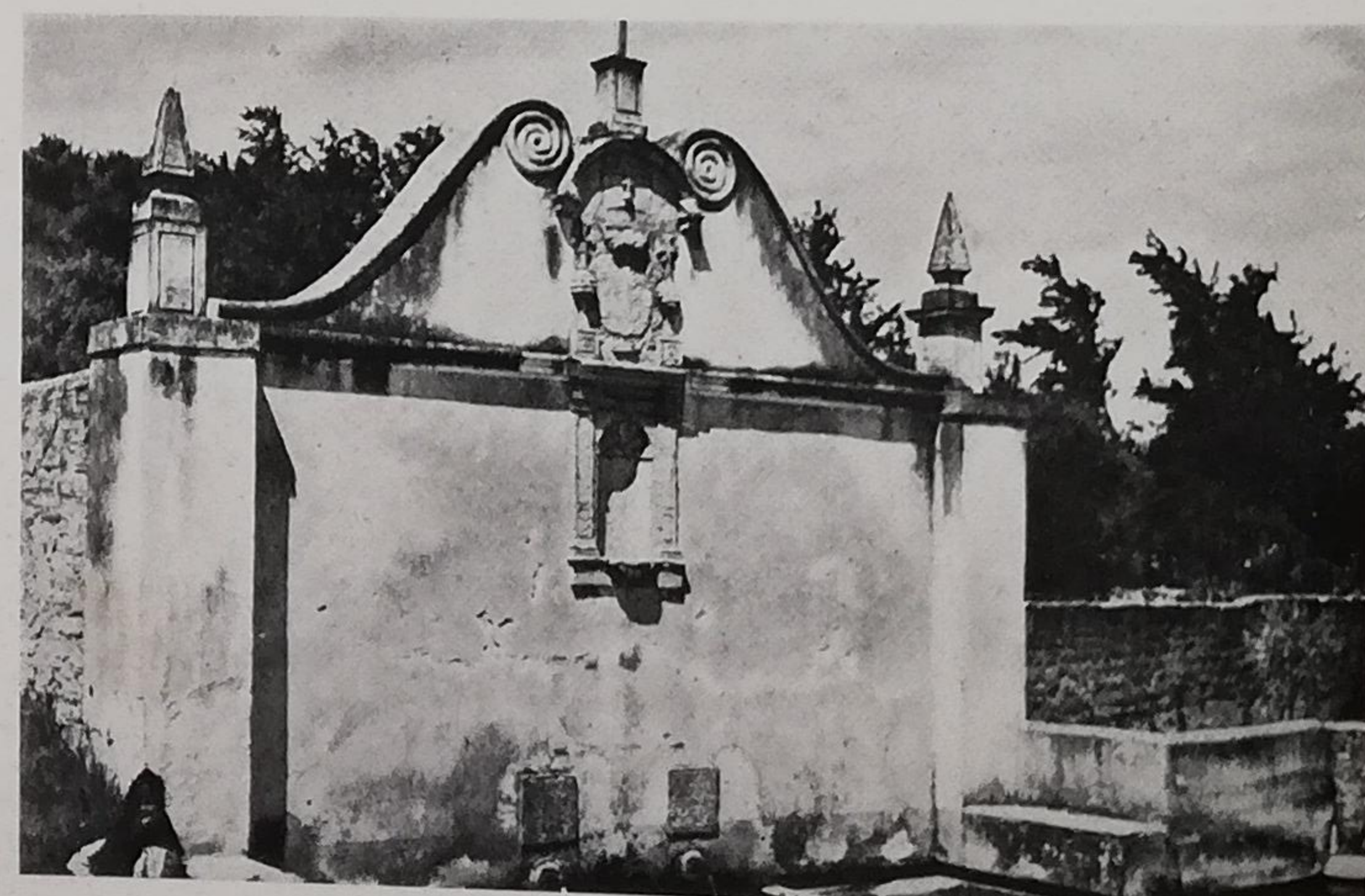
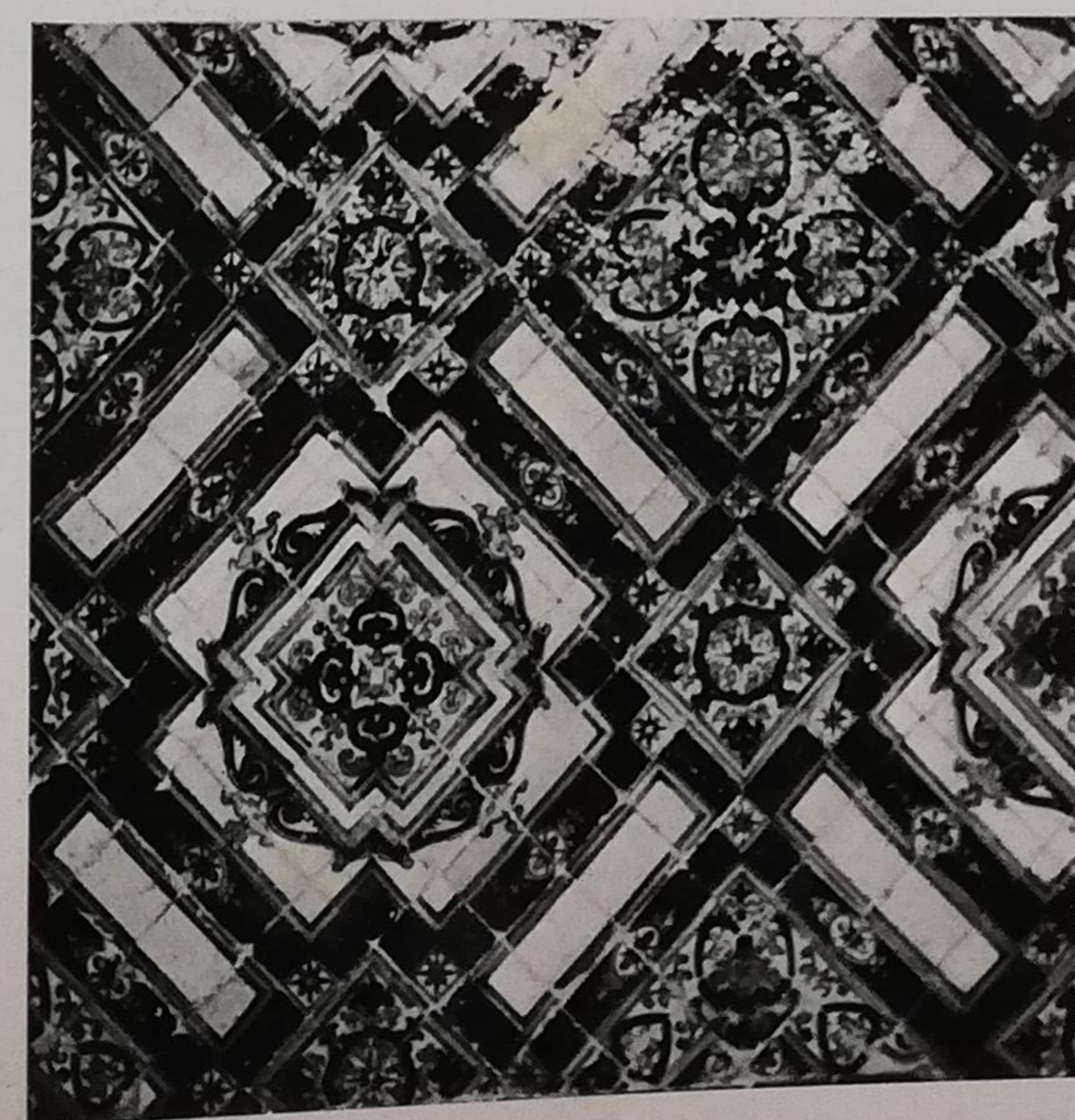
Igreja Paroquial: portal e interior. Séc. XVIII-in.

Capela de N.ª Sr.ª da Graça: conjunto (séc. XVIII-in.); nicho (séc. XVI).
FREGUESIA DE EIXO

Praça do pelourinho (Ver est. V).

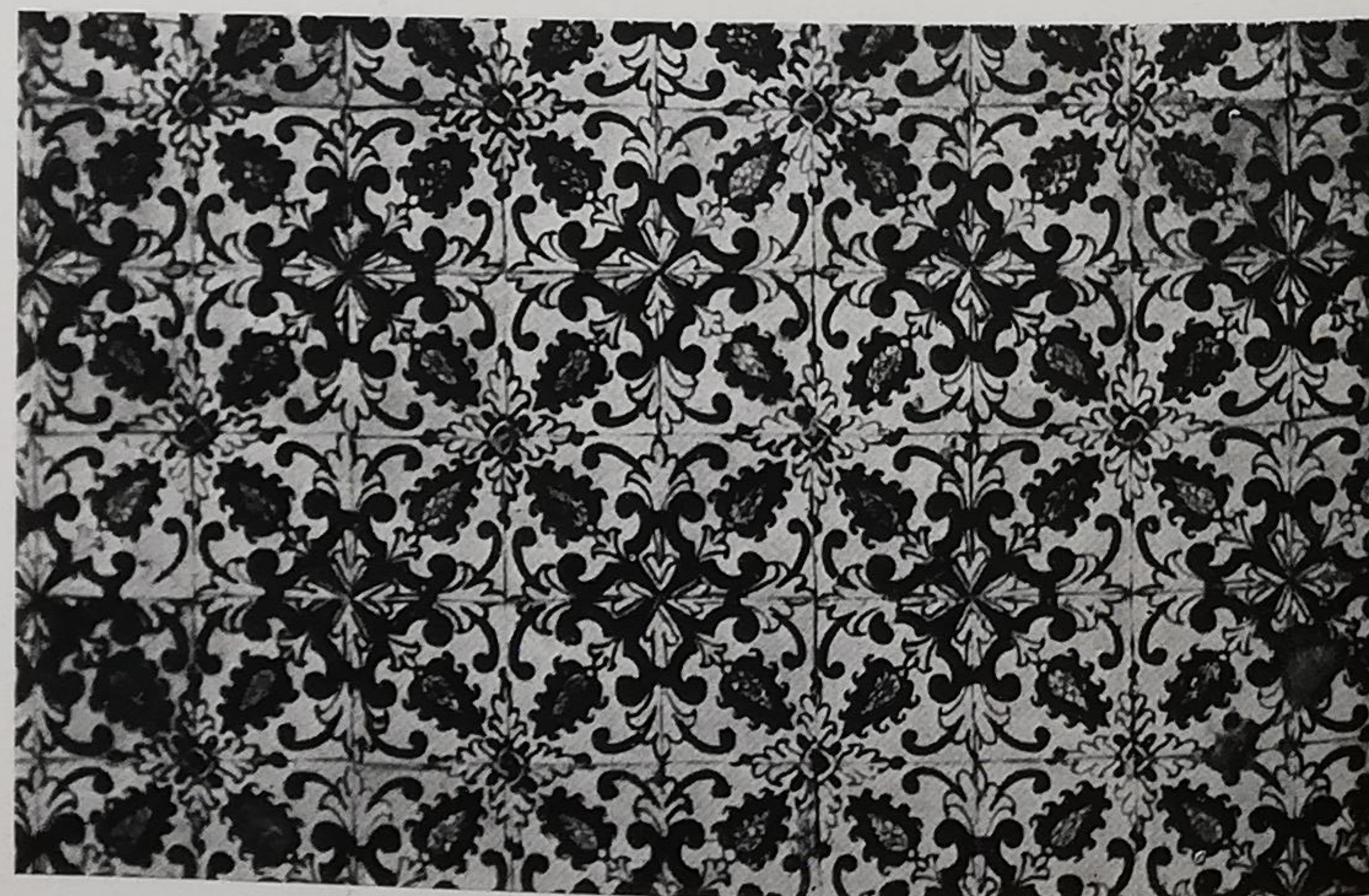
(Ver est. V)

Paços do Concelho. Séc. XVIII.

Casa dos Almeidas: frontaria (séc. XVII) e brasão (séc. XVI-in.).
FREGUESIA DE ESGUEIRA

Paço. *Virgem.* Séc. XIV.
(Ver est. IX)

MOITA (Freg. de Oliveirinha) Pia. Séc. XVI-man.

MOITA. Outro aspecto da pia baptismal. Séc. XVI-man.

TABUEIRA. *Madalena.* Séc. XV.

ESGUEIRA. Igreja. Azulejos do séc. XVII.

FREGUESIAS DE ESGUEIRA E OLIVEIRINHA

Cruzeiro. Séc. XVII.

Custódia (Ver est. XXIX).

Igreja Paroquial. Fachada. Séc. XVIII.

Igreja Paroquial: interior e púlpito.

FREGUESIA DE REQUEIXO

S. JACINTO. *S. Pedro Gonçalves.* Séc. XV.

REQUEIXO. Igreja. Grade de ferro. Séc. XVII.

S. JACINTO. Igreja.

REQUEIXO. *S. Paio.* Séc. XV.

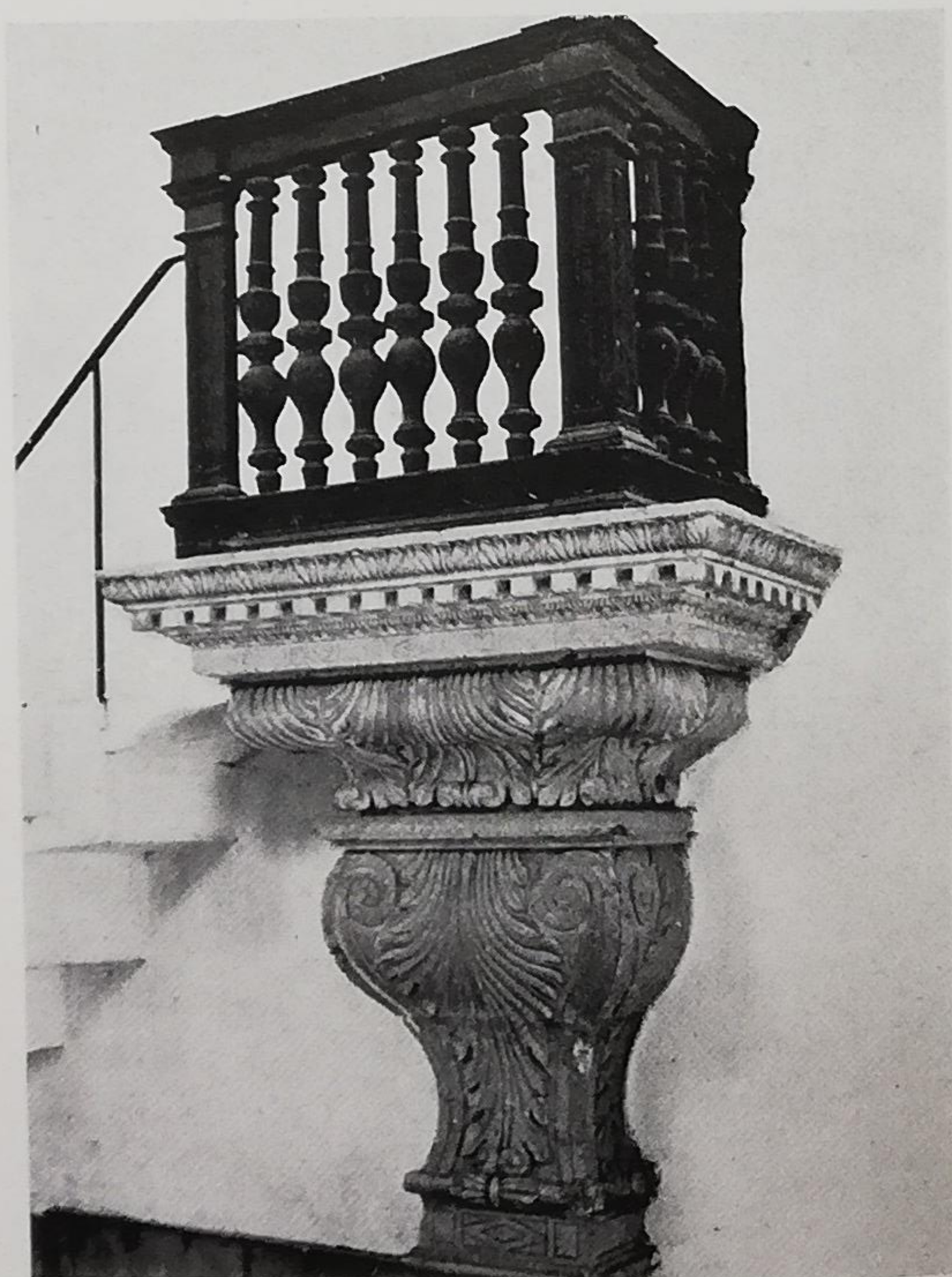
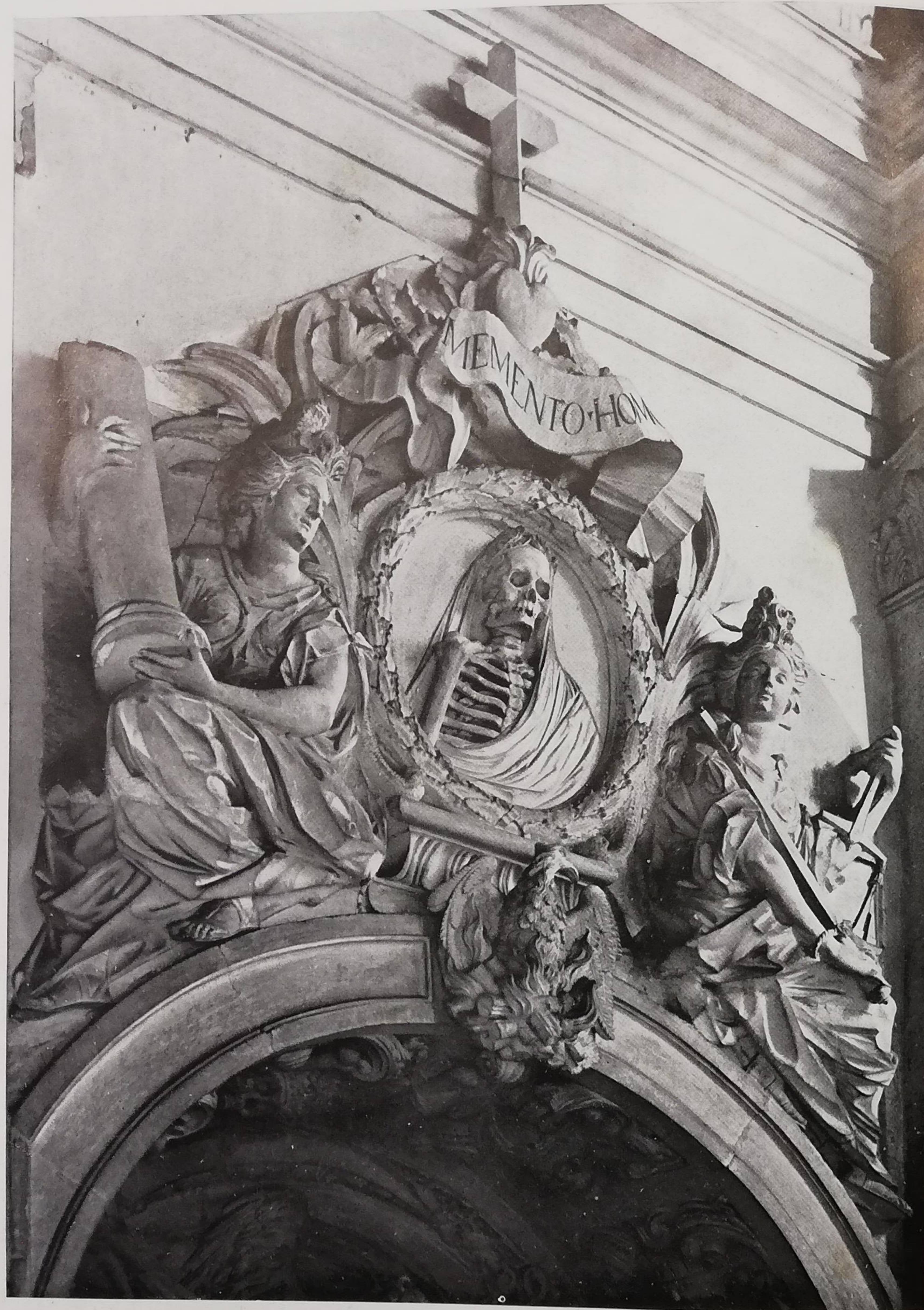
CARREGAL. Cruzeiro.

FREGUESIAS DE REQUEIXO E SÃO JACINTO

Capela de Nossa Senhora do Pranto. Séc. XVIII.

Casa da Senhora das Neves. Séc. XVII.

Casa setecentista.

Casa dos Maias. 1797.

FREGUESIA DE ÍLHAVO

Figuras da *Fortaleza* e *Justiça* no remate do arco tumular. A. H.

FREGUESIA DE ÍLHAVO: — VISTA ALEGRE

Ofélia caída nas águas. Porcelana.

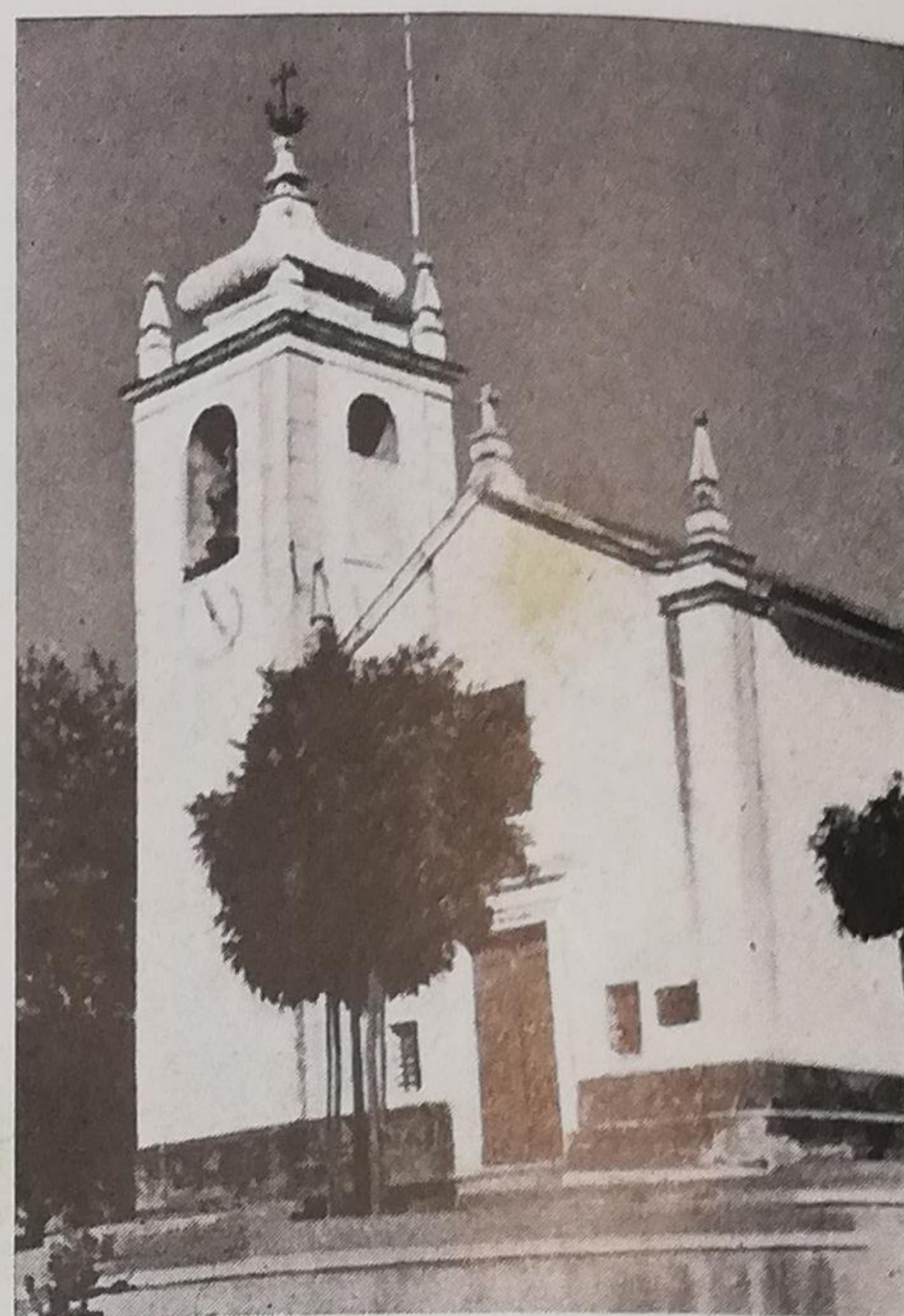
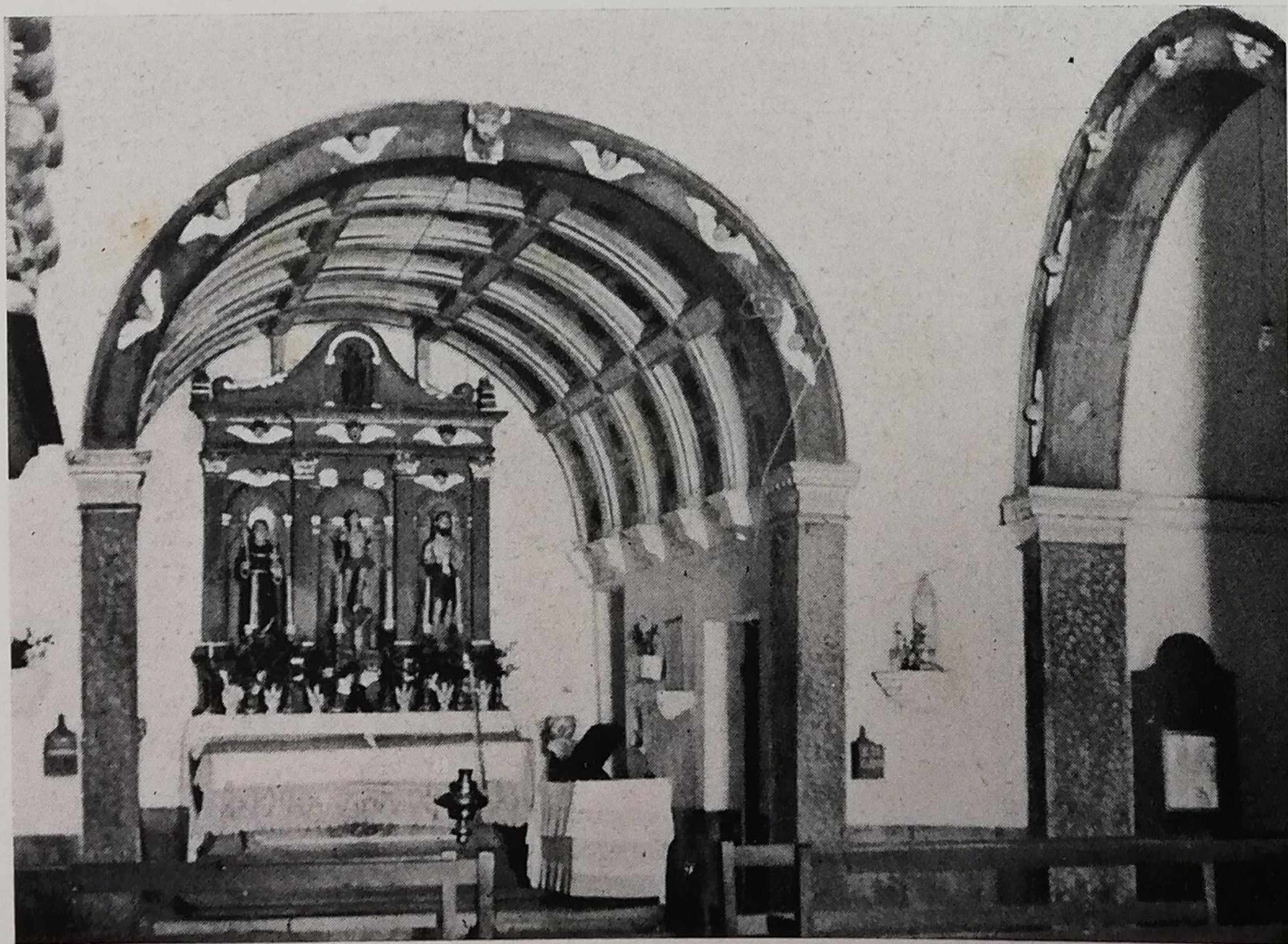
V. A. Prato com paisagem.

Fábrica da Vista Alegre: taça com reserva em *biscuit;* busto de *biscuit.*

Fábr. da V. A. Pratos de porcelana: um assin. *Vidal,* o outro com o mon. I. I. M. I.

FREGUESIA DE ÍLHAVO: — VISTA ALEGRE

Mealhada. Capela de St.ª Ana.

BARCOUÇO. Igreja Paroquial. Séc. XVIII.

Mealhada. Capela de S. Sebastião.

MEALHADA. Capela de S. Sebastião: capela-mor e laterais (séc. XVII).

FREGUESIAS DE MEALHADA E BARCOUÇO

CASAL COMBA. *Virgem*. Séc. XVI.

LUSO. *S. Silvestre*. Séc. XV.

Casal Comba. *Virgem*.

LUSO. Igreja: custódia e cruz processional (séc. XVII).

FREGUESIAS DE CASAL COMBA E LUSO

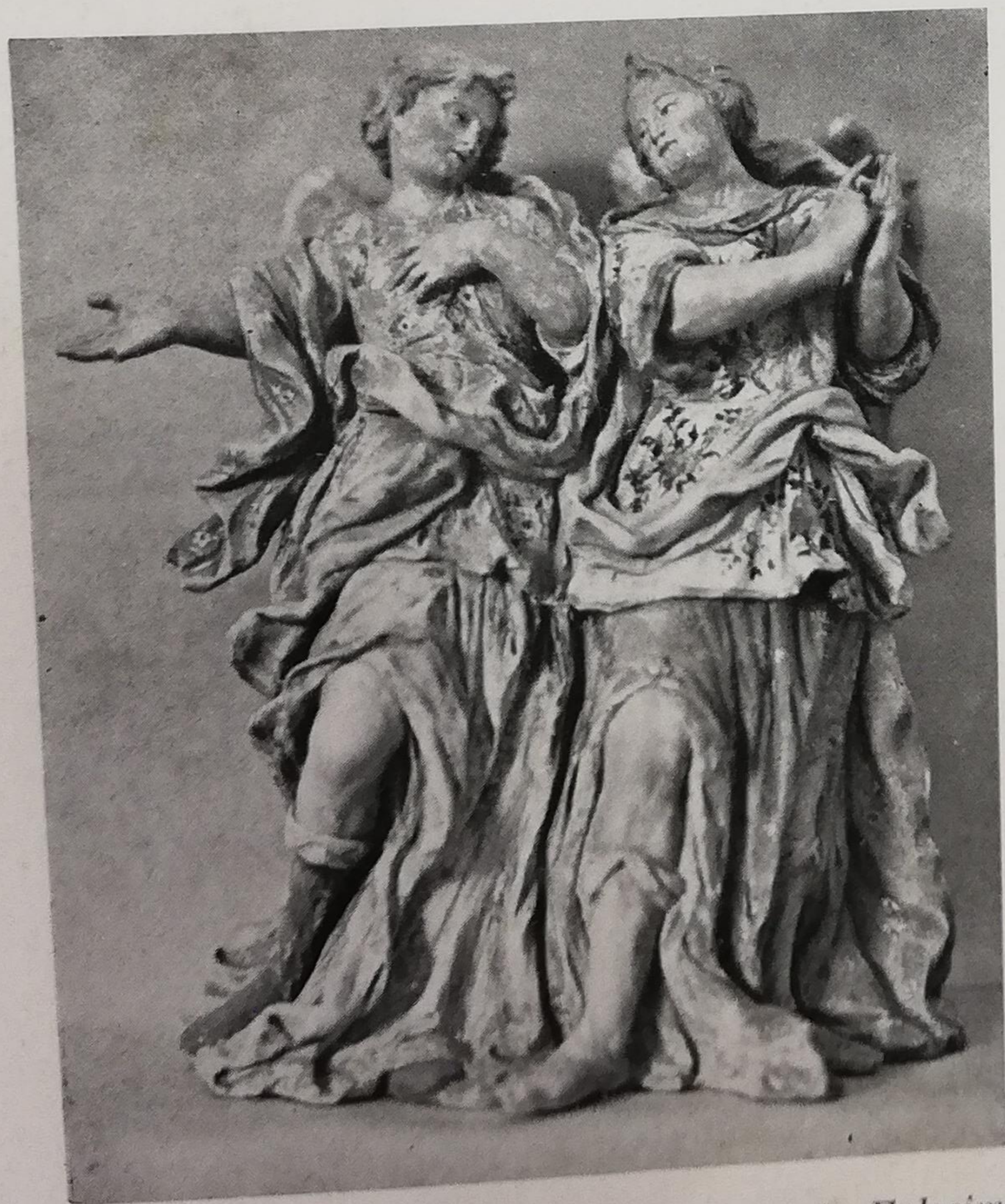
Portas de Coimbra. A antiga entrada da cerca. Séc. XVII.

A. H.

Cruzeiro e portaria (1628).

Estatueta de madeira. Séc. XVIII.

FREGUESIA DE LUSO: — BUÇACO

Igreja do convento. Séc. XVII.

Anjos. Pormenores do *Falecimento de S. José*. Barros do séc. XVIII.

FREGUESIA DE LUSO: — BUÇACO

Figuras do *Presépio: Virgem* e *Fuga para o Egito*. Barros do séc. XVIII.

Conjunto do *Presépio*. Barros do séc. XVIII.
FREGUESIA DE LUSO: — BUÇACO

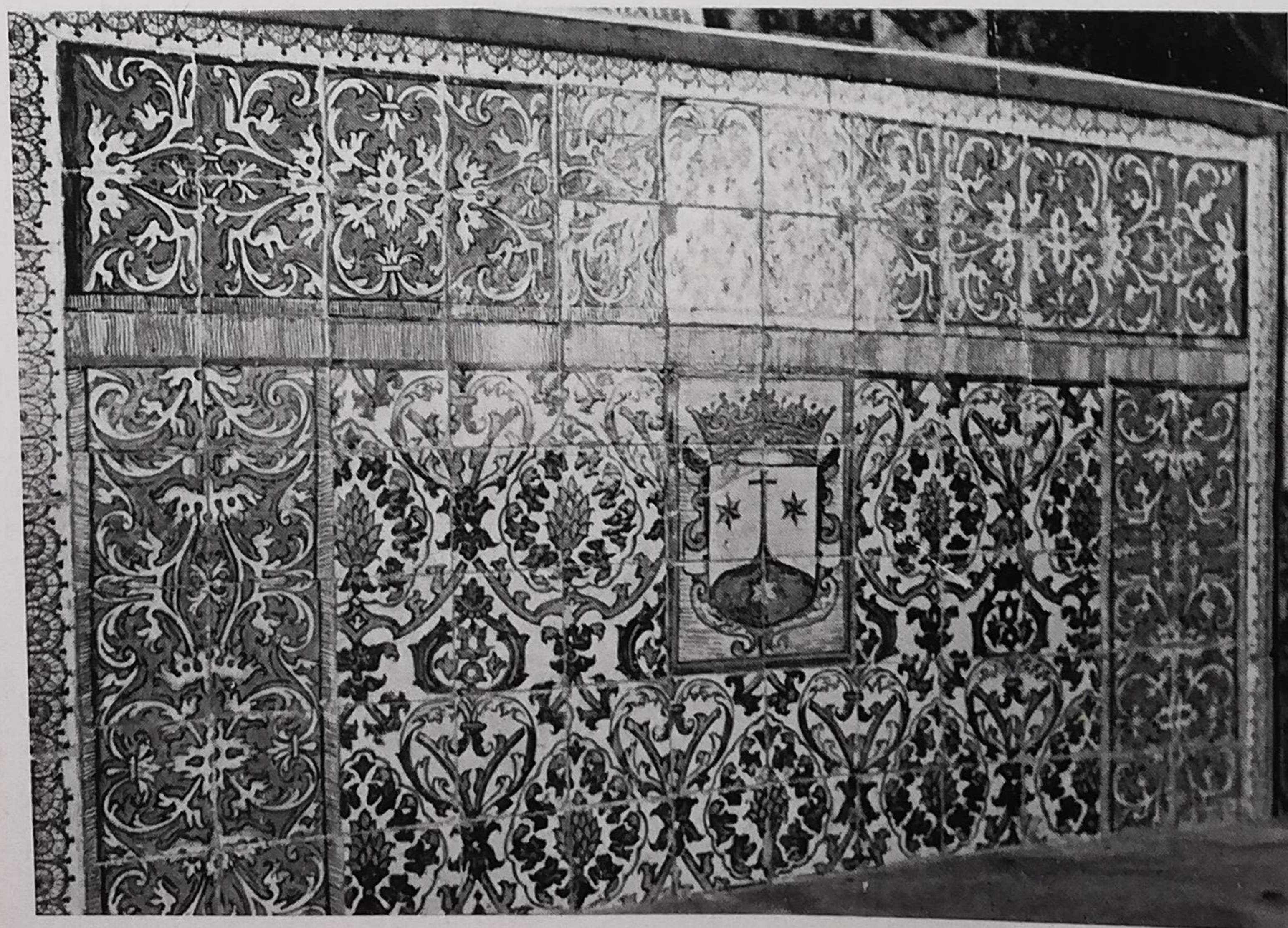
Retábulo e barros do *falecimento de St.ª Teresa.*

Pastores do *Presépio.*

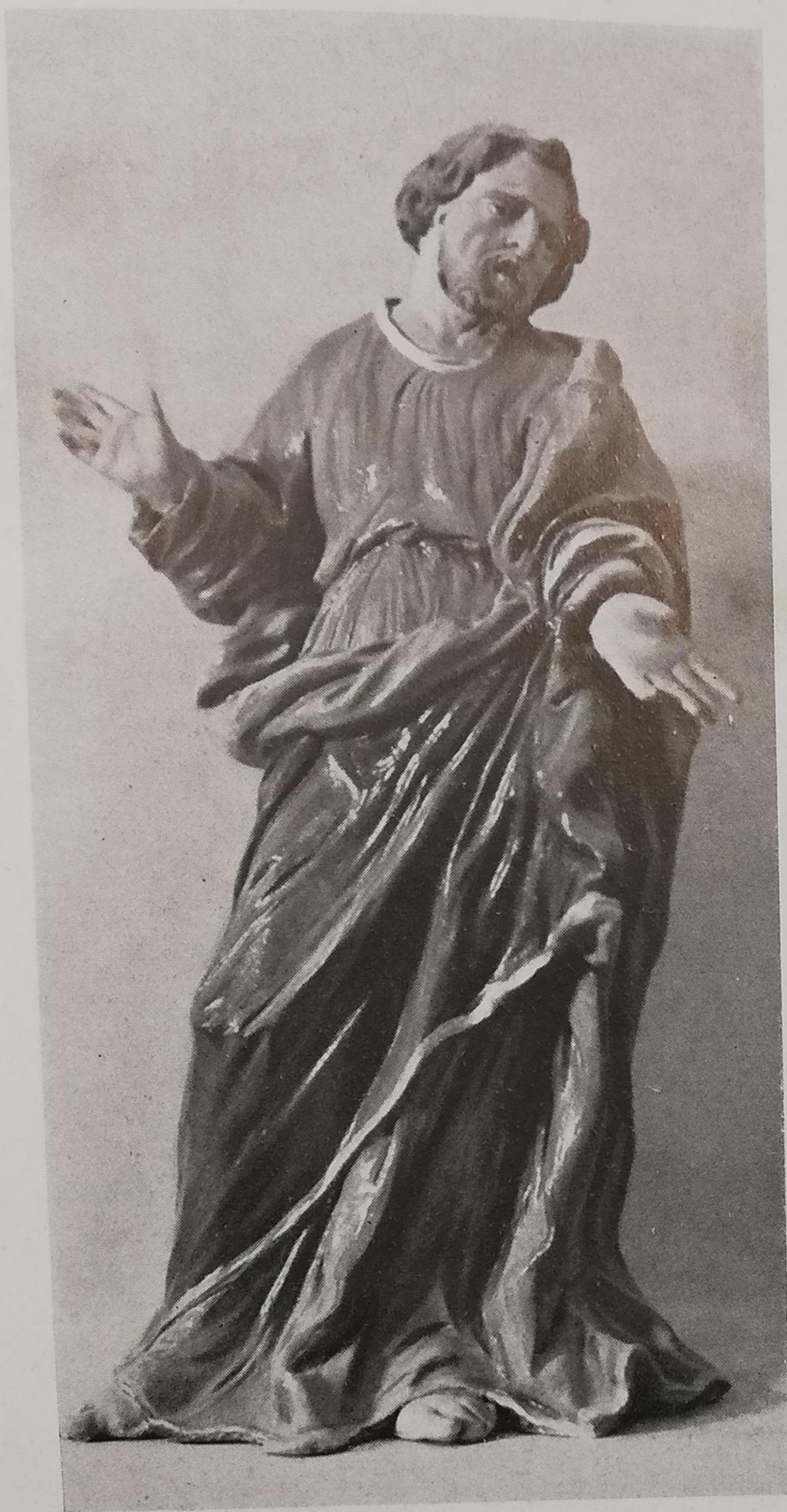
Pormenor do *Presépio.* Barros do séc. XVIII.

FREGUESIA DE LUSO: — BUÇACO

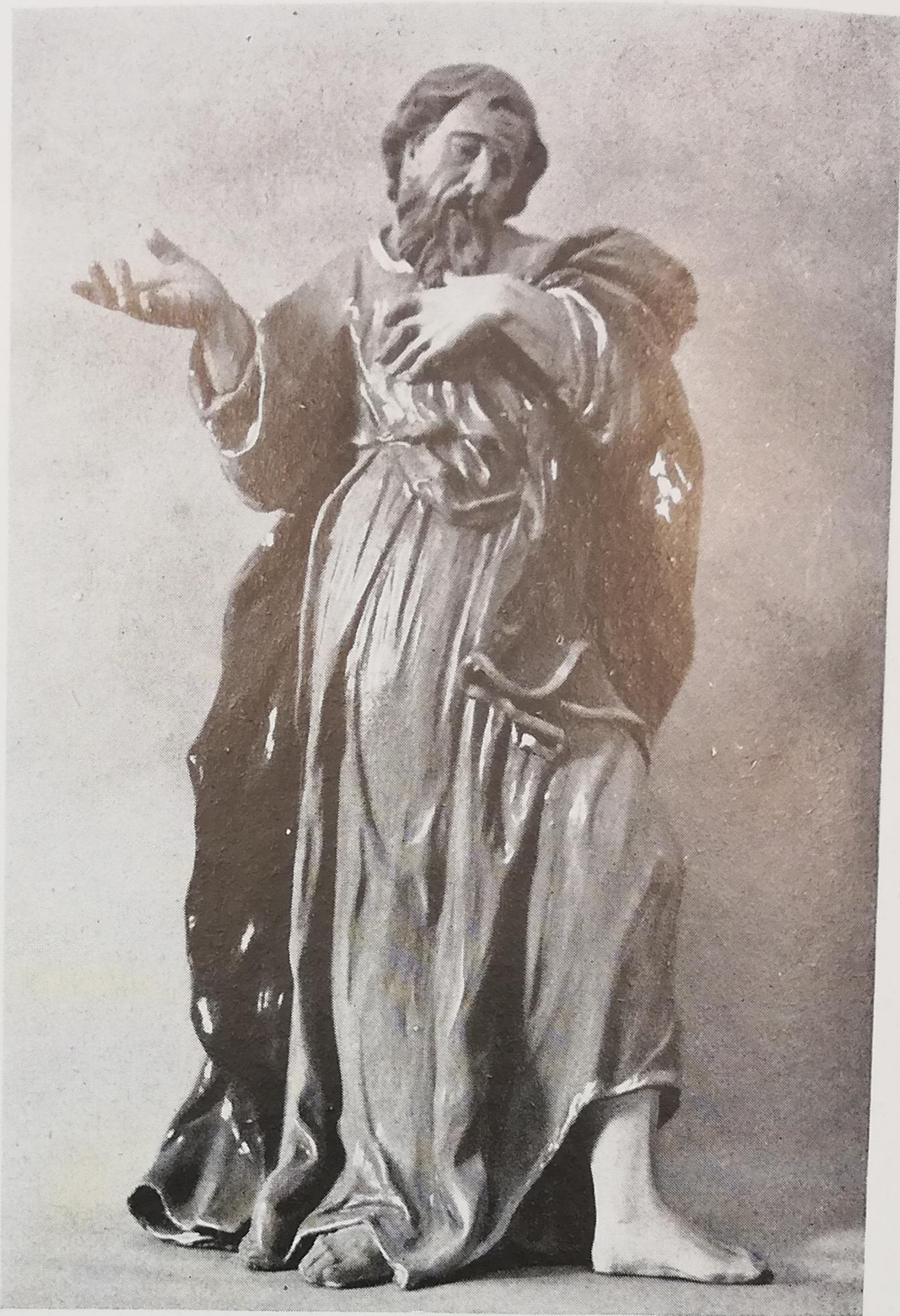
Baldaquinete do altar do coro.

Interior da igreja. Séc. XVII.

Frontal de azulejos da capela da portaria. Séc. XVII.

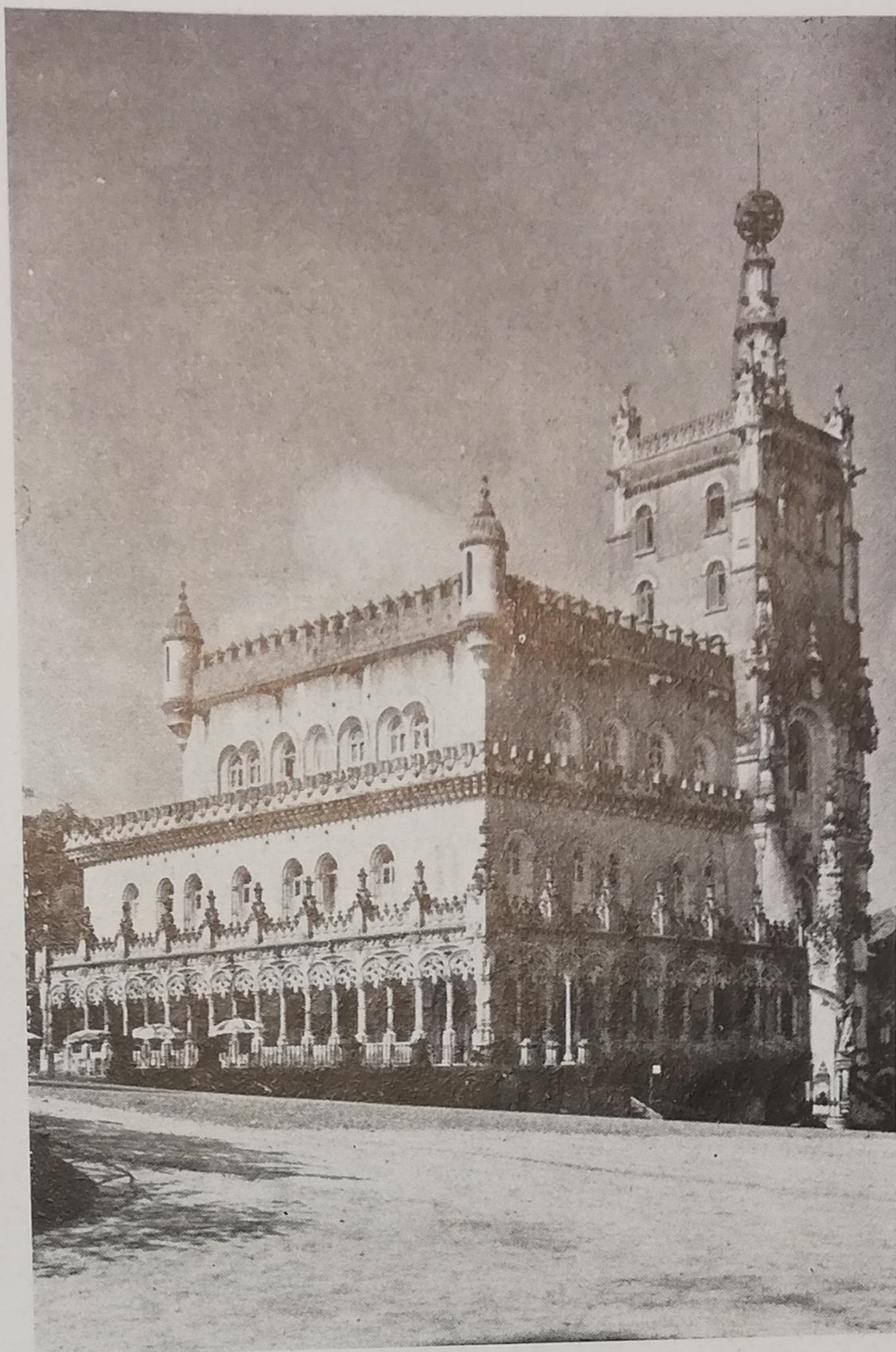
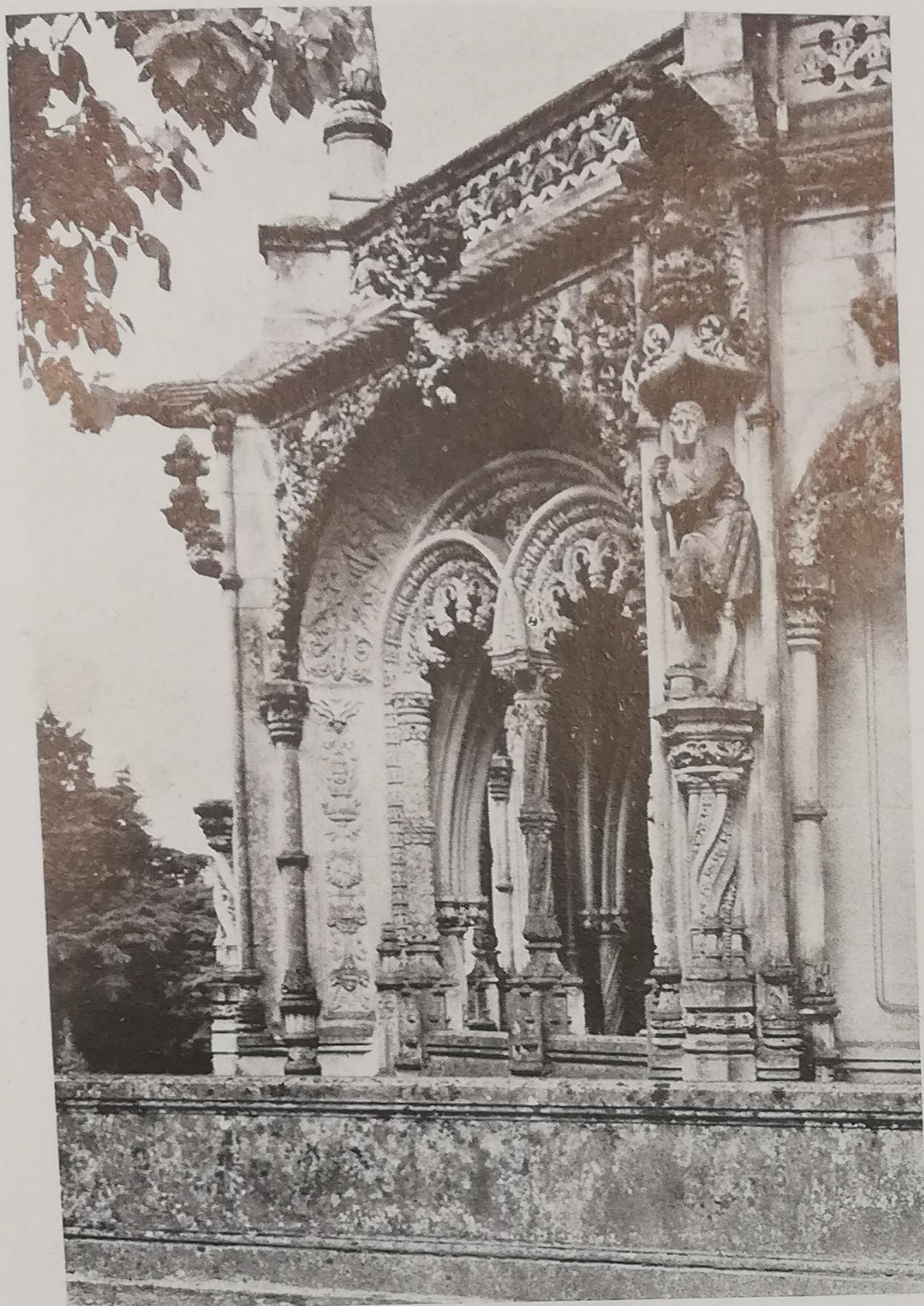
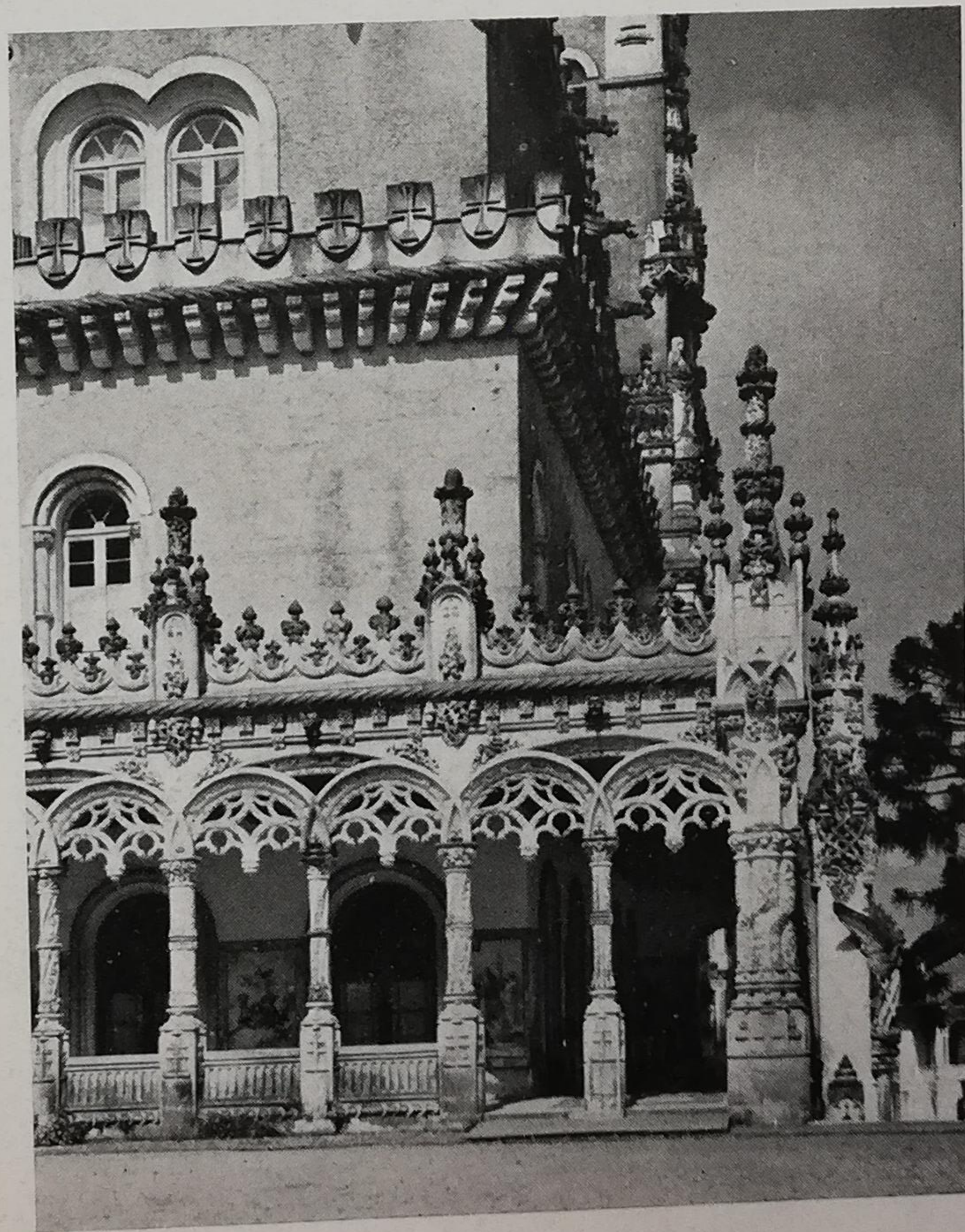
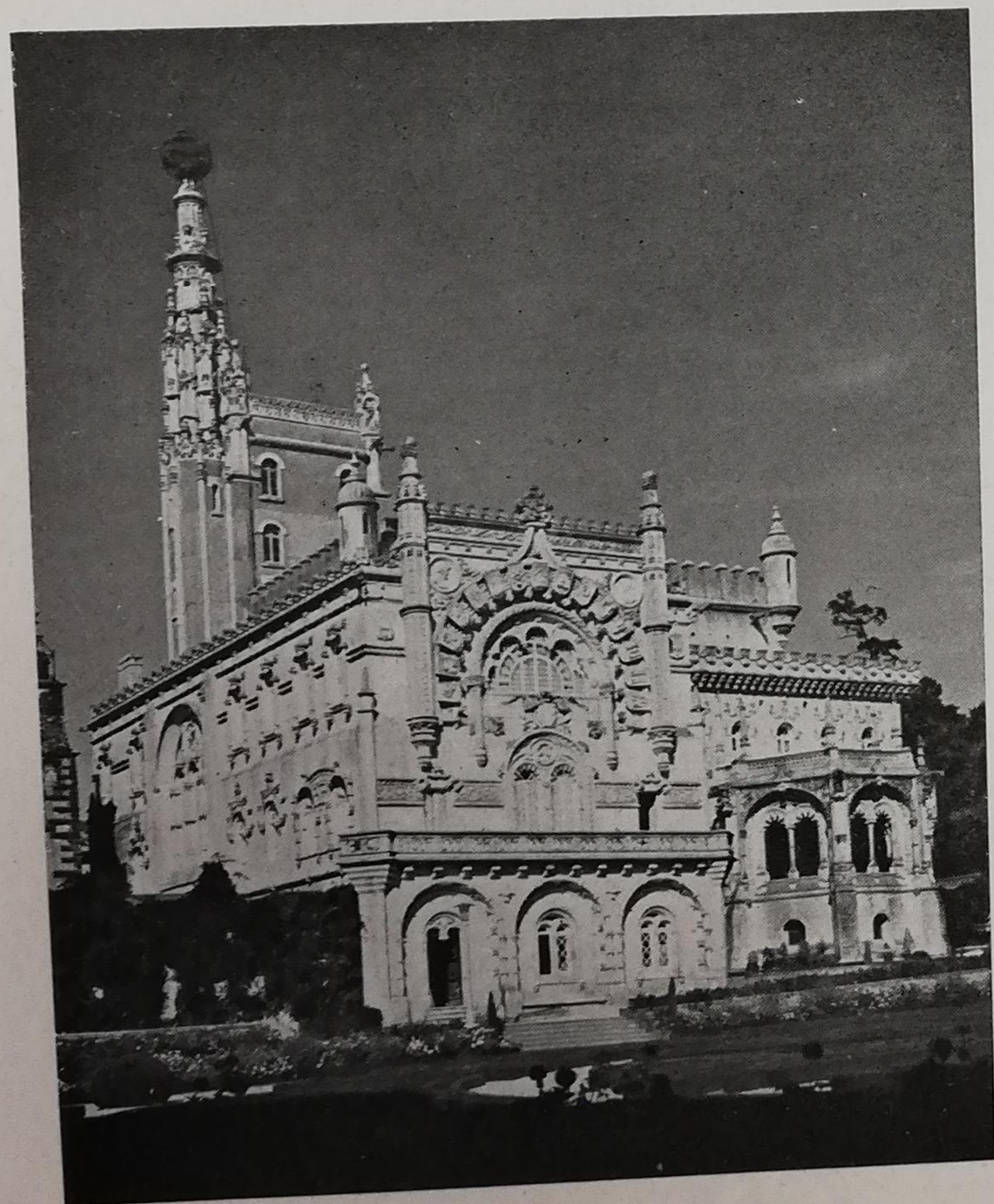
Topo do coro.

FREGUESIA DE LUSO: — BUÇACO

Falecimento da Virgem: Apóstolo e *Anjos*. Barros do séc. XVIII.

Conjunto do *falecimento da Virgem*. Barros do séc. XVIII.
FREGUESIA DE LUSO: — BUÇACO

Madalena. Escultura de madeira e pasta.

Apóstolo. Barro do *Falecimento*.

Falecimento da Virgem: mulheres e *Apóstolos*. Barros do séc. XVIII.

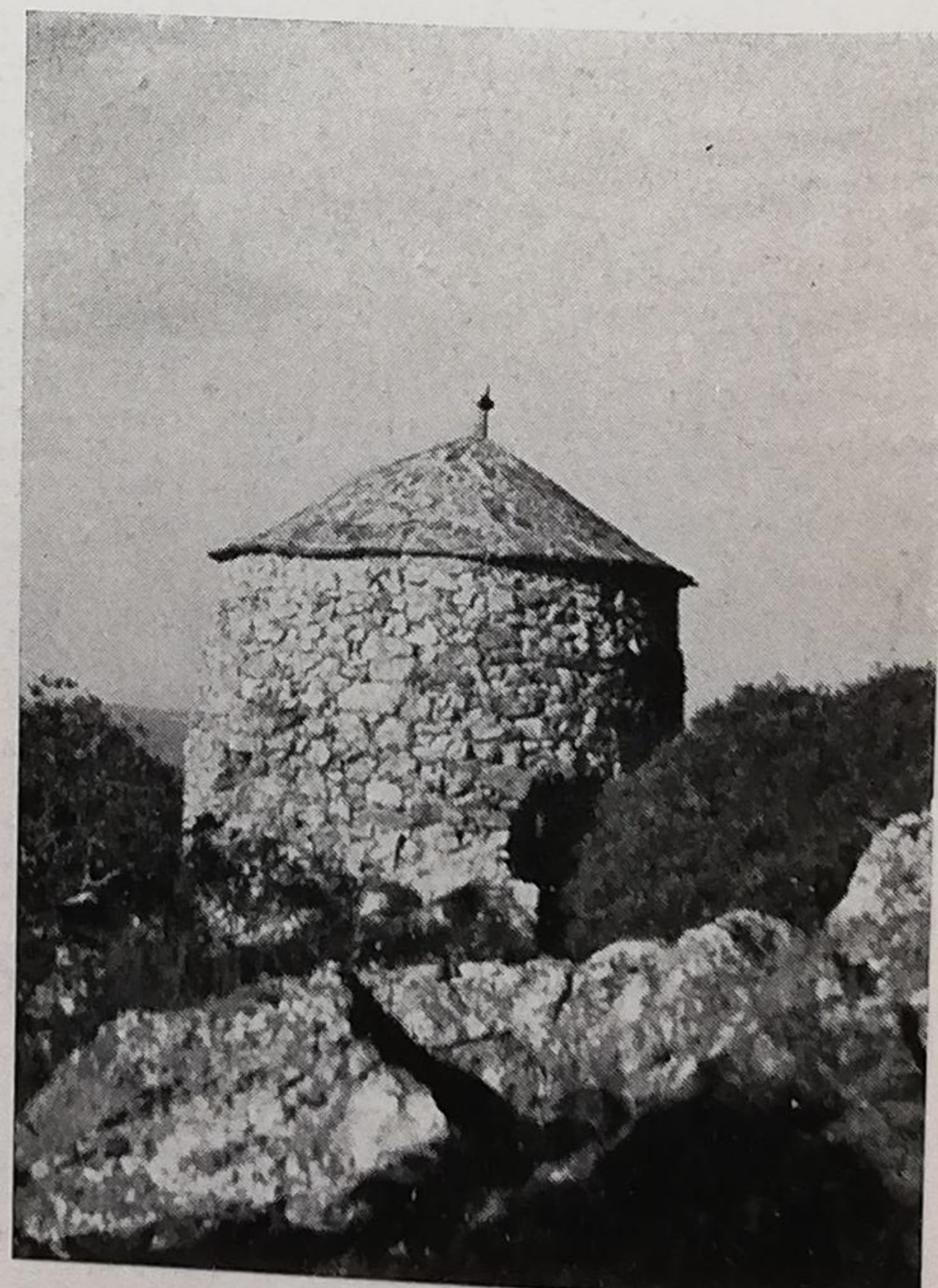
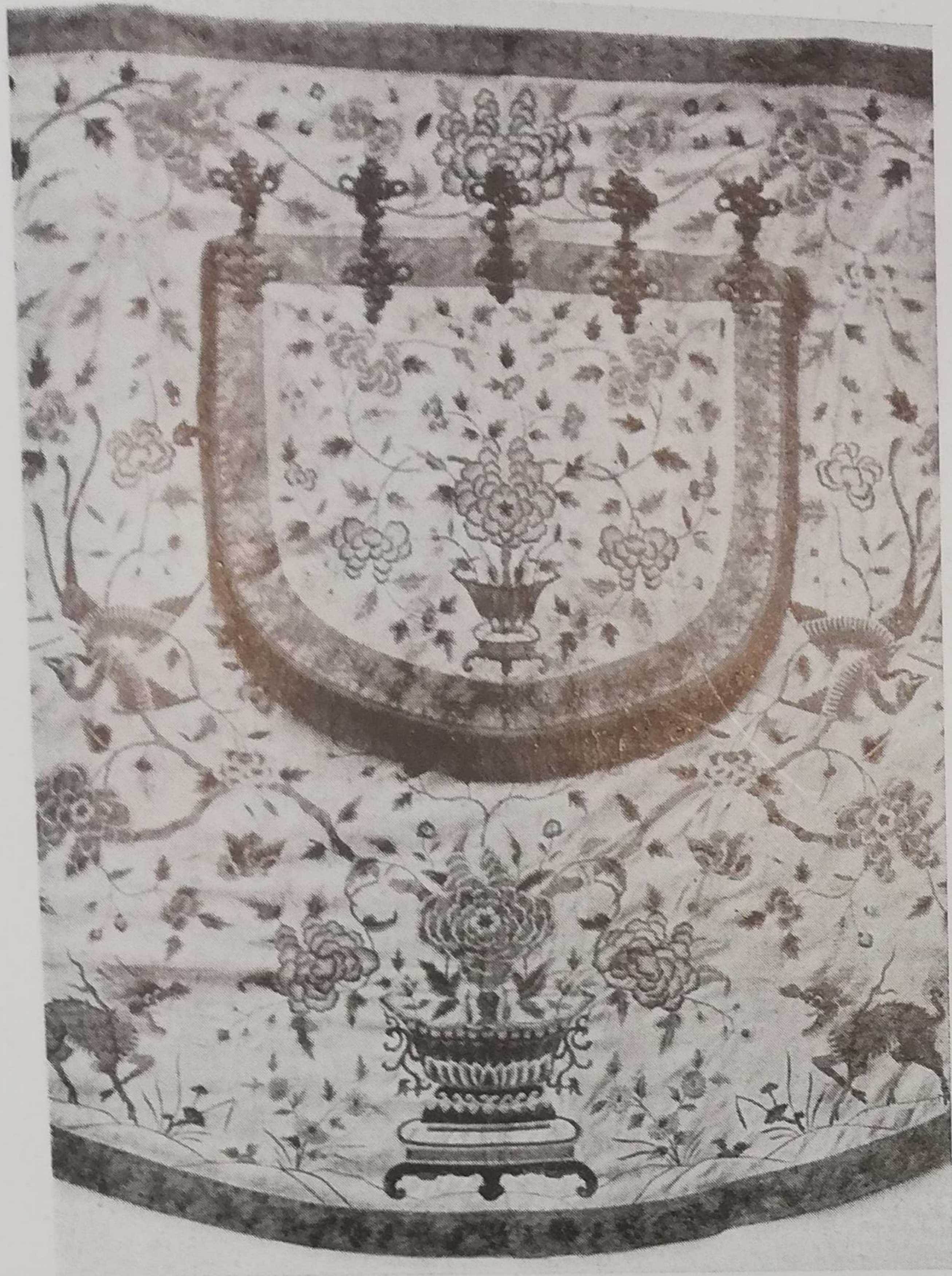
FREGUESIA DE LUSO: — BUÇACO

Palácio Nacional. Sécs. XIX-XX.

Palácio. Outros aspectos. Sécs. XIX-XX.
FREGUESIA DE LUSO: — BUÇACO

Capela de Caifás.

Costa Mota Sobrinho. *Verónica* (barro).

Capela do Calvário.

Costa Mota Sobrinho. *Pilatos* (barro).

Capela de St.º Antão.

FREGUESIA DE LUSO: — BUÇACO

Capela da Vitória: pormenores do pluvial e do véu de ombros (séc. XVIII).

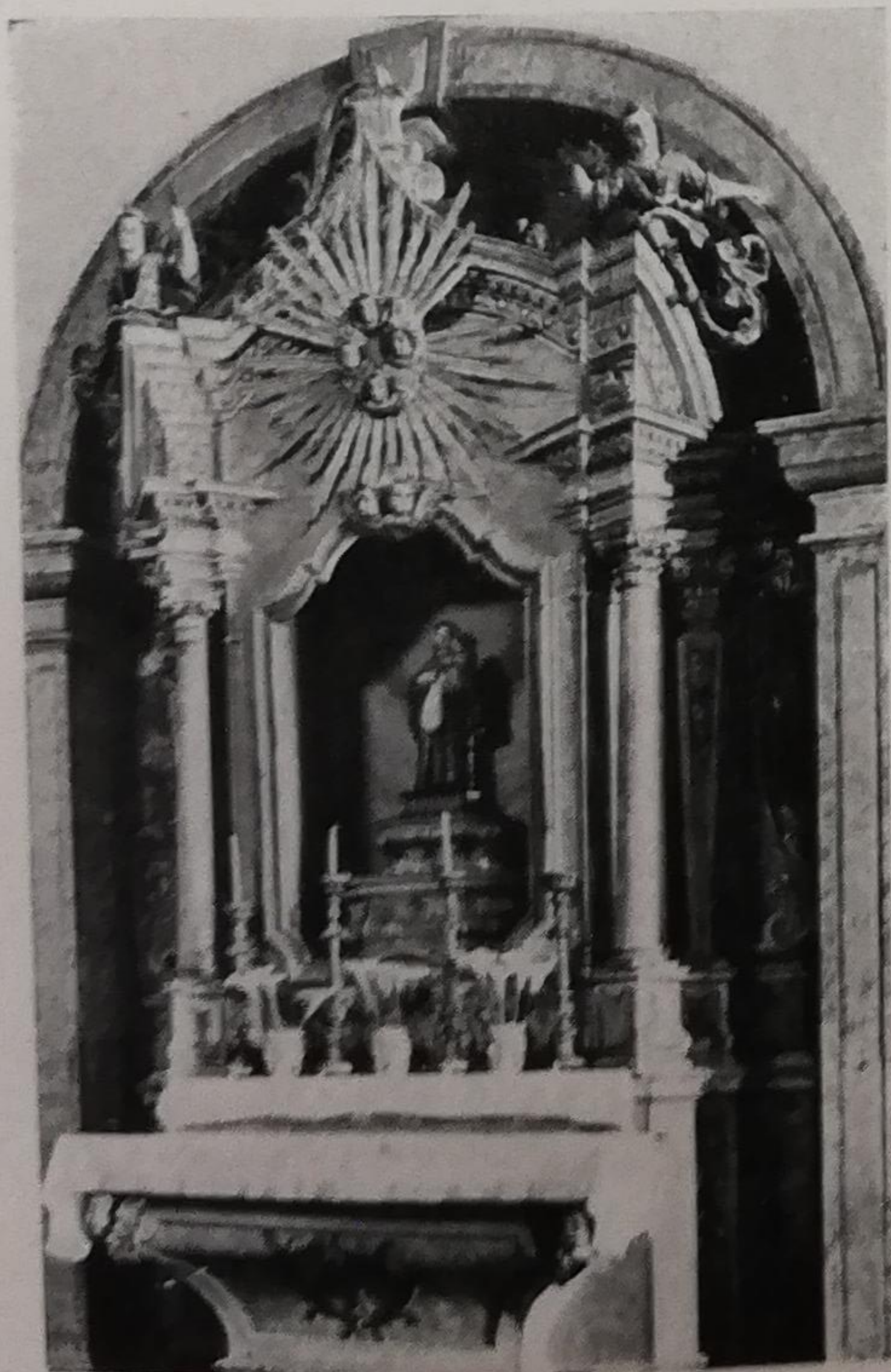
Capela da Vitória: casula e pormenor do frontal (séc. XVIII).

FREGUESIA DE LUSO

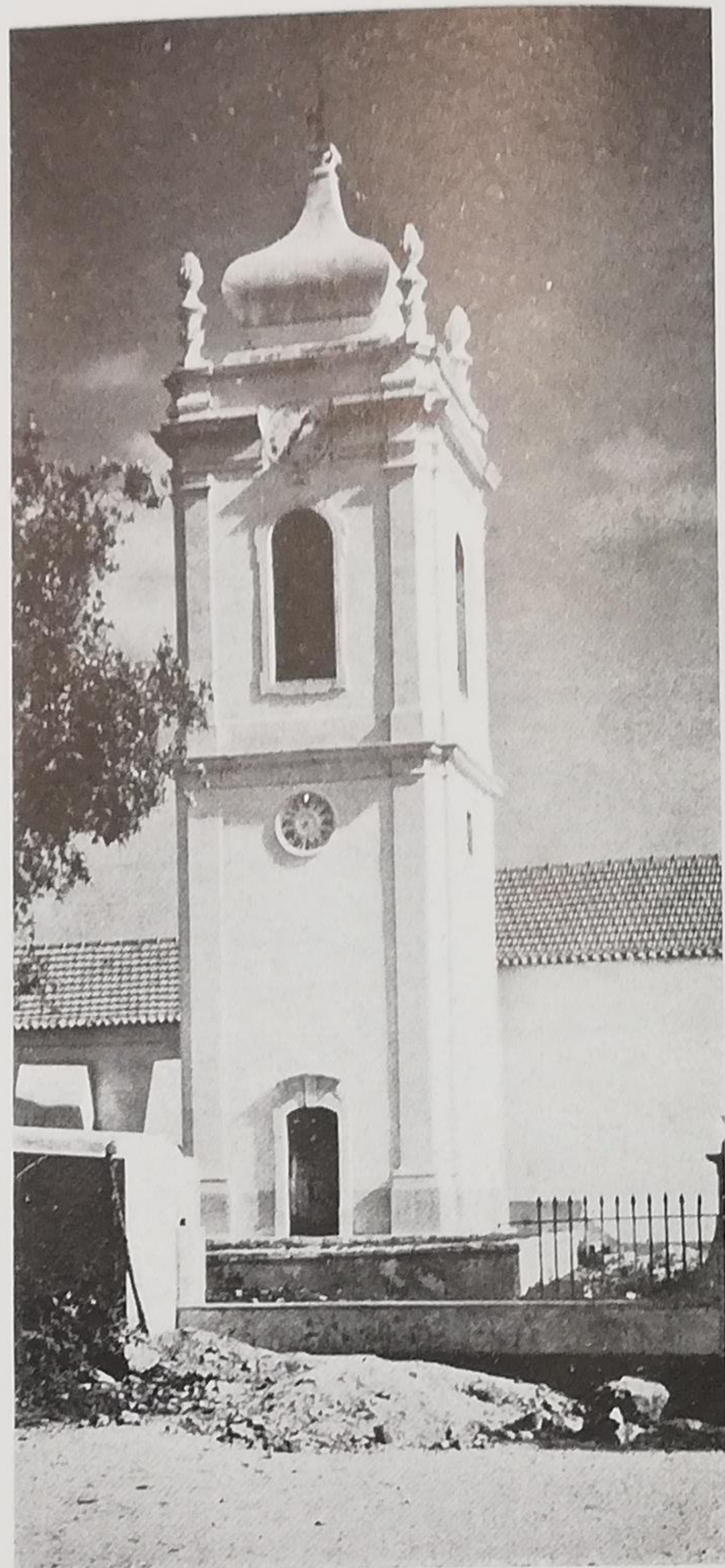
LUSO: capela da Vitória: pluvial (séc. XVIII).

CASAL COMBA: Igreja Paroquial. Sécs. XVII-XVIII. (Ver est. CLXIX).

FREGUESIAS DE LUSO E CASAL COMBA

Igreja Paroquial: *St.ª Marinha* (sécs. XV-XVI); cruz processional (sécs. XVI-XVII).

Igreja Paroquial: retábulo (séc. XVIII); o santo e o alforge (séc. XVII); interior.

FREGUESIA DE PAMPILHOSA

A casa do cruzeiro. Séc. XVIII.

Torre da igreja. Séc. XVIII.

Capela do cruzeiro. Séc. XVIII.

Igreja Paroquial. Conjunto.

FREGUESIA DA VACARIÇA

Virgem. Séc. XV.

Cruzeiro. Séc. XVII.

Igreja Paroquial. Púlpito. Séc. XVIII-in.

Igreja Paroquial. Interior.

Capela particular. 1698.

FREGUESIA DE VENTOSA DO BAIRRO

Igreja Paroquial. Pinturas: *Casamento da Virgem, santos e apóstolos* (séc. XVII-in.).

PERRÃES. Cruzeiro. Séc. XVII.

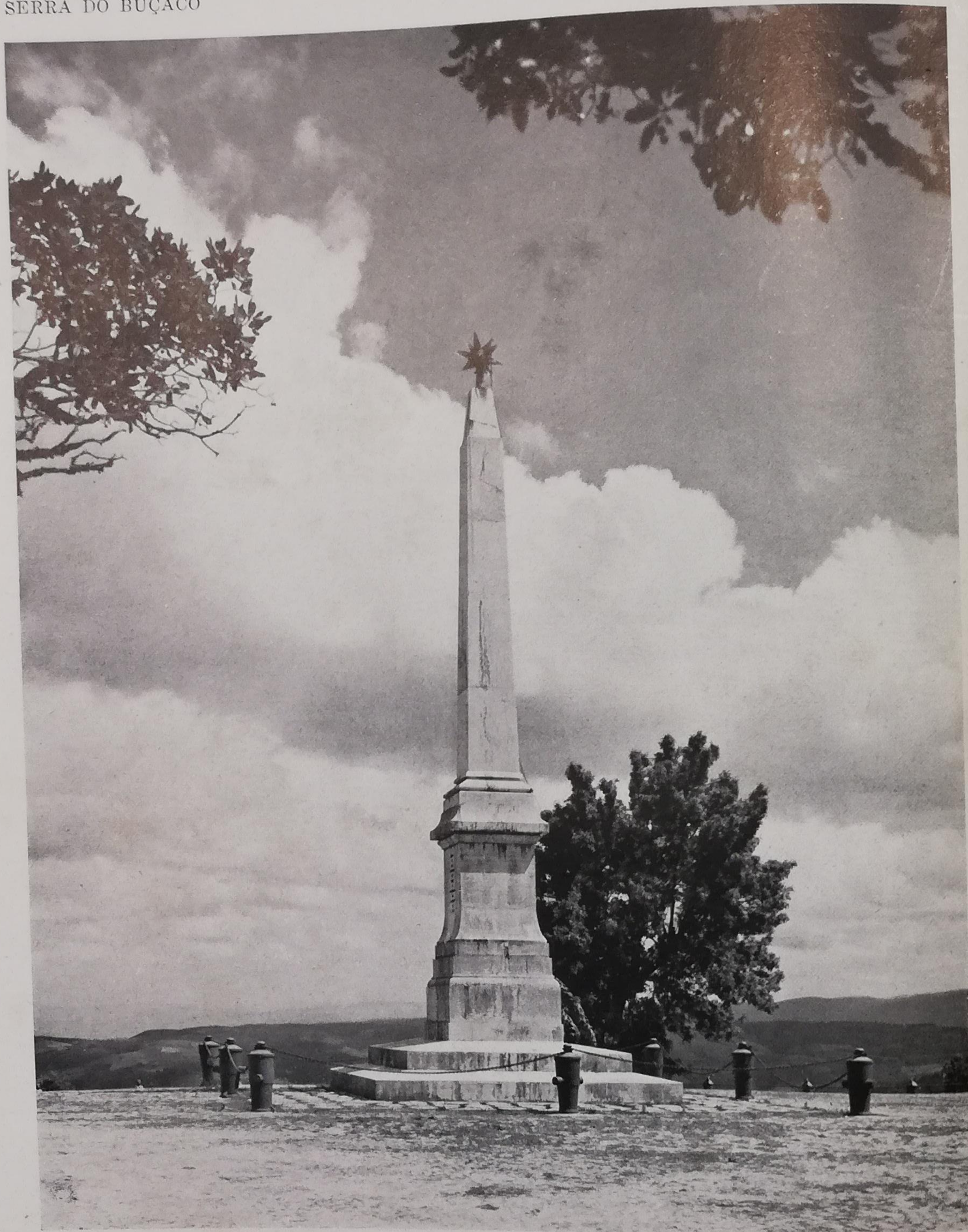
Igreja. *Anunciação* e santos. Séc. XVII-in. (Ver est. XXIII).
FREGUESIA DE OIÃ

Igreja. *Virgem*. Séc. XVIII.

Igreja. Píxide. Séc. XVIII.

N. G.

Igreja Paroquial. Custódia. Séc. XVII.
FREGUESIA DE VAGOS

N. G.

MONUMENTO DA GUERRA PENINSULAR

COMEMORA:

6 BLOQUEIOS, 12 DEFESAS, 14 CERCOS,
18 ASSALTOS, 215 COMBATES
15 BATALHAS.

ÍNDICE DE ASSUNTOS

NOTA - Ao número da página segue a indicação da coluna, designada respectivamente, da esquerda para a direita, pelas letras «a» e «b»

★

ÍNDICE ONOMÁSTICO

ARTISTAS, ARTÍFICES E ENGENHEIROS

ÍNDICE ONOMÁSTICO GERAL

ÍNDICE TOPONÍMICO

ÍNDICE DAS ESTAMPAS

XXXVII — Freguesia de ÁGUEDA. Igreja paroquial: pia baptismal. Assequins: *Virgem* na capela, pelourinho. Capela em Bolfiar. Casa em Águeda.
XXXVIII — Freguesia de AGADÃO. Igreja paroquial: tecto do corpo, frontaria, arco cruzeiro e retábulos.
XXXIX — Freguesia de AGADÃO. Igreja paroquial: talhas do arco-cruzeiro, altar da nave, frontaria.
XL — Freguesia de AGUADA DE BAIXO. S. Martinho, Cruz processional. Capela do Espírito Santo. Cruzeiro.
XLI — Freguesia de AGUADA DE CIMA. Igreja paroquial: púlpito.
XLII — Freguesia de AGUADA DE CIMA. Árula romana. Capela das Almas da Areosa: frontaria, interior, vista lateral. *St.ª Luzia* na igreja.
XLIII — Freguesia de AGUADA DE CIMA. Igreja paroquial: púlpito, *Virgem e o Menino*, torre.
XLIV — Freguesia de BARRÔ. Igreja paroquial: retábulo principal, torre, tecto da capela-mor, retábulos. Capela de St.º António.
XLV — Freguesia de BELAZAIMA DO CHÃO. Igreja paroquial: *S. Paulo*, retábulo da nave, interior, conjunto da igreja, *S. Brás*.
XLVI — Freguesia de CASTANHEIRA DO VOUGA. Igreja paroquial: altar da nave, tecto da nave, revestimento do arco-cruzeiro, interior, conjunto externo.
XLVII — Freguesia de ESPINHEL. Igreja paroquial: cruz de latão, frontaria, *Virgem*, interior.
XLVIII — Freguesia de FERMENTELOS. Igreja paroquial: custódia de prata, *St.ª Teresa*, altar-mor. Cruzeiro.
XLIX — Freguesia de LAMAS DO VOUGA. Casa em Vouga. Ponte do Vouga: um sector de jusante, conjunto do lado de jusante, lado de montante. *Virgem* da capela de Pedações.
L — Freguesia de LAMAS DO VOUGA. Igreja paroquial: interior, fachada. Ponte do rio Marnel.
Freguesia de MACIEIRA DE ALCOBA. Torre da capela da Senhora. Frontaria da igreja.
LI — Freguesia de MACINHATA DO VOUGA. Convento de Serém: frontaria, interior da igreja. Casa em Serém de Baixo. Capela do Beco: interior, frontaria.
LII — Freguesia de MACINHATA DO VOUGA. Capela do Beco: retábulo, coroa de prata. Brasão em Mesa. Casa em Carvalhal. Casa em Macinhata.
LIII — Freguesia de MACINHATA DO VOUGA. Azulejos do convento de Serém. Igreja paroquial: custódia, cruzeiro do adro, interior.
LIV — Freguesia de OIS DA RIBEIRA. Igreja paroquial: *St.º Adrião*, cuz de prata, portal. Capela de St.º António.
LV — Freguesia de PRÉSTIMO. Ponte do rio Alfusqueiro. Capela de A-dos-Ferreiros. Cruzeiro em Préstimo.
LVI — Freguesia de PRÉSTIMO. Igreja paroquial: custódia, conjunto dos retábulos, *Trindade*. A-dos-Ferreiros: Uma casa, outra casa.
LVII — Freguesia de RECARDÃES. Igreja paroquial: torre, portal, *Virgem e o Menino*.
LVIII — Freguesia de RECARDÃES. Igreja paroquial: altar-mor, *S. Miguel*, frontaria, retábulo principal e colaterais. Cruzeiro.
LIX — Freguesia de SEGADÃES. Igreja paroquial: retábulo colateral, *Virgem*, *S. Sebastião*. Capela da Fontainha: retábulo, St.ª Apolónia.
LX — Freguesia de TRAVASSÔ. Igreja paroquial: retábulo colateral, torre, altar dos Mártires, relicário-busto, frontaria. Cruzeiro.
LXI — Freguesia da TROFA. Estátua tumular de Duarte de Lemos.
LXII — Freguesia de TROFA. Arcos tumulares ao lado da epístola da igreja.
LXIII — Freguesia da TROFA. Igreja paroquial. *Virgem e o Menino*, abóbada da capela-mor, porta da sacristia, arranque da abóbada, o *Salvador*.
LXIV — Freguesia de VALONGO DO VOUGA. Igreja paroquial: retábulo da capela da esquerda, colunas do mesmo retábulo. Cruzeiro em Valongo. Aguieira: *S. Miguel* na capela, cruzeiro.
LXV — Freguesia de VALONGO DO VOUGA. Igrgeja paroquial: pia baptismal, custódia, Arrancada: *Padre-eterno* na capela, cruz da via-sacra.
LXVI — Freguesia de VALONGO DO VOUGA. Arrancada: casa seiscentista, *S. Cosme* na capela, casa do séc. XVII, cruzeiro.
LXVII — Freguesia de VALONGO DO VOUGA. Sobreiro: frontaria da capela, *Senhora das Necessidades*, busto da mesma.
LXVIII — Freguesia de VALONGO DO VOUGA. Brunhido: casa setecentista, capela, rosácea na mesma.

CONCELHO DE ALBERGARIA-A-VELHA

LXIX — Freguesia de ALBERGARIA-A-VELHA. Igreja paroquial: torre, conjunto interno, retábulo principal, portal, altar da capela da esquerda.
LXX — Freguesia de ALBERGARIA-A-VELHA. Retábulo da capela de S. Sebastião. Retábulo colateral da igreja. *Virgem* duma colecção particular. Capela da povoação de S. Marcos: *S. Mamede*, *St.º Antão*.

LXXI — Freguesia de ALBERGARIA-A-VELHA. Frontaria da capela de S. Sebastião. Casa de St.º António: capela, portão, conjunto.
LXXII — Freguesia de ALBERGARIA-A-VELHA Colecção particular: velho, rapariga (esculturas de F. Franco). Azulejos numa capela do Sobreiro.
LXXIII — Freguesia de ALBERGARIA-A-VELHA. Casa setecentista, casa da fonte, cruz da via-sacra.
Freguesia de ALQUERUBIM. Igreja paroquial: púlpito, retábulos.
LXXIV — Freguesia de ANGEJA. Igreja paroquial: custódia, arcada lateral, as três naves. Capela de S. Sebastião.
LXXV — Freguesia de ANGEJA. Igreja paroquial: arcada da epístola, coro alto.
LXXVI — Freguesia da BRANCA. Igreja paroquial: pormenor da custódia, torre. Ponte do Caima no Palhal.
LXXVII — Freguesia da BRANCA. Igreja paroquial: *S. Vicente*, cruzeiro do adro, custódia. Capela destruída em Albergaria-a-Nova.
LXXVIII — Freguesia de FROSSOS. Igreja paroquial: Santa com rosas, interior. Portão quinhentista duma casa. Pelourinho.
LXXIX — Freguesia de S. JOÃO DE LOURE. Igreja paroquial: altar colateral, custódia, portal, frontaria. Capela de S. Silvestre.
LXXX — Freguesia de S. JOÃO DE LOURE. Igreja paroquial: píxide, grade de ferro, talha em concheado, conjunto de retábulos. Cruzeiro.
LXXXI — Freguesia de S. JOÃO DE LOURE. Igreja: sanefa.
Freguesia de VALE MAIOR. Igreja paroquial: sacrário, exterior, interior, portal. Ponte do Caima.

CONCELHO DE ANADIA

LXXXII — Freguesia de ARCOS-ANADIA. Igreja paroquial: azulejo, frontaria, interior, *Virgem e o Menino*.
LXXXIII — Freguesia de ARCOS-ANADIA. Igreja paroquial: *St.ª Luzia*. *Virgem* na capela da Senhora das Febres. Capela da Misericórdia: *St.ª Catarina*, *Virgem e o Menino*.
LXXXIV — Freguesia de ARCOS-ANADIA. Igreja paroquial: *S. João Baptista*, *S. Pedro*. Famalicão: *S. Mamede* na capela, casa.
LXXXV — Freguesia de ARCOS-ANADIA. Portal da igreja. Paço dos marqueses da Graciosa: frontaria, escada.
LXXXVI — Freguesia de AMOREIRA DA GÂNDARA. Escadaria de casa setecentista.
Freguesia de ANCAS. Igreja paroquial: *Virgem*, *S. Brás*. Cruzeiro.
LXXXVII — Freguesia de AVELÃS DE CAMINHO. Fachada da igreja. Altar da capela do Senhor dos Aflitos.
Freguesia de AVELÃS DE CIMA. Igreja paroquial: conjunto, frontaria. Cruzeiro. Pormenor de retábulo de capela.
LXXXVIII — Freguesia de AVELÃS DE CIMA. Igreja paroquial: custódia, *S. Brás*, *St.ª Luzia*.
LXXXIX — Freguesia de AVELÃS DE CIMA. *S. Sebastião* na igreja. *Virgem* na capela de Cerca. *S. João Baptista* na capela de Pereiro.
XC — Freguesia de AVELÃS DE CIMA. Capela de Nossa Senhora das Neves: portal, sacristia, conjunto, púlpito.
XCI — Freguesia de MOGOFORES. Casa dos Ferreiras-Vasconcelos: portal, conjunto, brasão. Busto do visconde de Seabra. Cruzeiro.
XCII — Freguesia de MOGOFORES. Igreja paroquial: capela dos Pintos, retábulo da mesma.
XCIII — Freguesia da MOITA. Paço dos condes de Carvalhais. Brasão do mesmo. Busto do poeta cavador Manuel Alves.
XCIV — Freguesia da MOITA. Igreja paroquial: *S. Tiago*, túmulo da família Borges. Capela de Vale da Mó. Púlpito da capela de Vale de Avim.
XCV — Freguesia de OIS DO BAIRRO. Igreja paroquial: *Virgem*, *S. Martinho*, *St.º André*. Paço dos Castelos Brancos: portão, conjunto.
XCVI — Freguesia de SANGALHOS. Igreja paroquial: *Virgem*, pintura da capela-mor, pia baptismal. *S. Frutoso* na capela da Fogueira.
XCVII — Freguesia de SANGALHOS. Igreja paroquial: grade, frontaria, *St.ª Catarina*, *S. Brás*, *St.ª Eufémia*, da respectiva capela.
XCVIII — Freguesia de SANGALHOS. Igreja paroquial: retábulos da nave, conjunto dos retábulos. Casa na Fogueira. Retábulo da capela de S. João da Azenha.
XCIX — Freguesia de S. LOURENÇO DO BAIRRO. Igreja paroquial: custódia, *Virgem sentada*, torre, porta principal. Pelourinho.
C — Freguesia de S. LOURENÇO DO BAIRRO. Capela de Nossa Senhora das Lezírias: capela-mor, *Virgem e o Menino*, azulejos, pormenor do retábulo.

CI — Freguesia de S. LOURENÇO DO BAIRRO. Cruzeiro. Cruzeiro de templete. Capela do lugar de S. Mateus: retábulo, *S. Mateus.*

CII — Freguesia de TAMENGOS. Igreja paroquial: *S. Pedro*, custódia, interior, *Senhora da Conceição. S. Cosme* na capela de Aguim.

CIII — Freguesia de TAMENGOS. Árvore de Jessé na igreja paroquial. Casa antiga. Capela de Aguim: *S. Miguel, St.ª Ana*, frontaria da capela.

CIV — Freguesia de VILA NOVA DE MONSARROS. Capela de Nossa Senhora das Neves: interior.

CV — Freguesia de VILA NOVA DE MONSARROS. Capela das Neves: frontaria, *Virgem* de marfim. Igreja paroquial: *St.ª Luzia*, pia baptismal.

CVI — Freguesia de VILARINHO DO BAIRRO. Igreja paroquial: *Virgem e o Menino*, exterior da igreja. *St.ª Margarida* na capela de Torres. Capela dos Banhos: exterior, *Virgem e o Menino.*

CONCELHO DE AVEIRO

CVII — Cidade de AVEIRO. Paços do concelho. Igreja da Misericórdia: no conjunto urbano, fachada.

CVIII — Cidade de AVEIRO. Igreja da Misericórdia: topo interno da frontaria, abóbada da nave, azulejos em três padrões.

CIX — Cidade de AVEIRO. Igreja da Misericórdia: custódia, porta lateral, varandas, portal. banco dos mesários.

CX — Cidade de AVEIRO. Igreja da Misericórdia: altar, abóbada da capela-mor, pormenor da mesma,

CXI — Cidade de AVEIRO. Convento de S. Domingos: cruz do adro, frontaria, estante, *St.ª Luzia*, azulejos.

CXII — Cidade de AVEIRO. Convento de Domingos: retábulo da *Senhora da Micericórdia, retábulo da Visitação*, azulejos, púlpito.

CXIII — Cidade de AVEIRO. Convento de S. Domingos: *St.ª Luzia, St.as Margarida de Sabóia* e *Margarida do Castelo, St.º Ambrósio* e *S. Gonçalo de Amarante*, azulejos.

CXIV — Cidade de AVEIRO. Mosteiro de Jesus: pormenor e conjunto da porta do capítulo, porta do refeitório, porta da capela de S. Simão.

CXV — Cidade de AVEIRO. Mosteiro de Jesus: porta da capela de St.º Agostinho.

CXVI — Cidade de AVEIRO. Mosteiro de Jesus: tecto do corpo da igreja, interior da igreja.

CXVII — Cidade de AVEIRO. Mosteiro de Jesus: tecto da capela-mor.

CXVIII — Cidade de AVEIRO. Mosteiro de Jesus: sala-santuário da princesa, retábulo da Senhora do Rosário, retábulo de St.ª Joana.

CXIX — Cidade de AVEIRO. Mosteiro de Jesus: Cristo e talhas do coro de cima, talhas douradas e policromadas do mesmo lugar.

CXX — Cidade de AVEIRO. Museu Regional: túmulo de João de Albuquerque, um evangelista, *Virgem* de madeira, *S. Lázaro.*

CXXI — Cidade de AVEIRO. Museu Regional: *Sagrada Família, Contemplativa, S. Miguel, S. José.*

CXXII — Cidade de Aveiro. Museu Regional: retrato da princesa D. Joana, *S. Tiago-maior, Tríptico do Salvador*, respectivo brasão.

CXXIII — Cidade de AVEIRO. Museu Regional: *Virgem* de prata, pormenor da custódia de Sá, salva de prata, galhetas de cristal e prata.

CXXIV — Cidade de AVEIRO. Museu Regional: pormenor de frontal bordado, dalmática, casula, capuz de pluvial, bordado de inspiração oriental.

CXXV — Cidade de AVEIRO. Museu Regional: jarrão de porcelana, vidro coalhado, azulejos.

CXXVI — Cidade de AVEIRO. Convento do Carmo: interior da igreja, retábulo colateral, túmulo de D. Brites de Lara, nave da igreja.

CXXVII — Cidade de AVEIRO. Convento do Carmo: fachada da igreja, *S. João*, janela do muro, conjunto da porta do adro e da fachada, muro do adro.

CXXVIII — Cidade de AVEIRO. Mosteiro de S. João Evangelista: um pano de azulejos, outro pano de azulejos.

CXXIX — Cidade de AVEIRO. Mosteiro de S. João Evangelista: revestimento de talhas do fundo da igreja, revestimento de parte lateral da igreja, altar--mor, brasão do Carmo em azulejos.

CXXX — Cidade de AVEIRO. Convento de Santo António: conjunto das fachadas da Ordem Terceira e do convento, interior da igreja do convento, azulejos da capela-mor.

CXXXI — Cidade de AVEIRO. Convento de Santo António: espaldar do arcaz da sacristia, ângulo da esquerda do mesmo, nicho central do mesmo espaldar.

CXXXII — Cidade de AVEIRO. Convento de Santo António: intercolúnio do altar-mor, consola do mesmo, altar-mor, arcaz da sacristia.

CXXXIII — Cidade de AVEIRO. Igreja da Ordem Terceira: capela-mor, altar do corpo da igreja, azulejos com paisagem, azulejos com um rótulo.

CXXXIV — Cidade de AVEIRO. Igreja da Ordem Terceira: flanco esquerdo do corpo da igreja, retábulo principal, pintura da abóbada.

CXXXV — Cidade de AVEIRO. Igreja da Ordem Terceira: um pano de azulejos.

CXXXVI — Cidade de AVEIRO. Igreja da Apresentação: interior da igreja, talhas do arco e do retábulo. Recolhimento de S. Bernardino: interior da igreja, sobre-porta.

CXXXVII — Cidade de AVEIRO. Igreja da Apresentação. frontaria, altar do flanco, *Madalena*, alabastro inglês representando a *Virgem sentada, S. Gonçalo.*

CXXXVIII — Cidade de AVEIRO. Capela de Nossa Senhora da Alegria: cruzeiro do adro, arco cruzeiro. Capela de S. Bartolomeu: retábulo, exterior.

CXXXIX — Cidade de Aveiro. Capela da Madre de Deus: retábulos, exterior. Capela de *S. Gonçalo: púlpito.*

CXL — Cidade de AVEIRO. Capela de S. Gonçalo: conjunto, portal. Capela dos Santos Mártires: túmulo do fundador, túmulo da esposa.

CXLI — Cidade de AVEIRO. Capela do Senhor das Barrocas: porta lateral direita, porta lateral esquerda, aspecto geral, interior.

CXLII — Cidade de AVEIRO. Capela do Senhor das Barrocas: tecto da capela-mor, altar lateral da esquerda, púlpito da esquerda.

CXLIII — Cidade de AVEIRO. Retábulo principal da capela das Barrocas. *St.ª Luzia* na capela de Vilar. Lápide da Conceição.

CXLIV — Cidade de AVEIRO. Casa da R. de St.ª Joana; casa do R. do Gravito; casa dos Couceiros da Costa: fachada e brasão; casa do Seixal.

CXLV — Cidade de AVEIRO. Colecção Dr. Vieira Gamelas: *Virgem* do presépio, *Virgem* por Gaspar, pastores do presépio.

CXLVI — Cidade de AVEIRO. Colecção Dr. António Cristo: *Senhora da Conceição* por José Dias dos Santos, *S. Damião* por Lemos, base de barro, *Menino Adormecido* por José Dias dos Santos.

CXLVII — Cidade de AVEIRO. Colecção Dr. Melo Freitas: prato por J. S. Chuva, boião policromo, vaso policromo.

CXLVIII — Freguesia de ARADAS. Casa dos Bacelares Barbosas de Novais, *Virgem* da capela de Verdemilho. Igreja paroquial: *St.º Agostinho*, cruz processional. Retábulo da capela da Quinta do Picado.

CXLIX — Freguesia das ARADAS. Portão do paço da Senhora das Dores.

CL — Freguesia das ARADAS. Paço da Senhora das Dores: barros da *Paixão* na capela, boião de farmácia. Portão da quinta de Medela em Verdemilho.

CLI — Freguesia de CACIA. Igíreja paroquial: esccultura de *S. Sebastião* e um seu pormenor, escultura de *St.ª Catarina* e um seu pormenor, *Virgem e o Menino.*

CLII — Freguesia de CACIA. Igreja paroquial: cálice, conjunto dos retábulos, exterior da mesma. Capela dos Couceiros da Costa em Vilarinho.

CLIII — Freguesia de EIROL. Interior da igreja.
Freguesia de EIXO. Igreja paroquial: retábulo colateral, fachada, *St.ª Bárbara* na capela de Horta.

CLIV — Freguesia de EIXO. Igreja paroquial: portal interior. Capela da Senhora da Graça: conjunto externo, nicho da frontaria.

CLV — Freguesia de ESGUEIRA. Praça do pelourinho. Paços do concelho. Casa dos Almeidas: fachada, brasão do portão.

CLVI — Freguesia de ESGUEIRA. Igreja paroquial: frontaria, interior. Casa na R. da Igreja. Casa R. dos Balcões. Fonte da vila. Fonte da Ribeira.

CLVII — Freguesia de ESGUEIRA. Igreja paroquial: *Cristo*, retábulo da *Visitação*, *Virgem* de prata, azulejos policromos.

CLVIII — Freguesia de ESGUEIRA. *Virgem* da capela do Paço. *Madalena* da capela de Tabueira. Azulejos policromos na igreja.
Freguesia de OLIVEIRINHA. Dois aspectos da pia baptismal da capela da Moita.

CLIX — Freguesia de REQUEIXO. Cruzeiro. Igreja paroquial: pormenor da custódia, fachada, interior, púlpito.

CLX — Freguesia de REQUEIXO. Grade de Ferro na igreja. *S. Paio* da mesma. *Cruzeiro no Carregal.*
Freguesia de SÃO JACINTO. Igreja: exterior, *S. Pedro Gonçalves.*

CONCELHO DE ÍLHAVO

CLXI — Freguesia de ÍLHAVO. Fachada da capela da Senhora do Pranto. Casa da Senhora das Neves. Casa setecentista. Casa dos Maias.

CLXII — Freguesia de ÍLHAVO. Interior da igreja paroquial. Capela de Senhora do Pranto: retábulo, púlpito.

CLXIII — Freguesia de ÍLHAVO. Igreja paroquial: *dúvida de S. Tomé, Assunção da Virgem*, frontaria da igreja. Capela da Senhora do Pranto: interior, escultura da *Virgem.*

CLXIV — Freguesia de ÍLHAVO. VISTA ALEGRE. Capela: frontaria, escultura da *Virgem* na fachada, retábulo da Conceição, capela-mor, pintura da árvore de Jessé.

CLXV — Freguesia de ÍLHAVO. VISTA ALEGRE. Capela: estátua jacente de D. Manuel de Moura Manuel, arco tumular do mesmo, retábulo do Rosário.
CLXVI — Freguesia de ÍLHAVO. VISTA ALEGRE. Capela: figuras da Fortaleza e da Justiça no remate do arco tumular.
CLXVII — Freguesia de ÍLHAVO. VISTA ALEGRE. Fábrica: prato com Ofélia caída nas águas, prato com paisagens, taça com reserva em *biscuit*, busto de *biscuit*, dois pratos de porcelana.

CONCELHO DE MEALHADA

CLXVIII — Freguesia de MEALHADA. Frontaria da capela de St.ª Ana. Capela de S. Sebastião: frontaria, capela-mor, capela colateral.
Freguesia de BARCOUÇO. Frontaria da Igreja Paroquial.
Freguesia de CASAL COMBA. Escultura da *Virgem* e um seu pormenor.
CLXIX — Freguesia de CASAL COMBA. Igreja paroquial: S. *Silvestre*, custódia, cruz processional.
Freguesia de LUSO. Igreja paroquial: S. *Silvestre*, custódia, cruz processional.
CLXX — Freguesia de LUSO. BUÇACO. Portas de Coimbra. Cruzeiro e portaria, *S. Miguel* em madeira.
CLXXI — Freguesia de LUSO. BUÇACO. Igreja do convento: conjunto externo, Dois pormenores do *Falecimento de S. José*.
CLXXII — Freguesia de LUSO. BUÇACO. Igreja: dois pormenores das figuras do Presépio, conjunto do mesmo.
CLXXIII — Freguesia de LUSO. BUÇACO. Igreja: retábulo de St.ª Teresa, pastores do Presépio, pormenor do mesmo Presépio.
CLXXIV — Freguesia de LUSO. BUÇACO. Igreja: baldaquinete do altar do coro, interior da igreja, topo do coro, frontal de azulejos da capela da portaria.
CLXXV — Freguesia de LUSO. BUÇACO. Falecimento da Virgem: Apóstolos, Anjos, conjunto.
CLXXVI — Freguesia de LUSO. BUÇACO. Igreja: *Madalena*, *Falecimento da Virgem* em três pormenores.
CLXXVII — Preguesia de LUSO. BUÇACO. Palácio nacional: quatro aspectos.
CLXXVIII — Freguesia de LUSO. BUÇACO. Barros por Costa Mota: *Verónica*, *Pilatos*. Capela de Caifás. Capela do Calvário. Capela de St.º Antão.
CLXXIX — Freguesia de LUSO. Capela da Senhora da Vitória: pormenor do pluvial, pormenor do véu de ombros, casula, pormenor do frontal.
CLXXX — Preguesia de LUSO. Capela da Senhora da Vitória: pluvial.
Freguesia de CASAL COMBA. Igreja paroquial: frontaria, interior.
CLXXXI — Freguesia da PAMPILHOSA. Igreja paroquial: *St.ª Marinha*, cruz processional, *retábulo*, *St.º António* com o Menino e o alforge, interior da igreja.
CLXXXII — Freguesia de VACARIÇA. Casa do Cruzeiro. Capela do Cruzeiro. Igreja paroquial: torre, conjunto.
CLXXXIII — Freguesia de VENTOSA DO BAIRRO. Igreja paroquial: *Virgem*, púlpito, interior. Cruzeiro. Capela particular.

CONCELHO DE OLIVEIRA DO BAIRRO

CLXXXIV — Freguesia de OLIVEIRA DO BAIRRO. Igreja paroquial: retábulo do flanco, retábulo colateral, conjunto dos retábulos.
CLXXXV — Freguesia de MAMARROSA. Igreja paroquial: conjunto, torre, *Trindade*, interior.
CLXXXVI — Freguesia de MAMARROSA. Igreja paroquial: *S. Simão*, frontaria, púlpito.
Freguesia do TROVISCAL. Igreja paroquial: cruz processional, frontaria.
CLXXXVII — Freguesia de OIÃ. Igreja paroquial: custódia, retábulo principal, parte central do retábulo.
CLXXXVIII — Freguesia de OIÃ. Igreja paroquial: *Casamento da Virgem*, Santos e Apóstolos, *Anunciação* e Santos. Cruzeiro em Perrães.

CONCELHO DE VAGOS

CLXXXIX — Freguesia de VAGOS. Igreja paroquial: *Virgem*, píxide, custódia.
CXC — Freguesia de VAGOS. Igreja paroquial: *S. Tiago*, *S. Marcos*, frontaria da igreja. Capela de St.º António. Capela da Senhora de Vagos.
CXCI — Freguesia de SOZA. Igreja paroquial: capela lateral, *Virgem e o Menino*, púlpito. Cruzeiro.
CXCII — SERRA DO BUÇACO. Monumento da Guerra Peninsular.

PLANTAS

FOTOGRAFIAS

MANUEL ABREU (falecido)

Fotografias das Est. — 1.ª da 109; 1.ª da 111; 1.ª e 2.ª da 112; 1.ª da 120; 3.ª da 129; 134; 2.ª e 3.ª da 138; 1.ª da 143; 4.ª da 148; 1.ª da 152; 1.ª da 162; 1.ª da 168.

Desconhecido (Lisboa) — 1.ª e 3.ª da est. 178 (*barros da via-sacra*).

ABÍLIO HIPÓLITO (Coimbra)

Fotografias das Est. — Frontispício, 8, 12, 13, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 30; 2.ª da 48; 61, 62; 3.ª da 63; 92; a 5.ª da 102; 2.ª e 4.ª da 113; 1.ª da 121; 122; 1.ª e 2.ª da 165; 166; 1.ª da 170; 1.ª-2.ª-4.ª da 188.
(Ao mesmo pertencem os trabalhos de laboratório das fotografias do inquiridor).

A. NOGUEIRA GONÇALVES, *o inquiridor*

Fotografias das Est. — 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 14, 18, 19, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47; 1.ª e 3.ª da 48; 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61; 1.ª-2.ª-4.ª-5.ª da 63; 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, a 1.ª-2.ª-3.ª-4.ª da 102; 103, 104, 105, 106, 107, 108; 2.ª-3.ª-4.ª da 109; 110; 2.ª-5.ª da 111; 3.ª-4.ª da 112; 1.ª-3.ª da 113; 114, 115, 116, 117, 118, 119; 2.ª -3.ª-4.ª da 120; 2.ª-3.ª-4.ª da 121; 123, 124, 125, 126, 127, 128; 1.ª-2.ª-4.ª da 129; 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137; 1.ª-4.ª da 138; 139, 140, 141, 142; 2.ª e 3.ª da 143; 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151; 2.ª -3.ª-4.ª da 152; 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161; 2.ª-3.ª da 162; 163, 164, 3.ª da 165; 167; 2.ª a 5.ª da 168; 169; 2.ª e 3.ª da 170; 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177; 2.ª-3.ª-5.ª da 178; 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187; 3.ª da 188; 189, 190, 191, 192.

(A contagem das gravuras de cada estampa faz-se de cima para baixo e da esquerda para a direita, descendo pelos níveis sucessivos, formados pela cabeça de cada gravura e não pela base).

Estudo da composição das estampas e assistência gráfica, respectivamente de A. Nogueira Gonçalves e de Manuel Maria de Miranda Serejo.

ÍNDICE GERAL

ERRATAS

Além de alguns erros que fàcilmente se corrigem, assinalam-se as seguintes emendas:

Página:	Linha:	Onde se lê:	Leia-se:
7a	38	caneluras estriadas	caneluras espiraladas
8a	45-46	sécdlo XVIII	século XVIII
14b	23-24	St.ª Eufêmia	St.ª Eulália
18a	19-20	interrompidos	interrompido
28a	41	a da	o da
41b	30	estátua jacente	estátua orante
44a	29	MOURISCAS	MOURISCA
49a	17	o velho edifício	o edifício
55b	24	exercício	exercido
94b	42	Dr. A. X. Cerqueira e S.	Dr. A. X. Cerveira e S.
110b	49-50	descalque	decalque
113a	1	Martins	Martim
122a	37-38	dividifos	dividimos
125a	51	Martins	Martim
133b	25	dois,	dois arcos,
138a	6	RECOLHIMEMNTO	RECOLHIMENTO
141a	24	envolvente	envolve
171b	25	Cristo crucificado	Cristo ressuscitado
199b	16	Santa Catarina	Santa Cristina
122a	24	(A terceira linha do letreiro é esta, que diz — eyra:fundador)	
123a	12	(Esta linha SETVVEL etc., faz parte da linha 4 da inscrição, a qual linha 4 começa — RA.DO MOSTEIRO... e termina — ...MVITOS.)	

ESTAMPA		
LXXXI	Ver est. XVII	Ver est. XXVII

A página 125. O brasão de João de Albuquerque deve ser, na verdade, de Albuquerques com Cunhas no terceiro quartel. Enquanto se imprimia o presente volume escrevemos como artigo de jornal, e depois em opúsculo, o estudo *O Paço dos Senhores de Pombeiro na Cidade de Coimbra*, onde voltámos a tratar dos brasões dos ramos segundos de Cunhas. Esse artigo levou um distinto historiador e heraldista a continuar antigos trabalhos seus, com os quais dará cabal solução aos quartéis das quinas e dos lises

A página 139. *Aveiro: Igreja de Nossa Senhora da Apresentação.* Obras recentes, executadas depois da nossa visita, puseram mais em luz as esculturas de barro que, sob o altar do flanco da esquerda, cercam um Cristo-morto. Pertenceram a outro conjunto e são de tamanho médio: a Virgem e duas mulheres formando um grupo, e mais duas figuras soltas, a da Madalena e a de outra santa-mulher. São obras de barro da segunda metade do séc. XVIII, de certo mérito.

A página 190 acrescentar. SANTA LUZIA (Freg.ª — Barcouço). A capelita deste lugar, dedicada à Santa epónima do mesmo, não teve referência, pelo seu pequeno valor. Obra modesta, rural, reformada diversas vezes, (pelo menos em 1921 e outra mais recente) mostra na frente restos do muro do antigo alpendre e, no alto das esquinas da recortada fachada, dois fogaréus setecentistas. Aludimos a este sítio na introdução artística, tratando das antigas estradas ascendentes, pelo carácter histórico-geográfico ligado ao mesmo, no qual se integra a capela. A velha estrada transversal que levava directamente a Aveiro partia justamente deste ponto, donde se desligava da que seguia para o norte, e não dos Fornos, como anda escrito em livros e traçado em cartas. O sítio da capelita, com o seu rossio que demarcava o entroncamento, era, até ao presente século, isolado. A mudança da feira mensal, por simples arbitrariedade do povo e dos feirantes de gado, do sítio da Senhora das Neves de Trouxemil (*Inv. Art. Dist. de Coimbra*, pág. 75) para este ponto próximo, mas já no distrito de Aveiro, deu vida à solitária capela e tornou-a centro duma nova povoação, que ainda mal começa.

Comp. e imp. na Tip. da E. N. P. (Secção do Anuário Comercial de Portugal)